

**Universidade de São Paulo**

**Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto**

**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**2017**

**A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros:  
processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural**

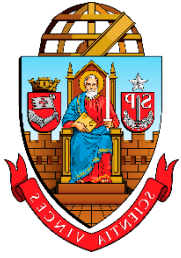


**Programa de Pós-  
Graduação em Educação**



**Jéssica dos Anjos Januário**

**Dissertação de Mestrado**



Universidade de São Paulo (USP)  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP)  
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)

---

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A HERANÇA NA TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE GRANDES MESTRES  
BRASILEIROS: PROCESSOS EDUCACIONAIS E ESPORTIVOS DE  
FORMAÇÃO DE UMA ELITE CULTURAL**

Versão Corrigida

**Orientador:** Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

**Apoio Financeiro:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

---

---

Ribeirão Preto (SP)

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

### **Ficha catalográfica**

Januário, Jéssica dos Anjos

A herança na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros:  
processos educacionais e esportivos de formação de uma elite cultural.  
Ribeirão Preto, 2017.

572 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Orientador: Marques, Renato Francisco Rodrigues

1. Pierre Bourdieu. 2. Herança cultural. 3. Xadrez. 4. Sociologia do esporte.

## DEDICATÓRIA

*À minha mãe, pela incondicional força encontrada  
em origens tão adversas para transmitir  
o amor e a herança que tornaram, não só este estudo,  
mas a minha trajetória possíveis*

## AGRADECIMENTOS

Àquele que fora não só o meu orientador acadêmico, mas o grande responsável pelo direcionamento do meu olhar sociológico, esportivo e educacional. Àquele que não só gentilmente me abriu as portas da sua orientação neste programa, mas a quem devo o redirecionamento deste projeto e da minha própria trajetória acadêmica e pessoal. Ao Prof. Dr. Renato Marques, todo o meu respeito e admiração pela sua humanidade;

À minha mãe pela dedicação próxima e carinhosa em relação à minha trajetória educacional desde tenra idade, além do amor e estímulo durante o percorrer desta vida;

Ao meu pai por toda a estrutura necessária para que este sonho se concretizasse, tornando suas as minhas preocupações para que eu pudesse desempenhar o meu melhor;

À Verônica, prima que considero uma irmã e cujo olhar psicológico de uma recém-formada na área fora tantas vezes requisitado para contrapor ou complementar as recorrentes inquietações advindas da minha imaginação sociológica;

Aos professores e colegas deste programa pelo acolhimento e vastas reflexões despertadas na busca pelo entendimento do que pode significar o espaço educacional;

À banca examinadora pela inestimável e direta contribuição à compreensão do esporte, do xadrez e da leitura *bourdieusiana* antes mesmo da dissertação ser concebida;

Às amigas que tornaram esse percurso mais leve e descontraído, em especial ao Mario pela convivência alegre e escuta sempre atenta; à Rafaela pela solidariedade nos momentos de angústia deste processo e por compartilhar o desejo vivo de combater as injustiças ao nosso redor; à Juliana, amiga de longa data e sem a qual as viagens de campo percorridas neste estudo não seriam tão prazerosas, aventureiras e divertidas;

Ao Rafael, colega do campo acadêmico e enxadrístico, pelo auxílio na confecção dos heredogramas aqui esboçados; à Renata, colega de grupo de estudos, pela estima e contribuição ao roteiro de entrevista;

À grande maestria brasileira pelo deleite que foi, para mim, ter a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as suas histórias de vida, conquistas e agruras nelas implicadas. Desejo que o desvelar de suas heranças, tal qual foi o processo de também me reconhecer enquanto herdeira, os auxilie a melhor compreender suas trajetórias esportivas até o alcance do título máximo enxadrístico e, principalmente, a si próprios.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelos subsídios com os quais, na condição de bolsista, pude contar enquanto mestranda.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	<b>12</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>13</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>3</b>
2.1. A abordagem teórico-metodológica de Pierre Bourdieu .....	3
2.2. O campo esportivo e o xadrez como objetos de análise sociológica.....	27
2.3. O campo educacional: entre apropriações <i>bourdieusianas</i> e o conceito de herança... 65	
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	<b>78</b>
3.1. Delineamento teórico-metodológico .....	79
3.1.1. Ser uma pesquisa situada na grande área da educação.....	79
3.1.2. Ser uma pesquisa que apresenta uma abordagem qualitativa.....	82
3.1.3. Ser uma pesquisa com o aporte teórico-metodológico da sociologia.....	83
3.2. Grupo de participantes .....	85
3.3. Produção dos dados.....	86
3.4. Análise dos dados.....	88
3.4.1. A Análise Temática.....	88
3.4.2. O processo de tomada de decisões .....	89
3.4.3. As fases do processo de codificação .....	91
<b>4. RESULTADOS</b> .....	<b>93</b>
4.1. GM 1: a desvalorização da herança por meio da “boa vontade cultural” .....	98
4.2. GM 2: a intensificação do capital cultural por meio do capital social .....	103
4.3. GM 3: um herdeiro que foi levado ao sucesso por seu <i>habitus</i> dilacerado .....	110
4.4. GM 4: entre herdeiros e heranças familiares, uma exceção à regra .....	122
4.5. GM 5: da imposição de uma herança colossal ao sentimento de pertença.....	134
4.6. GM 6: o capital cultural e social dos clubes à serviço de um “predestinado” .....	143
4.7. GM 7: a legitimidade do capital cultural de uma família de diplomados .....	146
4.8. GM 8: a transmissão pedagógica da herança ao filho de professores de xadrez.....	150
4.9. GM 9: a coroação de “oportunidades de ouro” ofertadas para além da herança.....	155
4.10. GM 10: o efeito de um contexto de circulação privilegiado do enxadrismo.....	161
4.11. GM 11: a conversão das contradições paternas em uma vanguarda cultural .....	166
4.12. GM 12: a precocidade em sua relação com o capital cultural e econômico.....	172
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>178</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>182</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>187</b>
Anexo A – Carta de convite aos participantes .....	187
Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	188
Anexo C – Parecer de aprovação do comitê de ética .....	189
Anexo D – Roteiro de entrevista.....	191
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>194</b>
Apêndice A – Íntegra da entrevista (GM 1).....	194
Apêndice B – Íntegra da entrevista (GM 2).....	219
Apêndice C – Íntegra da entrevista (GM 3).....	245
Apêndice D – Íntegra da entrevista (GM 4).....	268
Apêndice E – Íntegra da entrevista (GM 5).....	296
Apêndice F – Íntegra da entrevista (GM 6).....	345
Apêndice G – Íntegra da entrevista (GM 7).....	357
Apêndice H – Íntegra da entrevista (GM 8).....	398
Apêndice I – Íntegra da entrevista (GM 9).....	422
Apêndice J – Íntegra da entrevista (GM 10).....	472
Apêndice K – Íntegra da entrevista (GM 11).....	510
Apêndice L – Íntegra da entrevista (GM 12).....	534

## RESUMO

O esporte é um fenômeno sociocultural e, como tal, integra-se e transforma-se de acordo com a cultura e os costumes da sociedade em que se insere. Nela se estrutura, também a estruturando e, por ela, é estruturado. Na configuração contemporânea, assume elasticidade semântica e formas heterogêneas de manifestação. Interage com diversos campos sociais e constitui, ele próprio, o espaço relativamente autônomo em que concorrem normas, regras e capitais próprios do campo esportivo. Neste, por sua vez, se insere o subcampo esportivo do xadrez. No espaço de disputas do qual pertence esta prática, essencialmente meritocrático e cujo “dom” ou “talento” recebe quase sempre uma concepção substancialista, as relações entre a origem social dos sujeitos e a sua trajetória no esporte encontram-se, usualmente, ignoradas. Neste sentido, a posição e os capitais anteriormente adquiridos pelos sujeitos, sobretudo o cultural, propiciariam o acúmulo de uma herança decisiva para o alcance do sucesso esportivo. Ao concretizar uma série de mecanismos de seleção e de classificação, o esporte – sobretudo em alto rendimento – efetuará, assim, a distinção entre os detentores do capital herdado e aqueles que não o possuem, reforçando diferenças culturais, sociais e econômicas relativas aos processos educacionais reprodutores desta herança. Deste modo, desvelar de que modo foram transmitidas e produzidas as disposições relacionadas à herança da prática do xadrez se faz importante entre a elite desta modalidade. O objetivo deste estudo consistiu, assim, em investigar as condições de transmissão e os sentidos de produção das disposições relacionadas à prática do xadrez na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros. A abordagem qualitativa de pesquisa foi utilizada a fim de identificar e analisar em profundidade tal problemática. O grupo de participantes foi composto pela totalidade dos 12 jogadores brasileiros que detêm a certificação de maior distinção desta modalidade, o título de Grande Mestre (GM). Os dados foram produzidos por meio de entrevistas retrospectivas semiestruturadas e analisados por meio da Análise Temática. Esperou-se, por fim, oferecer subsídios sobre a constituição social dos processos socializadores capazes de construir o sucesso esportivo. Em oposição às concepções naturalizadoras e meritocráticas que atribuem aos desempenhos dos praticantes esportivos a presença ou a falta de “dons” e “talentos” predestinados, o desvelar de suas bagagens sociais, herdadas ou não, pôde-se mostrar fecunda alternativa para refutar a própria produção de desigualdades causadas por sua manifestação oculta.

**Palavras-chave:** Pierre Bourdieu. Herança Cultural. Xadrez. Sociologia do Esporte.



## ABSTRACT

Sport is a sociocultural phenomenon that integrates and transforms itself according to the culture and habits of the society in which it is inserted. It is structured, also structuring and being structured by it. In the contemporary configuration, sport assumes semantic elasticity and heterogeneous forms of manifestation. It interacts with several social fields and constitutes the relatively autonomous space in which norms, rules and sports field's capitals compete among them. Within this is inserted the sports subfield of chess. Within the field of disputes in which this essentially meritocratic practice belongs, and whose "gift" or "talent" almost always receives a substantialist conception, the relations between the social origin of the subjects and their trajectory in sport are usually ignored. In this sense, the position and capital previously acquired by the subjects, especially the cultural one, would propitiate the accumulation of a decisive inheritance for the achievement of the sport success. In making a series of selection and classification mechanisms, sport – especially in high performance – would thus distinguish between the holders of inherited capital and those who do not, reinforcing cultural, social and economic differences related to educational processes of this heritage. In this way, to reveal in what way the dispositions related to the inheritance of the practice of the chess were transmitted and produced becomes important among the elite players of this modality. The aim of this study was to investigate the conditions of transmission and the meanings of production of the dispositions related to the practice of chess in the sporting trajectory of Brazilian Chess Grandmasters. The qualitative research approach was used to identify and analyze this goal in depth. The group of participants was composed by all 12 Brazilian players who hold the highest distinction level of this modality, the title of Grandmaster (GM). The data were produced through semistructured retrospective interviews and analyzed through the Thematic Analysis method. Finally, it was hoped to offer subsidies on the social constitution of the socializing processes capable of building the sport success. In opposition to the naturalizing and meritocratic conceptions that attribute the presence or lack of predestined "gifts" and "talents" to the players performances, the unveiling of their social baggage, whether inherited or not, could be a fruitful alternative to refute one's own inequalities caused by their hidden manifestation.

**Keywords:** Pierre Bourdieu. Cultural Heritage. Chess. Sociology of Sport.

## APRESENTAÇÃO

Ter tido os primeiros contatos com o xadrez ainda na infância, em casa, e feito dele profissão e objeto de estudo acadêmico são, nesta investigação, informações que dizem muito sobre esta pesquisa e a pesquisadora e que, portanto, precisam ser exteriorizadas. Fui apresentada ao xadrez por volta dos 10 anos de idade, em ambiente familiar, através da minha mãe. Ela conta que havia visto na televisão uma matéria de um neurologista que relatava, com entusiasmo, os possíveis benefícios desta prática para o cérebro infantil. Desde então, decidi me ensiná-lo. Ao contrário do que se poderia esperar a partir deste ponto de partida, o que vivemos foram momentos extremamente prazerosos ao redor do tabuleiro. Aquele conjunto de peças cujas regras descobríamos juntas ao longo de cada partida proporcionou, para nós, muito mais do que meros estímulos cerebrais, mas momentos afetivos de aproximação e distração, fazendo com que eu compartilhasse tudo o que eu havia aprendido também entre os meus pares mais próximos na infância.

Mais tarde, o gosto desenvolvido pela modalidade – aliado ao meu espírito sempre muito competitivo – fez com que, sem perceber, eu dedicasse dias e noites – e às vezes finais de semanas inteiros – ao estudo e treinamento desta prática. Já na juventude, incentivada pelo treinador de um clube privado do qual eu frequentava aulas individuais de xadrez, fui levada à participação de competições municipais e regionais. Alcançando certo êxito nas categorias femininas, o direcionamento até o atual profissionalismo culminou, mais tarde, no convite para compor a Equipe de Xadrez Feminina de Ribeirão Preto – atual campeã dos Jogos Regionais do Interior de São Paulo e da qual tenho o orgulho de pertencer até hoje – concomitante ao meu ingresso no ensino superior.

Foi na Universidade de São Paulo, mais especificamente na Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto que, à época do meu ingresso, ao contrário das minhas expectativas, encontrei os primeiros entraves para estudar a modalidade (esportiva?) que já estava incorporada em minha trajetória. Como uma luz no final de um túnel que eu já considerava abandonar, através do professor que orienta este estudo, foi possível vislumbrar a possibilidade de se pesquisar xadrez nesta área e, para a calmaria das minhas inquietações durante todos estes anos, ainda, pensar em algumas propostas empíricas possíveis para considerá-lo esporte. Ao professor Renato, não é possível encontrar palavras para descrever a minha gratidão por todo o investimento e

orientação, nem sempre fáceis, que tornaram possíveis a minha jornada acadêmica por rumos jamais imaginados – mas, ao mesmo tempo, tão desejados – por mim.

Mais recentemente, ensiná-lo no sistema de ensino escolar e não escolar foi elemento disparador sobre a necessidade de assumir uma postura crítica sobre tudo aquilo que foi feito para ser dissimulado ao longo do processo de formação esportiva relacionado a esta modalidade. Do olhar inicial de uma professora ansiosa pelo encontro de “talentos” em sala de aula, ambiente em que os meus futuros campeões encontravam-se desigualmente privados pelo “dom”, aos poucos, o distanciamento desta visão foi possível, dentre outros, pela influência do olhar sensível, alerta e crítico de Pierre Bourdieu através das reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPESPE-RP) e, mais recentemente, por meio dos encontros sempre engajados do Grupo de Estudos sobre Sucesso e Fracasso Escolar (GESFE). A sociologia, neste sentido, tem sido companheira de um comprometimento ao mesmo tempo acadêmico e político, crescente no gradativo desvelar de tudo aquilo que anteriormente estava para mim oculto – inclusive sob as perspectivas ideológicas do “dom” e do “talento” inicialmente compartilhadas – nos sistemas escolar, esportivo ou, mais especificamente através de como se apresenta o meu campo de trabalho atual, justamente na intersecção entre os dois.

A inexistência de um curso de mestrado na antiga escola – por uma dessas ironias do destino pela qual sou grata, aberto um ano após a minha formatura na graduação – aliada à vontade de permanecer no ambiente acadêmico, para mim sempre instigante, resultou no ingresso em um programa de pós-graduação no qual o meu orientador inseria-se em uma de suas linhas de pesquisa. Foi assim que a Educação, como área acadêmica, despretensiosamente a mim se apresentou e, ao longo de toda a estada no programa, a cada vez mais continua. Desde então, as reflexões despertadas pelo contato com as pessoas que nela circulam, elo marcadamente sociológico, foram determinantes para compor o que tem sido uma das mais enriquecedoras – e, confesso, deslumbrantes – experiências de crescimento em toda a minha trajetória de vida até então.

No percurso que diz respeito àquilo que significa tornar-se mestre e que, acredito, esteja muito menos relacionado à mera frequência das aulas, à enfadonha dedicação ao projeto, ao cumprimento metódico de prazos ou à inerte participação em eventos da área, cada vez mais raro é, através deste processo, “tornar-se” – humana e academicamente – a si próprio. Fazê-lo aprendizagem, aos moldes da metáfora

“*becoming*” proposta por Hodkinson, Biesta e James (2008) em *Understanding learning culturally: overcoming the dualism between social and individual views of learning* é compreender, assim, que o aprendizado é algo que se faz presente ao longo de todo o percurso pelo qual “nos tornamos” enquanto seres humanos durante a vida.

O engajamento em cada um destes compromissos, elementos de um processo de violência simbólica pelo qual estão submetidos todos os aspirantes à ascensão neste campo, creio eu, é condição primeira para se libertar de algumas destas amarras. Neste sentido, talvez este percurso esteja muito mais relacionado às trocas intersubjetivas proporcionadas pelo contato com novas pessoas, à compreensão de valores e de modos distintos de se fazer ciência e, sobretudo, a uma curiosidade sempre em alerta e à clareza de que quanto mais conhecemos, maior a dimensão de que sabemos, afinal, muito pouco. Como já dizia Guimarães Rosa (ROSA, 2001, p. 31) em *O Grande Sertão: veredas*, “eu quase que nada não sei, mas desconfio de muita coisa”. Devidamente apresentada, encerro, aqui, a abertura para o exercício de reflexividade – tão caro e necessário ao meio acadêmico – e não só a ele, por parte dos leitores.

## 1. INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno sociocultural contemporâneo cujas formas de manifestação se expressam plurais, heterogêneas e polissêmicas (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a). Designa-se campo esportivo, por sua vez, o espaço de disputas em que concorrem normas, regras e bens cuja posse confere distinção aos sujeitos que com ele se relacionam (BOURDIEU, 1983). Dentro deste espectro, por sua vez, encontra-se o subcampo esportivo do xadrez (SOUZA, 2010; JANUÁRIO, 2014; MARQUES, 2015a), sendo esta uma prática detentora de um rigor ascético e exigente de uma capacidade de interpretação sobre os mecanismos de funcionamento de seu espaço deveras elevada (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998), tal qual também parecem ser os estilos de vida e julgamentos morais e estéticos de seus agentes (BOURDIEU, 2007). Em que pese a sua legitimidade e reconhecimento, no espaço de oferta e demanda em que concorrem as modalidades esportivas, entretanto, o xadrez é uma destas práticas que nem todos parecem conhecer (BOURDIEU, 2003).

Se não é simples o seu direito de entrada, o alcance do sucesso no subcampo esportivo do xadrez também parece não ser para qualquer um. Fato é que, em toda a história da modalidade no contexto brasileiro, apenas 12 foram os sujeitos que alcançaram a graduação de maior prestígio desta modalidade, o título de Grande Mestre (GM). Tais trajetórias percorridas por um número limitado de praticantes no cenário enxadrístico nacional ressoam-se de investigações que privilegiem os processos sociais e pedagógicos por estes sujeitos vivenciados. Neste sentido, em análise destes percursos, Januário (2014) encontrou que o acúmulo de determinados capitais culturais relacionados ao xadrez adquiridos de maneira precoce no ambiente familiar pela totalidade do grupo composto pela grande maestria brasileira, por sua vez, fora elemento relevante ao longo de suas carreiras esportivas. Tal acúmulo difuso de bens capazes de conferir a estes sujeitos certa vantagem no sistema de seleção e classificação até o alto rendimento enxadrístico configuraria uma herança cultural (BOURDIEU, 1998b; BOURDIEU; PASSERON, 2014), espécie de veredicto relativo à posse de capitais que permitem o acesso, pelos seus herdeiros, a percursos marcados pelo sucesso e pela distinção. Legitimada de modos diferentes a partir dos mais diversos espaços simbólicos, constituir-se-ia a herança no patrimônio cultural familiar a ser transmitido pelas famílias de grupos sociais favorecidos às suas futuras gerações.

Com a premissa de que os percursos esportivos constroem-se essencialmente a partir de processos de socialização dialéticos entre a ordem social e as estratégias adotadas pelos sujeitos, acredita-se que o sucesso de suas histórias não pode encontrar meios de se dar única e predominantemente a partir de explicações ora naturalizadoras, ora meritocráticas que parecem não encontrar eco nos processos reais senão aqueles fortemente enraizados no senso comum. É o campo do esporte, assim, espaço em que por excelência se assentam as concepções de “dom” e de “talento” esportivos, sendo estas quase sempre consideradas como predestinações biológicas entre seus sujeitos. Para além de deterministas e substancialistas, tais crenças colaboram, na ausência de investigações sobre as relações entre a origem social dos sujeitos e o seu desempenho no esporte, enfim, para um ciclo de reprodução de mecanismos ocultos como é o caso daqueles perpetuados pelos modos de aprendizagem e relação com a cultura advindos da transmissão familiar da herança cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Com o propósito de lançar luz aos processos de socialização que possam, porventura, acentuar as desigualdades sociais neste espaço, bem como ao acreditar que a elucidação dos mecanismos de reprodução da herança cultural possam colaborar para a redução destas disparidades, emerge a pergunta central do presente estudo: como os processos de transmissão e apropriação da herança cultural se manifestam nas disposições relacionadas à prática do xadrez ao longo da trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros? Depreende-se, desta, o objetivo geral deste estudo: investigar os processos de transmissão e apropriação da herança cultural e suas formas de manifestação nas disposições relacionadas à prática do xadrez ao longo da trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros. Como objetivos específicos, tivemos: a) analisar a influência da herança cultural sobre a trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros; b) explorar a origem das disposições esportivas relacionadas aos processos de transmissão e apropriação no xadrez; c) delinear a genealogia da estrutura familiar relacionada à incidência de membros detentores da cultura esportiva da modalidade; d) identificar particularidades e generalizações dentre as histórias de vida analisadas; e) oferecer subsídios teóricos-metodológicos que contribuam para o desenvolvimento do campo esportivo e do subcampo enxadrístico no contexto contemporâneo brasileiro.

Considerando tais propósitos, nos propusemos a conhecer as trajetórias de vida da totalidade do grupo pertencente à grande maestria brasileira por meio da realização pessoal de entrevistas semiestruturadas com cada um destes sujeitos. Para o desvelamento dos dinâmicos processos sociais encerrados ao longo de suas narrativas,

considerando a inexistência de teorias científicas descomprometidas com uma particular concepção de ciência (AZANHA, 1992), o presente estudo contou com referencial teórico consubstanciado em uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa proposta pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Tanto do ponto de vista de sua mais ampla teoria como, mais especificamente, da apropriação do seu conceito de herança cultural, foi a partir do autor que as relações entre as desigualdades relacionadas ao acúmulo desigual de capitais culturais – originalmente pensadas para o sistema escolar – foram, em tentativa, relacionalmente transfiguradas em sugestões de possíveis leituras para a análise do campo esportivo.

Considerando o transitar dos participantes deste estudo por ambos os espaços dos campos esportivos e educacionais e o contexto de desigualdades sociais neles implicados pelos processos de socialização associados à herança cultural, foi intenção deste estudo reunir fundamentos teórico-metodológicos da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu em resgate à sua fecundidade de análise para tais temáticas. Para se viabilizar este projeto, as seções foram divididas em: 1) *Introdução*; 2) *Referencial Teórico* e, dentro dele, 2.1. *A abordagem teórico-metodológica de Pierre Bourdieu*, 2.2. *O campo esportivo e o xadrez como objetos de análise sociológica*, 2.3. *O campo educacional: entre apropriações bourdieusianas e o conceito de herança*; 3) *Metodologia* e, dentro dela, 3.1. *Delineamento teórico-metodológico*, sendo eles, 3.1.1. *Ser uma pesquisa situada na grande área da educação*, 3.1.2. *Ser uma pesquisa que apresenta uma abordagem qualitativa* e 3.1.3. *Ser uma pesquisa com o aporte teórico-metodológico da sociologia*, 3.2. *Grupo de participantes*, 3.3. *Produção dos dados*, 3.4. *Análise dos dados*, 3.4.1. *Análise Temática*, 3.4.2. *O processo de tomada de decisões*, 3.4.3. *As fases do processo de codificação*; 4. *Resultados* e 5. *Considerações Finais*.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1. A abordagem teórico-metodológica de Pierre Bourdieu**

Pierre Félix Bourdieu (1930 – 2002) nasceu em Denguim, pequeno vilarejo da província do Béarn, região rural do sudoeste da França. Seu pai, Albert Bourdieu, originário de uma família de camponeses, tornara-se modesto funcionário público dos

correios por volta dos 30 anos, tendo exercido, ao longo de sua vida, o ofício de carteiro. Sua mãe, Noémie Bourdieu, também proveniente do meio rural, pertencia a uma família de agricultores com nível social um pouco mais elevado (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009).

Notória desde a frequência ao ensino secundário no Liceu de Pau, na capital do Béarn, a relação de Pierre Bourdieu com os estudos logo o proporcionou uma bolsa na *khâgne*<sup>1</sup> do Liceu Louis-le-Grand, preparatório parisiense que reunia os melhores alunos que desejassem ingressar na *École Normale Supérieure*. Com o *baccalauréat*<sup>2</sup>, a admissão na instituição de maior prestígio da elite intelectual francesa – cuja lista de egressos é formada por nomes como Jean Paul Sartre, Simone Beauvoir, Albert Camus, Raymond Aron e outros pensadores pós-guerra (VASCONCELLOS, 2002) – lhe rendeu a formação e o diploma em Filosofia. Área esta que, diferentemente de seus pares da geração francesa precedente, contribuiria de maneira decisiva para a orientação de seus trabalhos futuros como sociólogo (MASSON, 2015). A sua trajetória, assim como de seus pares de origem popular debutantes dos anos 1960, como suscita Faguer (2015), elucida as condições de uma ruptura científica que se apoiou sobre a reconversão, para a Sociologia, de aprendizes de filósofos formados em um curso de elite dos mais tradicionais e conservadores no que se refere aos valores universitários disseminados. A relação ambivalente com a cultura dominante da qual foram o produto – e que, mais especificamente em seu caso, configurou-se como uma experiência de dominação imprescindível para a construção do princípio de uma visão crítica do modelo de excelência francês –, pode ser explicada pelo domínio de uma cultura erudita que se tornou o motor de uma reconversão a uma só vez política, identitária e profissional.

Apesar de diplomar-se em uma escola consagrada, não se deixou encantar como tantos outros de sua geração (VASCONCELLOS, 2002), obtendo a aprovação no concurso que lhe rendeu o *agrégation*<sup>3</sup> logo após a conclusão de seu curso superior. No ano seguinte, é convocado para cumprir serviço militar em plena guerra na Argélia, então colônia francesa no norte da África em conflito por sua independência da França (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Durante este período, desenvolveu um extenso

---

<sup>1</sup> *Khâgne* é uma gíria dos estudantes franceses para fazer referência à classe mais avançada do liceu que prepara para o concurso de ingresso na *École Normale Supérieure*, seção *Lettres*. Isto é, para a entrada em uma grande escola na área de Ciências Sociais e Humanas. Cabe notar que o liceu, no sistema de ensino francês, corresponde ao Ensino Médio brasileiro e ao estabelecimento onde funciona esse ensino médio (FAGUER, 2015).

<sup>2</sup> Título de conclusão do liceu, correspondente ao Ensino Médio brasileiro (MASSON, 2015).

<sup>3</sup> Título decorrente da aprovação em concurso público, indispensável para atuar como professor de liceu ou de faculdade (MASSON, 2015).



trabalho de campo etnológico com a população camponesa habitante das regiões montanhosas do norte deste país, a sociedade cabila. Em razão do agravamento do conflito colonial e, também, diante das posições liberais assumidas ante a guerra de independência da região colonizada, é convidado a retornar ao território francês. A experiência argelina vivida pelo então jovem filósofo, contudo, conteria grande parte do desenvolvimento ulterior de seus estudos (VALLE, 2013).

Desde o retorno, direcionou seus esforços para a cristalização de uma prestigiosa carreira acadêmica. Foi nomeado professor e orientador de instituições de prestígio do ensino superior francês como a *Université Lille Nord-de-France* (1961) e a *École des hautes études en sciences sociales* (1964). Nesta última, fundou o *Centre de sociologie de l'éducation et de la culture* (1967), dirigindo uma equipe de pesquisadores dedicados à compreensão das relações que se estabelecem entre o universo da cultura e o campo do poder e das classes sociais. Anos mais tarde, criou o periódico *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (1975), uma das mais importantes publicações em Ciências Sociais no mundo. A manutenção da posição máxima na hierarquia sociológica francesa, no entanto, foi interrompida por seu falecimento aos 71 anos de idade, em 2002, vítima de um câncer, em Paris (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009). Nem mesmo a morte, descontinuidade da vida, foi capaz de o retirar o posto de um dos cientistas sociais contemporâneos de maior apropriação pelas mais diversas áreas de conhecimento do mundo.

Pensar em uma concepção sociológica comprometida com os valores e conhecimentos propostos por Pierre Bourdieu significa enxergar a sua abordagem teórico-metodológica para além das simples designações de “Teoria Geral dos Campos” ou “Sociologia Reflexiva”. Pensar a sua sociologia significa comprometer-se com o desvelamento dos mecanismos de dominação e de reprodução sociais através de um pensamento relacional, de repulsa à projeção universal de categorias historicamente definidas e em um quadro multidimensional de ampla e diversificada empiria. Significa guiar-se por uma paixão em compreender e uma curiosidade sempre em alerta para atravessar seus instrumentos analíticos e conceituais em direção à real apropriação de uma leitura crítica e fecunda sobre as reflexões que se referem às formas tão veladas de manifestação das desigualdades ao longo dos mais diferentes tempos e espaços sociais. Chartier e Lopes (2002, p. 148), na mesma direção, demonstram estima a este propósito:

Isso mostra também que existe a possibilidade de um trabalho com Bourdieu que não é simplesmente a reprodução de sua teoria, mas que existe a capacidade de uma inovação proposta pelos seus instrumentos teóricos, analíticos e críticos.

Sua biografia – de uma densidade e complexidade teóricas jamais expressas em um só esforço de sistematização de suas obras – testemunha a fertilidade de conceitos e esquemas metodológicos próprios de sua imaginação sociológica e rica experiência científica vivida como forma de compromisso ético, engajamento político e “esporte de combate” (VALLE, 2013). Se, por um lado, uma manualização do autor – que percebia mais interesse em adentrar e desenvolver novos temas em diferentes áreas do que propriamente escrever uma obra pura e simples sobre si mesmo – pretenderia à redução de sua teoria e à criação de um pretensão de familiaridade com um conjunto de obras deveras complexa, por outro, deixou-se um vasto espaço para novas conjecturas teóricas e possibilidades de análises futuras provenientes de sua apropriação. Disto decorre o prisma de pontos de vista possíveis a partir de seu esforço de “grande plasticidade na manutenção das temporalidades múltiplas e uma consciência aguda de sua relatividade” (VALLE, 2013, p. 415). Afinal, se todo ponto de vista nada mais é que a vista de um ponto, através da perspectiva do autor, raciocinar as dinâmicas dos diferentes espaços sociais supõe não mais realizá-la em termos de individualidades religadas, interligadas, sobrepostas ou justapostas umas às outras – sujeito/objeto, indivíduo/sociedade, estruturas estruturadas/estruturas estruturantes, micro/macro, interioridade/exterioridade –, mas em termos de conexões variáveis e relacionais, marcadas por estratégias complexas de dominação e de reprodução social arraigadas muito além da aparente dualidade destes e outros tantos antagonismos mais.

A originalidade de seu pensamento, como sublinha Valle (2013), reside em desconstruir oposições conceituais e eliminar fronteiras disciplinares no sentido de um trabalho sociológico capaz não somente de inventar novos objetos de investigação e novas maneiras de abordar a pesquisa, mas coeso na formulação de argumentos construídos ao longo de mais de meio século. No centro das preocupações do sociólogo francês, do mesmo modo, está o rigor científico que caracteriza o seu modo de trabalho e pelo qual submete seus posicionamentos e ideias. Traço necessário, como complementa Valle (2013), para a vivacidade do pensamento científico em um espaço em que a razão só progride sob o efeito de grandes embates, como é o caso das ciências

humanas e sociais, sendo preciso submetê-lo regularmente à discussão, à confrontação, à (re)visão – ainda que parcial – de seus conceitos, constatações e proposições.

O compromisso com um discurso científico que não seja jamais fechado e temeroso à crítica representa, primeiro, o reconhecimento do autor de seu caráter dominante frente ao senso comum e, segundo, a necessidade em tornar disponíveis as suas experiências e modo de trabalho para a confrontação. Como advertem Nogueira e Nogueira (2009), não se pode dizer que Pierre Bourdieu tenha construído um sistema teórico encerrado, coerente e completo. Pelo contrário, seus conceitos e teorias foram gestados aos poucos e modificados ao longo do tempo em função dos objetos investigados e das mudanças ocorridas no campo intelectual e no contexto social mais amplo.

A dificuldade em constituir um discurso científico sobre o mundo social já era por ele considerada à medida que a repulsa frente a sua verdade se dava particularmente, mas não unicamente, por ser esta uma expressão dominante da fala. Neste sentido, para o autor, o discurso sobre o mundo social seria sempre difícil porque é contrário à natureza dos interesses imediatos das desigualdades (CHARTIER; LOPES, 2002). Finalmente, para mostrar como se pode ler e refletir com ele, “[...] é essa perspectiva crítica, marcada por uma extrema sensibilidade ao sentimento – e ao sofrimento – dos desfavorecidos, às desigualdades sociais, à ‘miséria do mundo’, que leva o autor, ainda hoje, a inspirar e guiar diferentes domínios de investigação” (VALLE, 2013, p. 416), dentre os quais, em verdade, pertence e orienta-se particularmente este estudo.

Pierre Bourdieu inova ao propor uma abordagem sociológica que supera as oscilações entre duas perspectivas aparentemente incompatíveis e inconciliáveis no interior das ciências sociais. Por um lado, o objetivismo – forma de conhecimento que restringe a ordem social ao plano de suas estruturas objetivas e realidades externas, concebendo as ações dos sujeitos a uma execução mecânica de fora para dentro, determinista e inflexível. Por outro, o subjetivismo – forma de conhecimento que estreita o olhar sob a ordem social como produto independente das percepções e intenções que compõem a experiência e consciência prática dos sujeitos, admitindo suas ações como formas intencionais e autônomas de suas representações. Não obstante, incomodava o autor o fato de que “raramente essas duas posturas se exprimiam e, sobretudo, se concretizavam na prática científica de maneira tão radical e contrastada” (BOURDIEU, 2004, p. 151).

Por fim, uma terceira ruptura seria ainda necessária em relação à forma de conhecimento dita substancialista, isto é, responsável pelo não reconhecimento de nenhuma outra realidade além daquela que se oferece à experiência cotidiana e intuição direta dos sujeitos. Deste distanciamento, justamente, advém a ideia de seu pensamento relacional que, por sua vez, considera que a identificação do real deve se dar além daquilo que apenas lhe substancia, mas a partir de suas várias relações. Deste modo, é possível dizer que a realidade social a partir de uma leitura *bourdieusiana* preza por uma análise das posições relativas e das relações objetivas entre estas posições, “como um conjunto de relações invisíveis, aquelas mesmas relações que constituem um espaço de posições exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras, não só pela proximidade, pela vizinhança ou pela distância” (BOURDIEU, 2004, p. 152).

Em alternativa ao desafio teórico central entre os modos de leitura subjetivista e objetivista, e para além de um modo de pensamento substancialista, reside a sua proposta de uma forma de conhecimento praxiológico. À época, em meados das décadas de 1950 e 1960 na França, onde os cientistas sociais enxergavam posições antagônicas, Pierre Bourdieu vislumbrou a dialética entre o sistema das relações objetivas, que o modo de conhecimento objetivista preconiza, e o conjunto das disposições estruturadas nas quais estas estruturas tendem a se atualizar e reproduzir. A este processo de “interiorização da exterioridade” e de “exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 2003), situa-se o escape à concepção de que a realidade é dada sob a forma de totalidade já constituída e fora da história dos sujeitos e dos grupos, sendo necessário e suficiente, assim, partir do *opus operatum* ao *modus operandi*<sup>4</sup> em direção à construção de uma real teoria da prática. Preocupada em como as relações sociais constroem os meios em que a prática, ou seja, as ações dos agentes acontecem, a proposta do autor se dá através do avanço da mera descrição de ambientes sociais para uma análise dos mecanismos de operação das relações de poder e estruturas que interferem e sofrem interferência dos meios de ação dos sujeitos.

Compreender as práticas de um ponto de vista que considere a sua *práxis*, deste modo, significa abandonar teorias que as concebiam como reações mecânicas, diretamente determinadas por condições pré-existentes e redutíveis ao funcionamento de esquemas preestabelecidos. O esboço de uma teoria da prática, deste modo,

---

<sup>4</sup> Expressão que se refere à passagem da regularidade estatística ou da estrutura algébrica ao princípio de produção dessa ordem observada (BOURDIEU, 2003). Em outras palavras, a transição do produto ao processo, daquilo que é praticado para o modo pelo qual o sujeito opera suas práticas.

delineiaria-se a partir de um esforço analítico e de uma sensibilidade aguda do pesquisador em apreendê-la inseparavelmente por meio dos planos de suas estruturas e representações. Sobre a amplitude de sua visão, jamais considerada por ele próprio como a única e, por esta mesma razão, produtora e reveladora de férteis denúncias sociais, Bourdieu (2004, p. 158) adverte:

Assim, a busca de formas invariantes de percepção ou de construção da realidade social mascara diversas coisas: primeiro, que essa construção não é operada num vazio social, mas está submetida a coações estruturais; segundo, que as estruturas estruturantes, as estruturas cognitivas, também são socialmente estruturadas, porque têm uma gênese social; terceiro, que a construção da realidade social não é somente um empreendimento individual, podendo também tomar-se um empreendimento coletivo. Mas a chamada visão microssociológica esquece muitas outras coisas: como acontece quando se quer olhar de muito perto, a árvore esconde a floresta; e sobretudo, por não se ter construído o espaço, não se tem nenhuma chance de ver de onde se está vendo o que se vê.

Assim sendo, a lógica do mundo social, para o autor, não encontra meios de profundamente ser capturada a não ser pela submersão às particularidades de dada realidade empírica, situada e datada como “caso particular do possível” (BOURDIEU, 1996), como uma figura em um universo de configurações possíveis cujo objetivo é apanhar o invariante – a estrutura – na variante do universo observado. Para Bourdieu (2004), os espaços sociais, embora deles distintos, podem ser comparados a espaços geográficos no interior dos quais delimitam-se regiões onde os agentes são distribuídos em função de sua posição de acordo com princípios de distinção valorizados neste universo. Segundo Bourdieu (1996), em sociedades mais desenvolvidas, tais princípios estariam mais relacionados à posse e acúmulo de bens econômicos e culturais pelos sujeitos.

Deste modo, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições, maiores seriam as chances destes conciliarem propriedades em comum; quanto mais afastados, em contrapartida, menores seriam as chances de estas propriedades serem compartilhadas em suas semelhanças. Ao revés do que ocorre no espaço real – interações intermitentes entre sujeitos afastados no espaço social por um breve período de espaço e tempo – no espaço social essas distâncias coincidiriam com as diferenciações pelas quais os sujeitos sofrem frente à sociedade. Depreende-se, portanto, que as interações nunca são plenamente conhecidas tal como se oferecem

através de suas aparências. Em oposto, ocultam as estruturas que nelas se concretizam através da omissão de tudo aquilo que é feito para não ser dado de imediato, para ser invisível. Apreender os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução deste *lócus*, desta maneira, exige do pesquisador o estranhamento para que haja a apreensão de estruturas que, por razões distintas, tendem a escapar tanto ao olhar do nativo quanto ao olhar estrangeiro (BOURDIEU, 1996; ROMANELLI, 1998).

Neste sentido, Bourdieu (2004) aponta a relevância da dialética entre dois momentos essenciais para a pesquisa: o primeiro, objetivista, de consideração das estruturas objetivas e afastamento das representações subjetivas para que se dê a identificação dos próprios fundamentos e coações estruturais que as constituem e pesam sob suas interações; o segundo, subjetivista, de retenção destas mesmas representações, sobretudo se o que se pretende é a explicação das lutas cotidianas, individuais ou coletivas que transformam ou conservam tais estruturas, ponto de vista apreendido como tal na relação com a posição dos agentes na estrutura que, por sua vez, apresentam representações que se constituem subjetivamente estruturadas. A construção de um modelo com a pretensão de *validade universal* (BOURDIEU, 1996), assim, perpassa a indicação das diferenças reais que separam as estruturas e disposições e cujo princípio deve ser procurado pelo pesquisador não na singularidade de suas naturezas, mas naquilo que as distintas histórias coletivas possuem nas entranhas de suas particularidades.

Para o autor, a ideia de diferença e de separação está no fundamento da própria noção de espaço social, caracterizado como um “[...] conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mútua e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento” (BOURDIEU, 1996, p. 18). Estruturados por essas posições, os espaços de disputas no interior dos quais concorreriam as definições de objetos e interesses próprios de acordo com normas e regras relativamente autônomas frente à sociedade, por sua vez, delineariam os campos sociais, uma das ferramentas metodológicas mais fecundas do autor (BOURDIEU, 1983).

Para Pierre Bourdieu, os campos seriam espaços definidos a partir dos conflitos e tensões que concernem à sua própria delimitação, sendo a busca simbólica pelo poder à tônica que configura a rede de relações entre seus membros. Dentre as originalidades do conceito, a relativa autonomia permite com que o campo seja capaz de assegurar, embora sofra influências do meio que o cerca, a lógica específica que orienta suas lutas

ao mesmo passo em que estas, por outro lado, seriam seletivamente permeáveis às estruturas que são a ele externas. Nota-se, assim, que o fluxo praxiológico da teoria *bourdieusiana* se manifesta também, aqui, através da dialética estabelecida entre o campo e a macrossociedade (BOURDIEU, 1983).

Em “Algumas propriedades dos campos”, Bourdieu (1983) aponta a existência de leis gerais, isto é, códigos de funcionamento invariantes que, justamente por assim o serem, fazem com que o projeto de uma ampla teoria não seja utópico e que, assim sendo, seja possível usar o que se apreende sobre o funcionamento de cada campo em particular, para interrogar e interpretar outros espaços homólogos. Não por acaso, o autor se ocupou de campos como os da educação, do esporte, da arte, da ciência, da mídia, dentre outros, lançando luz aos mecanismos de promoção das desigualdades sociais nestes espaços a partir de críticas revelações a tudo aquilo que neles foi feito para ser ofuscado.

Dentre as propriedades que constituem as leis gerais dos campos, a primeira se referiria às formas específicas das lutas entre o novo – definido pela figura do sujeito que almeja a entrada no campo e nele tenta forçar o direito de ingresso – e o velho – definido como o sujeito que, por outro lado, pretende a defesa e a detenção do monopólio. A segunda propriedade, por sua vez, se relacionaria à existência, no campo, de objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas pelo conhecimento e reconhecimento de suas normas e leis. A terceira propriedade, por fim, se remeteria à cumplicidade objetiva subjacente a todos os antagonistas que, apesar de assumirem posições contrárias, justamente por configurarem-se como agentes que detêm estas posições, estariam engajados e teriam em comum o interesse em tudo o que estaria relacionado à própria existência e continuidade do campo (BOURDIEU, 1983).

A ordem simbólica dos campos e os chamados à ordem – que só funcionam como tal para aqueles que estão predispostos a percebê-los –, profundamente enraizados pelos corpos e pelas estruturas objetivas do espaço ao qual se aplicam, raramente passam pelas vias da consciência e do cálculo dos sujeitos (BOURDIEU, 1996). Produto do acordo entre as estruturas cognitivas inscritas nos corpos e nas disposições corporais profundamente enraizadas pelas histórias coletivas, a ordem simbólica impõe, ao conjunto dos membros de determinado campo, sua consistência e resistência devido ao fato de ela mesma ser, ao menos aparentemente, coerente e sistemática com as estruturas objetivas vigentes em dado espaço social.

Bourdieu (1996) assim se refere à *doxa*, acordo imediato e tácito que se apoia em uma relação inconsciente de submissão à ordem estabelecida, constituindo-se como ponto de vista particular que se impõe como ponto de vista universal, o ponto de vista dos dominantes. A estrutura do campo, neste sentido, pode ser compreendida pelos diferentes estados das relações de forças que se dão entre os agentes ou as instituições engajadas na luta pela distribuição do poder. Sempre em jogo, tais lutas internas ao campo têm por objeto o monopólio da violência legítima, isto é, a autoridade específica responsável pela conservação ou subversão da distribuição dos bens que são nele produzidos, denominada violência simbólica (BOURDIEU, 1983).

Haja vista a existência destes conflitos, no que tange às posturas assumidas pelos agentes, são duas as principais apontadas pelo autor. Por um lado, são designadas ortodoxas aquelas que tendem às estratégias de conservação, geralmente advindas de sujeitos detentores de um maior volume global de bens no campo e, por isso, nestes considerados velhos; são ditas heterodoxas, por outro lado, as condutas que tendem às estratégias heréticas de subversão, comumente relacionadas àqueles que possuem menor capital no interior do campo, sujeitos ditos novos, recém-chegados. Como atesta Bourdieu (2003, p. 90), é justamente “[...] a heresia, a heterodoxia, enquanto ruptura crítica, frequentemente ligada à crise, juntamente com a *doxa*, que faz com que os dominantes saiam de seu silêncio, impondo-lhes a produção do discurso defensivo da ortodoxia, pensamento ‘direito’ e de direita, visando a restaurar o equivalente da adesão silenciosa da *doxa*”. Afinal, é importante que se lembre que essa crença política primordial, essa *doxa* que se apresenta hoje como evidência só se instituiu, com efeito, ao cabo de lutas entre as visões concorrentes de dominantes e dominados frente à ortodoxia (BOURDIEU, 1996).

A cada campo de produção simbólica, portanto, corresponderiam critérios de classificação e hierarquização de seus bens específicos, delimitando signos de distinção ou de vulgaridade a partir da construção de princípios de visão e de divisão que, sendo o produto da incorporação pelos agentes de diferenças objetivas, estariam em todos eles presentes. Compreende-se, daí, o processo de violência simbólica que se instaura entre as frações dominantes e dominadas, uma vez que “[...] só se torna uma diferença visível, perceptível, não indiferente, socialmente pertinente, se ela é percebida por alguém capaz de estabelecer a diferença” (BOURDIEU, 1996, p. 23), ou seja, justamente por estarem estes sujeitos inscritos no espaço em questão, é que lhes torna possível apresentar



categorias de percepção, esquemas classificatórios e o gosto com os quais se munem para estabelecer, discernir e distinguir estas diferenças.

Ao apresentarem as formas dominantes da cultura com vista à ascensão ou manutenção de sua posição no espaço social, deste modo, os seus detentores tenderiam a expô-la como naturalmente ou objetivamente superior às demais, impondo-a – dissimulada sempre como arbitrário cultural – como a única manifestação legítima possível. Com estas preocupações, Bourdieu e Passeron (2014) demonstraram que o desconhecimento do caráter arbitrário e de dominação desta imposição se dá tanto mais eficaz quanto este traço for ignorado tanto pelos membros dos grupos dominantes quanto por aqueles que ocupam posições dominadas. Os primeiros, tendo o privilégio de nela serem socializados, aprenderiam desde muito cedo a considerá-la válida muito dissimuladamente, uma vez que teriam sido criados em seu interior. Os demais, embora não tendam a contar com esta forma de socialização, aprenderiam posterior e tardiamente, da mesma forma, a reconhecê-la e valorizá-la.

Definidos em função do modo como se distribuem as diferentes formas de poder em cada sociedade, os espaços sociais – e, dentre eles, os campos – estariam estruturados essencialmente pela maneira com que são distribuídos os seus bens que, pelo autor, receberiam o desígnio de capitais (BOURDIEU, 1983). Sendo o recurso que confere poder aos agentes, assim sendo, a distribuição dos sujeitos no espaço global obedeceria, em uma primeira dimensão, o volume global de capital acumulado sob diferentes espécies e, em uma segunda dimensão, o peso relativo destas espécies no volume total que o estrutura (BOURDIEU, 2004). Os campos de produção simbólica, cujas lutas individuais e coletivas de existência seguem uma lógica específica, assim, deteriam sua real autonomia tanto mais estiverem enraizadas estas disputas em relação às suas estruturas.

Falar de um capital simbólico, desta forma, se remete a um bem que vale em relação às fronteiras relativamente autônomas de dado campo de produção, ao mesmo passo que, embora seja dele específico, possa ser convertido em outras espécies singulares de bens sob determinadas condições de homologia (BOURDIEU, 2004). A especificidade deste capital se deve, dentre outros fatores, ao seu conhecimento e reconhecimento segundo as categorias de percepção e apreciação que figuram determinado campo, das quais emergem relações de forças que tendem a reproduzir e reforçar as diferentes formas de violência simbólica que permeiam estes espaços.

Posto isto, infere-se que a legitimação da ordem social não se apresenta de modo algum como produto de uma ação orientada e deliberada de imposição mas, contrariamente, muito mais pelo fato de que os próprios agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social esquemas que, nele engendrados, tendem a percebê-lo como evidente (BOURDIEU, 2004). Como ordem social instituída no interior de determinado espaço, assim, a *doxa*, confere ao capital simbólico a legitimidade na disputa pelo poder e reconhecimento, resguardada a relativa autonomia do campo de que é inerente. A escolha entre o relativismo e o absolutismo, para o autor, não necessita ser feita pela ciência, mas, em alternativa, entender que “a verdade do mundo social está em jogo nas lutas entre agentes que estão equipados de modo desigual para alcançar uma visão absoluta, isto é, autoverificante” (BOURDIEU, 2004, p. 164).

A relação entre a posse do capital e o poder de consagração ou de revelação de objetos já existentes, descrito pelo autor como poder simbólico, baseia-se em duas condições (BOURDIEU, 2004). A primeira, como toda forma de discurso performativo que pretende impor às outras mentes uma visão das divisões sociais, à posse de um capital simbólico que exprima a autoridade social adquirida em lutas anteriores. Crédito atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter a condição de impor este mesmo reconhecimento, o capital simbólico fazer-se-ia, deste modo, como o poder de realizar a constituição dos grupos ou de fazê-los existir por procuração através da mobilização, prestígio obtido ao cabo de um processo de institucionalização ao término do qual designa-se um mandatário que recebe o poder de fazer o grupo. A segunda, ao grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade. A eficácia simbólica, neste sentido, não pode ser considerada uma construção *ex nihilo*, nem tampouco a construção de seus grupos. Quanto mais adequada for a teoria ou, em outras palavras, as afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir, logo, mais poderoso será o efeito de teoria. Afinal, “[...] é somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas” (BOURDIEU, 2004, p. 167).

É assentada na complementariedade e inter-relação entre os diferentes tipos de capitais que o autor constrói uma compreensão multidimensional da realidade social a partir das trocas simbólicas que nela ocorrem. Além do capital simbólico, Bourdieu (1989, 1998b) propõe que estes bens estariam assumidos em três principais tipos: capital econômico, capital social e capital cultural. Estas e outras formas de configuração possíveis de capitais, assim, poderiam converter-se – de acordo com

aquilo que é valorizado pelas leis e formas de disputa dos campos – no capital simbólico por dado espaço legitimado ou, complementarmente, entre si.

O primeiro, capital econômico, estaria relacionado ao acúmulo de moedas de troca sob a forma da posse de investimentos e sistemas de produção; são dele exemplos o salário, os imóveis e demais outros tipos de rendimentos (BOURDIEU, 1989) que, sob determinadas condições, são passíveis converterem-se nas suas mais desinteressadas manifestações, quer sejam elas culturais ou sociais (BOURDIEU, 1986). No cerne de todos os outros tipos de capitais, portanto, os efeitos atrelados aos bens econômicos nunca se reduzem inteiramente apenas em sua definição, produzindo desdobramentos associados à sua convertibilidade e desigual distribuição na medida em que o exercício de ocultá-lo – pelo menos por seus detentores – só reforça o que, em última análise, o torna raiz da produção de seus próprios efeitos (BOURDIEU, 1986).

O segundo, capital social, se remete ao fundamento dos efeitos sociais que, mesmo compreendidos nas singularidades, são irreduzíveis ao conjunto de propriedades individuais dos agentes. Definido pelo “conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1998b, p. 67), em outras palavras, o capital social relaciona-se pelas ligações de vínculo do sujeito a determinado grupo, entendido como um conjunto de agentes que não só detém propriedades em comum passíveis de serem percebidas por outros ou por eles mesmos, mas unidos por relações úteis e que visam a permanência neste grupo. Tais ligações, por sua vez, são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas, que supõem a proximidade no espaço físico ou social desde a sua instauração até a perpetuação. O capital social que um agente possui depende, então, da extensão da rede de relações que ele é capaz de mobilizar e do volume geral de capital (simbólico, econômico ou cultural) possuído por aqueles a quem se relaciona. Bourdieu (1998b) alerta, ainda, que a existência de uma rede de relações não é um dado natural, nem mesmo um dado social – constituído de modo vitalício e de uma só vez por um ato social de instituição, como é o caso das instituições familiares –, mas o produto do trabalho de instauração e manutenção necessários à produção de relações aptas a render lucros materiais ou simbólicos e, assim sendo, duráveis e úteis.

O terceiro, capital cultural, se refere ao legado advindo da produção, posse, apreciação ou consumo de bens culturais socialmente dominantes. Segue-se, portanto, que a transmissão do capital cultural é, decerto, a “[...] forma mais dissimulada da

transmissão hereditária do capital; por isso, no sistema das estratégias de reprodução, recebe um peso tanto maior quanto mais as formas diretas e visíveis de transmissão tendem a ser mais fortemente censuradas e controladas” (BOURDIEU, 1998, p. 76). Bourdieu (1998b) comenta que esta noção foi primeiramente imposta por ele como hipótese indispensável para abordar a desigualdade do desempenho escolar de crianças provenientes de diferentes grupos sociais, uma vez que o capital cultural estaria relacionado, assim, aos benefícios específicos obtidos no mercado escolar por cada uma delas que acabariam por revelar o dito “sucesso escolar”. Constatar que a desigual distribuição de capital cultural entre os diferentes grupos e suas frações ocorria, deste modo, implicou o ponto de partida de uma ruptura com pressupostos inerentes tanto à visão comum que considerava o sucesso ou fracasso escolar como efeito das “aptidões”, “dons” e “talentos” naturais quanto às teorias do “capital humano<sup>5</sup>” que, apesar de suas conotações “humanistas”, segundo o autor, não escapa ao economicismo e ignora, dentre outras coisas, que o desempenho escolar esteja relacionado ao capital cultural previamente investido pela família, estando inclusive o seu certificado, por sua vez, refém dos rendimentos econômicos e sociais também da família provenientes e colocados a seu serviço.

Ainda de acordo com Bourdieu (1998b), o capital cultural se declara sob três estados distintos: incorporado, objetivado e, por fim, institucionalizado. Sob o feitiço de disposições duráveis no organismo, o estado incorporado traz a maior parte das propriedades possíveis de se inferir a partir do capital cultural, uma vez que este estado está fundamentalmente ligado ao corpo, pressupondo uma incorporação que – sendo trabalho da inculcação e assimilação –, custa o tempo pessoal de seu investidor. Cultivo ou trabalho sobre si mesmo, desta forma, o capital cultural pode ser compreendido como “[...] um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa” (BOURDIEU, 1998b, p. 74), pago pelo sujeito com aquilo que ele tem de mais pessoal, o seu tempo. Diferentemente de outros tipos de capitais transmitidos instantaneamente, a aquisição do capital cultural acontece de modo dissimulado e inconsciente, sendo marcado pelas condições primitivas pelas quais é adquirido e não mais para além das capacidades de apropriação que se esgotam pela morte de seu portador. Conforme sublinha Bourdieu (2004, p. 75):

---

<sup>5</sup> Conceito que conota uma definição funcionalista dos papéis da educação, ignorando a contribuição do sistema de ensino à reprodução pela transmissão hereditária do capital cultural (BOURDIEU, 1998b).

Pelo fato de estar ligado, de múltiplas formas, à pessoa em sua singularidade biológica e ser objeto de uma transmissão hereditária que é sempre altamente dissimulada, e até mesmo invisível, ele constitui um desafio para todos aqueles que lhe aplicam a velha e inextirpável distinção dos juristas gregos entre as propriedades herdadas (*ta patrôa*) e as propriedades adquiridas (*epiktêta*), isto é, acrescentadas pelo próprio indivíduo ao seu patrimônio hereditário; de forma que consegue acumular os prestígios da propriedade inata e os méritos da aquisição.

Não sendo a única instituição em que a hereditariedade do capital cultural é possível, mas, sobretudo no que diz respeito ao seu *estado incorporado*, a transmissão e aquisição do capital cultural através da família asseguram algumas singulares diferenças (BOURDIEU, 1998b). Primeiro, na precocidade que caracteriza o início do empreendimento de transferência e de acumulação, empreendimento de aquisição prolongada cujo tempo livre máximo se encontra a serviço do capital cultural máximo, tornando o uso pleno da totalidade do tempo biologicamente disponível. Segundo e, correlativamente, há uma estreita relação entre o tempo livre assegurado pela família – em específico, de liberação das necessidades econômicas cuja acumulação inicial está condicionada – e o tempo durante o qual o sujeito pode prolongar o seu empreendimento de aquisição, avaliado, por isto, como o tempo que se deixa de ganhar. Sob a forma da posse de bens culturais, por sua vez, o *estado objetivado* do capital cultural detém propriedades definidas apenas na relação com a sua forma incorporada. Os patrimônios culturais, assim, podem ser objeto tanto de uma apropriação material que pressupõe o capital econômico como de uma apropriação simbólica, sendo nela subentendida o capital cultural. Ter ou deter de modo ativo e atuante – ou, em outros termos, de forma material e simbólica – requer a condição de que este capital seja apropriado pelos agentes sendo utilizado como instrumento das lutas que se travam nos campos de produção cultural e das classes sociais, locais onde os agentes obtêm benefícios proporcionais ao domínio desse capital objetivado à medida em que, de modo suplementar, ele se encontra também no indivíduo incorporado (BOURDIEU, 1998b).

Por fim, sob a forma de títulos e certificações, o *estado institucionalizado* do capital cultural se coloca como uma das formas difusas de neutralização de certas propriedades individuais devido ao fato de que, estando incorporado, ele apresenta os mesmos limites biológicos de seu suporte. Agindo como uma “[...] certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e

juridicamente garantido no que diz respeito à cultura” (BOURDIEU, 1998b, p. 78), o estado institucionalizado produz uma alquimia social do capital cultural relativamente autônoma em relação ao seu portador – e até mesmo em relação ao seu próprio capital cultural corrente – em um dado momento histórico. Produto da conversão do capital econômico em cultural, a institucionalização do capital permite o estabelecimento do valor em se deter determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas – forma de objetivação relacionada às garantias de suas ligações com o capital social – e, insuperavelmente, o rendimento pelo qual pode ser convertido em outros mercados como o trabalho. Para o autor, desta maneira, o investimento de dado título só teria sentido se um mínimo de reversibilidade sob suas conversões estiver objetivamente assegurado. Encerra-se, assim, que o conceito de capital *bourdieusiano* representa uma concepção ampliada – em seus tipos e estados – do até então uso restrito que se fazia da sua forma econômica, como, por exemplo, utilizava-se a vertente teórica marxista.

Para Pierre Bourdieu, é clara, deste modo, a ideia de que não se pode pensar a existência de um sujeito sem situá-la, de forma relacional, ao espaço social – ou mais especificamente, ao campo – em que concorrem capitais em disputa no qual se encontra. Cada agente, o saiba ou não, encerra sempre uma intenção objetiva que ultrapassa suas intenções conscientes, queira ele ou não. É, pois, “produtor e reproduzidor de sentido objetivo: porque suas ações e obras são o produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual não tem o domínio consciente” (BOURDIEU, 2003, p. 65), conforme explicita o conhecimento praxiológico. Ao mesmo tempo, segundo o autor, nem os determinismos externos e instantâneos de uma sociologia mecanicista, sequer as determinações interiores espontaneístas seriam capazes de explicar o princípio das transformações e das revoluções que são regradas e orientadas pelo sistema de disposições.

Essa fórmula, de início abstrata e obscura, enuncia a primeira condição da análise que faz o autor sobre a relação entre as posições sociais, as disposições e as tomadas de posição – as “escolhas” que os agentes sociais fazem nos mais diferentes domínios da prática (BOURDIEU, 1996). Em outras palavras, entre aquilo que se engendra no jogo de disputas de dado espaço, o sentido que o indivíduo a ele atribui e, disto decorrente, as estratégias adotadas ao jogá-lo. As representações dos agentes oscilariam, assim, de acordo com a sua posição – e os interesses que a ela estão associados – por meio de um sistema de esquemas de percepção e apreciação do mundo social do qual Bourdieu (2004) denomina *habitus*, noção utilizada pelo autor para

designar uma postura de investigação adequada à análise rigorosa sobre a constituição social dos agentes em quadros sociais diversos (WACQUANT, 2007). As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio seriam, assim, através do *habitus*, apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado. Bourdieu (2003, p. 53), dentre várias outras definições possíveis deste conceito em suas obras, assim o descreve:

Sistemas de disposições<sup>6</sup> duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente.

À luz da sua teoria da prática, o *habitus* seria, ao mesmo tempo, um sistema de esquemas de produção, percepção e apreciação destas mesmas práticas (BOURDIEU, 2004), produzindo representações objetivamente diferenciadas e disponíveis para a classificação como tal por agentes capazes de sua percepção, isto é, detentores dos esquemas classificatórios necessários para compreender-lhes o sentido social. Princípio gerador, assim, o *habitus* produziria práticas que não se deduzem diretamente das condições objetivas, tampouco das condições que produziriam o princípio durável de sua produção (BOURDIEU, 2003). As práticas só poderiam ser explicadas, por conseguinte, a partir da sua relação com a estrutura objetiva que define as condições sociais de produção do *habitus* com as condições de exercício desse *habitus*, entendido como um estado particular dessa estrutura. Com relação a tal mediação do *habitus* entre os sistemas de relação na e para produção da prática, Bourdieu (2003) argumenta que essa operação só é possível porque ele é história feita natureza, negada justamente porque realizada numa segunda natureza. Com efeito, assim, o inconsciente não seria mais que “o esquecimento da história que a própria história produz ao incorporar as estruturas objetivas que ela gera nessas quase naturezas que são os *habitus*” (BOURDIEU, 2003, p. 58).

---

<sup>6</sup> Bastante apropriada para exprimir o que o conceito de *habitus* (definido como sistema de disposições) resguarda, a palavra “disposição” denota, por um lado, o resultado de uma ação organizadora, com sentido próximo ao de palavras como “estrutura”, por exemplo; por outro, designa uma maneira de ser, um estado habitual (em particular do corpo) e, sobretudo, uma predisposição, tendência, propensão ou inclinação (BOURDIEU, 2003).

Uma ciência praxiológica que escape a ambas as alternativas do finalismo ou do mecanicismo, assim, é vislumbrada a partir da possibilidade de uma teoria do *habitus*, sendo o princípio das estratégias – orientados em relação a fins que podem não ser os fins subjetivamente almejados – elaborados pelos agentes condicionados senão ao cálculo cínico e à procura consciente da maximização de lucros específicos, mas a relação inconsciente entre o *habitus* e o campo (BOURDIEU, 1983).

Bourdieu propõe que a prática não seja nem o precipitado mecânico de ditames estruturais, tampouco o resultado da perseguição intencional de propósitos pelos sujeitos (WACQUANT, 2007). Dito isto, o autor alerta para a impossibilidade sociológica de se ignorar o axioma do interesse – entendido como o investimento nos processos de lutas que é, ao mesmo tempo, condição e o produto do vínculo a um campo –, palavra que se arrisca a evocar utilitarismos que são o grau zero da sociologia.

Compreendido como sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita, o *habitus* funcionaria como um sistema de esquemas geradores de estratégias objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem, todavia, ter sido expressamente concebido para este fim (BOURDIEU, 1983). De acordo com o autor, quando basta deixar o *habitus* agir nas necessidades imanentes do campo – sem que os seus membros tenham consciência de estarem se sacrificando por um dever e tampouco procurando maximizar seu lucro específico – os agentes teriam, então, a vantagem de se verem e serem vistos como perfeitamente desinteressados (BOURDIEU, 1983).

Ao reconstituir a gênese da noção de *habitus* presente nos trabalhos de Pierre Bourdieu, Wacquant (2007) traz contribuições importantes no que diz respeito à apropriação deste conceito realizada pelo autor, documentando muitas de suas principais propriedades teóricas. Noção filosófica antiga, originária do pensamento aristotélico e da escolástica medieval, o autor recorda que o *habitus* foi recuperado e retrabalhado por Pierre Bourdieu após a década de 1960, com o objetivo de elaborar uma teoria disposicional da ação capaz de “reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo cartesiano que enviesava as abordagens subjetivistas da conduta social” (WACQUANT, 2007, p. 64). Em seus trabalhos se dariam a mais completa renovação sociológica do conceito, delineado para transcender a oposição entre objetivismo e subjetivismo, rompendo com a dualidade entre indivíduo e sociedade tão difundida entre o senso comum:



Contra o estruturalismo, a teoria do *habitus* reconhece que os agentes fazem ativamente o mundo social por meio do envolvimento de instrumentos incorporados de construção cognitiva; mas também afirma, contra o construtivismo, que estes instrumentos foram também eles próprios feitos pelo mundo social. O *habitus* fornece, ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação: sociação porque nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares (assim, podemos falar de um *habitus* masculino, de um *habitus* nacional, de um *habitus* burguês, etc.); individuação porque cada pessoa, tendo uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas (WACQUANT, 2007, p. 67).

“Ser que se reduz a um ter, a um ter sido e a um ter feito ser” (BOURDIEU, 2003, p.70), o *habitus* é o produto do trabalho de inculcação e apropriação necessários para a reprodução das estruturas objetivas sob a forma de disposições duráveis nos organismos. À vista disso, o processo educativo torna-se condição fundamental não somente para a harmonização das práticas, mas também para que sejam harmônicos os ajustes realizados pelos agentes que, supondo um mínimo de concordância entre os seus *habitus*, mobilizam disposições cujas aspirações são no campo esforçadas por serem exprimidas (BOURDIEU, 2003). Neste sentido, nas raízes do *habitus*, como recorda Wacquant (2007), encontrar-se-ia a noção aristotélica de *hexis*<sup>7</sup>, desenvolvida posteriormente de forma mais metódica pelo autor principalmente em sua relação com o corpo como a “experiência prática do corpo que engendra os esquemas fundamentais e que é reforçada, sem cessar, pelas reações a ele próprio, produzidas segundo os mesmos esquemas” (BOURDIEU, 2014, p. 255), configurando uma relação durável e generalizada com o corpo promovida por processos socializadores e educacionais na qual se define a *hexis* corporal. Enfim, em síntese dos principais fundamentos teóricos do conceito de *habitus*, reitera Wacquant (2007, p. 66) que:

O *habitus* designa uma competência prática, adquirida na e para a ação, que opera sob o nível da consciência: a) resume não uma aptidão natural, mas social, que é, por esta mesma razão, variável através do tempo, do lugar e, sobretudo, das distribuições de poder; b) é transferível a vários domínios de prática, o que explica a coerência que se verifica, por exemplo, entre vários domínios de consumo – música, desporto, alimentação, mobília, e, também, nas escolhas políticas e matrimoniais – no interior e entre indivíduos da mesma classe, e que fundamenta os distintos estilos de vida; c) é durável mas

---

<sup>7</sup> Elaborada na sua doutrina sobre a virtude, a noção significa um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os sentimentos e desejos em dada situação e, como tal, também a conduta (WACQUANT, 2007).

não estático ou eterno: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas; d) é dotado de inércia incorporada, na medida em que o *habitus* tende a produzir práticas moldadas depois das estruturas sociais que os geraram e na medida em que cada uma de suas camadas opera como um prisma por meio do qual as últimas experiências são filtradas e os subseqüentes estratos de disposições são sobrepostos (daí o peso desproporcionado dos esquemas implantados na infância); e) introduz uma defasagem e, por vezes, um hiato entre as determinações passadas que o produziram e as determinações atuais que o interpelam.

A noção de *habitus* abrange, dentre uma das suas funções, dar conta da unidade de estilo que vincula as práticas e os bens de um agente singular ou de um grupo de agentes. Da proximidade entre sujeitos que compartilham inclinações, propriedades e disposições semelhantes no espaço social emerge, portanto, a ideia de classes ou grupos sociais para o autor (BOURDIEU, 1996).

Como adverte Bourdieu, entretanto, isso não significa que os sujeitos constituam estas mesmas classes de forma direta e mobilizada por objetivos comuns particularmente contra outras classes – como insiste a leitura marxista –, de modo que, para ele, não cabe a estes sujeitos uma análise de classe que os aceite ou afirme como tal. De outra forma, segundo a sua perspectiva, as classes ou grupos estariam inscritas simbolicamente nos espaços sob a forma de um estado virtual incapazes de se configurar como dados, mas como algo a se fazer nas entranhas das diferenças que existem e persistem no interior destes mesmos espaços. Afinal, “as noções de espaço social, de espaço simbólico ou de classe social não são, nunca, examinadas em si mesmas e por si mesmas; são utilizadas e postas à prova em uma pesquisa inseparavelmente teórica e empírica (BOURDIEU, 1996, p. 14)”.

Seria preciso cuidar, complementarmente, para não transformar em propriedades necessárias e intrínsecas de dado grupo, aquelas propriedades que lhe cabem em um determinado momento em razão de sua posição no espaço e em dada situação de oferta de bens e práticas possíveis (BOURDIEU, 1996). O exercício de reflexão sobre a relatividade de sua teoria se aplica, aqui, para o entendimento de que um conjunto de atividades ou de bens vincula-se, em cada momento e em cada sociedade, a um conjunto de posições sociais a elas homólogas. As práticas seriam, assim, sempre relacionalmente definidas. As diferenças entre si, transfiguradas em diferenças simbólicas, constituiriam uma verdadeira linguagem entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, o que é distinto e o que é vulgar. O mesmo comportamento ou bem

poderia assumir, assim, sentidos diferentes, sendo distinto para um, pretensioso para outro e vulgar para um terceiro (BOURDIEU, 1996, p. 23):

(...) só se torna uma diferença visível, perceptível, não indiferente, socialmente pertinente, se ela é percebida por alguém capaz de estabelecer a diferença – já que, por estar inscrito no espaço em questão, esse alguém não é indiferente e é dotado de categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um gosto, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir (...). A diferença só se torna signo e signo de distinção (ou de vulgaridade) se lhe aplicarmos um princípio de visão e de divisão que, sendo o produto da incorporação da estrutura de diferenças objetivas (por exemplo, a estrutura da distribuição, no espaço social, do piano ou do acordeão, ou dos que tocam um ou outro), está presente em todos os agentes, proprietários de pianos ou tocadores de acordeão, e estrutura suas percepções como proprietários ou tocadores de piano e de acordeão (seria necessário precisar essa análise da lógica – a da violência simbólica – que estabelece que as artes de viver dominadas sejam quase sempre percebidas, mesmo por seus praticantes, do ponto de vista destruidor e redutor da estética dominante).

Retraduzindo as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, o *habitus*, assim, configurar-se-ia como um princípio gerador e unificador também das escolhas, bens e práticas pessoais (BOURDIEU, 1996). A concertação objetiva dos *habitus* de grupo ou de classe é, *a fortiori*, o que faz com que as práticas se encontrem objetivamente afinadas mesmo na ausência de qualquer interação ou articulação explícitas (BOURDIEU, 2003). A cada classe de posições corresponde, assim, uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos associados à condição correspondente. Por intermédio destes *habitus*, desta forma, são gerados um conjunto de bens e propriedades vinculadas entre si por uma afinidade de estilo (BOURDIEU, 1996).

Supõe-se, daí, que o gosto – enquanto sistema de esquemas de classificação – estaria objetivamente referido a partir das condições sociais de possibilidade em que o juízo se dá. Os agentes, por isto, se expõem às classificações e se auto classificam ao escolherem, conforme os seus gostos, diferentes atributos – como modalidades esportivas, alimentos, roupas, bebidas, entre outros – que com eles combinam ou que combinam entre si naquilo que convêm à sua posição (BOURDIEU, 2004). Em virtude disso, no espaço dos bens e serviços disponíveis, as escolhas definem aqueles que ocupam uma posição homóloga à posição que os sujeitos ocupam no espaço social.

“Isso faz com que nada classifique mais uma pessoa do que suas classificações” (BOURDIEU, 2004, p. 159).

A relação entre *habitus* e gosto, assim, se dá a partir da construção de práticas que são apreciadas de modo desigual de acordo com as distintas disposições dos sujeitos, uma vez que “os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns” (BOURDIEU, 1996, p. 22). Às diferentes posições no espaço social, logo, corresponderiam estilos de vida inseparavelmente éticos e estéticos gerados nas condições materiais e simbólicas de existência dos sujeitos (BOURDIEU, 2003). As práticas e as suas propriedades constituiriam uma expressão sistemática das condições de existência dos indivíduos justamente porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*. Na lógica específica de cada subespaço, desta forma, o estilo de vida se caracteriza por um conjunto de preferências distintivas que exprimem uma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo só totalmente apreendido sem que se haja a destruição e recorte em universos separados pela análise (BOURDIEU, 2003).

A variação das distâncias em relação às pressões materiais e urgências temporais do mundo define, ainda, o estilo e, sobretudo, a “estilização da vida” (BOURDIEU, 2003). Do distanciamento ou da sua impossibilidade, de acordo com a trajetória social dos sujeitos, emergem gostos de necessidade e gostos de liberdade relacionalmente definidos e afirmados através de suas propriedades. Enquanto o primeiro estaria objetivamente ajustado às condições de vida dos sujeitos, de outro modo, o segundo denotaria a competência específica do consumo de bens de cultura legítimos. Apreende-se desta arbitrariedade que as declarações de indiferença à cultura dominante são excepcionais e, mais ainda, o são as rejeições ao seu desconhecimento. “As classes sociais, assim, se diferenciam menos pelo grau em que reconhecem a cultura legítima do que pelo grau em que a conhecem” (BOURDIEU, 2003, p. 83).

Produto da forma como a aquisição da cultura se dá, o gosto seria, portanto, um dos desdobramentos de processos educacionais cujas condições e funções se encontrariam dissimuladas entre as frações dominantes e das quais, para o autor, a ciência deve se ocupar e restabelecer. De acordo com Bourdieu (2003), a ideologia do gosto natural repousa sob a negação desta evidência, obtendo sua aparência e eficácia na naturalização de diferenças reais, convertendo – como todas as estratégias ideológicas

que caracterizam a cotidiana luta de classes – em diferenças de natureza aquelas que seriam, na realidade, derivadas do modo pelo qual a aquisição cultural se dá.

A ideologia do gosto natural opõe, assim, dois modos de aquisição da cultura: “o aprendizado total, precoce e insensível, levado a efeito desde a primeira infância no seio da família, e o aprendizado tardio, metódico, acelerado, assegurado por uma ação pedagógica explícita e expressa” (BOURDIEU, 1983, p. 88). A aprendizagem primária, assim, se distinguiria de todas as formas de aprendizado forçado não tanto pelo caráter profundo e durável de seus efeitos, mas pela modalidade de naturalidade e espontaneidade da relação com a cultura favorecida:

Esse primeiro aprendizado confere a certeza de si, correlativa à certeza de deter a legitimidade cultural, verdadeiro princípio do desembaraço ao qual identificamos a excelência. Ele produz uma relação familiar, mais próxima e desenvolta, com a cultura como um bem de família que sempre conhecemos e do qual nos sentimos herdeiros legítimos. A música não são os discos e a eletrola, graças aos quais descobrimos Bach e Vivaldi, mas o piano da família, ouvido desde a infância e vagamente praticado até a adolescência; a pintura não são os museus, de repente descobertos no prolongamento de um aprendizado escolar, mas o cenário do universo familiar (BOURDIEU, 1983, p. 88).

De acordo com Bourdieu (2003), o oposto desta familiaridade seria a distância respeitosa, dada segundo os modos de aquisição da cultura que se relacionam às aprendizagens secundárias da qual, por sua vez, a escola seria a mais representativa instituição. Deste modo, o sistema escolar seria responsável por ofertar mecanismos substitutos à experiência direta, ofertando práticas que são o produto do conceito e da regra, recurso ao tempo perdido e atalhos às lacunas da pretendida familiarização pretendida pelo gosto natural:

Mas o sistema escolar deve operar, para as necessidades da transmissão, um mínimo de racionalização daquilo que transmite: dessa forma, substitui os esquemas práticos de classificação, sempre parciais e ligados a contextos práticos, pelas taxinomias explícitas e padronizadas, fixadas uma vez por todas sob a forma de esquemas sinópticos ou tipologias dualistas e expressamente inculcadas, portanto, conservadas na memória sob a forma de saberes suscetíveis de ser restituídos, mais ou menos idênticos, por todos os agentes submetidos à sua ação (BOURDIEU, 1983, p. 88).

A relação entre a cultura e o estilo de vida – dimensão altamente privilegiada e distintiva de classificação social – assim, caracteriza o princípio do conceito de herança

(BOURDIEU; PASSERON, 2014), como o acúmulo de capitais simbolizados pela posse de sistemas de percepções, modos de agir e apreciações de mundo relacionados às manifestações culturais dominantes. Em seu sentido normativo, restrito e arbitrário, a cultura, portanto, seria para os herdeiros entendida como se fosse a única forma de expressão legítima, formato que se refere à sua vertente dominante. A herança, assim, presume o *savoir-faire* característico e simbólico das frações dominantes, transmitido indireto e implicitamente através do meio de origem do sujeito, favorecendo “a adesão a valores cuja raiz comum não é outra senão o próprio fato do privilégio” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 44). Este modo de ser e, principalmente, de saber-fazer estaria relacionalmente oposto, ao contrário, à privação que caracteriza as classes populares cujas referências e menções de cultura são quase sempre simbólicas de um racismo de classe que ratifica a própria ideia da privação carregada por estes sujeitos:

O estilo de vida das classes populares deve suas características fundamentais (incluindo as que parecem mais positivas) ao fato de representar uma forma de adaptação à posição ocupada na estrutura social: por isso, encerra sempre – nem que seja como sentimento de incapacidade, de incompetência, fracasso ou indignidade cultural – uma forma de reconhecimento dos valores dominantes. O que distingue as classes populares das outras é menos (e cada vez menos) a intenção objetiva de seu estilo do que os meios econômicos e culturais que podem colocar em ação para realiza-la. Esse desapossamento da capacidade de formular os próprios fins (e a imposição correlativa de necessidades artificiais) é a forma mais sutil da alienação (BOURDIEU, 2003, p. 91).

Sob a forma de sanção que consagra as desigualdades sociais sob a aparência de ignorá-las, a herança cultural, assim, caracterizaria toda uma relação com a cultura devido à incorporação de disposições anteriores à trajetória passada e disposições potenciais – a carreira – quanto ao futuro (BOURDIEU, 2003). Se a sociologia deve incluir uma análise da percepção e da construção das visões do mundo social, a partir do ponto de vista *bourdieusiano* pelo qual se referencia este estudo, uma das principais contribuições do autor para esta investigação se dá justamente através do modo de se conceber, pensar e analisar as trajetórias de vida dos sujeitos de forma relacional, dentro de um espaço global ou específico no qual ela se constitui. E, por fim, ver que este sujeito pode mudar, porque ele mesmo muda ou porque muda o espaço.

Refletir sobre a articulação entre a trajetória de vida e o conceito de campo – ou de espaço social antes dos campos –, neste sentido, torna-se fundamental no esporte ou em qualquer outro espaço de produção simbólica que considere a sua abordagem. Seria

o caso de corroborar, enfim, com as considerações de Chartier e Lopes (2002) no que se refere à leitura do sujeito na teoria *bourdieusiana*, sendo este o indivíduo que pode produzir uma mudança, que muda segundo a sua trajetória social, a sua condição, o seu estado, a sua profissão e as suas produções durante toda a vida. É, portanto, sujeito à medida do que faz com aquilo que as condições do meio fizeram dele.

## **2.2. O campo esportivo e o xadrez como objetos de análise sociológica**

A área de conhecimento pela qual se ocupa a sociologia do esporte situa-se entre o enfrentamento da dupla dominação sofrida pelos universos sociológicos e esportivos: “desdenhada pelos sociólogos, ela é desprezada pelos esportistas” (BOURDIEU, 2004, p. 207). Refletir sobre esta condição tornam disparadoras as reflexões sobre o princípio das dificuldades que lhe são particulares enquanto ciência, considerando, assim, a repercussão desta lógica da divisão social do trabalho na própria divisão de seu trabalho científico.

Em seu âmbito específico de pesquisa, deste modo, encontram-se opostos de um lado aqueles que conhecem muito bem o esporte em sua forma prática mas que não sabem falar dele, e, de outro, aqueles que sobre ele poderiam falar mas que na prática o conhecem muito mal, julgando-se indignos a fazê-lo ou, ao contrário, o fazendo a torto e a direito (BOURDIEU, 2004). Como efeito colateral de uma posição dominada nos campos da sociologia e do esporte – e, por esta mesma razão, potencialmente mais lúcida e mais crítica do que aquelas assumidas por outros agentes que se ocupam deste mesmo fenômeno –, ao sociólogo do esporte cabe a consciência crítica sobre o que significa posicionar-se como soldado entre estas trincheiras. Se já era a sociologia um esporte de combate (BOURDIEU, 2001), nesta linha de pensamento, a sociologia do esporte pode ser considerada uma de suas mais aguerridas manifestações, modalidade *sui generis* sobre o próprio combate.

As tensões fomentadas no campo científico da sociologia do esporte, em suas devidas proporções, também parecem refletir o embate empírico entre as disciplinas que compõem o núcleo das chamadas Ciências Sociais. No campo sociológico, são exemplos as lutas entre a sociologia contemporânea e a sociologia clássica, entre as áreas de especialidades sociológicas e, principalmente, entre os mais distintos paradigmas e teorias que constituem epistemologicamente tal referido *locus* de produção e circulação de bens acadêmicos. Ao serem interiorizados pelos agentes sob a

forma de *habitus* científicos e, após, transfigurados como práticas mais ou menos consagradas neste meio, tais paradigmas atualmente aparecem neste campo – e de uma forma relativamente autônoma e mais ampla, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais – sob a formatação de disputas, tais como: materialismo *versus* idealismo, agente *versus* estrutura, síntese *versus* análise, objetivismo *versus* subjetivismo, estática social *versus* dinâmica social, estudos sincrônicos *versus* estudos diacrônicos, abordagens histórico-comparativas *versus* abordagens estatísticas, dentre outras (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b).

O esporte é um fenômeno sociocultural cujas formas de manifestação admitem-se plurais, complexas e heterogêneas (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a). Na sociedade contemporânea, difunde-se através da dialógica entre os processos de globalização e regionalização culturais, compondo objeto amplamente difundido através do senso comum e sobre o qual a maioria das pessoas previamente detêm sua própria opinião e se sentem hábeis para dele tratar. De acordo com Bourdieu, Dauncey e Hare (1998), reside neste quadro a dificuldade em se falar de esporte cientificamente. Enquanto objeto de estudo do campo da Sociologia, Souza e Marchi Júnior (2010b) indicam que a pouca importância dada às práticas de caráter esportivo nas análises de determinados sociólogos do século XIX e início do século XX pode ser explicada, talvez, em função das mesmas ainda estarem em um incipiente processo de desenvolvimento e afirmação nas teias de interdependência e inter-relações sociais.

Neste sentido, seria injusto condená-los pela forma secundária com que trataram um fenômeno que não havia se apresentado tal como em sua forma atual na sociedade em que estava inserido. Neste novo cenário, faz-se pertinente e promissor relativizar algumas das considerações tecidas por Bourdieu (2004) sobre o fenômeno esportivo e o próprio lugar ocupado pela sociologia do esporte, contextualizando-os frente aos diferentes estados do sistema que se apresentam nas novas configurações sociais. São exemplos de trabalhos sensíveis a tais questões histórico-sociológicas, neste sentido, aqueles realizados por Marques, Gutierrez e Montagner (2009) e Souza e Marchi Júnior (2010b).

Os vieses e matrizes teóricas pelos quais o esporte tem sido abordado nos mais distintos campos acadêmicos representam o alcance que determinadas produções e autores nele têm incidido. Em análise do seu lugar no espaço de disputas característico da Educação Física no Brasil, Souza e Marchi Júnior (2010b) ressaltam a importante



influência de autores da Sociologia, Antropologia, História e Economia no interior do campo de produção e circulação de bens científicos que compete às práticas esportivas e corporais. Segundo os autores, isto foi possível via aproximação de acadêmicos da Educação Física, principalmente, junto a muito daqueles pertencentes à área das Ciências Humanas e Sociais.

Tal como retomado na sociedade brasileira, inclusive, o esporte tratou-se de uma das manifestações corporais histórica e predominantemente vinculada à produção científica e atuação prática no campo da Educação Física no país, corroborando a construção da própria identidade e função desta disciplina (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b). A Educação Física, no entanto, encontra-se longe de ser o único campo com o qual o esporte dialoga. Atualmente, torna-se quase impossível tratar das grandes áreas da Educação, Economia, Saúde, Política, Jornalismo, dentre outras, ignorando alguma relação ou influência que possa nelas exercer ou sofrer o fenômeno esportivo. Neste espectro, investigar o esporte como um fenômeno sociocultural figura-se como uma das possibilidades de estudo e interpretação da atual sociedade globalizada (MARQUES, 2015a).

O fenômeno esportivo, em si, delinea uma das intersecções possíveis entre o campo social da Educação Física e o campo social da Educação. Segundo Marques, Almeida e Gutierrez (2007), o mesmo exerce transmissão e renovação cultural, ensina valores e, por isso, está intimamente relacionado à formação e educação.

O sentido das ideias de formação e educação, aqui, se aproximam daquelas denotadas por Chauí (2003). Por formação, como a própria palavra indica, uma relação com o tempo capaz de introduzir alguém ao passado de sua cultura (no sentido antropológico do termo). Isto é, como ordem simbólica ou de relação com o ausente, despertando este alguém para as questões que esse passado engendra no presente por meio do estímulo à passagem de tudo aquilo que se encontra do instituído ao instituinte.

Por educação, em complemento, o movimento de transformação interna daquele que passa de um suposto saber (ou da ignorância) ao saber propriamente dito (ou à compreensão de si, dos outros, da realidade, da cultura acumulada e da cultura no seu presente ou se fazendo). Depreende-se, assim, em desfecho, que “a educação é inseparável da formação e é por isso que ela só pode ser permanente” (CHAUÍ, 2003, p. 11). Marques, Gutierrez e Montagner (2009), ainda, propõem que a ética formativa e educacional deve se apoiar, além da diversidade de manifestações e preocupação sobre os valores transmitidos, na criticidade e autonomia em relação ao consumo do esporte

contemporâneo. Em complemento, Marques (2015a) sugere que as reflexões que envolvam o ensino e os procedimentos pedagógicos esportivos considerem o caráter plural e heterogêneo que este fenômeno assume na sociedade. Posto isto, é possível afirmar que, indissociavelmente, o esporte sempre forma, sempre educa. O que estes processos transmitem e de que forma influem de forma crítica em direção à autonomia do sujeito a depender de sua apropriação, no entanto, são questões pertinentes a tal assertiva. “Tornar-se”, metáfora de inspiração sociológica *bourdieusiana* proposta por Hodkinson, Biesta e James (2008), vai em direção e sintetiza notavelmente o acima exposto:

Mas, o que nós queremos dizer da aprendizagem como o processo de “tornar-se”? De modo simples, em qualquer situação existem oportunidades para aprender. Como tais oportunidades se manifestam e o modos pelos quais ela pode efetivamente se dar, entretanto, depende da natureza da cultura em que ocorre este aprendizado e da posição, do *habitus* e dos capitais detidos pelo indivíduo, os quais encontram-se em interação uns com os outros através de horizontes de aprendizagem<sup>8</sup> que configuram um campo de relações. Dentro de cada situação, assim, um indivíduo pode aprender por meio do curso entre os seus processos de participação e (re)construção, sempre integrados, de seu próprio *habitus*. Conforme aprendidos, estes processos podem ser tanto modificados como tornados parte da pessoa (...). Neste sentido, pode-se dizer que o indivíduo aprende ao mesmo passo em que se torna e torna-se a partir deste aprendizado. A aprendizagem como “tornar-se”, neste sentido, só se encerra quando a vida se encerra (HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008, p. 41, tradução da autora<sup>9</sup>).

Quer seja possibilitar o desenvolvimento de uma formação mais autônoma dos sujeitos ou denunciar as desiguais dinâmicas sociais que assolam os espaços, a convergência entre os compromissos educacionais e sociológicos pode se dar, dentre

---

<sup>8</sup> Horizontes de ação ou horizontes de aprendizagem podem ser compreendidos como sinônimos das fronteiras de aprendizagem enfrentadas pelos indivíduos através da inter-relação – sempre em curso e às vezes mutável – entre as suas disposições e as culturas de aprendizagem nas quais eles se encontram inseridos. Tais horizontes, desta forma, não poderiam ser entendidos como limites ou fronteiras fixas. Ao contrário, são produto da interação entre a posição, o *habitus* e a cultura de aprendizagem que constituem determinado um complexo e dinâmico campo de forças. Em outras palavras, tais horizontes podem ser considerados relacionais e mutáveis de acordo com as transições entre a estabilidade e a mudança ao longo do tempo (HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008).

<sup>9</sup> So what do we mean by learning as becoming? Put simply, in any situation there are opportunities to learn. What those opportunities are, and the ways in which the process of learning takes place, depends on the nature of the learning culture and of the position, *habitus* and capitals of the individuals, in interaction with each other in their horizons for learning, as part of a field of relationships. Within any situation, an individual may learn, through the integrated processes of participation and their ongoing (re)construction of their own *habitus*. In these processes, that which is learned can be modified as it becomes part of the person (HODKINSON; BIESTA; JAMES, 2008, p. 41).

outros, na oferta de um conhecimento que possibilite a identificação de fatores velados que, justamente por serem despercebidos, insistem em comprometer a existência humana. Neste sentido, em ambos os campos da Educação Física ou da Educação, a Sociologia ou a própria Sociologia do Esporte assumem maior significância à medida em que se apresentam como disciplinas reflexivas sobre a forma com que tal conhecimento é capaz de afastar os pesquisadores dos efeitos dos pré-construídos doutos que deformam a realidade empírica na construção e recorte de um objeto de pesquisa que tende, por “natureza”, a ser oculto (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b).

Igualmente velado parece estar um diálogo possível entre a Sociologia do Esporte e Sociologia da Educação para o tratamento sociológico do fenômeno esportivo na contemporaneidade. Mais especificamente, entre a aproximação das considerações tecidas por Souza e Marchi Júnior (2010b) para o esporte e por Sposito (2003) para a escola. Respectivamente, o alerta dos primeiros se dá sob a atual ineficácia do estudo do esporte apenas pelo esporte, isto é, enquanto um fim em si mesmo. Esta, como advertem, “[...] trata-se de uma postura um tanto quanto substancial, reducionista e que não faz avançar o conhecimento nem sobre o universo dos esportes nem, muito menos, sobre a sociedade em que as práticas esportivas estão inseridas” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010b, p. 63). A segunda, também sob um olhar vigilante, reconhece que se a escola tem ocupado o centro da reflexão sociológica brasileira há tempos, é também preciso discernir que essa mesma reflexão tem apresentado algumas possíveis rupturas e continuidades.

No interior do duplo movimento que envolve uma concepção ampliada da Sociologia da Educação e a crítica ao excessivo recorte disciplinar presente nas denominadas sociologias especiais, de acordo com a autora, estaria contida a proposta de uma perspectiva que considera que o entendimento da escola se dá de modo mais completo quando se dá para além de seus elementos escolares. Da homologia entre objetos socioculturais privilegiados em seus relativamente autônomos campos e da insuficiência em tratá-los como unidades empíricas absolutas – e, como tal, desconsiderando a influência de outros elementos em seu exercício – talvez e de forma muito embrionária possa emergir, neste estudo, incipientes apontamentos sobre possíveis contornos que possam contribuir para o avanço da atual configuração contemporânea assumida pela Sociologia do Esporte através do seguinte questionamento: como poderia se constituir uma perspectiva não esportiva no estudo sociológico do esporte?

A começar pela consciência sobre a importância em se buscar um ponto de vista sociológico que oriente e complemente a explicação de um fenômeno sociocultural tal qual como se apresenta o esporte contemporâneo, optou-se, neste estudo, por *questões que vêm de fora*. Optou-se por um *amador entre profissionais*, segundo palavras de si próprio. Optou-se também por alguém que, de antemão, pede para que com ele “*sejamos esportivos*”, como se já não estivéssemos todos condenados a sê-lo enquanto pesquisadores sempre relativamente limitados aos horizontes de aprendizagem que orientam as práticas científicas, mais ou menos autônomas de acordo com a posição que se ocupa na vastidão instigante e intimidadora do campo acadêmico.

Em suas próprias palavras, enfim, “*um sociólogo que encontra entre seus objetos as práticas e os consumos esportivos sob a forma, por exemplo, de quadros estatísticos apresentando a distribuição das práticas esportivas segundo o nível de instrução, idade, sexo e profissão*” (BOURDIEU, 1983, p. 136). Aliás, não seria exatamente a consideração destes elementos não esportivos na análise das práticas a condição sem a qual a proposta anteriormente formulada não pode se concretizar? Se esta hipótese estiver correta, até que ponto seria adequado denominá-los não esportivos? Invertida a lógica, se realmente eles dizem muito sobre o sentido das interações que os sujeitos possuem com as práticas, não seria esta a própria razão pela qual há o interesse em mantê-los ocultos?

As contribuições de Pierre Bourdieu para o desenvolvimento de um campo científico de estudos voltados para a Sociologia do Esporte são notórias, indo muito além da escrita de dois ou três textos tratando especificamente do assunto ou, então, ter dedicado alguns números da *Actes de La Recherche en Sciences Sociales* ao tema (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a). Em uma análise mais fina, é possível afirmar que, ao longo da história do século XX, muito do que se remeteu à Sociologia do Esporte contou com a sua contribuição: desde os primórdios processos de amadorismo à profissionalização das práticas, até indícios sobre a passagem do esporte moderno à sua atual configuração contemporânea. O interesse pelo esporte enquanto objeto de estudo em um momento coetâneo à sociologia francesa do pós-guerra, período em que o fenômeno não era sequer cogitado como objeto sociológico legítimo, encontra fundamentos na própria trajetória de vida do autor.

Bourdieu foi, em sua juventude, jogador de rúgbi. Apresentava gosto pela modalidade e, de maneira geral, também pelo esporte (CHARTIER; LOPES, 2002). Se a articulação entre trajetória de vida e espaço social se faz como premissa de sua

abordagem, é verdade também que ela se torna indispensável à leitura da sua própria no campo esportivo. Percurso, este, entendido não como o conjunto de meros relatos biográficos do autor, mas, por outro lado, como o seu próprio itinerário no esporte.

O vislumbrar de uma teoria sociológica do esporte em Pierre Bourdieu, nestes contornos, se dá enquanto prolongamento de seu método de investigação reflexivo e praxiológico (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a). Embora não se possa, a rigor, considerá-lo um sociólogo do esporte, é inegável que o autor o recuperou – dentre outros objetos tidos como insignificantes no âmbito das ciências sociais – o esporte enquanto fenômeno digno de ser abordado cientificamente no universo de produção sociológica. No lugar de uma unidade homogênea de análise – cuja ausência é alvo de críticas por um corpo de especialistas que se debruçam sobre o que é o ser e o fazer teórico no espaço da Sociologia do Esporte – refugia-se, no autor, uma das mais consistentes abordagens para a análise do espaço das práticas esportivas, a qual não encontra meios de se dar autônoma e independentemente de sua perspectiva epistemológica e metodológica que, por sua vez, foi aprimorada, aperfeiçoada e revisitada ao longo de toda a sua carreira.

Em “Programa para uma Sociologia do Esporte”, Bourdieu (2004) propõe um quadro teórico-metodológico consistente para a inauguração desta disciplina à luz de seu modo de se fazer ciência. Indica, também, alguns caminhos a serem percorridos pelos sociólogos do esporte com vista à contemplação deste projeto. O primeiro ponto seria “[...] perceber que não se pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo” (BOURDIEU, 2004, p. 208). Em outros termos, deste modo, inicialmente compreender a posição que a modalidade ocupa no campo social do esporte e, a partir dela, realizar a construção de seu próprio subcampo. Para tal, o autor sugere o levantamento de um conjunto de indicadores, tais como: a distribuição das diferentes federações segundo o seu número de adeptos, riqueza ou características sociais de seus dirigentes, o tipo de relação com o corpo (através do contato direto, como no futebol ou mesmo pela exclusão, como no golfe ou interposição através de um instrumento, como na esgrima) que é favorecida ou exigida, dentre outros.

Segundo as suas próprias palavras, a prioridade seria a construção da estrutura do espaço das práticas esportivas, sendo as transformações desta estrutura somente inteiramente compreensíveis a partir do conhecimento de como se dá essa estrutura em

um dado momento específico. Oposições como estrutura e transformação, estática e dinâmica, assim, seriam polos potenciais cujo complemento para o entendimento do todo se daria à medida em que não há outro meio de se compreender a transformação a não ser a partir da estrutura, tampouco esta última sem considerar suas mudanças. De acordo com o autor, por fim, estudos dedicados a determinadas modalidades em específico ou, mais especificamente, aos vários subcampos existentes no esporte, como é o caso deste, seriam os responsáveis pelo registro dos efeitos, sempre dinâmicos, resultantes das relações acima descritas.

Em seguida, segundo o autor, seria preciso relacionar esse espaço das modalidades como o espaço social que se manifesta nele a fim de evitar o estabelecimento de relações diretas entre dada prática e um grupo social a ela elencado através do senso comum. O trabalho do sociólogo, assim, consistiria em estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que tornam possíveis com que dada prática apresente afinidade com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social (BOURDIEU, 2004).

Dentre esse sistema de preferências, a relação com o corpo e o modo como ele se encontra nela envolvido seria, em suma, o elemento determinante para a associação de dada prática a uma posição social que, por sua vez, é refletida por uma experiência originária do mundo físico e social. Sendo a maneira de portar o corpo, de se portar e de se comportar definida como a experiência prática com o mundo e expressa através da *hexis* corporal (BOURDIEU, 2014), da solidariedade desta relação entre o corpo e o mundo seriam reveladas, entre e dentre as práticas, seus sinais de distinção. De acordo com Bourdieu (2004, p. 209), “[...] as práticas mais distintivas são também aquelas que asseguram a relação mais distanciada com o adversário, são também as mais estetizadas, na medida em que, nelas, a violência está mais eufemizada, e a forma e as formalidades prevalecem sobre a força e a função”.

Longe de haver uma relação direta, as práticas e a origem social de seus praticantes, adverte o autor, tal correspondência se dá, na verdade, como uma autêntica homologia entre o espaço das práticas esportivas – ou mais precisamente, entre os mais diferentes modos de praticá-la (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008) – e o espaço das posições sociais ocupado pelos sujeitos. Bourdieu (2004, p. 209-210) assim descreve este elo:

É na relação entre esses dois espaços que se definem as propriedades pertinentes de cada prática esportiva. E as próprias mudanças nas práticas só podem ser compreendidas, nessa lógica, na medida em que um dos fatores que as determinam é a vontade de manter, no nível das práticas, a distância que existe entre as posições. A história das práticas esportivas só pode ser uma história estrutural, levando em conta as transformações sistemáticas acarretadas, por exemplo, pelo surgimento de um esporte novo (os esportes californianos) ou a difusão de um esporte existente, como o tênis.

O segundo ponto para a concretização do programa, por sua vez, contempla os primeiros delineamentos necessários para que seja possível se falar em um campo esportivo. Como todos eles, o autor recorda que também o universo do esporte não se dá como um *locus* fechado sobre si mesmo, mas, ao contrário, é relativamente autônomo (BOURDIEU, 1983) ao universo macrossocial das práticas e consumos no qual está inserido. Nesta perspectiva, o consumo esportivo não poderia ser estudado, por exemplo, aquém do consumo alimentar ou do consumo de lazer de seus praticantes, por exemplo. Dito isto, as práticas esportivas encontrariam meios de serem melhor analisadas como a resultante da relação entre uma oferta e uma procura ou, mais precisamente, “[...] entre o espaço dos produtos oferecidos num dado momento e o espaço das disposições (associadas à posição ocupada no espaço social e passíveis de se exprimirem em outros tipos de consumo em relação com um outro espaço de oferta)” (BOURDIEU, 2004, p. 211).

Neste sentido, esforçar-se para construir uma descrição – mesmo que sumária – do conjunto do espaço considerado, seja ele um campo ou subcampo do esporte, de acordo com o autor, constitui-se em um importante princípio metodológico. Do geral ao particular, conhecer como ele se situa no espaço de onde foi destacado e o que o seu funcionamento deve a essa posição é, posto sua parcial autonomia, etapa crucial para que se conheça a fundo um pequeno setor da realidade da qual não se sabe muito, justamente, por não se ter colocado o contexto em questão (BOURDIEU, 2004). Também os próprios trabalhos empíricos que se orientam por este quadro provisório, por mais incompleto que ele seja, têm sua importância à medida em que contribuem para o próprio preenchimento de dado espaço e para a transformação dos estudos que dele se apropriam, visto que estes apresentam intenções radicalmente diferentes quando contam com a sua ausência. Seria esta uma condição primeira, portanto, para a adequada construção de dado objeto sociológico de pesquisa.

Tal esquema teórico, mesmo que inicialmente permaneça em grande parte vazio e que forneça sobretudo algumas prevenções e orientações pragmáticas, incide, no que lhe concerne, sob a maximização das escolhas empíricas e do subsequente rendimento dos estudos que sobre ele se dedicam. Para que esta otimização encontre meios de ocorrer, sugere o autor:

Se, por exemplo, só podendo estudar três esportes, tenho em mente o espaço dos esportes, e hipóteses referentes aos eixos segundo os quais esse espaço se constrói, poderei escolher maximizar o rendimento dos meus investimentos científicos escolhendo três pontos bem afastados no espaço. Ou, então, poderei como fez, por exemplo, Jean-Paul Clément, optar por estudar um subespaço nesse espaço, o subespaço dos esportes de combate, e fazer, nessa escala, um estudo do efeito de estrutura apreendendo a luta, o judô, o aikidô com três pontos de um mesmo subcampo de forças (BOURDIEU, 2004. p. 212).

Bourdieu (2004) previne, ainda, sobre a impressão de realismo objetivista que a referência a um quadro estrutural preliminar à análise empírica pode fornecer. O conjunto das estruturas apreendidas deve ser compreendido, conforme alerta, como produto objetivado das lutas históricas tal como são assimiladas em dado momento do tempo. O universo das práticas esportivas apreendido pela pesquisa estatística, por exemplo, seria senão a resultante da relação entre uma oferta, produzida por toda uma história anterior de modelos e de práticas (com regras, equipamentos, instituições especializadas) e uma procura, inscrita nas disposições dos sujeitos. A própria oferta como se apresenta em dado momento, assim, sendo resultante de uma longa série de relações entre modelos de práticas e disposições para as práticas anteriores.

No epílogo do programa para que uma sociologia do esporte *bourdieusiana* possa se constituir, através de todas as indicações expostas, os meios pelos quais a instauração de um método versátil entre o geral e o particular ou, em outras palavras, entre a visão global e sinóptica e a aproximada visão ideográfica se expressam, assim, em toda a sua dialética no universo do esporte. Nele não há espaço, como já presume o pensamento praxiológico, para antagonismos tais quais a grande visão macrosociológica *versus* a visão microscópica de uma microsociologia, tampouco entre a construção das estruturas objetivas *versus* a descrição das representações subjetivas das práticas dos agentes. Como todas as oposições em forma de “par epistemológico” (BOURDIEU, 2004), tão amplamente combatidas em sua teoria e também no universo do esporte, a arte por excelência do pesquisador residiria, por sua



vez, a partir do momento em que se tenha conseguido investir um problema teórico de grande alcance em um objeto empírico bem construído – a partir do espaço global no qual se situa – e controlável através dos meios disponíveis. Lições, portanto, não só propícias para o estabelecimento de um programa para uma sociologia do esporte, mas, mais amplamente, também para a construção, por parte dos sociólogos, de seus próprios programas empíricos. Em resgate ao apelo de Chartier e Lopes (2002), portanto, levar Pierre Bourdieu às mais diversas especialidades de pesquisa da sociologia cujos temas não foram ou não puderam ser completamente abordados à sua luz, bem como para períodos que não foram historicamente os mais importantes para ele.

Não há razão para supor que o processo de constituição de um campo tome a mesma forma em todos os casos (BOURDIEU, 1978). Cogitar a existência de um possível campo social do esporte, neste sentido, perpassa a investigação histórico-estrutural sobre a sua concepção e, mais do que isso, sobre as formas de organização de suas disputas e sobre aquilo que está em jogo por parte de seus agentes. Espaço condicionante e condicionado pela história social das práticas esportivas (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a), no campo esportivo, o reconhecimento de que cada uma de suas modalidades deve a sua posição relacionalmente umas às outras, cada uma delas sujeita a contextos e influências históricas distintas, representa a dialética entre as visões macrosociológicas e microsociológicas compreendidas entre o campo e seus subcampos.

Disto decorre, por exemplo, o efeito que as modalidades tidas como as mais antigas sejam, por sua vez, reconhecidas como aquelas consideradas também mais “avançadas” neste espaço (BOURDIEU, 1978). A gênese do campo esportivo, bem como uma série de questionamentos sobre as origens do fenômeno social aceito como esporte moderno e, mais especificamente, o momento histórico em que o espaço das práticas esportivas, seus agentes e instituições passaram a configurar este espaço de disputas específico, o campo social do esporte, são todos temas de interesse presentes em “Como é possível ser esportivo?” (BOURDIEU, 1983), texto que se remete a uma de suas conferências acadêmicas.

Realizada em março de 1978 nas dependências do *l’Institut national du sport, de l’expertise et de la performance* (INSEP), a exposição introdutória de Pierre Bourdieu no extinto congresso da *International Association for the History of Physical Education*

(HISPA)<sup>10</sup> origina este texto. Nela, são colocados dois conjuntos de questões que avançam a compreensão das práticas e consumos esportivos oferecidos aos agentes sociais como uma oferta destinada a encontrar certa demanda social, ideia já anteriormente refinada pelo autor em “Programa para uma Sociologia do Esporte” (BOURDIEU, 2004). São elas (BOURDIEU, 1983, p. 136):

Em primeiro lugar, existe um espaço de produção dotado de uma lógica própria, de uma história própria, no interior do qual se engendram os “produtos esportivos”, isto é, o universo das práticas e dos consumos esportivos disponíveis e socialmente aceitáveis em um determinado momento? Segundo, quais são as condições sociais de possibilidade de apropriação dos diferentes “produtos esportivos” assim produzidos, prática do golfe ou do esqui, leitura de jornais esportivos, reportagem televisionada da copa do mundo de futebol? Dito de outra maneira, como se produz a demanda dos “produtos esportivos”, como as pessoas passam a ter o “gosto” pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhes são oferecidos como possibilidade em um dado momento?

Em outros termos, são correntes em tais indagações as preocupações sobre as condições históricas e sociais que tornariam possíveis a possibilidade de um fenômeno social à época aceito como algo óbvio, o “esporte moderno”, e sobre quando, mais precisamente, o sistema de agentes e instituições ligados aos interesses e posições específicas a ele relacionados começariam, por seu turno, a funcionar como um campo de concorrência. Desta hipótese de analisar o esporte como um campo e, por isto, relativamente autônomo, segue-se que não seria possível compreender diretamente o fenômeno esportivo num dado momento, num dado ambiente social, colocando-o em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades pelas quais corresponde (BOURDIEU, 1983).

Nesta lógica, uma das tarefas mais importantes da história social do esporte, área da qual pertenciam a maioria dos estudiosos a quem o autor discursava, poderia ser a fundação da própria genealogia da aparição deste objeto como realidade específica irreduzível a qualquer outra, estabelecendo, pois, a partir de quando, ou melhor, de que conjunto de condições sociais se pode falar de esporte em oposição ao simples jogo. Em

---

<sup>10</sup> Hoje aliada ao *International Committee for the History of Physical Education and Sport* (ICOSH), cuja fusão, desde 1989, deu origem à atual *International Society for the History of Physical Education and Sport* (ISHPES) (INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE HISTORY OF PHYSICAL EDUCATION AND SPORT, 2016).

outras palavras, de como se deu a constituição deste espaço de disputas, com suas lógicas e práticas próprias, por sua vez definidas no curso de uma história singular e que só podem, portanto, ser compreendidas a partir desta mesma história. Afinal, “a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica” (BOURDIEU, 1983, p. 137).

Saber a partir de que momento se pode falar em esporte, em uma leitura *bourdieusiana*, não se trata do estabelecimento de uma data precisa e tampouco tem a ver com uma mera questão acadêmica de definição. Para o autor, é possível se falar em esporte a partir da constituição de um campo de concorrência no interior do qual ele aparece como prática específica, incapaz de ser reduzida a um simples jogo ritual ou divertimento festivo.

A aparição do fenômeno social que se apresentava ao autor, a configuração até então moderna do esporte, seria, assim, correlativa de uma progressiva ruptura com os jogos praticados pela sociedade pré-capitalista, atividades a ele consideradas ancestrais. Parte desta premissa a crítica do autor aos estudos que designam estas práticas como pré-esportivas, uma vez que, de acordo com o seu ponto de vista – vide outras obras que consideram uma continuidade do esporte como fenômeno sociocultural que perpassou diferentes civilizações, mesmo com sentidos e lógicas de organização consideravelmente distintos, como Guttman (1978) –, só seria possível falar em modalidades propriamente esportivas à medida que a própria aparição das mesmas se desse de forma contemporânea à constituição do campo de produção dos produtos esportivos.

Pela lógica específica do campo esportivo, assim, seria possível determinar como alguns exercícios físicos pré-existentes passaram a receber um significado e uma função radicalmente novos até tornarem-se modalidades definidas por seus objetos de disputas, regras de jogo e, concomitantemente, também pela qualidade social de seus participantes, sejam eles definidos como praticantes ou espectadores (BOURDIEU, 1983).

A passagem do jogo ao esporte propriamente dito realizou-se através da retomada destes últimos pelos filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia nas *public schools* inglesas, grandes escolas reservadas às elites. A imposição da mudança de significado e de função que transitou da vulgaridade destes jogos às suas

novas formas eruditas, complementarmente, veio acompanhada da segregação das ocasiões sociais ordinárias às quais estes permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e das funções sociais (*a fortiori*, religiosas) que lhe eram impostas, caracterizando os recém-concebidos exercícios corporais da elite. A escola, tida como o lugar da *skhole*, do lazer, foi o lugar onde as práticas funcionalistas e simbólicas de rituais integrados ao calendário coletivo foram convertidas, naquilo que lhes concerne, em uma espécie de arte pela arte corporal, submetidas à regras específicas através de um calendário igualmente exclusivo, cada vez mais irredutíveis à quaisquer necessidades funcionais (BOURDIEU, 1983).

“Lugar por excelência do exercício chamado gratuito e onde se adquire uma disposição distante e neutralizante em relação ao mundo social” (BOURDIEU, 1983, p. 139), a escola seria a responsável por inculcar nos jovens a mesma relação burguesa implícita, assim com o corpo, também com a arte e com a linguagem. O uso do corpo feito pela ginástica, por exemplo, está para o uso escolar da linguagem, isto é, feito dele mesmo o seu fim. O que é adquirido na e pela experiência escolar, nesta lógica, seriam as inclinações à atividade para nada, dimensão do *ethos* desinteressado e distante dos interesses materiais próprios das elites burguesas e ao *fair play*, maneira de jogar o jogo daqueles que por ele não se deixam levar a ponto de se esquecer que este é apenas um jogo (BOURDIEU, 1983).

A afirmação da autonomia relativa do campo esportivo caminhou *pari passu* com o ganho de reconhecimento de um corpo de dirigentes especializados (ditos *governing bodies*) e recrutados, pelo menos em sua origem, entre os *old boys*, isto é, veteranos e ex-alunos das *public schools* inglesas. Compondo grupos facultados à autoadministração e regulamentação das práticas esportivas pelas suas tradições históricas ou garantidas pelo Estado, a estes organismos foram investidos os direitos de fixar as normas de participação nas competições, de exercer – sob o controle dos tribunais – um poder disciplinar (exclusões, sanções, entre outros) para que se desse o cumprimento das regras por eles editadas e, ademais, de conceder títulos específicos a jogadores, treinadores e dirigentes. Tal processo de racionalização das práticas, assim, assegurou a previsibilidade e a calculabilidade necessárias para a aplicação universal de regras fixas que pudessem transcender as diferenças e particularismos regionais. Conjuntura imperativa, portanto, em um momento em que as trocas esportivas amplamente se difundiam entre as instituições escolares e, posteriormente, de forma mais geral também entre as várias regiões inglesas (BOURDIEU, 1983).

Das escolas de elite às associações de massa, acompanhou a popularização do esporte a mudança das expectativas e exigências dos novos agentes deste campo frente à prática que lhes era apresentada. Demarcadas pelo efeito de apropriação social dos sujeitos (BOURDIEU, 2004), cada uma das modalidades foi, objetivamente, definida por um conjunto de propriedades não necessariamente inscritas na definição puramente técnica que orienta as suas escolhas. Ainda que uma modalidade esportiva se defina por suas propriedades intrínsecas e pelos limites de seus usos sociais, por uma segunda via, seria preciso considerar que, como prática de consumo, ela se encontra sujeita a uma diversidade de apropriações. A cada momento, inclusive, sendo orientada pelo uso dominante que lhe é feito. Nesta perspectiva, Bourdieu (2004, p. 214) esboça um modelo geral para a compreensão das práticas esportivas como práticas de consumo e, portanto, interpretadas através do encontro entre dada oferta e procura específicas:

Assim, a distribuição diferencial das práticas esportivas resulta do estabelecimento de uma relação entre dois espaços homólogos, um espaço das práticas possíveis, a oferta, e um espaço das disposições a serem praticadas, a procura: do lado da oferta, temos um espaço dos esportes entendidos como programas de práticas esportivas, que são caracterizadas, em primeiro lugar, em suas propriedades intrínsecas, técnicas (isto é, em particular, as possibilidades e sobretudo as impossibilidades que eles oferecem à expressão das diferentes disposições corporais), e, em segundo lugar, nas suas propriedades relacionais, estruturais, tal como se definem em relação ao conjunto dos outros programas de práticas esportivas simultaneamente oferecidas, mas que só se realiza plenamente num dado momento, recebendo as propriedades de apropriação que sua associação dominante lhes confere, tanto na realidade como na representação, através dos participantes modais, em relação a uma posição no espaço social; por outro lado, da parte da procura, temos um espaço das disposições esportivas que, enquanto dimensão do sistema de disposições (do *habitus*), estão relacionalmente, estruturalmente, caracterizadas, como as posições às quais elas correspondem, e que num dado momento são definidas na particularidade de sua especificação pelo estado atual da oferta (que contribui para produzir a necessidade, apresentando-lhe a possibilidade efetiva de sua realização) e também pela realização da oferta no estado anterior.

Em síntese, a mesma definição técnica e intrínseca de uma prática esportiva será responsável, em um nível disposicional, por uma elasticidade semântica que disponibiliza usos e sentidos que podem ser a ela totalmente diferentes e, por vezes, até opostos. Associadas às diferentes posições no espaço social, assim, as disposições encontrariam, também nas práticas esportivas, um meio para serem expressas. Mesmo que, às vezes, sob a forma de oposições ínfimas e imperceptíveis sem as quais não se

pode analisar na ausência de categorias de percepção adequadas, as mesmas pelas quais o campo se organiza em determinado momento.

Nesta lógica, é prudente se reconhecer que o sentido dominante, isto é, aquele atribuído pelos grupos sociais dominantes em dada prática – numérica ou socialmente –, também, ele próprio, pode mudar. Com frequência, por este passo, a conferência de sentidos distintos a uma mesma modalidade esportiva pode opor, em distinção, a distribuição dos sujeitos quanto ao seu uso legítimo, o bom uso determinado pelas maneiras mais adequadas de exercitá-la. Não seria de se estranhar, assim, que qualquer programa de práticas esportivas – sejam elas a corrida, a natação, o tênis, o judô, o xadrez, entre outras – se encontre, em um primeiro momento, sempre polissêmico e inconcluso porque o seu pleno valor semântico só encontra meios de se dar através da apropriação social que dele fazem os agentes, em um segundo momento (BOURDIEU, 1978).

Enquanto que para uma visão sincrônica destes programas parece ser diretamente possível relacionar as disposições inscritas nos ocupantes de uma determinada posição social (podendo ser um exemplo o vínculo entre a prática do xadrez pelas classes dominantes), uma visão diacrônica deste mesmo programa teria a seu favor um saudável relativismo entre as diferentes representações que uma prática pode assumir, “[...] como se o mesmo objeto oferecido pudesse ser apropriado por agentes dotados de disposições muito diversas, em suma, como se qualquer um pudesse se apropriar de qualquer programa e qualquer programa pudesse ser apropriado por qualquer um” (BOURDIEU, 2004, p. 216). As reviravoltas inscritas na elasticidade semântica das práticas, neste sentido, têm princípios que não apenas podem ser explicados pela lógica da distinção, mas pelas disposições socialmente constituídas que a reação dos novatos, tidos como novos intérpretes, introduzem no campo. Em metáfora entre o esporte e a música, Bourdieu (2004, p. 215) assim os ilustra:

Num dado momento, um esporte é um pouco como uma obra musical: uma partitura (uma regra do jogo, entre outras), mas também interpretações concorrentes (e todo um conjunto de interpretações do passado sedimentado); e é com tudo isso que cada novo intérprete se defronta, mais inconsciente do que conscientemente, quando propõe “sua” interpretação (BOURDIEU, 2004, p. 215).

A compreensão das novas configurações com que se apresentavam as disposições esportivas, distantes da gratuidade e do *fair play* originais, assim, eram

representativas de uma das únicas vias de ascensão social possíveis para os jovens pertencentes às frações dominadas: a carreira esportiva. Depreende-se daí o fato de que, relacionalmente, esta mesma carreira era praticamente excluída do campo das trajetórias admissíveis para uma juventude burguesa, estando à parte modalidades cujo diletantismo faz da profissão o seu próprio prêmio, como são os casos do tênis e do golfe.

Duplamente desfavorecidos por suas condições sociais e de gênero, assim, para estes jovens o mercado esportivo estaria para o capital físico dos meninos como os concursos de beleza – e as profissões as quais eles dão acesso – estariam para o capital físico das meninas (BOURDIEU, 1983). Em uma escala maior, é preciso lembrar que, inicialmente, o desenvolvimento do esporte – mesmo entre os jovens das classes dominadas – se deveu, antes da sua função de formar o caráter segundo a crença vitoriana disseminada entre as *public schools*, à compreensão por parte destas mesmas instituições deste fenômeno como um instrumento para ocupar a menor custo os jovens que se encontravam sob a sua responsabilidade em tempo integral.

Vigorava a suposição, assim, de que através do esporte os alunos poderiam ser facilmente vigiados, dedicando-se a uma atividade sadia e capaz de direcionar a violência neles contida aos seus próprios pares ao invés de, por outro lado, descarregá-la contra as suas respectivas instalações ou corpo de professores (BOURDIEU, 1983). Nesta mesma linha de pensamento, Bourdieu (2004) tece instigantes reflexões sobre uma possível teoria da crença entre esta compreensão que se faz do uso do corpo nas práticas corporais e o que em francês compreende-se por *esprit de corps*. Se a maioria das organizações, seja a escola, a igreja, o exército, os partidos, as indústrias, dentre outras, dão tanta abertura às disciplinas corporais, segundo o autor, deve-se ao fato de que a crença se faz como aquilo que o corpo admite mesmo quando o espírito diz não, sendo, nesta lógica, a obediência uma expressão da própria crença.

Na ponderação do que o esporte tem de mais específico, a manipulação regrada do corpo, ainda sublinha, residiria o seu uso para a obtenção da adesão corporal àquilo que o espírito poderia recusar, uso pretendido por uma maioria de instituições totais como os conventos, as prisões, os asilos, os partidos, dentre outras. Promissoras, tais considerações contribuiriam para explicar, assim, “o lugar destinado por todos os regimes de caráter totalitário às práticas corporais coletivas que, simbolizando o social, contribuem para somatizá-lo e que, pela *mimesis* corporal e coletiva da orquestração social, visam reforçar essa orquestração” (BOURDIEU, 2004, p. 220).

Visto que “o esporte, como toda prática, é um objeto de lutas entre frações da classe dominante e também entre as classes sociais” (BOURDIEU, 1983, p. 142), a constituição do campo esportivo foi, de maneira suplementar, também acompanhada da elaboração de uma filosofia política deste fenômeno. Foi e ainda é, sem dúvida, através da divisão que faz entre profissionais, virtuosos de exotéricas técnicas e amadores, reduzidos ao papel de meros consumidores, que o esporte produz efeitos políticos decisivos sob a forma de estruturas profundamente enraizadas através da consciência coletiva (BOURDIEU, 1978). Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo, assim, faz do esporte uma prática desinteressada e conveniente para a afirmação de virtudes tais como a coragem, a virilidade e a vontade de vencer conforme as regras, caráter primeiro do *fair play*, entendido como uma disposição cavalheiresca e em tudo oposta à busca desmedida e vulgar pela vitória (BOURDIEU, 1983). Sobre o que segue desta luta, se estende o autor:

O esporte não é a única área em que as pessoas comuns são reduzidas a fãs, a forma caricatural extrema do militante, condenado a uma participação imaginária que é apenas uma compensação ilusória pela desapropriação que sofrem em proveito dos especialistas (BOURDIEU, 1978, p. 230).

Os determinantes da passagem do esporte como prática de elite, reservada aos amadores, até o espetáculo esportivo destinado ao consumo de massa e produzido por profissionais deve contemplar, no interior do espaço de produção de bens e serviços esportivos, a análise do conjunto desenvolvimento de uma indústria do espetáculo esportivo. Submetida às leis de rentabilidade, assim, a busca pela maximização da eficácia no esporte foi mensurada através da constatação de vitórias, títulos ou recordes. Neste sentido, os interesses e valores que os praticantes oriundos das frações populares e médias traziam consigo foram harmônicos, tanto do ponto de vista da racionalização com que encaravam seus treinamentos quanto do modo de execução da própria modalidade, às exigências correlatas ao processo de profissionalização que se instaurava no campo (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998; MARQUES, 2009).

A consequência da progressão de duas formas distintas do mesmo fenômeno, o espetáculo e a prática, culminou no aumento contínuo da ruptura entre profissionais e amadores do esporte, estes últimos alocados no espaço dominado desta relação de forças. Tal vertente se contrapõe, assim, à visão do profissionalismo como prática popular não legitimada, ligada à busca pela vitória a todo custo no período de gênese do



esporte moderno (BOURDIEU, 1983). A desposseção dos capitais simbólicos valorizados no campo confere, aos amadores, o mero papel de espectadores para que o protagonismo estrelado pelos profissionais encontre condições de se dar (BOURDIEU, 2004). Quanto mais superficial for esta percepção, menos o *habitus* amador encontrará prazer no espetáculo contemplado em si e para si mesmo e mais se satisfará, em outra via, pelo culto ao virtuosismo e ao sensacionalismo da prática esportiva. Disposição atraída muito mais pelo suspense e pela ansiedade quanto ao resultado do espetáculo, assim, tal postura é encorajadora, similarmente, à procura pela vitória a todo custo por parte dos jogadores e, principalmente, dos organizadores destes eventos. Em outras palavras, tudo parece sugerir que a extensão do público entre o círculo amadorístico é responsável, veladamente, pelo reforço do já predominante reinado profissional (BOURDIEU, 1978) no campo esportivo. Nascido dos jogos realmente populares, isto é, produzidos pelo povo, em resumo, é possível dizer que o esporte retornou ao povo, desta vez, sob a forma de espetáculo produzido para um povo cuja fração, em parte, se encontra a ele submisso (BOURDIEU, 2004).

“Lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa” (BOURDIEU, 1983, p. 142), o campo esportivo está, para além destas, também substanciado pela tônica entre as dicotomias presentes na definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo. Nelas, encontram-se opostos não só os agentes que se ocupam dos bens e serviços esportivos, mas os moralistas (e, particularmente, o clero), os higienistas e, em um sentido mais amplo, por lidarem sempre com corpos indissociavelmente compostos pelo físico e pelo intelecto, opõem-se, também, todos os educadores.

Mais especificamente, no que se refere aos processos educativos que envolvem as práticas corporais e, nelas contidas, as esportivas, por uma angustiante ortodoxia do campo, há neles perdurados antagonismos tais como a teoria *versus* a prática e a linguagem *versus* o corpo. Sendo o corpo naquilo que tem de mais natural em sua aparência, isto é, nas dimensões de sua conformação visível, um produto social (BOURDIEU, 2014), “como ensinar a alguém, isto é, a seu corpo, a corrigir seu gesto?” (BOURDIEU, 2004, p. 218). Através desta indagação, o autor considera os problemas inerentes ao ensino das práticas corporais como um conjunto de questões teóricas de importância capital não só para o campo da Educação, da Educação Física ou do

Esporte, mas, sobretudo, igualmente fundamental para as Ciências Sociais. À medida em que a construção das condutas sociais se produz, em sua grande maioria, aquém da consciência humana, através desta leitura seria possível apreendê-las como comunicações silenciosas e práticas, definidas invariavelmente pelo corpo a corpo. De acordo com o autor, seria a Pedagogia – e, em analogia ao campo esportivo, a Pedagogia do Esporte – portanto, o terreno por excelência para a colocação desta problemática que é, geralmente, exposta no solo da política: o problema da tomada de consciência.

Neste sentido, o autor adverte que há um modo de compreensão com o corpo totalmente particular e que é, por isto, de oportuno modo esquecido, por exemplo, por teorias como as da inteligência. Aquém da consciência humana haveria, assim, uma infinidade de coisas possíveis de serem compreendidas somente com o corpo, sendo inexistentes as palavras possíveis de exprimi-las. No que se segue desta linha de raciocínio, seria, então, possível compreender o esporte como uma destas práticas silenciosas (BOURDIEU, 2007). Por sua vez, o silêncio dos esportistas estaria contido, conclui o autor, através da condição de não se contar com um profissional da explicitação e, justamente pela obscuridade proporcionada pela ausência de um professor guiado pelos direcionamentos pedagógicos no esporte, não se compreender o fato de que há, neste fenômeno, coisas pelas quais não se sabe dizer e práticas cuja compreensão se dá como estritamente corporal (BOURDIEU, 2004).

De Bourdieu à Pedagogia do Esporte ou, mais precisamente, de uma abordagem *bourdieusiana* desta disciplina ao entendimento dos processos de socialização pelos quais o capital simbólico esportivo pode ser incorporado, fecundas lições: a compreensão de que o ensino das práticas esportivas deve se dar através de passos conjuntos entre a teoria e a prática; a compreensão de que o corpo é, antes das próprias práticas, também um instrumento de linguagem; a compreensão de que, portanto, não só dizem as práticas esportivas e os modos pelos quais estas são praticadas, mas, e primeiramente, diz a *hêxis* corporal; a compreensão de que, como qualquer pedagogia, sobretudo esta deve se ocupar das explicitações, entendidas como o desvelar de mecanismos ocultos que permeiam o esporte. Por fim, a lição de que, se é possível analisar o esporte apenas em seus aspectos pedagógicos, é no complemento de seus aspectos socioculturais que o alargamento sobre a compreensão deste fenômeno se faz.

Entre as disputas vinculadas ao campo esportivo, além dos já mencionados dualismos entre esporte-prática e esporte-espetáculo, esporte de elite e esporte de massa,

amadorismo e profissionalismo, esporte de lazer e esporte de competição, há, ainda, aquelas que se referem aos hábitos esportivos, classe particular de usos possíveis do corpo geralmente manifestas em seus subcampos. Encontrar-se-iam ainda opostas, assim, as modalidades de contato direto e aquelas praticadas à distância, as modalidades que requerem maior atividade intelectual e menor dispêndio físico e aquelas que solicitam o maior uso da força e menor capacidade de reflexão (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a). Filosofias do uso do corpo, de acordo com Bourdieu (1983, p. 142), carregadas por algumas invariantes transistóricas:

(...) Penso, por exemplo, na oposição, do ponto de vista da definição do exercício legítimo, entre profissionais da pedagogia corporal (professores de ginástica, entre outros) e médicos, isto é, entre duas formas de autoridade específica (“pedagógica”/“científica”) ligada a duas espécies de capital específico, ou ainda na oposição recorrente entre duas filosofias antagônicas sobre o uso do corpo, uma mais ascética que, nesta espécie de aliança de palavras que é a própria expressão “Educação Física”, coloca a ênfase na educação, no *anti-physis*, na contra natureza, no esforço, na correção, na retidão, e a outra, mais hedonista, que privilegia a natureza, a *physis*, reduzindo a educação do corpo, a Educação Física, a uma espécie de “*laisser-faire*” ou de retorno ao “*laisser-faire*”, como faz atualmente a expressão corporal que ensina a desaprender as disciplinas e as contenções inúteis, impostas, entre outras coisas, pela ginástica comum.

No que se refere à escolha das práticas pelos agentes, a orientação em direção ao polo ascético ou hedonista dependeria, em grande parte, do estado das relações de força entre dominantes e dominados nas lutas pela definição do corpo legítimo e dos usos legítimos do corpo. A relação com o corpo, assim, além da busca pela distinção, denota uma dimensão privilegiada do *habitus* que distingue as classes populares daquelas mais privilegiadas. Nestas últimas define, ainda, as frações mais ou menos distintivamente classificadas em seu privilégio de acordo com o estilo de vida (BOURDIEU, 2003; BOURDIEU, 2007b).

A relação com o corpo e a estilização da vida, assim, podem ser vistos claramente em pelo menos dois pontos opostos de um mesmo *continuum*: de um lado, o corpo como objeto de práticas cuja relação é instrumental pelas classes populares, seja pela demanda de um grande investimento de seus esforços, às vezes de dor e sofrimento (como no boxe) como, em certos casos, pela exigência de que o próprio corpo seja

colocado em jogo (como na ginástica acrobática); oposta, a inclinação das classes privilegiadas tende a tratar o corpo como fim em si mesmo, configuração perceptível da aparência traduzida pelo culto higienista à forma e ao físico, isto é, ao corpo-para-outrem. Tudo parece indicar, neste sentido, que a preocupação com a cultura corporal advém, em sua forma mais elementar, de uma exaltação ascética do treinamento pelo próprio treinamento associada mais frequentemente às classes médias. Visível também nas relações entre pais e filhos – e em outras que, de um modo geral, tocam à pedagogia da transmissão das expressões corporais –, nelas também a moral burguesa privilegia o liberalismo educacional em detrimento, por exemplo, de formas de transmissão carregadas por certo rigor e repressividade em suas relações (BOURDIEU, 1983).

Decorre destes sistemas de classificações e dicotomias presentes neste campo social que “o esporte é uma dessas práticas classificadas, classificantes e classificadoras” (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a, p. 308). E isto porque, em sua configuração moderna, demonstrou-se perfeitamente complacente à lógica pela qual se estruturavam os agentes e a organização do espaço social, conferindo um estilo de vida distintivo aos seus consumidores e praticantes. Do mesmo modo, os produtos e bens culturais atrelados direta ou indiretamente à indústria esportiva definem, por si, posições distintivas e passíveis de serem identificadas por agentes munidos pelo senso de percepção e apreciação para tal requisitado. E isto essencialmente porque o esporte e os bens culturais a ele correlatos tratam-se de práticas objetivamente classificadas e com potencialidade a serem convertidas em práticas classificadoras, isto é, à expressão do lucro simbólico de dada condição de classe (SOUZA; MARCHI JÚNIOR, 2010a).

Para construir completamente o espaço dos estilos de vida no interior dos quais se definem os consumos culturais, de acordo com Bourdieu (2007), convém estabelecer a fórmula geradora do *habitus* para cada classe e fração de classe, de modo a retraduzir, em um estilo de vida particular, as suas necessidades e facilidades características. Investigadas as condições de existência relativamente homogêneas destas classes, há de determinar o modo como as disposições do *habitus* se especificam e realizam a opção por uma outra das possíveis estilísticas oferecidas para cada campo, seja ele o do esporte, o da música, o da política, o da linguagem ou quaisquer outros.

Na sobreposição destes espaços homólogos poderia se obter, segundo o autor, uma representação rigorosa do espaço dos estilos de vida que caracterizam cada um dos traços distintivos – a prática do xadrez, por exemplo – sob duas relações em que eles se definem objetivamente: por um lado, em relação ao conjunto dos traços constitutivos do

domínio considerado no interior do qual ele assume o seu valor distintivo – no caso do xadrez, o sistema composto pelo conjunto do campo esportivo – e, por outro, em relação ao conjunto dos traços constitutivos de um estivo de vida particular – o estilo erudito ou popular de praticá-lo, no mesmo exemplo – no interior do qual sua significação social é determinada (BOURDIEU, 2003). Finalizada a construção deste espaço, Bourdieu (2007, p. 197) complementa:

Assim, por exemplo, para cada novo recém-chegado, o universo das práticas e dos espetáculos esportivos apresenta-se como um conjunto de escolhas previamente determinadas e de possibilidades objetivamente instituídas – tradições, regras, valores, equipamentos, técnicas, símbolos – que recebem sua significação social do sistema constituído por elas e que ficam devendo, em cada momento, uma parcela de suas propriedades à história.

As variações do significado e da função que as diferentes classes sociais atribuem às modalidades esportivas, desta maneira, relacionam-se não só aos fatores que tornam mais ou menos possível assumir seus custos econômicos e culturais, mas à percepção e apreciação dos lucros, imediatos ou futuros, que se considera que estas práticas podem proporcionar.

Principalmente nas modalidades consideradas mais distintivas, o esporte carrega em muito ainda a marca de suas origens: como pressupõe a ideologia aristocrática, sendo uma atividade desinteressada e gratuita, particularmente perpetuada em seus próprios rituais de celebração. Não é por acaso que, por um efeito de histerese, ainda hoje “a maior parte dos clubes mais seletos, isto é, mais seletivos, são organizados em torno de atividades esportivas que servem de ocasião ou de pretexto para encontros seletivos” (BOURDIEU, 1983, p. 143) ou que, não obstante, “a imagem ‘aristocrática’ de modalidades tais como o tênis ou a equitação, sem falar do golfe, pode sobreviver à transformação – relativa – de suas condições materiais do acesso” (BOURDIEU, 2007, p. 197).

Entre as práticas consideradas mais populares, isto é, cujas condições de acesso e precocidade parecem ser mais ou menos igualmente repartidas e cuja exigência é praticamente mínima quanto aos capitais econômicos, culturais e mesmo físicos, tudo permite supor que a lógica da distinção contribui, juntamente com o tempo livre pelo qual dispõem estes sujeitos, para a compreensão do modo como nelas se distribuem as classes sociais. À medida em que se sobe na hierarquia social, a estilística mantém delas

afastados os membros das classes dominantes através de preocupações para eles legítimas tais como a não contemplação de determinados critérios de distinção e a falta de gosto (BOURDIEU, 1983). Julgamentos, como se vê, essencialmente arbitrários.

Em contraponto, Bourdieu (1978) complementa que para entender como as modalidades mais distintivas – como o golfe, o tênis ou até como parece ser o caso do xadrez – distribuem-se entre as classes sociais e, sobretudo, entre as frações das classes dominantes, é insuficiente ponderar apenas as variações dos capitais econômicos e culturais, além do tempo livre destes agentes. Em primeiro lugar porque, não menos que os obstáculos econômicos, conformam-se para estes sujeitos os mais bem dissimulados direitos de entrada, tais como a tradição familiar e a aprendizagem precoce, além de outros como a obrigatoriedade de certas vestimentas, a atitude – no duplo sentido de conduta digna e de maneira correta – e as técnicas de sociabilidade de praxe “que interditam estas modalidades às classes populares e aos indivíduos em ascensão das classes médias ou superiores e que os classificam entre os mais seguros indicadores (juntamente com os jogos chiques de sociedade, tais como o xadrez e, sobretudo, o bridge) da antiguidade na burguesia” (BOURDIEU, 2007, p. 205). Em segundo lugar, porque os obstáculos econômicos, apesar de definirem o campo daquilo que é ou não possível aos agentes, não necessariamente determinam uma orientação positiva destes mesmos sujeitos por esta ou aquela forma particular de prática. Em resumo:

Todos os traços percebidos e apreciados pelo gosto dominante encontram-se reunidos por esportes, tais como golfe, tênis, iatismo, equitação (ou jumping), esqui (sobretudo, em suas formas mais distintivas, como o esqui de fundo), esgrima: praticados em espaços reservados e separados (clubes privados), em horário determinado pelo praticante, sozinho ou com parceiros escolhidos (ou seja, outros tantos traços opostos às disciplinas coletivas, aos ritmos obrigatórios e aos esforços impostos dos esportes coletivos), mediante um dispêndio corporal relativamente reduzido e, de qualquer modo, livremente determinado, apesar de exigir um investimento relativamente importante – e tanto mais rentável quanto mais precoce tiver sido – em tempo e em esforços de aprendizagem específica (e que se torna relativamente independentes das variações do capital corporal e de seu declínio com a idade), eles dão lugar apenas a competições altamente ritualizadas e regidas, para além dos regulamentos, por leis não escritas do *fair play*: a troca esportiva assume aí o aspecto de uma troca social altamente controlada, excluindo qualquer violência física ou verbal, qualquer uso anômico do corpo (gritos, gestos desordenados, entre outros) e, sobretudo, qualquer espécie de contato direto entre os adversários (muitas vezes, separados pela própria organização do espaço de jogo e diferentes rituais de abertura e de encerramento) (BOURDIEU, 2007, p. 204).

Pelo fato de que os agentes apreendem os objetos e, dentre eles, as práticas esportivas, através dos esquemas de percepção e de apreciação que caracterizam seus *habitus*, não seria de se esperar que o mesmo sentido fosse conferido à mesma prática ou mesmo à forma de se praticá-la por sujeitos distintos em sua heterogeneidade (BOURDIEU, 2007). As disposições para o esporte, elas mesmas uma dimensão particular da relação que os sujeitos têm com o corpo encontram, no *habitus*, a base pela qual os estilos de vida são gerados.

Considerando o corpo como objeto inerente às práticas esportivas – e, por excelência, o agente sintetizador de tudo aquilo que pode ser incorporado – mais do que qualquer outra, seria um erro estudá-las sem que haja o seu posicionamento no universo das demais práticas correlatas. Principalmente porque, como origem em comum, todas elas têm o sistema de gostos e preferências constituído pelo *habitus* de classe (BOURDIEU, 2007). Nesta conjectura, os ganhos específicos esperados pela prática do esporte são, primeiramente, corporais. De modo algum, entretando, discutíveis ao nível de serem reais ou imaginários, visto que para isto basta que sejam ganhos pelos sujeitos visados. Como lei geral, assim, poderia se estabelecer que as maiores probabilidades de adoção de uma determinada modalidade pelos membros de dada classe social se dão conforme não haja a sua contradição com a “relação com o corpo no que este tem de mais profundo e de mais profundamente inconsciente, ou seja, o esquema corporal enquanto depositário de uma verdadeira visão do mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa e do próprio corpo” (BOURDIEU, 2007, p. 205).

Além dos efeitos sobre o corpo, há de serem considerados os ganhos extrínsecos que elas podem proporcionar, tais como as relações sociais estabelecidas ou fortalecidas mediante a prática esportiva e as vantagens econômicas e sociais que delas podem advir. No que se segue da variedade esperada pelos seus ganhos, o sentido das práticas esportivas está, adicionalmente, tão associado à sua antiguidade, à frequência, às condições em que ela se realiza e à maneira de realizá-la que, apesar de haver casos cujo desígnio de sua forma dominante não é equívoco, não se tem o direito de cientificamente supor, por todos os motivos acima explicitados, que as mesmas expectativas sob a prática possam se dar por classes sociais tão desigualmente repartidas.

O fato de que estas mesmas práticas tenham conseguido, em momentos distintos e apesar da mudança de seu sentido e função, atrair públicos aristocráticos ou populares,

serve de alerta contra a tentação de se encontrar, na própria “natureza” destas práticas, a única explicação completa de si. Sobre isto, adverte o autor:

Somente uma análise metódica das variações da significação e função atribuídas a diferentes práticas esportivas poderia permitir, por um lado, escapar às “tipologias” abstratas e formais baseadas – essa é a lei do gênero – na universalização da experiência concreta do pesquisador e, por outro, construir a tabela dos traços sociologicamente pertinentes em função dos quais os agentes se determinam (consciente ou inconscientemente) na escolha de suas práticas esportivas (BOURDIEU, 2007, p. 198).

As práticas das diferentes frações de classe tendem a distribuir-se, ainda, segundo uma série de oposições parcialmente redutíveis umas às outras. Não por acaso, a título de exemplo, os princípios de divisão adquiridos pela classe dominante oscilam entre oposições tais quais os mais afortunados economicamente e os mais bem providos de capital cultural, os herdeiros e os novos ricos, os velhos e os mais jovens, dentre outras.

Ao nível das práticas, tais polarizações se materializam sob a forma das modalidades mais dispendiosas e as mais distintivas e entre as maneiras mais dispendiosas e as mais polidas de se praticá-las, por um lado e, por outro, sob as modalidades menos dispendiosas e as maneiras mais rudes de praticar os esportes chiques, entre as modalidades “viris” com exigência de um elevado investimento energético e aquelas mais “introvertidas”, voltadas para a expressão de si ou, mesmo e mais atualmente, aquelas consideradas “cibernéticas”, cujo elevado investimento cultural demanda, por outro lado, um investimento energético relativamente reduzido (BOURDIEU, 2007). A elas acrescida, e de forma mais marcada, está ainda a oposição entre a prática do esporte e o simples consumo do espetáculo esportivo.

De acordo com Bourdieu (1983), com base em dados e observações da sociedade francesa das décadas de 1960 e 1970, a possibilidade de se praticar um esporte na idade adulta decresce nitidamente à medida em que se desce na hierarquia social enquanto que, em contrapartida, a probabilidade de assisti-lo pela televisão igualmente decresce à medida em que se sobe na hierarquia social. Metaforicamente, como se fossem os membros das classes dominantes, portanto, os astros de suas próprias práticas, entendidas como uma espécie de espetáculo particular. Em uma análise mais fina da relação entre as práticas esportivas e a idade, é possível afirmar que



ela se faz de maneira mais complexa pelo intermédio da intensidade do esforço exigido e da disposição em relação a este esforço, dimensão do *ethos* de classe.

Novamente, aqui, se faz necessária uma distinção sobre como esta relação se manifesta, ao menos, em dois pontos extremos do *continuum* das práticas esportivas. Às modalidades “populares”, frequentemente associam-se propriedades ligadas à juventude, período de moratória e elevado gasto energético, além do abandono precoce desta mesma prática, geralmente, relacionado a uma descontinuidade da relação esportiva promovida pela entrada na vida adulta. Em contrapartida, às modalidades “burguesas”, associam-se propriedades relacionadas às suas funções de manutenção física e lucro social, tendo em comum o fato da idade limite se prolongar para além da juventude e, talvez, tanto mais adiante quanto maior o seu prestígio e exclusividade tiverem (BOURDIEU, 1983).

Em uma leitura *bourdieusiana*, assim, o sistema das práticas e dos espetáculos esportivos que se oferece à escolha dos agentes em dado momento pode ser aquele que se predispõe a exprimir todas as diferenças sociológicas a ele pertinentes, já que, sem o saber e intuídos por seus *habitus*, os próprios agentes seriam os responsáveis por acusar a correspondência entre si e suas práticas, reconhecendo-se a si e a todos aqueles que nela também se reconhecem, os seus semelhantes. Contando com as possibilidades objetivadas da prática, assim como em todos os domínios, também no esportivo a apropriação deste fenômeno se dá como um dos pretextos para uma disputa entre as classes, tornando estas mesmas possibilidades classificadas e classificadoras, hierarquizadas e hierarquizantes (BOURDIEU, 2007).

A transformação das práticas e dos consumos esportivos, assim, deve ser buscada nos princípios que tangem a relação entre o oscilar de suas ofertas e demandas: as transformações da oferta engendradas nas lutas pela imposição da legitimação da prática esportiva e pela conquista de seus praticantes, disputas que diferem entre as modalidades e, no interior de cada uma delas, entre suas tradições ou, ainda, entre as categorias de agentes engajados nestas concorrências; as transformações da demanda apresentando-se como uma dimensão da transfiguração dos estilos de vida, por sua vez guiados pelas leis gerais do espaço social considerado (BOURDIEU, 1983). Definida no encontro entre as possibilidades oferecidas pelos diferentes estados do sistema esportivo e as disposições socialmente diferenciadas que nele se encontram – associadas ao volume e estrutura de seus capitais e do qual são, quase completamente, o produto segundo a trajetória que permite a sua concretização –, a distribuição dos bens e das

práticas esportivas tem, nesta análise, subsídios para a compreensão daquilo que define, em sua propensão, a aptidão em adquirir e converter estas mesmas possibilidades, através do efeito de apropriação, em sinais distintivos (BOURDIEU, 2007).

Pierre Bourdieu, em seus escritos sobre o esporte, abordou este fenômeno desde a gênese do seu campo até o estreitar de suas relações com o Estado e a economia ao longo da história do século XX. Discorreu, portanto, sobre uma configuração bastante específica, o esporte moderno. Relativizar algumas das considerações *bourdieusianas* sobre este fenômeno, desta forma, se faz necessário e promissor diante de um novo quadro contemporâneo. Principalmente, como aponta Marques (2015b), com a finalidade de vislumbrar novas possibilidades teóricas e reflexivas para o tratamento sociológico do esporte capazes de emergir a partir deste novo contexto.

Desde o início do século XXI, através da incidência de uma série de continuidades e rupturas sobre a ordem social, a emergência de um novo e diferente estado do sistema se deu sob o desígnio de contemporaneidade. Com ela, a miséria de uma fração cada vez maior das sociedades mais “avançadas”, o crescimento extraordinário da disparidade entre os rendimentos econômicos e a progressiva perda da autonomia dos universos de produção cultural. Descompassos oriundos de uma utopia neoliberal e, portanto, discordantes no que se refere à disputa entre uma lógica econômica propagadora da concorrência e da eficácia e uma lógica social submetida à ideia de equidade cuja atual serventia não se questiona. O sociólogo francês, se levado ao estudo do esporte contemporâneo, estaria a este cenário – em muito já por ele antevisto em seus prenúncios, dentre outros, sobre o imperialismo cultural e econômico (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998) – confrontado.

Entre tais presságios, é possível notar que o uso do termo esporte moderno cai em desuso em suas mais recentes produções, denotando a sensibilidade do autor a um novo e porvindouro fenômeno. Sendo “*The State, economics and sport*” (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998) um destes exemplos, a percepção de uma tendência de comercialização ao longo do desenvolvimento esportivo foi, nesta passagem entre o velho e o novo fenômeno, um dos determinantes mais evidenciados pelo autor e colaboradores. O processo que permitiu às práticas comercializarem-se, ao mesmo passo que afetou todo o espaço das práticas esportivas, diferenciou-se em cada uma delas de acordo com as suas respectivas lógicas internas. Em cada um destes casos, por sua vez, mais minuciosamente ainda segundo a lógica específica das relações entre os praticantes de cada uma destas modalidades e a televisão, considerada um “verdadeiro

Cavalo de Tróia para a entrada do esporte na lógica comercial” (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998, p. 16). Distante de uma ruptura total em relação ao esporte moderno, tampouco o surgimento do esporte contemporâneo não se deu como espontaneísta novidade. Ao contrário, resultou de determinadas adaptações do fenômeno moderno a novas configurações sociais, gerando um objeto autêntico em seus símbolos e signos, porém ainda herdeiro daquele e, por isso, também de suas simbologias e configurações sociais. (MARQUES, 2015a).

As possibilidades de acesso às oportunidades de consumo esportivo, sejam elas através da prática ou da condição de compra do espetáculo que o vende sob a forma de produto, com o avanço da democratização e massificação das práticas é, indubitavelmente, uma das formas mais visíveis de distinção no campo esportivo contemporâneo. A participação esportiva, antes mais restrita a grupos elitizados, ganha maior abertura pelas classes populares à medida em que tem a dupla chance de alcançá-las pela ação ou pela atração (MARQUES, 2015a). Neste sentido, pode-se considerar que quanto mais atrativa a ação, maior a atração pela ação.

Como nenhuma outra, o futebol cumpre bem o papel de modalidade ilustrativa de tais transfigurações na atualidade. Em grande parte comercializado sob a forma de espetáculo televisionado, a sua lucratividade é tão maior quanto é a extensão de sua prática e, portanto, o interesse disto gerado. A exigência de um capital interpretativo<sup>11</sup> relativamente pequeno, juntamente às condições anteriormente mencionadas, é representativo de sua posição: “as pessoas tendem a acreditar que, por ter chutado uma bola alguma vez em suas vidas, já sabem tudo o que precisam saber sobre ela para entender e discutir um jogo de futebol” (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998, p. 16, tradução da autora).

Claramente um pressuposto não aplicável a todo o conjunto das práticas esportivas, algumas delas, por outro lado, demonstram-se mais exigentes em termos desta mesma interpretação: “os indivíduos a elas não iniciados, isto é, considerados forasteiros, delas nada entendem e, mais importante, percebem que não entendem nada” (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998, p. 17, tradução da autora). Muito embora se se saiba quais são as práticas cujo apelo comercial se dá em maior ou menor medida, as consequências que isto pode a elas acarretar são ainda pouco conhecidas. O grau de

---

<sup>11</sup> Forma de capital que explicita a regulação do nível de interpretação, isto é, a demanda cultural, necessária dos sujeitos para a compreensão das práticas e, dentre elas, a esportiva (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998).

submissão de dada modalidade às regras impostas pela economia neoliberal, por exemplo, sendo um bom exemplo de como o livre mercado pode ser encorajado ou inibido de acordo com as extensões das políticas públicas para o esporte adotadas pelas diferentes nações (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998).

Concomitante ao processo de constituição do esporte contemporâneo, segundo Marques (2015b), uma das chaves para a sua compreensão se dá através da luta entre o amadorismo e o profissionalismo. O *habitus* esportivo aristocrático referente ao período de gênese do esporte moderno estendia uma visão arbitrária sobre o processo de profissionalização das práticas, pejorativo e propulsor no que se refere à entrada de sujeitos de classes menos favorecidas e, portanto, depositários de éticas e estéticas populares que nada condiziam com os interesses dominantes. A popularização proporcionada pelo maior acesso e apropriação das práticas esportivas por grupos sociais dotados de *habitus* distintos e diacrônicos representa, de forma análoga na contemporaneidade, a descontinuidade de uma tradição elitista de se considerar a própria prática do esporte como atividade distintiva.

Muito embora os grupos sociais mais privilegiados continuem com o acesso irrestrito às práticas – e isso pela credencial indiscutivelmente conferida pela posse do capital econômico –, atualmente a participação destes mesmos membros é também notória em modalidades viris e de maior contato corporal (com presenças significativas em lutas, rúgbi e futebol, por exemplo). Ignorar o valor distintivo das práticas parece ser, desta forma, o próprio sinal de distinção daqueles capazes de lhes atribuir o seu próprio valor. Se a escolha por determinadas modalidades parece se mostrar um tanto quanto mais elástica em sua semanticidade, por outro lado, os modos e as maneiras de se praticar permanecem um fator distintivo importante entre as classes. Sobretudo para as populares, a quem algumas práticas continuam vetadas econômica e simbolicamente (MARQUES, 2015b).

Mais recentemente através da disputa comercial, complementam Bourdieu, Dauncey e Hare (1998), um terceiro agente, o gestor esportivo, compõe a luta de interesses comuns ao espetáculo esportivo. O capital simbólico destes sujeitos se relaciona à detenção do controle dos direitos de transmissão e de patrocínio das práticas, os quais são capazes de influenciar a estrutura da própria prática como oferta e a adequação das disposições dos consumidores em relação ao modo pelo qual por ela vão demandar. Novamente, a dupla influência de tais conversões são mais visíveis no futebol:

A Copa do Mundo de futebol é também uma Copa do Mundo para a mídia e para os contratos nela fechados. Dentre os efeitos sociais desta “mídiaização” do futebol estão: o aumento no número de jogos (com o crescimento das competições europeias e internacionais); o aumento no número de partidas televisionadas; a tendência da obtenção dos direitos exclusivos de transmissão pelos canais pagos; a maior interferência no agendamento dos dias e horários das partidas pelas necessidades televisivas; as mudanças na estrutura das competições; os escândalos de corrupção; a migração de jogadores cosmopolitas, geralmente advindos de países economicamente frágeis e de mudança pelos clubes a cada dois ou três anos – efeito que incide sobre a relação entre torcedores e jogadores (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998, p. 18).

A influência da espetacularização do esporte, além da maior valorização do profissionalismo, incide simbolicamente também sobre as práticas cotidianas de lazer dos sujeitos (MARQUES, 2015a), em graus diferentes de acordo com a força da relação com a cultura do esporte estabelecida na tradição das diferentes nações (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998). Um adendo a ser feito sobre esta assertiva, considerando a elasticidade semântica das práticas esportivas e a sua relação com os estilos de vida dos sujeitos, talvez seja aquele que considere que esta mesma incidência não necessariamente se dá sobre as práticas de lazer dos sujeitos. Em outras palavras, é possível se pensar que enquanto as práticas profissionais incidem sob a forma de praticá-la no lazer para alguns, para outros, estes mesmos espetáculos constituem-se em um conjunto de possibilidades reais ou virtuais para a sua própria carreira futura. Para os jovens oriundos de classes mais desfavorecidas e que, portanto, percebem pouca chance de ascensão social através da via educacional, o esporte surge como rota de escape possível às oportunidades de constituir, um dia, certa ocupação ou profissão. Bourdieu, Dauncey e Hare (1998) anunciam que, neste sentido, sejam estes vínculos importantes na perspectiva da democratização dos valores esportivos ou por deveras outros possíveis, entre a prática e o espetáculo esportivo, entre os pequenos clubes de base e as grandes equipes profissionais, há laços consideráveis do ponto de vista da própria função social do esporte e, mais importante, das relações que, de fato, se estabelecem entre ele e membros de grupos sociais tão desiguais entre si.

Consciente das forças econômicas e simbólicas que, ainda hoje, insistem em ameaçar o esporte ao tratá-lo como uma prática desinteressada, Pierre Bourdieu torna esta uma de suas causas políticas. Caricaturá-la através do ridículo de seu descrédito ou, por outro lado, torná-la utopia através da proposição de alternativas àquilo que já existe,

como sugere o autor, são formas de combatê-la. Não qualquer utopia – sutilmente denunciando ser esta a arma por ele escolhida para o combate –, mas uma utopia realista e cientificamente fundamentada, capaz de propor um modelo coerente e universalista com chances razoáveis de implementação e que defenda: a ênfase no valor educacional do esporte; o fortalecimento dos subsídios morais e jurídicos do Estado frente às ideias e interesses dos funcionários não remunerados das federações nacionais; a sanção de medidas mais fortes contra a corrupção; o incentivo aos centros de treinamento para jovens jogadores; a maior ênfase no desenvolvimento de jovens jogadores em contraponto à dependência de um mercado de transferências; o restabelecimento da formação de atletas através dos clubes de base até a sua continuidade em alto rendimento; a promoção de um reconhecimento juvenil realista em relação aos astros esportivos através de um modelo igualmente realista de promoção social para todos através do esporte (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998).

Conjunto a tais medidas, sugerem ainda os autores, seria preciso desenvolver um corpo de regimentos, tal qual aquele que se apresenta na Carta Olímpica, direcionado não só aos atletas de elite, mas também aos comentaristas, gestores de canais esportivos e demais outros agentes pertencentes ao campo. O objetivo de tudo isto? Segundo os autores, “restaurar, no campo do esporte, os valores por este fenômeno proclamados e em muito semelhantes aos valores da arte e da ciência<sup>12</sup>, quer sejam, não comerciais, com fim em si mesmos, desinteressados e valorativos do *fair play* e da maneira de se jogar o jogo em detrimento do sacrifício total pelos resultados” (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998, p. 21).

Se nesta utopia, os jornalistas e, sobretudo, os jornalistas esportivos, ocupariam uma posição eminente neste combate devido à suposta lucidez e criticidade advindas de sua posição dominada em ambos os campos aos quais pertencem (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998), *sendo esportivos*, irrisória não seria a consideração de que outros agentes seriam igualmente capazes de aflorar a mesma heterodoxia e, nesta luta, colocar *questões que vêm de fora* (BOURDIEU, 1983). Dominados ora pelo campo da sociologia, ora pelo próprio campo esportivo, aos sociólogos do esporte e à todos aqueles aspirantes ao estudo do fenômeno esportivo, poderia se designar a mesma missão: a formação de uma massa crítica e cada vez mais consciente sobre a

---

<sup>12</sup> Não rara a tríplice conotação de “esporte, arte e ciência” conferida pelos entusiastas de modalidades como o xadrez, por exemplo, representam definições conceituais que, se não auto excludentes, procuram à prática conferir um ecletismo hermético (SOUZA, 2010; JANUÁRIO, 2014).

necessidade de desprendê-lo de suas amarras historicamente elitistas e desinteressadas, enfim, em direção a um universo de práticas esportivas com contornos cada vez mais populares e democráticos em suas formas de manifestação.

Produto social, o esporte faz parte da cultura e dos costumes da sociedade. Através dela se estrutura e é, por ela, estruturado. Na configuração contemporânea a que se alinha, admite-se heterogêneo quanto à sua elasticidade semântica e possíveis formas de manifestação capazes de assumir. É considerado um fenômeno sociocultural que engloba diversas práticas humanas, norteadas por regras de ação próprias regulamentadas, institucionalizadas e direcionadas para um aspecto competitivo através da atividade corporal, seja pela oposição entre sujeitos ou pela comparação entre realizações do próprio indivíduo (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

Os sentidos e significados atribuídos às práticas esportivas reiteram diversas formas de manifestação deste fenômeno na sociedade contemporânea. A mesma modalidade pode e, provavelmente, terá expectativas de ganhos e impactos diferentes entre o mesmo grupo de seus praticantes, assim como a intenção de cada um dos sujeitos envolvidos com as práticas esportivas varia em relação à mesma atividade (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007). A diversidade cultural e social entre os grupos, assim, se coloca como uma das características mais marcantes das classes e de suas frações na atualidade. No campo social do esporte, tal variedade também se expressa entre os seus praticantes, os quais são influenciados e influenciadores da cultura deste universo, reprodutores da prática de acordo com as características dominantes de sua estrutura social (MARQUES; GUTIERREZ; MONTAGNER, 2009).

Conscientes deste cenário, Marques, Gutierrez e Almeida (2008) esboçaram os delineamentos do *Modelo de concepção das formas de manifestação do esporte* (MCFME), proposto para a reflexão sobre as atuais formas de manifestação esportivas. Neste, os autores assumem que, para compreendê-las, é preciso observá-las como desdobramentos de um fenômeno complexo, carregado de símbolos culturais e significados que representam as demandas de intenções de envolvimento de seus praticantes. A principal premissa desta proposta reside na necessidade de que o sentido adotado para a prática esportiva seja adequado ao ambiente e à transmissão dos valores pretendidos (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007).

A linha de pensamento que consubstancia este modelo estabelece, assim, um princípio de inter-relação entre esferas da prática: a) as regras e normas de ação que caracterizam a modalidade esportiva; b) a esfera social composta pelos círculos

profissional, escolar e de lazer que contextualizam o seu ambiente; e c) os valores oficiais ou ressignificados disseminados pelo seu sentido. Da interação entre estas três categorias, por conseguinte, derivam as formas de manifestação do esporte na sociedade contemporânea esboçadas pelos autores, sendo elas: a) o esporte de alto rendimento, prática formal e oficial pautada pela busca da melhora de desempenho, sendo o profissionalismo atrelado ao espetáculo esportivo um de seus fatores distintivos; b) o esporte de lazer, prática oficial ou ressignificada caracterizada por atividades não profissionais; e c) o esporte escolar, prática ocorrente no sistema de ensino formal, próprio de aulas que se ocupam da cultura corporal de movimento e que é parte de todo um projeto pedagógico próprio da concepção de educação disseminada pela instituição em que se encontra (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Neste sentido, para se analisar o xadrez, por exemplo, antes de se considerar os seus componentes técnicos e táticos, sugere-se a sua contextualização em relação ao ambiente sociocultural em que esta prática é oferecida, bem como aos objetivos, potencialidades, limitações e significados apresentados por seus praticantes (MARQUES, 2015a). Dada a devida importância sobre o conhecimento das manifestações e, sobretudo, das formas pelas quais a oferta de uma prática esportiva é passível de incorporação por sujeitos distintos em suas representações e consumos, buscou-se, neste estudo, compreender as particularidades que envolvem uma modalidade deveras específica em seus atributos para o campo social do esporte contemporâneo.

Mas, afinal, xadrez é esporte? (SOUZA, 2010; JANUÁRIO, 2014; MARQUES, 2015a). Tal inquietação tem sido recorrente por parte de alguns pesquisadores pertencentes ao campo esportivo nos últimos anos. Se existem propostas que consideram o xadrez como uma manifestação do campo esportivo (MARQUES, 2015a), por outro lado, é ainda possível encontrar certa resistência em considerá-lo, de fato, uma manifestação legítima do esporte (GUTTMANN, 1978). Neste sentido, uma das principais disputas do campo esportivo contemporâneo se dá pelo capital simbólico conferido à própria definição esportiva de seus subcampos, julgamento arbitrário que acompanha as transformações histórico-estruturais das próprias normas e regras compartilhadas pelas práticas neste espaço. Como diriam Chartier e Lopes (2002), as classificações, no campo, compõem uma luta: de interesses sobre as próprias classificações e para a própria consagração destes mesmos interesses.



Quando se quer olhar muito de perto, advertiria a perspectiva *bourdieusiana*, a indagação inicial esconderia uma anterior e de suma importância para a sua compreensão. Neste sentido, afinal, o que poderia se considerar por esporte?

É possível apontar uma série de motivações para tais questionamentos, que justificam a necessidade de reflexões sobre as fronteiras semânticas do esporte na sociedade globalizada do século XXI: a) nomenclatura de cursos de graduação, linhas de pesquisa em programas de pós-graduação ou departamentos de universidades; b) delimitação legal de reserva de mercado a profissionais de Educação Física; c) incorporação do esporte como conteúdo da cultura de movimento; d) justificativas a respeito da possibilidade de um tratamento “esportivo” a algumas práticas como jogos de tabuleiro ou cartas; e) estabelecimento de políticas públicas de esporte, educação e lazer; f) disputas por poder dentro do campo científico (produtividade e legitimidade acadêmicas), pautadas em capitais simbólicos específicos conferidos de acordo com a definição de esporte utilizada (MARQUES, 2015a, p. 152).

Em análise sobre os diferentes percursos e estratégias utilizados na literatura para a conceituação de esporte, Marques (2015a) pondera sobre a dificuldade que reside no próprio ato de se conceituar os fenômenos e realidades socioculturais, visto que cada característica considerada como critério de inclusão sobre o que seria esporte, em dialética, representa também um critério de exclusão sobre aquilo que não o poderia ser. Entendendo que a conceituação dos objetos se faz importante pela geração de categorias formais que permitem melhor representar o que se pretende investigar ou descrever, o autor ainda previne, neste sentido, sobre o risco de se buscar definições rígidas para a compreensão de manifestações culturais heterogêneas e plurais, como é o caso do fenômeno esportivo e, mais amplamente, também de outros objetos empíricos pelos quais se ocupa a sociologia do esporte.

Entre as pluralidades e controvérsias encontradas em possíveis conceituações para o esporte nos pontos de vista de diversos autores das Ciências Sociais e, mais especificamente, da Sociologia do Esporte, o que se encontrou foram vistas nada consensuais sobre um mesmo ponto (MARQUES, 2015a). No esforço de elencar alguns dos critérios pelos quais se deram estas divergências, Marques (2015a) realiza o destaque das principais condições de construção destes conceitos por autores de origem nacional e internacional, sendo elas: a) a abordagem de continuidade ou ruptura histórica da gênese do esporte; b) a necessidade do uso da qualidade do movimento como forma de comparação de desempenhos; c) a necessidade da presença de

competição e comparação de desempenhos; d) a associação entre esporte e jogo; e) a valorização do caráter heterogêneo da prática; f) a existência de regras institucionalizadas, normatizadas por um órgão regulador; e g) a associação do esporte com a perspectiva contemporânea de mercado. Álibi da pluralidade do fenômeno esportivo deve-se frisar que absolutamente nenhuma das categorias acima expostas se mostrou consensual entre todos os trabalhos analisados pelo autor.

Tendo em vista que uma definição ampla de esporte colaboraria, ao mesmo tempo, para a delimitação das fronteiras e para possíveis ressignificações deste fenômeno, em desfecho da trajetória percorrida, Marques (2015a) propõe alguns critérios de análise que poderiam subsidiar as reflexões sobre o processo de conformação das práticas esportivas, sendo eles: a) ser uma prática humana, ou seja, realizada por seres carregados por uma simbologia esportiva construída historicamente; b) a existência de competição, seja ela contra um oponente, contra si próprio ou contra a natureza; c) a existência de regras sistematizadas, controladas e orientadas por um órgão regulador; d) a perspectiva subjetiva dos participantes em relação a um *habitus* esportivo de prática, seja ele ligado à busca pela melhora de desempenho objetivando o alto rendimento, como diversão no lazer, como parte de um processo educacional ou, ainda, de melhora das condições de saúde; e) a qualidade de movimento humano ser o principal critério para o resultado da disputa, ou seja, as formas de apuração de resultados basearem-se em qual sujeito foi o mais rápido, o mais forte, o mais resistente, o mais preciso, dentre outras capacidades motoras.

Com o intuito de estabelecer algumas fronteiras relativamente autônomas no interior do campo esportivo contemporâneo, ainda segundo Marques (2015a), da contemplação destes critérios emergiriam duas tipologias diferentes para o desígnio de suas práticas. A primeira, denominada práticas ou modalidades esportivas, seria aquela reservada às práticas de acordo com a conformidade de todos os critérios acima propostos. A segunda, denominada práticas esportivizadas ou em processo de esportivização, referiria-se àquelas que de modo parcial se enquadram aos mesmos critérios, excluídos os itens “d” e/ou “e”, mas que, ainda assim, fariam parte do campo social esportivo devido não apenas à existência dos tópicos “a”, “b”, e “c”, mas também à existência de certo *habitus* esportivo entre os praticantes.

De acordo com Marques (2015a), a razão por considerar, neste sentido, o xadrez como prática esportivizada ou em processo de esportivização não se dá por uma perspectiva platônica e dualista de homem, tão arraigada pelo senso comum e que por

isto, grosso modo, insiste em tentar distanciá-lo da classificação esportiva. Com base em uma perspectiva da compreensão de homem como um ser integral que age, se comunica e produz bens culturais sempre através do corpo e da sua cognição em conjunto, bem como também com base no reconhecimento da estrutura de seus órgãos reguladores e *habitus* esportivo, para o autor, o xadrez não seria determinado prioritariamente pela qualidade do movimento em suas disputas, mas pelo deslocamento e posição de suas peças. O que, entretanto, não o excluiria do espectro do campo esportivo, tampouco da possibilidade de um olhar sociologicamente esportivo sobre esta forma de prática. Pelo contrário, para o xadrez seria assumida a existência de um processo sócio-histórico de esportivização da modalidade, assim como de inúmeras outras como os jogos eletrônicos e o pôquer, que, sob uma ótica tradicional e reducionista de esporte, não seriam consideradas como tal. Depreende-se, assim, que a definição sobre a esportividade ou não de determinada prática não é uma questão que possa se encerrar apenas conceitualmente mas, por outro lado, pela constituição estrutural de seu subcampo em relativa autonomia ao campo social do esporte. Neste sentido, ao distanciar-se do conceitualismo que insiste em ditar o lugar comum para o que deve ou não ser esporte, é a partir de Souza (2010) que a compreensão do xadrez como esporte não só é possível como se faz, a prática enxadrística, um dos primeiros e mais bem-sucedidos exemplos de como a passagem de um jogo tido como passatempo em sua configuração moderna pode, nomeadamente, se tornar prática ao longo de todo o seu longínquo processo de esportivização.

Delineada por Souza, Starepravo e Marchi Júnior (2011), a análise sociológica sob o processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez apresentou sua gênese consoante ao quadro muito específico de mudanças sociais e estruturais ocorridas na sociedade inglesa na metade final do século XIX. De acordo com a perspectiva *bourdieusiana*, portanto, coetâneo ao surgimento do esporte moderno (BOURDIEU, 1983). Através da problematização da gênese, historicidade e das formas de disputas presentes no subcampo enxadrístico e, sobretudo, entre as continuidades e rupturas que instituíram a sua legitimidade, neste processo, os autores destacam: a) as tensões estabelecidas entre as escolas enxadrísticas de princípios combinatórios (francesa e alemã) e posicionais (inglesa); b) o marco estabelecido pela “maratona de Westminster”, evento precursor do que seria o *match* oficial do campeonato mundial da modalidade; c) o advento de torneios que, em consenso com a evolução da sociedade industrial inglesa vigente, incorporaram os primeiros traços de organização esportiva e

profissionalização de modo a estimular a dedicação exclusiva ao xadrez por seus entusiastas; d) o desencadear de um possível *habitus* esportivo a partir dos contornos profissionais estimulados pelos incentivos financeiros investidos no subcampo, em grande parte, através de patrocinadores; e) a alteridade da valorização amadorística e romântica da prática, representada pela compreensão artística em detrimento dos primórdios de um profissionalismo burguês, representado pela valorização do resultado em razão do modo de jogar de uma partida e busca pelos incipientes lucros materiais advindos dos primeiros campeonatos mundiais oficializados no final do século XIX; f) aumento da racionalidade da prática representada pela ruptura da concepção temporal da partida com a inserção do controle limitado de tempo; g) o interesse da imprensa, principalmente da mídia impressa, na cobertura dos eventos enxadrísticos que tomavam contornos profissionais; h) distribuição mais homogênea da premiação atrelada ao ideal de estrutura tipicamente profissional e relativizada em relação às demandas mercantis, conferindo à disputa mais do que capitais essencialmente financeiros; e i) ruptura do estilo de jogo clássico de antigas gerações em razão da criação do estilo hipermoderno consoante ao apogeu da arte modernista do mundo ocidental, por volta dos anos de 1920.

Em recorte das principais rupturas e tensões estabelecidas no subcampo esportivo do xadrez durante os anos de 1900-1960, ainda, Souza e Marchi Júnior (2012) deram continuidade à apresentação daquelas que foram algumas das principais transformações ocorridas na afirmação da legitimidade do caráter esportivo da prática enxadrística. Dentre elas, destacam-se: a) a inexpressividade da Federação Internacional de Xadrez durante as seguintes duas décadas desde a sua fundação, em 1924, em decorrência do boicote às participações pela disputa do título mundial pela nação enxadrística de maior representatividade e ortodoxia na época, a União Soviética; e b) a massificação sem precedentes do xadrez em território russo como instrumento de treinamento mental para a guerra, simbólico de uma dialética materialista que representava a luta ideológica e política entre as classes sociais vigentes naquela sociedade. Adiante, Souza e Marchi Júnior (2013) prosseguiram com a análise sobre as transformações conjunturais e mercadológicas e a final do campeonato mundial de xadrez de 1972, elucidando a compreensão da fase áurea deste subcampo esportivo frente à lógica de distribuição e consumo das demais práticas esportivas daquele contexto histórico-social.

Em síntese, as considerações tecidas por Souza (2010) sobre a formação do *habitus* esportivo no xadrez estão entre aquelas que somam a este estudo. Se nas nações capitalistas, a lógica de formação do *habitus* esportivo tem se mantido histórica e prioritariamente condicionada aos ideais e valores de mercado, informa o autor, no caso do xadrez, o equivalente à difusão de seus bens e produtos parece estar situada para além da zona de consumo formada pelos grupos sociais cuja experiência com a prática é consolidada no decorrer de suas histórias. Dito em outros termos, seria “muito claro e até mesmo natural, que no interior de uma família de enxadristas, essa prática seja herdada pelos filhos segundo a lógica de transmissão do capital cultural” (SOUZA, 2010, p. 141). Em avanço, o autor complementa ainda que diante desta tendência de transmissão do capital cultural e formação do *habitus* primário pelos enxadristas através de referências em tudo herdadas pela família, a lógica do mercado não poderia ser considerada, contudo, como o único e principal dispositivo inerente à perpetuação de estilos de vida esportivos pautados na prática e no consumo do xadrez.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa após a Segunda Guerra Mundial e uma conseqüente crescente sociedade de consumo, ainda de acordo com o autor, corroborariam para ultrapassar as tendências familiares de formação do gosto pelo xadrez a partir da herança cultural familiar (SOUZA, 2010). É a partir destas e de outras instigantes constatações, assim, que este estudo avança no sentido de desnaturalizar os processos educacionais responsáveis pela origem das disposições associadas à prática do xadrez em trajetórias esportivas brasileiras de sucesso nesta modalidade.

### **2.3. O campo educacional: entre apropriações *bourdieusianas* e o conceito de herança**

Para Pierre Bourdieu, toda forma de hierarquia social oculta a sua legitimidade na condição arbitrária que a origina. Empenhado neste desvelamento, a envergadura do empreendimento do autor compõe uma lógica que, para além de impressionar pela sua coerência, auxilia na compreensão de questões caras aos mais diversos campos, tal qual o educacional, como postula Valle (2013, p. 432) sobre a pertinência de sua abordagem para a Educação: “[...] o mundo é dividido em classes sociais, a dominação é uma

realidade global que nenhuma intenção parcial pode mudar e, neste sentido, as instituições educacionais encontram-se a serviço de tais estruturas de dominação”.

A adesão dóxica dos agentes sociais à ordem estabelecida por intermédio de classificações sancionadas e reproduzidas por processos de socialização internos ou não ao sistema de ensino parece ser, neste sentido, uma das principais linhas de entrada e de fecunda permanência do raciocínio *bourdieusiano* no campo da Educação. Neste, por sua vez, embora a escola tenha historicamente ocupado uma posição de centralidade enquanto instituição tradicional de análise das estratégias educativas em sua teoria (VALLE, 2013), é importante lembrar que estas recobrem um horizonte bem mais amplo e estendido no tempo do que a tarefa realizada pela escolarização. Antes e primariamente a este processo, inclusive, encontram-se implicados todos os meios de socialização pelos quais a família utiliza ao longo de suas gerações para a aquisição de disposições e alcance dos lugares pretendidos e a que se pretendem os seus membros (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

No que se refere à Sociologia da Educação, Nogueira e Nogueira (2002) apontam a dificuldade em se fazer um balanço equilibrado das contribuições e limites da obra de Pierre Bourdieu para este campo. Dada a sua vastidão, ainda segundo estes autores, são comuns as aparições de aceitações ou rejeições precipitadas, radicais ou até mesmo apaixonadas em relação ao autor, o que dificulta e pouco contribuem para a compreensão de sua obra. Masson (2015), neste mesmo sentido, ressalta que as pesquisas do autor (e de sua equipe) muito bem ilustram (e continuam ilustrando) a dupla e tão necessária antiga característica sociológica do desvelamento e da desnaturalização do social. Considerando a premissa de que uma perspectiva sociológica deve se interessar pelo o que se esconde atrás daquilo que as instituições dizem sobre si mesmas, a abordagem *bourdieusiana* seria tanto mais coerente quanto se relembresse que ela considera o estudo das práticas, as quais compõem por si só alertas sobre as forças ocultas de ação no interior destas mesmas instituições que, por sua vez, nem sempre preenchem as mesmas funções que lhes são oficialmente atribuídas.

Sendo a Educação um dos domínios mais influenciados pelo seu pensamento, foram especificamente os estudos sobre a sua forma escolar que inspiraram a formulação e multiplicação de conceitos-chaves entre os autores deste espaço que dele se apropriaram como campo, *habitus*, capital – dentre eles, centralmente o cultural –, violência simbólica, distinção e tantos outros que diversificaram-se ao longo da sua aplicação na ação, autoridade e trabalho pedagógicos (VALLE, 2013). O mérito de

formular, a partir dos anos 1960, uma alternativa original, abrangente e com boa fundamentação teórica e empírica para a problemática das desigualdades escolares, por sua vez, fez do autor um marco não só na história da Sociologia da Educação, mas do pensamento e da prática educacionais ao redor do mundo (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Como relembram estes autores, faz-se importante considerar que, até meados do século XX, atribuía-se à escolarização uma visão de predomínio otimista e de inspiração funcionalista em relação ao seu papel de superação de aspectos como o atraso econômico, autoritarismo e privilégios adscritos às sociedades tradicionais da época. Por suposto, acreditava-se que a construção de uma nova sociedade justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual) se tornaria possível, assim, por meio da oferta de uma escola pública e gratuita para todos. Resguardado o problema do acesso educacional e garantidos os princípios de igualdade de oportunidades, presumia-se também que as condições iguais pelas quais competiam os indivíduos dentro do sistema de ensino, posteriormente, os permitiriam a justiça necessária para o avanço em suas carreiras escolares e o alcance de posições superiores na hierarquia social. Nesta perspectiva, portanto, a escola seria uma instituição neutra e responsável por difundir e selecionar seus alunos com base em conhecimentos e critérios racionais (BOURDIEU, 1998b). O que não estava previsto neste roteiro, no entanto, era que “onde se via igualdade de oportunidade, meritocracia e justiça social, Bourdieu passaria a ver a reprodução e a legitimação das desigualdades sociais” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 17), delineando uma das mais conducentes denúncias sobre o caráter consagrador e reprodutor de uma instância que, *a priori*, veiculava tão somente suas pretensões republicanas de transformação e democratização.

As décadas dedicadas à análise do sistema de ensino francês, no entanto, não impediram com que Bourdieu e seus colaboradores deixassem de ser úteis para a observação de outros sistemas educacionais. Além da realidade nacional francesa, os seus estudos revelam o descompasso entre a racionalidade empregada no contexto escolar e o modelo desinteressado de políticas públicas que, semelhante a outras nações republicanas, se requisitava naquele cenário político e econômico (VALLE, 2013). Como realça a autora, o desvelamento dos interesses dissimulados pela escola, pelos currículos, pelos saberes escolares e pela prática dos agentes mais bem posicionados na hierarquia escolar permitiu o estabelecimento de rupturas epistemológicas importantes em relação à escola republicana vigente. Acresce-se, ainda, a imprescindibilidade de

seus trabalhos para o fortalecimento das críticas já há anos tecidas pelos movimentos pedagógicos, sindicais e políticos sobre as relações entre a escola e a reprodução das desigualdades sociais daquele contexto.

O ingresso dos estudos do sociólogo francês no campo educacional brasileiro se deu conforme a marca de várias modalidades de apropriação indicativas da forma como os seus estudos foram recebidos. Mediante a análise de textos brasileiros com alguma referência, incorporação de conceitos e/ou assimilação do modo de trabalho *bourdieusiano* durante o período de 1971 a 2000, Catani, Catani e Pereira (2001) identificaram três principais categorias pelas quais o autor foi evidenciado: a) apropriação incidental, caracterizada por menções ao autor que guardam relação tênue com o argumento desenvolvido, sendo esta a mais frequente entre elas e principalmente advindas do livro “A reprodução” (citado por 67% dos artigos consultados); b) apropriação conceitual tópica, caracterizada pela utilização de termos do autor (como o conceito de capital cultural presente em 18% dos artigos consultados) cuja mobilização quase sempre se fez para reforçar argumentos ou resultados em um quadro terminológico que não necessariamente era da mesma autoria; e c) apropriação do modo de trabalho, caracterizada por sistemáticas reveladoras da utilização de noções e conceitos do autor, bem como da preocupação central com o *modus operandi* de sua teoria (15% dos artigos consultados), sendo também maior a diversidade de obras e menções referidas ao seu periódico *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*.

Em adição às observações sobre as peculiaridades do campo educacional brasileiro, Catani, Catani e Pereira (2001) notaram, ainda, cinco principais aspectos que tornaram Pierre Bourdieu praticamente irreconhecível aos olhos de seus leitores durante o recorte de suas primeiras apropriações no Brasil: a) a dedicação de pouca importância às operações relacionais entre o seu arcabouço conceitual e teórico, tais quais aquelas estabelecidas entre a homologia dos campos ou entre a lógica das práticas e o mercado de bens simbólicos; b) a indiferença à existência de mediações e autonomias relativas entre os campos, o que fez com que sua “teoria da educação” não fosse dialética, conquanto crítica e denunciadora, configurando a forma suprema de desqualificação epistemológica da época; c) conduzido pelo aspecto anterior, o advento de uma perspectiva “sócio-lógica” advinda principalmente da cisão que foi feita entre a publicação do primeiro e do segundo livros internos à obra “A Reprodução”, tornando dissociáveis, respectivamente, o discurso genérico sobre a escola e suas operações de pesquisa; d) a ausência de um discurso doutrinal sobre a educação, especialmente



considerando o estado de ênfase à ação transformadora no campo que, por sua vez, julgaria a inexistência de propostas como um grave erro a ser combatido; e) por fim e como complemento aos aspectos anteriores, a realização do enclausuramento de sua obra na dicotomia “reprodução x transformação” tão em voga na época e, curiosamente, ao mesmo tempo tão combatida pelo autor.

Neste mesmo levantamento, mas em uma perspectiva cronológica, Catani, Catani e Pereira (2001) ainda apontam que em meados de 1980 o campo educacional brasileiro ainda se encontrava em um estado no qual a dicotomia “reprodução x transformação” era dominante, bem como eram comuns julgamentos sobre a insuficiência do autor em apontar perspectivas para a ação educacional ou mesmo entre a luta de classes, embora já se constatasse a relevância de sua criticidade. Liberadas as insistências da busca por propostas de transformação social pela via única da educação no autor – fixação que havia marcado de modo significativo as leituras nacionais até então e que insistem, até hoje, em perdurar – foi possível, em meados dos anos 1990, que a sua apropriação recebesse não só o uso de um ou outro utensílio conceitual, mas a progressiva e criativa incorporação de sua forma de fazer ciência. No sentido deste inicial equívoco, Catani, Catani e Pereira (2001) aproveitam para oportunamente indagar sobre os rumos tomados pela apropriação que a produção educacional, sob as formas mais variadas, faz nos âmbitos não só sociológicos, mas da história, da psicologia e de estudos ligados à investigação do trabalho prático do ensino. Circular pelas mais diferentes apropriações de Pierre Bourdieu no campo educacional – e, mais especificamente, por aquelas historicamente realizadas no espaço brasileiro sobre o qual compartilhamos a pertença – pode se configurar, assim, como um respeitoso e necessário passo anterior à sua entrada. Para além do acúmulo de um isolado conhecimento histórico, tais apropriações nos ensinam a partir de suas potencialidades e, sobretudo como parece ser o caso daquela realizada outrora, equívocos. Sendo este o espaço pelo qual se pede a licença para o ingresso, é com a intenção de não repeti-los, embora possa deste risco se incorrer, que uma possibilidade de análise sociológica sobre a noção de herança cultural entre o oscilar dos campos esportivo e educacional é proposta.

Dentre as obras *bourdieusianas* que ocuparam um destacado lugar no campo educacional, em que pese a sua ainda inexplorada fecundidade para a leitura do espaço esportivo, está o clássico “Os herdeiros: os estudantes e a cultura” (1964) de Pierre

Bourdieu e Jean-Claude Passeron<sup>13</sup>, obra reveladora de um quadro feito para ser ignorado desde o contexto histórico e político de seu lançamento até os dias atuais. Em um período de crescimento da escolarização francesa especialmente nos níveis secundário e superior, o cenário de “debates públicos sobre a universidade, reivindicações estudantis e militantismo ativo dos estudantes” (MASSON, 2015, p. 95) foi tão favorável à sua difusão quanto mais a principal tese de sua obra se situou na contramão dos ideais republicanos e democráticos em voga na época. Ao analisarem a relação que os estudantes universitários franceses das mais diversas origens sociais mantinham com a cultura por meio de disposições expressas em ambos os sistemas escolares e não escolares, os autores explicitaram a relacional força entre os mecanismos externos e internos ao sistema educacional e a maneira como estes operam as desigualdades de desempenhos entre os sujeitos. A aquisição de capitais – sobretudo culturais e econômicos – adquiridos principalmente por meio do ambiente familiar dos estudantes, assim, não só incidiria desigualmente em relação ao volume e conteúdo dos saberes, mas principalmente na relação estabelecida com eles, a qual pode ser entendida no sistema de ensino universitário como o comportamento relativo aos estudos (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Ao transfigurar privilégios em “dom”, “talento” ou “mérito individual”, assim, a escola operaria ao longo de todo o seu percurso a consagração de um ciclo operado por duas das principais instâncias de reprodução, sendo “um dos fatores mais eficazes de conservação social ao fornecer a aparência de legitimidade às desigualdades sociais” (BOURDIEU, 1998b, p. 41).

É nesse quadro de reflexão que os autores revelam a força dos princípios meritocráticos entre os mecanismos de consagração e seleção universitários, bem como a fragilidade de uma proposta de democratização da educação que se alicerce nestas bases. Observam, ainda, que a dissimulação das bases sociais por trás do sucesso ou fracasso escolar manifesta-se de maneiras diferentes entre os filhos das camadas dominantes e dominadas. Para os primeiros, o acúmulo de uma bagagem de capitais precoce e de modo difuso e insensível por meio do seio familiar caracterizaria um modo de aprendizagem primário que, por sua vez, tornaria tais disposições parte da própria natureza e identidade dos sujeitos, dificultando o seu reconhecimento como “herdeiros”.

---

<sup>13</sup> Nascido em 1930 e filho de um professor primário, Jean-Claude Passeron é o sucessor do posto de assistente de Raymond Aron antes ocupado por Pierre Bourdieu na Universidade Paris 4 (Sorbonne). Estende a colaboração com este autor até 1972, quando continua as suas pesquisas no domínio da cultura. Tece, ademais, críticas entre a relação dos sociólogos – inclusas as análises *bourdieusianas* – com a cultura popular (MASSON, 2015).

Tal termo, assim, designaria os filhos das famílias cultas que, por estarem em uma distância simbólica muito próxima do universo escolar, são orientados – ou, por vezes, escolhidos – para os cursos universitários de maior prestígio na sociedade (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Para além, podem se permitir também a uma relação falsamente distante às instituições de consagração de sua herança, uma vez que apresentam todos os meios para nela serem bem-sucedidos:

As crianças oriundas dos meios mais favorecidos não devem ao seu meio somente os hábitos e treinamento diretamente utilizáveis nas tarefas escolares, e a vantagem mais importante não é aquela que retiram da ajuda direta que seus pais lhe possam dar. Elas herdam também saberes (e um “*savoir-faire*”), gostos e um “bom gosto”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao “dom”. A cultura “livre”, condição implícita do êxito em certas carreiras escolares, é muito desigualmente repartida entre os estudantes universitários originários das diferentes classes sociais e, *a fortiori*, entre os de liceus ou os de colégios, pois as desigualdades de seleção e a ação homogeneizante da escola não fizeram senão reduzir as diferenças (BOURDIEU, 1998b, p. 45).

Já para os segundos, na ausência de mecanismos que possibilitam o reconhecimento do caráter impositivo e arbitrário da cultura dominante, por sua vez, restaria apenas a atribuição de suas dificuldades a uma inferioridade definida em termos intelectuais pela falta de inteligência ou, pela demonstração de fraqueza, até mesmo morais (BOURDIEU, 1998b). Demonstrando certa fraqueza de vontade e apesar de sua já ínfima representação nos diferentes níveis do sistema de ensino, não obstante, há de se considerar que o escape ao trajeto ou destino objetivamente imposto é, também para os alunos oriundos de grupos sociais desfavorecidos, ainda menor (PIOTTO; NOGUEIRA, 2016). É neste sentido que o transfigurar de conceitos como “vontade” e “desejo” não encontram, para estes, o seu habitual – e sempre arbitrário – lugar comum:

Mas, de fato, pode-se ainda falar de “vontade”, a não ser num sentido metafórico, quando a investigação mostra que “de maneira geral, existe concordância plena entre a vontade das famílias e as orientações tomadas”, ou, melhor dizendo, na maior parte dos casos, as famílias têm aspirações estritamente limitadas pelas oportunidades objetivas? Se os membros das classes populares e médias tomam a realidade por seus desejos, é que, nesse terreno como em outros, as aspirações e as exigências são definidas, em sua forma e conteúdo, pelas condições objetivas que excluem a possibilidade de desejar o impossível (BOURDIEU, 1998b, p. 47).

A ideologia libertadora da escola enquanto fator de mobilidade social é falácia tal que, pelo oposto, a denúncia de seus fatores de perpetuação do poder e de privilégios é, pelo autor, realizada desde os primórdios da sociedade moderna francesa (BOURDIEU, 1998b; BOURDIEU; PASSERON, 2014). De lá até a atual pertinência teórica da qual se apropriam seus leitores (CATANI; CATANI; PEREIRA, 2001) para o olhar do ambiente escolar na contemporaneidade, cada vez mais difundidas tornam-se as denúncias sobre o fornecimento da aparência de legitimidade que esta instância oferece às desigualdades sociais escolares. Por meio de sanções a uma bagagem social herdada e dissimulada como “dom natural”, por conseguinte, tal instituição seria responsável por legitimar a desigual distribuição de bens entre o alunado. Se, como recorda Piotto (2009, p. 57) para as sociedades modernas, “a legitimação da herança cultural familiar passa pela escola”, parece ser possível afirmar que é ainda por esta via – embora em menor grau constitua-se o fluxo de outras (SETTON, 2005), como pode ser a esportiva –, aquela cuja consagração transforma em mérito escolar os bens primários e anteriormente, como que por osmose, transmitidos pela família (BOURDIEU, 1998b).

A seleção operada pelo sistema escolar, desta maneira, seria responsável pela segregação de alunos cujos bens e saberes herdados lhes dariam toda a significação e valor não só pela detenção da cultura, mas principalmente pela relação “fácil”, “brilhante” e “natural” proveniente justamente do modo de aquisição oposto, por sua vez, por aqueles segundo os quais estas mesmas condições se deram de forma “árdua”, “laboriosa” e “dramática” (BOURDIEU, 1998b). A ênfase no estilo de relação com a cultura ofertada previamente pelo meio familiar e pela qual contam os alunos privilegiados delinearía um modo de aprendizagem jamais completamente fornecido, portanto, apenas pela escola. Ademais, sobre as contribuições *bourdieusianas* para o pensar educacional – e sobretudo, escolar – talvez se se possa aferir que a reflexão sobre determinados aspectos relacionados à reprodução que opera a escola e o sucesso escolar (PIOTTO, 2009), também possa, em ambientes que se conformem a este análogos em suas lutas, se conformar. Para além, pode também contribuir para demonstrar de que forma alguns dos elementos presentes em sua obra, consideradas as particularidades de análise de determinados campos, se convertem e subvertem se observados em campos distintos. De tais contribuições podendo se nutrir, assim, as discussões que envolvem a conservação social no esporte e naquilo que incide, complementarmente, sobre o sucesso esportivo.

Por fim, ao remontar a um pensamento da escola em suas relações com a sociedade que ela produz, a perspectiva desenvolvida por Bourdieu e Passeron (2014) pode, não só sobre este aspecto, também nos ajudar a pensar a análise de um ponto de vista sociológico particular dos sujeitos, quer sejam eles estudantes, praticantes de modalidades esportivas ou quaisquer outras tipologias destas distintas, a depender do campo. Mais de meio século após a sua publicação, assim, “Os herdeiros: os estudantes e a cultura” (BOURDIEU; PASSERON, 2014) demonstra a sua contemporaneidade no poder revelador de contradições entre aquilo que se promete e o que, de fato, se realiza no interior dos sistemas de consagração. Embora outrora tratasse das desigualdades dos estudantes diante da cultura, como sugere seu subtítulo, penso que é de um uso contemporâneo reflexivo sobre suas críticas quanto os princípios democráticos e meritocráticos dos diferentes espaços de disputa, bem como sobre os mecanismos de acúmulo fundantes das desigualdades sociais capazes de ser nestes percebidas, enfim, que a proficuidade desta obra pode maximizar os seus lucros a uma base mais ampla do que aquela sobre a qual – e só inicialmente – se refere.

Inicialmente esboçada como hipótese para dar conta da desigualdade entre o desempenho escolar de crianças provenientes de grupos sociais diversos, a noção de capital cultural é, ainda e atualmente, aquela capaz de explicar sociologicamente os benefícios obtidos no mercado escolar pelos filhos de determinados grupos sociais que acabariam por revelar o dito “sucesso escolar”. No campo esportivo, uma possível leitura para as desigualdades sociais que incidem sobre o alcance do sucesso em dada modalidade esportiva, assim, poderia ser aquela conferida pela desigual consagração que sofrem os sujeitos detentores de diferentes bagagens: quer sejam elas objetivadas, institucionalizadas ou, principalmente, incorporadas a partir do acúmulo de processos de socialização introjetantes de códigos e valores esportivos dominantes aos *habitus* dos sujeitos. Resta saber se, tal qual aquele, este também é um campo onde estas desigualdades, ao seu relativo espelho e semelhança, são também predominantemente influenciadas pelo capital cultural. É com esta premissa que o presente estudo centraliza os seus esforços na análise do conceito de herança cultural<sup>14</sup>, veredicto relativo à posse

---

<sup>14</sup> Sem nenhuma pretensão de descaracterizar os sentidos originais atribuídos ao conceito de herança cultural por Pierre Bourdieu originalmente propostos em um olhar para o sistema escolar, a proposta de definição de tal conceito aqui utilizada, muito despretensiosamente, tem apenas o propósito de possibilitar o alargamento de seus sentidos e usos por agentes pertencentes a espaços sociais daquele distintos. Tal polissemia, neste caso, pode ser interpretada como a complexidade, pluralidade e heterogeneidade capazes de assumir as diferentes formas de manifestação do conceito de herança ao longo dos mais diversos campos de disputas. No entanto, há de se ter sempre em vista que embora seja este apenas um

de capitais que permitem o acesso, pelos seus herdeiros, a percursos marcados pelo sucesso e pela distinção legitimados pelos mais diversos espaços sociais, sendo este o patrimônio cultural familiar transmitido às futuras gerações de famílias de grupos sociais favorecidos (BOURDIEU, 1998b; BOURDIEU; PASSERON, 2014).

“Matriz da trajetória social e da relação a essa trajetória” (BOURDIEU, 1998b, p. 231), a herança cultural encerra, em si própria e no princípio fundante da sucessão geracional do qual se nutre, contradições sempre oriundas da dupla vinculação da qual se originam e, principalmente, das discrepâncias entre as disposições do herdeiro e o destino encerrado em sua herança. Neste sentido, é necessário se considerar as tensões genéricas associadas à tendência de perpetuação pelas quais todas as famílias intentam e, de maneira complementar, também aquelas que da herança sejam específicas, quais sejam as características de sua variância. O progenitor da herança, neste sentido, pode ser compreendido não só como o sujeito, mas como o instrumento de um *conatus*<sup>15</sup> transmitido inconsciente segundo as inscrições de suas disposições também herdadas (BOURDIEU, 1998b). Para além, é possível se considerar que embora seja esta e por esta a forma pela qual a herança se manifesta, ela é passível também de ser explicitamente transmitida por meio de ações educativas que visem a perpetuação de sua linhagem. Se o processo de herdar, assim, pode ser compreendido pela transmissão de disposições imanentes orientadas para a perpetuação de um *conatus* (BOURDIEU, 1998b), a sua aceitação, por sua vez, é representativa de uma docilidade implicada desse “projeto” de reprodução. O alcance do sucesso da herança, assim, é por Bourdieu (1998b, p. 232) compreendido:

A herança bem-sucedida é um assassinato do pai consumado a partir de sua própria injunção, uma superação dele destinada a conservá-lo, manter seu “projeto” de superação que, enquanto tal, está na ordem das sucessões. A identificação do filho com o desejo do pai como desejo de ser continuado faz o herdeiro sem história [...]. Os herdeiros que, aceitando herdar – portanto, serem herdados pela herança – conseguem apropriar-se dela e escapam das antinomias da sucessão.

---

ponto de vista possível dentre vários outros sobre este conceito, sendo ele inevitavelmente arbitrário, faz-se imperioso que o seu uso faça sempre de modo relacional às condições originárias pelas quais a herança, também, pode ser ela mesma considerada uma herdeira. Desta maneira, sugere-se que futuros agentes que possam se apropriar de tal proposta, a façam de forma meticulosamente reflexiva ao contexto original dos modos de funcionamento do sistema escolar pelo qual a perspectiva *bourdieusiana* do conceito de herança, neste caso também primeira e primária, originalmente se sustentou.

<sup>15</sup> Tal qual em Bourdieu (1998b, p. 232), *conatus* é um termo que também aqui guarda o sentido de “projeto”. Entretanto, sendo oposto “à lógica da intenção consciente evocada por esta palavra”.

Se a identificação com o sujeito transmissor da herança e com o seu projeto constitui, claramente, uma das condições necessárias para o sucesso da transmissão da herança – sobretudo quando ela consiste em capital cultural (BOURDIEU, 1998b) – esta, entretanto, não é condição suficiente. De maneira adicional, seria preciso de considerar – e ainda mais mas não unicamente pros ditos herdeiros, detentores do capital cultural – os veredictos da consagração pelos quais os sujeitos estão subordinados, tal qual aqueles que orientam a instituição escolar e, dela decorrente, também o sucesso neste espaço. Oposto a este cenário, assim, residiria em Bourdieu (1998b, p. 233) também uma possível – e acolhedora – possibilidade de análise do fracasso em determinado campo social<sup>16</sup>:

Aqueles, comumente chamados de “fracassados”, são, essencialmente, os que erraram o objetivo que lhes fora socialmente atribuído pelo “projeto” inscrito na trajetória dos pais e no futuro que ela implicava. Se sua revolta volta-se, indistintamente, contra a escola e contra a família, é porque têm todas as razões de sentir a cumplicidade que, apesar da oposição aparente, une essas duas instituições e se manifesta na decepção de que eles são a causa e o objeto. Tendo liquidado as expectativas e as esperanças do pai, não lhes resta outra escolha a não ser abandonarem-se ao desespero, tomando à sua conta a imagem totalmente negativa que lhes é enviada pelos veredictos das duas instituições aliadas, ou matarem simbolicamente, em seu próprio princípio, o “projeto” dos pais, orientando-se de forma oposta ao estilo de vida familiar.

Se é claro para o ponto de vista *bourdieusiano* que não se pode pensar a existência de um sujeito sem situá-la, de forma relacional, ao espaço social em que concorrem os capitais em disputa no qual este se encontra, as relações entre o conceito de *habitus* e herança, assim, tornam-se necessárias. Sendo aquele responsável por apreender empiricamente a influência das estruturas constitutivas de um tipo particular de meio sob a forma de regularidades associadas às ações dos sujeitos, bem como a influência mútua destas mesmas ações quando se considera o mesmo ambiente, uma possível aproximação do *habitus* com o conceito de herança, talvez, seja aquela proporcionada ao se considerar que são, ambos, sistemas de disposições adquiridos por aprendizagens que podem se dar de modo implícito ou explícito, funcionando como um

---

<sup>16</sup> Faz-se, também aqui, o imperativo de que se conheça e considere o sentido original atribuído para o fracasso, neste contexto pensado tanto em relação às instâncias da escola como da família. Um adendo importante a ser feito é aquele sobre a consideração que esta foi uma análise *bourdieusiana* específica, tão só a podendo ser, para o sexo masculino de progenitores e herdeiros dado o ambiente familiar (pai e filho).

sistema de esquemas geradores de estratégias objetivamente afins aos interesses objetivos de seus agentes sem, todavia, terem sido expressamente concebidos para este fim (BOURDIEU, 1983).

É da relação entre *habitus* e herança e do exercício reflexivo de pensá-los em relação ao campo esportivo que possivelmente configure-se uma também fecunda análise sobre aquilo que pode significar ser um atleta ou, mais precisamente, dos diferentes modos e estilos de vida capazes de serem expressos pelo praticante esportivo. A condição experimentada por um atleta, sobretudo em alto rendimento e muito embora tenha lá em comum a dedicação mais próxima ao fenômeno esportivo como princípio homogeneizante de um certo grupo social, não seria suficiente, assim salvaguardar a ideia de que compõe este ou outros grupos sociais mais, um agrupamento uno, unificado ou unificante. Em outras palavras, também no esporte não seria possível considerar os sujeitos, senão, a partir de seus *habitus* e heranças que o distinguem não só em sua heterogeneidade, mas principalmente pela desigual oferta de bens aos quais são desde muito cedo expostos e, ao longo do tempo, pela família socializados. Sendo o *habitus* um instrumento pelo qual os sujeitos ajustam as suas expectativas ao longo de sua história biográfica e, por sua vez, marcada pela posse mais ou menos distintiva de certa herança, a submissão da formação dos sujeitos a uma instituição como o esporte que, tal qual a escola, certifica e potencialmente pode subordinar o futuro de alguns – na expressão de seu profissionalismo – não permite, entretanto, sobre a equivalência do peso dos mercados escolar e esportivo na experiência de formação esportiva de seus praticantes. As atitudes dos membros das diferentes classes sociais e, particularmente, em relação ao esporte, à cultura esportiva e ao futuro oferecido por esta carreira são, em grande parte, a expressão do sistema de valores que se devem indiretamente à sua posição social. Como indaga Bourdieu (1998b, p. 49) em relação ao processo de interiorização ao final do qual as oportunidades objetivas transfiguram-se em esperanças ou desesperanças subjetivas em uma carreira, “[...] a atitude com relação ao futuro, seria, com efeito, outra coisa além da interiorização do futuro objetivo que se faz presente e se impõe progressivamente a todos os membros de uma mesma classe através da experiência dos sucessos e das derrotas?”.

Fator de diferenciação preponderante em ambas as carreiras educacional e esportiva, assim, a origem social nelas definiriam as chances, condições de vida e, possivelmente para o campo do esporte, também de trabalho. A intensidade e o sentimento de dependência, variável segundo a origem dos recursos, estabelece a



natureza da experiência e dos valores associados às suas vivências, via de regra a restrição destas escolhas impondo-se mais às classes desfavorecidas ao par das privilegiadas e, respectivamente, mais às moças do que aos rapazes (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Se para os sujeitos originários das camadas menos favorecidas a escola permanece a única via de acesso à cultura em todos os níveis de ensino (BOURDIEU; PASSERON, 2014), a possibilidade do esporte como via real de democratização das suas práticas seria possível se, assim como naquela, não se consagrasses as desigualdades iniciais em relação à cultura e se não se chegasse, com frequência, a se desvalorizar a cultura transmitida em favor de práticas herdadas que não levam a marca reles do esforço e, por isso, carregam a aparência da “facilidade” e da “graça” (BOURDIEU, 1983; BOURDIEU, 2007b).

No afastar dos domínios diretamente controlados pela escola, caso do esporte que pode ou não compor-se objeto direto do ensino escolar, tanto mais marcada se faz a diferença entre os sujeitos oriundos de meios sociais distintos quanto o vigor de uma ideologia tida como mais universal porque mais largamente acessível (BOURDIEU, 1998b). A influência do capital cultural neste espaço, assim como naquele, é passível de se dar em conformidade ou dissonância com o campo educacional à depender das características do grupo social considerado. A marca das aquisições passadas, feito aquele, neste também é responsável pelo acúmulo de uma herança cultural geralmente primária em relação aos cultivos feitos pela família, tanto por meio do estímulo precoce às práticas esportivas, como pela relação de familiaridade desenvolvida com estas mesmas práticas (JANUÁRIO, 2014).

Investigar como circula e de que forma é sancionado o capital cultural entre os sistemas educacional e esportivo, dentre outros aspectos, revela o funcionamento de mecanismos de seleção dos sujeitos quase sempre ocultos em ambos os campos. Corroborando as considerações de Piotto (2009) sobre a escola, se isso é o que esta instituição tem feito, na própria obra de Pierre Bourdieu podemos encontrar elementos que permitem vislumbrar possibilidades destas distintas. E, neste sentido, tanto para ao conservadorismo da carreira escolar como para aquele que parece, também a carreira esportiva, consagrar por meio de mecanismos ocultos que conferem êxito a sujeitos alicerçados em seus privilégios culturais. Sendo um dos caminhos de escape desta reprodução, como aponta o autor, colocar toda ação à serviço para obrigar e autorizar a instituição escolar – e, aqui, a esportiva – a desempenhar a função que lhe cabe de fato e de direito, ou seja “[...] a de desenvolver em todos os membros da sociedade, sem

distinção, a aptidão para as práticas culturais que a sociedade considera como as mais nobres” (BOURDIEU, 1998b, p. 62), considera-se esta, dentre outras, uma disputa pela qual está este estudo implicado.

Tal qual a ruptura com os pressupostos que associavam o sucesso ou o fracasso escolar às “aptidões”, “dons” e “talentos naturais” dos alunos (BOURDIEU, 1998b) proporcionada a partir do desvelar da desigual distribuição de capital cultural entre os sujeitos pertencentes às diferentes frações de classe (BOURDIEU; PASSERON, 2014), o presente estudo tem como propósito, embora incomparável em suas proporções, despertar o início de uma reflexão sobre o que pode estar oculto naquilo que atualmente se considera por desempenhos exitosos ou não, contudo, no esporte. Considerando as profícuas lições advindas da análise *bourdieusiana* no campo educacional sobre o acúmulo desigual de capitais – sobretudo o cultural – e sua relação com o desempenho mais ou menos exitoso apresentado pelos sujeitos, faz-se imprescindível que esta temática e seus desdobramentos sejam levados à prática em espaços, como o esporte, cuja discussão ainda parece ser pouco explorada. Se outrora era suficiente que a escola nada fizesse para a manutenção do *status quo* favorável à ocorrência das desigualdades sociais em seu interior (BOURDIEU, 1998b), é justamente com a intenção de se evitar que tal quadro perdure também no esporte que, a partir da representação enxadrística, este estudo se propõe às porvindouras discussões sobre o que a herança pode, justamente por não se ter lançado luz aos seus mecanismos neste campo, também aqui ocultar.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica. Portanto, não como técnicas de pesquisa, mas como um fazer ciência (MARTINS, 2004).

Os procedimentos metodológicos, antes de serem simples opções por técnicas mais ou menos adequadas a dado contexto de pesquisa, são neste estudo compreendidos como modos de se fazer ciência. Meios, estes, que expressam decisões sobre o uso de um conhecimento crítico que indaga e questiona os limites e possibilidades dos caminhos percorridos ao longo do processo científico (MARTINS, 2004). Sob o pedestal de conhecimento a partir do qual todos os outros são articulados, entendidos e

explicados, uma das alternativas para o distanciamento desta concepção de saber científico – sem, contudo, abandoná-lo – do qual este estudo corrobora é aquele proposto por Martins (2004, p. 298): “um conhecimento que, além de útil, seja explicitamente orientado por um projeto ético que visa a solidariedade, a harmonia e a criatividade”.

Se o alcance dos conhecimentos na grande área da educação depende, dentre outros, do desenvolvimento de teorias próprias, da seleção adequada de procedimentos e instrumentos, da análise interpretativa dos dados, de sua organização em padrões significativos, da comunicação precisa dos resultados e conclusões e de sua validação pela análise crítica da comunidade científica (ALVES-MAZZOTTI, 2001), faz-se necessário apresentar, assim, os meios pelos quais este estudo produzirá ciência nesta área. Neste percurso, estritamente reflexivo e autocrítico, propõe-se um itinerário sobre o que significa ser uma pesquisa situada na grande área da educação, de abordagem qualitativa e com o aporte sociológico. É assim, aberta à análise, à crítica e ao questionamento da comunidade científica para que se deixe agir a “tradição crítica” (ALVES-MAZZOTTI, 2001) que intenta, esta dissertação, à real construção do conhecimento acadêmico.

### **3.1. Delineamento teórico-metodológico**

#### **3.1.1. Ser uma pesquisa situada na grande área da educação**

O que se considera uma boa pesquisa em educação? Devem existir padrões universais dentro desse campo tão amplo e tão diverso de pesquisa? Se vamos responder positivamente a esta questão, quem deve criar esses padrões? Com que meios? Se for possível chegar a um acordo sobre quais sejam esses padrões, como devem ser divulgados e implementados e quem fará isso? (ANDRÉ, 2001).

As profícuas indagações propostas em “Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade” por Marli André (2001) sobre o campo da educação oferecem uma antevisão sobre a heterogeneidade de suas questões teóricas, procedimentos metodológicos e modos de produção de conhecimento. Compreender e interpretar este espaço e as questões que nele se inscrevem exige, deste modo, enfoques tão mais abrangentes quanto maiores forem as contribuições inter/multi/transdisciplinares de um corpo de saberes – sobretudo antropológico e sociológico – que, como a educação, também são relativamente autônomos à grande área das ciências sociais. Como afirma a autora, “[...]”

há quase um consenso sobre os limites que uma única perspectiva ou área de conhecimento apresenta para a devida exploração e para um conhecimento satisfatório dos problemas educacionais” (ANDRÉ, 2001, p. 53).

Na esfera das ciências sociais e da educação, a diversidade de modelos próprios de investigação e de critérios que orientam a prática de pesquisa cumpre a dupla função de orientar o seu desenvolvimento prático e legitimar a confiabilidade de suas implicações (ALVES-MAZZOTTI, 2001). É preciso lembrar, com frequência, que os paradigmas que percorrem o âmbito destes domínios diferem daqueles próprios das ciências naturais, o que faz com que os argumentos utilizados para a defesa de cada uma destas posições sejam coerentes com as raízes epistemológicas dos paradigmas que as propõem. Assim, “deveriam ser definidos alguns critérios mais gerais e outros que se diversificariam segundo o tipo de pesquisa educacional?” (ANDRÉ, 2001, p. 58).

Considerando uma postura relativista sobre os diferentes graus de autonomia do campo educacional frente às disciplinas com as quais dialogam suas investigações, este estudo compartilha a visão da autora ao considerar pontos elementares a serem observados em quaisquer pesquisas que venham a ocorrer neste espaço, bem como outros mais específicos aos mais diversos tipos de investigações existentes. Como a autora ainda relembra, a construção da própria arbitrariedade destes critérios, tanto os mais gerais quanto os mais específicos, deve ser uma tarefa coletiva e de longo prazo. Admitir que estes critérios sejam decorrentes de um acordo entre investigadores da área em um dado momento histórico, como complementa Alves-Mazotti (2001), em nada compromete a sua utilidade e relevância. É justamente no intermédio da discussão entre a adesão ou transgressão das regras e normas que circulam pelo espaço educacional que Azanha (1992) discute a noção de falha metodológica. A expressão postula a fronteira entre se considerar um código metodológico universalmente aceito ou uma interminável discussão sobre o seu sinônimo como violação. Por mais amplo que seja o consenso em torno de determinada regra, conclui o autor, seria preciso considerar o que constituiria uma violação e até que ponto esta seria tolerável sem comprometimento a um padrão científico desejável de investigação.

Em levantamento sobre os critérios de julgamento das principais agências de fomento brasileiras – instâncias de consagração da recobrada produtividade científica – Marli André (2001) identificou os seguintes parâmetros pelos quais são avaliados os projetos a elas submetidos: a) relevância científica e social, isto é, temas engajados com a prática que explicitem um quadro teórico em que fique evidente a sua contribuição

para o conhecimento já disponível; b) objeto bem definido e objetivos ou questões claramente formulados – ressoando Azanha (1992) sobre a determinação do objeto da investigação empírica que, por sua vez, não deve ser geral –, além de metodologia suficientemente descrita e justificada; c) análise densa e fundamentada em evidências e conclusões que possibilitem o avanço daquilo que já é conhecido ou sabido.

Considerar que o progresso do conhecimento se constitui tão só através da ciência aplicada ou que a produção de tecnologia deve ser sua meta científica, consoante Azanha (1992), representa a adesão acrítica de uma das grandes vocações da investigação em educação: a criação de bases para uma ampla tecnologia educacional. Com a premissa de se estender a áreas além desta, o pressuposto deste pensamento está no valor da ciência como matriz geradora de tecnologia. Em maior parte, contudo, sendo restrita a uma tecnologia do ensino que, como adverte o autor, seria apenas uma manifestação da ciência aplicada. Escorado em uma visão segundo a qual haveria uma relação linear entre o desenvolvimento da investigação científica e o progresso da tecnologia, o praticismo da pesquisa educacional tenderia, paradoxalmente, à rarefação dos esforços teóricos e, portanto, também à penúria de seus resultados práticos (AZANHA, 1992). Em suma, uma vez depreciada a teoria, a pesquisa empírica desordenadamente incidiria sobre fragmentos do processo educativo, reduzindo eminentemente o alcance da investigação educacional.

O vínculo desta pesquisa com o campo da educação se estabelece, dentre outros meios: a) através do estudo das práticas de socialização familiares relacionadas ao xadrez vivenciadas pelos jogadores brasileiros de maior prestígio nesta modalidade; b) através do estudo do xadrez como fenômeno esportivo sociocultural e, como tal, intimamente relacionado aos indissociáveis processos de educação e formação humanas. Reconhecendo o esporte como categoria analítica e, portanto, a relevância em estudá-lo, esta pesquisa propõe não necessariamente o estudo do xadrez como prática descontextualizada de suas implicações esportivas e educacionais, mas, como sugere Sposito (2003), a sua investigação como unidade empírica e, como tal, considerando a influência de outros elementos em seu exercício. Mais especificamente, um enfoque que se dê sobre a compreensão de que a prática e o sucesso enxadrísticos possam estar socialmente constituídos. Isto é, com emergência em processos de socialização em tudo opostos ao vasto apelo aos “dons” e “talentos” naturais que assolam o meritocrático campo esportivo.

Com base nestes pressupostos e paradigmas, esta dissertação se propõe a uma análise rigorosa sobre como se deram estes processos como critério de qualidade do trabalho científico (ANDRÉ, 2001), estando suas análises direcionadas a partir de um quadro social mais amplo e menos tecnológico dos processos educativos (AZANHA, 1992) que envolvem a constituição social de trajetórias esportivas de sucesso no xadrez. Como sugere Alves-Mazzotti (2001), a partir de uma ideia de cientificidade mais adequada aos fenômenos legítimos às ciências sociais sem, contudo, desprezar o tão preconizado rigor que é, de forma mais ampla, recobrado pelos requisitos da tradição científica.

### **3.1.2. Ser uma pesquisa que apresenta uma abordagem qualitativa**

A variedade do material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva. A intuição, assim, não como um “dom”, mas como resultante da formação teórica e dos exercícios práticos do pesquisador (MARTINS, 2004).

A escolha de uma abordagem qualitativa para este estudo tem por finalidade identificar e analisar com profundidade, sob uma perspectiva sociológica, o espaço social ao qual se propõe a investigar. Deste modo, se encaixa em uma gama de estudos qualitativos que englobam um conjunto heterogêneo de perspectivas, métodos, técnicas e análises dentro das já diversas temáticas, enfoques e contextos característicos do campo educacional. O desafio desta pesquisa, neste sentido, será aliar a riqueza proporcionada pelo estudo em profundidade de seu fenômeno microssocial à transferência de conhecimentos e/ou geração de hipóteses para contextos esportivos e/ou educacionais macrossociais semelhantes (ALVES-MAZZOTTI, 2001). Particularmente, neste caso, através da geração de categorias analíticas que se permitam estender a uma compreensão integral sobre a constituição social da formação esportiva em outras modalidades e/ou, ainda, na análise de demais trajetórias no interior do próprio subcampo esportivo do xadrez ao se considerar, no entanto, outras posições que não aquela dominante – da qual trata este estudo – ocupada neste espaço. Afinal, uma visão complexa da realidade exige a compreensão de modos de estruturação que se diferem não só de cultura para cultura, mas também no interior de um mesmo grupo social (BRITO; LEONARDOS, 2001).

As razões que conduzem esta pesquisa a adotar uma abordagem qualitativa se remetem, dentre outras, à identificação da insuficiência quanto à transferência de conhecimentos produzidos apenas por uma descrição densa dos sujeitos e contextos da pesquisa. Nesta perspectiva, Alves-Mazzotti (2001) relembra a importância da criação de padrões, dimensões e relações entre o material empírico que favoreçam a construção teórica e o consequente acúmulo de conhecimento sobre dado fenômeno. É intenção buscar, assim, um exame intensivo em amplitude e profundidade dos microprocessos socializadores vivenciados pelos participantes deste estudo, bem como a construção macrossocial do espaço em que se objetivam e distribuem as dimensões de seus capitais (BOURDIEU, 1996). De acordo com Alves-Mazzotti (2001), a compreensão das subjetividades e das práticas requer a sua relação com as condições sociais em que foram produzidas. A dimensão praxiológica (BOURDIEU, 2003) adiante pormenorizada, neste sentido, será explorada com o intuito de apreender as ações dos agentes em relação às condições objetivas dos espaços em que se situam.

Integrantes do campo qualitativo, assim, as relações de poder que denotam as diversas correntes que atravessam o interior deste espaço devem ser compreendidas através de seus diferentes paradigmas. Se há uma característica própria dos métodos qualitativos, segundo Martins (2004), esta é a flexibilidade. Mais fecundo do que discutir critérios de qualidade para a pesquisa qualitativa, deste modo, é estabelecer um debate que conduza à compreensão de parâmetros mais amplos e flexíveis dentro dos quais a pesquisa qualitativa na área das ciências humanas e sociais – e, nelas, a educação – desenvolve-se atualmente (BRITO; LEONARDOS, 2001).

### **3.1.3. Ser uma pesquisa com o aporte teórico-metodológico da sociologia**

Todo conhecimento sociológico tem, como fundamento, um compromisso com valores (MARTINS, 2004).

A necessidade de uma definição clara e precisa de seu objeto, bem como a compreensão de como se aplicam os fundamentos da ciência e os princípios do método científico, por sua vez, foram sempre questões pertinentes ao campo sociológico (MARTINS, 2004). Consoante a autora, em rápido olhar pela sua história, nota-se a apresentação de uma sociologia de base científica frágil. Principalmente, em decorrência das dificuldades em se tratar um objeto tão complexo, versátil e sujeito às

recusas de caracterização e previsão como é – e tem sido historicamente – o ser humano. Mais recentemente, no entanto, os princípios sociológicos têm orientado e complementado a explicação de fenômenos sociais particulares dentro das mais diversas correntes científicas (SPOSITO, 2003). Com a designação de sociologia da educação, como adverte a autora sobre a sua tomada na área, esta não deveria ser considerada como disciplina especial detentora de objetos e problemas próprios. O uso mais ou menos livre desta denominação, explica, intui facilitar a identificação do teor das contribuições da apropriação sociológica nesta área sem, no entanto, conservar um sentido lógico em sua subdivisão. “Trata-se, assim, de examinar, sob o ponto de vista sociológico, os fenômenos educativos e não apenas uma divisão arbitrária disciplinar que não encontra eco nos processos sociais reais” (SPOSITO, 2003, p. 211).

Ciência das relações entre a reprodução cultural e a reprodução social (BOURDIEU; PASSERON, 2014), a sociologia da educação tem se ocupado amplamente da escola como instância dominante de socialização nas últimas décadas. No entanto, não se restringe à ela. De acordo com Sposito (2003, p. 212), o estudo de “[...] situações educativas e práticas socializadoras observadas na família, nos grupos de pares, nas trocas informais da esfera pública, no mundo das associações, nos movimentos sociais e nas relações com a mídia” tem significado uma via promissora para a ampliação das preocupações da sociologia da educação, embora seja, ainda, bastante incipiente no Brasil. É com o pressuposto em uma concepção ampliada dada à sociologia da educação, no interior da qual o esporte se configura também como instância educativa, que se propõe a paráfrase da indagação feita – no seu caso, para a escola – pela autora: como seria possível esboçar uma perspectiva não esportiva no estudo sociológico do esporte?

A pretensão é de uma abordagem que continue a privilegiar a relevância em se estudar o esporte. No entanto, sem desconsiderar a influência de outros elementos no modo como operam suas práticas. É continuar a considerá-lo como relevante categoria analítica, mas que não necessariamente exija o seu estudo empírico. É olhar para as ações práticas dos sujeitos no esporte e para além dele, esboçando um quadro maior de complexidade das relações entre as atuações do agente no campo esportivo que repercutem, também, em outras agências socializadoras. Nesta linha de pensamento, seria preciso considerar a exigência de um conhecimento mais denso do esporte em seus elementos não esportivos, compreendidos e situados – muitas vezes – para além deste fenômeno. É considerar, por exemplo, o praticante esportivo em suas manifestações



relacionadas à fase da vida, gênero, cor da pele, dentre outros indicadores que possam complementar a construção de um ser integral e que, assim sendo, nunca poderá ser plenamente compreendido apenas como o sujeito que pratica esporte.

### **3.2. Grupo de participantes**

Detentores de princípios de diferenciação – como o volume e estrutura globais de capital (BOURDIEU, 1996) – que os permitem compor a elite do subcampo esportivo do xadrez, o grupo de participantes deste estudo foi composto pela totalidade dos 12 jogadores brasileiros que detêm a certificação de maior distinção no interior do espaço social desta modalidade, o título de Grande Mestre (GM). Foram critérios de escolha destes sujeitos: a) possuir, durante o período de realização desta pesquisa (2015 a 2017), o título de GM homologado pela Federação Internacional de Xadrez (FIDE); b) apresentar nacionalidade de origem brasileira; c) obter o aceite do termo de consentimento livre e esclarecido que envolve as condições de participação próprias deste estudo.

Intencionando-se obter uma prévia sobre a disponibilidade de participação deste grupo, o contato inicial com os sujeitos foi feito por meio do envio de informações referentes ao estudo em seus respectivos endereços eletrônicos. Devido à baixa taxa de respostas obtidas por essa via e considerando ser este um grupo cujo reconhecimento entre pares é decorrente da posição de prestígio que ocupam, recorreu-se aos próprios sujeitos para a indicação de vias informais de contato, ao exemplo do telefone celular, para aqueles sujeitos cuja resposta não havia se dado. O agendamento dos encontros pessoais necessários para a coleta de dados obedeceu as sugestões de datas e locais propostos pelos participantes, assegurando que os procedimentos não interferiam em suas atividades de treinamento e/ou competição.

A identidade dos sujeitos foi preservada por meio do desígnio aleatório dos números de um a doze (1 a 12) para a sua representação. A ordem adotada para a denominação foi a mesma ordem de realização da coleta de dados. Grande Mestre 1 (GM 1), por exemplo, representou a sigla do enxadrista com o qual se obteve o primeiro contato pessoal por meio da asserção do encontro.

Embora o alcance da representatividade estatística não seja a finalidade das abordagens qualitativas em geral (ALVES-MAZZOTTI, 2001), pode-se dizer que, neste estudo, os sujeitos foram expressivos da população formada pelo universo da grande

maestria brasileira. Isto é, embora a representatividade esteja relacionada quase sempre às possibilidades de generalização em razão de uma noção estatística de amostra (MARTINS, 2004), considerou-se também a possibilidade de seu alcance por meio de uma abordagem qualitativa de pesquisa que persistiu em privilegiar uma análise densa em sua amplitude e profundidade.

A obtenção de um grupo representativo e de resultados que sejam generalizáveis, ainda assim, não se constituiu preocupação primeira deste projeto. Todavia, pôde ser considerada como desdobramento da possibilidade de análise de um grupo de participantes abrangentes em sua integralidade. Ademais, considerou-se a chance de não ser possível entrevistar todos os 12 participantes previstos, o que comprometeria a generalização dos resultados mas, ainda assim, não a profundidade de análise deste grupo. Respeitadas as particularidades deste conjunto, a possibilidade de transferência e aplicabilidade dos resultados deste estudo para outras realidades, como relembra Alves-Mazzotti (2001), pode se dar por meio de uma generalização analítica que alicerce adequadamente outros casos na homologia entre as categorias e teorias geradas.

A pesquisa conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 57818016.7.0000.5659 e parecer 1.761.845.

### **3.3. Produção dos dados**

O recurso ao depoimento oral foi adotado como forma de coleta dos dados por meio de entrevistas retrospectivas semiestruturadas realizadas pessoalmente com cada um dos sujeitos. O roteiro inicial (Anexo D) contempla questões fechadas e abertas com a finalidade de proporcionar tanto a praticidade da obtenção de dados socioeconômicos referentes ao sujeito e à sua família quanto, em um segundo momento, a reflexão do participante sobre a sua trajetória esportiva a partir da flexibilidade necessária para o aprofundamento de determinados temas conforme suas emergências. A variedade do material obtido qualitativamente por meio da retrospectiva baseou-se na tensão entre a apreensão da verdade dos acontecimentos narrados pelo entrevistado. Entendendo que o seu olhar presente sofre a influência de experiências vividas entre o tempo do

acontecimento e o tempo presente do relato a cuja memória se apela (MARTINS, 2004) foi necessário identificar, assim, que a verdade pôde estar interposta entre aquilo que se deseja ou se pode recordar e a interpretação dada a estas lembranças. Cabe ao pesquisador, assim, a interpretação da já interpretada fala extraída e o seu posicionamento no espaço social em que se insere.

Longe de uma compreensão de entrevista como mero produto da pesquisa empírica, este estudo a entendeu como um processo (ROMANELLI, 1998) e, portanto, como instrumento a ser continuamente construído desde o seu delineamento teórico-metodológico até as posteriores etapas de coleta e análise dos dados. A sua realização, instância de fluxo e de troca de experiência entre o sujeito que pesquisa e aquele que é por ele pesquisado, em relação face à face, teve a alteridade como pressuposto fundante para a ocorrência da comunicação e subsequente construção dos fatos (ROMANELLI, 1998). A relação entre o pesquisador e o participante da pesquisa, neste estudo remetido ao estatuto de sujeito humano cuja prática se deseja compreender (BRITO; LEONARDOS, 2001), é condescendente com Martins (2004, p. 296):

Seja como cientistas (ou mesmo como assessores), a nossa relação com o outro, que também é sujeito portador de um conhecimento, não deve ser marcada pela intenção de fornecer uma direção, segundo um projeto político que é o nosso. Ou de olhar para o “nosso objeto” a partir de uma concepção política que, antes de permitir uma análise objetiva, nos leve a realizar avaliações. Temos que fornecer um conhecimento que ajude esses sujeitos a se fortalecerem enquanto sujeitos autônomos, capazes de elaborar o seu projeto de classe. Autonomia dos sujeitos pressupõe a liberdade no uso da razão. O papel dos cientistas deve ser, portanto, o de fornecer um conhecimento que ajude o outro a se fortalecer como sujeito autônomo capaz de elaborar o seu próprio projeto político.

Realizadas conforme a indicação de locais e horários e disponibilidade dos participantes, a duração média das entrevistas esteve prevista entre o intervalo de 30 a 60 minutos. No entanto, ao longo da pesquisa de campo, o tempo médio estimado para cada uma delas versou entre 1 e 4 horas de duração entre os diálogos, variando entre os sujeitos. O registro do áudio decorrente das falas, uma vez obtido o consentimento do entrevistado, se deu com o auxílio de um gravador digital com o intuito de facilitar o processo de transcrição dados. Todas as entrevistas contaram com o processo de devolução para o grupo de participantes no momento posterior à sua transcrição.

### 3.4. Análise dos dados

#### 3.4.1. A Análise Temática

O processo de análise, antes de sua mera descrição, define-se a partir de dada abordagem de pesquisa – neste estudo qualitativa, como já explicitado em sessões anteriores – que incidirá sobre o modo como os dados serão caracterizados e organizados, bem como pelos tipos de análise pelas quais serão submetidos. Mais do que se opor à dicotomia entre as tipologias qualitativa e quantitativa de pesquisa, corroborando Guest, Macqueen e Namey (2012), é aquilo que o pesquisador faz e o modo como lida com os seus dados que definirá o seu envolvimento com a análise qualitativa. Posto isto, são a partir de pressupostos explícitos decorrentes da flexibilidade de uma instrumentação teórica capaz de prover um tratamento rico, detalhado e complexo dos dados que a Análise Temática (BRAUN; CLARKE, 2006) foi adotada como procedimento qualitativo de análise neste estudo.

A Análise Temática apresenta-se como metodologia que tem por finalidade identificar, analisar e reportar padrões temáticos no interior de determinada base de dados de modo a compor, através de uma rica descrição e organização, o *corpus* particular de interesse delineado pelo estudo (BRAUN; CLARKE, 2006). Difere de outros métodos analíticos que objetivam descrever padrões através da mera emergência de dados qualitativos, sendo desvincilhada de referenciais teóricos pré-existentes e, portanto, aberta a modos distintos de análise a partir de diferentes enquadramentos. Definida intimamente nos estudos que se utilizam de seu método de análise, como argumentam Braun e Clarke (2006), a sua nomenclatura não parece estar amplamente difundida da mesma maneira que métodos qualitativos mais populares. Segundo as autoras, embora a maior parte das análises seja essencialmente temática, geralmente estas seguem reivindicações por esta ou aquela nomenclatura ou, por outro lado, optam por não identificarem-se como nenhuma metodologia em particular.

Seja com o propósito de trazer à tona a realidade e/ou desvendar as incógnitas envoltas por trás de sua superfície, é de fundamental importância que se assumam uma posição teórica nesta análise. Sobretudo porque, como anteriormente mencionado, nem sempre a sua denominação como análise será explícita. Como expõem Braun e Clarke (2006), o exame de qualquer quadro teórico trará consigo o que ele representa em termos de uma visão de mundo e de realidade, carregando uma série de postulados

sobre a essência dos dados. Uma apropriação adequada da Análise Temática, neste sentido, tornaria tais concepções transparentes. Afinal, considerando a condução de uma pesquisa qualitativa, “[...] não há referencial teórico ou metodologias ideais, mas a combinação destes elementos com vista àquilo que o pesquisador deseja conhecer” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 80). A consciência de que toda decisão deve ser reconhecida pelo pesquisador como uma dentre uma gama de várias outras possíveis é, por si só, razão pela qual a clareza sobre o processo e a prática daquilo que se faz devem ser vitais.

### **3.4.2. O processo de tomada de decisões**

A Análise Temática envolve um número de decisões que, embora na maioria das vezes não o sejam, necessitam ser explicitadas para que as suas considerações e discussões tornem-se possíveis. Na prática, como apontam Braun e Clarke (2006), estas questões devem ser consideradas antes que se inicie a análise dos dados – e algumas vezes antes mesmo de sua coleta, como é o caso deste estudo –, de modo a estabelecer um diálogo de curso reflexivo sobre aquilo que a este exame se refere ao longo de todo o processo analítico que ocorre entre o pesquisador e o sujeito que está sendo pesquisado. Dispõe-se, assim, tais indagações:

- a) Definição do tema: além de representar certo padrão em relação às respostas ou aos significados de um conjunto particular de dados, o tema capta a importância de dado aspecto de seu conjunto em relação à questão central de pesquisa. Neste sentido, um questionamento crucial para o processo de codificação seria aquele que se refere sobre o que poderia ser considerado um tema, bem como o tamanho de sua dimensão. Sendo esta uma questão de prevalência em termos do conjunto total ou de um excerto particular dos dados, a quantidade de suas aparições não necessariamente deve significar que um ou outro tema é mais crucial que o outro. Como se trata de uma análise qualitativa, não deve haver resposta rígida à pergunta sobre qual a proporção do conjunto de dados que precisa evidenciar o tema para que ele seja considerado como tal. O julgamento do pesquisador, neste sentido, irá determiná-lo de modo consistente no decorrer de dada análise. Considerando

o exposto, a herança (BOURDIEU; PASSERON, 2014) será definida como tema inicial deste estudo, sendo este o eixo que sustentará a emergência de demais temas a ele relacionados que possam surgir no decorrer da análise.

- b) Uma rica descrição do conjunto de dados versus um relato detalhado de dado aspecto em particular: considerando a importância de se determinar o tipo de análise e as reivindicações que dela irão emergir, esta escolha se refere às opções entre uma rica descrição do conjunto de dados (geralmente utilizada em áreas ou temáticas até então pouco exploradas, envolvendo um senso geral dos temas predominantes e consequente perda de profundidade e complexidade) ou um relato detalhado de dado aspecto em particular ou grupo de temas dentro da base de dados (geralmente relacionada a uma questão específica de interesse e/ou um tema em particular). Este estudo privilegiará a segunda opção referida, de modo a esboçar um relato detalhado dos aspectos que se referem à produção e à transmissão das disposições relacionadas à prática do xadrez. Sem exclusão, se necessário, de uma descrição mais detalhada de aspectos latentes que sejam relevantes para a pesquisa.
- c) Análise indutiva versus teórica: uma abordagem indutiva significa que os temas identificados estarão fortemente relacionados com os dados, sendo este um processo em que os mesmos são tratados de modo a não se encaixarem em um quadro pré-existente ou às concepções prévias do próprio pesquisador (embora seja preciso notar que, mesmo sendo desejável, a libertação de comprometimentos teóricos e epistemológicos pelo pesquisador nunca se dá de forma total). Por outro lado, uma análise teórica tende a ser direcionada para os interesses analíticos ou teóricos do pesquisador na área, sendo explicitamente conduzida por ele. Considerando o referencial teórico de Pierre Bourdieu com o qual conta o estudo, assim como as suas contribuições para a delimitação da herança (BOURDIEU; PASSERON, 2014) como tema central, a decisão se dará através de uma análise de cunho teórico baseada nos conceitos e teoria do autor.

- d) Tema semântico versus latente: esta decisão se refere à dimensão pela qual os temas serão identificados, em um nível semântico ou explícito (sem pretensões que ultrapassem aquilo que está dado na superfície dos dados) ou em um nível latente ou interpretativo (envolvendo o desenvolvimento da teorização e interpretação dos dados). Considerando tratar de um tema que, em sua essência, só pode ser desvelado a partir da racionalização dos aspectos que lhe são ocultos, a opção por esta escolha se dará através de uma análise a nível dimensional latente. Sem menosprezar, no entanto, que este é um processo de progressão contínua durante o estudo que envolverá, inicialmente, a descrição semântica para a elucidação de seus temas.
- e) Epistemologia essencialista/realista versus construcionista: a epistemologia da pesquisa se refere àquilo capaz de guiar os dados e o significado a eles atribuídos através do processo de teorização, resultando em paradigmas de foco e resultados que diferem entre si. Em uma abordagem essencialista/realista, assume-se uma relação unidirecional entre o significado e aquilo que é dito. Em contraste, uma perspectiva construcionista considera que o significado e a experiência são socialmente produzidos e reproduzidos e, portanto, não sendo inerentes somente ao sujeito. Com vista à produção do contexto sociocultural que tornou possível a produção e transmissão da herança pelos participantes deste estudo, a opção epistêmica construcionista tem, neste estudo, o objetivo de possibilitar a construção das condições sociais nas quais os sujeitos receberam este proveito.

### **3.4.3. As fases do processo de codificação**

A Análise Temática apresenta fases de codificação similares às etapas próprias de outras metodologias qualitativas de pesquisa. O processo se inicia através da procura por aspectos de potencial interesse e padrões de significado ao longo do conjunto de dados, possivelmente ainda na fase de coleta. A análise, por sua vez, envolve o movimento constante de retrocesso e avanço entre os dados, configurando um processo recursivo e não linear de ação destas direções tantas vezes quanto forem necessárias

pelo pesquisador entre suas fases. Por sua vez, o término da análise se caracteriza pela apresentação do conteúdo e significado dos padrões (temas) dos dados, onde “os temas são constructos abstratos (e muitas vezes distorcidos) com os quais o pesquisador precisa lidar de modo a identificá-los antes, durante e após a análise” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 86). Consoante a este quadro, a análise se delinea através de seis principais fases que constituem o processo de codificação (BRAUN; CLARKE, 2006):

- a) Familiarização com os dados: transcrição, leitura e releitura dos dados, bem como o esboço das ideias iniciais.
- b) Geração dos códigos iniciais: codificação de características interessantes dos dados de forma sistemática ao longo de todo o seu conjunto, assim como a separação de dados relevantes que simbolizem cada código.
- c) Procura por temas: Agrupamento de códigos em temas possíveis, reunindo todos os dados relevantes para cada tema em potencial.
- d) Revisão dos temas: checagem da função do tema em relação aos extratos codificados e ao conjunto de dados total, gerando um possível mapa temático.
- e) Definição e nomeação dos temas: análise contínua para refinar as especificidades de cada tema e a narrativa em geral, gerando definições claras para cada um deles.
- f) Elaboração do relatório: oportunidade final para análise através da seleção de extratos representativos de significados de temas centrais, bem como o retorno da análise à questão central de pesquisa e referencial teórico com vista à produção acadêmica.



#### 4. RESULTADOS

Esta sessão tem como propósito analisar as condições de transmissão e os sentidos de produção das disposições relacionadas à prática do xadrez na trajetória esportiva dos Grandes Mestres brasileiros. Para além, intenciona explorar a origem destas disposições delineando a genealogia da estrutura familiar relacionada às formas de transmissão desta prática, bem como identificar possíveis particularidades e generalizações dentre os modos de aprendizagem vivenciados por este grupo. Por fim, pretende-se oferecer subsídios teóricos que contribuam para o desenvolvimento do subcampo esportivo do xadrez no contexto contemporâneo brasileiro e, possivelmente, para as grandes áreas da Educação, Educação Física e Esporte por meio da elucidação dos mecanismos de reprodução da herança cultural capazes de se configurar entre a homologia destes campos.

No aventureiro itinerário para cumprir com estes objetivos, me propus a conhecer as histórias de vida desta grande maestria indo ao seu encontro, literalmente, desde o extremo norte ao sul do país, contando com ambientes de entrevista que versaram desde a formalidade de uma sala de reuniões de um hotel da cidade onde se encerrava uma importante competição internacional de xadrez até o aconchego de suas residências pessoais. Nestas, as estantes recheadas de clássicos literários ou as paredes tidas como vitrines de suas certificações não demoraram a se apresentar como cartões de visita de um capital cultural cujo acúmulo lhes tornava redutos. Findado o inicial deslumbre, o contato com as esposas, filhos, mães ou mesmo avós dos sujeitos entrevistados em seus lares me fez despertar, ainda, para a condição de humanidade – antes mesmo daquela que os agracia como mestres – da qual todos nós compartilhamos. Afinal, como já dizia Paulo Freire, faz muito sentido considerar que, ao se tratar de relações sociais e dos processos socializadores e educativos nelas implicados, hierarquias simbólicas à parte, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 68).

No encerramento deste prólogo é ainda necessário dizer que, embora seja tentador o desafio de recontar cada uma das trajetórias esportivas das mais de 400 páginas de discursos transcritos ao longo deste estudo, as narrativas que se seguem são apenas recortes que intencionam atender aos objetivos delineados por esta dissertação. Assim, o que será apresentado é uma tentativa de síntese destas histórias de vida com base em elementos que permitam melhor compreender a hipótese de como uma possível

herança cultural relacionada ao xadrez teria sido transmitida e, possivelmente, apropriada por cada um destes sujeitos (JANUÁRIO, 2014). Ciente também de que tais disposições iniciais se manifestaram em categorias de percepção e de ação dos sujeitos prolongadas para além da incorporação de uma condição privilegiada de oferta desta prática – haja vista os inúmeros trechos que exemplificam o desembaraço e a certeza de si (BOURDIEU, 2003) característicos da relação enxadrística estabelecida ao longo de suas experiências biográficas – a análise longitudinal de seus efeitos ao longo de todo o *cursus* não foi, entretanto, possível nesta ocasião. Tal impossibilidade advém tanto das restrições temporais de conclusão impostas para um mestrado quanto – e principalmente – da finitude dos meus conhecimentos relativos à temáticas de análises que, embora eu reconheça a relevância, desconheço ainda em muito como analisá-las.

Para facilitar o acompanhamento de cada uma das histórias de vida dos participantes deste estudo aqui narradas, assim, apresenta-se o quadro de síntese das características socioeconômicas dos sujeitos e de suas famílias. Para além, nos arriscamos também a esboçar um quadro de heredogramas que, resguardadas as possíveis generalizações com o campo biológico, tem com ele apenas a intenção de buscar um esquema representativo sobre a incidência de algum contato com o xadrez ao longo de cada uma das árvores genealógicas dos sujeitos esboçadas. Dada a complexidade das mediações verificadas entre os processos de transmissão e apropriação das heranças nas sínteses a seguir esboçadas, assim, de forma alguma, tal qual o campo biológico, seus esquemas devem ser interpretados como decorrentes da simples presença ou não da prática enxadrística ou da influência maior ou menor que tais mediações possam ter tido. Mas, ao contrário, como processos complexos que abarcaram a pluralidade de contextos, sentimentos e situações vivenciados pelos sujeitos. Trajetórias, portanto, marcadas por continuidades e contraditórias rupturas<sup>17</sup>:

---

<sup>17</sup> Considerando a família como instituição provedora da totalidade das heranças culturais que influenciaram as diferentes trajetórias percorridas pela grande maestria brasileira (JANUÁRIO, 2014), há de se considerar que este estudo avança no deslumbrar de uma “nova” instância a ela oposta. Em que pese o reconhecimento da escola como ambiente de oferta primário do xadrez para um dos sujeitos, faz-se a ressalva de que esta constatação só foi possível após as presentes análises e, principalmente, por ser este um sujeito que obteve a sua titulação no decorrer do andamento deste projeto de pesquisa. Procurou-se, assim, adaptar as questões do roteiro de entrevista que inicialmente foram elaboradas para a família, no seu caso, para a escola. Novo em um campo de herdeiros primários, o mais recém-chegado de seus agentes é, assim, uma importante ruptura com a até então única e ortodoxa via de transmissão da prática.

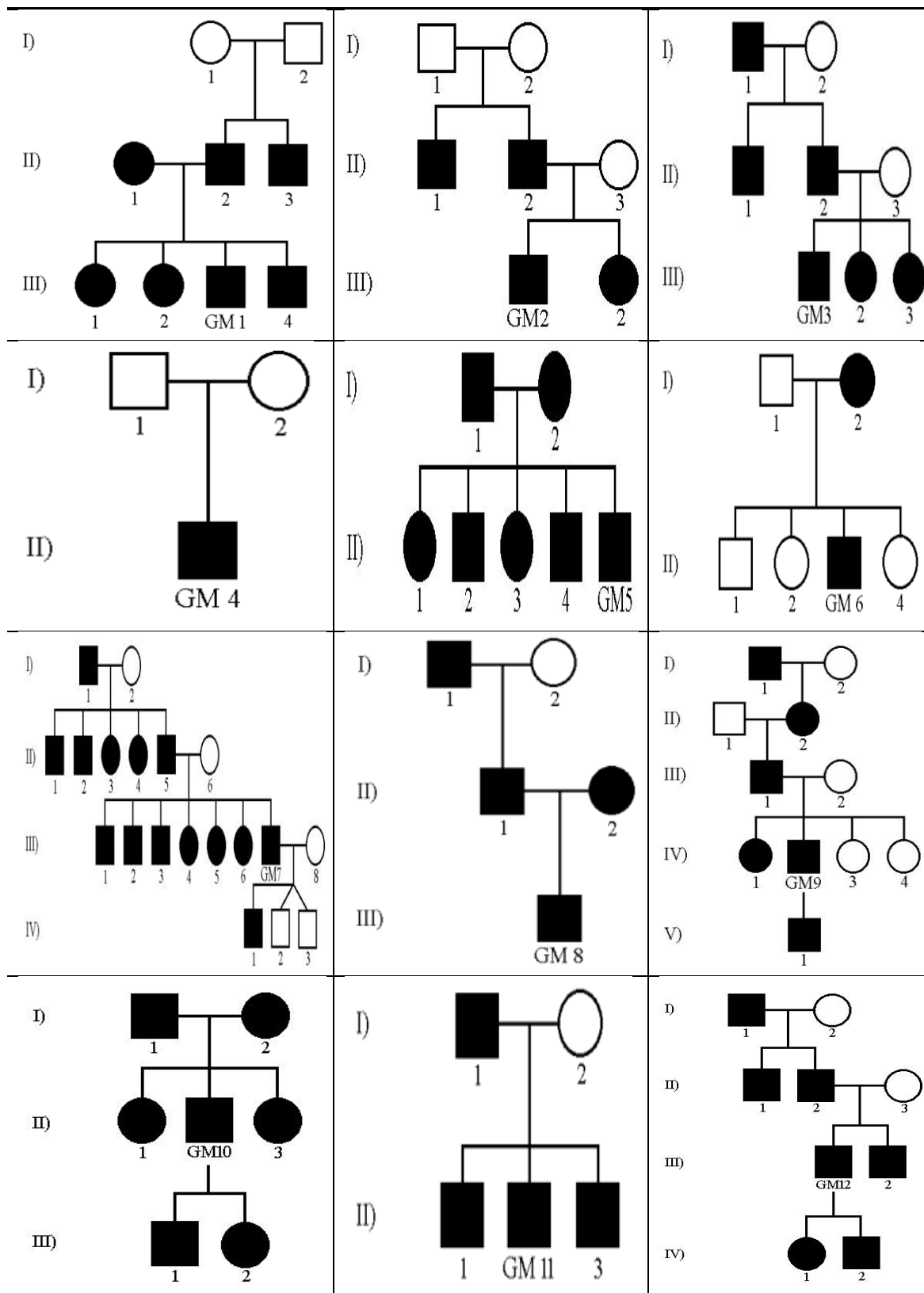
**Tabela 1 – Quadro de síntese das características socioeconômicas dos participantes**

Sujeito	Sexo	Cor da pele	Escolaridade	Ensino	Curso	Local de nascimento	Local de residência	Profissão
GM 1	Masculino	Branca	Ensino Superior	Público (E. Superior) Privado (E. Básico)	Economia e Engenharia de Controle e Automação (Incompleto)	São Carlos (SP)	São Paulo (SP)	Professor de xadrez
GM 2	Masculino	Branca	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Privado (E. Básico)	Administração de Empresas	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Atleta de xadrez
GM 3	Masculino	Branca	Ensino Superior (Incompleto)	Público/Privado (E. Básico) Público (E. Superior)	Economia	São Paulo (SP)	São Paulo (SP)	Atleta de xadrez
GM 4	Masculino	Branca	Ensino Médio	Público (E. Básico) Privado (5ª série)	-	São Sebastião do Paraíso (MG)	São Sebastião do Paraíso (MG)	Atleta de xadrez
GM 5	Masculino	Branca	Ensino Superior (Incompleto)	Público/Privado (E. Básico) Público (E. Superior)	-	Maringá (PR)	São Paulo (SP)	Atleta e professor de xadrez
GM 6	Masculino	Branca	Ensino Superior	Público/Privado (E. Básico) Privado (E. Superior)	Teologia e Filosofia	Santa Cruz do Sul (RS)	Taubaté (SP)	Atleta de xadrez Teólogo
GM 7	Masculino	Branca	Ensino Superior	Privado (E. Básico) Público (E. Superior)	Engenharia Civil	Curitiba (PR)	Curitiba (PR)	Aposentado
GM 8	Masculino	Branca	Ensino Superior (Incompleto)	Público/Privado (E. Básico) Público (E. Superior)	Matemática	Joinville (SC)	Tbilisi (Geórgia)	Atleta de xadrez
GM 9	Masculino	“Morena”	Ensino Superior	Público/Privado (E. Básico) Privado (E. Superior)	Relações Internacionais	Fortaleza (CE)	Goiânia (GO)	Atleta e professor de xadrez
GM 10	Masculino	Branca	Ensino Superior (Incompleto)	Público/Privado	Economia, Administração e Computação	Rio de Janeiro (RJ)	Rio de Janeiro (RJ)	Empresário
GM 11	Masculino	Branca	Ensino Superior (Incompleto)	Privado	Direito	São Luís (MA)	São Luís (MA)	Empresário
GM 12	Masculino	Branca	Ensino Superior	Privado	Direito	Porto Alegre (RS)	São Paulo (SP)	Trader bancário

Tabela 2 – Quadro de síntese das características socioeconômicas das famílias dos participantes

Sujeito	Membros	Escolaridade do pai	Ensino	Profissão do pai	Escolaridade da mãe	Ensino	Profissão da mãe	Renda Média
GM 1	6	Pós-graduação (Doutorado)	Público (E. Superior) Público (E. Básico)	Livre-docente universitário (Engenharia Civil/USP)	Pós-graduação (Doutorado)	Público (E. Superior) Público (E. Básico)	Livre-docente universitária (Engenharia Civil/USP)	R\$: 5.000,00
GM 2	4	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Privado (E. Básico)	Publicitário (Aposentado)	Ensino Superior	Privado (E. Superior) Privado (E. Básico)	Corretora de imóveis	R\$: 8.000,00
GM 3	5	Ensino Básico	Público	Vendedor comercial	Ensino Básico Curso profissionalizante (Secretariado)	Público	Do lar	R\$: 20.000,00
GM 4	3	Ensino Médio (Incompleto)	Público	Vendedor autônomo	Ensino Superior (Cursando)	Público (E. Básico) Privado (E. Superior)	Funcionária pública	R\$: 10.000,00
GM 5	7	Ensino Superior	Público	Advogado	Ensino Médio	Público	Professora, do lar	R\$: 5.000,00
GM 6	6	Ensino Básico	—	Funcionário público (Banco do Brasil)	Ensino Superior	—	—	Classe Média
GM 7	9	Ensino Superior (Incompleto)	Público/Privado (E. Básico) Público (E. Superior)	Empresário	Ensino Superior	Público	Funcionária Pública	R\$: 20.000,00
GM 8	3	Ensino Superior	Público	Analista de banco de dados	Ensino Superior (Incompleto)	Público	Do lar	US\$ 2500,00
GM 9	6	Ensino Superior (Incompleto)	Privado	—	Ensino Médio	—	Do lar	—
GM 10	5	Ensino Superior	Público (E. Básico) Privado (E. Superior)	Engenheiro civil	Ensino Básico	—	Funcionária Pública (Aposentada)	R\$: 25.000,00
GM 11	5	Ensino Superior	Privado	Engenheiro civil	Ensino Superior	Privado	Administradora	R\$: 25.000,00
GM 12	4	Pós-graduação	Privado	Administrador	Ensino Superior (Incompleto)	Público (E. Básico) Privado (E. Superior)	Do lar (Aposentada)	R\$: 35.000,00

Tabela 3 – Heredogramas sobre a genealogia do xadrez nas famílias dos participantes



**LEGENDA:** Os homens são representados pelos quadrados, enquanto as mulheres pelos círculos. Os algarismos romanos apresentam as gerações e os arábicos nomeiam os indivíduos dentro das gerações. O preenchimento das formas (figuras pretas) evidencia o contato do membro com o xadrez, enquanto o não preenchimento das formas (figuras brancas) evidencia a sua ausência ou impossibilidade de apreensão.

#### 4.1. GM 1: a desvalorização da herança por meio da “boa vontade cultural”

GM 1 tem 31 anos, nasceu na cidade de São Carlos, interior do estado de São Paulo, residindo atualmente na capital deste estado. Exerce a profissão de professor de xadrez, sendo R\$: 5.000,00 a média de sua atual renda familiar. Todas as suas etapas básicas de escolarização, assim como de seus irmãos, se deram no ensino privado, o que pode ter tido alguma influência para que isso se invertesse no ensino universitário (BOURDIEU; PASSERON, 2014). O ingresso na modalidade pública de ensino, assim, se deu por meio dos cursos de Economia (USP) e Engenharia de Controle e Automação no *campus* da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) em Jaboticabal. Instituições, portanto, de elevado prestígio no cenário acadêmico nacional.

Cursá-las, entretanto, parece ser lugar comum também para sua família que, por sua vez, é composta por seu pai, mãe, duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo. Seus pais são atualmente livre-docentes do curso de Engenharia Civil (USP) no *campus* de São Carlos, tendo cumprido as suas respectivas etapas anteriores no ensino público. Entre os seus irmãos, ingressou também no curso de Economia (USP) a mais velha, tendo interrompido o mestrado em razão da aprovação em um concurso público na escola diplomática do Instituto Rio Branco, atuando hoje na embaixada brasileira na China. Sua segunda irmã é 1 ano mais nova em relação à mais velha, tendo feito o curso de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (USP) em São Paulo e, por sua vez, o doutorado nos Estados Unidos onde reside e trabalha atualmente como docente. Seu irmão mais novo, enfim, cursou Engenharia de Produção na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e hoje trabalha como engenheiro na área de finanças da Petrobrás.

GM 1 conheceu o xadrez em casa por volta dos 10 anos de idade por meio do seu pai. Segundo ele, este só sabia as regras e não aprendeu esta prática tão cedo, mas em sua época de colegial ou faculdade. Ambos encaravam o jogo como qualquer outro *hobbie* possível, não sendo relatadas práticas com a mãe ou irmãos em casa. As partidas ocorriam nos momentos livres e preferencialmente de noite, sendo as atitudes de GM 1 frente à derrota ora respondidas com o choro, ora com a reação de seguir jogando de novo. Quando superou o nível de jogo do pai, no entanto, ambos cessaram a prática em casa. Sobre elas, relata:

“Acho que quando eu jogava eu me concentrava, eu gostava de jogar. Meu pai ganhava de mim, tanto que quando eu comecei a ganhar do meu pai eu parei de jogar com ele. Eu acho que é aquela sensação de querer ganhar do seu próprio pai, né? Do meu irmão eu sempre queria ganhar, mas do pai era uma sensação um pouco estranha, então eu parei”.

Além do seu pai, a referência do seu tio paterno também parece ter sido importante durante a sua infância. Engenheiro por profissão e jogador amador de xadrez nos momentos livres, GM 1 relata a lembrança das idas à casa do seu tio onde, por sua vez, encontrava livros, um tabuleiro e um jogo de peças de madeira à sua disposição:

“Eu ia lá de vez em quando e pegava um livro emprestado pra ler, tanto que hoje eu tenho bastante livro. Mas quando eu comecei eu não entendia exatamente o que o meu tio jogava. [...] Ele ainda ia no clube e, assim, tinha um conhecimento bom se eu precisasse de alguma coisa”.

O xadrez era visto pela família como mais uma das atividades de GM 1, sendo o seu apoio presente desde o início até alguma restrição encontrada por seus pais próximo ao momento do vestibular, quando “faltava na cabeça deles a ideia de que eu pudesse viver de xadrez, isso não era muito concebível”. Em outras palavras, esquemas de percepção (BOURDIEU, 2004) que não apreciavam a continuidade no xadrez como trajeto possível para GM 1. Seus pais, entretanto, ofereciam “total liberdade” para que ele fizesse o que quisesse em sua infância e, principalmente, em relação ao xadrez. Por não entenderem do funcionamento deste espaço – ou não possuírem o *habitus* próprio deste campo (BOURDIEU, 1983) – a única vontade expressa por eles era para que GM 1 se divertisse e se esforçasse na modalidade:

“É, era isso, era ‘faça o que você quer’. E aí em algum momento eu falei ‘eu quero jogar xadrez’ e os meus pais falaram ‘então tá, joga’. Eu gosto assim, eu sinto que nesses torneios quando eu era criança vinham os outros pais e eu sentia que tinha uma pressão a mais, assim, porque eles tão lá e querem torcer pro filho ganhar. Meus pais tavam nem aí se eu ganhasse ou não. Sim, ficavam felizes, mas era ‘vai, joga, gostou, bacana, se diverte’. Até hoje se eu falo que vou jogar um torneio é ‘vai, se diverte, tá certo’ e se eu ganhar... Claro, me esforço, mas quer dizer, eles não cobram, né? Nunca colocaram nenhum peso em relação aos resultados. Isso quem coloca sou eu e acho que funciona melhor assim”.

A criação do gosto pelo xadrez, entretanto, começou com as aulas de xadrez oferecidas pelo seu colégio em alternativa às aulas de Educação Física na 4ª série. GM 1

relata que, embora já tivesse sido apresentado ao xadrez pelo seu pai, de fato, seria este o seu início. Além das aulas onde resolvia folhas de exercícios e jogava xadrez, as competições apareceram como elemento importante para a sua motivação, considerando que ele próprio tinha um traço “competitivo” e as boas colocações conquistadas nos torneios internos da escola o possibilitavam isso: “eu lembro que eu jogava, lembro que eu fiquei em, sei lá, 2º ou 3º da escola e aí esse tipo de coisa anima, acho que você começa a criar gosto”. No que toca aos demais componentes escolares, relata a facilidade nos estudos e a teimosia em fazer coisas que “não entendia o porquê tinha que fazer”, uma vez que já as sabia. O acúmulo de capitais como fator de diferenciação (BOURDIEU, 1983b; BOURDIEU; PASSERON, 2014), assim, se fez por ele presente em ambos os meios estudantis e esportivos.

Percebendo o seu interesse pelo xadrez nas aulas da escola, a sua professora, então, o indicou para que prolongasse a prática que também era oferecida em um clube da cidade. Neste, além dos momentos de aulas com os seus pares, jogava também com os mais velhos nas aulas que ocorriam no período da tarde e as quais frequentava, também, o seu tio. O convívio com as crianças de mesma idade, para GM 1, também parece ter sido importante, denotando o estabelecimento de uma rede de relações composta pelo capital social (BOURDIEU, 1983) compartilhado nesses espaços: “essa parte de conhecer pessoas que são um pouco diferente de você e ganhar essas amizades eu acho que é uma das partes mais bacanas do xadrez, mesmo que elas não joguem”.

Entre as pessoas significativas durante sua iniciação, para além da figura do pai e do tio, o professor com que tinha aulas neste clube foi especialmente por GM 1 destacada. Em menção, aponta a preferência pela racionalidade e complexidade destas aulas em relação à prática livre e caseira do jogo com o seu pai, momento em que o necessário “era só fazer lances”, segundo suas próprias palavras. Nega, assim, uma possível disposição ascética de sua herança no que se refere a um modo dominante de prática que é aquele por Bourdieu (1983) exemplificado como “treinamento pelo treinamento” ou, em paralelo para GM 3, da desvalorização do “lance pelo lance”. GM 1 relaciona, ainda, a ótima qualidade das aulas do clube ao fato de que aquelas eram aulas que tinham certa “sequência, estratégia e tática” diferentes que o atraíam. Além de opor a diferença entre os dois principais modos de relação com o xadrez por GM 1 vivenciados (BOURDIEU, 1998b), tal atitude talvez possa ser indicativa, complementarmente, de uma “boa vontade cultural” (BOURDIEU, 2003) característica de posições sociais intermediárias que expressam a valorização por modos e conteúdos



de aprendizagem que não aqueles considerados distintivos. Desvalorizando o modo enxadrístico de jogo caseiro do “lance pelo lance” vivenciado junto ao seu pai, pode ser que GM 1, para além de expressar a sua preferência por práticas que se mostrassem mais racionais, assim sendo também contradissesse a sua própria herança (BOURDIEU, 1998b)<sup>18</sup>. Ainda sobre as aulas do clube, GM 1 comenta sobre o privilégio de contar com um momento propício para a individualização destas:

“Sei lá, não era meio uma aula, era uma coisa que ele chamava um monte de criança e ia ensinando, percebia que o pessoal gostava e daí foi. Mas, foi isso, evolui bastante. Acredito que nesse tempo entrou a sorte porque em 1990, quando eu comecei, acredito que regulou muito próximo de quando o Guga ganhou o primeiro torneio de *Roland-Garros*. Não sei se foi em 1996 ou 1997, coisa assim. E aí toda a molecada ia jogar tênis, ninguém mais... E aí as aulas de xadrez ficaram quase particulares”.

Para além da didática, GM 1 relata ainda que, em momentos livres no clube, este professor estudava sozinho em seu tabuleiro ou encontrava-se lendo livros sobre Filosofia. Sobre a sua linguagem: “ele falava de uma maneira meio rebuscada às vezes, a gente não entendia mas achava graça, era meio pitoresco pra gente”. Sinais de disposições professorais estéticas (BOURDIEU, 2007), GM 1 ressalta também a idealização deste professor por ele próprio e seus colegas, dando mais crédito a ele do que aos seus pais, por exemplo, como pessoas significativas nesta sua fase de iniciação na modalidade.

Dentre a esfera das demais atividades culturais e esportivas que praticava estavam o futebol, o karatê e o piano, cessando estas últimas porque, segundo ele, “não achou graça”. Já atualmente, a sua preferência se dá pelos filmes, livros, séries e “sair pra comer bem”. Relata, ainda, que gostaria de se dedicar a outras coisas como questões específicas da Filosofia ou mesmo ao pôquer, mas que se sente culpado se no seu tempo livre não está estudando xadrez. Indicativo, portanto, do uso máximo do seu tempo biológico para o acúmulo também máximo do capital cultural (BOURDIEU, 1998b). É neste mesmo tempo livre que, atualmente, indica não tem um dia sequer que não pense sobre algo relacionado ao xadrez: “eu posso estar longe da civilização, mas eu vou

---

<sup>18</sup> Em que pese este ter sido um traço de valorização expressado pelo modo como se davam as práticas no clube, é importante lembrar que, segundo o próprio sujeito, foi também a escola o ambiente de surgimento do seu gosto pelo xadrez. Em semelhança, tais ambientes possuem, tanto nos escritos de Bourdieu (1998b) como aqui, modos de aprendizagem capazes de produzir um *habitus* secundário de apreço pela laboriosidade do trabalho – quer seja escolar ou, também aqui, clubístico – expresso pela “boa vontade cultural”. No clube, entretanto, ver-se-á que este mesmo *habitus* também é de outra maneira, que não esta, pelo seu professor cultivado.

pensar alguma coisa sobre xadrez”. GM 1 relata, ainda, a aprendizagem de línguas estrangeiras de modo difuso nas viagens familiares, como uma oportunidade de pós-doutorado de seu pai onde a família toda se dirigiu aos Estados Unidos e, com o contato com a língua, tornou-se possível a sua fluência no inglês. Percebe-se, aqui, que não somente na família, mas também outros espaços onde o contato com o capital cultural se deu de modo difuso (BOURDIEU, 1998b) estiveram presentes em seu trajeto.

Por fim, GM 1 não se considera um sujeito “talentoso” entre os Grandes Mestres brasileiros, mas julga que é alguém com inteligência normal e que se esforçou muito pra chegar em algum lugar. Acredita em uma inteligência específica pro xadrez, exemplificando que há pessoas que atingem sucessos em determinadas áreas por sua inteligência, mas não necessariamente no jogo. No entanto, cita o exemplo de uma experiência em que o capital cultural de um de seus colegas, também Grande Mestre, é demonstrado também em oportunidades que superam o xadrez:

“Uma coisa que me impressionou muito foi jogar “*stop*” com o GM 10, eu acho que eu dava aula pra filha dele. Aí tava a filha, eu acho que o filho dele também e mais uns dois ou três. A gente jogava em 6 colunas e quando eu tava na segunda ele gritava “*stop*”. O cara era insuportável, mas era claramente aquele cara que é um ponto fora da curva, ele é aquele cara muito acima da média. É aquele cara que o que se esforçar vai fazer bem porque [...] parece que ele entende de muita coisa, assim, é impressionante!”.

GM 1, assim, parece indicar que o contato com o xadrez em ambientes para além do familiar, conquanto este tenha constituído o espaço de seus primeiros contatos, tenham sido para ele mais significativos. Nomeadamente sendo estes a escola e o clube, neles ainda foi possível notar certos princípios que, principalmente no ambiente clubístico, o incitavam tanto à docilidade de uma “boa vontade cultural” em relação às práticas expressas pelo seu professor, como, por outras vezes, estas mesmas disposições eram igualmente incitadas de forma difusa. A valorização do seu esforço na relação com o xadrez, bem como o gosto por atividades que exigissem isso dele, parece refletir na sua concepção de “talento” como algo pelo qual é necessário que se trabalhe para adquirir.

#### **4.2. GM 2: a intensificação do capital cultural por meio do capital social**

GM 2 tem 30 anos, nasceu e reside com seus pais na capital São Paulo (SP) onde atualmente é atleta de xadrez, com isso tendo uma renda familiar média de R\$: 8.000,00. Embora não siga a carreira, como há de se notar pela incorporação de disposições passadas e potenciais de sua herança cultural (BOURDIEU, 2003) diferentes daquelas proporcionadas por sua formação universitária, formou-se pela Universidade Presbiteriana Mackenzie no curso de Administração de Empresas. Coursou as etapas anteriores também na modalidade de ensino privado tendo, juntamente com a sua irmã, estudado por um curto período de tempo também na Itália.

Conformam a sua família o pai, mãe e a irmã mais nova. De origem armênia, todo o processo de escolarização de seu pai ocorreu em território libanês, indicando ter sido este o local de residência de seu pai e tios paternos durante a infância. Por lá, vivenciou a modalidade de ensino privado desde o Ensino Básico até o Superior, nível em que se formou no curso de Arquitetura. Antes da sua atual condição de aposentado, entretanto, trabalhou a vida inteira na área de desenhos como publicitário. Com trajetória escolar privada até o Ensino Superior e à semelhança de seu pai, sua mãe possui formação em Psicologia atuando, entretanto, como corretora de imóveis. Sua irmã, como GM 2, cursou todas as etapas anteriores à sua formação em Engenharia de Produção (USP) no ensino privado, dele diferindo pela entrada em uma universidade pública. Atualmente, exerce a profissão de consultora.

GM 2 foi iniciado ao xadrez de 6 para 7 anos pelo seu pai no ambiente de seu lar, sendo as lembranças de prática entre eles durante a infância associadas às brincadeiras nos momentos de lazer após a chegada de seu pai do trabalho. Um traço de seriedade (BOURDIEU; PASSERON, 2014) destes momentos, entretanto, parece ter sido garantida pelo fato de que o seu pai, inicialmente, nunca o deixara ganhar. Muito mais um admirador da modalidade, ao contrário do seu tio paterno que possuía a prática enxadrística amadora nos clubes, segundo GM 2 o seu pai “sabia o básico”. Ainda de acordo com suas impressões, este o teria ensinado tanto porque achasse que o xadrez seria um jogo do qual gostaria de aprender, como pela influência armênia advinda das origens paternas. País, por sua vez, 3 vezes campeão das Olimpíadas de Xadrez na última década e, de acordo com GM 2, onde seus jogadores são tratados como verdadeiras celebridades.

Residindo na Espanha e, por isso, tendo o visto raras vezes na vida, GM 2 relata que seria o seu tio paterno, afinal, um aceitável jogador amador de clube. Não obstante as interações decorrentes de tal distância geográfica, como observava Bourdieu (1996) a respeito da intermitência entre sujeitos afastados por um breve – ou, neste caso, alongado – período de espaço e de tempo, a apreensão para além da sua aparência, segundo este autor e também neste caso, só encontrou meios de se dar considerando a dinâmica do espaço social e simbólico que os aproximavam. Tendo o visto raras vezes na vida, a distância física não impediu que o tio sempre estivesse de GM 2 próximo, entretanto, por meio do envio de recortes de jornal veiculados por uma coluna de xadrez espanhola. Guardando-os com carinho, GM 2 relata que este contato é até hoje mantido, dentre outros, por meio da troca de *e-mails* sempre zelosos por parte de seu tio sobre o andamento de sua carreira no xadrez:

“Ele me mandava e era legal porque ele mesmo recortava e me mandava na carta escrevendo às vezes alguma coisa, assim. Mas era legal porque a gente tinha esse contato, mesmo nem conhecendo o meu tio pessoalmente a gente tinha esse contato. Então teve esse incentivo também, meu pai sempre ficava feliz quando ele me mandava, falando “estuda esses jogos aqui que eles são importantes!”, enfim. Coisa de pai, mas isso acho que foi uma coisa que me ajudou a motivar também, né?”

As figuras de sua mãe e irmã, por sua vez, configuravam um apoio relativo ao universo enxadrístico desprovido de certo capital interpretativo (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998) da modalidade. Mesmo tendo a sua irmã disputado algumas partidas nos ambientes de torneios e de sua escola quando mais nova, de acordo com GM 2, se a maneira com que ambas se importavam por seus feitos neste espaço destituía-se de tanta compreensão, por outro lado, carregava-se de constante orgulho. Particularmente sobre sua mãe, sinaliza: “se perguntarem sobre os meus títulos, sei lá, ela deve saber que eu ganhei um Brasileiro e que eu sou Grande Mestre, vamos dizer que o importante, assim [risos]”. Pelo oposto, parece ter sido em seu pai que a demanda cultural necessária para a interpretação da prática enxadrística esteve presente, sendo exemplo os relatos de GM 2 sobre as viagens de torneios onde o seu pai não só assistia, mas dava opiniões sobre suas partidas. Pelo exposto pela família de GM 2, tais quais em outros espaços, o xadrez parece se configurar como uma área de reserva preponderantemente masculina (BOURDIEU, 2014a) em relação a seus arautos.

Até ficarem bem à vontade com o meio do xadrez e entender o seu funcionamento – ou, em termos *bourdieusianos* apreender a estrutura deste subcampo (BOURDIEU, 2003) – GM 2 e seu pai perceberam a importância de contatarem, inicialmente, alguns treinadores de xadrez. Tal atitude pode ser indicativa do reconhecimento da ortodoxia destes agentes como detentores dos princípios de visão (BOURDIEU, 1996) necessários em um espaço que, considerando Bourdieu, Dauncey e Hare (1998), pode ser que seja exigente ritos de entrada de alto grau de interpretação. É disto indicativo a fala de GM 2 sobre o seu processo de ingresso no subcampo esportivo do xadrez:

“Quando você começa a conhecer o meio, as pessoas, como é que são os campeonatos, quem são os treinadores de verdade e quem são as pessoas, assim, que você pode confiar... Quando você não conhece nada é uma coisa meio assustadora, né? Você fala ‘nossa, mas como é que começa, né?’, ‘quero treinar, quero melhorar’. Aí pensa ‘como é que eu posso começar a treinar, melhorar, com quem, onde?’ ou ‘quem que tá certo, quem que tá errado?’. A gente não sabia de nada, mas depois a gente começou a ir muito [em torneios] e ficamos bem à vontade com o meio, começamos a conhecer as pessoas”.

Acumulando, portanto, algum capital social (BOURDIEU, 1998b) durante os roteiros de viagem para as competições de xadrez, GM 2 ainda trouxe que o seu pai, nestas ocasiões, intermediava alguns contatos que não só lhe garantiam boas oportunidades de competições e treinamento nesta prática, mas também faziam com que ele conhecesse e fosse reconhecido pelos principais agentes daquele espaço. Estratégias estas que podem indicar, talvez, algum interesse paterno pela disputa de distinção (BOURDIEU, 2007). Algum tempo depois, foi também por iniciativa do seu pai que GM 2 começou a ter aulas formais de xadrez no ambiente de um clube privado da cidade<sup>19</sup> ou, mesmo e simultaneamente a isso, por meio de algumas aulas particulares.

Responsável por lhe “despertar o gosto” pelo xadrez, segundo as suas próprias palavras, GM 2 atribuiu um lugar importante para as suas primeiras aulas sistematizadas de xadrez, as quais ocorriam a cada 15 dias em um caráter recreativo. GM 2 também recorda que, embora nestas também fossem transmitidos conhecimentos técnicos, o modo como o seu primeiro professor as conduzia foi de fundamental importância para

---

<sup>19</sup> Faz-se aqui importante esclarecer que a modalidade de frequência de GM 2 neste clube, como ele próprio traz, era como um “militante”. Segundo a significação que também este próprio sujeito trouxe, este era um termo usado para designar “alguém que ia fazer uma atividade no clube e não era sócio”. Não só a frequência a um clube privado, assim, mas a modalidade desta frequência como alguém que esporadicamente frequenta este espaço com fins determinados, assim, pode ser que aponte uma modalidade de frequência dominada neste espaço e oposta ao diletantismo (BOURDIEU, 2007).

que se mantivesse entusiasmado pelo xadrez, uma vez que “elas eram muito divertidas e ambos sempre riam muito”. Após este período, também pelo seu pai foi levado a conhecer o “Clube de Xadrez São Paulo”, reduto enxadrístico nacionalmente reconhecido pela sua história e relevância (CLUBE DE XADREZ SÃO PAULO, 2017), local do qual GM 2 e seu pai eram frequentadores assíduos toda semana.

Ainda entre as oportunidades proporcionadas pela sua família, GM 2 ressalta um período de treinamento de 1 mês na Armênia, país pelo qual seu pai guardava as origens. Em contrapartida, uma possível análise desta e de outras experiências internacionais relacionadas com a finalidade explícita de elevar o seu desempenho no xadrez possa ser aquela que as considere como verdadeiras “peregrinações culturais” (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Nesta, em específico, não só a ida àquele país mas também vinda ao Brasil do treinador que o acompanhava por lá em duas ocasiões diferentes também foram feitos possíveis para GM 2 graças ao investimento familiar. De novo aqui o elevado capital social (BOURDIEU, 1998b) de seu pai se manifesta, agora, pelo contato que este tinha com o cônsul da Armênia no Brasil, sendo que esta “foi uma intermediação que facilitou sobre quem eram os treinadores armênios em que a gente poderia confiar”, de acordo com GM 2. “Código dos códigos” Bourdieu (2003, p. 101) manifestados não só no domínio esportivo do xadrez mas, agora possibilitando o intercâmbio de GM 2 por meio do contato com um diplomata, pode ser que indique o ecletismo e disposição estética pelos quais seu pai era um portador manifestando-os, especialmente, no explorar das possibilidades de suas relações sociais. Por fim, ainda sobre esta experiência, GM 2 considerava que a relação que mantinha com o treinador armênio que o acompanhava era como aquela que estabelecem pai e filho, muito embora essa pareça ser muito mais uma representação ilustrativa do que, de fato, alusiva à sua própria relação com o pai. O sentido “parental” desta relação, assim, assentaria sobre as broncas pesadas que ele o dava o tempo todo, chocando GM 2 e causando-lhe tristeza em alguns momentos. Nestes, no entanto, lembrava-se que levava o xadrez muito a sério e que, portanto, precisava aceitá-las. Ainda que a discussão sobre os métodos de treinamento utilizados por tal treinador não seja objetivo deste trabalho, a aceitação de GM 2 pode ser indicativa de uma relação dóxica (BOURDIEU, 1996) inconsciente frente à violência simbólica característica das possíveis ações pedagógicas por ele exercidas (BOURDIEU, 1983, 1998b).

Considerando o circular pelo tema da violência simbólica, fato também é que na sua escola – instituição de pequeno porte para descendentes armênios, como descrita

por GM 2 – não havia o xadrez. Entretanto, como tem sido recorrente durante esta narrativa, também aqui o capital social (BOURDIEU, 1998b) de seu pai e, agora, também de GM 2, foram expressivos para pequenas e intermitentes mudanças em direção a este quadro. O primeiro, com a ajuda do primeiro professor de xadrez de GM 2 de professores internos da escola, auxiliou a lá organizar um pequeno torneio escolar para cerca de 40 crianças; o segundo, por sua vez, foi agente disseminador de um *habitus* (BOURDIEU, 1983) enxadrístico entre seus pares, mais especificamente, ensinando os seus colegas de sala a jogar durante os momentos de intervalo dos recreios. O capital simbólico ou, em outras palavras, “o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 2004, p. 166) também parece ter sido por GM 2 conquistado no meio escolar em decorrência disto pelo reconhecimento que seus colegas começaram a apresentar sobre o seu elevado desempenho no xadrez, sendo disto exemplo a sua menção a uma situação em que certa vez fora sido cumprimentado por um colega mais novo de outra sala que havia jogado o torneio. Certo interesse de seu pai na organização deste evento com vista à obtenção de lucros futuros neste espaço por GM 2, essencialmente simbólicos e sociais, assim, parece ter sido uma das intenções paternas.

As amizades cultivadas nos meios por onde o xadrez circulava nos ambientes inicialmente frequentados, destacadamente o clube e as competições, compuseram relações que auxiliaram no desenvolvimento de GM 2 mesmo após ter cessado o frequentar destes *lócus*. Sobre isso, comenta: “me ajudou a criar uma base, uma rede de amigos que, embora poucos tenham seguido [no xadrez], foi algo que me ajudou a chegar no alto rendimento”. Entre tais laços, encontra-se aquele estabelecido com o GM 8 a partir do ambiente dos torneios, sendo ele alguém com quem estava junto sempre, seja treinando ou viajando. Um segundo fator que colaborou para o fortalecimento da amizade com GM 8, além da “divisão de vitórias e derrotas no tabuleiro”, parece ter sido o fato de que este à época morava na cidade de Curitiba (PR)<sup>20</sup>, sendo uma cidade cheia de torneios e, então para GM 2, “oportunidade ali não faltava”:

---

<sup>20</sup> A cidade de Curitiba, como ver-se-á nas próximas análises, constitui-se ora como cidade onde nasceram, residiram, visitaram – como é o caso de GM 2 – ou mesmo sendo destino de migração entre este grupo de participantes. Embora o seu aprofundamento não seja objeto de estudo desta dissertação, a sua incidência como local onde o xadrez encontrou-se bem desenvolvido foi fato relatado por parte de quase todas as gerações pertencentes à grande maestria brasileira. Em que pese contextos históricos e sociais distintos, do ponto de vista sociológico de onde partimos, parece ser este um importante ponto a merecer análise. Neste sentido, sugiro a sua investigação por parte de futuras pesquisas pertencentes ao subcampo esportivo enxadrístico.

“Nessa época, quase todos os nossos assuntos tinham principalmente a ver com campeonatos, com ‘quem jogou tal partida’ ou ‘como é que ganha esse final’, enfim. Assuntos bem específicos de xadrez mesmo, né?”.

O “interconhecimento e inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1998b, p. 67) advindos de uma rede de relações privilegiada no que toca ao capital cultural de GM 2 parece, atualmente, também assentir-se de maneira próxima por meio de sua namorada. Como ele enxadrista desde pequena, foram presentes relatos sobre o acompanhamento que esta o fazia durante as competições, condição que quando não era possível era manifestada também pelo apoio dedicado após os resultados adversos inerentes ao jogo. Em contraponto, GM 2 relata que, entre o próprio conjunto de Grandes Mestres brasileiros, parece haver uma atual rarefação em seus convívios, visto que muitos deles hoje em dia treinam sozinhos ou mesmo chegam a ocultar alguns aspectos relativos a este treinamento como “não falar com quem você treina, onde você treina”, dentre outros, o que na sua perspectiva seria natural e ocorrente também em todos os outros esportes. Uma possível leitura disto seja a adoção de uma atitude ortodoxa por esses sujeitos, considerando a situação dominante com que ocupam neste subcampo e, disto decorrente, um ponto de vista particular que deseja impor-se como universal (BOURDIEU, 1996) e que, portanto, privilegia relações inconscientes de submissão – ou, neste caso omissão – dos meios de treinamento ou quaisquer outros nela implicados. Assim como o poder simbólico pode se constituir como “um poder de revelar ou consagrar coisas que já existem” (BOURDIEU, 2004, p. 167), a partir da posição que ocupam, estariam a esse grupo garantidas as condições de posse e eficácia simbólica para a legitimação de seus discursos. Para mudar o estado do espaço de disputas enxadrísticas – ou, como aponta GM 2 sobre a ocorrência de ocultações sobre ação ou funcionamento também de outras práticas esportivas – poder-se-ia pensar sobre a sugestão de Bourdieu (2004, p. 166): “para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos”.

A visão e incentivo de seus pais, outrora consistido pela visão do xadrez como uma prática que ocupasse o tempo na infância de GM 2 e “abrisse a sua cabeça para outras coisas”, na juventude encontrou-se transfigurada por meio de uma expectativa possível de carreira enxadrística também por parte destes. Desde lá, a única exigência de seus pais era para que GM 2 colocasse alguma seriedade em quais fossem as



atividades relacionadas a essa prática, o que à luz de Bourdieu e Passeron (2014) – sendo justamente *Jogos sérios e jogos de seriedade* o título do segundo capítulo de “Os herdeiros: os estudantes e a cultura” (1964) – pode ser analisado como um possível estímulo de uma crença de que, afinal, o xadrez era um jogo que merecia ser jogado. Não é de se espantar, portanto, que a expectativa de prolongamento da carreira de GM 2 no xadrez, como se verá no trecho a seguir, é por seus pais encarada com uma seriedade – ou neste caso, tranquilidade? – muito maior do que aquela que ele próprio carregava:

“Em nenhum momento da faculdade meus pais tinham alguma dúvida sobre eu caminhar, ao mesmo tempo, sempre rumo à faculdade e tentando me profissionalizar no xadrez, uma vez que não tinha muita expectativa, assim, né? Porque os exemplos que eles viam, principalmente meu pai que viajava junto comigo, eram de jogadores bem das antigas que não eram tão destacados em suas carreiras, mas que se viravam com o xadrez. Mas pô, isso não é um bom exemplo também, né? Eu não achava que tinha muita perspectiva de jogar xadrez e que, enfim, era muito melhor focar na faculdade. Mas eles nunca, jamais foram negativos em relação ao xadrez. Eles tinham uma certa preocupação, mas continuavam me apoiando, assim”.

Dentre as demais atividades praticadas no campo esportivo, durante a infância, estiveram para GM 2 o futebol e o basquete, sendo que por vezes elas encontravam-se impedidas por sua agenda cheia de torneios. Hoje em dia continua mantendo rara a prática do futebol ou de qualquer outra atividade para além do xadrez, sendo apenas o cuidado com o seu condicionamento físico mantido com caminhadas. GM 2, assim como Guilarte (2012), considera que isso influi sobre o seu desempenho na modalidade. Ainda sobre seus momentos de lazer, GM 2 – assim como GM 1 – percebe que o xadrez: “se tornou uma coisa que tomou conta da cabeça de um jeito que é impossível passar um dia sem ter algum contato ou pensando, mesmo que eu esteja viajando, numa conta assim”.

Enfim, a perspectiva de GM 2 sobre a influência que o “talento” teve ao longo de seu percurso parece ter sido ínfima. Para chegar a esta conclusão, esboça uma visão relacional – compartilhada pela ótica *bourdieusiana* – do peso dessa influência em sua experiência e, para além, também naquilo que ele percebe em outros Grandes Mestres. Em interessante conclusão a ser pormenorizadamente discutida nas considerações finais deste estudo, GM 2 “não sabe nem se dá pra falar em talento, mas em uma facilidade”.

Embora não tenha explícita consciência sobre o que seria essa facilidade – ou melhor, a sua herança cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2014) – faz questão de a expressar:

“No xadrez eu acho que tem uma ideia meio errada, assim, de talento. Ou de que tem que ser inteligente, de que tem que ser não sei o quê. Não tem que ser nada, tem que ser sério, tem que ser focado, tem que ter todas essas coisas que a gente falou. Sempre alguém tem alguma facilidade, não sei exatamente descrever o que foi que me ajudou, mas foi uma facilidade. Mas eu acho que muitas vezes esse talento é, vamos dizer, a facilidade de se estudar, a facilidade de ter paciência, a facilidade de ter as qualidades de que você precisa. Não, em si, esse talento daquela coisa que você tem uma noção e de que se fala muito de que é ‘quando a pessoa é um gênio’ ou ‘a pessoa bate o olho e já sabe que vai vingar’, isso eu acho que teve uma influência pequena. Eu só acho que eu tenho características boas para conseguir treinar ou para conseguir, enfim, ter essa dedicação”.

A partir do exposto, pôde-se perceber que GM 2 nos ensina importantes lições sobre a sua herança cultural. A primeira delas, sobre o peso que o capital social, conjunto ao capital cultural – ambos essencialmente herdados – pode assumir como rede de relações que não só circunda, mas justamente sustenta essas relações. No seu caso, desde cedo convertendo-se em capital simbólico no meio escolar até a idade adulta denunciando princípios ocultos de legitimação presentes no grupo social do qual pertence. Ademais, e embora provavelmente não o saiba, GM nos fala sobre uma interessante possibilidade de análise sociológica do conceito de “talento”. Talvez esteja na perspectiva de GM 12, dentre as contradições possíveis em uma herança (BOURDIEU, 1998b), um poderoso armamento capaz de romper, justamente, os mecanismos ocultos dela consagradores. Quem sabe munidos deste conhecimento, um dia, possam estar também os herdeiros ao combate?

#### **4.3. GM 3: um herdeiro que foi levado ao sucesso por seu *habitus* dilacerado**

GM 3 tem 53 anos, tendo nascido e ainda residindo da capital São Paulo (SP). Nascer e permanecer em uma cidade grande onde, em tese, “as possibilidades de acesso ao ensino e à cultura são maiores” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 42) parece, resguardadas as condições socioeconômicas de GM 3 a seguir apresentadas, ter se constituído em um importante fator para o acesso à determinadas oportunidades de

prática com o xadrez. Embora não explicita, julgo que ao longo de sua narrativa GM 3 oferece algumas valiosas pistas que só permitem concordar com Bourdieu e Passeron (2014) sobre o fato de que “o fator geográfico e o fator social de desigualdade cultural nunca são independentes” (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Feito este apontamento foi, entretanto, durante o seu período de residência em Joinville (SC) que GM 3 iniciou o curso superior de Economia no *campus* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desta mesma cidade sem, entretanto, ter o completado devido às suas frequentes viagens para as competições de xadrez. Suas etapas anteriores de escolarização foram cursadas em sua maior parte no ensino privado e, por sua opção, também no ensino público durante a etapa final do ciclo básico:

“Todo mundo em casa foi no colégio privado mesmo, só eu terminei no público porque eu falei pros meus pais que eu não assistia mais as aulas porque eu viajava o tempo todo pra jogar xadrez. Então eu falei eles “vamos me por em um [colégio] público, eu passo mais fácil e aí eu resolvo”.

Em um primeiro momento, poder-se-ia cair no risco de analisar a “escolha” de GM 3 por cursar uma modalidade de ensino dominada – como parece ser o caso da pública cuja incidência e apropriação das camadas populares é maior (PIOTTO, 2009) – quando o ensino privado parece ter estado a si próprio e às suas irmãs garantido como um traço estético de seu gosto de liberdade (BOURDIEU, 2003). Muito embora certos traços de dispensa das urgências e pressões temporais impostas pelo mercado escolar possam ser em GM 3 identificados – somado a estes também a sua preferência aos lucros proporcionados pelo mercado esportivo enxadrístico àqueles que adviriam do seu potencial diploma conquistado em uma instituição ainda altamente seletiva como é o caso da USP (PIOTTO; NOGUEIRA, 2016) onde havia dado o seu ingresso – é imperioso – acredito que neste como em todos os casos – que tal disposição de GM 3 seja colocada na perspectiva de seu contexto. Ao concordar que é a disposição algo “que mal podemos chamar de subjetiva, pois é objetividade interiorizada e só pode constituir-se em condições de existência relativamente liberadas da urgência” (BOURDIEU, 2003, p. 75), somada a um contexto socioeconômico restrito, unicamente, em termos de seus capitais econômicos (BOURDIEU, 1989), as disposições ao longo desta síntese demonstradas por GM 3 parecem mais

assemelharem-se à dilaceração de seu *habitus*<sup>21</sup> (BOURDIEU, 1998b). Prossigamos, então, para verificar o quão plausível – ou não – pode ser esta hipótese de análise.

Atualmente, GM 3 declara-se enxadrista por profissão e empresário para fins de prestação de contas de sua receita, visto que possui uma empresa “que faz coisas de xadrez”, segundo a sua própria definição. Pelos rendimentos de sua família – composta por ele, sua esposa e seu filho – possui, ainda, uma mensal renda média de R\$: 20.000,00, condição que parece indicar, como se seguirá, sua ascensão econômica. Além de si, à época de sua iniciação no xadrez a sua família nuclear era composta pelo seu pai, sua mãe e duas irmãs mais novas que, como relata ao considerar a idade de 4 anos em que se deu o seu início na modalidade, ainda não haviam nascido. Tendo o seu pai cursado o ciclo básico no sistema de ensino egípcio, GM 3 demonstra certa incerteza se esta etapa por ele fora cumprida no ensino público ou privado, uma vez que desconhece maiores detalhes sobre o sistema educacional daquele país. Entretanto, tem claro que o Ensino Superior não foi algo atingido pelo seu progenitor, o qual trabalhara sempre como vendedor comerciário e, mais especificamente nesta época, com a venda de computadores. De acordo com GM 3, estes seriam maquinários raros naquele contexto, condição pela qual o seu pai esteve atrelado a esta profissão até o momento em que eles se tornaram utensílios populares. Sua mãe, por sua vez, cursou o Ensino Básico na modalidade pública tendo, após a sua conclusão, realizado um curso profissionalizante na área de Secretariado. Depois que se casou, no entanto, GM 3 conta que ela teria assumido o lar como sua ocupação.

Ao longo das descrições sobre a profissão de seu pai ou a qualidade do ensino público cursado pela sua mãe “que era muito bom, depois baixou o nível”, para além de indicar possíveis mudanças de estado sofridas pelos sistemas trabalhistas e educacionais entre aquele e este período – visto que muitas das designações que antes eram dadas hoje já não têm suas significações idênticas, alterando a distribuição de bens e disposições a elas associadas (BOURDIEU, 2007) –, GM 3 também parece demonstrar, com isso, a vontade de esclarecer que os seus pais<sup>22</sup> estariam inseridos, pelo menos à

---

<sup>21</sup> De acordo com Bourdieu (1998b, p. 235), *habitus* dilacerados são “divididos contra eles próprios, em negociação permanente com eles mesmos e com sua própria ambivalência; portanto, voltados a uma forma de desdobramento, a uma dupla percepção de si e, também, às sinceridades sucessivas e à pluralidade de identidades”.

<sup>22</sup> E, aqui, especialmente sua mãe, considerando que após o casamento, segundo GM 3, ela teria se ocupado exclusivamente do lar.

época, em posições ou espaços deveras valorizados<sup>23</sup>. Pelo apresentado, parece compor este, também, um dado importante a ser levado em conta durante o que se prossegue.

Entre as suas irmãs mais novas, por fim, a mais velha delas possui doutorado na área de Biologia (USP) e as etapas anteriores, como já mencionado, cursadas no ensino privado. GM 3 relata que “apesar<sup>24</sup>” desta condição, hoje ela “trabalha com *internet*, basicamente fazendo *sites*”. Assim como aquela, a mais nova de suas irmãs também cursou todo o ciclo básico no ensino privado e, tendo-o concluído, ingressou no curso de Hotelaria em uma universidade privada. Por “gostar muito de bichos”, GM 3 também traz que, antes de passar em um concurso público e atualmente trabalhar como funcionária de uma área que tem “alguma coisa a ver com constituição, assessoria”, esta sua irmã seria gerente de um *pet shop*.

À semelhança das histórias de GM 1 e GM 2, também GM 3 fora apresentado ao xadrez por seu pai, início de um ganho progressivo que a força de uma herança exclusivamente paterna<sup>25</sup>, quando familiar, irá adquirir ao longo deste estudo. Considerando o valor eminente da precocidade no campo esportivo, tal qual a renovação anualmente verificada no meio escolar (BOURDIEU; PASSERON, 2014), para GM 3, entretanto e antes de GM 1 e GM 2, o xadrez se desvelou por volta dos 4 anos. Este, assim como quaisquer outros dados tratados à luz sociológica *bourdieusiana*, deve ser considerado em sua relação. O sucesso esportivo de GM 3 e dos demais sujeitos pertencentes à grande maestria brasileira, como se viu e prosseguirá se mostrando, não foi possível somente por terem começado cedo no xadrez. Mas, em

---

<sup>23</sup> Embora não fosse objetivo – mas desejável, se possível – apreender o sentido de ascensão ou declínio da trajetória familiar de GM 3, talvez a inclinação em deixar explícito que, outrora, o sentido atribuído à profissão de vendedor de computadores ou do curso escolar em um ensino público, possa dizer algo sobre este sentido. Uma segunda hipótese a ser levantada, assim, é de que possivelmente este sentido tenha sido o de declínio socioeconômico: muito sutilmente, ver-se-á que certas restrições não teriam o sido impostas caso esse suposto quadro inicial de uma posição privilegiada de seus pais tivesse se mantido.

<sup>24</sup> Embora o aprofundamento da trajetória de suas irmãs não tenha sido objeto de análise, o modo como GM 3 considera a atual profissão de sua irmã “apesar” e embora o seu alto grau de escolarização, faz levantar a hipótese de uma possível ocorrência do fenômeno da inflação deste diploma (BOURDIEU, 1998b). Embora não tenham sido explorados os elementos para a sua confirmação, considerando que o investimento a dado título só adquire sentido se um mínimo de reversibilidade nas subversões entre o campo acadêmico e a realidade social do sujeito encontrar-se objetivamente assegurada (BOURDIEU, 1998b), pode ser que este tenha sido um fator de influência sobre a sua própria atitude frente ao mercado universitário, mais adiante analisada.

<sup>25</sup> Assim como Pierre Bourdieu em “*As contradições da herança*” (BOURDIEU, 1998b), fazemos aqui a ressalva – e não privilégio de análise, como faz aquele em seu texto – de que os dados aqui produzidos referem-se, na ordem de sucessões das heranças, a pais e filhos cujo sexo é masculino. Considerando ser este expressivo de uma posição dominante (BOURDIEU, 2014a) e, portanto, capaz de ter influência sobre os resultados das transmissões e apropriações das heranças aqui apresentadas, sugere-se que futuros estudos a considerem, por oposto, também a análise de como ela se expressa entre enxadristas do sexo feminino.

uma contrapartida que julgamos ser mais produtora, atingiram o sucesso porque para além de tudo, *também* começaram cedo.

A oferta da prática de jogos pelo seu pai e, dentre eles o xadrez, era quase sempre respondida com um “não” por GM 3. No entanto, o mesmo relata que no universo de jogos principalmente estratégicos dos quais seu pai possuía apreço, era exceção o xadrez e, para ele, geralmente vinha um “sim”:

Configurando um *habitus* enxadrístico cujos interesses pela prática eram por GM 3 e seu pai compartilhados, este relata ainda que “como esse era um jogo interessante pros dois, qualquer um podia propor: tanto podia ser ele como podia ser eu”. Sendo o *habitus* não um destino, corroborando Setton (2002), mas uma matriz cultural suscetível de mudanças ao longo do tempo, GM 3 relata, ainda, que esse mesmo interesse inicial em jogar com o seu pai, ao longo do seu desenvolvimento na prática e ingresso nos ambientes dos clubes de xadrez a seguir apresentados, foi diminuindo. Ainda que já jogasse muito melhor, de acordo com suas próprias palavras, GM 3 refere que, ainda assim, mantinha a prática do xadrez com o seu pai, atitude oposta àquela adotada pelos sujeitos até aqui analisados. Tal estratégia adotada por GM 3 parece ser demonstrativa de uma tentativa de prolongamento – no entanto, inadiável como ver-se-á a seguir – do paradoxo geracional pelo qual os processos de transmitir e herdar (TOMIZAKI, 2010) inerentes à própria herança, são passíveis: ao distinguir-se do pai, os herdeiros superam-no e, ao fazê-lo, também em certo sentido o negam (BOURDIEU, 1998b)

No tocante a tais práticas iniciais com seu pai no ambiente familiar, GM 3 aponta a percepção de que elas pareciam não ser “um treino para o futuro, até porque nunca se imaginou que eu ia jogar xadrez”. A hipótese inicialmente levantada sobre uma condição socioeconômica de declínio vivenciada por esta família, aqui, ganha força. Sendo a relação entre “a posição atual, a trajetória passada/potencial e a disposição quanto ao futuro” (BOURDIEU, 2003, p. 99) traços correlativos à posição ocupada por determinado grupo social, do exposto por GM 3 é, de forma sutil, perceptível que o seu pai não enxergava para GM 3 a possibilidade de uma carreira enxadrística. Seja por desconhecê-la ou não reconhecê-la, o que não foi possível se apreender, ambas as possibilidades são indicativas de uma relação com o xadrez, enquanto prática cultural, característica de um estilo de vida de grupos sociais cuja posição social é intermediária em sua hierarquia (BOURDIEU, 2003). Dos avanços aqui considerados, levanta-se, por fim, a hipótese de que o interesse de GM 3 transfigure-se,

ao longo e com o passar da vivência de uma condição de vida dada por tais características, em boa vontade cultural (BOURDIEU, 2003).

A prática de GM 3 com o seu pai ocorria sem muita frequência durante a infância, tendo o seu pai comprado, complementarmente neste processo, alguns livros de xadrez. Questionado sobre tal aquisição, GM 3 responde que, antes dele, o seu pai não tinha os seus próprios livros, mas ao decorrer do processo de seu aprendizado da prática os descobrira, comprou e começou, ele, suas leituras. Disto depreende-se que o estado objetivado – cujo pressuposto importante é, também, o capital econômico (BOURDIEU, 1998b) – do capital cultural paterno não encontrava-se, naquele lar, tão expresso. Da relação que o seu pai tinha com o xadrez também identifica-se, a partir do exposto, que ela passava pelo desconhecimento – e não pelo fato de não reconhecê-lo –, sendo este um dado importante em relação a esta herança e, possivelmente, que também dirá algo sobre a apropriação futura que dela fez GM 3. Ainda sobre esta herança, GM 3 desconfia que seu pai a herdara de seu avô<sup>26</sup> do qual, embora não conhecesse, seu pai constantemente o relatava. Ao contrário de certa seriedade (BOURDIEU; PASSERON, 2014) implicada no processo de transmissão da herança enxadrística pelo pai de GM 2, o pai de GM 3 já agia de modo a sempre oferecer alguma vantagem material dentro do jogo, sendo esta gradativamente reduzida durante as partidas à medida que GM 3 o superava. Após quase 10 anos de disputa, quando isso finalmente aconteceu e assim como GM 1 e GM 2, também GM 3 cessou a prática do xadrez com seu pai em ambiente familiar. Marco este simbólico, portanto, do prolongável mas não inadiável processo de uma *superação assassina* (BOURDIEU, 1998b; TOMIZAKI, 2010), em que pese o rigor do termo, no tocante aos processos geracionais implicados na transmissão e apropriação das heranças culturais enxadrísticas até aqui analisadas. Se não na oferta de seu pai, carregada de elementos de jogos estratégicos que possam ter colaborado para o seu *habitus* enxadrístico, foi do produto da demanda da apropriação de sua herança que GM 3 encontrou a seriedade na prática:

“Ah, eu gostava. Eu não pensava muito nisso, eu gostava de jogar. Eu me sentia bem jogando. Jogos em geral eu me sentia muito bem

---

<sup>26</sup> Embora tenha nascido no Egito, o avô de GM 3 tinha descendência iugoslava. Sobre a cultura enxadrística vivenciada por este país, GM 3 ainda comenta que “lá todo mundo aprendia em família a jogar xadrez”, sendo a Iugoslávia “um país onde, entre todos os lugares do mundo, mais o xadrez era uma prática cultural, inclusive mais do que na própria Rússia”. Embora não haja elementos que nos permitam afirmar que isto possa ter influenciado a herança de seus antepassados, no limite, faz-se esse mais um relato, como aquele do pai de GM 2, em que os antepassados dos nossos herdeiros contaram com uma descendência de países que, ao que tudo indicam, compartilhavam fortemente a cultura desta prática.

jogando, não só xadrez, mas outros jogos. Eu me sentia bem jogando. O xadrez é aquele que eu jogava mais a sério”.

Quanto à sua mãe e irmãs, aquela não teve contato nenhum com o xadrez e estas, também ensinadas pelo pai de GM 3, tiveram algum contato com o jogo. Sobre o apoio de seus pais, GM 3 relata que eles nunca se preocuparam com os seus resultados no xadrez: nem entusiasmavam-se, nem o colocavam alguma pressão. Embora relatasse que eles ficavam na torcida, GM 3 parece ter se ressentido de certa indiferença de seus pais em relação aos seus feitos no xadrez, visto que nele tem conquistas que, como ele, são também precoces. Entretanto, como já colocado, talvez essa indiferença diga muito mais sobre o desconhecimento de seus pais quanto ao modo de funcionamento e, principalmente, quanto aos lucros advindos do subcampo esportivo do xadrez e sua importância para GM 3. A ausência de algum reconhecimento também pelo pai, transmissor dos capitais culturais relativo à modalidade, pode ser – agora também para o capital cultural – um indicativo da posse relativamente baixa, embora presente, de tais bens. Tal ausência, adjunta à porosidade de sua condição socioeconômica que começa a se desvelar, também era notada por GM 3 nas idas aos torneios: “eu também não tinha tantas condições e a ajuda era muito difícil, todo mundo em casa trabalhava e não tinha quem me acompanhasse, então meu pai achou que eu tava em condições de ir sozinho e eu fui”.

Se a família foi a primeira instância onde GM 3 pôde ter contato com bens que futuramente lhe confeririam algum lucro no espaço simbólico enxadrístico, mesmo que estes pareçam se configurar escassos, foi nos clubes de xadrez que entrou o apoio e, principalmente, o capital social necessário que lhe facilitou não só quanto ao estudo, mas principalmente ao acesso ao volume global e peso relativo dos capitais (BOURDIEU, 2004) necessários para a sua ascensão, em via contrária àquela que parece ter sofrido com a família, neste espaço simbólico. Mais uma característica, assim, a somar com a dilaceração de seu *habitus*. Simbólico da elite paulistana da década de 1970, GM 3 relata primeiro ter conhecido o departamento de xadrez interno ao Clube de Regatas Tietê<sup>27</sup> (ESTADÃO, 2015) frequentado pela sua mãe. Não se sabe, no entanto, se a oferta de um espaço distintivo encontrou a sua demanda em GM 3 em

---

<sup>27</sup> Fundado em 1907, a própria frequência a este clube parece somar-se aos traços de “estilização da vida” (BOURDIEU, 2003) de GM 3, visto foi este um clube símbolo da elite paulistana em seus melhores momentos na década de 1970, sendo guarita de esportistas bem-sucedidos, como também viria a ser GM 3, de modalidades igualmente distintivas (BOURDIEU, 1978, 2003, 2007) – tal qual o xadrez – como a natação ou o tênis (ESTADÃO, 2015).



um momento anterior ao declínio da condição socioeconômica de sua família ou se, por outro lado, outras vias possam ter se possibilitado a sua frequência. Em seguida, assim como GM 2, também conheceu o “Clube de Xadrez São Paulo”, um dos mais tradicionais no cenário nacional (CLUBE DE XADREZ SÃO PAULO, 2017). Enquanto lá jogava cada vez com mais frequência, paradoxalmente e como já mencionado, cada vez menos era frequente a prática com seu pai.

Em ambos os espaços da família e do clube, GM 3 relata ser autodidata em relação à aquisição de seus conhecimentos: “basicamente eu nunca tive professores, foi uma ou outra pessoa só em algum momento e basicamente eu aprendi porque o professor era mais forte do que eu, mas eu nunca tive professor”. Embora relate certo traço de violência simbólica em sua fala ao se referir à diferença entre forças ou, considerando o subcampo enxadrístico, entre agentes detentores de posições distintas neste espaço simbólico, GM 3 também traz que já “sabia alguma coisa” quando do momento de sua entrada, revelando uma possível amenização de tais desvantagens proporcionada pela detenção de sua herança. Era também no espaço deste clube que GM 3 contava com a indicação de livros de xadrez pelos melhores jogadores da época – sendo esta uma possível ortodoxia (BOURDIEU, 1998b) deste espaço – ou colegas de clube que sempre os davam algumas dicas. Em oposição a um possível modo de aprendizagem ancorado na boa vontade cultural e assimilado em casa, o clube, à semelhança da incitação de Bourdieu e Passeron (2014, p. 37) à família, neste caso parece constituir mais um desses “meios mais ‘cultos’ onde é, talvez, menos necessário pregar a devoção à cultura ou tomar deliberadamente nas mãos a iniciação à prática cultural. De tal modo de circulação difuso da prática e, principalmente, por parte de agentes cujo acúmulo de bens ali lhes conferiam poder, levanta-se a hipótese de que sejam sujeitos de posição social dominante para além do círculo do xadrez, portanto, os frequentadores deste clube. Neste sentido, Bourdieu e Passeron (2014, p. 37) ainda complementam que “as classes cultas arranjam iniciações difusas muito mais bem preparadas para suscitar, por uma espécie de persuasão clandestina, a adesão à cultura”.

Assim como GM 1 e GM 2, relata o uso máximo de seu tempo livre para o estudo do xadrez, indicando um investimento de seu bem mais precioso, o tempo, à serviço do acúmulo de capital cultural (BOURDIEU, 1998b): “o tempo que eu não ficava fazendo alguma atividade da escola eu ficava estudando sozinho”. Nestes mesmos momentos de lazer, GM 3 gostava de praticar os esportes tidos por ele como “escolares” como o “futebol, basquete, handebol, vôlei e essas coisas que tem nas aulas

de Educação Física e que o pessoal jogava”, além de ter a rua também como ambiente de prática. Além disso, relata gostar muito de ir ao cinema, embora fosse poucas vezes com um amigo. Indicativo, possivelmente, da restrição imposta pela redução de seus capitais econômicos. Mais recentemente, entretanto, traço de sua certa ascensão social também parece ser a prática de modalidades esportivas historicamente apropriadas por grupos sociais distintivos e inexistente contato por oposição corporal (BOURDIEU, 2004), ao exemplo do tênis, além de um modo também distintivo se se praticar (BOURDIEU, 2004) outras atividades como, por exemplo, a ida à academia com a finalidade de lazer. O *bridge* e o gamão, notoriamente, estavam entre as atividades incitadas por uma possível boa vontade cultural paterna em despertar, em GM 3, uma possível disposição para a prática de modalidades (esportivas?) em um campo orientado ao polo ascético. Não há de se desconsiderar, entretanto, que tal incitação se dava em sua autonomia relativa com o já tenso estado das relações de força entre as posições sociais dominantes e dominadas (BOURDIEU, 1983) que pareciam se delinear no interior da sua família, considerando a sua gradativa ascensão no subcampo enxadrístico. A apropriação deste aspecto da herança, entretanto, parece ter se dado sem muitos conflitos em GM 3: “tinha jogos como o gamão que era ‘sim’ [a sua resposta à oferta do pai para o jogo], para xadrez também era ‘sim’ [...], já se ele falasse ‘vamos jogar futebol’, geralmente era um não [risos]”. A expressão do consumo esportivo como o encontro – ou, neste caso, desencontro – entre as disposições de oferta e demanda das práticas (BOURDIEU, 1983) é presente na experiência com o tênis de mesa por GM 3 e seu pai. Gostando este da prática, GM relata que, entretanto, por ser esta exigente de um equipamento específico de prática como é o caso da mesa, nem sempre a sua prática, seja por uma questão de oferta ou de falta de capitais econômicos para demandá-la, era raramente presente: “tênis de mesa ele gostava de jogar, mas tênis de mesa não é fácil, tem que ter a mesa, tem que ter tudo, então era um ‘sim’ pra tênis de mesa quando tinha a opção, né?”. Apreende-se, assim, que mesmo para a prática de modalidades esportivas, os sujeitos encontram-se “livres” apenas no limite de suas estruturas.

Embora o objetivo destas sínteses não seja apreender a totalidade da trajetória esportiva dos sujeitos, a certeza de si relacionada a como ela foi conduzida – ou, segundo ele próprio, como o conduziram – é traço simbólico importante em GM 3. No entanto, como expresso até aqui, um “deixar-se levar” possivelmente composto por disposições conflituosas entre a boa vontade cultural proveniente do seu meio social de origem e a relação diletante com o xadrez adquirida, principalmente, nos clubes:

“Ele falou ‘ah, às vezes a gente deixa as coisas levarem’. Eu não escolhi jogar xadrez, eu fui jogando, foi dando certo, dando certo e aí de repente eu já era um jogador profissional, já ganhava com aquilo e aí já tava muito mais cômodo, né? Mas não foi uma decisão que eu tomei, “vou ser um jogador de xadrez porque eu acho que esse é o melhor caminho”, simplesmente as coisas aconteceram e assim ficou”.

“Deixar-se levar” pelo xadrez foi um processo vivenciado por GM 3 desde tenra idade, haja vista suas já comentadas opções por liberar-se do jogo escolar em dois momentos distintos de seu processo de escolarização em detrimento do vislumbre de uma possibilidade maior de alcance de sucesso na carreira enxadrística. A ascensão financeira e social de GM 3 possibilitada pelo profissionalismo na modalidade é um possível indicativo de que nem sempre o campo esportivo é um “mercado muito mais restrito e com poucos postos de trabalho em relação ao mercado escolar” (MEZZAROBA; CONCEIÇÃO, 2015, p. 199). O resgate ao sentido social que os sujeitos atribuem à prática (MARQUES; ALMEIDA; GUTIERREZ, 2007; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a) ou, em termos *bourdieusianos*, o considerar de seus *habitus* vem, antes e preliminarmente a esta assertiva. E vem, neste sentido, não por uma hierarquia entre dado estado de oferta do campo e suas demandas, mas porque justamente o consumo esportivo destas se faz produto. Considerar o *habitus*, neste sentido, deve ser um processo sempre em interação com o campo, sucessivo de estímulos heterogêneos tão quanto podem ser suas referências (SETTON, 2002), como em GM 3, dilaceradas e não necessariamente coerentes. É neste sentido também que, a partir da experiência de GM 3 e também dos sujeitos anteriormente analisados, sugere-se que o campo esportivo seja colocado em uma perspectiva mais ampla do que um espaço “destinado, geralmente, àqueles com determinado capital físico-corporal performático” (MEZZAROBA; CONCEIÇÃO, 2015, p. 202). No que se baste, o campo esportivo não encontra meios de se apresentar como um espaço em que desempenhos se dão em corpos físicos vazios, mas sobretudo por agentes produtores de cultura. Ao “deixar-se levar”, GM 3, entretanto, apresenta a contradição da restrição de suas escolhas:

“Então esse caminho que eu segui foi o caminho que eu segui porque não tive outra opção. A minha opção foi essa, mas eu não tinha nenhum tipo de apoio. Hoje em dia tem muito mais apoio que naquela época, eu não tinha nem passagem pra jogar os torneios, então eu fiz o que deu pra fazer”.

O xadrez não era presente no colégio de GM 3, mas este relata a sua participação em olimpíadas escolares por este promovidas que tinham o xadrez como modalidade Lá, assim como em GM 2, o reconheciam: “o pessoal sabia que eu jogava xadrez, reconhecia que eu jogava claramente melhor do que todo mundo, mas não tinha nada, absolutamente nada”. De acordo com Bourdieu (2003, p. 83), se “as classes sociais se diferenciam menos pelo grau em que reconhecem a cultura legítima do que pelo grau em que a conhecem”, no meio escolar o xadrez era algo que GM 3 não só conhecia, mas era reconhecido pelo legítimo desempenho de seu conhecimento.

GM 3 atribui a sua chegada ao alto rendimento pelo fato de que estudava muito no tempo livre e não aos ambientes em que ele frequentava e este era presente, embora também se contradiga ao dizer que estes haveriam de ter tido sim certa ajuda. Diz que ter tido um treinador teria feito com que chegasse mais longe: “tiveram muitas informações que eu não tive acesso porque eu descobria as coisas sozinho e teve muitas coisas que eu não descobri”. Uma experiência relatada importante parece ser a convivência com seu tio durante a infância, o qual era uma espécie de seu cuidador. No tempo em que ficavam juntos, por vezes este o levava para jogar com alguns de seus camaradas valendo algum dinheiro. GM 3 sentia-se feliz com isso não só porque ganhava dos adultos, mas porque sabia que o tio não queria ficar com ele e, com esses momentos, conseguia o deixar feliz. A prática com vista a obtenção de lucros financeiros parece indicar também uma condição desfavorecida de seu tio, além desta mesma influência potencialmente reforçar certo *habitus* já interessado de GM 3.

A posição dominada tanto no domínio simbólico do xadrez, podendo ser ela entendida pelo fato deste ser apenas um amador, como no domínio socioeconômico, como parece indicar sua categoria socioprofissional e nível de escolaridade, é fato que ajuda a compreender a transmissão de sua herança. O pai de GM 3, afinal, parece ter produzido estratégias para que os filhos e a família obtivessem uma trajetória de ascensão, tal qual o estímulo aos jogos de estratégia, o qual seria o próprio xadrez um exemplo. GM 3 parece ter contado, assim, com universos de disposições irregulares que o tenderam também a produzir sistemas de disposições divididos entre si e que geram linhas de ação irregulares e, por vezes, incoerentes:

“Ah, eu gostaria de ter chegado mais longe, né? Mas eu acho que foi razoável dadas as condições que eu tive. Inclusive quando analiso e pego a condição que existia, não tive treinador, não tinha nenhuma condição econômica, nunca tive nenhum patrocinador, nunca tive

nada, então eu acho até que eu cheguei bem nesse aspecto, né? Mas, mesmo assim e com tudo isso eu poderia ter chegado melhor, eu sei de erros que eu cometi que eu não consegui corrigir a tempo. Se eu tivesse corrigido eu teria obtido melhores resultados, né? E tem outras coisas que outras pessoas poderiam me ajudar, mas é difícil esse ‘e se...’. ‘E se...’ isso, ‘e se...’ aquilo... Algumas coisas eu tenho certeza, tem algumas coisas que eu entendi errado e poderia ter feito melhor sem a ajuda de ninguém”.

Sobre a distinção (BOURDIEU, 2007) no próprio grupo ao qual pertence, GM 3 nos traz: “na verdade você supõe que um Grande Mestre é um jogador de alto rendimento, mas existem vários níveis dentre os Grandes Mestres”, o que pode ser indicativo de que também este é um espaço que sofre certa segmentação em seus graus de distinção. Reside neste sentido, dentre outros, a polissemia do fenômeno esportivo enquanto ao que se considera por sucesso neste espaço. De acordo com a posição ocupada por GM 3, assim, é possível vislumbrar a ampliação de seus próprios horizontes a partir do lugar ocupado, colocando-se em perspectiva as visões de alto rendimento consideradas neste estudo e aquelas compartilhadas pelos próprios sujeitos. Semelhante à de GM 2, GM 3 tem uma concepção de “talento” como uma facilidade, relatando que isso é algo inconsciente mas que, todavia, pode o ter ajudado:

“Ah, a gente nunca pensa muito... Sem dúvida é importante porque ele existe ali, você tem mais facilidades pra uma coisa do que pra outra, não me cabe dizer. Mas quando você tá jogando... Eu não fico pensando se eu tenho ou não talento, quando eu jogo vou tentando fazer o melhor possível, né? Então eu nunca paro pra pensar o tamanho do talento que eu tenho, se as pessoas têm talento, eu simplesmente tô competindo, tô jogando e não é uma coisa que eu penso muito”.

GM 3 traz a ideia de “talento” como interesse, mas um interesse que se mostra interessado por uma boa vontade cultural traduzida pela valorização de atitudes laboriosas, quando se remete aos seus alunos: “a pessoa já demonstra e estuda os questionamentos antes mesmo das questões, quer tirar o máximo”. Considera, por fim, dois tipos de “talento”, aquele advindo da genialidade e, um segundo, do esforço. Relata também que pra ter “talento” há de se ter determinadas condições socioeconômicas pra jogar, podendo ser esta uma alusão à sua própria trajetória. Quando questionado sobre em qual polo destas duas perspectivas se posicionava, prontamente respondeu que foi o esforço, no seu caso, o que preponderou. Segundo ele, a sua entrega era total, ficando

estudando o dia todo “devorando os livros, e se tivesse a condição de estudar com alguém, então tentava tirar o máximo daquele momento”, denotando a expressão máxima de seu interesse:

Existem vários tipos de talento, o talento que a pessoa é genial e que você, olhando assim, vê a pessoa do nada tendo grande ideias e o talento das pessoas que conseguem estudar 8 horas por dia, eu considero isso um talento. Não é fácil você ficar 8 horas por dia estudando, não é qualquer pessoa que consegue fazer disso uma rotina o tempo inteiro. Quem consegue eu acho que tem um grande talento pra isso, ela consegue focar por muito tempo naquilo. Então esse é um tipo de talento também, as pessoas sempre consideram que talento é uma coisa que tá desvinculada do estudo, então se você tem muito talento você não precisa estudar ou alguma coisa assim. “Esse aí sem estudar faz tudo aquilo”, né? Mas eu não considero isso, eu acho que existem diferentes tipos de talento. Por exemplo, ter capacidade de estudo é um grande talento.

A partir do levantamento de hipóteses que pudessem nos auxiliar sobre o delineamento das condições socioeconômicas e do sentido de ascensão ou declínio de sua família, foi possível se levantar valiosas pistas sobre GM 3. O modo da transmissão de sua herança, somado à relação com o contexto em que compartilhava, parece ter incidido sobremaneira na dupla percepção que GM 3 parece apresentar de si. Se por um lado havia uma família em declínio, era no xadrez que GM 3 vislumbrava suas maiores possibilidades de lucros. Talvez seja possível dizer que o *habitus* manteve com o campo, no caso de GM 3, uma inconstante solicitação mútua geradora de suas angústias.

#### **4.4. GM 4: entre herdeiros e heranças familiares, uma exceção à regra**

GM 4 tem 24 anos, nasceu na cidade de São Sebastião do Paraíso (MG) e lá residiu até por volta de seus 7 ou 8 anos de idade, quando mudou-se para Mogi Guaçu (SP). Após o intervalo de 1 ano, mudou-se novamente para Poços de Caldas (MG) e lá residiu durante o mesmo período até, enfim, retornar à sua cidade natal onde atualmente se encontra. Coursou todas as etapas de escolarização na modalidade pública até o Ensino Médio, à exceção da 5ª série realizada no ensino privado quando ainda residia em Poços de Caldas (MG). É atleta de xadrez e, atualmente, tem rendimentos mensais de R\$: 10.000,00 considerando a sua renda e a de sua mãe, com quem mora.

Filho único, à época de seu início no xadrez sua família era composta por seu pai, sua mãe e ele, quadro alterado após o divórcio de seus pais quando tinha 13 anos. Seu pai cursou todas as suas etapas de escolarização no ensino público, interrompendo-o no Ensino Médio. Atualmente é vendedor autônomo, sendo que “cada hora é um bico diferente”. Semelhante ao pai, nessa época, sua mãe também havia cursado o ciclo básico público, não tendo-o completo no Ensino Médio. Hoje, porém, não só o completou como ingressou no Ensino Superior, estando no último ano do curso de Pedagogia em uma instituição de ensino particular. Em paralelo, trabalha como funcionária pública na Secretaria de Educação da sua cidade.

Último a até então obter o direito de entrada no grupo da grande maestria brasileira, GM 4 não só é novo no campo por ser o décimo segundo deles, mas também por apresentar, dentre eles, a menor idade. É também um sujeito singular neste grupo por apresentar a origem de suas disposições relacionadas ao xadrez não em sua família, mas na instituição escolar onde com a prática entrou pela primeira vez em contato. Em uma perspectiva sociológica, não só tais dados podem dizer muito sobre si mas, principalmente, sobre uma possível via de entrada deste subcampo esportivo: se até então a elite deste espaço detinha suas raízes em herdeiros cultivados no seio familiar, GM 4 não só deles é exceção como reforça a tese de que o ambiente escolar pode estar, mais recentemente, se configurando como uma nova via de transmissão heterodoxa do *habitus* enxadrístico (JANUÁRIO; MARQUES, 2015).

Em levantamento da perspectiva da grande maestria sobre o potencial do ambiente escolar como meio formador e disseminador dos esquemas de percepção e ação próprios do subcampo esportivo enxadrístico, tais autores encontraram, ao contrário do conservadorismo esperado de manutenção dos capitais simbólicos próprios desta prática ao levar em conta a posição que ocupam, uma postura herética (BOURDIEU, 1983) de apoio quanto aos possíveis processos de popularização e massificação que disto poderia decorrer. Segundo estes sujeitos, “é no espaço democrático das escolas que o xadrez encontra as melhores chances de reprodução de seus capitais específicos para os *recém-chegados*” (JANUÁRIO; MARQUES, 2015). Se outrora a possibilidade de entrada de sujeitos desprovidos de capitais enxadrísticos socialmente herdados pela família não passava de uma distante outorga de quem sabe que esta não é uma via capaz de ameaçar a sua legitimidade, GM 4 quebra um dos tácitos acordos estabelecidos pela *doxa* deste espaço. Ter em mente que a história de vida de GM 4 é representativa daqueles que são da regra uma exceção faz-se, portanto,

um interessante modo de leitura desta síntese. Testemunho vivo de que a via escolar pode conferir certa certificação àqueles em cujo lar não habitou o testamento de sua herança, GM 4 carrega, entretanto, os efeitos da batalha daqueles entre os quais o privilégio se faz algo pelo qual é preciso buscar. É neste sentido que, especialmente para o caso de GM 4, a investigação sobre as dinâmicas e estruturas familiares, por sua vez, dá lugar às suas manifestações escolares.

De início, não nos parece ter sido, a sua, qualquer escola. A oferta do xadrez para GM 4 se deu, mais especificamente, por meio de um projeto social que se utilizava das escolas para disseminar esta prática entre as crianças e jovens das redes municipal e estadual<sup>28</sup> da cidade. De acordo com GM 4, as aulas de xadrez em sua escola constituíam-se como opção às aulas de Educação Física enquanto componente curricular, oportunidade de escolha, esta, com a qual também contou GM 1 em sua escola. Considerando que a oferta das práticas esportivas se concretiza a partir do encontro com as expectativas, interesses e valores de consumo de seus potenciais praticantes (BOURDIEU, 1983), tanto nos casos de GM 1 quanto de GM 4 as disciplinas relacionadas ao xadrez não adquiriram caráter de obrigatoriedade, sendo este um fator importante sobre a posse anterior de capitais destes sujeitos que os possibilitaram a escolha pela participação. Uma segunda particularidade a ser notada é que, também para ambos, a opção relegada para que a adesão do xadrez se desse foi composta, justamente, pela disciplina que alude ao campo pelo qual esta prática pertence<sup>29</sup>. Considerando pouco produtivas as antinomias entre campo da cultura *versus* campo do esporte, bem como a leitura deste como um espaço onde concorre exclusivamente um “capital físico-corporal” (MEZZARROBA; CONCEIÇÃO, 2015), em alusão às escolas de GM 1 e GM 4, uma leitura semelhante poderia ser realizada sobre a restrição de escolha imposta aos alunos entre as aulas de xadrez e de Educação Física. Neste sentido, considerando o xadrez como prática esportiva e, portanto, um fenômeno

---

<sup>28</sup> Muito embora o xadrez fosse prática trivial para os alunos da rede pública daquela cidade – e também entre a geração adulta, como poderá ser mais adiante verificado – esta não é condição compartilhada entre as demais instituições de ensino deste país, tampouco entre as públicas. A escola de GM 4, assim, pode ser considerada como uma escola duplamente privilegiada, quer seja pelo fato de contar com um projeto social que possibilitou a oferta do xadrez enquanto prática em seu interior como, de forma complementar, por se situar em um contexto histórico cuja entrada da prática no meio escolar já havia sido legitimada. Não sendo este o objetivo deste estudo, entretanto, não há de se desconsiderar que os discursos pertencentes às primeiras gerações do grupo destes participantes encerram o imaginário sequer existente sobre se ter ou não esta prática na escola. Sugere-se, assim, que futuros estudos possam se ocupar da investigação da via escolar de disseminação, se não de uma herança, de um possível *habitus* enxadrístico.

<sup>29</sup> Ainda que as discussões da sua pertença enquanto jogo ou esporte se encontrem abertas (MARQUES, 2015a).



sociocultural (MARQUES, 2015a), por que opô-la ao seu próprio campo? Por que, por outro lado, não inseri-lo na completude de componentes cada vez mais plurais e heterogêneos dentre os quais se encontra o esporte nesta área? Pertencendo ao campo esportivo, afinal, por que a insistência em relegar ao xadrez um lugar dele à parte? Em uma ótica oposta à relegação, o que faria com que o xadrez, dentre as demais modalidades esportivas, encontre no campo escolar os lucros onde outrem não encontrara? O que faz com que a escola privilegie o xadrez, em detrimento das demais práticas esportivas, conferindo disciplinas que exclusivamente a ele se dedicam<sup>30</sup>?

“É, eu não lembro muito bem como foi nessa época, mas eu acho que primeiro apresentaram o xadrez pra sala inteira e aí depois que foi ter essa opção. Porque lá era desse jeito em todas as escolas, Educação Física junto com o xadrez, né? Tirando algumas escolas que são em tempo integral e aí você tem a opção de fazer o xadrez... Só xadrez na aula, não precisa dividir. Acho até que é melhor assim, sem dividir se é ou xadrez ou Educação Física<sup>31</sup>”.

No que pese uma inicial obrigatoriedade destas aulas de xadrez, GM 4 parece muito mais se referir à oferta de uma base de conhecimentos gerais sobre esta prática para que, conhecendo-o, em um segundo momento os alunos pudessem realizar a escolha para eles imposta. Referindo-se particularmente ao curto período em que o xadrez fora obrigatoriamente ofertado para a sua turma, GM 4 ainda aponta:

“Eu lembro que as primeiras aulas foram meio que obrigatórias com a sala toda e aí alguns ficaram bem desinteressados, outros gostaram muito. Aí depois eu lembro que separou eu acho, ficou Educação Física e xadrez. Mas eu lembro que eu, pelo menos, ficava muito interessado, queria aprender tudo o que eu podia e tudo o que o professor tinha. Eu queria sugar tudo o que ele sabia! [risos]. Eu era desse jeito, assim”.

A seleção operada entre os interesses e desinteresses dos alunos pelo xadrez enquanto uma mensagem a eles transmitida em sala de aula, como nos ajuda a entender

---

<sup>30</sup> Questiono, aqui, o meu próprio privilégio enquanto professora de uma instituição de ensino privada que, diferente daquelas em que GM 1 e GM 4 cumpriram seus estudos, oferta o xadrez tanto enquanto prática curricular obrigatória para os segundos e terceiros anos iniciais do Ensino Fundamental quanto o prolonga por meio da oferta extracurricular a partir dos anos seguintes.

<sup>31</sup> A posição assumida por GM 4 contra a oposição entre as aulas de xadrez e as aulas de Educação Física é, mais tarde, contrariada. Enquanto professor de xadrez, ocupação por ele já desempenhada em sala de aula, GM 4 relata que essa oposição seria deveras produtora para o professor, visto que “é bom quando ficam só os que estão interessados mesmo, eu acho que essa ideia de dividir a turma em quem quer fazer Educação Física e quem quer fazer xadrez é uma ideia boa, fica até mais fácil pra passar o conhecimento, né?”. É interessante, aqui, notar a variância entre as representações que GM 4 faz de uma mesma ideia de acordo com a posição ocupada no espaço de disputas enxadrístico.

Bourdieu (1998, p. 62), simboliza as diferentes compreensões que estes possam dele vir a ter “direta e estritamente, em função de sua ‘cultura’, ou seja, de sua educação e de seu meio cultural”. O que se coloca para GM 4, no entanto, é que na ausência de um meio cultural familiar privilegiado, parece ter sido nos ambientes da escola e, futuramente, no clube, ambos inseridos em uma cidade também com características peculiares no que toca à circulação da prática enxadrística, os meios pelos quais compôs não só o seu repertório de capitais simbólicos desta prática, mas também uma rede de relações de pessoas que nele acreditaram e, com isso, também o fizeram em si acreditar.

Para além da boa vontade cultural que o acompanhou ao longo desta incessante busca por ambientes e mediações dos quais não contava, em sua inicial relação com a escola, GM 4 parece ter sido um destes sujeitos que, tais quais “os filhos das classes médias, são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, e sujeitos, ainda por cima, a ser repreendidos pela escola por suas condutas por demais ‘escolares’ [...]” (BOURDIEU, 1998b, p. 55). Surpreendentemente, no entanto, as suas demonstrações de interesse – sendo o próprio ato de procurar alguém que pudesse o auxiliar com o xadrez uma delas – encontraram não a repressão, mas o acolhimento em seu primeiro professor de xadrez. GM 4 recorda que os incentivos e auxílios dele recebidos nesta fase inicial na escola perduraram na relação que até hoje com ele mantém. Reflexo do juízo de valor de estima por GM 4 construído pelo seu primeiro professor, revela: “ele achou que eu tinha talento, levava jeito e, então, começou a me dar aula<sup>32</sup>”. Assim como GM1, GM 4 também parece ter sido motivado por um traço competitivo que encontrou um inicial refúgio nas competições de xadrez promovidas pela escola: “então eu queria os troféus e medalhas, mas eu vi que precisava treinar pra isso”. Procurando alguém que sabia mais do que ele para este fim, no entanto, a mudança do sentido inicial atribuído à prática pôde notada após o começo de seus treinamentos, onde teria GM 4 “se apaixonado”<sup>33</sup> pelo jogo. Para além dos treinamentos, a presença de pares que também se identificassem com o xadrez e, portanto, pertencentes ao mesmo polo que o seu, fora, para GM 4, fator importante:

---

<sup>32</sup> Sobre esta percepção, é interessante notar como, adiante, GM 4 a retoma: “eu acho que ele acabou se enganando [sobre o talento] no meu caso [risos], mas ele achou um [aluno] que estudava bastante. Então acabei compensando nessa parte, acho”.

<sup>33</sup> Um adendo importante é que a “paixão” de GM 4 pelo xadrez, como ele próprio reconhece, advém muito mais do gosto pelo seu treinamento, reconhecendo que outros Grandes Mestres apresentam uma apreciação diferente da sua: “o que eu percebo mais com os outros que eu converso é que eles são muito mais apaixonados por xadrez do que eu”.

“Pra mim era mais um jogo no começo, eu queria aprender um jogo diferente. Eu lembro que entre os meninos da minha idade tinha alguns que se interessavam também, uns que gostavam mais de jogos e que, sei lá, já sabiam jogar dama ou alguma coisa e aí associavam ao xadrez, tentavam fazer algo parecido. Outros não gostavam de jeito nenhum, outros queriam ir pra Educação Física”.

Se é claro até aqui que a escola foi a instituição responsável por ofertar à GM 4 o xadrez, em uma análise mais fina, ainda não o é a origem das disposições pelas quais utilizou-se para, neste ambiente, optar pelo xadrez. Entendendo o xadrez como uma prática carregada de atributos capazes, possivelmente, de dizer também sobre as inclinações de seus praticantes, é sobre elas que se faz necessário uma especial atenção. Em “Como é possível ser esportivo?”, Pierre Bourdieu (1983) destaca que modalidades esportivas pautadas em um uso mais ascético do corpo, com pouco contato físico entre os competidores e critérios de disputa mais relacionados a questões estratégicas e intelectuais do que predominantemente físicas e viris, em si, são passíveis de encontrar a sua predisposição no interesse de sujeitos que ocupam posições privilegiadas no interior da erudição dos universos culturais, refletindo o *habitus* dominante do estilo de vida deste grupo social, *salvas as devidas exceções*. GM 4, também aqui, parece ser uma destas exceções: se as condições socioeconômicas de sua estrutura familiar não encontravam meios de ser dominantes, tampouco parece ter sido o seu *habitus*, sugerindo um esforço de cooptação do campo por aquilo que, dentro do meio enxadrístico, sugeriria o seu “segundo nascimento”. Em outras palavras, na ausência do cenário idealizado pela herança familiar como via de obtenção do *habitus* enxadrístico, para GM 4, a escola e o clube compuseram instâncias compensatórias de certo déficit ou, em perspectiva, menor *handicap* apresentado em relação a outros no mesmo espaço.

Se GM 4 não contou como uma explícita herança cultural familiar como parece ter sido o caso de todos os seus outros pares, muito timidamente, parece ter provido a sua família de um grau mínimo de capital cultural capaz de guiar GM 4 às escolhas dominantes sempre que se deixou agir a sua boa vontade cultural. Questionado sobre as suas práticas familiares durante a infância, GM 4 apontou a sua escassez entre seus pais, tendo-as realizado quase sempre sozinho. É no tipo de prática que realizava, no entanto, em que parece residir uma valiosa pista sobre aquilo que permanecia oculto em suas escolhas:

“Eram jogos, eu gostava muito de jogos: *videogames*, quebra-cabeças... Quando eu era moleque fazia um monte de quebra-cabeça!

Em geral era sempre jogos que eu tinha que pensar, eu acho que foi por isso que quando chegou no xadrez, ele me atraiu tanto. Porque eu já gostava desse tipo de coisa, assim, e aí eu tive facilidade também”.

Se não a facilidade pela herança, GM 4 parece ter contado ao menos com certa oferta de práticas capazes de estimular um *habitus* possivelmente valorizado pelo subcampo enxadrístico. Não sendo um herdeiro herdado pela herança (BOURDIEU, 1998b), as inclinações para que GM 4 escolhesse o xadrez enquanto prática esportiva dentre o universo possível de várias outras parece ter encontrado, no estado mais dominado do capital cultural, a origem de suas disposições. Ora, não foi pela escola que os “jogos de pensar” estavam presentes em sua casa, podendo ser estes compreendidos como a oferta, por parte da sua família e considerando a pouca interação que seus membros parecem ter tido para que elas se efetivassem, de um capital cultural em seu estado objetivado. Deter estes jogos, dada a facilidade de suas aquisições, não parece ter sido o caso de uma ostentação de capital econômico, muito pelo contrário. Entretanto, se é “preciso não esquecer, todavia, que ele [o estado objetivado do capital cultural] só existe e subsiste como capital ativo e atuante, de forma material e simbólica, na condição de ser apropriado pelos agentes e utilizado como arma e objeto de suas lutas” (BOURDIEU, 1998b, p. 77), na falta das mediações familiares, pode-se dizer que a sua incorporação pode ter se dado por GM 4, mesmo que sozinho. Ao se apropriar deste *habitus*, a sua concretização se deu, enfim, no operar das lutas travadas no interior do mercado escolar para a sua ascensão. Afinal, considerando certa “democratização” proporcionada pelo aumento da oferta da prática do xadrez em sua escola e, em maior escala, na rede pública de ensino de sua cidade, Bourdieu (2007) recorda que, considerando a heterogeneidade de praticantes que entram em contato com dada prática, seus públicos seriam definidos não pela prática, mas pela forma legítima desta prática. Neste sentido, no espaço de lutas configurado pela grande maestria de herdeiros do xadrez, GM 4 carrega as marcas de uma prática conquistada a partir de uma dominada via escolar. Exemplo disto é que as aulas sobre esta prática, enquanto prolongamento para alguns, para GM 4 parecem ter sido a abertura de uma janela para “outro mundo”:

“Eu comecei a ir nessas aulinhas e aí que eu fui gostar mesmo de xadrez porque eu vi que tinha um outro mundo, assim, de estudar pra evoluir e tal. E acho que foram nessas aulas que eu comecei a gostar mesmo. Eu queria ter aula particular com alguém”.

A estas “aulinhas”, GM 4 se refere às aulas vespertinas que aconteciam em sua escola. Tendo ido perguntar ao diretor como é que ele “conseguiria aprender mais”, visto que ficou “viciadinho, obcecado” pelo jogo, fora informado que o professor de xadrez, neste período, também reunia um grupo de meninos “que sabiam mais e que já estavam jogando torneios”. Neste período, assim, GM 4 cumpriu a dupla jornada das suas aulas de xadrez de manhã e, complementarmente, também estas de tarde. Dada a elevada demonstração de interesse por GM 4, em gratuita atitude, as aulas particulares por ele tão desejadas encontraram meios de se concretizarem pelo acompanhamento individualizado que proporcionou o seu professor. No que pese GM 4 ter rompido com o paradoxo, enquanto sujeito pertencente a uma condição socioeconômica desfavorecida, de não expor as suas desvantagens culturais “justamente lá onde é relegado pela ação de suas desvantagens” (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 23), tão herética quanto a sua foi a atitude de seu primeiro professor de não relegá-lo e, assim, cumprir com o ciclo. Seria da dupla heterodoxia de professores e alunos, tal qual aquelas demonstradas por GM 4 e seu primeiro professor de xadrez, uma possibilidade de superação, ao menos, do caráter consagrador escolar?

Tendo a consciência de que o início de seu contato com o xadrez na escola se deu aos 11 anos, GM 4 o considera “tardio” em relação àquela faixa etária com que tiveram seus pares. Ao contrário da precocidade, o sentido do trajeto de GM 4 era de envelhecimento, recompensado, como demonstra pela mais alta ativação de sua boa vontade cultural: “então eu não tive esse período, tive que correr atrás desse tempo”. Tal sentido parece ter o acompanhado no modo de sua relação com a prática: “era um treino meio exagerado o que eu fazia desses meus 11 até os 14 anos, eu vivia muito xadrez, mas muito xadrez pra recuperar isso”. São exemplos do prolongamento, adicionalmente, a conquista do título que para ele veio mais tarde, sendo que a isto GM 4 atribui a ausência de um início precoce, visto que o “seu tempo de xadrez foi menor do que os outros”. Mais uma vez, aqui, evoca-se que a idade não pode ser considerada um dado isolado: GM 4 provavelmente não obteve uma posse tardia do título porque não começou mais cedo, mas talvez porque mais cedo, para ele, a bagagem simplesmente inexistia.

Uma segunda figura importante para GM 4 parece ter sido o próprio criador do projeto “Xadrez nas Escolas” ou, mais especificamente, o fundador do clube de xadrez

da cidade. Inicialmente fundado em sua casa<sup>34</sup>, o clube de xadrez eram um lugar em que GM 4 relata que ficava o dia inteiro, umas “8 horas vendo todo livro que tinha, foram uns 3 anos assim” desvelando os mais de 150 livros disponíveis naquela biblioteca. O seu fundador, renomado “instrutor, treinador e jogador de xadrez”, segundo suas palavras, fora também o seu seguinte treinador. À semelhança dos difusos treinamentos de GM 3, GM 4 ressalta que nunca gostou muito de aulas formais, preferindo as dicas que os seus professores lhes davam, visto que “só queria saber o que fazer”. Embora reconheça a importância de seus professores e das aulas enquanto mediações das quais necessitava, GM 4 reconhece-se como um autodidata, atraindo uma lógica de distinção:

“O mais importante foi que ninguém me ensinou como fazer ou como estudar, eu só queria saber o que fazer. Mas eu sempre fui de estudar sozinho, nunca tive um professor mesmo. Porque eu vejo assim, os outros sempre tiveram alguém ali que tava sempre indo nos torneios junto, preparando e tal, essa parte eu sempre fiz sozinho mesmo. E, sei lá, eu acho que foi bom porque aprendi a me virar desde pequeno, nunca precisei ter alguém”.

Um olhar macrosociológico sobre a cidade, considerando os espaços da escola e do clube estarem nela inseridos, merece especial atenção no caso de GM 4. Afinal:

“Depois eu tive sorte porque na minha cidade tem uma cultura de xadrez grande, tem vários jogadores fortes. Então eu dei um pouco de sorte por isso, eu tinha contato com caras bons e aí eles iam me explicando como melhorar e tal. Isso eu acho que me ajudou bastante, né?”

Cidade pequena com cerca de 70.000 habitantes, São Sebastião do Paraíso (MG) era, segundo GM 4, um lugar onde todos “têm uma noção, sabem jogar ou têm um amigo que joga xadrez”. Uma possível leitura para o circular de uma cultura de massa enxadrística por ali poderia ser, com efeito, o fato de que o projeto social pelo GM 4 aprendeu a jogar xadrez “durou uns 15 anos, por isso que tem tanta gente sabendo jogar xadrez lá, né?”. Com torneios bimestrais que reuniam 250 pessoas, GM 4 ainda relata: “quando eu comecei a jogar xadrez Paraíso era conhecida como a ‘cidade do xadrez’ no Brasil, todos os outros projetos de xadrez foram baseados naquele”. Reunindo, assim,

---

<sup>34</sup> E só inicialmente, visto que o “Clube de Xadrez de São Sebastião do Paraíso (CXSSP)”, nas próprias palavras de GM 4, hoje não só é um espaço excepcional como possui uma estrutura que poucos clubes de xadrez no país possuem. Espaço público, o clube oferece ainda aulas e um instrutor à disposição para aqueles que ali se interessarem em estar, segundo suas próprias palavras.

gerações que não conheciam mas reconheciam o xadrez, não era de se espantar que GM 4 lá fosse exaltado por suas conquistas: “pra você ter uma ideia, quando eu virei Grande Mestre tinham *outdoors* em todas as entradas da cidade me dando parabéns pelo título, eu chegava nos torneios escolares e tinha faixas nas escolas me dando parabéns”. Sendo o xadrez “o esporte principal da cidade, o que tem mais títulos”, GM 4 traz que pelo pessoal “gostar mesmo” de xadrez por lá, também recebia incentivos da prefeitura para que pudesse disputar suas competições, de novo atribuindo muita sorte por ter vivenciado esse período.

Sobre esta época, GM 4 ressalta havia uma grande quantidade de jogadores mas não de alto nível, quadro que hoje parece ter se invertido, segundo ele. Efeitos, portanto, daquilo que a larga garantia de oportunidades a alguns proporcionou. Por questões políticas, entretanto, GM 4 relata que o projeto social em que aprendera a jogar sofreu recente interrupção. Em recente parceria com o seu primeiro professor, GM 4 conta que ambos acabaram de novamente aprovar<sup>35</sup> um projeto de xadrez escolar para a cidade, encontrando-se esperançoso sobre o retorno de um ciclo escola-clubes-alto rendimento que, afinal, o formou. Sobre tudo o que o xadrez lhe proporcionou, demonstra-se grato e, para além deste sentimento, a vontade de hoje retribuir aquilo que um dia já recebera:

“Porque assim, tudo o que eu conquistei foi por conta do xadrez: as pessoas que eu conheci, as viagens que eu fiz, tudo foi pelo xadrez. Eu acho que joguei em uns 20 países, pelo menos. Se eu não jogasse xadrez provavelmente não conheceria nenhum. Eu não sei nem se eu teria saído da minha cidade. É difícil saber o que é que teria acontecido se não fosse o xadrez, mas eu acho que basicamente tudo o que eu consegui foi por conta dele: as pessoas, as viagens, financeiramente. Tudo, né? Títulos, tudo pelo xadrez. Eu acho que ele foi importante aí! [risos]”.

“O xadrez me deu muita coisa eu acho, né? Então eu tô tentando voltar um pouco também. O pessoal não faz muito isso, né? Mesmo os caras bons, os GM’s não costumam fazer muita coisa pelo xadrez, em geral. Eu tô tentando fazer alguma coisa diferente, assim”.

Poder-se-ia se perguntar: afinal, e a sua família? GM 4 relata que seus pais nunca jogaram xadrez, embora tivessem consciência de que aquilo ali iria o proporcionar condições das quais não dispunham: “é, assim, eles gostavam porque eles

---

<sup>35</sup> GM 4 traz um interessante exemplo sobre o momento de apresentação deste projeto para as autoridades locais: “é engraçado porque quando a gente foi apresentar o projeto, por exemplo, eu era o exemplo do jogador que deu certo e o seu primeiro professor era o exemplo do jogador que deu errado, sendo que hoje ele é juiz federal [risos]. Uma leitura do exemplo do “jogador que deu certo” e do “jogador que deu errado” é ilustrativo dos lucros advindos do investimento que ambos fizeram, entretanto, em campos cuja rentabilidade lhes parecia distinta.

viam que eu ia bem naquilo e que aquilo fazia eu pensar e tal, que eu gostava muito, eles sabiam que aquilo ia me desenvolver alguma habilidade, eles sempre tiveram essa noção”. Aqui, reforça-se a hipótese de que vieram de seus pais as incitações para que GM 4 valorizasse jogos e brincadeiras que estimulavam o pensamento, tendo este incorporado certas disposições ofertadas mesmo que, inicialmente, sob a forma de jogos e brinquedos que denotavam o capital cultural em seu estado objetivado. A herança cultural, para GM 4, não poderia ser entendida como a aquisição não propriamente da prática enxadrística, mais de inclinações incorporadas em seu *habitus* que, no encontro de sua oferta no ambiente escolar, alcançou meios de se concretizar?

“É, nunca souberam nada de xadrez, assim. A minha mãe acompanha os torneios, fica torcendo ali, às vezes ela nem sabe direito pelo o quê ela tá torcendo e o que é que tá acontecendo, mas ela tá torcendo. Eles querem saber se tá indo bem e tal, não entendem muito bem. Sempre tão querendo saber, mas ninguém nunca jogou xadrez”.

Salvo o relativo apoio de seus pais, GM 4 traz que este estímulo era desprovido de certo capital interpretativo (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998) para o reconhecimento dos signos compartilhados pela prática tanto pelo seu pai quanto pela sua mãe. Neste sentido, relata uma especial preocupação por parte de seus pais em relação ao seu futuro no xadrez no momento de conclusão do Ensino Médio. Sobre isso, ora refere-se a este como um momento tranquilo, ora relata certa cobrança que parece ter sido, muito mais, de uma visão ortodoxa – talvez a única para eles possível – que seus pais tinham do universo escolar: “é que assim, geralmente os pais têm uma visão mais tradicional das coisas, querem que o filho termine ali o Ensino Médio, entre pra uma faculdade, que consiga um emprego e tal, né?”. Sobre as expectativas, GM 4 também as contradiz ora ao relatar a preocupação de seus pais sobre a incerteza de seu futuro, ora ao dizer que “eles sabiam que em algum momento ia dar certo! [risos]”. Como já possuía o título que precede ao seu atual, o de Mestre Internacional (MI), GM 4 visualizou que o mercado enxadrístico era aquele que lhe poderia oferecer o futuro mais próximo: “nessa parte eu tive que provar pra eles [pais] que era possível viver de xadrez e que eu iria virar Grande Mestre também”. A preferência pelo mercado esportivo ao escolar, tal qual o fez GM 3, parece apontar uma tendência daqueles cuja origem social se faz mais desfavorecida entre este grupo. Ao contrário daquele, GM 4



sequer ingressou no Ensino Superior, tendo hoje uma situação financeira estável que, segundo ele, não mais justificaria a sua entrada.

A restrição também configurava-se para GM 4, ao contrário de GM 1 e GM 2, em suas práticas de lazer durante a infância. Dentre elas, aponta apenas a natação até conhecer o xadrez, sendo este “o esporte que deu certo” e, por isto, atribuindo a ele dedicação “*full time*”. Tal qual GM 2, atualmente só frequenta a academia dada a relação entre sua boa preparação física e a influência em seu desempenho no xadrez.

Enfim, GM 4 não se julga um jogador “talentoso”, questionando até a existência deste. Também se remete à ideia de “talento” como uma facilidade, sendo o descrédito às suas associações enquanto termo que pressupõe certa “genialidade” associado ao fato de que era este um sujeito cuja herança não o credenciou à tal *doxa* endossar. Não sendo detentor da herança, entretanto, GM 4 exemplifica alguns dos mecanismos pelos quais ela se perpetua por meio do trecho abaixo, denunciando certo nível de conhecimento exigente de um capital cultural sobre ela mesmo sem apresentar a sua posse:

“Eu acho que é isso, eu não boto muita fé nesse negócio de talento [risos]. Porque olha, se você comparar com outras coisas, assim, é difícil você falar que uma pessoa tem talento. Sei lá, vou pegar outra área... Mozart, na música! O pessoal fala ‘nossa, é um talento!’, ‘é genial, é um gênio’, mas a família dele já respirava música, o pai dele era músico, a irmã era música, o pai dele fez um manual de música pra filha dele, fez todos os testes na filha e aí só depois vem ele, então o pai dele já melhorou tudo naquilo. Mozart praticou música durante 17 anos até chegar, sei lá, nos 20 e pouquinhos anos ali e surgir como um gênio. Ele já errou muita coisa, fez vários trabalhos que foram um fracasso e aí quando chegou ali – eu não sei a idade exata – em uns 23, alguma coisa, que ele faz um trabalho – que não é um trabalho, é um sucesso – todo mundo acha que ele é um gênio, é um talento. É um talento? Não sei se isso é um talento, o cara praticou por pelo menos 17 anos o negócio, não dá pra falar que é um talento. Então eu acho muito difícil medir esse tipo de coisa de talento, eu não boto fé nesse tipo de coisa. Eu acho que em algum momento ele teve contato com alguma coisa – isso em qualquer área, igual em xadrez – e em algum momento esse contato com alguma coisa que ele já teve proporcionou aquele conhecimento, ele foi conhecendo. Então eu acho que o trabalho sempre vai ganhar do talento, assim, não importa.

Reunindo uma série de elementos que coincidiram para suprir a ausência da herança familiar como via primária de transmissão do *habitus* enxadrístico, GM 4 considera que contou com relativa “sorte” na reunião de condições a ele favoráveis:

“Então por ter essa cultura de xadrez [em sua cidade], por todo mundo saber jogar xadrez, por ter vários jogadores e por ter esse período tão grande que teve um projeto de xadrez escolar por lá, o pessoal acabou incentivando muito e me reconhecendo também. Então eu acho que isso ajudou muito na minha evolução, eu tive muita sorte de começar com o xadrez lá, nascer lá. Eu comecei velho, mas por ter esse ambiente de xadrez, assim, eu acho que eu consegui evoluir muito rápido. Se eu começasse com 11 anos em uma cidade onde não existisse xadrez, se eu fosse o único ali que soubesse xadrez, dificilmente eu ia conseguir evoluir. Eu ia saber jogar, mas não ia virar um jogador de alto rendimento, né? Então eu acho que lá é mais ou menos assim, todo mundo tem uma ideia do que é por causa desse projeto. Então foi esse projeto que começou a revelar jogadores e pessoas também, né?”

Na ausência das condições de existência e de oferta da prática do xadrez por GM 4 expostas, caberia a questão – e não o determinismo – sobre o alcance do alto rendimento por sujeitos que, à sua semelhança, contam com vias alternativas ao *habitus* enxadrístico no que tange à sua legitimidade como, por exemplo, a escolar. Entendendo que a ordem social constitui-se por meio de “estratégias e de práticas nas quais e pelas quais os agentes reagem e adaptam-se e contribuem no fazer da história” (SETTON, 2002, p. 65), é necessário relativizar as considerações acima tecidas. A partir de referências múltiplas e de uma pluralidade de estímulos heterogêneos como aqueles que parecem ter insurgido em sua trajetória, pode ser que, em contextos futuros à contemporaneidade, a obtenção da grande maestria no xadrez possa seguir passos semelhantes aos seus. No entanto, não é de se perder de vista que, relacionalmente aos herdeiros, estes seriam sempre passos mais árduos cuja exceção, afinal, apenas confirmaria a regra que vigora neste espaço.

#### **4.5. GM 5: da imposição de uma herança colossal ao sentimento de pertença**

GM 5 tem 46 anos, nasceu em Maringá (PR) e atualmente reside na capital São Paulo (SP). Coursou a escola pública até a 5ª série do Ensino Fundamental, sendo as séries seguintes cumpridas no colégio particular até o alcance do Ensino Médio e o ingresso no Ensino Superior público, não completando este último ciclo<sup>36</sup>. Considera-se

---

<sup>36</sup> GM 5 obteve a aprovação em dois vestibulares de universidades públicas de considerável prestígio, tendo em um dos cursos sequer iniciado e, no segundo, cursando 1 mês em Jornalismo (USP). No

jogador e professor de xadrez, possuindo uma renda média familiar de R\$: 5.000,00. Dentre a grande maestria brasileira, é aquele cujo intervalo para obtenção deste título foi o maior em sua duração, levando cerca de 35 anos desde a sua idade de início ou, como refere, 15 anos desde a titulação precedente de Mestre Internacional (MI), obtendo-o aos 40 anos de idade<sup>37</sup>.

De descendência japonesa, sua família é composta por seu pai, sua mãe, dois irmãos e duas irmãs, além dele. Seus pais cursaram as etapas do ciclo básico em ensino público, tendo o seu pai cursado Direito em uma universidade pública e a sua mãe cessado os estudos no Ensino Médio, além de cumprir um curso preparatório para dar aulas após sua conclusão, segundo GM 5. À época de seu início no xadrez, seu pai trabalhava em jornal, tendo posteriormente sido advogado. Sua mãe fora professora, tendo depois se dedicado ao lar.

A mais velha de suas irmãs realizou grande parte das etapas do ciclo básico no ensino privado, ingressando em uma universidade pública no curso de Medicina, profissão a que atualmente se dedica. O irmão seguinte, segundo mais velho, também cursou a maioria do ciclo básico no sistema público, ingressando em uma universidade pública cuja carreira hoje lhe rende a profissão de engenheiro eletrônico. A irmã seguinte é dentista, sendo formada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). As etapas que antecederam o seu ingresso na universidade pública se deram metade no ensino público e metade no privado. O irmão imediatamente mais velho que GM 5, sendo este o caçula da família, cursou o ciclo básico em grande parte no ensino público, tendo ingressado na mesma universidade pública de sua irmã, dentista, sendo hoje advogado.

GM 5 aprendeu xadrez “muito cedo” aos 5 anos de idade por meio de seu pai, sendo este alguém que “gostava muito de xadrez” e que sempre gostou de ler sobre coisas não necessariamente relacionadas às suas técnicas, mas à cultura geral da modalidade. Presidente da Federação de Xadrez do Paraná (FEXPAR), GM 5 conta que ele “organizou muita coisa” mas nunca foi um profissional, tendo o seu pai ensinado a prática também aos seus irmãos mais velhos. Relata um apoio mais geral e não tão específico quanto ao xadrez por parte de suas irmãs e de sua mãe, já que elas conheciam, mas não adquiriram tanto gosto pela modalidade: “a minha família toda

---

entanto, GM 5 considera que o pouco tempo cursado, neste último, não o permite assumir que tenha o Ensino Superior, mesmo que incompleto.

<sup>37</sup> GM 5 demonstra uma interessante perspectiva sobre o processo alongado de alcance de seu título. Para mais detalhes, não sendo este o foco deste estudo, sugere-se a leitura da íntegra de sua entrevista.

sabe jogar, mas só os homens se dedicaram mais, as mulheres não”. Tal qual algumas famílias anteriores, também a de GM 5 parece reproduzir uma lógica de reserva masculina desta prática (BOURDIEU, 2014a). Sobre as vivências de que se recorda com sua mãe, GM 5 traz a seguinte memória, ressaltando certo traço competitivo seu:

“O que eu lembro que ficou marcado pra mim foi um jogo com a minha mãe quando eu tinha uns 6 anos de idade, né? Ela nem sabia as regras, só sabia o que era o xeque-mate. Uma vez eu levei um ‘mate’ dela, foi um mate do corredor e eu não quis aceitar, falei que a torre dela tava em outra coluna, esbravejei. Quer dizer, eu me arrependo profundamente disso. Mas ficou marcado, né? Porque eu não queria perder ali”.

Relata que com os irmãos quase nunca jogara em casa, ambiente em que só conversavam sobre xadrez. Ressalta a sua posição como irmão caçula e a importância do alcance de resultados competitivos importantes pelos seus irmãos. Sobre o mais velho deles, GM 5 relata que ele era muito mais uma referência do que o próprio pai que era um jogador amador, muito embora não seja dele tão próximo: “como o meu irmão mais velho já tinha bons resultados eu podia pensar que um dia seria legal jogar com ele, eu achava que ele era um parâmetro, um horizonte pelo qual eu podia ver”. Já o seu irmão mais novo, apenas 2 anos mais velho do que ele, era alguém com quem GM 5 falava constantemente sobre xadrez: “hoje ele é Mestre FIDE e tem mais de 2200 pontos de *rating*, já ganhou de vários Grandes Mestres”. Considerando o grupo de participantes deste estudo, é importante dizer que GM 5 é o único cuja família nuclear toda teve não só contato, mas relativo sucesso enxadrístico com a prática:

“Talvez entre todos os Grandes Mestres esse aspecto familiar, pra mim, foi uma coisa que contou mais, até porque os meus dois irmãos jogavam e eram fortes. O meu irmão mais velho foi 2 vezes Campeão Paranaense e o meu irmão mais novo acho que também foi por 2 vezes, além de hoje ser Mestre FIDE. Meus irmãos jogavam bem, né? Então nesse ambiente familiar – embora a gente não jogasse em casa – sempre teve o clima pra se jogar, isso com certeza contribuiu”.

Diferentemente dos seus pares analisados até então e justamente na estrutura familiar onde menos isto seria esperado, o início de GM 5 se deu por meio da imposição de seu pai. Relata que não tinha tanto interesse de início, tendo adquirido certo gosto pela prática apenas 1 ano depois de conhecê-la: “eu aprendi mesmo por uma insistência inicial dele, se não provavelmente eu teria tomado gosto e teria aprendido xadrez mais

tarde, né?”. GM 5 evidencia a importância de seu pai para a aquisição da verba da prefeitura com a qual ele e seus irmãos contavam pra jogarem os torneios: “sem esses recursos com certeza eu não teria condição de jogar”. Conta também que em algumas ocasiões o seu pai, jogador amador, não só os acompanhava mas, também, ia pra jogar estes mesmos torneios.

Na prática de suas partidas, GM 5 relata que não se lembra de ter jogado com o seu pai em condições de igualdade material no tabuleiro, tendo a desconfiança que o seu pai o fazia para evitar algum conflito entre eles, uma vez que ao dar vantagem “ele tava deixando claro que a superioridade dele era clara, se não o fizesse e perdesse, por outro lado, isto seria algo que ele estaria desempenhando pior”. Ainda sobre o modo com que a sua herança lhe foi transmitida, relata:

“Bom, às vezes eu não tava prestando atenção no tabuleiro lá e ele me dava uma bronca. Coisa assim, entendeu? Digamos que eu não tava ali porque eu tinha pedido pra estar ali, ele é que me puxou pra lá, entendeu? Então é o que eu falei pra você, muito provavelmente em algum momento eu ia ter aprendido xadrez, mas provavelmente ia ser em uma idade mais avançada<sup>38</sup>, talvez com 7 ou 8 anos. Eu não sei, né? Mas em algum momento provavelmente eu iria pedir pra jogar se eu não tivesse...”

GM 5 desejava ter aprendido xadrez por meio da curiosidade e sem a “ideia de ganho e de perda” que, em sua infância, parece ter sugerido uma pedagogia familiar bastante severa. Relata que sentia-se muito mal quando perdia, sendo comuns os choros de seus irmãos, mas não o seu. Com exceção, entretanto, de um caso onde isso quase ocorreu:

“Eu lembro até hoje pra você ver como isso é marcante, né? Eu acho que eu devia ter uns 5 anos de idade: eu ia dar mate, achei que tinha dado mate – isso ainda naquela época que a gente jogava e o meu pai me dava várias peças de vantagem – e aí eu coloquei a dama ali e larguei. O rei não tinha nenhuma casa pra fugir, só que eu também não tava defendendo ela e então ele comeu minha dama. Eu quase... Eu segurei as lágrimas”.

Embora posteriormente tenha adquirido o fascínio pelo jogo, tem consciência de que “golpes” como esse poderiam o ter afastado da prática, dando ênfase ao modo “cru

---

<sup>38</sup> GM 5 apresenta contradições sobre a idade que seu pai o iniciou no xadrez. Aponta tanto uma perspectiva de apreço pelo início precoce por não demandar um tempo necessário até que ele requisitasse, quanto traz que a idade de aquisição do seu gosto aos 6 anos, afinal, não importaria. GM 5 é consciente sobre o fato de que aprenderia “de qualquer modo o xadrez”.

e duro” como o seu pai havia capturado a sua peça nesta ocasião. GM 4 relata que não o questionava, uma vez que tais comportamentos do seu pai, possivelmente, deviam-se à formação moral imposta pelo seu avô<sup>39</sup>. Para GM 5, o xadrez fora apresentado “como uma luta”, embora ele acreditasse, de forma autocrítica, que não precisaria ter sido desta forma: “o xadrez, em si, é uma luta, mas você não precisa trazer isso imediatamente”. O seu imaginário infantil, assim, era de que o xadrez “não era um brinquedo ou uma coisa para se brincar, mas era uma coisa pra se ganhar”. Embora fosse um herdeiro, o desvelar do sentido de luta da vida parece não ter sido para GM 5 adiado, mesmo que fosse esta uma luta simbólica. Tomado por uma estrutura familiar cuja herança lhe exercia o peso de seu rigor, GM 5 relata ser quase que inevitável incorporá-la mesmo – e apesar – de modos de aprendizagem e idade de início que pareciam não o favorecer:

“Eu acho que eu iria ser um jogador, é essa a impressão que eu tenho: podia ser mais ameno ou menos ameno, podia ser aos 5, aos 6 ou aos 7 anos, se me apresentassem o xadrez em algum momento eu ia gostar”.

GM 5 conta que possuía dois livros para estudar e que, dada a linguagem, deles nada entendia. Sendo um deles de posse da família e o outro ganho, recorda também de uma ocasião em que o seu pai comprara os 5 livros de xadrez recém-lançados por uma livraria da época. Achava também fantástico ganhar livros como premiação nos torneios que jogava, avaliando o contrário sobre as premiações em dinheiro que por vezes também recebia quando mais novo. Já os computadores, “raros e custosos na época”, não lhe eram acessíveis. Além do xadrez, a alfabetização caseira realizada por seu pai, antes mesmo de sua entrada na escola, compôs parte de sua herança. Sobre os seus efeitos no mercado simbólico de bens escolares, GM 5 traz:

“Mas quando eu cheguei na escola eu já sabia ler e escrever, podia ler um texto. Claro, eu não tinha fluência e também não quer dizer que eu entendia o que eu tava lendo, mas pra fazer o agrupamento das palavras eu não tive dificuldade. Isso me facilitou a escola, eu acho que por isso foi bom, foi muito bom. E eu percebo que hoje mais ou menos eu gosto de literatura, pra mim a linguagem foi como um gosto também. Não como o xadrez, né? Mas eu gosto de ler, gosto de linguagens novas”.

---

<sup>39</sup> Formação, esta, não relacionada ao xadrez, uma vez que GM 5 traz que seu pai aprendera a prática por meio de um colega universitário.

Tal qual a linguística escolar, os efeitos de uma sólida herança de capitais simbólicos enxadrísticos também se fez prolongamento durante a sua vida, refletindo duradouros sistemas simbólicos construídos a partir de traços distintivos de sua origem (BOURDIEU, 2007) e marcadamente privilegiada em relação à circulação familiar enxadrística:

“É uma coisa que às vezes brota naturalmente, eu acho que às vezes pra mim o xadrez brota, as ideias do xadrez brotam. Outras vezes não, isso não é constante. São casos, né? Mas eu sinto que tem fases que o xadrez surge como se fosse uma combustão espontânea, assim [...]. Mas o xadrez como uma linguagem materna seria mais nesse tom que as coisas fluem muito espontaneamente, sabe? Óbvio, quando você faz uma coisa espontânea você tem mais chances de crescer naquilo, né? É por isso que eu acho que quanto mais cedo você aprende, mais há chance de que ele se torne esse tipo de linguagem, ou seja, do pensar espontâneo das coisas. Não passa a ser uma coisa assim que... É como se já fizesse parte dos seus processos de pensamento, né?”.

O acúmulo de capitais culturais, expressos pela facilidade de seus desempenhos nos campos esportivos e escolares, neste último, lhe rendera duas aprovações em vestibulares públicos. No entanto, GM 5 sequer considerou a entrada em uma universidade após a conclusão do Ensino Médio, por 2 anos tendo se dedicado exclusivamente ao xadrez até prestar estes exames. Primeiro, relegou o ingresso universitário para assumir uma proposta de trabalho com o xadrez no sul do país. Na segunda aprovação no curso de Jornalismo (USP), em uma idade já mais avançada, viu que não conseguiria passar pelos mesmos processos deste sistema. Relata que o mesmo autodidatismo que o proporcionou sucesso nos vestibulares fora antes cultivado na modalidade que praticava: “o xadrez ajudou nisso, embora naturalmente eu gostasse de estudar sozinho”. Relata que sua geração era obrigada a ser autodidata, dada a escassez de instrutores e materiais da época, tendo ele nunca recebido uma aula formal de xadrez mas, em seu lugar, a “ajuda de pessoas que sabiam mais xadrez” do que ele. A cultura livre e o diletantismo que lhes eram próprios, por sua vez, são por ele relatados:

“Várias coisas que não tinham nada a ver eu estudava, se tinha uma enciclopédia ali eu olhava mesmo em coisas que não tinham nada a ver comigo. E às vezes na escola eu me adiantava, eu lia o livro antes do professor falar. Então é difícil dizer o que é que veio primeiro, ou eu já tenho uma pré-disposição pra isso ou o xadrez ajudou nisso. Eu acho que as duas coisas, sabe? As duas coisas, eu já tinha uma pré-disposição mas o xadrez com certeza fez evoluir essa pré-disposição.

Entre as pessoas que “sabiam mais xadrez do que ele” estavam os frequentadores do “Clube de Xadrez de Ponta Grossa”, o qual o fora apresentado por meio de renomados jogadores do estado e conhecidos de seu pai. GM 5 relata tê-lo frequentado desde os 8 anos de idade, constituindo este um espaço “fundamental” para o seu desenvolvimento e no qual passara parte da infância, visto que havia períodos em que pra lá ia todos os dias. O acúmulo de capital social neste espaço se deu por meio de uma extensa variedade de gerações de enxadristas campeões estaduais, os quais os emprestavam e indicavam leituras. Ao contrário do estudo, lá jogava *blitz* e contava com uma parte mais prática que, por sua vez, era colocada à prova aos sábados nos torneios lá organizados por seu pai. Relata que a prática entre os pares de mesma idade se deu após o inicial contato com as velhas gerações, uma vez que “no começo não tinha jogadores mais jovens”. Dentre eles, GM 5 destaca dois senhores de idade com *habitus* opostos, sendo o primeiro um jogador que não gostava de perder e, portanto, sempre ficava bravo com ele e, o segundo, “um cara muito simpático, muito bonzinho e que estava sempre disposto a ajudar”. A identificação de GM 5 se dava com este último, destacando a sua perspectiva do xadrez “mais como uma convivência e não uma guerra”, possivelmente sendo esta a perspectiva compartilhada também em seu lar. Com eles e os demais, GM 5 pôde aprender “coisas que não eram só sobre xadrez” no clube.

Era também na exclusividade do ambiente do clube onde a prática enxadrística com os irmãos se tornava possível, visto que tal rivalidade – uma “questão de ego” – em casa “poderia gerar algum sentimento”. Já fora dela, traz GM 5: “porque se a gente tá em um grupo grande eu não tô vendo ele como o meu irmão às vezes, eu tô vendo ele como um jogador”. Tal disputa, ainda, segundo GM 5 só haveria de se dar entre irmãos do mesmo sexo, como era o seu caso: “eu acho que se você tem um menino e uma menina é diferente e não existe isso, mas se você tem dois meninos aí pode e quase sempre eu acho que vai gerar isso, inclusive talvez por isso não jogássemos mesmo em casa”:

“Eu não sei se é competição, mas fica um clima, sabe? Assim de ser melhor ou ser pior no esporte, em geral. Por isso que se tivesse só eu entre os meus dois irmãos a gente não jogava entre a gente, mas se viesse uma outra pessoa e que trouxesse outras a gente jogava com eles e entre a gente também. É uma coisa interessante isso, né?”

GM 5 traz que “a escola não foi um fator que ajudou a crescer no xadrez”, muito embora relate uma ajuda indireta desta ao lhe conceder e a seus irmãos uma bolsa de



estudos<sup>40</sup> para representar o colégio no xadrez. Como GM 2, ele ajudou a fomentar o xadrez por lá. Não relata haver algum tipo de cobrança pela bolsa recebida, embora se preocupasse com o desempenho nos jogos escolares cujo bom resultado lhe rendera o auxílio do colégio. Em geral, também a família não o cobrava, sendo a chateação de seus pais nos torneios em que GM 5 ia mal um “aspecto mais emocional” dele do que uma cobrança: “ele sempre fez alguns comentários que não foram delicados”. Já para sua mãe, “os resultados eram indiferentes, se ganhava ou perdia não importava”. Ainda sobre ela, relata a impressão sobre certa indiferença em relação aos seus feitos no xadrez, tendo a desconfiança de que ela nunca sentira orgulho por ele ter ganhado um torneio ou mesmo se tornado Grande Mestre, ao contrário do seu pai:

“Pra ela tanto faz, provavelmente ela preferiria que eu tivesse fazendo outras coisas até na vida, mas ela nunca me falou ou cobrou isso, ela sempre foi muito correta nesse aspecto. Provavelmente ela queria que eu tivesse percorrido outro caminho, mas isso aí é uma coisa, assim, que é muito um sentimento da minha parte. Eu nunca vi um retorno emocional dela em relação ao fato de eu estar indo bem no xadrez”.

Dentre as demais práticas esportivas realizadas durante a infância, GM 5 relatou gostar do tênis de mesa, o qual praticava em um dos clubes de xadrez que já frequentara, na escola e com os colegas dos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC). Aponta, ainda, que o tênis de mesa é “uma coisa curiosa é que vários jogadores de xadrez jogam”. Atualmente tem a corrida entre suas atividades: “a minha média é ir 6 vezes por semana e fazer uma média de 5 quilômetros por dia”, além de gostar de ir ao cinema e esporadicamente ler, quando não está estudando xadrez. Sobre a importância dos ambientes vivenciados e, principalmente, das relações neles cultivadas, desenvolve uma interessante metáfora sobre o seu sentimento de pertencimento ao xadrez:

“O principal pra mim é que eu sempre me senti um ‘peixe dentro d’água’ no xadrez. Além de gostar do jogo e me sentir atraído por ele, eu sempre me senti um ‘peixe dentro d’água’ no xadrez como não me sentia em outros ambientes. Então pra mim tem esse fator que eu acho importante: o meio, o ambiente do xadrez sempre me atraiu, as convivências do xadrez pra mim sempre foram mais interessantes do que outras como a convivência na escola, por exemplo, ou do que o ambiente de escola. Eu sempre tive muito mais intimidade com o xadrez, mais amigos no xadrez. Então eu acho que se a convivência não tivesse sido boa talvez eu gostasse muito de xadrez e continuasse

---

<sup>40</sup> Fora esta a oportunidade com que contaram GM 5 e seu irmão imediatamente mais velho para estudar no sistema de ensino privado nos anos finais de suas escolarizações.

jogando, mas muito provavelmente eu não seria um profissional se eu não me sentisse bem no ambiente, né?”.

Sentir-se um “peixe dentro d’água”, para GM 5, parece traduzir a relação de intimidade com a prática enxadrística que, cultivada em seu grau máximo pela ação pedagógica familiar desde tenra idade, permaneceu e encarnou-se de forma duradoura em si por meio de seu *habitus*. Neste mesmo sentido, suas perspectivas posteriores sobre a obtenção do título de Grande Mestre e sobre a sua visão do processo carregam as marcas das suas experiências primitivas:

“Eu sempre estudei xadrez mas quando tava fazendo isso eu não pensava que eu tava fazendo aquilo pra chegar a Grande Mestre, sabe? Eu acho que não teve um dia que eu abri um livro de xadrez pensando que aquele era um processo para que um dia eu chegasse a Grande Mestre. Aquele estudo era pra mim pra melhorar no xadrez, pra eu compreender o xadrez, não era alguma coisa que eu tava pensando em fazer para chegar a Grande Mestre com aquele estudo. O estudo tinha outro sentido, a aprendizagem tinha outro sentido pra mim. É óbvio que eu queria chegar a Grande Mestre, mas eu queria por razões práticas, né? Eu não via que aquilo seria interno a mim, seria uma coisa... Como é que eu poderia dizer... Que houvesse sentido nas coisas, não era o sentido pra mim, sabe? O sentido pra mim era evoluir no xadrez, o sentido último não era chegar a Grande Mestre.”

“É como se o fim último pra mim não fosse o resultado internamente, sabe? Eu queria desempenhar bem a coisa, mas o resultado final... O processo seria mais importante que o resultado final. É como se eu estivesse em uma viagem e o mais importante fosse a viagem em si, não aonde você chegou. Tem que ser bom aquele processo pra mim, os fins não justificam os meios. O meio, o processo é fundamental”.

Por fim, GM 5 apresenta uma perspectiva sobre o “talento” como encontro entre a oferta de oportunidade e as disposições do sujeito, esboçando aquilo que seriam os processos de socialização vivenciados e, principalmente, o modo de relação com a prática que eles implicariam:

“É que, assim, são duas coisas: a primeira é que eu acho que algumas pessoas têm pré-disposições para as atividades, mesmo que seja no início. Eu também não entendo muito, eu posso estar falando bobagens, mas eu acho que as pessoas nascem com algum talento. E talentos específicos, né? Então uma coisa é isso, seria mais ou menos uma coisa que você já tem facilidade. E a outra é a introdução que você tem naquilo, ela pode ser de uma forma melhor, pode ser de uma forma pior, ela pode ser de uma forma mais rápida. Você pode aprender algo muito cedo, você pode aprender mais tarde. Eu acho

que aquela pessoa que já tem uma pré-disposição pra gostar e se dar bem em alguma atividade, se ela for apresentada, ela vai tomar o gosto. É como eu falei, se for mais cedo é mais fácil, você tem mais chances de evoluir. E também a forma pode ajudar, a forma como você avança. Mas no final, depois que passa um certo tempo... Isso que eu tô falando é a introdução, o começo. Mas depois que passa um certo tempo a gente vai moldando aquilo que serve pra gente, sabe?”.

A perspectiva de “talento” trazida por GM 5 carrega o traço da precocidade, condição pela qual contara não só no sentido biológico do termo, mas do tempo livre máximo de sua infância direcionado, principalmente pelo seu pai, para o acúmulo do capital cultural – também máximo – enxadrístico (BOURDIEU, 1986). O tempo, nesse sentido, podendo ser entendido como condição inicial para o acúmulo da herança, duração pela qual GM 5 também pôde prolongar o processo de aquisição por meio da liberação de determinadas e potenciais necessidades socioeconômicas por sua família.

#### **4.6. GM 6: o capital cultural e social dos clubes à serviço de um “predestinado”**

GM 6 tem 65 anos, nasceu em Santa Cruz do Sul (RS) e atualmente reside em Taubaté (SP). Relata ter passado por muitas escolas quando criança em razão das mudanças de cidade de sua família, sendo a primeira delas uma escola de irmãs, onde relata ter aprendido a escrever em São Lourenço do Sul (RS), passando por uma escola pública em Pelotas (RS) e, enfim, também por um colégio científico privado. Cursou duas faculdades privadas, a primeira em Filosofia na “Escola Mater Ecclesiae” no Rio de Janeiro (RJ) e a segunda em Teologia no “Instituto Teológico Sagrado Coração de Jesus” em Taubaté (SP). Considera-se atleta de xadrez e teólogo por profissão, morando sozinho e tendo uma renda familiar de “classe média” sobre a qual preferiu não declarar: “depende se eu jogo ou não xadrez, mas moro em casa, tenho meu carro e posso viajar”.

Sua família era composta por seu pai, sua mãe, três irmãos e ele. Ao contrário da mãe, seu pai não ingressou no Ensino Superior, sendo funcionário do Banco do Brasil “toda a vida, morreu trabalhando”. Sobre seus irmãos, informou que o mais velho é engenheiro da Petrobrás, sendo a sua irmã seguinte professora aposentada de francês universitária e a mais nova, por fim, arquiteta cujo país de residência é Portugal.

GM 6 fora apresentado ao xadrez aos 4 anos pela sua mãe em casa, único cuja herança, assim, constituiu-se materna. Conta que o tabuleiro dela possuía damas e xadrez, sendo estes a ele ensinados, respectivamente, nesta ordem. GM 6 gostou muito mais de xadrez “porque era muito mais complexo”. Evita tocar em detalhes que se relacionassem à família<sup>41</sup>, dentre eles o modo como sua mãe o transmitira tal prática. Em seu lugar, GM 6 frisa que o praticava sozinho todos os dias porque “amava o xadrez”. Relata que a sua mãe não gostava que ele se profissionalizasse, sendo o seu futuro no xadrez entregue e direcionado pelos planos divinos:

“Ela não gostava que eu jogasse xadrez porque temia que eu me profissionalizasse no xadrez, isso ela não queria. Ela queria que eu fizesse uma faculdade e tivesse uma carreira normal. Mas o plano de Deus é maravilhoso, entendeu?”.

Quando questionado sobre a relação com o xadrez que possivelmente poderiam deter os outros membros de sua família, traz que eles “só sabiam mexer as peças”. O uso do plural, neste caso, pode indicar que outros, para além da sua mãe, também o praticavam. No entanto, não foi possível identificá-los. Em um segundo momento relata que, de sua família, “ninguém joga”. No entanto, o sentido atribuído por GM 6 sobre esta questão parece não ter sido o simples contato com a prática enxadrística, mas a ausência de membros que jogassem relativamente bem. Entre estes outros membros talvez estivesse o seu pai, visto que ele o “acompanhava em vários torneios” porque era “menor” e a quem GM 6 aponta como contraponto à falta de gosto pela modalidade que possuía sua mãe. Relata que ambos torciam pra ele ganhar.

GM 6 relata uma trajetória esportiva de ascensão onde foi “subindo e subindo”, desde pequeno já ganhando dos adultos: “com 7 anos eu já era vice-campeão da cidade onde eu morava”. Conta que a sua cidade possuía poucas opções relacionadas ao xadrez mas, mesmo assim, gostava muito e participava dos torneios possíveis.

Entre as pessoas que para ele foram significativas, GM 6 destaca um delegado de polícia que, segundo ele, “conhecia xadrez e o ensinou” no ambiente de um clube de xadrez em uma cidade menor que havia se mudado do que aquela em que nascera. Traz também a figura do irmão de um conhecido jogador de xadrez que, sendo holandês, o

---

<sup>41</sup> Considerando certo desconforto em relação às questões que envolviam seus familiares e, dentre eles, especialmente os seus pais, evitou-se o aprofundamento de informações que a eles se relacionassem. Em que pese a considerável ausência de informações importantíssimas para a compreensão de sua herança, conjunto à certa indisponibilidade de GM 6 em relação ao momento de entrevista, o respeitou-se enquanto sujeito em relação às atitudes e sentimentos demonstrados.

provia de tais leituras que, como também relata, em um primeiro momento o eram escassas. Por meio de torneios disputados no exterior, GM 6 conta que a cada vez mais os adquiria e, portanto, sua coleção ia aumentando. Estes, em conjunto com a análise das partidas dos Mestres, segundo ele, foram fatores que possibilitaram sua evolução.

GM 6 caracteriza um dos clubes de xadrez em que passou ao longo de suas mudanças como um local “bem frequentado” onde “havia velhos e moços”: “eu jogava com gente que jogasse melhor do que eu porque eu jogava melhor que os outros”. Neste, clube que se situava em uma “cidade bem maior e melhor”, se encontrava também um jogador que havia sido Vice-campeão Brasileiro, segundo relata. Tal qual os Grandes Mestres até então conhecidos, GM 6 não configura os momentos de prática com jogadores com força de jogo maior do que a sua como um estudo, propriamente, mas um momento cujas instruções encontravam-se sem tanta sistematização.

Não teve o contato com o xadrez na escola, possibilidade sequer visada por sua época. Entretanto, especialmente em Português e em Física, “sempre era o primeiro aluno no primário e no ginásio”. Além dos cursos superiores já mencionados, relata também ter cursado Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), muito embora não gostasse, pois “gostava de xadrez”. Com o desejo de abandonar a faculdade para se dedicar exclusivamente à prática, aproveitou-se da visita do até então presidente do país em seu estado na época e a ele solicitou um cargo que possibilitasse a sua vontade, sendo esta atendida.

Dentre suas práticas durante a infância, relata não ter feito “esportes físicos” antes dos 19 anos: “os outros garotos iam jogar futebol e eu não ia, ficava o dia inteiro jogando sozinho, era o que eu gostava de fazer”. Após tal idade, começou a praticar karatê e a correr, mantendo esta última como sua atual atividade física.

Pertencente à crença religiosa “Renovação Carismática Católica” (RCC), GM 6 considera-se um profeta, sendo o escolhido por Jesus para exercer uma “missão importante no mundo”. Posto isto, atribui o seu sucesso ao “talento” provido por Deus, tendo este uma influência “total” para que obtivesse o título de Grande Mestre:

“Tem pessoas que ‘dão’ para xadrez e Jesus me deu o talento para jogar xadrez, então eu jogava, jogava e fui melhorando [...]. Deus dá um talento, claro, e eu jogo xadrez [...]. É um ‘dom’ que Deus dá!”

É importante e necessário destacar, neste sentido, o lugar e a referência de sua crença religiosa após uma doença grave que o acometera durante a sua carreira. Tal qual

o seu sucesso, dentre outros atributos, a partir desta passagem GM 6 passara a creditar grandes feitos, tais quais pertencer à grande maestria, essencialmente às forças divinas.

#### **4.7. GM 7: a legitimidade do capital cultural de uma família de diplomados**

GM 7 tem 59 anos, nasceu e atualmente reside na cidade de Curitiba (PR). Cumpriu todas as etapas de escolarização no ensino privado até o seu ingresso no curso de Engenharia Civil na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Exercida a profissão, há dois meses se aposentara, tendo uma renda média familiar de R\$: 20.000,00.

Sua família é constituída por seu pai, sua mãe e por 6 irmãos, além dele, sendo 3 irmãos e 3 irmãs. Seus pais cumpriram as etapas do ciclo básico de ensino metade na modalidade pública, metade na particular. Seu pai chegou a ingressar no Ensino Superior no curso de Serviço Social na Universidade Federal do Paraná (UFPR), entretanto, não o completando. Sua mãe formou-se em Serviço Social, sendo funcionária pública da Secretaria do Bem-Estar Social. Sendo GM 7 o mais novo entre seus irmãos, em ordem ascendente de sucessão, seu irmão imediatamente mais velho fez Engenharia Química na Universidade Federal do Paraná (UFPR), mestrado e doutorado na França, além de pós-doutorado nos Estados Unidos e todas as etapas anteriores no ensino privado, residindo atualmente no Canadá como chefe de pesquisa no Ministério de Recursos Renováveis. Seu próximo irmão também cumpriu suas etapas do ciclo básico em ensino privado, tendo também feito Universidade Federal do Paraná (UFPR), além de mestrado e doutorado também na França, pós-doutorado na Espanha e na Itália. GM 7 traz que ele fez 2 ou 3 pós-doutorados, sendo hoje docente universitário da instituição que o formou. O próximo irmão cumpriu o ensino médio em uma instituição pública, tendo feito um curso técnico e ingressado na universidade em Informática. Também tem mestrado e doutorado e hoje mora na França, sendo docente universitário na *Université de Nantes*. Entre as suas irmãs, a mais velha também fez o Ensino Médio público e se formou na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em Desenho Industrial, tendo trabalhado na prefeitura e, como GM 7, estando atualmente aposentada. A sua segunda irmã, por sua vez, fez Jornalismo também na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o ciclo básico todo na modalidade privada. Por fim, sua última irmã também realizou o ciclo básico privado e ingressou na Pontifícia Universidade Católica (PUC) no curso de Biologia, tendo feito mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR)

e, depois, doutorado na França. Atualmente é professora de Biologia Marinha na Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC). O elevado nível de escolaridade e as posições prestigiosas que ocupam a grande maioria dos membros de sua família, assim, chama a atenção na família de GM 7. Indicativo, portanto, da circularidade de um alto volume de capital cultural entre seus membros.

GM 7 teve o seu primeiro contato com o xadrez “provavelmente muito cedo” aos 5 anos de idade em casa pelo seu pai, o qual também contou com a herança enxadrística proveniente de seu avô. “Foi o primeiro neto ensinado a jogar”, tendo o seu avô gostado muito de xadrez, sendo este espanhol e residido em Cuba na época em que lá também residia um dos campeões mundiais de xadrez de todos os tempos, Capablanca. GM 7 conta que o seu avô era alguém extremamente popular na província espanhola onde morava, provavelmente tendo aprendido a prática entre os seus pares e a partir de um professor, conforme comentara. Além destes, GM 7 relata a figura de uma tia que cursava Educação Física e que também sempre o incentivou. No entanto, o modo como esta e aquele o fizeram diferiu consideravelmente. Sua tia, “tinha um tabuleiro, sabia as regras e não mais do que isso”, já seu pai tinha certo conhecimento mas não herdara o gosto aflorado de seu avô. Pelo pouco tempo de convívio com este, GM 7 relata poucas lembranças da prática com o avô, bem como da figura esparsa de um tio com quem também teria tido os seus primeiros contatos com a modalidade. Para além de uma árvore genealógica cujos membros teriam, com o xadrez, uma relação mais ou menos privilegiada, GM 7 contou com uma rede de relações familiares cujo capital cultural lhe fora transmitido a partir de diferentes referências e autoridades em relação a esta prática (BOURDIEU, 1986), sobretudo sendo o seu avô a figura de monopólio.

GM 7 relata a importância do *match* entre Fischer e Spassky e o ganho do Interzonal de Petrópolis pelo GM 6 como fatores que o motivaram na prática durante o seu início, visto que “os jornais noticiavam, iam atrás de notícias, divulgavam na televisão”, dentre outras coisas que, para ele, “eram divertidas”. Em outras palavras, indicativos de uma lógica de formação do *habitus* enxadrístico que, neste caso, foi traduzida por sua época de cristalização no cenário mundial (SOUZA, 2010). GM 7 relata também que naquela época o modo de transmissão familiar do xadrez era único por meio da herança, visto que vias mais recentes de contato com a prática como a escola ou os projetos sociais, naquele tempo, sequer existiam. No que pese essa ponderação, mesmo sendo o clube uma via também possível de contato com a prática naquela época, pode ser que a socialização via herança familiar do xadrez incluía,

adicionalmente, uma questão geracional. Neste sentido GM 7 aponta justamente as diferenças marcadas pelo modo de aprendizagem familiar e escolar que insurgiram com o advento da segunda instância como espaço de oferta da prática, ressaltando a relação cultural com o xadrez advinda da herança familiar para a obtenção da sua excelência:

“Mais tarde isso muda porque já na época do GM 8, por exemplo, já tinha gente que jogava xadrez porque tinha aprendido nas escolas. No entanto eles enfrentavam também uma dificuldade que era a de se jogar bem, então era uma coisa jogar bem pro GM 8 porque o pai dele jogava do que pra um outro que não tinha alguém da família que jogasse, né? Então aí isso já marca outro tipo de diferença que é, podemos dizer assim, para uma excelência. Pra excelência já é uma outra questão”.

GM 7 relata que as práticas com o seu pai carregavam certa tensão porque ele se encontrava nervoso quando este começava a pensar, denotando certo déficit na incorporação dos capitais transmitidos para o seu pai que, não entendendo a lógica do jogo, o apressava a jogar. Ao contrário, GM 7 traz que o seu avô, em situação de partida com o seu pai, tinha toda a paciência para, em situações adversas, simplesmente inverter o tabuleiro em favor de possibilitar uma posição motivadora para seu pai. Tendo circulado por países como Cuba e Estados Unidos durante a época áurea do xadrez, seu avô acumulara experiências e relações com jogadores de renome do cenário mundial. Tal condição poderia conferir ao avô de GM 7 a posição de *pater familias*, isto é, o membro mais velho pelo qual os demais reconheciam ser o único a ter a autoridade conquistada sobre os aspectos que se relacionavam à modalidade (BOURDIEU, 1986):

“Eu sei que ele cultivou essa paixão muito mais em Cuba porque, claro, ele vai pra Cuba no final do século XIX e fica lá, digamos, uns 10, 15 anos. No começo do século XX teve Capablanca e existia uma febre de xadrez em Cuba, nessa época contava o pai que o vô jogou algumas simultâneas com o Capablanca e que ele ficava muito feliz. Depois ele vai morar em Nova York e o Capablanca também vai morar em Nova York, ele acaba até falecendo lá no final da 2ª Guerra Mundial. Eles iam no *Manhattan Chess Club* e tal, então o vô talvez tenha convivido mais com ele”.

É no ambiente da “Biblioteca Pública do Paraná” que GM 7 tem as suas lembranças mais recentes sobre o seu início na prática, esta ocorrendo nos torneios e em uma “salinha infanto-juvenil que tinha o xadrez” por lá. É interessante notar que GM 7 relata que, inicialmente, sua inclinação por frequentar este espaço se deu pela leitura e,



só posteriormente, lá descobrira a prática enxadrística. Lá, para além de um público ligado à federação de xadrez do estado, havia jogadores veteranos cuja posse de livros e revistas de xadrez de certo prestígio na época demonstravam o capital cultural não só da posse, mas do ato de tornarem a sua leitura, aos meninos daquele ambiente, um verdadeiro ritual de consagração das mesmas (BOURDIEU, 1983). Próximo a esta biblioteca se encontrava o ambiente do clube, apenas um dentre vários que GM 7 relatou possuir a cidade em que morava: “o xadrez fazia parte da cultura de Curitiba!”. Apresentado também pelo seu pai, o clube, por sua vez, também se mostrara como ambiente de materiais privilegiados e circulação de jogadores de certo prestígio do estado paranaense. GM 7 menciona histórias de suas experiências com o xadrez e dos laços de amizade cultivados não só em seu interior, mas para além deste espaço, demonstrando a força da manifestação de seu capital social em meios que não aquele originalmente onde fora adquirido (BOURDIEU, 1996). Ainda neste clube, GM 7 relata ter jogado com o avô e o pai de GM 8, o pai de GM 5, dentre outros. Há de se apontar, ainda, que este fora o mesmo clube que GM 5 frequentara quando residiu nesta cidade.

Quando questionado sobre o gosto pela modalidade, revela o agir de seu capital cultural por meio de uma inclinação a “estar disposto a pensar, a se aprofundar”. Diferentemente dos Grandes Mestres até aqui apresentados, esse pode ser um indicativo da legitimidade de seu capital simbólico, tornando-o um herdeiro em posição dominante aos demais. Para além dele os irmãos também conheciam o xadrez, porém, tal qual a família de GM 5, parece que também na sua esse não foi um projeto considerado pelas meninas. Ao relatar a transmissão da prática para os seus filhos, GM 7 traz a diferença entre as transmissões com que foram realizadas as heranças por seu pai, preponderantemente aos filhos homens com o intuito de que soubessem quem teria sido o avô.

No amadorismo da prática de tênis a nas “atividades esportivas que o acompanharam durante a vida toda”, mais uma vez, o capital cultural de GM 7 parece demonstrar-se na valorização de uma modalidade, tal qual o xadrez, com contornos ascéticos e cujo contato corporal é inexistente (BOURDIEU, 1983). Comenta que o seu pai nunca sequer considerara a hipótese de GM 7 cessar os estudos, o trabalho ou outras atividades de lazer que fazia para se dedicar exclusivamente ao xadrez. De encontro à tais disposições e à espera da apropriação dos herdeiros, em sua escola as aulas de xadrez formais não existiam, sendo presentes, entretanto, tabuleiros que se encontravam espalhados pela biblioteca. Oferta que em GM 7 encontrara demanda, uma vez que “um

dia ou outro” ele frequentava tal espaço com os amigos. Diferentemente dos sujeitos também apresentados, é do distanciamento com a prática e do diletantismo de sua relação, marcas de seu *habitus*, que GM 7 demonstra a valorização de outros mercados para além do esportivo em que se pautava o xadrez:

“Então nesse sentido eu senti que tinha um *handicap* em relação a todos eles muito grande, eles gostavam muito de xadrez e vibravam muito, já eu não via tanto, né? Mas eu gostava muito do ambiente, de estar ali, de ver, das viagens, das pessoas. Sempre achei os enxadristas e as suas personalidades muito interessantes, mas não posso dizer que eu fosse um apaixonado por xadrez no mesmo nível deles”.

Demonstrando traço condizente à certa estilização do modo pelo qual se relacionava com o xadrez em detrimento de seus pares, GM 7 parece assumir que, para ele, o xadrez configurava-se como um gosto de liberdade (BOURDIEU, 2007) em meio a uma gama de práticas possíveis ofertadas desde tenra idade em ambiente familiar. Assumindo uma disposição estética que é produto da relação entre as suas disposições e seu estilo de vida, a distância estabelecida por GM 7 em relação à prática e aos seus pares, ao que tudo indica, revela os traços mais indicativos de sua distinção.

#### **4.8. GM 8: a transmissão pedagógica da herança ao filho de professores de xadrez**

GM 8 tem 28 anos, é nascido em Joinville (SC) e atualmente reside em Tbilisi, capital da Geórgia. É o único dentre seus pares a morar fora do país e, posto isto, a ter as condições de se manter apenas da prática do xadrez. Dentre todos, é o único que apresenta a ausência de quaisquer outras atividades profissionais relacionadas ao xadrez senão aquela que os jogadores profissionais deveriam unicamente se preocupar: jogar. Coursou suas etapas de escolarização no ensino privado com bolsa de estudo pelo xadrez no Ensino Fundamental e, no Ensino médio, no ensino público. O ingresso no Ensino Superior se deu por meio do curso de Matemática na Universidade Federal do Paraná (UFPR) por 1 mês, não tendo o concluído. Pelo exposto, considera-se enxadrista – em sua mais privilegiada condição de oferta de oportunidades de práticas no exterior – e apresenta uma renda familiar que, pelo exposto, depende muito dos torneios que participa: “tem mês que dá muito certo e tem mês que eu jogo muito mal”. Em média, aponta ganhos de US\$ 2500 mensais.

Filho único, à época de seu início no xadrez a sua família era composta por seu pai, sua mãe e ele, tendo esta, assim como GM 5, descendência japonesa. Seu pai tem o Ensino Superior completo, tendo cursado Informática também na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e as etapas anteriores no ensino público. Atualmente é analista de banco de dados. Sua mãe, por sua vez, chegou a ingressar na mesma universidade no curso de Matemática e, assim como GM 8, não o concluiu. Embora já tenha dado aulas de xadrez e de matemática durante um período de mudança com GM 8 para o sul do país, sua mãe atualmente é do lar.

GM 8 aprendeu xadrez de 3 para 4 anos: “a primeira coisa é que eu não me lembro de quando eu não jogava xadrez, não tenho nenhuma memória de quando eu não sabia o que é que era xadrez”. Nunca pensando em fazer “nada diferente da vida ao não ser enxadrista”, GM 8 sempre teve muita certeza do que seguiria em sua vida. Se recorda que suas primeiras influências foram justamente ver seus pais jogando em casa e, sendo pequeno, “quis mexer” naquilo também, momento em que acabaram o ensinando. Nota-se, assim, uma das maneiras mais despretensiosas de transmissão do capital cultural por meio da incitação pelo exemplo. Ressalta a figura do seu pai:

“Meu pai foi como se fosse o meu professor por bastante tempo, ele tinha bastante experiência pedagógica. Então ele me fazia resolver uns problemas, mostrava uns negócios pra eu melhorar e às vezes a gente jogava também em casa. E aí mesmo quando eu era pequeno de vez em quando eles traziam uns amigos, assim, pra jogar comigo. Então sempre me apoiaram bastante e foi por causa deles que eu cheguei aonde cheguei, praticamente”.

Considerada a experiência pedagógica como docente universitário, GM 8 revela que fora seu pai o seu primeiro professor durante muito tempo, o ofertando a resolução de problemas, materiais para que melhorasse e momentos de prática durante o lazer de ambos. Denunciando a familiarização dos pais não só com a prática mas com agentes que compartilhavam das crenças do subcampo enxadrístico, GM 8 se recorda que também sua mãe, em sua infância, era professora de matemática, violão e xadrez. A preocupação em preferir que GM 8 não participasse de torneios oficiais antes que soubesse anotar as suas partidas, meio utilizado pelos enxadristas para registrá-la e, posteriormente, estudá-las, demonstra o trato pedagógico com que seus pais guiavam o seu ensino. Aprendendo e conquistando seus primeiros resultados em torneio regionais e estaduais, vinha também de seu pai os pequenos mimos simbólicos pelos quais GM 8

contava como forma de incentivo aos seus feitos. Se as chances escolares segundo a origem social dos estudantes têm a categoria socioprofissional de seus pais como indicador relevante para o sucesso de seus desempenhos (BOURDIEU; PASSERON, 2014), a partir de GM 8 é possível perceber que tal hipótese configura-se, também, no campo esportivo.

GM 8 mudou-se com a sua família para Curitiba com menos de 1 ano, indo após os 10 anos de idade para Jaraguá do Sul ao aceitar uma oferta para treinar lá, ocasião em que a sua mãe também recebera a oferta para dar aulas de xadrez nas escolas da cidade, ficando o seu pai em Curitiba devido ao trabalho. Vice-campeão mundial e colecionando títulos nacionais e estaduais, nessa época GM 8 frequentava a escola e o Clube de Xadrez de Jaraguá do Sul onde ficava “treinando, brincando, jogando e fazendo um pouco de tudo”. Ambiente em que os melhores jogadores da cidade se reuniam para treinar com o técnico, GM 8 aponta que a partir desta época sempre fora autodidata, certificação de sua competência cultural (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Não só a herança, mas principalmente os conhecimentos pedagógicos detidos por seus pais parece ter sido, para GM 8, uma mediação importante na transmissão de suas disposições. Em especial, tais quais a maioria de seus pares, destaca a figura paterna: “meu pai sempre teve vários livros de xadrez, então tinha um material bom e tinha a paciência pra me ensinar”. Para os pais de GM 8 o xadrez era bagagem ativa:

“De vez em quando eu jogava com o meu pai quando ele voltava do trabalho, a gente marcava umas partidas pensadas pra jogar em casa. Quando eu era mais novo o meu pai já tinha vários livros, então eu lembro que às vezes quando ele ia pro trabalho eu pegava uma enciclopédia de xadrez que nós tínhamos lá pra me preparar pra partida que nós íamos jogar de noite [risos]. E também é engraçado porque um pouco antes de eu ir pra escola – comecei a ir com uns 6 anos – eu tinha vários amigos imaginários, assim, essas coisas de criança. E eu fazia torneio entre eles, eu sabia fazer emparceiramento, na época eu calculava o *rating* e também fazia as partidas. O emparceiramento eu acho que foi o meu pai que me ensinou e na época a gente fazia com fichinhas, não tinha computador nem nada”.

Sua mãe era quem sempre ia com ele aos torneios, além de ser também uma jogadora, embora “jogasse poucos torneios e não tivesse um nível tão alto”. GM 8 sinaliza que hoje ela é a maior espectadora de suas partidas, dando “alguns palpites de longe quando o seu pai está estudando alguma coisa de vez em quando”. Tal diferença

entre os pais, ocupando a mãe uma posição dominada no que se refere ao gênero (BOURDIEU, 2014a), é exemplificada pelo trecho:

“Mas o meu pai gostava, ele foi Campeão Paranaense Juvenil e chegou a jogar o Campeonato Brasileiro e tudo, no ano passado ele foi 9º lugar no Pan-Americano Amador, então ele sempre teve ali os seus 1900 pontos de *rating* ou às vezes 2000 pontos quando tava indo bem. Mas ele nunca levou isso como profissão e era só pra se divertir mesmo, embora tenha tido nível o suficiente pra me dar uma boa base e ter feito uma biblioteca com bons livros também”.

A seriedade era um traço presente nas práticas paternas, sentido dado a um jogo que pra eles valia a pena jogar (BOURDIEU; PASSERON, 2014). Não por acaso GM 8 relata que esses momentos “eram como se fossem os seus primeiros torneios”. Embora não o deixasse inicialmente ganhar as partidas, quando se viu superado, seu pai ficava feliz quando GM 8 conseguia ganhar ou mesmo empatar tais partidas. Influenciado pela época áurea do xadrez (SOUZA, 2010), GM 8 comenta que o seu pai aprendera durante o *match* entre Fischer e Spassky, “época em que o xadrez aparecia no jornal”. Com o interesse do pai despertado, conta que foi o avô, que também gostava muito da prática, o responsável por ensinar o seu pai. Este também jogava mas, como sinaliza, “em um nível bem mais baixo, só sabia mexer as peças ali”.

Aos 5 ou 6 anos de idade, GM 8 fora apresentado a um pequeno clube de xadrez da cidade também por seu pai. Entretanto, para ele aquele era o “clube que o pai ia às vezes”, demonstrando ser este um frequentador deste espaço no qual GM 8 já reconhecia. Relata que a sua mãe também lá disputava torneios, mais estes eram mais esparsos. Mais adiante conhecendo o “Clube de Xadrez de Curitiba”, espaço compartilhado por GM 7 e GM 5, GM 8 destaca a alta frequência de campeões estaduais ali advindos daquela cidade. Ressalta o convívio com seus pares, bem como com o pessoal mais velho para além daquele espaço, demonstrando uma rede de relações férteis como fontes de recursos iniciais em seu desenvolvimento na modalidade (BOURDIEU, 1986) e potenciais amizades porvindouras: “mas foi bom, fiz muitos amigos nesses clubes, né? Tem várias pessoas que eu conheci há uns 15, 20 anos que até hoje eu tenho contato, então isso foi muito legal”.

Embora não tenha por ele iniciado, é importante destacar que a sua cidade contava com um projeto social de xadrez cuja entrada se dava pela via escolar, podendo ser esta uma possibilidade de análise sobre a fala que traz que “Curitiba seria uma

cidade onde o xadrez é cultural”. Para além disso, decorrente do desenvolvimento dos clubes da modalidade, relata que na época em que residiu por lá “o GM 5, o GM 7 e o GM 10 também lá moravam”, tendo sempre “gente de alto nível em todos os lugares” ou, em outras palavras, um contexto privilegiado de circulação do capital social enxadrístico.

No colégio o xadrez estava disponível para GM 8 desde as idades iniciais do Ensino Fundamental e, não obstante, também na grade curricular. Relata um tratamento privilegiado por parte de seu professor, o qual o levava para uma sala separada de sua turma para o ofertar materiais individualizados. Também frequentava uma escolinha de xadrez de seu professor de escola, onde tinha “bons livros que chegavam do exterior” e aulas particulares com GM 5. Nesta época, GM 8 já contava com bolsas de estudos por ter ganho o Pan-Americano e o título de Mestre FIDE aos 8 anos de idade, relatando certa “fama na região” e a percepção de que havia certa crença por parte de quem lhe era mais próximo de que ele “poderia dar certo no futuro”. Além da escola, compunham suas outras atividades o judô, o futebol, o handebol, o basquete, a corrida, além dos campeonatos de atletismo onde disputava o salto em altura e o salto em distância, além do arremesso de disco. Em resumo, uma infância com diversidade de práticas e jogos deliberados que faziam com que praticasse, segundo ele próprio, “um pouco de tudo”. Para além, já herdava uma série de atitudes e saberes rentáveis no mercado escolar adquiridos, por meio da “cultura livre”, primariamente no ambiente caseiro (BOURDIEU; PASSERON, 2014):

“Bom, ler e escrever, fazer as contas. Eu já sabia tudo isso, quando entrei na escola eu já sabia fazer multiplicação ou alguma coisa assim, além de escrever e ler. Mas basicamente era isso, assim. Eu também tinha aula de flauta na escola mas era curricular, então... Era uma aula que eu tinha que ter de Música, então de instrumentos eu conheci um [risos]. Era mais esporte mesmo, eu sempre fui muito competitivo”.

A sua atual companheira, além de ter o título de Grande Mestre Feminina, é Bicampeã Francesa de xadrez e membro da Equipe Olímpica. Tendo também aprendido com o pai, a sua esposa compõe uma atual configuração familiar cujo xadrez, tal qual fora a dos pais de GM 8, é também linguagem comum entre o casal. Por meio de ações tão despretensiosas como aquelas associadas às condições de produção de sua herança, assim, GM 8 reproduz os modos de relação que tivera com a prática com o seu filho:

“Ah, eu acho que ensinar xadrez pra ele não pode ser um negócio muito forçado, tem que fazer ele querer por si próprio, então eu não tô muito com pressa também. Mas eu acho que pelo menos aprender ele vai aprender porque como é a profissão dos dois pais não tem como ele não ter alguma noção pelo menos, né? Pra pelo menos saber se tá dando certo ou não quando a gente tá jogando torneio [risos]”.

Considerando que o essencial da herança cultural é transmitido de maneira discreta e indireta, como foi o caso do modo com que as disposições enxadrísticas de GM 8 lhe foram transmitidas, a categoria socioprofissional de seus pais e, agora, também de sua atual configuração familiar são indicadores de que a despreensão, em ambas as gerações, coincidiu com ações manifestas com vista à apropriação do xadrez. A pedagogia familiar relacionada ao *habitus* enxadrístico, neste caso, é fator cumulativo de privilégios entre as ambas as gerações (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

#### **4.9. GM 9: a coroação de “oportunidades de ouro” ofertadas para além da herança**

GM 9 tem 26 anos, nasceu em Fortaleza (CE) e atualmente reside em Goiânia (GO). Realizou a maior parte de suas etapas de escolarização no ensino privado, concluindo o Ensino Médio em uma renomada instituição escolar judaica na capital paulista. Coursou Relações Internacionais em uma universidade privada nos Estados Unidos, oportunidade decorrente da oferta de uma bolsa de estudo por seu destacado desempenho no xadrez. Declara-se atleta e professor de xadrez, optando por não revelar a sua atual renda familiar média.

À época de sua iniciação no xadrez, sua família era constituída por seu pai, sua mãe, uma irmã mais velha e duas irmãs mais novas. Seu pai cursou as etapas do ciclo básico de ensino em escolas privadas, possuindo o Ensino Superior incompleto. Coursou Economia na Pontifícia Universidade Católica (PUC) e cessou 1 ano antes de se formar, bem como fez 1 ano de Direito quando moravam em sua cidade natal, também não finalizando este curso. De acordo com GM 9, a sua profissão “não está clara” na época de seu início no xadrez. Ocupando-se do lar, sua mãe concluiu os estudos até o Ensino Médio, não sabendo GM 9 informar se isto se dera na modalidade pública ou privada de ensino. Sua irmã mais velha cursou o ciclo básico semelhante ao de GM 9, tendo

terminado o Ensino Médio em Israel. Ingressou no curso de Administração na *The University of Sydney*, visto que atualmente é corretora de imóveis na Austrália. Suas irmãs mais novas estão concluindo o Ensino Médio em Israel, além de atualmente estarem realizando os necessários cursos sobre Religião e Hebraico que lá são necessários para o ingresso na universidade.

GM 9 aprendeu a jogar entre 4 ou 5 anos com a sua irmã mais velha, tendo depois sido também apresentado ao xadrez pelo seu pai. Este, por sua vez, fora ensinado por sua avó<sup>42</sup>. Relata que já ganhava do seu pai com uns 7 ou 8 anos de idade e que este fora um “marco”, visto que simbolizou certo retorno ao pai que, já nesta época, esforçava-se em seus rendimentos para lhe proporcionar aulas particulares de xadrez. O êxito da operação de sucessão da herança (BOURDIEU, 1998b) de GM 9 esteve, neste sentido, condicionado aos veredictos da obtenção do sucesso no campo esportivo. Para além da identificação com o projeto paterno de o transmitir a prática, desta maneira, para GM 9 esta não era uma condição suficiente:

“E o que na verdade eu acho que foi determinante pra mim, de fato, foi o sucesso que eu atingi muito rápido, ainda mais tendo um pai que me cobrava bastante. Se eu não fosse Campeão Paulista no meu primeiro ano ou se eu não fosse realmente expressivo jogando, então eu acho que ele não ia pagar ninguém pra me dar aula, entendeu?”.

Entendendo que as atitudes dos membros dos diferentes grupos sociais em relação aos campos simbólicos, suas culturas e expectativas sobre o futuro oferecido expressam o sistema de valores que traduz a sua posição social (BOURDIEU, 1998b), as cobranças paternas de GM 9, quer seja quanto à obrigatoriedade de reserva do tempo livre do filho para que este praticasse xadrez, distanciam-se da maneira osmótica pela qual a herança é transmitida entre as classes cultas. O comprometimento do volume de capitais demonstrados por seu pai era compreendido por GM 9, visto que ele não tinha como lhe “passar conhecimento simplesmente porque não tinha o conhecimento pra passar”, sendo a prática de partidas de xadrez *online* um daqueles momentos em que ambos refugiavam-se em um espaço que não era exigente da legitimidade dos capitais que não detinham. A opção pelo xadrez, neste sentido, parece ter estado mais relacionada às alternativas escassas de distrações disponíveis para GM 9 em sua

---

<sup>42</sup> Hipótese inicialmente levantada por GM 9, a passagem de sua avó pelo recinto de sua casa no momento de nossa entrevista esclarecendo-a compôs, dentre outros aspectos, uma vantagem do diálogo realizado em ambiente caseiro.



infância, uma vez que relata que os equipamentos eletrônicos que detinha em casa não ofereciam tanta atratividade como os atuais. A restrição de escolhas, neste sentido, parece ser também indicativa da condição desfavorecida familiar (BOURDIEU; PASSERON, 2014).

Princípio de divisão sexual (BOURDIEU, 2014a) relacionado ao papel das mães da maioria dos sujeitos deste estudo, também as lembranças maternas de GM 9 relacionadas à sua iniciação no xadrez relacionam-se muito mais ao ato de que aquela o acompanhava em torneios, visto que não tinha tanto contato com a prática. No mesmo sentido estão as memórias da relação com o xadrez apresentada por suas irmãs, acrescentando a isto o fato de que, quando pequeno, viajava muito e não tinha tantas oportunidades de convívio com elas. Tal qual em outros espaços, parece que também entre a grande maestria brasileira “a definição de excelência está, em todos os aspectos, carregada de implicações masculinas” (BOURDIEU, 2004a, p. 92).

Indicado, o seu primeiro professor ministrava suas aulas ainda no ambiente de seu lar, tendo ele ficado tão “amigo da família” que GM 9 já o considerava um “tutor” a quem tinha a companhia durante os torneios. A frequência ao “Clube de Xadrez São Paulo” para a prática aos finais de semana ou mesmo para os torneios da região também contava com a sua vigilância. Embora fosse inicialmente apresentado ao clube por seu pai, este parece não ter sido um frequentador deste ambiente: “ele mesmo não praticava por lá e nem se interessava por isso”. Tal condição, assim, é indicativa de uma ação interessada paterna com vista à produção de relações sociais que para GM 9 fossem úteis. Mobilizadas, assim, a partir de um trabalho de instauração e, em um segundo momento, também de manutenção necessária àqueles que são recém-chegados (BOURDIEU, 1998a).

De descendência judaica, a mudança de GM 9 para São Paulo aos 8 anos chamou a atenção de um distinto clube privado da cidade cuja cultura hebraica era disseminada. Isto se deu, segundo ele, “porque era judeu e pelo uso do quipá durante as partidas, além do fato de que já jogava bem pra idade”. Convidado pelo diretor do clube para frequentar o recinto e representar a equipe de xadrez que possuíam, GM 9 aponta que este fora um momento a partir do qual começou a ter “certo suporte”, visto que as primeiras competições disputadas até ali “pesavam” no orçamento do pai que custeava as suas viagens. Adicionalmente, a entrada no clube hebraico o possibilitou um treinador mais próximo que o acompanhava em suas aulas, preparações e campeonatos.

Uma nova mudança aos 9 anos para o Guarujá fez com que o xadrez “ficasse um pouco mais distante” para GM 9. No entanto, este continuava a disputar as competições locais, nacionais e mundiais, uma vez que, mesmo distante, o patrocínio do clube paulista ainda o acompanhava. Dentre aquilo que isto o possibilitou esteve uma olimpíada judaica na Argentina, ressaltando que “uma oportunidade de jogar no exterior com 9 anos de idade é uma coisa que tem que ser notada!”. Retornando para São Paulo aos 10 anos, o descompasso entre as expectativas do pai e as suas (BOURDIEU, 1998b), em que pese suas realizações serem atendidas pela sucessiva conquista de resultados, constituía-se como fonte de sofrimento para GM 9. Relata que especialmente o seu pai “esperava bastante, que ganhasse, que fosse campeão e que fosse o melhor”:

“As competições mais importantes pra mim no ano eram o Campeonato Paulista e o Campeonato Brasileiro. Pra mim esses torneios eram muito importantes porque o meu pai me cobrava muito nesse aspecto, ele era bastante duro comigo em relação a resultados e isso é algo que eu discordo das atitudes que ele tinha em relação a mim [...]. Eu conversei uma vez com o meu pai e eu falava pra ele ‘pô, e se eu não ganhar esse ano, o mundo vai acabar?’ e ele falou pra mim ‘vai acabar porque ninguém se importa se você ganhou o ano passado ou o ano retrasado, se você não ganhar nesse você não é nada’, né?”.

Aos 11 anos de idade conheceu “online” a *The Grandmaster Chess School*, escola de xadrez do Campeão Mundial Alexander Khalifman. Com o patrocínio do clube hebraico e “alguns apoios daqui e dali”, esta fora a primeira vez com que GM 9 treinara com um Grande Mestre. Após a conquista do título de Mestre FIDE aos 11 anos, teve “uma oportunidade de ouro” de ficar 2 meses na Rússia estudando xadrez com dois renomados Grandes Mestres, sendo a rotina de treinar e jogar xadrez todos os dias em alto nível uma “experiência de outro mundo”, uma vez que com isso percebeu que “podia chegar também, que podia jogar bem e que naquela época não estava por baixo dos caras”. Conclui que, “afinal, teve a oportunidade deles!”.

Em sua volta e a partir do contato com GM 3 em aulas particulares para ele contratadas, GM 9 aponta que este fora “o maior treinador que tivera”. Além destes treinamentos, em sua juventude também praticava atividades como a capoeira, o futebol, a natação. Na escola, teve contato com o xadrez do 1º ao 5º ano com o mesmo professor que lecionava em seu clube, o qual o proporcionou uma bolsa de estudo. Neste ambiente, o capital social decorrente do reconhecimento por seus colegas demonstrava seus efeitos em comparações com o posto de professor: “como eu já era

Campeão Brasileiro quando estudava lá era legal, quando tinha aula de xadrez todo mundo falava ‘olha o cara aqui, responde aí professor!’, né? [risos]”.

Uma figura importantíssima para GM 9, dadas as suas condições socioeconômicas e a oferta restrita de capitais culturais por parte de sua família, parece ter sido aquela a quem chama carinhosamente de “padrinho”. Docente universitário e referência em sua área, GM 9 relata não só que ele teria provido o capital econômico que lhe faltava, mas o suporte emocional em momentos de importância em sua carreira, sendo esta considerada uma relação de “pai e filho” para ele. Considerado por seu padrinho uma modalidade de “inteligência e de cultura” na cultura judaica, GM 9 relata que o xadrez era por ele visto como “algo nobre”. Sinais de distinção, assim, de uma referência cuja cultura erudita e as propensões estéticas representaram o acúmulo de um capital cultural, senão por seu padrinho, indisponível em meio familiar:

“Eu preciso falar sobre o meu padrinho. Eu tenho um padrinho que me apoia até hoje e que, na verdade, é a pessoa mais importante da história inteira de toda a minha carreira enxadrística. A gente se conheceu no ambiente do clube, da sinagoga e do próprio xadrez, muito embora ele só acompanhasse e não jogasse. Sempre foi uma pessoa muito presente e ainda é na minha vida, todos os dias eu falo com ele”.

“[...] O meu padrinho é a leitura em pessoa, antigamente ele organizava concertos de música clássica lá no clube, devo ter ido em mais de 10 concertos junto com ele. De certa forma eu até gostava um pouco de música clássica, gostava de ir lá nos concertos com ele e esse tipo de coisa. O fato de viajar bastante me deu algumas oportunidades também como visitar o “Museu do Padre”, o “Museu do Louvre”, o “Museu D’Orsay” dos impressionistas, o “Arco do Triunfo” da minha cidade favorita que é Paris e por aí vai. Procurei visitar tudo o que era possível culturalmente em todos os países que eu fui”.

Durante uma competição universitária jogada nos Estados Unidos, GM 9 fora convidado ou “praticamente recrutado” para jogar pelo time de Susan Polgár, uma das enxadristas de maior representatividade e sucesso no cenário mundial e, hoje, treinadora da equipe de xadrez desta instituição. Em mais uma dessas “oportunidades de ouro” que recebera, GM 9 comenta que a mudança pra lá e a convivência com ela foram simbólicos de momentos em que extraiu tudo o que pôde, demonstrativos da sua devoção pela cultura representada por meio de sua boa vontade cultural (BOURDIEU, 1998b). Neste ambiente, o estreitar de seu capital social se deu com a convivência próxima de outros Grandes Mestres cuja segmentação é tão ou mais valorizada que a

sua. O prolongamento de uma cobrança inicialmente apresentada a GM 9 em sua iniciação, entretanto, parece ter se dado também neste ambiente onde, segundo ele, “os resultados precisam vir porque os jogadores custam caro por estudarem na universidade”. Complementarmente, GM 9 aponta que a sua treinadora “tinha um jeito muito duro de ser”, reproduzindo a crença de que, por ter obtido resultados sob pressão durante toda a vida e ter sido Campeã Mundial, a pressão seria um fator benéfico aos jogadores. Considerando a relação de solitação mútua entre o *habitus* e o campo para a manutenção da *illusio* (BOURDIEU, 1998b), tal lógica fora também apropriada por GM 9 que, ao longo dos discursos, também se refere à pressão como algo que “traz responsabilidades e, por consequência, seriedade às partidas e torneios”.

Consciente sobre as oportunidades que lhe foram proporcionadas ao longo de sua trajetória e que, principalmente a partir delas, a coroação de seus esforços fora possível, GM 9 é enfático sobre como o alcance do título máximo da modalidade e de sonhos que alcançara ao longo de sua vida deveram-se, em grande parte, ao xadrez:

“É por isso que eu falo, eu nunca me estressei muito porque me tornar Grande Mestre acabou sendo uma consequência, as pessoas acreditavam em mim e então eu também começava a acreditar. Eu fazia os pontos mas isso porque eu também tive acesso à informação, né?”.

“Eu lembro que usaram o termo que eu ‘coroei’ o trabalho de todo mundo. O fato de eu ter sido campeão coroeu todo aquele investimento que fizeram em mim, coroeu tudo o que fizeram. Realmente naquele momento eu deixei de ser uma aposta e virei uma realidade”.

“Eu acho que o xadrez foi tudo na minha vida e abriu as portas dela pra mim, se não fosse o xadrez eu não teria o meu curso universitário nos Estados Unidos, por exemplo. Eu me lembro de uma frase que eu disse uma vez quando participei dando aula em um *camp* lá da Susan, ela passou o microfone pras crianças agradecerem o professor e pediu pra que eu discursasse, falasse qualquer coisa lá pras crianças. E aí eu falei pras crianças que eu tava muito orgulhoso delas e disse a seguinte frase ‘na minha vida o xadrez não é só um jogo, por meio dele eu consegui realizar os meus sonhos!’. Eu tirei aquelas palavras do nada, mas foi de fato com o xadrez que eu viajei o mundo, foi com o xadrez que eu conheci culturas, conheci pessoas, conheci lugares, né? Fiz o meu curso universitário nos Estados Unidos, morei anos lá, então várias coisas que são sonhos, né?”.

No que pese as iniciais exortações ao esforço e um *ethos* de ascensão social e de aspiração ao êxito pelo xadrez que configuraram a inicial herança com que GM 9

contara, o processo com que dela se apropriara chama a atenção para o modo com que este, apenas parcialmente, a nega (BOURDIEU, 1998b). A busca por espaços e sujeitos detentores do capital cultural que lhe era escasso no ambiente familiar compôs, para GM 9, alternativa compensatória para o cumprimento de um projeto paterno descompassado entre as expectativas e aquilo que lhe era ofertado. Entendendo que os obstáculos econômicos, por mais importantes que sejam, são insuficientes para explicar a distribuição das práticas (BOURDIEU, 2007), o percurso de GM 9 é demonstrativo desta compensação por meio do investimento em capitais sociais e culturais que, em conjunto, não só se converteram em condições financeiras e “oportunidades de ouro”, mas a um acúmulo que o possibilitou retornar àqueles que o coroaram, enfim, todo o volume de seus investimentos.

#### **4.10. GM 10: o efeito de um contexto de circulação privilegiado do enxadrismo**

GM 10 tem 54 anos, nasceu e atualmente reside no Rio de Janeiro (RJ). Chegou a ingressar em universidades públicas e privadas nos cursos de Economia, Administração e Computação, tendo concluído apenas este último. As etapas anteriores de seu ciclo básico foram cumpridas parte em escola pública, parte em privada. Atualmente é empresário, apresentando uma renda média familiar de R\$: 25.000,00.

Sua família era constituída por seu pai, sua mãe, suas duas irmãs e ele. O pai é engenheiro civil, tendo ele feito o ciclo básico público e o ingresso universitário “em 1º lugar no vestibular de Engenharia” em uma instituição privada. Sua mãe, por sua vez, não ingressou na universidade, realizando o curso que era “preciso para ser o que chamavam de professora normalista”. Tendo o concluído, exerceu a profissão por um tempo e depois ocupou o cargo de funcionária pública em órgãos administrativos do governo, sendo atualmente aposentada. A mais velha de suas irmãs tem Pós-doutorado em Informática, tendo cursado suas etapas anteriores de escolarização em ambos os ensinos públicos e privados como GM 10, assim como sua outra irmã. Esta, embora tenha a formação em Matemática, atualmente é docente universitária na área de Informática. Sua segunda irmã também não completara a universidade, atualmente sendo cuidadora na área de “Educação Especial” nos Estados Unidos.

GM 10 começou a jogar com o pai por volta dos 11 anos de idade, a idade mais avançada entre seus pares, influenciado pelo sucesso de GM 6 em patamares mundiais

e, principalmente, por aquele alcançado por Bobby Fischer, representante americano da disputa travada entre União Soviética e Estados Unidos no campo simbólico enxadrístico em contexto de Guerra Fria (SOUZA, 2010): “nessa época eu me lembro até que saia nos jornais alguns diagramas com pequenas táticas de xadrez”. A impressão de GM 10 é de que o seu pai já sabia jogar há anos, mas que aquela ocasião o fez comprar um tabuleiro e jogo de peças para ensiná-lo, indicando que o contexto áureo de cristalização desta prática pode ter diretamente influenciando na formação de seu *habitus* enxadrístico:

“Se não fosse isso talvez o meu pai não se lembrasse de xadrez, não compraria um jogo de peças pra nós e não teria me ensinado, eu não teria aprendido a jogar. Isso também formou mais enxadristas, o que facilitou com que eu jogasse com jogadores mais fortes e, por consequência, evoluísse. Talvez até tenha tido mais influências, mas essas são as únicas das quais eu me lembro. Foi um *boom*, mas aquilo não me animou ao ponto de eu dizer “poxa, eu quero ser um deles!”. Pelo contrário, né?”.

“Apaixonados” por xadrez, GM 10 não se lembra exatamente sobre quem é que requisitava os momentos de prática, visto que estes eram “algo meio natural de se fazer quando havia algum tempo livre” entre eles. A intenção paterna, segundo ele, era mais lúdica em relação à sua iniciação, sendo que “o que viesse ou não estaria ótimo”. As condutas e o modo de relação com a prática transmitidos por seu pai, entretanto, carregavam certa racionalidade associada às suas inclinações ao estudo:

“Eu me lembro da maneira com que o meu pai me ensinava, como ele era engenheiro então ele era bem cartesiano, tudo pra ele tinha uma lógica. Lembro vivamente de uma partida dessas que eu jogava na praia contra um cara lá que teoricamente deveria ser mais forte do que eu mas que, pelo jeito, era eu quem estava ganhando. Era um final de rei e torre contra rei, o problema era que eu era totalmente amador, tinha acabado de aprender e não conseguia mesmo coordenar as peças pra dar mate, ele sempre escapava. Chegando em casa o meu pai descobriu sem livro algum como é que se ganhava aquele final e ,disse ‘aqui tem que ganhar por isso, isso e isso’, montou lá no tabuleiro e fez um esquema bem de engenheiro, só faltou escrever os métodos ali [risos]”.

“Eu não via, mas eu acredito que ele estudava xadrez pra procurar me orientar melhor porque isso já fazia parte das características dele, com a consciência que tenho hoje eu realmente imagino que ele deve ter lido ou estudado algo sobre xadrez porque estudar já era algo que fazia parte da rotina da vida dele”.

Em “um tempo de muita efervescência” onde a oferta da prática do xadrez estava disponível em meios diversos, a descoberta de uma tenda na praia de Copacabana com a circulação de enxadristas chamou a atenção da família de GM 10 que, à exceção dele e de seu pai, aproveitavam a praia enquanto eles jogavam. Nos limites definidos pelos capitais econômicos e culturais pelos quais a família de GM 10 indicava dispor, o tempo livre (BOURDIEU, 1983) fora fator importante disponibilizado em função da apreciação dos lucros da prática.

A frequência aos clubes de xadrez se constituiu como o passo posterior de GM 10, também estes apresentados pelo seu pai. GM 10 relata que, consideradas as restrições de materiais de estudo daquela época, deu “sorte” porque era no ambiente do clube que “muitos jogadores tinham bons livros”, configurando este um possível espaço em que o capital cultural circulava por meio de redes de socialização. Aos 15 anos, em um destes clubes, GM 10 relata o contato com um Mestre Internacional (MI) “cuja fonte de cultura era muito grande”, apresentando-lhe vários jogadores que “nunca ia imaginar que conheceria” e, mais do que, isso, o proporcionando certa “cultura enxadrística”:

“A gente via muita coisa e o xadrez acabou se tornando muito comum pra mim, uma vez ficamos 8 horas estudando um jogo e conversando sobre a vida dos enxadristas que jogavam aquela partida. Então não era só xadrez, eu acho que tudo isso faz parte da construção de uma bagagem, né?”.

GM 10 se remete ao clube de xadrez como um espaço eclético onde “todo o tipo de gente frequentava”, desde “alcoólatras e fumantes” até “pessoas inteligentes como músicos, advogados, médicos, pilotos de avião”, entre outros. Formavam, para si, “mais do que uma escola de xadrez, mas toda uma escola de vida”, denotando ser este um espaço onde a conversão entre os capitais culturais e sociais dos sujeitos o proporcionava a aprendizagem de outros aspectos além daqueles que já são específicos desta prática. GM 10 relata que gostava muito de estar ali, de “discutir coisas” e de “conversar” naquele que era, para ele, um “verdadeiro núcleo de cultura”, denotando certo interesse estético e intelectual (BOURDIEU, 2007).

Acumulando bons resultados em torneios regionais, estaduais e nacionais na juventude, em vias de ingressar na universidade GM 10 contara com certa resistência de sua família em relação a considerar o xadrez como prática da qual pudesse se ocupar profissionalmente. Semelhante objeção acontecera quando surgiram oportunidades para

que GM 10 passasse uma temporada na Europa para se dedicar ao xadrez, bem como, devido ao seu relativo sucesso também no futebol, para ser jogador desta modalidade em um clube das redondezas. Sendo estas ocasiões em que o seu pai “falou que, se precisasse, iria até usar o poder pátrio”, GM 10 optou por não confrontá-lo, visto que, apesar de todo o drama, “entendia o que eles queriam”. Em outras palavras, não parecia ser o mercado esportivo, para os seus pais, o espaço no qual o investimento da transmissão de suas inclinações intelectuais encontraria meios de lograr para GM 10.

Dedicando-se ao trabalho e aos cursos universitários, o contato de GM 10 com o xadrez só não foi “quase zero” porque, novamente, este dedicava o tempo livre em que esperava “o horário de *rush*” passar por meio da frequência a um clube de xadrez próximo de seu trabalho. Em certa altura, pediu demissão de seu emprego e fora “tirar um ano sabático” para visitar a sua irmã que morava nos Estados Unidos. Obtendo certo sucesso em suas primeiras competições de xadrez disputadas por lá, GM 10 se recorda sobre o reconhecimento com que um famoso jogador que escrevia pra principal revista de xadrez americana a ele se remetia. Além do capital social que conquistava, aponta que sentia um “prazer intelectual” nesta fase vivida, demonstrando um estilo de vida particular cujas marcas das inclinações herdadas (BOURDIEU, 2007) se demonstrava:

“Mas era muito bom, eu estudava, ia nos cafés e ficava jogando *ping* com os outros, então era uma vida gostosa e prazerosa, eu tinha uma espécie de satisfação intelectual por jogar. Uma vez eu saí em uma revista entre os 9 melhores do mundo que jogavam *blitz* porque eu ganhava muitos *pings*, então digamos que agora, inconscientemente, eu tava mostrando que era possível depois de ter parado de jogar um tempo porque o meu pai me proibia”.

O apreço pelo capital simbólico, “poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento” (BOURDIEU, 2004, p. 168), é relatado por GM 10 especialmente em passagens cujo reconhecimento se dava por pares que dotavam, como ele, também de certa distinção no subcampo esportivo enxadrístico: “mas os pequenos momentos de glória que o reconhecimento ou a vitória em alguns torneios me traziam já era algo que me satisfazia”. O capital social acumulado e a sua conversão em redes de relações prestigiosas, assim, versava tanto no nível microssocial de suas amizades como, de maneira mais ampla, na satisfação em ser conhecido por sujeitos que não necessariamente teriam meios de o conhecer:



“Conforme fui jogando eu me lembro que fiquei muito amigo do pessoal de Curitiba não só pelo xadrez, mas porque a gente também jogava tênis de forma amadora umas 2 vezes por semana por lá, isso considerando que eu nem sabia jogar direito. Como eu fazia parte do grupo eu sentia que existia um *esprit de corps* ali [...]”

“Conquista pra mim é ser reconhecido por pessoas de fora do xadrez que não teriam necessidade de me conhecer ou mesmo de me reconhecer”.

Também ensinadas por seu pai, a sua mãe e irmãs sabiam jogar mas, ao contrário de GM 10, estas não se interessaram por terem “outras características”, “interesses” e “preocupações” em relação aos homens: “eu me lembro que não era estimulante jogar com elas porque eram todas mais fracas do que eu, além do que eu tava acostumado a jogar com o meu pai, né?”. A estrutura histórica de dominação masculina por meio de representações desiguais entre as participações masculina e feminina (BOURDIEU, 2014a) ao longo de suas memórias em relação ao xadrez, assim, parece também em sua família se reproduzir. No que se refere às condições socioeconômicas de origem entre os seus pais, adicionalmente, é possível perceber que as expectativas de ambos em relação à sua participação no xadrez, considerando a maneira desigual com que foram socializados, também difere:

“A minha mãe via o xadrez como o meu pai via, mas ele veio de uma família que era razoavelmente bem de vida enquanto que a minha mãe não, ela veio de uma família em que começou a trabalhar muito cedo, com 15 anos ela já dava aula em escolas. A minha avó é portuguesa, ela migrou e logo depois que o meu avô morreu a minha mãe nasceu, então desde o começo elas tiveram uma vida dura. Quando a minha mãe viu que eu tava indo pro xadrez ela estabeleceu uma relação que eu não diria que era de ódio, mas de disputa pra que eu tirasse o xadrez da cabeça. A minha avó, por exemplo, é uma aldeã portuguesa que vive em uma aldeia lá na Serra da Estrela. Naquilo lá não existe xadrez, como é que vai existir xadrez ali? Quando eu tava estudando xadrez ela dizia que eu ficava no ‘toc, toc’ porque as peças eram de madeira, aí elas batiam no tabuleiro fazendo esse barulho.”

GM 10 oscila entre as representações daquilo que compreende por “talento”, ora partindo da sua posição enquanto presidente da confederação que rege a modalidade no território brasileiro, ora considerando a visão de sua própria trajetória enquanto jogador:

“No xadrez você pode atingir patamares relativamente altos com algum estudo e esforço, e diga-se de passagem que assim é até mais meritório do que a forma como aqueles que não têm o mesmo esforço

obtêm as mesmas conquistas. Faço questão de enfatizar isso porque eu acho que as pessoas têm uma visão equivocada sobre isso, elas relacionam aqueles que têm talento como sendo os mesmos que têm o maior mérito mas, na verdade, é o contrário. Tem mais mérito justamente quem não tem talento e mesmo assim chega ao topo, e isso justamente porque estes só têm o esforço como meio pra chegar até lá. Isso é claro, né? Não ter talento pra algo e conseguir o topo disso é muito mais meritório do que ter talento e atingir esse mesmo patamar”.

“O xadrez pra mim nada mais foi do que uma herança do meu pai, o que eu fiz foi dar continuidade a ela e ir bem nos clubes mais tarde. Eu fazia aquilo com certo prazer mas principalmente porque era alguma coisa com a qual eu tinha muita facilidade, parecia até que eu já tava encaminhado pra isso”.

Entendendo que as perspectivas dos sujeitos recebem influência da posição que ocupam em dado espaço (BOURDIEU, 2004), o tom de apelo ao esforço individual como meio de consagração no espaço enxadrístico, como demonstrado no primeiro trecho acima, oculta a relevância entre o encontro de condições de oferta privilegiadas de oportunidades – tão presentes em sua trajetória – e o cultivo de disposições, em seu caso herdadas, para o alcance do alto rendimento na modalidade. Como denuncia a sua segunda fala, seria preciso lembrar, neste sentido, que os sujeitos parecem partir de pontos desiguais quando se considera a obtenção deste mesmo fim. Afinal, utilizando as suas próprias palavras, é preciso não se perder de vista que, para alguns, o xadrez já é prática pela qual se encontram “encaminhados”.

#### **4.11. GM 11: a conversão das contradições paternas em uma vanguarda cultural**

GM 11 tem 37 anos, nasceu e atualmente reside em São Luís (MA). Coursou todas as etapas de escolarização no ensino privado, tendo iniciado o curso universitário em Direito, mas não o completado. Declara-se empresário cujo negócio relaciona-se ao xadrez, tendo uma média de renda familiar de R\$: 25.000,00.

Sua família era constituída por seu pai, mãe e dois irmãos, GM 11 relatando que eles moravam “numa casa em um bairro tranquilo, sendo esta uma família de classe média”. No que pese tal condição socioeconômica, GM 11 relata, entretanto, que “estudava em uma escola particular que, na época, era uma das melhores de São Luís”. Seu pai era engenheiro civil, tendo todas as suas etapas anteriores sido cursadas no

mesmo colégio privado que GM 11 frequentara. Sua mãe, administradora, também ingressou na universidade e, assim como todos os membros de sua família, cursou as etapas do ciclo básico em ensino privado. Seu irmão mais velho é formado em Ciências da Computação e o irmão mais novo em Comunicação Social, tendo este uma especialização na área de Rádio e Televisão.

GM 11 começou a jogar xadrez em casa aos 6 anos de idade por meio do pai, concomitantemente à frequência da “escolinha” de xadrez de seu colégio, a qual era composta por aulas extracurriculares. Relata ter praticado também com seus irmãos, “basicamente só com o mais velho nesta época”. GM 11 aponta que, desde cedo, o pai acreditava que ele “pudesse ganhar mesmo os torneios, se desenvolver, jogar melhor e até ser um Campeão Mundial ou um dos melhores do mundo”, expectativa que o auxiliava porque via que, às vezes, as esperanças paternas eram até maiores do que as suas. Tais descompassos entre aquilo que fora projetado para ele e o modo como este se apropriara (BOURDIEU, 1998b), entretanto, foram compensados por resultados expressivos e, dele decorrentes, também pelo alcance de tais projeções por GM 11. Por possuírem os capitais interpretativos (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998) necessários para entenderem o jogo e o acompanharem de perto, seus irmãos o apoiavam porque também competiam e, por isto, “sabiam a sensação”. Sua mãe, neste sentido, era a única que “não entendia muito bem do jogo e não sabia exatamente o que se passava”, valorizando muito mais as iniciais participações de GM 11 nos torneios em detrimento de seus resultados.

Notando que GM 11 estava interessado no jogo, o seu pai cada vez mais o ensinou, acompanhando-o por competições nos grandes centros do sul e sudeste do país onde a prática se disseminava, sendo grande a dificuldade em residir em uma região distante destes grandes polos. Após a repercussão do seu relativo sucesso em competições nacionais cuja faixa etária se dava acima da sua, GM 11 continuava a receber reforços familiares por meio do apoio de seus pais e irmãos, condição pela qual, dentre outras, as poucas o xadrez se tornava para ele algo “natural”:

“Hoje em dia ele já faz parte da minha vida e sinceramente eu não sei como ele surgiu, o meu pai me ensinou tão cedo que eu não sei dizer se no começo eu realmente gostava ou se eu queria mais era agradar o meu pai, ganhar dos meus irmãos ou jogar melhor do que os outros. A verdade é que com o passar do tempo ele acabou se tornando algo natural pra mim”.

Embora as condições para “ser um jogador forte naquela época fossem muito, muito, mas muito difíceis” pela inexistência da prática *online* e de fontes de informação de xadrez, dentre outros fatores por GM 11 elencados, as revistas, livros e materiais consagrados para o estudo encontravam-se, para ele, disponíveis no ambiente caseiro. As aquisições de seu pai denotavam, neste sentido, não só certo capital financeiro, mas principalmente cultural ao expressar certo conhecimento sobre quais informações mais adequadamente ajudariam GM 11 a se desenvolver no xadrez:

“O meu pai assinava a *British Chess Magazine*, comprava boletins de torneios pra que eu me preparasse e mais um monte de material que ele mandava vir da Europa. Enfim, então era muito mais difícil, né? Os livros tinham um peso de ouro nessa época, os livros bons então! Mas felizmente o meu pai era muito inteligente e sabia exatamente as coisas que iriam me interessar, então ele sempre adquiriu os melhores materiais possíveis. Com 11 ou 12 anos eu já treinava com os livros do Mark Dvoretsky<sup>43</sup> que foi aclamado o melhor treinador do mundo alguns anos depois, então nós realmente tínhamos acesso aos materiais de alto nível”.

Apesar de distante geograficamente e das dificuldades associadas à escassez de torneios e de parceiros de jogo impostas por na época residir na capital maranhense, os pais de GM 11 possuíam uma academia de xadrez cuja visita era recorrente por outros Grandes Mestres brasileiros como GM 7, por exemplo. Neste sentido, é preciso lembrar que, mesmo afastados no espaço geográfico, os encontros possíveis pela proximidade no espaço social podem levar os sujeitos, mesmo que intermitentemente, a se encontrarem (BOURDIEU, 2004). Neste mesmo sentido, o acesso a um treinador paulista de renome para suas preparações competitivas é mais um indicador de que, pelo menos em seu início, as maiores distâncias enfrentadas por GM 11 eram apenas simbólicas. Antes e após o ganho do Campeonato Mundial em 1991, GM 11 também contara com um patrocínio de uma empresa paulista que subsidiava as suas despesas nas competições: “digamos que por sorte eu fui Campeão Mundial lá e aí nós renovamos o contrato, tive o patrocínio deles por quase 10 anos”.

Participando da lógica de formação do *habitus* no subcampo enxadrístico primeiramente por sua herança e, em um segundo momento, pelo reforço de seus

---

<sup>43</sup> Dentre as oportunidades que o xadrez o proporcionara, segundo as suas próprias palavras, passar uma temporada na Rússia com o autor dos livros em que iniciara os seus estudos, um dos mais renomados treinadores de xadrez mundiais, fora pra GM 11 uma experiência ímpar de se “enriquecer culturalmente” quando mais velho.

patrocínios, GM 11 mudou-se para São Paulo e, subsidiado financeiramente, relata que “o melhor de tudo foi que eles bancaram o treinamento que teve nessa época com o GM 3”. A maneira de se relacionar com a prática nestes treinos vivenciada, também aqui, é aquela mesma vivenciada pela maioria dos Grandes Mestres brasileiros, isto é, por meio da indelével tentativa de absorver o *habitus* dominante no campo a partir de um jogador de nível técnico mais elevado. GM 11 também que esclarece que, para tal, importantíssimo fora a base clássica formal conquistada a partir dos livros que o pai havia o passado, bem como o conhecimento da “maioria dos campeões mundiais por meio deles”:

“Ele ficava lá uns dias e a gente ficava estudando xadrez, digamos que esse foi o melhor tipo de aprendizado possível que eu tive porque ele não me passava nada formalmente ou dizia coisas como “vamos estudar isso aqui”, a gente simplesmente estudava algumas posições, analisávamos juntos e eu tentava absorver o modo com que ele analisava. Pra quem tem a chance eu sinceramente acho que essa é a melhor forma de se aprender xadrez, você não precisa...”.

Central em sua iniciação, GM 11 cogita que o seu pai tenha tido os seus primeiros contatos com o xadrez a partir do dono do colégio em que estudara ou, em alternativa, a partir de um padre holandês que por lá residia e estudava seus jogos em grupo. GM 11 traz que as ideias de seu pai sempre foram “muito alternativas para a época”, compondo uma “vanguarda cultural” expressa por gostos como o xadrez e a música, mais especificamente pela prática erudita do violão. No entanto, tais disposições paternas pareciam estar em conflito com aquelas preconizadas por seu avô, “alguém que veio do interior e que passou por algumas dificuldades até conseguir um bom emprego”. Tal contradição é evidenciada pelo trecho a seguir:

“O meu pai uma vez veio com uma ideia de ser vegetariano e o meu avô falou pra ele que lá na casa deles não ia ter nada de comida especial, ele ia comer o que tinha na mesa. Uma época o meu pai teve a ideia de ser músico também, ele tocava violão e então queria tocar música clássica, mas é óbvio que o meu avô também não aprovou a ideia. Então digamos que ele teve as ‘asas cortadas’ pra algumas coisas culturais que ele queria ter feito, mas a impressão que me dá é que o meu pai fez questão de passar tudo isso ao contrário pros filhos, né?”.

Em que pese a restrição imposta pelo avô, GM 11 relata que a sua impressão é que o seu pai fez questão de “passar tudo isso ao contrário pros filhos”. Um exemplo

disso é que, quando mais novo, o pai de GM 11 tinha a ideia de que ele pudesse parar de se dedicar à escola normal para se “dedicar só aos estudos de xadrez”, ficando ele responsável por ensiná-lo aquilo de que precisava saber. Sobre a influência da vanguarda de seu pai, GM 11 cita a importância da sua avó, professora, e de como ela gostava de “transmitir e dar muita ênfase à cultura”. GM 11 relata que era a ela que recorria para estudar após as viagens para torneios, visto que ela tinha lá seus “cadernos” que o ajudavam. Sobre a transmissão de tais capitais, comenta:

“Bom, o meu pai tentou nos ensinar música quando éramos mais novos, mas os meus irmãos e eu não nos interessamos muito, basicamente pra gente era mais o xadrez mesmo e a leitura também”.

“Além do xadrez a gente também lia bastante e a minha vó, por exemplo, tinha a coleção completa do Monteiro Lobato na casa dela, então o meu pai também já gostava de ler e isso acabou sendo muito importante pra nós”.

Para além, cita o capital social de seu pai por meio dos colegas que, segundo GM 11, eram “todos inteligentes também, todos eles sendo pessoas que hoje se deram muito bem em tudo o que fazem”:

“Ele já era cercado por uma turma de pessoas da mesma idade que formavam esse ambiente cultural, um exemplo disso é que todos eles não só passaram em primeiro lugar no vestibular daqui como isso aconteceu no curso mais concorrido da época que era o de Engenharia Civil. Muitos deles também jogavam xadrez e gostavam de música, então ele tava sempre rodeado dessa turma e com certeza acabou me passando essa herança”.

No que toca à relação com o xadrez enquanto prática cultural transmitida pelo seu pai e do conhecimento deste sobre os métodos russos que à época enfatizavam os “exercícios de cálculo”, seus treinamentos eram pautados por certa racionalidade. GM 11, no entanto, relata por vezes “fugir” destes treinos pela falta de vontade em aquilo fazer. Quando a fuga não lhe era possível, a origem dos desencontros em seus treinamentos parece, também, ter sido pautada em certo conflito no processo de superação do pai (BOURDIEU, 1998b):

“O meu pai era muito severo especialmente nessa parte de treinamento, a gente teve muitos conflitos em que às vezes eu discordava das coisas de jogo que ele falava pra mim. Aos 10 ou 11 anos, por exemplo, eu já era muito mais forte do que ele e às vezes não queria jogar as aberturas que ele me recomendava contra alguém, mas eu tinha pouca idade”.

GM 11 relata uma experiência de intercâmbio realizada durante 1 mês em Cuba, país cuja identificação seu pai tivera e onde o “sistema e acesso a bons treinadores” sempre fez com que o xadrez fosse muito importante por lá, mais especificamente no “*Instituto Superior Latinoamericano de Ajedrez (ISLA)* que é o principal centro de xadrez deles”. GM 11 gostava mais de “competir e de jogar porque era muito melhor do que os outros”, quase sempre vencendo-os. O reconhecimento entre os seus pares era algo que parece ter tido certa importância em relação à sua motivação para a prática: “então de certa maneira isso era atrativo porque rapidamente eu virei a ‘estrelinha’ nesse grupo de meninos, digamos que eles jogavam e eu era o jogador a ser batido”.

“Então essa herança cultural enxadrística que é específica do jogo felizmente eu tive, isso graças a esses estudos, ao acesso às partidas dos campeões mundiais, aos métodos de treinamento russos, a ficar 1 mês em Cuba com 13 anos e já saber como eles pensavam o xadrez... Enfim, tudo isso me ajudou nessa que era uma época em que eu estava me formando enquanto pessoa”.

Na escola tinha uma bolsa de estudos pelo desempenho nos jogos escolares, ajudando na divulgação do colégio e a ganhar os títulos desses jogos. Relata que tinha certa facilidade de não frequentar muito as aulas porque os professores sempre o entendiam, bem como os seus colegas. Quando alcançava bons resultados, GM 11, ao contrário dos demais, não gostava da recepção especial que o seu colégio fazia pra ele por ser tímido: “algumas pessoas também não se aproximavam muito de mim, me viam como uma coisa diferente”. Entre as demais atividades, para além do xadrez e da escola, estavam o futebol e o *videogame*, mais tarde interessando-se pelo cinema e pela leitura.

Enquanto que para uns a aprendizagem da cultura de elite é uma conquista (BOURDIEU; PASSERON, 2014), para GM 11 o xadrez fora uma herança compreendida entre as facilidades e as tentações da facilidade de sua transmissão. Neste sentido, é consciente sobre os privilégios que o seu acúmulo o trouxera:

“Me ajudou bastante o fato de ter aprendido xadrez em casa e do meu pai ter me ensinado cedo, além disso eu tinha bons livros pra estudar como vários desses que eu tenho hoje aqui na estante, a maioria deles é da época do meu pai. Se ele tivesse me ensinado 2 ou 3 anos depois eu acho que já não haveria nenhuma hipótese de eu ser um jogador de xadrez, se eu tivesse contato com o jogo só no ambiente escolar também não haveria chance nenhuma. Foi uma série de coincidências que me propiciaram isso, do contrário seria impossível. Naquela época não havia como se desenvolver só aprendendo xadrez na escola ou pelo menos não aqui, talvez isso fosse possível em São Paulo. É impossível atingir o alto rendimento tendo só contato com o xadrez na escola se não houver pelo menos alguém que brinque disso com você em casa ou alguma coisa desse tipo. Afinal, é preciso um amor extraordinário pelo xadrez pra que você pegue um livro e fique estudando isso sozinho aos 7 anos de idade, né?”.

“Eu tenho certeza absoluta que o fato de se ter um bom nível cultural é importante pra você ter mais facilidade em jogar bem xadrez, é preciso conhecer e gostar de coisas relacionadas a ele que vão além do tabuleiro”.

Compreendendo a distribuição das práticas esportivas entre a homologia dos espaços das práticas possíveis ofertadas e das disposições dos sujeitos para que elas sejam praticadas (BOURDIEU, 2004), é pertinente se considerar que, embora para GM 11 ambas as condições de oferta e de demanda estiveram garantidas, tal encontro parece ser característico de contextos enxadrísticos bastante privilegiados de relação com a modalidade. Embora esta seja a realidade vivenciada por todos os sujeitos dos quais este estudo tratou, em graus mais ou menos variados em relação às suas facilidades, é prudente não se perder de vista que trata-se, esta, de uma pequena elite: nem sempre financeira mas, sobretudo, detentora de prestigiosos capitais sociais e culturais.

#### **4.12. GM 12: a precocidade em sua relação com o capital cultural e econômico**

GM 12 tem 38 anos, nasceu em Porto Alegre (RS) e atualmente reside em São Paulo (SP). Coursou todas as etapas de escolarização no ensino privado, tendo ingressado na faculdade de Direito. É advogado por profissão, no entanto trabalhando atualmente como “*trader* na mesa de operações da corretora do Itaú”, por isto recebendo uma renda familiar média compartilhada com sua esposa de algo “entre R\$: 30.000,00 e 40.000,00”.

À época de sua iniciação no xadrez a sua família era composta pelo seu pai, sua mãe e seu irmão mais novo. Sua mãe cursou o ciclo básico público até o Ensino médio,



chegando a ingressar mas não a concluir a faculdade privada. Hoje ela é aposentada, porém na época era do lar. A categoria socioprofissional da mãe é indicativa do sentido de ascensão e declínio, ambos, vivenciados por seus pais: “na verdade ela trabalhou por um tempo como secretária executiva, quando o meu pai teve uma ascensão na carreira dele, mais tarde, ela se tornou do lar. Depois que os meus pais se separaram ela passou a fazer alguns trabalhos como costureira”. Seu pai possui Pós-graduação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), no nível de Mestrado, anteriormente tendo estudado em escolas privadas e sendo, hoje, administrador. Seu irmão mais novo fez todo o ciclo básico privado até ingressar no curso de Engenharia na Alemanha, GM 12 acreditando ter sido em uma instituição pública pois aquele só tinha “o custeio da manutenção de lá, não do curso”.

GM 12 conheceu o xadrez por meio do seu pai, em casa, com a idade mais tenra dentre os seus pares: “com 2 ou 3 anos ele já me ensinava a montar o tabuleiro e talvez com 3 ou 4 anos eu tenha começado de fato a aprender o movimento das peças”. Relata ter sido o seu pai um “aficionado” por xadrez cuja prática se dera mais entre amigos “na época de faculdade, não mais do que isso”. Era com ele que GM 12 praticava sem tanta recorrência até seus 8 anos: “eu não consigo me lembrar de detalhes, mas mesmo assim eu me recordo de alguns *flashes* como um ou outro dia a noite que a gente sentava no chão da sala pra ver uma partida que saía no jornal ou alguma coisa desse tipo”.

Nesta mesma idade, GM 12 relata ter começado aulas sistematizadas de xadrez, “assim como várias outras atividades esportivas e musicais” que fazia, tais quais o piano<sup>44</sup>, a ginástica olímpica, o futebol e a natação. Estas se davam em um clube privado paulista que tinha um “departamento de xadrez com sócios bastante ativos e que gostavam muito da prática”, o que lhes rendia certa estrutura e incentivo. Foi neste ambiente que, a partir das primeiras viagens com a delegação do clube para os torneios estaduais, GM 12 teve sua “primeira experiência de ter saído sozinho de casa, além de terem ido vários amigos e de ter sido muito divertido”, denotando o cultivo de seus primeiros capitais sociais ali. Assim como GM 5, também GM 12 – e todos os seus pares, embora conscientes em diferentes graus sobre isso – poderia ser considerado um

---

<sup>44</sup> À semelhança da autora deste trabalho, assim que entrou em contato com o xadrez, GM 12 cessou as aulas de piano. No entanto, para ele, tal instrumento era demonstrativo do estado objetivado do capital cultural acumulado pela sua família, uma vez que o seu uso se assemelhava, “no fim das contas,” à “uma peça decorativa”, como comenta. Já sobre o que se refere ao xadrez, ao exemplo da estante de livros da modalidade presente em sua atual residência, GM 12 demonstra o tempo e o esforço demandados pela incorporação deste mesmo capital: “por exemplo, só nessa estante eu já doeie ou já joguei fora umas 3 vezes o tamanho dela do que tá aí de livro, então eu estudei muito”.

“peixe dentro d’água”. Neste início em um ambiente diferente do lar, GM 12 relata a importância da prática anterior caseira para a sua consagração no espaço do clube e da presença do pai enquanto figura que demonstrava interesse e dedicação em suas aulas iniciais neste espaço, versando estas entre a frequência de “1 ou 2 vezes por semana”:

“Por já jogar às vezes com o meu pai e já saber um pouquinho eu me identifiquei muito com o xadrez, eu era tão interessado que me dedicava relativamente bastante ainda sem a necessidade de ter aulas, então aprendi e cresci muito rápido no jogo. Eu gostava do ambiente e me sentia muito à vontade com as outras pessoas e com as aulas, elas poderiam ser com os adultos ou em grupos e eu gostava bastante. Acho que isso me incentivou principalmente nos primeiros meses, além do fato de que o meu pai também participava um pouquinho delas”.

“Às vezes eu fazia as minhas lições e estudava lá mesmo na sala do xadrez que era grande e tinha várias mesas, enquanto isso eu ficava sempre olhando e ouvindo o que o pessoal fazia. Muitas vezes não era nem a minha aula mas o professor vinha e me falava ‘olha aquela partida ali!’ ou ‘olha esse livro!’, então eu sempre tinha algum material pra estudar. Olhando de longe, hoje, eu acho que um dos grandes elementos desse começo foi o meu interesse pelo xadrez, eu realmente gostava e queria me desenvolver, tava curioso e então tudo o que aparecia eu ia pegando”.

“A minha carreira foi muito sobre isso de estar confortável com o ambiente, com os amigos que eu fazia e gostar daquilo, então eu meio que ficava muito à vontade em tudo que se relacionava ao xadrez. Além de ter muita curiosidade e vontade de aprender eu era bem competitivo, é óbvio que os bons resultados também te desafiam a querer ganhar novamente no próximo ano e, nesse sentido, ter largado na frente foi um grande empurrão que eu tive”.

Também guiado por seu pai e por indicação dos professores do clube que os alertaram que aquele era um lugar no qual “valia a pena conhecer”, GM 12 frequentou o “Clube de Xadrez São Paulo”, segundo ele “uma das experiências mais importantes” nos seus seis primeiros meses de contato com a modalidade”, onde vira “aquilo tudo, aquele monte de gente”. Isto é, momento em que se familiarizou com o modo de funcionamento e com os agentes deste subcampo que, antes, eram para ele mais restritos. Sobre esta experiência, também a dianteira dos passos de seu pai o guiou para que, em atitude resiliente, pudesse frequentar o ambiente em aquele já conhecia:

“A ida ao clube de xadrez de São Paulo foi uma das experiências mais importantes que eu tive nesses meus primeiros 6 meses, em um fim de tarde o meu pai me levou pra conhecer lá e aí eu vi aquilo tudo, aquele

monte de gente, né? Nesse clube tinha um torneio relâmpago aos sábados pros adultos, aí uma vez o meu pai foi jogar e me falou “não, você não vai!”, aí eu fiquei meio bravo em casa mas peguei um livrinho de combinações e fiquei matando os exercícios porque eu queria ir jogar também”.

Acumulando a frequência aos clubes e às aulas particulares de xadrez contratadas por seu pai, a motivação que o relativo sucesso de seus primeiros torneios disputados em categorias cuja faixa etária era superior à sua o trouxera era alta. Para além, ressalta a alta frequência de competições das quais participava e o fato de que já gostava da prática: “basicamente eu ganhava os Campeonatos Paulistas Sub-10 e Sub-12 e ia me classificando pro Campeonato Brasileiro, no meu primeiro ano dele eu acabei ganhando mesmo e fiquei muito feliz por conseguir ir pro Mundial”. Nesta ocasião, dá especial ênfase à bagagem cultural e de amadurecimento proporcionados, distintivamente, pelas peregrinações culturais compostas pelas viagens enxadrísticas:

“E aí, puxa! O Mundial foi uma experiência muito marcante pela viagem, pela turma que tava lá, pela minha independência, por me virar... Eu ia no *Burger King* – na época aqui só tinha *Mc Donald's* – e pedia ‘*one cheeseburger, please!*’ já achando que tava arrasando no inglês [risos]. Depois tinha também o receio da primeira partida, eu não queria fazer feio e tava bem temeroso antes de sentar na mesa”.

“Desde pequeno eu já falava vários idiomas, com o xadrez e com a prática nos torneios eu aprendi o espanhol, o inglês, o russo, já falava o alemão da escola e aprendi o sueco no ano em que fiquei por lá”.

Pelo relativo sucesso, GM 12 também conquistava um capital social que lhe agradava, reconhecimento expresso nas situações de competição, na escola e na empresa em que o patrocinava. Com os resultados cada vez mais expressivos obtidos ao longo do tempo, a visibilidade se estendia “em tudo, até mesmo na mídia”:

“Eu dava entrevistas pra jornais, revistas, enfim. Eu não era um *pop star* mas tinha uma agenda com bastante coisa, as minhas fotos e conquistas saíam nesses jornais de grande circulação como o Estadão, a Folha de São Paulo, o Diário Popular, entre outros. Vira e mexe algumas revistas como a Superinteressante ou a própria televisão vinham me entrevistar e, embora eu achasse legal cumprir essa agenda toda recheada, confesso que eu também não via a dimensão que aquilo tinha”.

“A cada 5 finais de semana eu acredito que jogava em praticamente 3 deles, foram muitos torneios e muitas partidas. O lado positivo disso

era que, obviamente, todo mundo acabava me conhecendo, então eu achava aquilo ali muito bacana”.

“E era algo legal porque eu ia na fábrica e os diretores – eu nem sabia quem eram, mas eu acho que eram eles – me cumprimentavam e falavam “olha, então é você, que legal!”, né? Eu lembro que eu saía de lá com um monte de caixa de chiclete e aí distribuía na escola pra todo mundo, assim eu era popular e às vezes tinha um monte de amigos [risos].

“Sempre fui uma certa referência aqui no Brasil e na América do Sul por ter um *networking* muito bom dentro do xadrez”.

Não relata quaisquer cobranças por parte de seus pais, dando ênfase à certa autonomia com que tratava a prática e suas decisões pela sua estrutura privilegiada: “o xadrez era algo muito meu e era eu quem decidia se queria ir viajar e essas coisas, é claro que isso também era assim porque eu tinha como ir e tinha certa estrutura”. No entanto, ressalta a importância do patrocínio que tivera de uma empresa para ajudar os pais a custear os treinamentos e as viagens, além de enxergar tal subsídio como uma certa “recompensa” por aquilo que fazia. Em época de crise financeira no país, GM 12 se recorda que a situação financeira de sua família piorou, além de coincidir com a separação de seus pais. Mesmo assim, comenta que isso não importou tanto pra ele à época, mas que hoje sabe que “é preciso algum investimento para o suporte e para o *staff* do jogador”, uma vez que atualmente é pai de dois filhos cujo envolvimento com o xadrez já se dera de forma mais competitiva. Traduz, assim, uma situação financeira que, mesmo em crise econômica e familiar, sempre lhe fora muito confortável:

“Nunca me faltou nada, e isso tanto em termos de educação como de condições pra seguir a minha carreira no xadrez como, por exemplo, treinadores, torneios adequados pra jogar, professores e tudo. Em relação ao xadrez eu acabava sendo muito independente em tudo, raramente os meus pais iam ou precisavam me acompanhar nos torneios, praticamente eu sempre ia pra tudo sozinho. Às vezes eles iam me acompanhar porque queriam me ver jogar, mas na maioria das vezes – e também porque eu tinha uma agenda muito frequente – eu acabava indo com uma equipe formada pelos meus treinadores e amigos”.

GM 12 estudava em uma “escola alemã tida como excelente, mas também como muito tradicional, muito rígida”. A partir do diagnóstico de oferta de maiores desafios feito por psicólogos sobre o seu comportamento em sala de aula, avançou um ano letivo, chegando a cursar concomitantemente a 5ª e a 6ª série do Ensino Fundamental.

Segundo GM 12, no entanto, a agenda lotada pelos compromissos escolares e esportivos, incluso o xadrez, não fora algo que atrapalhara o seu desempenho. Na escola, embora o xadrez não existisse, GM 12 era reconhecido e compreendido por seus pares e professores no que dizia respeito à agenda lotada de compromissos desde muito cedo, possuindo certas vantagens no mercado escolar:

“Obviamente o colégio que eu estudava não precisava fazer propaganda do meu desempenho no xadrez, mas eles admiravam e enalteciam quando podiam organizando alguma exibição que me valorizava enquanto aluno. Todos os meus professores sabiam de como eu ia bem no xadrez e a maioria deles sempre me parabenizava ou me ajudava no sentido de entender que eu viajava bastante porque tinha uma agenda cheia de compromissos”.

GM 12 é consciente sobre a oferta de oportunidades de prática e relação com o xadrez com que contara, além de uma base que, ao longo do exposto, configura-se como uma das mais privilegiadas heranças culturais transmitidas entre os seus pares:

“O que me foi ofertado foi o alicerce, a base, a entrada... Afinal, você precisa entrar em um meio pra depois poder crescer dentro dele, né? E isso em qualquer coisa, você precisa ter primeiro a oportunidade de entrada e, preferencialmente, esta ser uma entrada que tenha uma primeira impressão positiva. Pra mim essa primeira impressão foi positiva porque eu achei tudo muito legal: gostei do treino, gostei da aula, gostava das partidas de brincadeira, gostava dos torneios internos e externos”.

“O talento me ajudou muito principalmente no começo, mas era um talento combinado com o prazer e essa eu acho que é uma combinação bem explosiva, né? Afinal, o talento atrelado ao prazer desagua no interesse que, por sua vez, é necessário para o esforço e para a vontade de querer mais e mais em alguma coisa que você faça. Se você não tem essa vontade... Precisa ter vontade, né? Isso é uma coisa bem simples de se dizer mas que às vezes é mais difícil de ser colocada em prática”.

Os mais bem dissimulados direitos de entrada e de manutenção pelos quais contam as práticas esportivas consideradas distintivas no subcampo esportivo estiveram, para GM 12, desde tenra idade garantidos. Sejam eles a tradição familiar, a aprendizagem precoce, as formas de sociabilidade ou as atitudes – em ambos os sentidos de conduta digna e de maneiras corretas – (BOURDIEU, 2007), fato é que a herança cultural de GM 12 compõe uma das mais consolidadas entre os seus pares. Um legítimo, portanto, exemplo de “herdeiro herdado pela herança” (BOURDIEU, 1998b).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida do grupo de participantes representativos da grande maestria brasileira, consideradas em sínteses que procuraram reunir elementos que possam auxiliar na compreensão do modo como as disposições relacionadas ao xadrez foram, para e por eles, transmitidas e apropriadas, demonstraram que os caminhos percorridos para a construção de suas heranças – ou, em sua ausência – foram, corroborando Bourdieu (2003, p. 71), demonstrativos do que pode significar um grupo constituído da “diversidade em sua homogeneidade”. Com isto queremos dizer que, embora seja este um grupo representativo de uma elite no subcampo esportivo do xadrez, mesmo ele reflete condições sociais de produção e de interiorização do *habitus* de seus sujeitos advindas de distintas experiências individuais com seus meios sociais. “Não sendo a história do indivíduo mais que uma especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe” (BOURDIEU, 2003, p. 72), foi na especificação dos sistemas de disposições individuais – ou na variância de um *habitus* considerado em sua unidade de grupo – que as particularidades e generalizações que os segmentam e expressam seus diferentes trajetos e posições no grupo ocupadas foram possíveis de serem apreendidas.

Desta forma, procuramos considerar a perspectiva dos próprios sujeitos quanto à construção de suas disposições, suas origens, formas de transmissão e de interiorização, bem como em seus sentimentos. Isto não implica dizer, no entanto, que a natureza de suas relações afetivas encontra suas raízes única e exclusivamente em relação direta com determinada origem social. Em que pese ter sido possível identificar determinadas particularidades entre aqueles sujeitos cuja origem da herança fora familiar, tais quais a maior familiaridade com as vivências relacionadas ao xadrez como prolongamento de um sólido reforço realizado pela instância da família, foi possível identificar também que, mesmo entre estes, os efeitos da herança distinguiram-se mais ou menos no pesar das condições socioeconômicas e relações afetivas familiares. Assim, não é possível dizer que, mesmo entre os herdeiros, a herança é sempre una, advém sempre de uma influência unificante de seu transmissor ou, mesmo, age de modo unívoco sobre aquele que a herda. Por seu turno, as heranças culturais aqui manifestadas foram representativas de bagagens socialmente conduzidas de acordo com as condições sociais

vivenciadas pela família, pelos modos com que as mediações de sua transmissão se deram e, principalmente, pelo sentido com que cada um dos indivíduos a incorporou. Deste modo, é possível dizer que as características de identidade social deste grupo foram, por este estudo, tratadas nas particularidades do *habitus* de seus sujeitos enquanto construtores de experiências biográficas dialéticas entre aquilo que cada um dos Grandes Mestres fez daquilo que a herança – ou sua ausência – fez deles.

Dentre esta rede de configurações ambientais, estruturas familiares e relações sociais, pôde-se verificar, ademais, que o sentido atribuído à precocidade ou ao envelhecimento do início de cada um dos trajetos precisa ser colocado em contexto com o modo como o sujeito o percebe. Da mesma forma, constatou-se que apesar da herança familiar constituir-se como um importante fator para o modo com que pode se dar a relação dos seus herdeiros com o xadrez enquanto prática esportiva sociocultural, há de se considerar que outras instâncias socializadoras tais quais o clube e, complementarmente, a escola – não com equivalente rigor, visto que aquela ofertou o ponto de partida para que os esquemas de ação e percepção já reforçados agissem nestes espaços – foram também capazes de participar na construção de prolongamentos ou rupturas relacionados aos *habitus* primários dos praticantes. Verificou-se, ainda, que apesar do acúmulo de capitais principalmente culturais e sociais ter sido fator preponderante em suas bagagens, estes precisam ser entendidos na relação de homologia entre o peso das apropriações com que deles foram possíveis fazer os sujeitos, visto que, no desequilíbrio ou reforço entre eles, cada um pôde ser compensado ou mesmo potencializado sempre em relação à presença do outro. Em condições cujo grau de capital cultural encontrou-se semelhante, ainda, parece ter sido o capital social um importante potencializador sendo, ao contrário, o menor grau de capital econômico um fator causador de dilacerações e contradições destas heranças. Percebeu-se que a intensificação da prática esportiva se deu, não só pelo peso de cada um dos capitais mencionados, mas pela reunião do tempo livre e, principalmente, oferta de prática, seja ela traduzida por uma estrutura familiar favorável ou por uma cidade privilegiada.

A exceção entre a regra destes sujeitos, principalmente, nos ensinou importantes lições. Dentre elas, a aparência de uma nova e heterodoxa via de transmissão do *habitus* enxadrístico configurada pela particularidade do ambiente escolar. Embora fosse possível notar algumas diferenças de seu trajeto em relação àqueles vivenciados pelos herdeiros, tal qual a reunião de excessivos acasos como a possibilidade de contar com uma escola e um clube situados na rede de relações de uma cidade em tudo privilegiada,

parece ter sido o seu caminho, entretanto, mais árduo e sórdido ao acaso do que os demais. A despeito da sua origem ter-se dado no tão denunciado caráter reprodutor do ambiente escolar, o exemplo da heresia deste sujeito em demonstrar sua boa vontade cultural em um local feito para o relegar e, em contrapartida, também a atitude de não fazer cumprir este ciclo mas, em seu lugar, o acolher o professor, podem ser indicativos de rupturas importantes ao se considerar o local em que essa nova via de transmissão se dá. A possibilidade de tudo isso se dar por meio de um projeto social, ademais, faz apontar a importância do lugar de políticas públicas capazes de tornar possíveis a entrada de mais sujeitos que, em um primeiro momento, não poderiam, de outra forma, vislumbrar esta possibilidade. Evidenciando-o, assim, este estudo mostrou que o enfrentamento de condições adversas e a afirmação de si mesmo e para os outros são marcas que não diluem, para os sujeitos cuja herança não se pode contar, o efeito da origem escolar de sua aquisição. Mesmo assim, entretanto, questiona-se se a ausência de uma herança familiar se deu de forma total, visto que parece ter sido a escolha do xadrez no ambiente escolar uma decisão orientada por disposições culturais já cultivadas – mesmo na oferta primeira de um estado objetivado deste capital – em dado ambiente familiar desfavorecido.

Nestas condições, o esforço do sujeito para delas se apropriar se fez crucial para que tal *habitus* adquirido na família se transfigurasse no ambiente escolar ao entender o xadrez, enquanto mensagem pedagógica, em seus meios de assimilação e recepção que encontravam-se, mesmo que minimamente, já disponíveis. Se a herança familiar pode se constituir em sua forma dominante pela presença de capitais simbólicos específicos do xadrez, com este sujeito, foi possível apreender que ela também pode denotar uma disposição primária que, na ausência daqueles, pode encontrar meios para atribuir o sentido à prática enxadrística considerada a sua oferta em ambientes posteriores. Em um momento de massificação que a prática enxadrística parece encontrar na via escolar, assim, tais reflexões tornam-se importantes à medida em que contribuam para que as práticas pedagógicas neste ambiente não só levem em consideração o lidar com um público deste mais heterogêneo mas, também, com o manifestar de possíveis heranças acumuladas pelos alunos ao longo da sala de aula.

O sucesso esportivo aqui verificado parece ter sido, assim, enraizado em processos socializadores, condições de existência, valores e afetos que os sustentam em relação às suas origens sociais. Ao demonstrar a dimensão relacional, interdependente e contextual que cada uma destas disposições adquiriu de acordo com instâncias



socializadoras distintas e distintivas, espera-se que as reflexões neste estudo produzidas colaborem para afastar as tão arraigadas explicações essencialistas sobre o sucesso ou fracasso atribuídos aos desempenhos esportivos. Desconsiderado o fervor da crença religiosa que faz um dos nossos sujeitos atribuir às divindades o seu “talento”, de resto eles nada parecem ter sido construídos a partir de uma natureza inata e predeterminada. Sugere-se, neste sentido, que a partir deste trabalho se dê um olhar capaz de desnaturalizar as aquisições do desempenho esportivo, considerando-os em sua completude. Afinal, se as peças no xadrez parecem ser jogadas muito cedo, pode ser que outras também as sejam em relativa autonomia considerando os demais subcampos esportivos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. F. A noção de capital cultural é útil para se pensar o Brasil? In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (Orgs.). **Sociologia da educação: pesquisa e realidade brasileira**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 44-59.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 39-50, 2001.
- ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, 2001.
- AZANHA, J. M. P. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP, 1992. 208 p.
- BRITO, A. X.; LEONARDOS, A. C. A identidade das pesquisas qualitativas: construção de um quadro analítico. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 7-38, 2001.
- BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social Science Information sur les Sciences Sociales**, Paris, v. 17, n. 6, p. 819-840, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, 1986, p. 241-258.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998a.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de Educação**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 1998b.
- \_\_\_\_\_. **A sociologia é um esporte de combate**. 2001. Documentário.
- \_\_\_\_\_. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, R. (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p. 73-111.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- \_\_\_\_\_. Os universos de possíveis estilísticas. In: \_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 196-211.
- \_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014a.
- \_\_\_\_\_. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. **Pro-posições**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 247-256, 2014b.

BOURDIEU, P.; DAUNCEY, H.; HARE, G. The state, economics and sport. **Sport in Society**, v. 1, n. 2, p. 15-21, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, Philadelphia, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

CATANI, A. M.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, p. 63-154, 2001.

CATANI, D. B. A propósito d'Os Herdeiros e algumas hipóteses acerca da pedagogia racional. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Orgs.). **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros**. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 107-117.

CHARTIER, R.; LOPES, J. S. L. Pierre Bourdieu e a história. **Topoi**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 139-182, 2002.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo. n. 24, p. 5-15, 2003.

CLUBE DE XADREZ SÃO PAULO. Disponível em: <[www.cxsp.com.br/](http://www.cxsp.com.br/)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

CUNHA, M. A. A. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 503-524, 2007.

ESTADÃO. **Clube de Regatas Tietê**. Coletânea “Era uma vez em São Paulo”, 2015. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sp-clube-de-regatas-tiete,11349,0.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2017.

FAGUER, J-P. Os khâgneux de 68, objetos e leitores de Os Herdeiros. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 35-45, 2015.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE XADREZ. Disponível em: <<http://www.fide.com/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUILARTE, D. H. **Modelo de planificación para el perfeccionamiento de la preparación teórico-práctica de los ajedrecistas de alto rendimiento**. 2012. 200f. Tese (Doutorado em Ciências de la Cultura Física) - Universidad de Ciencias de la Cultura Física y el Deporte “Manuel Fajardo”, Guantánamo, 2012.

GUEST, G.; MACQUEEN, K. M.; NAMEY, E. E. Introduction to Applied Thematic Analysis. In: \_\_\_\_\_. **Applied Thematic Analysis**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2012, cap. 1, p. 3-21.

GUTTMANN, A. **From ritual to record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press, 1978.

HODKINSON, P.; BIESTA, G.; JAMES, D. Understanding learning culturally: overcoming the dualism between social and individual views of learning. **Vocations and Learning**, v. 1, n. 1, p. 27-47, 2008.

INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE HISTORY OF PHYSICAL EDUCATION AND SPORT. Disponível em: <<http://ishpes.org/web/index.php/about-ishpes/history>>. Acesso em: 30 out. 2016.

JANUÁRIO, J. **Trajatória esportiva de grandes mestres brasileiros: aspectos socioculturais e pedagógicos no campo social do xadrez.** 2014. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.

JANUÁRIO, J. A; MARQUES, R. F. R. O ambiente escolar como via de transmissão heterodoxa do *habitus* enxadrístico no subcampo esportivo do xadrez brasileiro. **I Jornada Pierre Bourdieu e o Ensino de Ciências**, São Paulo, 2015.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista Observatorio del Deporte**, v. 1, p. 147-185, 2015a.

MARQUES, R. F. R. Contribuições da obra de Pierre Bourdieu para a pesquisa em sociologia do esporte no século XXI. In: GRUPO DE PESQUISAS INTERDISCIPLINARES EM SOCIOLOGIA DO ESPORTE, NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM FUTEBOL E MODALIDADES LÚDICAS (Orgs.). **II Encontro Paulista de Sociologia do Esporte.** São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2015b, p. 8-35.

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Revista Movimento**, v. 13, p. 225-244, 2007.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Revista Conexões**, v. 6, p. 42-61, 2008.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, p. 637-648, 2009.

MARTINS, H. H. T. S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MEZZARROBA, C; CONCEIÇÃO, D. M. “Os herdeiros”: questões sobre o campo esportivo. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Orgs.). **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros.** Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 187-204.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MASSON, P. Retorno sobre Os herdeiros de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Orgs.). **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros**. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 39-53.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-36, 2002.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PIOTTO, D. C. A escola e o sucesso escolar: algumas reflexões à luz de Pierre Bourdieu. **Revista Vertentes**, São João Del-Rei, v. 33, p. 48-60, 2009.

PIOTTO, D. C.; NOGUEIRA, M. A. Incluindo quem? Um exame de indicadores socioeconômicos do Programa de Inclusão Social da USP. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 625-649, 2016.

ROMANELLI, G. **A entrevista antropológica: troca e alteridade**. In: ROMANELLI, G.; BISOLI-ALVES, Z. M. M. Diálogos metodológicos sobre a prática de pesquisa. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998, p. 119-133.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SETTON, M. G. J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, n. 20, p. 60-70, 2002.

SETTON, M. G. J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 90, p. 77-105, 2005.

SOUZA, J. **O xadrez em xeque: uma análise sociológica da "história esportiva" da modalidade**. 2010. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 293-315, 2010a.

\_\_\_\_\_. Por uma gênese do campo da sociologia do esporte: cenários e perspectivas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 45-70, 2010b.

\_\_\_\_\_. Rupturas e tensões no processo de constituição estrutural do subcampo esportivo do xadrez (1900-1960). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, set. 2012.

\_\_\_\_\_. A Guerra Fria e a final do Campeonato Mundial de Xadrez de 1972: algumas possibilidades analíticas e correlacionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 4, dez. 2013.

SOUZA, J.; STAREPRAVO, F.; MARCHI JÚNIOR, W. O processo de constituição histórico-estrutural do subcampo esportivo do xadrez: uma análise sociológica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 93-113, abr./jun. 2011.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p. 210-226, 2003.

TOMIZAKI, K. **Transmitir e herdar**: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. *Educação e Sociedade*, v. 31, n. 111, p. 327-346, 2010.

VALLE, I. R. O lugar da educação (escolar) na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 13, n. 38, p. 411-437, 2013.

VALLE, I. R. Os herdeiros: uma das principais “teses” da sociologia francesa. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Orgs.). **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros**. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 119-133.

VALLE, I. R.; CATANI, D. B. Apresentação. In: VALLE, I. R.; CATANI, D. B.; SILVA, V. L. G.; SANTOS, T. R (Orgs.). **Heranças da sociologia de Pierre Bourdieu & Jean-Claude Passeron: 50 anos de Os herdeiros**. Curitiba: Editora CRV, 2015. p. 5-12.

VASCONCELLOS, M. D. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, p. 77-87, 2002.

WACQUANT, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, São Paulo, n. 16, p. 63-71, 2007.

## ANEXOS

## Anexo A – Carta de convite aos participantes



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO (FFCLRP)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**



**CARTA DE SOLICITAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA CIENTÍFICA**

Ribeirão Preto, 14 de dezembro de 2016

Eu, Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), por meio desta, venho solicitar o vosso auxílio para a fase de coleta de dados referente à dissertação de mestrado da aluna sob minha orientação Jéssica dos Anjos Januário. Intitulado "A herança familiar no subcampo esportivo do xadrez: a produção da elite de Grandes Mestres brasileiros", o objetivo do estudo consiste em investigar as condições de transmissão e os sentidos de produção das disposições relacionadas à prática do xadrez na trajetória esportiva de Grandes Mestres brasileiros. Em síntese, assim, uma análise sobre as condições de aprendizagem e hábitos familiares relacionados à iniciação vivenciada pela elite enxadrística brasileira.

O grupo de participantes deste estudo pretende compor-se pela totalidade dos 12 jogadores detentores do título de Grande Mestre (GM) brasileiros, coletivo do qual é pertencente. O contato inicial com os sujeitos será feito por meio do envio de informações referentes ao estudo através de seus respectivos endereços eletrônicos, intencionando-se obter uma prévia sobre a sua disponibilidade de participação. O agendamento dos encontros pessoais necessários para a realização de entrevistas retrospectivas e semiestruturadas obedecerá as sugestões de datas e locais propostos pelos senhores participantes, assegurando que os procedimentos não interfiram em suas atividades de treinamento e/ou competição.

O roteiro de entrevista contempla questões socioculturais que intentam subsidiar o alcance do objetivo geral do estudo. A duração média para a contemplação da entrevista está prevista entre o intervalo de 30 a 60 minutos. A identidade de cada um dos sujeitos será preservada através do designio aleatório de números de 1 a 12 para a sua representação. Sujeito 1 (S1), por exemplo, representará a sigla do enxadrista com o qual se obteve o primeiro contato pessoal. O registro do áudio decorrente das falas, uma vez obtido o aceite do entrevistado através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) anexo, se dará com o auxílio de um gravador digital com o intuito de facilitar a sua posterior transcrição.

A pesquisa conta com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP) da Universidade de São Paulo (USP) sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 57818016.7.0000.5659 e parecer 1.761.845. Todos os custos oriundos do deslocamento e estadia da pesquisadora até o encontro pessoal para a entrevista de cada um dos participantes contam com o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A colaboração pretendida pelos senhores, neste sentido, se dá por meio da participação neste estudo e no que se refere ao intermédio deste contato entre pesquisadores e participantes, bem como demais auxílios que possam facilitar a obtenção de um grupo deveras representativo da grande maestria brasileira.

Como forma de agradecimento e contrapartida ao vosso auxílio, nos comprometemos a inserir menções de agradecimento aos senhores pelo apoio prestado, tanto na versão final da dissertação de mestrado quanto em demais outras formas de publicação oriundas do estudo. Certos de vossa compreensão e contribuição para a consolidação da produção científica brasileira que se ocupa do xadrez como objeto empírico, agradecemos antecipadamente a atenção disponibilizada.

Pesquisador responsável

**Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques**

Programa de Pós-Graduação em Educação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

Avenida Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto/SP

(16) 33150347 / renatomarques@usp.br

Pesquisador responsável

**Jéssica dos Anjos Januário**

Programa de Pós-Graduação em Educação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

Avenida Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto/SP

(16) 981616239 / jessica.anjos.januario@usp.br

## Anexo B – Termo de consentimento livre e esclarecido



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO (FFCLRP)**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE)**



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.º foi selecionado e está sendo convidado para participar da pesquisa intitulada “A HERANÇA FAMILIAR NO SUBCAMPO ESPORTIVO DO XADREZ: A PRODUÇÃO DA ELITE DE GRANDES MESTRES BRASILEIROS”, que tem como objetivo investigar as condições de produção e os sentidos de transmissão que constituem a sociogênese da formação esportiva própria da elite do subcampo esportivo do xadrez. Este estudo tem como método de coleta de dados a aplicação de entrevistas com jogadores de xadrez detentores do título máximo da modalidade de Grande Mestre (GM).

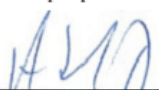
Em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo e os pesquisadores tomarão todos os cuidados ao seu alcance para preservar sua identidade. De toda maneira, é possível que, por causa do pequeno número de Grandes Mestres enxadristas no Brasil, exista o risco de identificação dos sujeitos por leitores atuantes no subcampo esportivo do xadrez. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar o consentimento. A recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição que forneceu os seus dados.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a uma entrevista que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e investigação sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo esperado para a entrevista é de 30 a 60 minutos e será aplicado pelos pesquisadores responsáveis através das sugestões de datas e locais propostos pelo Sr.º, assegurando que o procedimento não interfira sob suas atividades de treinamento e/ou competição. O Sr.º não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. De todo modo, será garantida a indenização referente a quaisquer danos oriundos de vossa participação na pesquisa, conforme a legislação vigente.

Esta pesquisa não envolve riscos previsíveis relacionados à participação. Todavia, caso sinta algum desconforto em relação às perguntas e temas abordados, poderá suspender seu consentimento e participação. O benefício relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para as áreas da Educação Física, Esporte e Educação.

O Sr.º receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail dos pesquisadores responsáveis, sendo possível tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento. Desde já, agradecemos!

  
 Pesquisador responsável

**Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques**  
 Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP. (16) 3315-0347. E-mail: [renatomarques@usp.br](mailto:renatomarques@usp.br)

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio, estando de acordo com a participação no estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele eu poderei desistir a qualquer momento sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa:

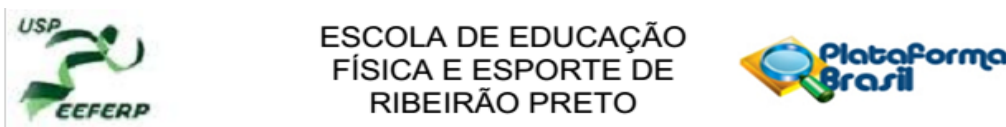
\_\_\_\_\_  
 (nome por extenso, assinatura e data)

Dados para possíveis esclarecimentos referentes aos aspectos éticos da pesquisa:

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP, Avenida Bandeirantes, 3900 – 14040-907 – Ribeirão Preto/SP – Brasil. Fone: (16) 3315-0494 – [cep90@usp.br](mailto:cep90@usp.br).



## Anexo C – Parecer de aprovação do comitê de ética



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A HERANÇA FAMILIAR NO SUBCAMPO ESPORTIVO DO XADREZ: A PRODUÇÃO DA ELITE DE GRANDES MESTRES BRASILEIROS

**Pesquisador:** Renato Francisco Rodrigues Marques

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 57818016.7.0000.5659

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.761.845

**Apresentação do Projeto:**

Vide anterior.

**Objetivo da Pesquisa:**

Vide anterior.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Vide anterior.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Vide anterior.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Vide anterior.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS n.º 466/2012, o pesquisador deverá apresentar relatórios

**Endereço:** Avenida Bandeirantes, 3900

**Bairro:** VILA MONTE ALEGRE

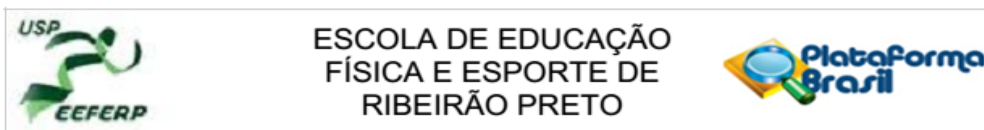
**CEP:** 14.040-907

**UF:** SP

**Município:** RIBEIRAO PRETO

**Telefone:** (16)3315-0494

**E-mail:** cep90@usp.br



Continuação do Parecer: 1.761.845

semestrais (parciais e final, em função da duração da pesquisa);

2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada. Neste caso, o pesquisador deve aguardar nova aprovação do CEP para realizar os procedimentos de acordo com as mudanças solicitadas;

3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas, colocando as assinaturas na última página;

4) Caso haja instituição(ões) coparticipante(s) no projeto, atender a solicitação da carta n.º 0212/CONEP/CNS, de 21 de outubro de 2010;

5) GARANTIR QUE NOS MOMENTOS DE ATIVIDADE FÍSICA SEMPRE HAJA PELO MENOS UM MEMBRO DA EQUIPE DE PESQUISA APTO A PRESTAR OS SOCORROS DE URGÊNCIA, INCLUSIVE MASSAGEM CARDÍACA E USO DO DEA, CASO NECESSÁRIO.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_743730.pdf	04/10/2016 08:25:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP_04_10_16.pdf	04/10/2016 08:25:39	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	13/07/2016 18:22:18	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	13/07/2016 18:22:01	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito
Folha de Rosto	rosto.pdf	06/07/2016 11:02:49	Renato Francisco Rodrigues Marques	Aceito

Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900  
 Bairro: VILA MONTE ALEGRE CEP: 14.040-907  
 UF: SP Município: RIBEIRAO PRETO  
 Telefone: (16)3315-0494 E-mail: cep90@usp.br

Continuação do Parecer: 1.761.845

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

RIBEIRAO PRETO, 05 de Outubro de 2016

Assinado por:  
 Carlos Roberto Bueno Júnior  
 (Coordenador)

## Anexo D – Roteiro de entrevista

### I. Identificação do praticante

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Data de nascimento: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Cor da pele: ( ) Branco ( ) Pardo ( ) Preto ( ) Amarelo ( ) Indígena

Nível de escolaridade: ( ) Ensino fundamental completo ( ) Privado  
 ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Público  
 ( ) Ensino médio completo  
 ( ) Ensino médio incompleto  
 ( ) Ensino superior completo  
 ( ) Ensino superior incompleto

Instituição: \_\_\_\_\_ Curso: \_\_\_\_\_

Cidade de nascimento: \_\_\_\_\_ Cidade de residência: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Renda média familiar mensal atual: ( ) Até 1 salário mínimo  
 ( ) Mais de 1 a 2 salários mínimos  
 ( ) Mais de 2 a 3 salários mínimos  
 ( ) Mais de 3 a 5 salários mínimos  
 ( ) Mais de 5 a 10 salários mínimos  
 ( ) Mais de 10 a 20 salários mínimos  
 ( ) Mais 20 salários mínimos  
 ( ) Sem rendimento

### II. Identificação da família do praticante

Quais eram os membros da família que moravam com você na infância? Caracterize-os:

a) Membro da família: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade: ( ) Ensino fundamental completo ( ) Privado  
 ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Público  
 ( ) Ensino médio completo

- Ensino médio incompleto
- Ensino superior completo
- Ensino superior incompleto

Onde?

- Maior parte do ensino em setor privado
- Maior parte do ensino em setor público
- Metade do ensino em setor público e privado
- Ensino privado com bolsa de estudos

Profissão (se aposentado, indicar a última ocupação): \_\_\_\_\_

### III. Trajetória esportiva do praticante

- 1) Fale sobre a sua trajetória no xadrez desde a iniciação até o alcance do título de Grande Mestre.
- 2) Fale sobre os seus primeiros contatos com o xadrez.
  - a) Idade de iniciação e da primeira federação ou competição institucionalizada?
  - b) Com quem aprendeu (como era a relação com o mediador)?
  - c) Onde aprendeu?
  - d) Como foi esse aprendizado (sentimentos vivenciados, exemplos)?
- 3) Houve o contato com o xadrez na escola?
  - a) Com qual idade e ano escolar?
  - b) Na manifestação curricular ou extracurricular?
- 4) Fale sobre possíveis relações entre a sua experiência com o xadrez nos ambientes vivenciados e o alcance do alto rendimento nesta modalidade.
- 5) Quais foram os principais momentos e/ou pessoas durante a sua iniciação ao xadrez?
- 6) Você gosta de xadrez (se sim, como surgiu esse gosto)?

- 7) Fale sobre o envolvimento da sua família com o xadrez durante a infância.
- 8) Fale sobre a sua expectativa e de sua família a respeito da sua participação no xadrez antes de se tornar um profissional.
- 9) Além do xadrez, praticou outras atividades esportivas e/ou de lazer? E atualmente?
- 10) A escolha do seu curso superior na universidade teve relação com o xadrez?
- 11) Fale sobre a carreira de um Grande Mestre.
  - a) Considera-se profissional?
  - b) Se sim, a partir de quando?
  - c) Diferenças entre o contexto brasileiro e o exterior.
- 12) Considera bem-sucedida a sua trajetória no xadrez?
- 13) O que você pensa sobre a influência do “talento” na sua carreira?
- 14) O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem você é hoje?
- 15) O que o xadrez representa para você?
- 16) Relacione as suas principais conquistas como jogador.
- 17) Como se deu o seu abandono das competições oficiais de xadrez?
- 18) Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

## APÊNDICE

### Apêndice A – Íntegra da entrevista (GM 1)

J: De antemão agradeço a sua participação e toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

GM 1: 31 pra 32 anos.

J: Data de nascimento?

GM 1: 29/01/1985.

J: Sexo?

GM 1: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 1: Branca.

J: Nível de escolaridade?

GM 1: Superior completo.

J: Em qual instituição?

GM 1: Na Fundação Getúlio Vargas, Escola de Economia de São Paulo.

J: Que é uma instituição privada?

GM 1: Isso.

J: Em que curso?

GM 1: Economia.

J: Sua cidade de nascimento?

GM 1: São Carlos, São Paulo.

J: São Paulo sendo onde você reside?

GM 1: Não, não. É porque existe uma São Carlos em Santa Catarina. Mas essa é a do interior de São Paulo.

J: Ah, ok. Então você nasceu em São Carlos e, atualmente, reside?

GM 1: Em São Paulo.

J: Sua profissão?

GM 1: Professor de xadrez.

J: Sua renda média familiar mensal, atualmente?

GM 1: Atualmente... Familiar é que eu tenho que contar o meu pai e minha mãe, é isso?

J: Pense na sua atual. Se você mora sozinho, só você.

GM 1: Tá, então algo em torno de... É que varia muito por causa das aulas e dos torneios, né? Mas algo entre R\$: 4 e R\$: 6 mil reais.

J: Agora a gente vai pensar um pouquinho sobre essas mesmas informações, mas agora pra sua família. Eu quero que você pense em como ela era na época que você iniciou no xadrez. Ela era composta por quais membros?

GM 1: São meu pai, mãe e quatro filhos, contando comigo. Dois meninos e duas meninas.

J: Entendi, contando com você já. Vamos pensar em cada um deles separadamente, tá certo? Então se a gente pensar no seu pai, qual é o nível de escolaridade dele?

GM 1: É... O que é que tem depois do nível superior completo, tem alguma coisa?

J: Pós-graduação?

GM 1: É, ele tem doutorado, mestrado, livre-docência... É professor titular da USP agora lá em São Carlos.

J: Em qual área?

GM 1: Civil.

J: Engenharia civil?

GM 1: Isso.

J: Entendi, e antes da USP a escolaridade dele também foi sempre foi pública, privada?

GM 1: Ele fez escola pública e depois entrou na USP São Carlos, seguiu por lá.

J: Ok, então durante toda a vida sempre estudou em escola pública?

GM 1: Sim.

J: A profissão dele, então como você já disse, seria docente?

GM 1: É, trabalha como professor de... É, na Engenharia Civil ali.

J: Ok, a mesma coisa pra sua mãe, tá? O nível de escolaridade dela?

GM 1: Mesma coisa.

J: Pós-graduação?

GM 1: É, tudo igual.

J: Também na Engenharia Civil?

GM 1: Também na Engenharia Civil, também fez escola pública. Se conheceram na faculdade.

J: Também dá aula em São Carlos?

GM 1: Também dá aula em São Carlos. Tem a sala de um e na frente tem a sala do outro.

J: Ah, que bacana. E também sempre a escolaridade dela foi pública?

GM 1: Isso.

J: A profissão da sua mãe, portanto, é a mesma?

GM 1: Isso.

J: Então vamos lá, pelo o que você disse vocês são em quatro irmãos, é isso? Dois meninos e duas meninas. Então vamos pensar no seu primeiro irmão, tá?

GM 1: Tá, é irmã.



J: Como é que ela chama?

GM 1: Chama Carolina, ela é de 80. Ela também tem nível superior completo, começou a fazer mestrado mas parou, ela passou em um concurso lá do Rio Branco pra ser diplomata. Aí hoje ela é diplomata, tá morando na China, trabalhando na embaixada brasileira. E é isso. Foi mamãe há quatro meses, o primeiro netinho da família.

J: Ah, que bacana! Então como curso... Embaixada... Ela fez Relações Internacionais?

GM 1: Não, ela fez Economia na USP. Mas ela foi pra outra coisa, né?

J: Ah, ok. A escolaridade dela foi sempre pública também?

GM 1: Não, aí ela fez... No comecinho, pelo menos o colegial eu lembro que era particular.

J: O colegial foi particular e antes disso a escola foi pública?

GM 1: Não, na verdade eu acho que foi sempre particular. É que eu era muito novinho, tinha a creche da USP ali que os meus pais nos deixavam, mas depois eu acho que sempre todo mundo foi pra escola particular.

J: E sobre a sua segunda irmã?

GM 1: É a Luciana, ela é de 81. Ela também fez escola privada, né? Fez arquitetura na FAU, em São Paulo. Fez mestrado, também. Trabalha, fez doutorado em uma faculdade nos Estados Unidos que fica perto de Chicago e hoje trabalha lá.

J: Ah, bacana. E lá ela trabalha como?

GM 1: Professora.

J: E seu irmão?

GM 1: O meu irmão que é mais novo ele é de 87, também só estudou em escola particular. Ele fez Produção na Federal de São Carlos e hoje trabalha na Petrobrás.

J: E em que cargo?

GM 1: Engenheiro, né... Ele é formado em Produção, mas segundo ele tá mais na área de finanças mesmo.

J: E a sua trajetória antes do ingresso no ensino superior, ela também foi maior parte em ensino privado?

GM 1: Foi em ensino privado mas eu fiz três anos e meio de Controle de Automação na UNESP de Sorocaba e larguei.

J: E se a gente pensar antes, no seu colegial e nas etapas anteriores?

GM 1: É, foi só... Era uma cooperativa, mas era particular.

J: Então agora a gente vai partir pra você, pra sua trajetória. Eu queria que você falasse sobre a sua trajetória no xadrez desde a iniciação até o alcance do título de Grande Mestre, fique à vontade.

GM 1: Bom, eu comecei jogando em casa com o meu pai. Meu pai só sabia, assim, mexer as peças, não sabia mais que isso. Mas a gente jogava lá. Meu tio joga, né? Jogava torneios mesmo. Então eu tinha essa referência, mas começar mesmo foi acho que na 4ª série porque na escola que eu estudava tinha aula de xadrez. Inclusive com a Juçana, aquela que jogou por Ribeirão. E aí ela falou que no clube tinha um Mestre Internacional que é o Eduardo Limp, carioca que morou um período curto em São Carlos, período que eu pude aproveitar. Então dei bastante sorte nesse ponto porque não tinha mais ninguém. E daí ele me dava aula toda... Sei lá, não era meio uma aula, era uma coisa que ele chamava um monte de criança e ia ensinando, percebia que o pessoal gostava e daí foi. Mas, foi isso, evolui bastante. Acredito que nesse tempo entrou a sorte porque em 90, quando eu comecei, acredito que regulou muito próximo de quando o Guga ganhou o primeiro torneio de *Roland-Garros*. Não sei se em 96 ou 97, coisa assim. E aí toda a molecada ia jogar tênis, ninguém mais... E aí as aulas de xadrez ficaram quase particulares. Então pra mim foi muito bom, me ajudou muito. Comecei a jogar com 10, 11 anos e com 14 ou 13 eu já ia muito bem nesses Paulistas de categoria. Foi mais ou menos rápido. Aí depois seguiu nisso, o Limp se separou da mulher, voltou para o Rio, perdi o meu professor. Mas a questão é que aí eu já gostava muito de xadrez. Então eu já conseguia, devia ter uns 15, 16, já saber mais ou menos como é que estudava. Atrapalhou não ter alguém nessa época, era basicamente eu que pegava o livro e... Mas só o fato de eu ter uma base ajudou. Meus pais deixavam viajar pra jogar torneios, né? Isso me ajudou bastante. Eu tinha um amiguinho que era 1 ano mais novo e que morava em Descalvado, uma cidade pertinho de São Carlos. E aí o pai levava ele,

então eu ia pra Descalvado e aí a gente ia com o pai dele pra jogar até eu poder viajar sozinho. Aí depois fui pra faculdade que foi a Engenharia, né, que eu não terminei. Mas foi um período que eu consegui estudar muito mais xadrez porque na verdade eu não ia muito pra faculdade, eu não me sentia culpado porque era pública, então... Quando você faz uma particular você se sente culpado, quando você faz uma pública você enrola, faz em trancos, empurrando, e aí eu estudava bastante xadrez. Estudei muito xadrez, a época que eu mais estudei xadrez na vida foi lá. E aí tanto que realmente lá foi onde eu melhorei bastante, acho que tudo o que eu aprendi foi nessa época. Porque antes eu estudava muito pouco, mas porque na verdade a concorrência era baixa, não tinha muita gente jogando xadrez. Aí nessa época eu estudei muito e depois quando eu sai da Engenharia e fui fazer Economia eu comecei a estudar muito menos xadrez de novo. Eu virei Grande Mestre nessa época que eu fazia Economia, mas tava meio que só colhendo os frutos dessa época da Engenharia. Eu sei que eu estudei tanto, tanto ali que eu sei que eu meio que fui evoluindo por inércia por mais uns 2 anos. E aí foi isso, depois eu não consegui estudar tanto xadrez quanto isso. E aí acabou a faculdade, eu tinha que decidir o que fazer e acabei conseguindo pegar umas aulas, vi que eu gostava de dar aulas e tô até hoje nisso. Concilio estudar um pouco e jogar, ainda com alguma ambição, mas o principal é dar aula mesmo.

J: Então a gente pode considerar que o seu início se deu lá na 4ª série, por volta dos 10, 11 anos?

GM 1: Isso, por volta dos 9, 10 anos.

J: E você falou que antes lá da escola você teve então a influência do seu pai e do seu tio também. Como que era isso, da onde veio essa influência deles?

GM 1: Então, do meu tio eu lembro que quando a gente era bem novinho, eu nem jogava ainda, eu lembro que eu ia na casa dele e ele tinha um tabuleiro de madeira. Tinha as pecinhas de madeira e era um negócio eletrônico. Meu tio sempre foi desses negócios de eletrônicos que você fazia o lance e jogava. Então era... Horrível hoje, né? Considerado horrível. Mas ele faz o lance, era uma coisa super bacana. Eu nem sabia jogar e eu lembro que tinha isso. Mas eu lembro que quem me ensinou... Eu não lembro exatamente quem me ensinou a jogar, suponho que foi meu pai. E aí a gente jogava de vez em quando, a noite assim, mas aí como se fosse qualquer outro jogo. Aí realmente foi... Assim, era um jogo. Até essa idade sempre foi um jogo. Eu comecei realmente a...

Quando lá na escola eu fazia a Educação Física eu ia pro xadrez pra não ter que ficar correndo.

J: Ah, era uma alternativa?

GM 1: Era, podia. E aí eu fui, gostei e aí eu acho que foi mais na escola, assim. Em casa eu tinha o apoio, mas foi mais na escola que eu desenvolvi o gosto mesmo.

J: Então as suas primeiras referências foram do seu tio que tinha os artefatos mas, de fato, os primeiros movimentos foram aprendidos com o seu pai?

GM 1: É, os primeiros movimentos pra aprender foram com o meu pai, sem dúvidas. Mas assim, ali era só um jogo. Um jogo que eu gostava, mas só isso.

J: E você saberia informar como é que o seu pai aprendeu a jogar?

GM 1: Ah, não. Eu acho que ele aprendeu... Ele não aprendeu tão cedo, não. Sabe as regras, deve ter sido lá no colegial, faculdade.

J: E aí tanto o seu pai como o seu tio?

GM 1: Ah, não. O meu tio já jogava torneios, joga torneio postal, ele gostava. Meu tio joga, assim, tem um monte... Eu ia lá de vez em quando e pegava um livro emprestado pra ler, tanto que hoje eu tenho bastante livro. Mas quando eu comecei eu não entendia exatamente o que o meu tio jogava.

J: Entendi, e o seu tio já era então um jogador de xadrez profissional ou não?

GM 1: Não, ele era amador. Ele era também engenheiro, tem trabalho. Mas ele gostava e de vez em quando jogava um torneio. Ele parou de jogar assim porque os filhos começaram a crescer, tinha mais trabalho, ele morava em Americana e foi pra São Carlos e aí quase parou de jogar torneios. Mas ele ainda ia no clube e, assim, ele tinha um conhecimento bom se eu precisasse de alguma coisa.

J: Então depois dos primeiros movimentos que o seu pai te ensinou veio o reforço por meio do seu tio?

GM 1: É, mas bem pouco assim. Realmente eu penso que eu comecei a criar gosto na escola.

J: Conta como é que foi isso então, como era na escola?

GM 1: Na escola, a Juçana, é... Do que eu consigo lembrar das aulas, né? Eu lembro que ela dava uma folhinha de exercícios que a gente tinha que resolver, ia lá e jogava. E aí tinha um torneio que ela... Era com a escola toda, e aí você tinha que agendar porque não podia bater horário um com o outro. Mas era um *schuring*, era um todos contra todos enorme assim que ela fazia. Eu lembro que eu jogava, lembro que eu fiquei em sei lá, 2º ou 3º da escola, e aí esse tipo de coisa anima. Eu acho que você começa a criar gosto. Eu não lembro exatamente porque é que eu jogava naquela época, lembro eu já depois gostando do jogo. E aí é fácil entender porque você segue. Ali eu não consigo me lembrar exatamente porque que eu... Eu lembro que eu gostava de ganhar, a vitória era uma coisa que me agradava. E então você vai lá, tem aquela coisa da medalhinha que hoje a gente não sabe o que vai fazer com a medalha e joga debaixo de um lugar. Aquela medalhinha, por mais vagabunda que fosse, você ficava “ah, é minha a medalhinha”. Acho que isso, eu sempre fui competitivo, então acho que aquilo lá meio que desencadeou.

J: E a sua iniciação no clube se deu mais ou menos na mesma época da escola, 4ª série?

GM 1: É, foi na 4ª série, em 95. Tinha uns 10 anos.

J: E como é que foi essa procura pelo clube?

GM 1: Então, é que na verdade a Juçana, que me dava aula, era casada com o professor que dava aulas no clube e foi aí que ela percebeu os alunos que tinham mais interesse e recomendou um clube pra termos mais aulas.

J: E me conta como eram essas aulas no clube, como você se sentiu tendo aulas quase particulares lá, tinha uma maior atenção?

GM 1: Ah não, isso era muito bom. Eu lembro que sábado de manhã era feito um torneozinho com a molecada. E aí era um torneozinho, até onde eu lembro não formavam mais de 10, tinham no máximo 5 mesas. E aí se você perdia na mesa 1, ia pra mesa 2. Se perdia na mesa 2 ia pra mesa 3, você ia ganhando e ia perdendo. Aí na última faltavam 10 minutos para 12h e era a última rodada. Se você tá na mesa 1 e se ganhasse era campeão, se você perdesse era terceiro, o cara que ganhou na 2 era 2º e ficava intercalando, assim. Eu jogava esses torneozinhos e de tarde era o pessoal mais

velho, eu comecei de tarde um pouco depois. Os adultos, o meu tio, eles iam a tarde. E tinha um dia da semana que eu acho que era quarta-feira que era a molecada que frequentava quarta-feira à tarde, criançada. Aí era pra dar aula mesmo, só que não ia quase ninguém, iam 2. Então ele mostrava as coisas pra mim ou pra 2 assim, então era... Ele era um ótimo professor.

J: E nesse sentido você lembra com qual idade se deu a sua primeira competição institucionalizada ou quando é que você federou pela primeira vez?

GM 1: Foi em 96, teve um Aberto do Brasil grande em São Carlos no São Carlos Clube. Inclusive na 1ª rodada eu peguei um cara que depois foi meu amigo e continua meu amigo que é o Frare, ele é uns 10 anos mais velho do que eu. Então lembro que eu joguei com o Frare, lembro que tinham Grandes Mestres jogando nesse torneio, Grande Mestre bielorrusso que tava aqui e o pessoal de sempre. Mas eu quase não lembro desse torneio, eu era muito gurizinho, muito iniciantezinho. Embora no ano seguinte tivesse o mesmo torneio, que já foi em 97, eu lembro que eu perdi a 1ª rodada pro GM 5 que já jogava nas primeiras mesas. Mas foram esses os meus primeiros torneios. Eu não lembro se foi no primeiro ou no segundo que eu quase não dormi no dia anterior antes de começar porque eu tava empolgado, queria jogar. Então eu não dormi, assim, de ansiedade, né?

J: Bom, vamos voltar um pouquinho lá nos seus primeiros contatos com o xadrez ainda, eu quero que você pense na prática com o seu pai, as suas primeiras, tá bom? Como é que foi esse aprendizado pra você, como é que você se sentia, que práticas o seu pai brincava com você... Conta um pouco como era isso.

GM 1: É, a minha memória não ajuda, mas eu lembro que a gente jogava de noite, assim. Eu lembro que a gente jogava xadrez de noite e eu gostava, assim. Gostava de jogar porque fora isso a gente de vez em quando ia de final de semana jogar bola, essas coisas, né? Apesar de não fazer futebol... Jogar bola eu sempre gostei, mas às vezes na escola tinha umas coisas que eu não achava tanta graça, então eu escapava. Mas com o meu pai eu lembro da gente jogando xadrez a noite e não lembro da gente jogando muito mais coisas não. Acho que quando eu jogava eu me concentrava, eu gostava de jogar. Meu pai ganhava de mim, tanto que quando eu comecei a ganhar do meu pai eu parei de jogar com ele. Eu acho que é aquela sensação de querer ganhar do seu próprio pai. Do meu irmão eu sempre queria ganhar, mas do pai é uma sensação um pouco

estranha, então eu parei. Mas eu lembro que a gente jogava de noite, tinha um jogo de xadrez de madeirinha bem velhinho, assim, que devia ter desde, sei lá, a época da faculdade dele. Mas eu não lembro muito mais do que isso, era um passatempo que eu jogava. E não lembro assim a sensação, se eu falar que... Eu tava conversando com não sei quem que quando era novinho, quando jogava e perdia, chorava. E que isso seria comum. Eu perguntei pro meu pai esses dias porque eu não lembrava, fiquei curioso e ele falou que não, que eu seguia jogando, queria jogar de novo. Não tinha nada disso. Mas eu realmente acho que era que nem um jogo, depois eu ia jogar banco imobiliário, alguma coisa outra coisa. Era um jogo bacana pra mim, só isso.

J: Certo, e se a gente pensar em ambientes, esse começo sempre foi em casa?

GM 1: Sempre em casa.

J: Além do seu pai e do seu tio você também praticava com mais alguém?

GM 1: Nessa época eu acho que não, só comecei a praticar realmente depois na escola.

J: Na escola você disse que o xadrez era opcional à Educação Física, então a gente pode entender que ele era também curricular?

GM 1: É, pode. É que não era obrigatório, né. Não precisava fazer aquilo lá, precisava só fazer a aula e não precisava ser aquilo.

J: Isso no período normal de aulas, né?

GM 1: Isso, no período normal de aulas.

J: Entre esses ambientes que você teve o contato com o xadrez, então primeiro em casa, depois no clube e na sua escola, o quanto é que você acha que eles te ajudaram depois lá pra frente, no alto rendimento?

GM 1: É... Acho que ajudaram a criar o gosto pelo jogo, acho que é isso. Não tem algo que eu aprendi ali que eu levo até hoje, não. Acho que o que eu aprendi ali foi a criar gosto pelo jogo, só isso. Eu acho que o que eu devo hoje é pelo o que eu estudei depois, eu tive aula depois, mas não... Eu acho que o primeiro passo é criar o gosto.

J: Você tem então esse gosto pelo xadrez?

GM 1: Isso.

J: E da onde é que você acha que ele surgiu, o que é que te atraiu no xadrez?

GM 1: Não sei, sinceramente não sei. Porque não faz sentido, o que eu acho é que a gente, o pessoal que joga torneios... Mestres, Grandes Mestres gostam de xadrez são coisas que não tem como alguém que tá começando apreciar. Não tem... É alguma relação com as peças que se você não conhece você não tem como observar e se você não tem como observar você não tem como apreciar. Então não sei, é uma coisa que eu tenho curiosidade, por exemplo... Eu sei que quando eu dou aulas eu tento pegar os alunos que já têm esse gosto pelo jogo, porque... Iniciante mesmo é algo que eu ainda não me senti à vontade pra pegar porque eu já percebi que quando eu falo “olha, que bacana” e a criança olha assim e te... É a mesma coisa de uma frase, só faz sentido se você saber ler, se você não sabe ler essa frase não faz o menor sentido pra você. Então eu acho que tem um pouco a ver com isso. Agora da onde surgiu essa... Se é uma coisa gradual ou se é do nada e você começa a gostar eu não sei. Mas tem um lado bom que é quando você começa a gostar e aí você não quer parar.

J: O que é que te motivou, o que é que te atraiu pensando na sua trajetória?

GM 1: Eu realmente acho que era um passatempo bacana, não era mais do que isso. Era um passatempo bacana como qualquer outro. É, é isso. Eu não penso em um momento marcante ou sendo algo específico do jogo que eu gostava. Sei lá, se meu pai passasse pra mim matemática provavelmente eu não ia gostar, jogar jogo da velha até você entender que acabam as possibilidades rápido nele... É legal até você entender que né, se você finalizou, aí perdeu a graça. Talvez o fato de ser um desafio que você não exaure aquilo lá pela repetição, né. Mesmo jogar *video game*, você joga uma vez uma fase, duas vezes, a terceira vez você já entendeu ali o processo, né? Eu tenho amigos que gostam de ganhar do mesmo jeito e fazendo a mesma coisa e tão feliz ali, né? Eu tinha um amigo que também começou comigo que ele aprendeu a dar pastorzinho e dava em todo mundo o pastorzinho. E comigo, de brancas, eu descobri que dava tempo de rocar, aí ele não deixava. Ele era um pouquinho maior que eu e não deixava jogar de brancas com ele, jogava de pretas. Aí ele inventou métodos, começou a elaborar o pastorzinho. Aí quando eu comecei a defender, comecei a desenvolver as peças, comecei a ganhar dele, aí ele parou de jogar xadrez. Porque pra ele o que ele gostava era de ganhar daquele mesmíssimo jeito sempre, e tava feliz daquele jeito. Ou seja, ele ainda tava



naquele projeto de que o melhor é ganhar e ponto, né. Eu acho que se fosse só isso eu não acharia graça.

J: E além desse fator da repetição, haveria algo mais além disso?

GM 1: Era um desafio, eu acho que é um grande problema que você quer resolver. Eu gosto de tentar resolver problemas. Mas eu não consigo pensar de um jeito tão... Eu acho que você gostar é algo bacana, é bonito, mas explicar... No fundo mesmo eu acho que junta uns neurônios ali e você começa a gostar, eu não tenho uma explicação muito romântica disso.

J: Bom, meio que você já me disse que não tem, mas aqui eu vou pedir pra você voltar a refletir [risos]. Fale sobre alguns momentos ou mesmo pessoas significativas daquela época de iniciação.

GM 1: Ah não, significativas tem, sem dúvidas. Por exemplo, é... Bom, meu pai e meu tio mas principalmente esse cara que dava aula pra mim que é o Limp, né? Eu criei um fascínio tão grande, né, que ele é carioca e eu por uns 2 meses tava falando com um sotaque carioca também, né? Ele era uma pessoa que me marcou, era uma pessoa cativante, culta e falava algumas coisas que a gente gostava, a molecada meio que idealizava ele assim. Claro, depois parei de falar o português [com ênfase ao sotaque carioca de pronúncia dessa palavra] mas ficou, ele foi um cara que marcou bastante. Daria mais crédito a ele do que, por exemplo, aos meus pais.

J: O que era diferente nas aulas do clube, o que te despertou tanto o gosto assim lá?

GM 1: Em casa era jogar, era só jogo, era fazer lances. Na aula tinha uma seriedade, eu tentava achar uma razão, tinha uma sequência desse lance pra tal lance, uma estratégia, alguma tática diferente e isso era legal. Mas ele tem méritos, ele é extremamente didático. Tinha umas frases de efeito boas, isso pegava.

J: Por exemplo?

GM 1: Por exemplo, é... Estranho porque vão achar que é uma crença, eu queria gostar disso, mas ele tinha um poema do... Alguma coisa “dos Anjos” também.

J: Augusto dos Anjos?

GM 1: Isso, que é “a mão que afaga é a mesma que apedreja”, porque tem um poema que ele fala essa frase. Basicamente isso é uma referência àquilo de que a mão que você pega na peça é a mesma mão que você bate no relógio. Ele falava isso mas a gente nem entendia, “a mão que afaga é a mesma que apedreja”... Não fazia o menor sentido pra uma criança, mas a gente achava o máximo, né? E aí até hoje, por exemplo, eu lembro. E aí foram umas frasesinhas assim, porque ele falava de uma maneira meio rebuscada às vezes que a gente não entendia. Mas a gente achava graça, era meio pitoresco pra gente, e ficou.

J: E o que você quer dizer com essa maneira rebuscada, me conta melhor.

GM 1: Então, eram expressões que metade das palavras eu não sabia o significado naquela época. Eu entendia porque no contexto dava pra entender o que ele queria dizer. Mas eu nem sabia direito, assim. Ficava olhando os livros de... Eu lembro que quando não tinha ninguém ele ficava no tabuleirinho dele estudando, mas também ficava lá nos livros de Filosofia e falava... Eu acho que mesmo você não entendendo completamente, se você criar uma relação no xadrez de respeito, de alguma coisa, você tenta ouvir o que o outro tá falando, você não precisa entender.

J: E o Limp, além de professor de xadrez do clube que você frequentava tinha outras atividades relacionadas ao xadrez?

GM 1: Ele era só professor e jogador de xadrez, se dedicava exclusivamente ao xadrez. Na época ele quase virou Grande Mestre, sabe? Quase que você tem que entrevistar ele também. Chegou a 2480 e 2 normas de Grande Mestre. Agora já tá mais velho, joga menos, difícil. Tinha que ter conseguido chegar antes. Chegou muito próximo ali, antes, nos anos 99, 2000.

J: E isso de ele ter quase virado Grande Mestre, teve alguma influência pra você?

GM 1: Não, era mais porque eu queria que ele tivesse chego. Mas não, assim de falar de ter que superar o mestre, essas coisas, não. O que eu penso é só que eu gostaria que ele tivesse chego, fez por merecer.

J: Se a gente pensar na sua família agora, então nos seus pais e irmãos, tá? Você pode pensar separadamente ou como um todo, como preferir. Qual era o envolvimento deles com o xadrez?

GM 1: Ah, eles achavam que era um *hobbie*, um *hobbie* bacana. É, foi sempre isso, eles achavam que era bom pro desenvolvimento, pra, enfim, viajar, essas coisas. De uma maneira geral eles me apoiaram bastante, só começou a ter algum tipo de restrição próximo já de vestibular, faculdade, enfim, na época que eu tinha que direcionar mais pra tentar convencê-los de ser profissional. Faltava na cabeça deles a ideia de que eu pudesse viver de xadrez, isso não era muito concebível. Mas no início eles deram todo o apoio.

J: Todos eles?

GM 1: Ah, meus irmãos, sei lá. Meus pais sim, com certeza. Meus irmãos, sei lá... Se eu jogasse xadrez ou outra coisa era só uma coisa que eu fazia, não tinha um significado além disso, eu acho.

J: E você me contou que mais especificamente o seu pai esteve com você nos primeiros contatos. Esse tipo de apoio foi maior da parte dele, ele tava mais presente ou não, era igual também entre a sua mãe?

GM 1: Ah, a minha mãe não jogava xadrez comigo, mas se fazia até mais presente que ele na casa, essas coisas, né? Mas ela correu bastante pra ficar dando aula na faculdade, na USP. Ainda mais naquela época, tinha que apartar briga de um lado, não sei o que do outro. Mas ela era muito participativa, só não jogava xadrez comigo, ajudava em lição de casa... Eu odiava aqueles negócios de Educação Artística, era uma briga e ela ficava do lado pra tentar que eu fizesse alguma coisa.

J: E mais especificamente em relação ao xadrez?

GM 1: É, não, não teve. Quanto ao xadrez nada, se quer jogar joga, acho que é isso. Não foi nada assim, um apoio enorme. Não, foi “se você gosta, faz isso”.

J: Por parte dos dois isso?

GM 1: Isso, eu fiz também um tempo de karatê, de piano. Você faz, vê que não achou graça e... Teve uma época que eu sabia tocar piano, hoje eu olho e não sei. Mas eu toquei acho que mais de 1 ano e karatê também, cheguei até sei lá que faixa, umas 3, 4 faixas e parei também, porque enfim. Não achava graça.

J: Que legal, então além do xadrez você praticava karatê, tocava piano, futebol também, né. Que mais?

GM 1: É, futebol eu gostava bastante. É, era isso, era “faça o que você quer”. E aí em algum momento eu falei “eu quero jogar xadrez” e os meus pais falaram “então tá, joga”. Eu gosto assim, eu sinto que nesses torneios quando eu era criança vinham os outros pais e eu sentia que tinha uma pressão a mais assim porque tão lá, querem torcer pro filho ganhar. Meus pais tavam nem aí se eu ganhasse ou não. Sim, ficavam felizes, mas é “vai joga, gostou, bacana, se diverte”. Até hoje se eu falo que vou jogar um torneio é “vai, se diverte, tá certo” e se eu ganhar... Claro, me esforço, mas quer dizer, eles não cobram, né? Nunca colocaram nenhum peso em relação aos resultados. Isso quem coloca sou eu e acho que funciona melhor assim.

J: Por quê?

GM 1: Ah, porque assim, eles têm que entender bem como funciona pra saber o quê cobrar. Pai não entende bem como funciona o meio do xadrez, ao não ser que tenha algum caso como o do GM 12 que você vai entrevistar que tem a filha que joga, ele sabe o que tá acontecendo, ele vai poder avaliar bem. Nos outros casos não, é chutão, o pai fecha o olho e chuta assim, mas de um jeito... “Ah não, mas ele tem que ganhar porque tal outro menino não joga tão bem” mas baseado em, sei lá, chute. Então tem que ser divertir e tem que se esforçar. Isso também os meus pais não cobravam, “tem que chegar e se concentrar” e não sei o que, era “vai jogar e se divertir”. Acho até que o se concentrar pode ser razoável, mas eu acho que os meus pais me conheciam pra saber que eu sou muito teimoso. Então era mais fácil deixar fazer o que eu queria do que ficar obrigando porque eu não era fácil pra essas coisas assim de tarefa, essas coisas, isso penava. Porque eu tinha um pouco mais de facilidade na escola, então eu não entendia o porquê eu tinha que fazer uma coisa que eu já sabia. Mas era uma briga danada porque “tem que fazer, professor fala” e aí eu falava “não, vou fazer” porque eu não relutei, eu nunca fui de criar briga. Mas eu não quero fazer, então eu vou concordar com o que você tá falando mas depois eu não vou fazer. E minha mãe ficava maluca com isso. Então eles entenderam que não ia adiantar. Eu funciono melhor assim, acho que é isso, eles entenderam o filho que tinham.

J: Esse comportamento se refletia também no xadrez?

GM 1: Sim.

GM 1: E ainda sobre essas práticas, o karatê, o futebol... Elas continuam atualmente?

GM 1: Não, não... O futebol, putz. O karatê é zero, o futebol ainda na faculdade eu jogava com o pessoal, na época de Engenharia eu jogava bastante e na Economia menos. Agora eu não lembro qual foi a última vez que eu joguei bola, deve fazer mais de 3 anos, assim.

J: Além do xadrez você tem outros *hobbies*, passatempos?

GM 1: Ah, eu tento fazer algum tipo de exercício físico pra não morrer aos 33, né? Mas *hobbie* eu gosto de filmes, livros, séries, sair pra comer bem. Umas frescuras, mas nada, não é... *Hobbie* que nem xadrez não tem. Eu seguro, na verdade, tem algumas coisas que eu acho muito interessantes e que eu gostaria de me dedicar mais e eu tenho pra mim que eu acho que não é a hora, acho que eu preciso estudar mais xadrez. Eu ainda acho que eu posso evoluir alguma coisinha, não muito, mas alguma coisinha. E aí quando eu chegar à conclusão de que é isso mesmo, que eu cheguei onde eu quero chegar... Além de seguir com as minhas aulas, porque eu acho que isso vai ser o meu “ganha-pão”. A minha parte profissional vai ser essa, eu quero me dedicar a algumas outras coisas que eu acho interessantes.

J: Como, por exemplo?

GM 1: Eu acho muito interessante estatística, pôquer... Tem muita coisa que eu acho que gostaria de saber mais a respeito mas que eu... Tenho umas questões específicas de Filosofia, mas eu não quero... Eu tenho um amigo que fala “não, mas essas coisas tem que fazer” e eu falo “tá na listinha pra fazer depois” porque eu me sinto culpado se no meu tempo livre eu não estiver estudando xadrez.

J: Por quê?

GM 1: Porque eu acho que a gente tem o nosso limite e com o passar dos anos, sei lá, até os 35, 40... Eu acho que depois é muito difícil pro ser humano conseguir evoluir. No xadrez, pode ser que pra outras coisas não. No xadrez eu acho que é muito mais difícil aprender depois de uma certa... Assim, não é que é mais difícil, é que cada vez vai ficando mais difícil. Aos 7 anos você aprende muito mais fácil, aos 14 também, aos 25 você aprende mas não é tão fácil, aos 35 são mais demoradas as sinapses pra juntar.

Aprender a fazer alguma coisa, fazer bem alguma coisa como o xadrez mais velho eu acho que é muito difícil. Então eu queria aproveitar essa hora e depois vou fazendo o que eu quero.

J: E por questões neurológicas você acha que é mais difícil aprender conforme o avançar da idade?

GM 1: Acho muito mais difícil, acho que é a mesma referência de aprender uma língua. Aprender uma língua quando você é criança... Eu lembro que eu aprendi inglês muito mais fácil quando eu era criança, hoje eu aprendo duas palavras de sei lá, de alemão e já esqueci o que é no dia seguinte. Até conseguiria, mas eu acho que o esforço de quando eu era criança era muito natural, hoje eu acho que tenho que me esforçar bastante para aprender a mesma coisa.

J: Quando você fala que foi muito natural, mais especificamente o que você quer dizer com isso?

GM 1: É sobre o esforço, o contato. O simples contato... É difícil entender como isso começa a se dar, mas se você conversar com os pais... Em 94 meu pai foi fazer um pós-doutorado fora e a família toda foi morar em uma cidadezinha perto de *Detroit*. A gente não sabia falar três palavras em inglês, mas o contato fez com que nós terminássemos o ano fluentes. Pra comer no refeitório eu apontava, não sabia como é que falava o nome da comida, mas hoje se você fizer isso comigo e eu for sei lá, pro Japão, não tem nenhuma chance de que eu consiga fazer isso. Não vou morrer de fome, mas eu acho que vai ser muito mais difícil. E eu acho que pro xadrez funciona de maneira parecida.

J: Entendi, e nesse período que você morou com a sua família no Japão, teve contato com o xadrez por lá?

GM 1: Não, lá eu não jogava.

J: Avançando um pouco então, quando foi o momento em que você começou a se especializar no xadrez?

GM 1: Na época com o Limp eu comecei a ler livros de xadrez, comecei a me interessar e entender algumas coisas de abertura, só que a quantidade de estudo era mais ou menos baixa, assim. Era o suficiente pra se destacar nos torneios de categoria do Brasil porque eu acho que tirando alguns casos raros, muito raros, ninguém estuda muito e não era tão

difícil assim se destacar. Agora quando eu entrei na Engenharia, essa época eu estudei muito xadrez mesmo, eu estudei o que eu consegui estudar. E foi onde eu evolui mesmo, muito mais do que eu estudava no colegial e mesmo depois.

J: E de alguma maneira a sua escolha pelos cursos superiores que fez teve alguma relação com o xadrez?

GM 1: Não, eu escolhi o primeiro curso porque acho que eu achava bonito o nome, não tinha a menor ideia do que fazer. Era Controle... Mecatrônica no fundo, mas chamava-se Engenharia de Controle da Automação. Eu não sabia o que fazer e passei, mas não, não tinha nada a ver e descobri que não tinha nada a ver comigo também e sai. O de Economia também não tem a ver com o xadrez, apesar de que depois tem algumas coisas que são muito interessantes, tem a parte de teoria dos jogos que eu acho que é bem bacana, assim, de Economia. Foi um curso que eu entrei sem saber muito e gostei, achei interessante. Se não tivesse o xadrez que eu gosto muito eu poderia estar fazendo coisas relacionadas com a Economia, eu acho que também estaria bem feliz.

J: E você citou também que esse foi um período que você lia esses livros de forma mais autodidata...

GM 1: Então, o fato de eu ter uma basezinha já era o suficiente... Você só sabendo mexer as peças não tem como se virar pra começar a aprender. Mas, sei lá, nos 2 anos que o Limp morou lá em São Carlos e eu tive aula no clube me deu uma base boa pra se eu pegar um livro de nível médio, intermediário no xadrez, já sabia me virar sozinho. E aí eu estudei depois por um bom tempo né, até eu ter um ou outro contato com algum professor, foi sozinho.

J: Mais ou menos com que idade isso?

GM 1: É, desde que eu sai... Que foi mais ou menos em 98, 99. 99, na época eu já tinha uns 14, foi até os 20 quando eu comecei a procurar um ou outro professor. É que eu não sabia, naquela época não tinha muita opção porque *internet* quase não tinha e no interior de São Paulo quase não tinha ninguém. Então não tinha nem opção, ou era ler livro ou era desistir.

J: E como é que foi então esse avanço da época que você começou a se especializar até a obtenção do título de Grande Mestre?

GM 1: Nessa época o que me fez seguir jogando era porque eu gostava muito, é isso. E aí seguia lendo, eu lembro que teve uma vez que a gente foi pra praia, tava chovendo e aí eu tinha levado um livro de xadrez porque, né... Quando chove ou você vai jogar baralho, vai dormir ou vai ler sobre xadrez. E eu não trouxe tabuleiro, aí eu lembro que a minha irmã, aquela que fez Arquitetura e que era a mais assim “artística” da família desenhou um tabuleirozinho, pintou bonitinho porque, assim, eu não trouxe o tabuleiro mas eu tinha levado as peças, né? Aí ela fez bonitinho, comprou uma cartolina e eu estudei. Até jogamos, já não era tão novo, já devia ter quase uns 17. Mas ela foi, ela fez ali pra mim e eu fui estudando.

J: Sua irmã sabia jogar então?

GM 1: Não. Ah, sabia mexer as peças. Todo mundo ali sabia mexer, as regras do jogo todo mundo sabe.

J: Sua mãe também?

GM 1: É, ela sabe mexer as peças, mas nunca quis jogar.

J: E foi o seu pai que mostrou o xadrez pra todos, como é que foi isso?

GM 1: Não, pra minha mãe com certeza não. Pros meus irmãos é bem provável que sim, quando éramos criança ensinou e aí quem teve interesse seguiu jogando e quem não teve seguiu outra coisa. Meu irmão seguiu jogando, sei lá, *video game*. Gosta até hoje e minhas irmãs alguma outra coisa que elas achassem interesse, não o xadrez [risos].

J: E você se lembra de momentos jogando entre vocês, em casa?

GM 1: Não, as minhas irmãs eram um pouco mais velhas e com o meu irmão a gente rapidamente delimitou um território. Eu ganhava dele no xadrez, então a gente não jogava xadrez pra não brigar e ele jogava melhor *video game* que eu, então eu não jogava com ele porque se não eu ficava bravo se eu perdesse. Então ponto, era pra gente não brigar.

J: E essa influência do xadrez por parte da sua mãe, se não foi pelo seu pai, sabe da onde veio?



GM 1: Não lembro... Como o meu tio jogava é bem possível que tenha sido ele. Meu pai não porque a minha mãe perdeu a paciência. Mas algum tio deve ter a ensinado desde cedo. Foi a mesma coisa, meu tio seguiu, minha mãe não.

J: Certo, e retomando então a sua caminhada até o alcance do título...

GM 1: Ah é, então teve essa época e depois eu entrei na faculdade. O meu primeiro semestre foi *perfect*, fiz a faculdade bonitinho e não sei o que. No segundo já comecei a ir menos na faculdade e não sei o que, até que chegou um período de quase 6 meses ali, porque eu fiquei quase 3 anos, que eu praticamente troquei o dia pela noite, assim. E aí eu morava numa república que era muito legal, mas barulhenta. E aí eu dormia de dia, acordava 22h da noite, dava boa noite pro pessoal que ia dormir e ficava a madrugada inteira estudando xadrez. Acordavam 6h da manhã, saiam pra rua pra comprar o pão quentinho. Eu esperava o pessoal acordar pra ir pra faculdade, dava boa noite e aí eu dormia. Por 6 meses eu fiz isso, e tenho uma certeza danada que esses 6 meses fizeram diferença no que eu jogo xadrez hoje. E é difícil manter viu, eu não sei o por quê naquela época eu tava tão empolgado, como eu falei eu não tinha peso na consciência de não estar fazendo nada porque eu achava que, enfim... Não tinha quase custo mesmo, então eu não me sentia culpado e falava “ah, vou fazer isso”. E rendeu.

J: E essa preparação toda culminou com o título?

GM 1: Não, culminou quando eu fiz 20 anos e fui Campeão Brasileiro Juvenil, e assim... Já tinha sido antes, mas dessa vez tinha um monte de jogadores fortes e eu queria muito ganhar porque era o meu último ano de Juvenil. E nesse ano ainda tavam dando passagem pro Mundial. Eu estudei muito e o Brasileiro realmente mostrou isso, fluiu muito fácil o jogo. Mas aí depois eu segui estudando até, sei lá, os meus 22 quando eu larguei a Engenharia, só que pra eu virar Grande Mestre foram mais 3 anos, eu já tava na Economia. Só que nesse período de Economia eu estudei muito pouco xadrez, eu realmente acho que foi tanta coisa que eu estudei que o cérebro demorou pra processar tudo aquilo lá. Eu realmente acho que estudar xadrez é como comer qualquer comida, se você estuda um pouquinho como comer uma salada, no dia seguinte você vai conseguir aplicar aquele negócio. Se você estudar muita coisa, como se fosse comer uma feijoada, seu cérebro pra digerir aquilo acho que demora um pouquinho. Então tem coisas que você estudou lá que quando o cérebro começou a fazer uma conexão certa, já foi muito tempo depois. Porque não tem outra explicação, eu entrei na Economia e tinha

2400, fiz os 2500 necessários para virar GM em um período que eu quase não tava estudando. Então pode ser que eu não tenha entendido, mas a única explicação que eu consigo ver foi que eu tava me beneficiando dos estudos feitos na época que eu só via xadrez.

J: Certo. E se a gente pensar agora no período após a conquista do título, você se considera um profissional do xadrez?

GM 1: Me considero um professor de xadrez. E aí um profissional, não um jogador. Porque mesmo se eu quisesse, primeiro que no Brasil eu teria que jogar todos os torneios existentes, um atrás do outro, o famoso “caça-níqueis”, pingando de cidade em cidade pra buscar lá uma premiaçõzinha pra conseguir viver razoável. Acho que até daria, mas eu acho desgastante, não é algo que me interessa. Eu precisaria também estudar muito mais, precisaria evoluir mais, precisaria estar me dedicando como eu me dedicava antes e eu não tô. Às vezes não por não querer, mas porque faltam outras coisas, né? Tem umas burocracias e aí você não tem tempo. Aliás, no Brasil o único que vive só de jogar e estudar é o GM 8, né? Que eu saiba, ninguém mais conseguiu essa proeza. Porque um, ele estuda muito e dois, ele é forte o suficiente pra conseguir ganhar muitos torneios e ele realmente gosta dessa vida de ir de cidade em cidade. Eu acho que outros jogadores até poderiam conseguir isso também, mas não quiseram. Esse negócio de passar 6 meses fora pingando de cidade em cidade que, embora alguns achem o máximo... Tem gente que quer ficar em casa.

J: Quando você fala que não compensa é esse balanço que você faz?

GM 1: É, pensando nesses esses pós e contras eu prefiro estudar um pouco e quem sabe evoluir um pouco. Pelo o que eu estou estudando, qualquer evolução eu tenho que ficar feliz. Também pensando financeiramente nos custos que eu tenho na minha vida, que tipo de vida eu quero ter, pra mim isso faz mais sentido. Eu gosto de viajar, mas também não quero viver na estrada. Então pra mim faz mais sentido dar mais aulas de xadrez, eu gosto de dar aulas de xadrez, tento pegar alunos... Eu posso me dar o luxo hoje de pegar alunos que já têm o interesse em xadrez, né? Não é pegar o filho do pai que quer e aí o garoto não quer, porque aí é um saco isso, né? E aí eu me sinto feliz de poder dar aula realmente pra quem quer aprender e ganho o suficiente pra ter uma vida boa, que eu considero boa. De vez em quando jogo um torneiozinho, se eu puder pegar

premiação melhor, mas é mais porque eu gosto de jogar xadrez. Se eu for pensar em dinheiro, é melhor ficar em casa.

J: E pensando na sua trajetória, você a considera bem-sucedida?

GM 1: Ah, não... É, eu acho que eu poderia ter estudado muito mais na minha vida, que eu poderia estar jogando melhor do que eu jogo hoje, mas não muito melhor porque eu não me vejo... Dentre os Grandes Mestres brasileiros, eu não me vejo sendo alguém talentoso. O que eu acho é que eu sou alguém que tem a inteligência normal, que se esforçou muito e que chegou em algum lugar. Sei lá, desses se você pegar o GM 6, o GM 8... Esses caras têm algo a mais. Então assim, eu poderia ter chego onde eu cheguei mais cedo, poderia ter ido um pouco mais longe, mas não muito mais. Eu acho que cada um tem o seu limite, o meu tá algo acima, mas não é... Eu fico às vezes triste quando eu vejo claramente alguém que tá muito abaixo do potencial, ainda mais como professor, mas não é o meu caso. Eu cheguei, poderia ter chego um pouco mais, então... Agora falar que é uma carreira de sucesso, não. Eu não vejo dessa forma.

J: E quando você fala nisso de jogadores talentosos...

GM 1: É, é difícil explicar, porque tem pessoas que são muito inteligentes de um modo geral e tem pessoas que tem uma inteligência muito específica, né? Eu não sei o quanto isso existe também em outras áreas, mas eu percebo isso claramente no xadrez. Isso pra mim é óbvio, tem gente que tem muita dificuldade no xadrez, mas é muito inteligente em outras áreas, eu acho que depende. Tem pessoas que realmente parecem que são completas, inteligentes. Uma coisa que me impressionou muito foi jogar *stop* com o GM 12, eu acho que eu dava aula pra filha dele. Aí tava a filha, eu acho que o filho dele e mais uns dois ou três. A gente jogava em 6 colunas e quando eu tava na segunda o GM 12 "*stop*". O cara era insuportável, mas era claramente aquele cara que era um ponto fora da curva, ele é aquele cara muito acima da média. É aquele cara que o que se esforçar vai fazer bem.

J: Um talento então ligado a essa ideia de inteligência mais específica?

GM 1: É, mas parece que ele entende de muita coisa, assim, ele é impressionante. O GM 6, assim, embora seja um cara que eu não tenha tido muito a oportunidade de falar, imagino que ele tenha uns traços de genialidade, coisa assim, que eu sei que eu não tenho. Eu sei que eu tenho uma inteligência talvez um pouco acima da média, mas não

muito mais do que isso. Naquela específica, aqueles testes de QI, enfim. Mas nada de especial, e com o que eu tinha eu estudei bastante e cheguei onde dava pra chegar. Mas eu vejo que tem muita gente aí com potencial muito grande. E o pessoal fala: “onde tá o maior problema do xadrez brasileiro?” e eu tenho certeza que o maior problema do xadrez brasileiro está em quem não joga xadrez. É por isso que na Rússia tem muito mais gente, porque tem muito mais gente que joga e aí quando aparecem os talentos esporádicos, eles são ali. No Brasil a chance dos talentos não saberem nem mexer as peças eu acho que é alta.

J: Por uma questão de acesso?

GM 1: Acesso, de nunca ninguém ter ensinado a jogar. E se ensinou, pode até ter gostado, mas aí não tem quem dê continuidade.

J: E se a gente pensar na carreira de um jogador de xadrez, qual é o peso que você atribuiria a esse talento pra que ele atingisse o sucesso?

GM 1: Eu entendo que tem várias formas de talentos, de inteligências. O simples fato do cara poder sentar na cadeira e estudar, eu considero isso como sendo uma qualidade muito importante. Tem gente que tem uma inteligência fantástica, mas que não é capaz, que é ansioso, quer trocar, quer fazer outra coisa. Então depende, mas eu acho que se eu pensar em uma porcentagem pra dividir o que é esforço, o que é apoio, o que é talento... Porque eu tive apoio, não tenho dúvidas, mas também é melhor ter apoio no interior de São Paulo do que é, por exemplo, ter apoio no meio da Amazônia. Porque você precisa ter mais dinheiro, se você quiser ter apoio... A pessoa vai lá e vai jogar, mas gasta lá, sei lá, R\$: 300,00 quando eu jogava um torneio em Americana e voltava. Se você tem um apoio em Manaus você tem que pegar um voo em sei lá pra onde e depois vai. Contato, né? O mesmo apoio em Moscou é outra coisa, porque eu vou a pé no clube e jogo com 15 Grandes Mestres diferentes. Eu acho que isso faz uma diferença danada. O lugar que você tá eu acho que influencia bastante, o apoio dos pais com certeza... A *internet* ajudou, ela meio que socializou a informação, mas ainda assim eu acho que... Pro GM 6 ter chego onde chegou naquela época, é impressionante. Hoje tem brotado Grandes Mestres em uns lugares que nunca tiveram xadrez no mundo: Costa Rica, o *Carlsen* que apareceu na Noruega. São umas coisas que você nunca pensaria que aparecessem e apareceram. Eu acho que a *internet* tem algum valor nisso, mas...

J: Nisso de?

GM 1: Ah, do apoio, porque o moleque “ah, você mostrou o xadrez pra ele, percebeu que ele leva jeito, ele gosta”, você só precisa dar informação pra ele melhorar. E onde tem essa informação? No meio do nada não tem. Você pode estar até muito bem intencionado, mas se você não tem informação é difícil.

J: Bom, a gente já tá concluindo então, tá? De novo eu queria que você fizesse uma viagem no tempo e pensasse naquela criança que iniciou na prática do xadrez, o que ficou dela em quem você é hoje?

GM 1: É... [reflexão]. Ainda é alguém que gosta de desafios e de resolver problemas, gosta de tentar. É, resolver. Eu sempre fui... Alguém uma vez me falou que se eu fosse fazer uma entrevista de estágio hoje, de emprego, que eu não deveria falar que eu gosto de criar atalhos, que é feio, que é mal visto isso. E eu não conseguiria não responder isso porque eu vejo que eu sempre tentei criar atalhos, é isso. Eu gosto de pegar o problema e tentar fazer de um jeito mais fácil. Nesse ponto eu sou igualzinho, assim. O problema é que às vezes não tem um atalho. Mas essa é a mesma pessoa. O que mudou foi que, enfim, cresci, tenho dor nas costas, sei lá [risos]. Mas essa essência eu acho que é a mesma. Se eu puder pensar em um jeito de melhorar um processo, pensar em como melhorar... É algo que eu gosto muito, acho interessante.

J: E hoje, o que o xadrez representa pra você?

GM 1: Ah, uma parte da minha vida. Não vou falar que é essencial porque se acabar o xadrez, no dia seguinte, eu sei lá... Ainda tenho a minha família, tenho a minha namorada, tenho meus amigos, tenho o meu diploma pra poder me virar... Enfim, não é o fim do mundo, mas não tem um dia que eu não veja alguma coisa de xadrez, não tem um dia que eu não tenha parado pra pensar em alguma coisa relacionada ao xadrez, isso não existe. Eu posso estar longe da civilização, mas eu vou pensar alguma coisa sobre xadrez. “Ah, vamos pra uma praia deserta esquecer da vida”, isso pra mim não vai funcionar tão bem. Então é algo importante e que tá junto comigo, vai ficar.

J: E nessa trajetória, o que você relacionaria como suas principais conquistas?

GM 1: É, bom. O título de Grande Mestre, já fui Vice-campeão Brasileiro Absoluto faz uns anos, eu ganhei 3 vezes Brasileiros de Categorias. Tem uns fechados, mas eu prefiro

pensar mais em algumas partidas que eu tenho orgulho de ter jogado do que títulos, em si. Eu já ganhei uma vez do *Vachier-Lagrave*, um Grande Mestre muito forte, eu gosto dessa partida. Eu fico mais feliz de ter jogado uma partida bem jogada do que um título em específico. Hoje em dia um título pra mim, pra ser meio seco, é o dinheiro que eu vou ganhar ali e tá bom, tô feliz. Aquela medalhinha que me deixou feliz um dia, hoje um troféu fantástico ou falar que eu ganhei um título de alguma coisa não é mais algo... Talvez o título de Grande Mestre, foi algo que me deu acesso profissional a algumas coisas, mas se tirar ou colocar não é isso também o que eu acho bacana. Eu gosto de pensar se naquele lance que eu joguei tenho orgulho do que fiz.

J: E hoje, pesa mais esse orgulho da criação?

GM 1: É, pensar algo bem-bolado, pensar bem, às vezes uma ideia fora ou fazer o certinho da maneira correta. Mas ter uma ideia que não é uma ideia que eu costumo usar, né. Cada um tem seu estilo, e aí saber jogar diferente e de um jeito que você não tá acostumado e fazer aquilo lá direito é algo que me dá prazer.

J: Há algo que você queira acrescentar e que eu não contemplei? Algo sobre a sua trajetória, sua iniciação...

GM 1: É... [reflexão]. Pensando assim, eu acho que fez muito bem eu jogar com outras crianças. Eu acho que na escola, poder jogar contra alguém da sua idade, tentar ganhar. Eu lembro que quando eu ia no clube tinham uns 3, 4, não era muita gente, mas da pouca gente que ia lá jogar você cria umas amizades em relação ao jogo, isso eu acho que faz muito bem. Porque o xadrez não ensina só o jogo, né? Tem o meio que você vai se inserir ali, você cria algumas amizades que eu acho que... As amizades pra mim já são boas o suficiente, te incentivam a seguir naquilo.

J: E isso especificamente mais ou menos em quais ambientes?

GM 1: Ah, desde a época do clube como na escola, lá de vez em quando eu matava aula algumas vezes pra jogar xadrez com um amigo, isso no colegial. De novo, tinha aula que eu achava um porre, tinha aula que eu gostava. E eu ia lá jogar xadrez, tinham dois amigos, um amigo que era da minha idade e um mais velho que até hoje, sei lá, uma vez por mês a gente vai bater um papo lá em São Paulo porque, por sorte do destino, os dois estão lá. E ficou, eu tenho amigos que eu conheci com 14, 15 anos que eu tenho até hoje. Então essa parte de conhecer pessoas que são um pouco diferente de você e ganhar

essas amigadas eu acho que é uma das partes mais bacanas do xadrez. Mesmo que elas não joguem, isso que é o legal.

J: Eu agradeço a sua atenção e toda a sua disponibilidade, tá? No termo tem todos os nossos contatos, quaisquer dúvidas é só me escrever. Muito obrigada!

GM 1: Ok, agora é mandar quanto tiver pronto!

### **Apêndice B – Íntegra da entrevista (GM 2)**

J: De antemão agradeço então a sua participação no nosso projeto e toda a atenção disponibilizada. Idade?

GM 2: 30 anos.

J: Data de nascimento?

GM 2: 15/11/1986.

J: Sexo?

GM 2: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 2: Branca.

J: Nível de escolaridade?

GM 2: Superior completo.

J: E se a gente pensar antes, Ensino Fundamental e Médio, foram públicos ou privados?

GM 2: Privados.

J: E o Ensino Superior?

GM 2: Também privado.

J: Em qual instituição?

GM 2: Mackenzie.

J: Curso?

GM 2: Administração de Empresas.

J: Cidade de nascimento?

GM 2: São Paulo, capital.

J: Reside lá também?

GM 2: Sim.

J: Sua profissão?

GM 2: Atleta, enxadrista.

J: Sua renda familiar mensal atual, em média? Pensando só em você, se você morar sozinho, por exemplo.

GM 2: É que eu moro com meus pais.

J: Ok, então pode pensar na sua família como um todo.

GM 2: Uhum, é... Tem umas faixas de renda?

J: Sim, se você quiser pode falar em salários mínimos, em valores brutos, fique à vontade.

GM 2: É, cerca de R\$: 7 a R\$: 9 mil reais.

J: Então como você já me disse, mora com seus pais. Filho único?

GM 2: Não, tenho uma irmã.

J: Então agora a gente vai pensar em cada um deles, tá? Fazer a mesma caracterização socioeconômica que a gente fez com você, assim de forma mais simples. Então pensando primeiro no seu pai, nível de escolaridade?

GM 2: Superior completo.

J: E os níveis anteriores dele, se deram em ensino público ou privado?



GM 2: Isso foi no Líbano, acredito que privado, mas não tenho certeza.

J: Você conhece como funciona o sistema de ensino por lá?

GM 2: O ensino básico não, não saberia dizer.

J: E o Ensino Superior, ele fez aqui no Brasil?

GM 2: Fez lá também, veio pra cá formado.

J: E isso no ensino privado também?

GM 2: Sim.

J: Profissão do seu pai?

GM 2: Ele é aposentado, foi publicitário. Ele é formado em Arquitetura, mas foi publicitário a vida toda na área de Desenho.

J: Então a mesma coisa pra sua mãe, nível de escolaridade?

GM 2: Superior completo também.

J: E anteriormente, sempre público, privado?

GM 2: Privado.

J: O ensino superior também?

GM 2: Também.

J: E a profissão dela?

GM 2: Ela é corretora de imóveis, formada em Psicologia.

J: Por último, então, a sua irmã?

GM 2: Ela tem ensino privado também, desde o Fundamental até o Médio e o Superior também. Ela também tem o Superior completo.

J: E ela fez também por lá ou aqui no Brasil?

GM 2: Não, ela fez isso tudo no Brasil. A gente chegou a estudar um tempo na Itália, mas estudamos no Brasil. Ela mora nos Estados Unidos atualmente.

J: O ensino superior dela foi privado mesmo?

GM 2: Ah não, desculpa, foi no público. Foi na USP.

J: Então os níveis anteriores sempre privados e o Superior na pública?

GM 2: Isso.

J: A profissão dela?

GM 2: Ela trabalha em consultorias, é formada em Engenharia da Produção.

J: Então agora a gente entra nas questões mais abertas que se referem mais especificamente a você, desde a sua iniciação até o alcance do título de Grande Mestre. Fala um pouco pra mim sobre a sua trajetória.

GM 2: Eu comecei a jogar em 92, 93, de 6 pra 7 anos. Aprendi com meu pai, em casa. Meu pai nunca foi jogador, mas meu tio sempre gostou muito de xadrez. Acredito que eles quando bem jovens... Meu tio sempre jogava, acho que o meu pai chegou a aprender com ele e um dia ele me ensinou, achou que eu podia gostar, enfim. Como uma atividade mesmo, um pouco talvez por essa coisa do meu tio e também um pouco pela tradição armênia no xadrez também, meu pai tinha essa... Enfim, tinha essa vontade de que eu aprendesse e visse se eu me identificava, né. E aí durante muito tempo, não sei se chegou a ser 1 ano, mas ele chegava em casa do trabalho e a gente jogava não sei se uma vez por semana, não sei dizer. Mas a gente jogava uma vez, assim. E meu primeiro contato foi esse, né? Não tinha noção nenhuma de estudo, livros, aulas, campeonatos... A gente jogava, era brincadeira, e ele nunca deixava ganhar. Então foi um processo, enfim. Eu perdia e não sei se em algum momento eu comecei já a não perder, mas acho que... Não, aí eu comecei a ter aula, acho que mais ou menos 1 ano, 1 ano e meio depois. Uma aula bem assim, recreacional, recreativa. Era uma vez a cada 15 dias e também era só uma aula com um professor que me despertou a vontade de jogar xadrez. Ele passava conhecimentos assim mesmo, técnicos, mas era muita diversão. Enfim, eu tinha 7, 8 anos. Uma coisa que eu acho muito importante é manter o interesse de algum jeito, né? Era muito divertido, a gente ria muito, de algum jeito ele me passava um conhecimento. E aí depois eu comecei a participar de campeonatos, em 95, 96, assim. Então uns 3 anos depois. E aí em 98 a gente começou a viajar bastante, jogar campeonatos fora de São Paulo mesmo, não só os escolares. E aí nesse momento

foi que eu comecei a... Assim, eu gostava muito, mas eu comecei a ver a realidade que tinha, eram muitos livros, tinham os campeonatos, Campeonato Paulista, né? Na primeira vez eu fiquei em 25º e fiquei tão feliz que “nossa, sou o 25º melhor do estado!”. E eu não tinha ido bem, não sabia nada ainda, mas era uma coisa que, né, eu comecei a pensar que um dia eu quero estar lá em cima, quero estar lutando. Em 98 eu já comecei a ficar perto de ser Campeão Paulista, né, comecei a treinar muito, assim. E a ter os professores também, mas professores que sabiam já mais de competição. O Adriano Caldeira foi o meu primeiro professor que sabia mais de torneios, né? Meu primeiro professor era uma coisa bem básica. E aí nesse período eu tive muitas oportunidades mesmo que a minha família conseguiu dar pra mim. Eu cheguei a ir pra Armênia, fiquei 1 mês lá treinando, isso foi em 2000, eu acho. Mas todo esse tempo eu tinha aula com o Pelikian também, com o James, né? Mas meus pais sempre me incentivaram muito e me deram condições pra eu ter um progresso muito bom, assim. Em 2000, 2001 que foi quando eu já tinha sido Campeão Paulista, já tinha começado a lutar todos os anos pelo Campeonato Brasileiro, comecei a fazer o *rating*. Por aí eu acho, em 2001, e nesse tempo eu comecei a enfim, levar mais a sério mesmo. E a coisa que mudou mesmo no processo todo foi quando eu tava perto de entrar na faculdade, em 2003 isso, que foi quando eu falei “bom, ou começo a me dedicar mesmo ou vou, enfim, fazer um cursinho, tentar entrar em uma faculdade mais *top* ou tentar levar o xadrez e fazer uma faculdade que eu consiga levar”. E aí em 2005 eu virei Mestre Internacional que foi um título que não era esperado. Mas eu tava treinando há muito tempo, tanto que estourou. E aí em 2010, Grande Mestre. Mas de Mestre Internacional para Grande Mestre foi um processo bem longo e bem difícil mesmo. Essa foi a parte mais difícil eu acho porque era pra eu estar subindo e aí eu sentia que “parece que as coisas vão começar a dar muito certo” e sem perceber você vai bater muitas vezes com a cara na parede ainda. E aí muitas decepções, assim, com o xadrez mesmo. Eu conseguia levar a faculdade também, mas sempre com o apoio da família, assim, sempre. Em nenhum momento da faculdade meus pais tinham alguma dúvida sobre eu caminhar sempre rumo à faculdade e tentando me profissionalizar no xadrez, uma vez que não tinha muita expectativa, assim, né. Porque os exemplos que eles viam, principalmente meu pai que viajava junto, eram de jogadores bem das antigas que não eram tão destacados, mas que se viravam com o xadrez. Mas “pô, isso não é um exemplo”. Eu não achava que tinha muita perspectiva jogar xadrez e que, enfim, era muito melhor focar na faculdade e tal. Mas eles nunca, jamais foram negativos em relação ao xadrez.

Eles tinham uma certa preocupação, mas continuavam me apoiando, assim. E aí foi isso, eu virei Grande Mestre em 2010, mas aí já tava toda consolidada a minha carreira, né?

J: No começo você comentou que o seu pai nunca foi muito um jogador, como era isso?

GM 2: Ele sabia o básico, assim. Eu acho que ele admirava, achava legal quem jogava, mas nunca... Me ensinou, ele gosta, até gosta de assistir, assim. Mas jamais jogou, assim. Uma coisa dele, eu acho. Nunca teve uma coisa de jogador, assim. E acho que ele achava legal, assim, só o xadrez, uma coisa assim, mas nunca foi... Quando eu comecei a viajar muito ele ficava assistindo as partidas, até dava umas opiniões. Até hoje eu não sei como ele jogaria, se ele via alguma coisa nesse tempo.

J: E como o seu pai aprendeu a jogar, como é que ele sabe?

GM 2: Acredito que foi com o meu tio, suponho. Mas nunca perguntei pra ele.

J: Talvez pelo seu tio então, seus avós?

GM 2: Não, não. Muito difícil. Meu tio deve ter aprendido também não sei como porque o Líbano nunca foi um país que teve alguma tradição. Eu acho que foi uma coisa que ele começou a descobrir, lia uns recortes de jornais, coisa assim. O meu tio eu acho que seria um jogador bom de clube, vamos dizer. Um amador bom, seria. E deve ter sido disso, do contato dele com o meu pai. Mas não é da família não, com certeza.

J: Inicialmente então os primeiros contatos se deram com o seu pai e depois se estenderam com o seu tio. Ele era mais próximo de você em relação ao xadrez?

GM 2: Não, não. Meu tio mora na Espanha, o que eu digo foi o contato que o meu pai teve com o meu tio. Assim, quando eles eram jovens e que talvez ele aprendeu com isso, mas... Eu vi o meu tio duas vezes na vida, mas ele sempre por muitos anos mandava recortes pra mim de análises que saiam no jornal lá da Espanha. Eles têm uma coluna lá na Espanha e ele sempre mandou uns recortes, assim.

J: E como você recebia essas notícias?

GM 2: Ele mandava os recortes por carta mesmo, tenho guardadas bastante.

J: O que você sentia quando recebia essas cartas?

GM 2: Ah, era bem legal porque isso foi bem no começo mesmo. Eu sempre tentava reproduzir as partidas, às vezes eram exercícios, problemas, composições ou partidas bem históricas, assim, antigas. E era legal, eu tenho tudo bem guardado, assim. Ele me mandava e era legal porque ele recortava mesmo e me mandava na carta, às vezes escrevia alguma coisa, assim. Mas era legal porque a gente tinha esse contato, mesmo nem conhecendo o meu tio pessoalmente a gente tinha esse contato. Então teve esse incentivo também, meu pai sempre ficava feliz quando ele me mandava, falava “estuda esses jogos que são importantes”, enfim. Coisa de pai, mas isso acho que foi uma coisa que me ajudou a motivar também, né?

J: Isso ainda antes da época que você tinha os seus professores?

GM 2: Eu não sei dizer, mas acho que assim que o meu pai falou pro meu tio “olha, eu ensinei pra ele e ele tá começando a gostar” ele quis de alguma maneira participar também, né? Porque o meu pai, meu tio e os irmãos todos do meu pai nasceram no Líbano e cada um foi pra um país diferente. Meu tio foi pros Estados Unidos, o outro foi pra Espanha, e aí ele veio pro Brasil. Então, enfim, teve Guerra Civil no Líbano nos anos 70 e foi uma coisa que a família se separou bastante, né? Então ele queria participar de alguma maneira e sempre foi bem legal. Sempre escrevia por e-mail, “como é que estavam os campeonatos”, enfim. Mas foi uma coisa que somou, também, vamos dizer. Não acho que foi super decisivo, mas foi uma coisa que somou, assim.

J: Ah, ele via no xadrez um modo de estar presente na sua vida, mesmo longe...

GM 2: Sim, é. A gente mantinha o contato, conversava por telefone às vezes, mas nada a ver com o xadrez. Minha irmã também falava, mas eu acho que essa era uma coisa a mais, assim, que ele sentia que tava incentivando, ajudando. E hoje ele fica muito feliz, sempre escreve porque sabe que teve alguma parte dele também nisso.

J: Ele sabe que hoje você é Grande Mestre?

GM 2: Ah sim, sabe. Sempre me escreve “ah, quando é que você vai chegar nos 2600”, sempre termina assim os *e-mails* [risos].

J: Ah, que bacana! Você comentou também que depois da sua iniciação teve vários professores, né?

GM 2: É, foram assim... Foi esse professor inicial que foi o Carlinhos.

J: Isso em qual ambiente?

GM 2: É, a gente conheceu ele no Clube de Xadrez de São Paulo, eu acho. A gente descobriu que tinha um clube, aí a gente foi lá e conheceu ele. Nos identificamos e aí ele ia uma vez a cada 15 dias no escritório do meu pai e a gente fazia aula. Aí eu comecei lá no Clube de Xadrez também, foi aí que a gente conheceu o Adriano Caldeira, isso eu acho que foi em 98. Depois eu comecei a fazer aula com o Pelikian e com o James, James Man de Toledo, isso em 99. Mas aí eu parei de fazer aula com o Adriano, eu fiquei com os dois por um tempo, assim. Eu parei meio que junto com os dois, lá em 2003, 2004, que curiosamente foi quando eu comecei a me destacar mais porque, enfim. Minha família ajudava, mas, enfim, aula de xadrez era uma coisa meio cara e eu tava nessa coisa da faculdade... A gente escolheu parar com as aulas porque se eu quisesse alguma coisa eu tinha que me dedicar sozinho, né? E eu me dediquei sozinho de verdade quando eu parei de ter as aulas. Eu vejo que hoje ter um professor é muito legal pra criança ter aula, mas é uma acomodação também. Então, claro, quem gosta e quem leva o xadrez como uma coisa pra se divertir, como uma coisa recreativa é muito legal ter aula. Mas quem quer realmente, tem uma ambição, é muito legal, mas às vezes cria uma acomodação, assim. Eu comecei a me destacar muito quando eu parei de ter aula e falei “oh, se eu não fizer nada eu vou ficar pra trás”, né? E aí eu comecei a me dedicar muito mesmo, quando acabaram esses professores.

J: E essa iniciativa de buscar professores pra você ir se aprimorando, partiu de quem?

GM 2: Ah, do meu pai, com certeza. O primeiro foi com certeza o meu pai. Depois que a gente conheceu ele no clube, o Carlinhos. Com o tempo deu pra ver que eu comecei a melhorar e a gente começou a procurar outra pessoa que soubesse das competições, né. E aí surgiu o Adriano Caldeira que a gente conheceu... Talvez no clube também, né? Eu ia muito no Clube de Xadrez de São Paulo, toda semana a gente ia. E aí foi isso, a gente foi entendendo que fazia diferença ter um treinador mesmo até a gente ficar bem à vontade com o meio do xadrez, entender como é que funciona. Tudo levou um tempo, né? Mas sempre partiu mais do meu pai, assim, meu pai é quem viajava junto sempre, né? Então ele que conhecia todo mundo, o pessoal, né? A minha mãe sempre me dava muita força, me apoiava e gostava, mas ela não ia junto, né? Então meu pai que tava nas competições sempre, ele que tava no meio, e enfim. Tinha esses contatos pra fazer essa intermediação, vamos dizer, né?

J: Ele então que apresentou pra você também o Clube de Xadrez de São Paulo?

GM 2: Sim, é... Como primeiro contato eu não sei nem como a gente chegou no clube, não lembro. Mas a gente descobriu que tinha, fomos lá, e aí encontramos o Carlinhos, meu primeiro professor. E aí começando a entrar no meio, assim, as coisas vão acontecendo mais rápido, né?

J: Em que sentido?

GM 2: Quando você começa a conhecer o meio, as pessoas, como é que são os campeonatos, quem são os treinadores de verdade, quem são as pessoas assim que você... Quando você não conhece nada é uma coisa meio assustadora, né? Você fala “nossa, mas como é que começa, né?”, “quero treinar, quero melhorar”. Aí pensa “como é que eu posso começar a treinar, melhorar, com quem, onde”, né? “Quem que tá certo, quem que tá errado”, a gente não sabia de nada. Mas depois a gente começou a ir muito e a gente ficou bem à vontade com o meio, começou a conhecer as pessoas.

J: E foi nessa época também que aconteceu o seu intercâmbio?

GM 2: É, foi em 2000 isso. Foi um pouco depois que a gente foi pra Armênia, a gente foi em 99 pra Armênia. Eu fui com o meu pai, mas era uma competição mesmo e foi legal, mas era só uma competição. Foram os Jogos Pan-Armênios, uma coisa que tem pros armênios do mundo inteiro.

J: E vocês foram viajar exclusivamente pelo xadrez, pra essa competição?

GM 2: Sim, é... Eu já tinha ido pro Mundial em 98 que foi o ano que eu comecei a jogar muito, muito, muito. Em 98 teve o Mundial já, mas daí era a competição só, né? Tem a experiência, mas não é a mesma coisa. Em 2000 que eu fui pra Armênia a gente ficou 1 mês lá e aí sim era um treinamento bem intensivo, 8 horas por dia. Eu gostava muito, tava aprendendo, mas eu contava os dias pra ir embora porque eu não aguentava quase [risos]. O ritmo, né? Porque é muito puxado pra realidade que a gente tem aqui no Brasil. É bem puxado mesmo, assim, né? Deu muito resultado, não tenho nem o que falar, mas naquele momento foi bem... Bem chocante assim, ter que ficar 8 horas por dia treinando uma coisa que eu fazia mal. Fazia aula toda semana, era uma coisa totalmente diferente, assim.

J: A intensidade você sentiu?

GM 2: A intensidade, é. Eles têm um foco totalmente diferente, né? A seriedade é diferente. Um pouco pelo xadrez ser tradição lá, mas é uma coisa cultural também, né? Eu acho que, enfim, eles terem uma disciplina assim mais séria... Pode dar certo e pode dar errado, né? Porque pode ter um efeito bem negativo no aprendizado, né?

J: Por exemplo?

GM 2: Por exemplo sobrecarregar uma criança que, enfim, às vezes não gosta tanto de xadrez ou do que tá fazendo e você tá lá, 8 horas por dia... E se você começar a não gostar disso vai ser horrível, né? Mas de alguma maneira os dias foram passando e, enfim, eu tava maravilhado ali com as coisas que eu ia aprendendo diferentes... Mas foi bem puxado mesmo. Depois esse mesmo treinador veio duas vezes pro Brasil, esse treinador da Armênia. Em 2001 e 2002, eu acho que foi. E mesma coisa, 30 dias, 1 mês, eu saía da escola e a gente ficava das 13h até 20h todo dia.

J: Ele veio pro Brasil exclusivamente pra te acompanhar?

GM 2: Sim, a gente ficou quase 1 mês treinando. Ele até chegou a jogar uma competição ou outra, mas o negócio era o meu treinamento. E ele falava, ele falou pro papai “oh, do último ano pra cá o seu filho não aprendeu nada aqui” [risos]. E assim, ele falava porque era outro ritmo, né? Se eu fazia 8 horas por dia durante 1 mês, faz a conta do quanto que dá isso em carga horária, era muito pesado. E ao longo do ano com o Pelikian ou com o James eu tinha 1 aula por semana, 1h30min de aula, nem chega no tanto que eu fazia com ele. Então isso foi uma coisa que deu um salto enorme, assim.

J: E nessa época, a iniciativa de trazer um treinador pra cá pra te acompanhar partiu de quem?

GM 2: É, aí teve uma intermediação muito legal do cônsul da Armênia no Brasil. O consulado foi criado eu acho que em São Paulo em 97, naquela época, 98. Meu pai tinha um contato e a gente começou a falar “bom, na Armênia parece que é muito bom o xadrez, como é que será que faz pra gente ir pra lá?”. É, de maneira geral não teve nenhuma ajuda, assim, direta. Foi uma intermediação que facilitou sobre quem são os treinadores armênios, em quem que a gente poderia confiar porque era uma coisa muito grande.

J: E esse cônsul detinha esses conhecimentos sobre os treinadores de xadrez?



GM 2: Não, ele não. Mas ele fez a ponte com a Federação, com o pessoal que... Mas não, ele não, ele até, enfim. Na Armênia todo mundo já teve o contato com o xadrez. Mas ele conseguiu fazer um contato lá com o pessoal e indicaram um treinador que, enfim, me dei super bem com ele. Ele tinha uma disciplina que me tratava como se fosse o filho dele, assim. Ele se sentia à vontade pra me dar bronca o tempo inteiro, então era bem... Eu não briguei com ele, mas era bem chocante mesmo. Ele me dava bronca por alguma coisa que eu fiz durante o treino de um jeito bem pesado, assim.

J: E você, se identificava com isso?

GM 2: Eu me identificava com ele talvez de um modo geral. Mas nesses momentos, eu não lembro... Teve um momento ou outro que eu devo ter ficado bem triste assim, mesmo. Por uma, enfim... Por estar sendo disciplinado de um jeito, assim, por um... É que eu realmente levava o xadrez muito a sério, então eu meio que aceitava que, sei lá, isso tá “ok” assim.

J: Pelo modo com que ele ensinava estava “ok”?

GM 2: Ah não, sim. É, no dia-a-dia assim era super tranquilo, nas competições é que às vezes, sei lá. Uma vez ou outra eu empatei meio rápido, não era nem questão de jogar mal, assim, isso ele não tinha. Era mais essa questão de empatar rápido, não se esforçar na partida, ele ficava muito bravo. E aí teve uma vez ou outra que eu empatei, tava com medo de perder numa situação que eu tinha que jogar ainda e ele ficou bem bravo mesmo. E ele fala como se ele fosse meu pai, era uma coisa bem diferente mesmo.

J: Esse “falar como se fosse o seu pai”, seria? O seu pai também tinha certa cobrança?

GM 2: Ah, não. É, tinha, mas não tinha conhecimento técnico, assim, pra falar. Eu digo pai como um pai que vai dar uma bronca no filho, enfim. Bem bravo mesmo e cobrando, né. Tipo, querendo me ensinar mesmo de um jeito bem bravo que, né, na realidade do Brasil até hoje eu nunca vi nenhum professor particular ser assim, né? Tipo uma coisa tão pesada assim, né. Você quer que o seu aluno vá bem, mas enfim, você não consegue... Geralmente você não pensa em magoar ele por causa do xadrez que, tudo bem, é importante. Mas depende de como a criança vê isso, né?

J: Depende do que?

GM 2: É que na verdade eu não era tão novo nessa época, né? Eu já tinha uns 15, né? 14, 15. Mas digo, eu tenho aluno de 10, 11 anos e eu jamais me vejo assim... Claro, se for alguma coisa de atitude errada eu falo sério com ele, mas jamais eualaria do mesmo jeito que ele falava, assim. Tipo bravo mesmo assim, sabe? De um jeito... Talvez seja o jeito dele, às vezes é um jeito que eles têm lá mesmo, um jeito disciplinador, mais sério. Um jeito de falar bem... Um jeito mais agressivo, vamos dizer assim.

J: Entendi, e se a gente pensar nos seus professores, ele foi mesmo o seu último?

GM 2: Ah, foram 3 treinamentos que eu fiz com ele, o último foi em 2002. E com o James e com o Pelikian até 2003, 2004 a gente treinava um pouco. Eu acho que o último que eu parei foi o Pelikian, na verdade. Em 2004, coisa assim.

J: Foram sempre intercalando esses vários professores?

GM 2: É, eram os dois, na verdade. O James e o Pelikian. Eu tinha aula lá no Paulistano, depois tinha particular com o Pelikian também. Com o James eu tinha no Círculo Militar e depois particular também. Uma época era só no clube, enfim. Tiveram épocas diferentes, mas foram eles que criaram uma base importante pra mim.

J: E todos esses clubes são privados em São Paulo?

GM 2: São privados, eu não era sócio de nenhum dos dois, mas era militante.

J: O que seria militante?

GM 2: Militante é um termo que eles usavam pra alguém que ia fazer uma atividade lá e não era sócio.

J: Ah, você fazia exclusivamente o xadrez?

GM 2: Isso, eu lembro que no Círculo Militar tinha militante que podia entrar pra fazer aula de xadrez numa boa, mas jamais poderia usar o clube, assim. Em um domingo, por exemplo.

J: Entendi, um sócio-atleta?

GM 2: É, podemos pensar que fosse isso.

J: E se a gente pensar na escola, houve algum contato com o xadrez por lá?

GM 2: Com o xadrez não, o que teve na escola foi... Porque eu estudei em uma escola privada da colônia armênia mesmo, então praticamente todos os alunos eram descendentes de armênios. Mas nunca teve nada de xadrez. A gente chegou a organizar 2 torneios, eu e o meu pai. Talvez até com um professor ajudando, assim. Tiveram 2 torneios escolares lá e eu cheguei a ensinar o pessoal da minha sala a jogar, foi legal. Aí a gente até brincava depois no recreio, no intervalo. Mas foi isso só, ninguém jogava, assim. Tinha um menino de uma sala, um pouco mais novo, que chegou a jogar. Até me cumprimentou. Mas não teve aula na escola, assim.

J: E essas iniciativas de torneios, partiram de algum professor de alguma disciplina, foi em que contexto, assim?

GM 2: É, na verdade foi a gente que levou a ideia, né? No caso o meu pai junto com acho que o Carlinhos, o meu primeiro professor. A gente falou “vamos fazer um torneio na escola”, vai ser legal. E ele tinha um amigo que era árbitro, sabia organizar os dados, assim. Era um escolar, bem pequenininho, assim. Acho que tinha umas 40 pessoas, coisa assim.

J: Que curioso, embora o xadrez fosse então cultural na Armênia, nessa escola de descendentes ele não existia?

GM 2: Ah, era uma escola pequena, acho que era uma escola com 150 alunos. Bem pequena, né?

J: Bom, por enquanto você me contou sobre as suas relações com o xadrez em casa, nos clubes, e agora também na escola... Se a gente pensasse em possíveis relações desses ambientes que você vivenciou para o alcance do alto rendimento, seria possível pensar em algumas?

GM 2: Isso de professores?

J: Também, pensa em tudo o que envolvia esses ambientes: professores, amigos, espaços...

GM 2: É que na verdade no momento que eu parei de frequentar esses ambientes, ter contato com os professores, com os clubes, o Paulistano e o Círculo Militar... Me

ajudou a criar uma base, uma rede de amigos que, embora poucos tenham seguido, uma coisa que me ajudou a chegar no alto rendimento foi ter alguém com quem eu estivesse junto sempre, seja treinando, viajando. O GM 8, por exemplo, a gente já jogou muitos anos seguidos torneios e sempre treinava junto. Então ter alguém junto ali é bom. O xadrez é individual, mas pra muitas coisas é bom ter alguém ali pra dividir quando você perde, quando você ganha, enfim. Mas ele não foi alguém que surgiu do círculo dos ambientes em São Paulo, então eu lembro de um ou outro amigo que me ajudou a incentivar, assim, que eu cheguei a conviver um tempo depois e que me ajudou a motivar. De um modo geral, toda essa base que eu tive de conhecimento técnico me ajudou muito pra eu começar a me destacar, com certeza. Mas o salto principal só acontece quando você começa a se dedicar sozinho mesmo, eu não tenho dúvidas disso. Pode te dar um empurrão você ter contato com quem conhece, ter experiências legais, você estar junto com as pessoas, mas todo mundo que eu conheço só se destacou de verdade mesmo quando sentou sozinho ali e treinou sozinho. E aí não tem a influência de outra pessoa, assim... É, claro que sempre tem, mas pro estudo em si é nessa parte sozinho quando você absorve mais conhecimento. Porque a gente não tem coisas de alto rendimento, treinamento, né? Um centro, um clube. Mesmo dos últimos anos pra cá, pouquíssimas vezes eu me junto com alguns amigos que são Grandes Mestres também, pouquíssimas vezes, assim. A gente acaba acostumando a fazer tudo sozinho assim mesmo, é coisa que o xadrez cria em você. Então você não falar com quem você treina, onde você treina... Em todos os esportes é natural, você tem um treinador, no xadrez os melhores do mundo têm treinadores, claro, mas na nossa realidade você acaba ficando mais confortável sozinho no fim das contas pra treinar. Claro, nas competições é legal ter sua rede de pessoas, de amigos, mas o treino que é o principal você faz sozinho mesmo.

J: Seria o lado positivo disso então, de não ter esses treinadores?

GM 2: Sim, você força, você se esforça mais.

J: E essa sua amizade com o GM 8, veio em que contexto?

GM 2: É, com certeza foram das competições. Quando a gente começou a ficar mais próximo, acredito que em 2005 talvez, por aí, 2006, você vai começando a viajar assim e quando tem pessoas que tão junto sempre você começa a criar uma proximidade. A gente criou uma afinidade muito legal unicamente, assim, principalmente pelo amor ao

xadrez. De estar falando sobre xadrez o tempo inteiro e a qualquer momento falar alguma coisa de xadrez e o outro estar interessado, assim. Então é difícil achar uma pessoa assim que você se identifica, pensando no alto rendimento, no progresso do xadrez. Das pessoas todas que eu convivi são poucas que têm essa amizade que a gente tem e que girou muito em torno do xadrez mesmo. Todos os nossos assuntos quase, nessa época principalmente, tinham a ver com campeonatos, com “quem jogou tal partida” ou enfim, “como é que ganha esse final”, enfim. Assuntos bem específicos de xadrez mesmo, né? Mas a gente se encontrava muito também porque ele morava em Curitiba essa época ainda e eu ia pra lá às vezes, a gente passava um tempo. Lá na verdade tinha muito torneio, né? Então oportunidade não faltava. Mas eu tive outros também, mas o principal foi o GM 8, com certeza. A gente se ajudou muito a se motivar o tempo inteiro, e isso por muitos anos. Até virar Grande Mestre a gente tava junto. Quando eu virei, né? Ele virou antes, eu tava lutando bastante, falhando, mas da última vez que deu certo ele tava lá também. A gente tava sempre preparando junto, se ajudando. Então essa parte do xadrez não é só individual, né? É muito bom ter alguém, isso faz muita diferença eu acho. A pessoa sozinha desanima por vários motivos, assim.

J: Essas idas pra Curitiba então eram pra estar com o GM 8, vivenciar o xadrez?

GM 2: É que sempre teve *internet* nessa época, tanto é que a gente falava muito. Mas vira e mexe eu ia pra lá às vezes, não era uma coisa tão frequente também. De vez em quando eu ia e aproveitava às vezes um campeonato que era mais pro sul, pra voltar eu ficava uns dias na casa dele. Depois ele veio morar em Americana, aí teve muitas vezes porque era bem perto.

J: O contrário também acontecia, ele vinha também?

GM 2: Menos, na época ele morava sozinho, né? Então era mais tranquilo, eu sempre morei com meus pais. Ele vinha às vezes também, mas pra gente pegar, treinar e ficar jogando, passar a noite jogando, treinar pros campeonatos... A gente ia jogar campeonato e às vezes virava a noite jogando, assim. E ia bem no campeonato [risos].

J: Além do GM 8 você se lembra de outras pessoas ou momentos significativos?

GM 2: É... [reflexão]. Tiveram muitos na verdade, assim. Mas eram muitos que eu não tinha contato, quer dizer, menos contato. Contatos não tão frequentes, não tão profundos vamos dizer, né? O próprio Diego di Berardino que tá aí também, o Silvio Oliveira, ele

é de Salto eu acho. Rafael Alonso também, se bem que não joga mais. Essa turminha, assim. Com o Silvio a gente conversava muito de xadrez, teve uma época legal. Mas no tempo de convivência não tem como comparar, foi muito mais com o GM 8 do que com eles. Tanto no contado do dia-a-dia como nas competições, a gente tava sempre juntos. Ele tava sempre um pouco acima, mas a gente tava num nível mais ou menos parecido e então eu acredito que isso ajudou.

J: E além dessas pessoas, haveriam alguns momentos que te marcaram?

GM 2: É, na verdade são vários momentos, né? Teve o momento de começar a ser Campeão Brasileiro, de começar a ter *rating*, de começar a ganhar dos jogadores titulados, de começar a virar Mestre Internacional... É, tiveram muitos momentos bons e muitos ruins, assim, de muita euforia quando as coisas davam certo. Mas que nem eu te falei, depois que eu virei Mestre Internacional as frustrações pra virar Grande Mestre foram as maiores, com certeza, nesse período. Porque eu achava que eu tava indo e várias vezes que eu tinha chance... Bom, minha namorada, sempre... Ela jogava também, ela já jogava pôquer nessa época, ela jogava xadrez quando era menor, isso até 2007, assim. E aí ela jogava um pouco os campeonatos, a gente ia juntos às vezes e ela me dava uma força também.

J: E você sabe como ela aprendeu?

GM 2: Ela aprendeu acho que no Clube de Xadrez de Cubatão, parece que ela era de Santos e treinava lá de menorzinha.

J: De algum modo o xadrez era presente na relação de vocês?

GM 2: Era tocado porque, enfim, basicamente a minha vida já girava em torno disso. Mais por mim, mas pra competições já era um pouco mais raro já que eram poucas as competições que a gente ia junto. Ela jogava bem raramente. Mas se for pra lembrar de momentos, acho que foi em 2007, lá por 2006, 2007 que eu tinha virado Mestre Internacional já, eu tava lutando muito pra melhorar e sentia que tava treinando bem até, que eu me dedicava, ficava o dia inteiro no computador, e enfim. E aí teve um torneio em Americana que eu desabei, assim, perdi uma partida boba, perdi meio fácil pro outro jogador que eu imaginava também que... Era um bom jogador, o menino jogava bem, mas não era alguém que eu imaginasse que perderia tão rápido. Claro que acontece, já aconteceu várias vezes, mas foi uma coisa que jamais me deu um desânimo sério assim,

de falar “ah, não dá mais”. Mas nesse dia foi realmente bem difícil. Continuar lidando com isso, dar a volta por cima, ir atrás. Aquele dia eu senti que ia ser bem difícil e aí foram mais 3 anos até eu virar Grande Mestre. Foi um processo.

J: O que você acha que te ajudou a dar essa volta por cima?

GM 2: É... [reflexão]. Basicamente a persistência e a paciência, né? A paciência principalmente, se me perguntam a paciência é de longe o principal porque “você vai, faz a sua parte, tudo” e nada garante que você irá bem no próximo. Você tem que esperar e pensar... A única coisa que sempre me motivou muito é que sempre tem o próximo. Mês que vem tem o próximo, chegando em casa eu já tenho no que pensar. Mas a coisa da gratificação imediata é uma coisa que você não pode jamais ter, é no que muita gente tem dificuldade pra melhorar. É difícil entender como tem que se aprofundar nos conhecimentos pra começar a ser mais consistente. São muitos anos mesmo e tudo o que a gente faz em muitos anos é difícil de ganhar, leva tempo. Então basicamente é isso, persistência e paciência que uma hora começa a dar certo. O duro é que você nunca sabe quando é que vai ser isso.

J: E você, gosta de xadrez?

GM 2: Sim.

J: Por quê? O que é que te atrai, o que te motiva nessa prática?

GM 2: É... [reflexão]. Já vou responder à pergunta, é porque eu ainda não sei [risos]. Mas acho que uma infinidade de situações diferentes que até hoje com tanta experiência por estar na área ou como treinador há coisas que, sei lá, eu me impressiono fácil, assim. Não sei se com tudo, mas com as coisas do xadrez mesmo. Eu me pego sempre impressionado com coisas que eu nunca vi, assim. Eu jogo, sei lá, vai, faz 25 anos, 24 anos e não sinto que vai acabar isso, assim. Que eu não vou parar de impressionar alguém com uma ideia diferente, com uma partida diferente, com uma coisa que você fala “nossa, assim desse jeito eu nunca vi acontecer”, né? Com a postura dos jogadores, “nossa, como aquele cara faz isso bem ou faz isso mal”. Mas se tem uma coisa que te mantém impressionado, que você fala “nossa!”, como se tivesse começando a jogar agora, assim... Se tem uma coisa que me faz bem, que me mantém animado, assim... E acho que por isso em pouquíssimas vezes eu cheguei a ter um momento que eu pensei “não, tá difícil, eu vou parar”, porque todo mundo sempre tem um momento em que não

se sente completo, assim. Foi em uma vez ou outra, mas no fim das contas sempre chegava em casa e ia pro computador, via minhas partidas e falava “bom, daqui a pouco tem o próximo campeonato”. E me pegava já vendo uma partida, tentando treinar. Basicamente eu acho que é isso, né?

J: Você já falou um pouquinho, mas pensando em cada um dos membros da sua família agora separadamente, qual era de fato o envolvimento deles com o xadrez durante a sua infância?

GM 2: É, o do meu pai era completo. Ele começou a conhecer as pessoas, ia pros campeonatos. Juntos, né? Pra ele ver como é que era e aí ele via de tudo, os jogadores, né? Ele tinha e tem até hoje um papelzinho com os resultados de qualquer torneio. Ele anota num bloquinho “ah, primeira rodada” e aí bota o meu nome [risos].

J: Os seus resultados?

GM 2: Sim, vira e mexe eu pego lá em casa um bloquinho de papel que ele tem lá e aí “1 – 0”, depois “2ª rodada”, aí bota a cor, bota o nome do cara, o *rating* do cara...

J: É uma base de dados viva então [risos]?

GM 2: Sim, vira e mexe eu pego uns papeis, assim. Mas ele se envolvia muito e sempre porque era ele que fazia essa parte, né? E minha mãe, como eu falei, sempre me apoiou muito porque gostou e achou legal que eu me ocupava com alguma coisa que eu gostava e me identificava. E, enfim, que tava me fazendo feliz de alguma maneira. Mas não tinha nenhum contato com as pessoas ou uma coisa mais específica. Sempre perguntava “como é que foi, ganhou, perdeu?”, mas enfim, não tinha nenhum contato mais sério com o xadrez. Minha irmã até chegou a brincar uma época, chegou a aprender assim, chegou a jogar um pouco por brincadeira, na escola jogava até. Mas era como se fosse minha mãe, assim. Hoje ela acompanha mais por *Facebook*, mas também nunca teve assim nenhum aprofundamento, né? Sempre apoiou, sempre achou muito legal e teve orgulho e tal, assim, mas nada a ver com o xadrez em si, com as pessoas, com como funcionam os campeonatos. Títulos se perguntar ela sabe, sei lá, que eu ganhei um Brasileiro e que eu sou Grande Mestre. O importante, vamos dizer assim [risos].

J: E você havia comentado que a sua irmã teve xadrez na escola, é isso?



GM 2: Ah, não. Ela aprendeu eu acho que nessa época que eu ensinei o pessoal da minha sala, cheguei a ensinar pra ela que até gostava de brincar uma vez ou outra, mas por pouquíssimo tempo também. Era como uma atividade legal, como se fosse um jogo no computador que você acha legal, passa uns meses e esquece.

J: E ainda pensando em cada um deles, quais eram as expectativas em relação ao xadrez quando você começou?

GM 2: Quando eu comecei acho que nada, imagino que os meus pais imaginavam que era uma atividade que me mantivesse ocupado e que eu gostasse de fazer, que era diferente e que de repente até pudesse abrir a minha cabeça pra outras coisas, né. Eu acho que mesmo naquela época eles tinham essa noção de que o xadrez pudesse ser legal pra desenvolver a mente de alguma maneira. E é isso, é que a coisa com o meu pai foi muito rápida, a gente começou a ir pro clube, a disputar os campeonatos. E aí eu comecei a ir bem e de repente quando a gente viu eu já tava querendo ser campeão de tudo e não sei o que, né? Tinha uma cobrança até, mas a cobrança principal era da seriedade mesmo. Sei lá, de nos campeonatos não ficar brincando e esquecer do campeonato, tentar focar, assim. Minha mãe sempre gostou e ficou feliz, mas vejo que ela jamais tinha uma expectativa de que eu fizesse disso a minha profissão. E ninguém tinha isso, com certeza. Demorou muito tempo até eu começar a amadurecer um pouco e começar a dar aulas, ainda bem novo. Porque sei lá, eu queria mostrar de algum jeito que eu queria fazer daquilo a minha profissão um dia. Não sei, não lembro quando, talvez com uns 15 anos. Eram pouquíssimas, alguma coisa por meio da *internet*.

J: Essa iniciativa de dar aulas partiu então de você?

GM 2: Sim, eu devia ter uns 15, 16 anos. Cheguei a ter alguns alunos porque eu jogava muito no *ICC*, na *internet*, eu acho que eu divulgava lá. Não sei, eu consegui alguns alunos e acho que foi uma coisa que eu falei “bom, legal, tô ganhando alguma coisa com isso”, né? E teve aquela coisa dos Jogos Regionais e Abertos que deu uma animada muito legal e que eu falei “pô, dá pra ganhar um salário jogando xadrez”, né? Em 2003 eu joguei pela primeira vez ou em 2002 eu acho. E isso foi uma coisa que ajudou muito, com certeza, a ver com clareza que eu podia pensar em levar a sério e que alguma segurança eu tivesse, nem que fosse uma coisa pequena, mas enfim. Já era alguma coisa que me ajudava a seguir porque eu não me via fazendo outra coisa. Eu não tinha o porquê parar. Por que eu iria parar, assim? Eu tava sempre me sentindo bem com as

pessoas, treinando, jogando eu me sentia bem. Então tentar fazer disso uma carreira era... Eu acho que comecei a pensar nisso talvez com uns 14, 15 anos, mas era bem imaginário. E aí depois perto da faculdade eu comecei a ver que dava, porque aí eu já sabia um pouco mais dos campeonatos, já tava ganhando premiação.

J: Dentre as suas atividades, além do xadrez você praticava outras esportivas, de lazer?

GM 2: Eu cheguei a jogar futebol em um clube armênio até... Eu devia ter de uns 9 até uns 13 anos. Nessa época eu já tinha muitas viagens pelo xadrez, mas sei lá. Acho que só, eu sempre gostei bastante de basquete também, brincava. Nunca tive muita altura, mas gostava. Futebol eu jogava sempre, jogava no time mesmo do clube, mas era muito novo e só no clube armênio. A gente jogava contra outros clubes, tinham jogos e tal, mas a gente era criança ainda. Depois parei de ir nos treinos porque eu tinha muitos campeonatos de xadrez, viagens. Eu sempre gostei, mas ficou por isso.

J: E atualmente, essas outras atividades continuam de lado?

GM 2: É, hoje em dia o que eu faço é pensando em melhorar o meu condicionamento para o xadrez. Futebol eu jogo bem raramente hoje, não faço academia, um esporte mesmo frequente eu não faço. Tem um parque perto de casa que às vezes eu faço corrida, assim, que é uma coisa que eu gosto e que me ajuda a melhorar. O preparo físico faz muita diferença no xadrez. Mesmo, muita diferença assim. No cansaço que você sai depois de 2 ou 3 horas de jogo, se você tá bem preparado, faz uma diferença enorme.

J: E você também já comentou um pouco, mas em alguma medida e escolha do seu curso na universidade teve alguma relação com o xadrez?

GM 2: Sim, com certeza. Eu tentava buscar algum tipo de carreira, de curso que eu sentia que não ia ser tão exigente. Eu achava interessante era Administração e era um curso que eu sentia, quando eu conversava com as pessoas, não ser tão puxado normalmente. E envolve também um pouco do que eu gosto, humanas e exatas. Mas muito de exatas eu nunca fui, assim. Eu gostava de matemática na escola, mas... Tanto que nas matérias mais exatas da faculdade eu não me dedicava muito, mas enfim. Eu tentava levar um curso que eu sentia que podia viajar à vontade, ia poder chegar domingo 22h da noite em casa e conseguir estudar pra prova. Isso aconteceu inúmeras vezes. Eu chegava do torneio 00h em casa e caía no sono várias vezes estudando porque

tava morto do torneio [risos]. E aí tinha prova na segunda-feira, por muitos anos foi assim. Mas a escolha foi mais ou menos isso, totalmente influenciada pelo xadrez.

J: Já em relação à sua carreira de Grande Mestre, você se considera um profissional?

GM 2: Sim.

J: Por quê?

GM 2: Porque todas as minhas atividades, enumeradas, tem a ver com o xadrez, então... Hoje eu faço muitas coisas: eu jogo, dou bastante aula, tenho um canal no *Youtube* agora com vídeos que eu faço com bastante frequência, organizo uns torneios em São Paulo, um torneio escolar e um torneio amador duas vezes por ano. Então eu sempre pensei em fazer coisas pelo xadrez, eu sempre gostei de jogar acima de tudo, mas sempre quis tentar contribuir de outras maneiras também. Com ideias, enfim. Eu tive um *blog* há muito tempo, acho que em 2007 começou, era um *blog* pra falar de quando a gente foi pra Europa, eu, o GM 8, o Diego e o GM 9. A gente escrevia todo dia e, assim, muito. Mas o *blog* foi uma coisa legal porque, enfim, de alguma maneira falava pras pessoas sobre os campeonatos, enfim. Contribuí de alguma maneira, talvez, para ajudar a legitimar a coisa da profissão do enxadrista, né? Mostrar como é que é de verdade, falar pras pessoas “olha, o que a gente faz também é legal”. Essa coisa de viajar, analisar as partidas, mostrar como é que é, né? Porque eu sempre senti que mesmo quem tá no meio não visualiza como são as competições, as preparações. Antes, né? Como lidar quando você perde, a euforia de ganhar. Então eu comecei a ter esse contato com as redes sociais desde essa época do *blog* que foi uma coisa que me ajudava muito porque eu também extravasava um pouco. Era um jeito de comemorar com alguém. A maioria das pessoas já me conhecia, mas outras comentavam sempre. E de, enfim, me abrir também quando alguma coisa dava errado.

J: E como você enxerga esse imaginário que as pessoas têm sobre o xadrez?

GM 2: As pessoas que não estão no meio, principalmente, acham que é um jogo que se ensina na escola e acabou, assim. Em 2016, 2015 eu tive várias conversas com pessoas que me falaram “nossa, mas tem campeonato, mas tem dinheiro, dá pra ganhar dinheiro?”, assim. E até hoje não mudou nada, as pessoas não têm noção alguma. Mas com toda a razão, não tem como saber se você não tá no meio, né? E as pessoas que já jogam eu acho que hoje em dia elas conhecem um pouco mais sobre os campeonatos

porque... Hoje em dia tem o *Facebook*, você fica compartilhando as experiências, como são as competições. Mas a maioria dos jogadores em geral são jogadores amadores que gostam muito de xadrez e que têm essa paixão, jogam uns campeonatos aqui e ali de vez em quando, mas jamais têm a noção de como é que é estar viajando sempre, né. Levando isso como uma profissão mesmo.

J: E aproveitando aí toda a sua bagagem e experiência em outros países, pensando talvez mais na Armênia que acho que foi o país em que você teve a maior parte delas. Em contraponto com o Brasil, que diferença você sente entre o contexto esportivo relacionado ao xadrez entre esses dois países?

GM 2: É que na Armênia é o esporte número um nacional, né? Os jogadores lá, além da tradição de muitas e muitas décadas, foram 3 vezes campeões olímpicos nos últimos 10, 12 anos. E eles são total celebridade, assim. Eles são alguém que todo mundo conhece, admira. E tem academias, tem um treinamento bem focado pra criação de quem quer ser um jogador de xadrez. E também é um país muito simples, muito pobre também, então acho que é uma espécie de saída. Há uma espécie de expectativa pra crescer profissionalmente, né? Ter uma carreira que muitos já têm lá, que existem amadores e profissionais. E com essa tradição eu acho que muitos jogadores muito simples em suas origens acabam vendo no xadrez uma perspectiva legal, assim. E no Brasil é o que a gente falou agora, né? É realmente o contrário aqui, tem uma lista de esportes absurdos que vem na frente do xadrez em grau de importância. Não precisa nem ir longe, eu já conversei muito com pessoas de outros esportes que, vamos dizer... Esportes que não sejam futebol ou vôlei, não sei. Todos os esportes têm uma dificuldade muito grande no Brasil sobre a questão do profissionalismo, do esporte profissional. Em questão de apoio, enfim. A gente viu agora nas Olimpíadas as histórias de vários atletas e de vários esportes que têm uma super dificuldade, se viram sozinhos, tão sem patrocínios. E pô, os caras estão na TV, estão nas Olimpíadas, imagina o xadrez que não tá nem nisso, né? Então aqui a gente tá engatinhando muito e não sei nem se a gente tá na direção certa, assim, porque não tem acontecido nada, eu acho. No xadrez às vezes rola alguma coisa muito legal, claro, porque é muito importante. Mas não sei se isso tá relacionado em algum modo a estar em um país como o Brasil.

J: E pensando na sua trajetória agora, você a considera bem-sucedida?

GM 2: Sim, considero.

J: Por quê?

GM 2: É, porque eu já consegui muitas coisas que eu me determinei tentar conseguir, que eu fui vendo com o tempo que era realmente difícil conseguir, assim, por experiência dos outros. Pelos outros jogadores que já tinham passado por isso eu vi que tinha um limite pra muitos jogadores e eu queria sempre estar passando, eu queria sempre me desafiar de alguma maneira, né? Muita gente pergunta “nossa, mas você já virou Grande Mestre, e agora?”, né, “o que é que te move pra continuar em primeiro?”. Ué, eu quero chegar a 2600 que é uma faixa de *rating* que é uma coisa simbólica, né? “Tá, mas e depois que você chegar nisso?”. Depois eu vou querer chegar a 2650, 2700. Claro, muita gente passa longe de chegar nisso, mas sempre vão ter objetivos novos, eu acho. E uma coisa que eu acredito é que, vamos dizer, quando eu não tinha nenhum título, quando eu virei Mestre Internacional, foi uma coisa que eu não tava esperando. Foi muito de repente, assim. Eu tinha 2200 de *rating* e de repente eu tive uns 3 torneios seguidos muito bons. De repente eu tava com 2400 já que é uma coisa muito difícil de acontecer. Mas eu lembrava que quando eu tinha o título de Mestre Internacional e tava pra virar Grande Mestre eu pensava “nossa, quando eu chegar lá vai ser a coisa que eu mais quero”, assim, e assim foi por muitos anos. Mas aí chega lá, é uma euforia e tal, mas passou uma semana e eu “e agora?”, né. Eu gosto e tal, acho muito legal, mas eu não quero sentar e ficar me admirando enquanto eu vejo passar a vida, né? Então tem muitos desafios sempre e eu acho que uma coisa que me ajuda a ser bem-sucedido é não me contentar com algumas conquistas. Eu acho que eu admiro as coisas que eu faço, porque são importantes também, eu não posso falar “nossa, que lixo isso o que eu fiz agora”, enfim. Mas acho importante você admirar o que você fez porque obviamente foi difícil, você conseguiu, mas vamos pensar no próximo agora. Se você quer levar isso como uma carreira eu não acho que o caminho certo seja “ah, agora já deu”. Enquanto for possível, enquanto você achar que dá, acho que tem que tentar sempre. Imaginar qual será o próximo passo.

J: E esse “e agora?”, o que é que foi pra você?

GM 2: É... [reflexão]. Eu lembro com bastante nitidez que a euforia passou rápido, aquela coisa que eu falava “nossa, quando eu chegar vai ser tudo”, né? Na verdade assim, eu tava em um torneio na Romênia e na outra semana já tinha um outro. Sinceramente eu lembro de ter jogado um primeiro na Espanha, mas já tava olhando pro

próximo. O meu “e agora” foi olhar o próximo. Né, metas maiores de *rating* ainda não tavam traçadas porque eu sabia que não era hora, tinha que dar tempo. Mas, basicamente, era pensar no próximo e eu sabia que da mesma maneira que quando eu tenho uma conquista muito grande, passada uma semana se eu tenho uma partida que eu joguei muito mal, um resultado ruim, basicamente eu esqueço o que eu fiz uma semana atrás. E o contrário também, se eu tive uma decepção enorme, assim. Eu tive uma vez muito grande no Campeonato Pan-americano Absoluto Continental, precisava empatar a última pra classificar para a Copa do Mundo. Eu nunca joguei esse torneio, é o desafio que eu tenho mais importante hoje. Eu precisava empatar pra classificar e se eu ganhasse eu ganhava o torneio, além disso. Eu tive muitas chances e perdi. Naquele momento eu falei “nossa”, mas eu tava numa fase boa, então... Eu não fiquei me perguntando, não tava desanimado com o xadrez, mas aquele dia foi muito doloroso. Foi de longe o maior dos últimos anos, em 2012 isso. Mas aí passaram 3 dias e teve um outro torneio, eu ganhei as duas primeiras partidas e esqueci. Tava pensando já no próximo e passou essa dor. Então as dicas que muita gente me pergunta é isso, você aproveitar o momento. Muita gente já me falou que parou de jogar xadrez porque a dor da derrota é muito pior que o prazer da vitória, então você tem buscar o prazer na sua vitória, se não você só vai focar nos resultados ruins que vão acontecer o tempo inteiro.

J: E se a gente pensar na influência do talento na sua trajetória, o que você pensa sobre isso?

GM 2: Eu acho que a influência foi muito pouca. Bom, podemos pensar na minha experiência, mas acho que é legal ver a dos outros também. Eu vejo que muitos jogadores talentosos param no meio do caminho porque não têm paciência, determinação, dedicação, seriedade. E quando você tem isso e sente que não tem um talento muito destacado, ainda assim a pessoa consegue ir muito longe. No xadrez eu acho que tem uma ideia meio errada assim de talento, de que tem que ser inteligente, de que tem que ser não sei o que. Não tem que ser nada, tem que ser sério, tem que ser focado, tem que ter todas essas coisas que a gente falou. Sempre alguém tem alguma facilidade, não sei exatamente descrever o que foi que me ajudou, foi uma facilidade. Mas eu acho que muitas vezes esse talento é, vamos dizer, a facilidade de estudar, a facilidade de ter paciência, a facilidade de ter as qualidades de que você precisa. Não em si, esse talento... Aquela coisa que você tem uma noção e de que se fala muito de que talento é “quando a pessoa é um gênio, a pessoa bate o olho e já sabe que vai

vingar”, isso eu acho que teve uma influência pequena. Eu acho que eu tenho características boas para conseguir treinar, para conseguir, enfim, ter essa dedicação. Mas eu acho que é mais em cima disso, é uma coisa que eu acredito. Tem gente que tem outras opiniões, mas todos os jogadores que eu vi se destacarem muito já passaram muitas e muitas horas treinando e têm uma postura correta no tabuleiro e fora dele, enfim. Mas o talento eu acho que é isso, é o talento de você ter essas características e não em si o talento de saber jogar xadrez. Eu acho que existem pessoas que vão ter aptidões, vão ter facilidades para decorar padrões, memória, essas coisas eu acho que ajudam. Mas acho que em menor escala.

J: Em menor escala em detrimento do que?

GM 2: Eu acho mais importante a pessoa ter um talento, um talento... Eu não sei nem se dá pra falar em talento, mas uma facilidade pra estudar, pra manter o foco e pra ter paciência do que ter uma memória boa. Acho muito mais importante isso.

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem você é hoje?

GM 2: É... [reflexão]. Pensando no que, assim?

J: No que você quiser pensar.

GM 2: É... [reflexão]. Uma coisa que ficou, assim, e que eu acho que eu tenho até hoje é aquela coisa do sonho. “Como seria se eu ganhasse um campeonato”, eu tinha acabado de começar e via os mestres, pensava “nossa, como seria legal se eu fosse um mestre, o cara favorito pra ganhar”, assim. “Se todo mundo tivesse tentando ganhar de mim”, “se eu fosse o cara favorito”, “se eu fosse...”. Eu sempre me questionava sobre isso e pensava “nossa, ia ser tão legal quando eu for o melhor daqui”, enfim. E bom, é uma coisa bem de criança, assim, ficar sonhando, né? Mas é uma coisa que eu tenho um pouco ainda hoje, claro, em outros meios. Às vezes eu fico olhando e penso “nossa, como...”. Hoje eu penso de uma maneira parecida às vezes quando vou em um campeonato como a Olimpíada onde estão os melhores do mundo. Penso “nossa, e se eu jogasse com esse cara?” [risos].

J: E ainda nesse sentido, o que o xadrez representa pra você?

GM 2: É... [reflexão]. O xadrez basicamente virou uma coisa que é difícil eu não estar pensando o tempo inteiro, assim. Se eu não tô fazendo uma coisa que eu tô muito

concentrado, assim, é uma coisa que eu acabo pensando em qualquer momento que você imaginar. Não na nossa conversa agora, por exemplo [risos]. Mas se eu tô assim à toa é uma coisa que tomou conta, assim. Eu definiria assim, como “uma coisa que tomou conta” de um jeito que qualquer instante assim que eu tô de bobeira, sem fazer nada, eu já quero pensar em alguma posição, em uma partida ou no que eu vou fazer, no meu aluno... Em alguma coisa que tenha a ver com as outras coisas que eu faço com o xadrez que não seja necessariamente só jogar. Se tornou uma coisa que tomou conta da cabeça de um jeito que é impossível passar um dia sem ter algum contato ou pensando, mesmo que eu esteja viajando, numa conta assim. E ainda bem, foi uma coisa que eu fiz um tempo, né? Porque todas as atividades que eu fiz sempre foram dentro disso. Então eu fiz a minha faculdade, conclui a faculdade, estudava pra faculdade, mas sempre o meu objetivo final era seguir a minha carreira com o xadrez de alguma maneira.

J: Se você pudesse elencar as suas principais conquistas como jogador, quais seriam?

GM 2: Bom, fui Vice-campeão Brasileiro em 2013 e ganhei em 2016. Tem o título de Grande Mestre que eu já tava com uns 26, 27 anos quase. Mas com certeza foi um dos mais importantes pelo processo de chegar lá, foi uma coisa bem desafiadora mesmo. Tem aquela coisa de fazer a norma, de conseguir o último resultado que é um bloqueio, às vezes é bem, realmente... Então é muita satisfação você conseguir isso, é bem importante. Além disso eu joguei um torneio bem legal na Bulgária uma vez, em 2013. E acho que foram esses, teve o Campeonato Brasileiro, esse campeonato, o Bicampeonato Brasileiro Juvenil que também foi muito importante, muito importante mesmo porque eu nunca tinha ganhado um Campeonato Brasileiro da minha categoria. Sub-10, 12, 14, 16, 18, nunca. E eu só ganhei o 20, 2 vezes. Com 14 eu já jogava bem, mas com 14 eu perdia 2 vezes, com 16 eu perdia 2 vezes, com 18 eu perdia 2 vezes, isso foi bem frustrante mesmo. Eu sofri bem no passado. Mas esse foi bem importante, o torneio Sub-20. Acho que foi em 2003 e 2004.

J: Há algo que você queira acrescentar e que a gente não contemplou nesse roteiro?

GM 2: Acho que não, contemplamos tudo [risos].

J: Agradeço então a sua atenção e toda a sua disponibilidade para conosco. Neste termo tem todos os nossos contatos, então quaisquer dúvidas ou *insights* que você tiver. “Ah,



Jéssica, eu acho que isso seria importante sobre a minha trajetória e me esqueci de falar”, pode ficar à vontade então para o contato.

GM 2: Ok, eu que agradeço!

### **Apêndice C – Íntegra da entrevista (GM 3)**

J: De antemão eu agradeço a sua participação e toda a sua disponibilidade em relação ao estudo. Idade?

GM 3: 53 anos.

J: Data de nascimento?

GM 3: 30/10/1963.

J: Sexo?

GM 3: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 3: Branca.

J: Nível de escolaridade?

GM 3: Superior incompleto, né? Eu comecei a fazer universidade e parei, isso seria Superior incompleto, né?

J: E as etapas anteriores, Ensino Fundamental e Médio, foram em ensino privado, público?

GM 3: Foi a maior parte em ensino privado e no final em ensino público.

J: O Superior incompleto se deu em qual instituição?

GM 3: Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), *campus* de Joinville. Eu morava em Joinville na época.

J: Em que curso?

GM 3: Economia.

J: Cidade de nascimento?

GM 3: São Paulo.

J: Reside lá também?

GM 3: Também.

J: Profissão?

GM 3: Bom, basicamente eu sou enxadrista. Eu tenho uma empresa aberta que faz coisas de xadrez, então pra efeitos de imposto de renda eu me declaro empresário. Mas, basicamente, eu vivo de xadrez.

J: Atualmente, sua renda média? Pense na renda familiar, então se o senhor mora sozinho, apenas a sua renda.

GM 3: R\$: 20 mil reais.

J: E sua família, ela é composta por quais membros?

GM 3: Atualmente pela minha esposa e meu filho. Antigamente pela minha mãe, meu pai, eu e futuramente as minhas duas irmãs. Quando eu comecei no xadrez elas ainda não tinham nascido.

J: Então agora eu quero que você pense separadamente em cada um dos membros, tá? Então sua mãe, seu pai e suas duas irmãs. Vamos começar pelo seu pai, qual é o nível de escolaridade dele?

GM 3: Ele estudou no Egito, na verdade, depois veio pro Brasil. Mas eu acho que quando ele veio o estudo era diferente daí. Ele não fez faculdade, ele tinha um curso que ele fez no Egito que eu acho que era de contador. Eu nunca entendi direito exatamente, mas digamos que não tem nível Superior.

J: E as etapas anteriores dele lá no Egito, sabe se elas se deram em ensino público ou privado?

GM 3: Ah, isso aí eu já não sei. Acredito que fosse público. Bom, realmente não sei.

J: Profissão do seu pai à época?

GM 3: Quando eu iniciei no xadrez ele trabalhava com alguma coisa relacionada a computadores. Mas naquela época não era como hoje que todo mundo tem computador, os computadores eram uma coisa bem mais rara. Você vendia um computador pra uma empresa, era uma outra realidade. Ele trabalhava basicamente com isso, era mais com vendas e sempre ligadas a alguma coisa de computador. Depois quando os computadores se tornaram populares ele não ficou mais nesse ramo de computador, mas na época era isso. Eu também era muito pequeno pra te dizer exatamente o que ele fazia.

J: Depois ele teve alguma outra ocupação?

GM 3: Depois ele teve uma empresa, trabalhou com outras coisas, mas sempre com comércio.

J: Então o mesmo com a sua mãe, ok? O nível de escolaridade dela?

GM 3: A minha mãe eu acho que depois de terminar o ensino comum ela fez algum curso profissionalizante. Agora eu não me lembro exatamente o que é que era, talvez pra ser secretária. Eu não me lembro porque essas coisas eram bem diferentes na época do que são agora e eu não consigo me lembrar. Mas ela basicamente não trabalhou depois que casou.

J: E as etapas anteriores dela?

GM 3: Eu acho que foram no ensino público, mas não tenho certeza. Também isso era diferente, o público na época era muito bom, depois baixou muito o nível.

J: A profissão dela à época?

GM 3: Ela não tinha, trabalhava em casa. Ela estava em casa mas não estava trabalhando.

J: Do lar?

GM 3: Exato, do lar.

J: Após essa época ela teve alguma outra ocupação?

GM 3: Não.

J: Então agora as suas duas irmãs. Só pra gente distinguir, qual seria o nome da primeira delas?

GM 3: Marina.

J: Nível de escolaridade?

GM 3: Ela tem mestrado depois da faculdade, depois vem o outro. Doutorado, né?

J: Isso, doutorado.

GM 3: Eu acho que ela começou a fazer doutorado e parou no meio.

J: E isso em universidade pública?

GM 3: Isso, na USP.

J: As etapas anteriores dela?

GM 3: Todo mundo em casa foi no colégio privado mesmo. Só eu terminei no público porque eu falei pros meus pais que eu não assistia mais aulas, eu viajava o tempo todo pra jogar xadrez. Então eu falei pros meus pais “vamos me por em um público, eu passo mais fácil e aí eu resolvo”.

J: Profissão da sua primeira irmã?

GM 3: Ela trabalha com *internet*, basicamente faz *sites*. Apesar de ter doutorado em Biologia ela prefere fazer páginas [risos].

J: Bom, pra sua segunda irmã a gente já viu a escolaridade. Ela também tem Superior completo?

GM 3: Tem, ela fez Hotelaria em universidade privada.

J: E a profissão?

GM 3: Ela agora fez um concurso público e entrou. Geralmente ela era gerente de um *pet shop* por quase todo o tempo, as duas gostavam muito de bichos. Mas agora ela trabalha... Ela entrou em um concurso público de, como é que se diz? Eu não sei exatamente, mas ela entrou em um concurso público agora e tá trabalhando.

J: Sem problemas, funcionária pública?

GM 3: Isso, funcionária pública. Mas eu não sei exatamente o que ela faz. Tem alguma coisa a ver com constituição, assessoria, eu não entendi muito bem o que ela faz.

J: Então agora a gente vai entrar nas questões mais abertas que se referem mais especificamente a você. Fale sobre a sua trajetória no xadrez, desde a sua iniciação até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 3: Bom, eu aprendi com meu pai mais ou menos aos 4 anos. Nós jogávamos de vez em quando, praticávamos um pouco. Várias vezes eu me lembro que ele me oferecia. Criança nessa idade quer muito jogar com o seu pai, essas coisas, e eu lembro que ele me falava “vamos jogar isso, vamos jogar aquilo” e eu “não, não, não”. Mas quando ele falava “vamos jogar xadrez” geralmente vinha um sim. Então a gente jogava xadrez com mais frequência, mais tarde ele até comprou um livro pra gente ler. Mais ou menos nessa época eu aprendi a anotar e comecei a anotar as partidas que a gente jogava. Por volta dos 10 anos eu conheci um clube de xadrez, aí comecei a frequentar o clube de xadrez. Primeiro eu frequentava um clube que a minha mãe frequentava, chama Clube de Regatas Tietê, acho até que não existe mais. E lá tinha um departamento de xadrez, eu conheci o departamento de xadrez, vi que dava pra jogar xadrez lá e comecei a frequentar mais. Depois fui pro Clube de Xadrez de São Paulo e aí comecei a jogar com mais frequência, mas já cada vez mais distante do meu pai. A gente continuava jogando em casa, mas cada vez mais eu sozinho, jogando torneios e tudo. Meu pai nunca estudou nada, inclusive o nível acabou ficando bem diferente, né? Então foi assim que eu comecei a jogar. Aí no clube de xadrez eu comecei a me destacar, jogava bem os torneios entre os adultos. Tinha um campeonato na época – não era que nem hoje que tem tantos campeonatos infantis, essas coisas – que era o Sub-16 e o Sub-21, eram o Cadete e o Juvenil. Aí eu comecei a me destacar, a ganhar o Sub-16, aí fui pro Mundial e comecei cada vez mais a estudar. Eu estudava muito nessa época, gostava muito de estudar. O tempo que eu não ficava fazendo alguma atividade da escola eu ficava estudando sozinho. E aí em determinado momento, lá por volta dos 18, 20 anos eu parei por 1 ano de jogar, desisti de jogar. Mas sem nenhuma razão em especial. Aí depois voltei, eu tava jogando muito *bridge* naquela época, eu gostava de jogar *bridge*. Então eu parei um tempo, depois eu voltei e quando eu voltei imediatamente eu já consegui o título de Grande Mestre, e aí... Eu fui meio que sendo levado, talvez um amigo meu tenha definido bem isso aí. Ele falou “ah, às vezes a gente deixa as coisas levarem”. Eu não escolhi jogar xadrez, eu fui jogando, foi dando certo, dando certo e aí de repente eu

já era um jogador profissional, já ganhava com aquilo e aí já tava muito mais cômodo, né? Mas não foi uma decisão que eu tomei, “vou ser um jogador de xadrez porque eu acho que esse é o melhor caminho”, simplesmente as coisas aconteceram e assim ficou.

J: O senhor comentou que geralmente quando o seu pai propunha jogar alguma coisa vinha um não, mas pro xadrez era sim. Por quê?

GM 3: É, não era pra todos. Tinha jogos como o gamão que era sim, pra xadrez era sim. Tinha uns jogos que eram mais assim... Se ele falasse “vamos jogar futebol”, geralmente era um não [risos].

J: E por quê?

GM 3: Meu pai gostava muito de jogar xadrez, jogos de estratégia em geral. Tênis de mesa ele gostava de jogar, mas tênis de mesa não é fácil, tem que ter a mesa, tem que ter tudo. Então não era tão assim, era um sim pra tênis de mesa quando tinha a opção, né? Então das outras coisas eu não gostava tanto.

J: E o senhor sabe como é que o seu pai aprendeu a jogar xadrez?

GM 3: Eu acho que ele aprendeu com o pai dele também, mais ou menos da mesma forma que eu. Mas eu não conheci meu avô, ele não falou muito sobre isso. Então eu suponho que foi mais ou menos dessa forma. Meu pai nasceu no Egito, mas a origem dele é iugoslava. Na Iugoslávia todo mundo joga xadrez, todo mundo aprende em família a jogar xadrez. Então suponho que tenha sido essa a forma.

J: Era uma prática cultural lá naquela região?

GM 3: Muito, é o país onde mais em todos os lugares ele é uma prática cultural. Mais do que na Rússia, inclusive.

J: E posteriormente o senhor comentou também que ele te comprou um livro, como é que foi isso?

GM 3: A gente queria comprar um livro, aí a gente viu que eu tava jogando mais, ele viu que tinham livros de xadrez e aí comprou um ou dois livros de xadrez. O “Bobby Fischer Ensina Xadrez” e o outro foi o “D’Agostini”.

J: E aproveitando, o seu pai já tinha os seus próprios livros de xadrez ou começou com você mesmo?

GM 3: Não, meu pai não estudava, nunca estudou nada. Ele gostava de jogar, descobriu que tinha livros e aí ele comprou um livro pra gente ver. Ele começou e depois alguma coisa ele leu comigo, depois eu peguei o livro e li sozinho. Ele continuou no mesmo amadorismo de sempre.

J: E quando o senhor pensa nas práticas que vivenciou com o seu pai, como elas eram? O que é que vocês faziam, de fato, no tabuleiro?

GM 3: É, era uma prática muito curiosa, mas eu acho que foi muito bom o que ele fez. A gente sempre jogou um contra o outro, mas, claro, havia uma diferença muito grande. Quando ele me ensinou a jogar não tinha nenhuma graça o jogo, então ele me dava uma vantagem material muito grande: dama por duas torres, bispos, cavalos e vá lá, um monte de peças. À medida que eu ganhava dele, quando eu começava a ganhar com toda essa vantagem material ela ia sendo reduzida. Então a gente fez tudo isso até ele não conseguir mais empatar. Quando eu já ganhava uma torre ele parou de jogar [risos]. Mas foram quase 10 anos nessa disputa.

J: E quando a gente pensa nesses momentos que vocês tiveram: era você que pedia, ele que propunha?

GM 3: Como esse era um jogo interessante pros dois, qualquer um podia propor. Podia ser ele, podia ser eu. No final, inclusive, cada vez menos eu me interessava em jogar com ele porque eu já jogava muito melhor do que ele. Mas aí embora tivesse essa diferença a gente ainda jogava, mas cada vez menos. Mas esse era um método muito interessante, ele me ajudou com certeza absoluta a aprender a ganhar as partidas que eu estava ganhando, com vantagem material. Eu raramente vacilo em partidas assim e acho que em grande parte eu credito a isso. O objetivo não foi fazer um treino pro futuro até porque nunca se imaginou que eu ia jogar xadrez, mas isso ajudou a desenvolver esse método pra você ganhar partidas ganhas que é uma coisa que muitas pessoas não fazem muito bem.

J: Quando o senhor comenta que “não escolheu jogar xadrez”, o que quer dizer mais especificamente com isso?

GM 3: É igual quando a pessoa fala “o que é que você vai ser?”. Por exemplo, quando você foi fazer faculdade você escolheu Educação Física, né? Tinha várias opções e você falou “vou nessa opção”. Eu não fui “nessa opção”, eu tava fazendo várias coisas e o xadrez tava indo bem, indo bem e eu fiquei jogando xadrez. Mas em nenhum momento eu escolhi e falei “ah, eu quero ser um jogador de xadrez”.

J: Pelos êxitos acumulados então?

GM 3: Exatamente, eu fui sendo levado a tomar esse caminho, tava bom, eu tava indo bem e fui por ali. Eu não pensei “ah, por que é que eu não faço outra coisa”. Eu comecei a fazer faculdade de Economia, mas parei porque eu jogava xadrez sem parar. Eu não conseguia ficar na faculdade.

J: Com que idade o senhor começou a disputar competições oficiais ou começou a ser federado?

GM 3: É, por aí. Uns 12, 13 anos, mais ou menos. Eu comecei a ir pros clubes, o Tietê e depois o de São Paulo, depois vi que tinha os torneios e quando podia eu participava.

J: E esse clube Tietê, era privado? Como eram as aulas lá, havia professores?

GM 3: Era. Não, basicamente eu nunca tive professores, foi uma ou outra pessoa só em algum momento. Basicamente eu aprendi porque o professor era mais forte do que eu, mas eu nunca tive professor.

J: E mesmo nesses clubes? No Clube de Xadrez de São Paulo também não?

GM 3: Não, eu sempre estudei sozinho.

J: Autodidata então com os livros ganhos pelo seu pai?

GM 3: É, bom. Claro, quando eu comecei nos clubes eu vi muito mais livros e já sabia muito melhor que livros pegar. Algumas pessoas lá me indicavam, “leia este livro, leia aquele”, né? Aí eu contei com a ajuda de uma ou outra pessoa dando uma dica, alguma coisa assim. Mas nunca tive um professor, alguém que me orientasse e ao meu estudo, eu me orientava sozinho.

J: E quem eram essas pessoas que te davam umas dicas?



GM 3: Ah, eram os melhores jogadores da época. Às vezes eu conversava com eles, eles sugeriam uma coisa, outros sugeriram outra. Ou algum amigo que jogava ali no clube que também sugeria fazer isso, outro sugeria fazer aquilo e assim era.

J: E ainda sobre essas práticas, qual era o sentimento vivenciado ao jogar naquela época, como é que você se sentia?

GM 3: Ah, eu gostava. Eu não pensava muito nisso, eu gostava de jogar. Eu me sentia bem jogando. Jogos em geral eu me sentia muito bem jogando, não só xadrez, mas outros jogos. Eu me sentia bem jogando. O xadrez é aquele que eu jogava mais a sério.

J: E na escola, houve algum contato com o xadrez lá?

GM 3: Nenhum. Quando tinham as olimpíadas da escola tinham várias modalidades e entre elas o xadrez. Aí as pessoas pediam muitas vezes pra eu jogar xadrez, mas era tão mal feita a olimpíada que o regulamento de xadrez da minha escola, por exemplo, trazia que as partidas poderiam durar 15 minutos e se demorassem mais de 15 minutos – isso porque não tinha relógio, nem nada – ganhava quem tinha mais material. Então, por exemplo, se eu tomasse um peão seu e você fosse retomar no lance seguinte, eu espero passar os 15 minutos e eu ganho porque eu tenho material [risos]. Então realmente o meu contato com o xadrez na escola não era zero, mas... O pessoal sabia que eu jogava xadrez, reconhecia que eu jogava claramente melhor do que todo mundo, mas não tinha nada. Absolutamente nada.

J: Apesar de ter xadrez nessas olimpíadas a escola não oferecia nenhuma aula?

GM 3: Não, naquela época também praticamente nenhuma escola oferecia. Nem tinha nas aulas de Educação Física, nada.

J: Bom, e se a gente pensar nesses ambientes que o senhor vivenciou, então primeiro em casa e depois nos clubes. Em que medida eles se relacionaram ao alcance do título de Grande Mestre?

GM 3: Os ambientes não foram influentes, eu diria. São ambientes que, claro, sem dúvida alguma, ajudam porque você precisa praticar, precisa fazer tudo. Mas não foram eles que... No clube de xadrez eu jogava os torneios, isso ajudou, né? O que fez pegar o título foi porque eu estudava muito, eu gostava muito, estudava muito. Me dedicava

muito sozinho, todo o tempo que eu tinha livre eu me dedicava. Não tinha *internet* pra eu jogar também, enfim.

J: E ainda nesse período de iniciação, o senhor se recorda de pessoas ou momentos que foram para ti significativos?

GM 3: Ah... [reflexão]. Em especial eu acho que não tenho algum momento. É, claro, sempre tem determinados momentos, acontece isso ou aquilo, mas nada realmente muito marcante assim que eu lembre excepcionalmente e fale que “esse foi um ponto espetacular”. Teve talvez um campeonato Juvenil que eu ganhei em São Paulo porque eu era muito bom, devia ter uns 14 ou 15 anos na época e o Juvenil era até 21. Tinha alguns dos melhores jogadores do Brasil, inclusive que já eram juvenis. Então era um torneio fechado, assim, com vários jogadores muito bons e, assim, eu não era de nenhuma maneira sequer um candidato ao título. Tinham vários jogadores muito fortes e a dúvida era se esse ou aquele jogador ia ganhar e eu ganhei o torneio bem. Esse foi um momento bom porque eu senti que eu tava jogando bem, todas as pessoas ficaram bastante impressionadas com aquele resultado. Mas ele não me trouxe nada de especial exceto o fato de eu ter ganhado o campeonato e ter me sentido bem.

J: E o senhor, gosta de xadrez?

GM 3: Gosto.

J: Por quê? O que te atrai nele?

GM 3: Eu acho que o xadrez é talvez o esporte... A atividade humana mais justa que existe. E não é uma justiça utópica, eu diria. Não existe nenhum fator que deixe alguém em vantagem sob o outro. Por exemplo, se a gente for jogar basquete eu posso ser mais alto e levar vantagem; já se a gente for jogar tênis não pode jogar um homem contra uma mulher porque o homem tem mais força e aí você não consegue jogar nas mesmas condições. E assim é em quase todos os esportes, em quase todas as invenções. Se sou um técnico de futebol – que seria uma coisa parecida com o xadrez – eu tenho uma série de peças e essas peças têm que cumprir um objetivo que é fazer o gol. Um tem o Neymar, o outro tem o mané e quem tem o Neymar tem muita vantagem, não existe igualdade aí. Já o xadrez é um jogo totalmente justo e igual, as chances são exatamente iguais para os dois. Não existe nenhum outro esporte... Em nenhuma outra atividade humana quase existe uma situação como essa. Não faz diferença nada exceto a condição

dos dois jogadores. É uma das coisas que me atrai no jogo, eu gosto do jogo, do ambiente do jogo e tudo, mas o que eu acho muito legal no xadrez e que eu não vejo em nenhum outro jogo – e eu jogo vários outros jogos – é essa justiça.

J: E que tipo de ambiente seria o do xadrez?

GM 3: Ah não, o ambiente do jogo. O jogo me atrai, não o ambiente do xadrez. Não tenho nada contra o ambiente do xadrez, mas o que eu me referi foi ao jogo de xadrez. Eu gosto dessa tensão, dessa incerteza que você tem durante o jogo, é um jogo que você não domina em nenhum momento. Durante vários momentos em uma partida você tá absolutamente no escuro e sem condições de realmente saber se você tá ganhando, se você tá perdendo ou o que vai acontecer no próximo lance. Você não tem certeza das coisas, é um jogo que você tem uma certa incerteza, mas é diferente da incerteza que você tem no pôquer. No jogo de pôquer a incerteza está em você simplesmente não saber as cartas que o outro tem. No xadrez as coisas estão ali, a incerteza existe porque nenhum dos dois – ou pelo menos muitas vezes eu – não sou capaz de ver tudo o que tá acontecendo. Mas as coisas estão ali, são reais e eu poderia ver. Eu não vejo porque é muito complexo, então eu sei que aqui e ali existem falhas no meu raciocínio que me impedem de dominar a situação. Mas essa incerteza, essa questão do jogo eu acho muito legal. Dos dois lados, isso gera uma série de fatores tanto do ponto de vista do jogo em si como psicológicos, questões de tempo e uma série de situações que você tem que lidar com todas elas. Isso eu acho muito legal, interessante.

J: E de alguma forma essas motivações pelo xadrez se alteraram desde que o senhor começou até agora?

GM 3: A motivação sem dúvida muda. Quando você começa a jogar e tá jogando melhor você tem toda a ambição de evoluir mais e ver onde é que você vai chegar, de ser campeão mundial. Você tem um monte de sonhos, né? Agora eu já sei mais ou menos aonde eu cheguei, eu não vou chegar além do que eu já cheguei. Então a minha motivação difere, eu jogo só pelo prazer. Jogo pra ganhar, tudo, mas jogo porque eu gosto de jogar. Não vou me tornar o melhor, não vou falar pra você – igual o GM 6 – que eu vou me tornar campeão mundial ainda, nada disso [risos]. O que eu tinha que fazer no meu auge eu já sei que já foi, então eu só curto jogar.

J: Voltando um pouquinho pra sua família, qual era o envolvimento de cada um deles com o xadrez?

GM 3: Bom, da minha mãe nenhum, ela não jogava. E as minhas duas irmãs aprenderam a jogar também, mas quando elas aprenderam a jogar – eu tenho quase uns 10 anos na frente de uma das minhas irmãs e 8 anos da outra – já não dava pra jogar comigo, não tinha como me encarar. Quando elas cresceram um pouco e quando a gente jogava alguma coisa entre a gente eram outros jogos, né? Porque xadrez era realmente injusto jogar. Então todo mundo em casa gosta de jogos de estratégia, tudo, mas xadrez... As duas sabem jogar até direitinho, se jogassem aqui iam até fazer um ponto ou outro. Mas xadrez não era o que a gente jogava entre a gente.

J: E como elas aprenderam?

GM 3: Com o meu pai também.

GM 3: Sua mãe então foi a única que não se aventurou [risos]?

GM 3: É, ela nunca se interessou. Nem sabe jogar.

J: E ainda nesse sentido, qual era a expectativa da sua família à respeito da sua participação no xadrez?

GM 3: Nenhuma, era só uma diversão. Nunca houve uma expectativa, várias pessoas comentam disso que o meu pai, diferente dos outros pais, nunca se preocupou com o meu resultado. Nunca se entusiasmou, quis saber, pressionou ou fez qualquer coisa pra eu obter resultados. Melhor ainda, ele simplesmente torcia, mas ficava na dele sem pressionar, sem ser muito atuante, assim, nesse sentido de resultados, né? De esperar isso ou aquilo.

J: E quando o senhor frequentava os clubes e as competições, quem é que te acompanhava?

GM 3: Geralmente eu ia sozinho em quase todos os lugares. Aos 13 anos eu joguei o meu primeiro Campeonato Mundial na França e fui sozinho. Eu também não tinha tantas condições, a ajuda era muito difícil, todo mundo em casa trabalhava e não tinha quem me acompanhasse. Meu pai achou que eu tava em condições de ir sozinho e eu fui sozinho.

J: Se a gente pensar nos clubes também, ia sempre sozinho?

GM 3: Eu ia sozinho também, não era um ambiente muito agradável porque eu tinha que ir no centro. De casa eu tinha que pegar um ônibus, ir no centro e no centro não era um lugar muito agradável, assim. Era um lugar que era mais perigoso, cheio de boates ao lado do clube, mas nunca aconteceu nada.

J: Além do xadrez o senhor praticava outras atividades nessa época? Esportivas, culturais?

GM 3: Esportivas eu sempre gostei. Bom, eu gostava de jogar futebol, vôlei eu jogava. Eu jogava basicamente, por exemplo... Na escola do que tinha eu gostava de quase todos os esportes, assim. Principalmente se fossem esportes coletivos, eu não gostava de ginástica olímpica, essas coisas não. Mas futebol, basquete, handebol, vôlei, essas coisas que tem nas aulas de Educação Física e que o pessoal joga eu gostava. A gente jogava na rua também. Atividade cultural eu acho que nenhuma [risos]. Não que eu não gostasse, eu gostava muito de cinema, filmes, mas eu não participava de nenhum grupo de nada. Acho que no máximo eu ia no cinema com um amigo.

J: E atualmente, o senhor pratica alguma coisa?

GM 3: Não, atualmente eu vou na academia, mas não pratico nenhum esporte competitivo. Até porque já não é tão bom à medida que a idade vai avançando... Eu joguei tênis um tempo e aí eu comecei a sentir dor no braço, se você joga com mais intensidade alguma coisa os resultados já não são os mesmos de 20 anos atrás. Então eu entendi que é melhor eu só ir na academia.

J: Por lazer?

GM 3: Exatamente.

J: E a escolha do seu curso, a Economia, teve alguma relação com o xadrez?

GM 3: Não, eu não me lembro. Olha, pra ser muito sincero eu tava muito mais preocupado em jogar xadrez na época. Mas o meu pai falou pra eu fazer faculdade, pra eu prestar vestibular. Eu não sabia pra quê que eu ia prestar, não tinha a menor ideia. Eu optei por Economia, mas não tinha absolutamente nenhuma convicção de que era aquilo

o que eu queria. Na verdade eu não queria fazer faculdade, eu preferia ficar jogando porque eu sabia que não ia dar pra fazer as duas coisas. Mas acabei fazendo, passei.

J: E o abandono desse curso, em alguma medida teve relação com o xadrez?

GM 3: Totalmente, eu não conseguia frequentar o curso. No ano acho que eu fiz o curso, em um semestre eu devo ter ido, sei lá, 10 dias nas aulas. Eu ficava viajando, tava o tempo todo jogando e não tinha nenhuma condição de fazer.

J: E foi nesse momento, perto dos 18 anos, que o senhor comentou que parou de jogar?

GM 3: Foi acho que um pouco depois dessa época. Eu comecei a jogar *bridge* e tal com uma turma aí que eu jogava e fiquei meio que um 1 ano ou 2 sem fazer nada. Assim, a gente jogava *bridge* de madrugada e dormia 6h, 7h da manhã.

J: E essa pausa a essa idade, em relação ao xadrez, foi motivada por algo?

GM 3: Não, não teve nada assim que me desmotivou, pelo menos não que eu lembre. Eu comecei a jogar *bridge*, gostei, gostava de jogar alguns jogos e tava achando legal. Também não foi uma pausa, assim, de falar “eu parei de jogar”. Simplesmente eu não joguei, não estudei, descansei do xadrez. Depois uma hora eu voltei.

J: E isso foi aos 18 anos? Durante 1 ano essa pausa?

GM 3: Isso, não sei se foi aos 18 ou 19 anos, mas foi mais ou menos nessa época e foi durante... Eu acho que teve uma antes quando eu tinha uns 16 anos, fiquei meio ano sem jogar e depois fiquei 1 ou 2 anos também. Mas parei e voltei sem muito, assim... Como eu falei não foi uma coisa planejada.

J: E ainda em relação a essa pausa, como o senhor a considera em relação ao xadrez? Ter parado por 1 ou 2 anos?

GM 3: Bom, eu acho que quando voltei eu voltei jogando melhor porque com certeza existem uma série de erros, de defeitos no seu jogo que mesmo sem jogar você tá de alguma maneira pensando sobre eles. E às vezes não jogando a sua mente tá trabalhando naquilo, ela consegue enxergar melhor algumas falhas que eu cometia e eventualmente corrigir essas falhas. Quando você volta a jogar você volta a corrigir. Eu acho que sem ter pensado em xadrez – ou pelo menos conscientemente pensado – voltei muito melhor

logo depois. No começo você tem que se adaptar um pouco, você não joga há muito tempo e tal, precisa desenferrujar. Mas basicamente eu voltei mais forte.

J: Bom, e depois? Como foi a caminhada até o título de Grande Mestre?

GM 3: Eu estudava bastante e aí eu parei de jogar. Aí quando eu parei, logo em seguida quando eu voltei... Inclusive eu fui jogar um torneio de *bridge* no Chile, aliás nesse ano eu lembro que fui Campeão Sul-Americano Juvenil de *bridge* no Chile. E aí a gente depois voltou e tinha um torneio na Argentina que um amigo meu tinha me convidado pra jogar de xadrez. Aí eu passei na Argentina pra jogar esse torneio, esse foi o primeiro torneio que eu voltei depois a jogar e fiz uma norma de Grande Mestre já. Aí depois disso voltei a toda e fiz o título em seguida também. Passaram mais alguns meses e eu joguei o Sul-Americano, ganhei. Nesse ano fui Campeão Sul-Americano de *bridge* e de xadrez e quando eu vi já era Grande Mestre.

J: Se considera um profissional?

GM 3: Sim, e agora diferente do que eu era antes. Eu já fui um profissional jogador que é alguém que só joga, como um jogador de tênis, isso eu já fiz. Agora eu sou um profissional, mas eu dou aula e tudo. Eu jogo como eu disse mais por lazer, não espero nada em termos financeiros dos resultados do torneio.

J: E a partir de quando o senhor começou a sentir esse profissionalismo?

GM 3: Quando eu fiz o título de Grande Mestre eu já ganhava uma grana razoável jogando, mas eu ganhava e gastava. Na verdade eu viajava pelo mundo jogando, jogando, vivendo, gastando, não sei. Eu não tinha muito... Eu era profissional, mas também não tinha nenhuma responsabilidade então também ganhava, gastava e não tava nem aí. Aí depois eu acho que quando eu fiquei mais profissional foi quando eu me casei. Aí nos anos seguintes eu realmente joguei muito bem, me dedicava muito e levava muito a sério. Tive bons resultados, era bem focado nas coisas que eu fazia, foi um momento que eu joguei melhor em toda a minha vida. Depois eu desisti porque eu percebi... Ah, isso é interessante. Eu jogava entre os melhores jogadores do mundo, então eu tive a oportunidade de conhecer todos os melhores jogadores do mundo, conversar com eles e tudo. Por uns 2 ou 3 anos eu tive convivendo aí com a elite, jogando. Não era o melhor, não tava entre os 10 melhores do mundo, mas eu tinha a vantagem de ser brasileiro. Então como a maioria era russo, se tem 10 russos, eles

mesmos ao invés de chamarem 10 russos chamam 1 ou 2 russos e 1 brasileiro porque é mais legal ter um brasileiro do que um russo, né? Assim, só ter russos não é o mais interessante, tem que variar um pouco [risos]. Então eu tive a oportunidade de jogar vários torneios bons e conviver com os melhores jogadores do mundo e tudo, mas aí eu percebi que eu não ia chegar entre os 10 melhores jogadores do mundo. Conheci todo mundo, então vi que tinham algumas pessoas que eu não iria superar e aí foi quando eu me dediquei menos a jogar, parei de estudar e me dediquei mais a fazer outras coisas como dar aulas. Mas não me arrependo, fiz outras coisas com o xadrez e aí virei um profissional que trabalha e não que joga, né? Ah, ainda continuo jogando de vez em quando, mas não mais com o mesmo afinco. Foram 2 ou 3 anos muito puxados pra mim, então eu realmente tava cansado fisicamente e mentalmente, era um esforço muito grande o que eu fazia e achei que não valia a pena esse esforço todo.

J: Me parece que durante a trajetória do senhor, apesar de não ter um professor fixo ali, houveram muitos ambientes de aprendizagem, principalmente com seus pares, colegas, amigos...

GM 3: Eu tenho certeza absoluta que se eu tivesse um professor... Por exemplo, há pouco tempo teve um treinador russo que veio aqui treinar a nossa equipe, a equipe olímpica brasileira, isso faz uns 10 anos. Se eu tivesse esse treinador quando eu tinha uns 15, 16 anos e tivesse o devido apoio eu teria chegado muito mais longe, sem dúvida nenhuma. Tiveram muitas informações que eu não tive acesso porque eu descobria as coisas sozinho e teve muitas coisas que eu não descobri, então ficaram faltando no meu jogo. Por exemplo, se eu tivesse alguém desse nível, como os russos têm, como os campeões mundiais e todo mundo... Eles sabem realmente todos os caminhos, como você deve evoluir em todas as frentes, teria sido muito melhor. Então esse caminho que eu segui foi o caminho que eu segui porque não tive outra opção. A minha opção foi essa, mas eu não tinha nenhum tipo de apoio. Hoje em dia tem muito mais apoio que naquela época, eu não tinha nem passagem pra jogar os torneios, então eu fiz o que deu pra fazer.

J: Essa espécie de aprendizado entre pares foi aquela vivenciada pelo senhor e pelo GM 11 especialmente durante a juventude dele. Como o senhor considera esse momento entre os dois?



GM 3: Isso, exatamente. Ele, por exemplo, teve essa grande vantagem. Poderia até ter um treinador melhor se fosse um campeão mundial russo e tal, mas ele teve a grande vantagem do melhor jogador brasileiro na época o treinar. E isso ajudou muito ele em seus passos, ele encurtou muito o espaço. E aí ele vai até um ponto, ele chegou basicamente até o ponto que eu cheguei. Agora dali pra adiante não existia uma pessoa que iria encurtar o caminho pra ele. Aí depende dele, né? Porque eu sei o que eu sei, eu não sei mais do que eu posso fazer, então você vê. Mas se todo mundo fizesse isso eu acho que todas as pessoas chegariam ao meu nível ou ao nível do GM 11 mais rápido e, dessas pessoas todas, algumas iam passar pra um nível mais acima, iam chegar bem mais longe. E depois essas pessoas iam ensinar os seus seguintes, todo mundo ia chegando e o país todo ia avançando no sentido de se tornar um país mais forte no xadrez. Claro que se a confederação ajudasse nisso, ajudasse a fazer essa sequência seria muito melhor, né? Infelizmente é um desastre completo a organização geral de tudo no país, inclusive o xadrez.

J: Um país mais forte no xadrez em termos de número de jogadores que chegam ao alto rendimento?

GM 3: Exatamente, ia chegar a um alto rendimento mais alto, né? Nós temos alguns jogadores de alto rendimento. Na verdade você supõe que um Grande Mestre é um jogador de alto rendimento, mas existem vários níveis dentre os Grandes Mestres. A gente pode chegar em níveis maiores, né? Nós não temos nenhum jogador atualmente entre os 100 melhores do mundo.

J: Pode falar mais um pouquinho sobre isso? Dentro do grupo de Grandes Mestres existem então vários níveis?

GM 3: Sim, exatamente. Você tem a pontuação que é o *rating* e aí você vê que nós não temos nenhum jogador entre os 100 melhores do mundo. Na época quando eu jogava e tava mais no auge eu era o 36º, 35º do mundo. Depois disso o GM 11 também chegou próximo disso. Mas depois, agora, tá todo mundo pra trás dos 100. Então existem Grandes Mestres de alto nível, se você pegar a Ucrânia ela tem, sei lá, 10 jogadores entre o *top* 50 melhores do mundo, espalhados entre o *top* 10, 20, 30. A Rússia também, outros países também e nós não. Eles estão em um nível superior porque não só eles têm mais Grandes Mestres, mas têm mais Grandes Mestres que estão mais bem colocados no *ranking* mundial. A gente na olimpíada disputa ficar entre os 20, já ficamos na frente

dos 20, mas mais ou menos a gente tá entre 20 e 30 do mundo na olimpíada. Poderíamos estar entre os 10 ou pelo menos poderíamos tentar estar entre os 10 [risos].

J: O senhor considera bem-sucedida a sua trajetória no xadrez?

GM 3: Ah, eu gostaria de ter chegado mais longe, né? Mas eu acho que foi razoável dadas as condições que eu tive. Inclusive quando analiso e pego a condição que existia, não tive treinador, não tinha nenhuma condição econômica, nunca tive nenhum patrocinador, nunca tive nada, então eu acho até que eu cheguei bem nesse aspecto, né? Mas, mesmo assim e com tudo isso eu poderia ter chegado melhor, eu sei de erros que eu cometi que eu não consegui corrigir a tempo. Se eu tivesse corrigido eu teria obtido melhores resultados, né? E tem outras coisas que outras pessoas poderiam me ajudar, mas é difícil esse “e se”. “E se” isso, “e se” aquilo... Algumas coisas eu tenho certeza, tem algumas coisas que eu entendi errado e poderia ter feito melhor sem a ajuda de ninguém.

J: Por exemplo?

GM 3: Ah, eu lidava mal, por exemplo, com as derrotas. Eu não assimilava bem as derrotas e deveria assimilar. Então se eu tivesse trabalhado melhor isso, se eu tivesse superado esse problema eu teria obtido melhores resultados.

J: O que o senhor pensa sobre a influência que teve o talento na sua trajetória, se é que teve?

GM 3: Ah, a gente nunca pensa muito... Sem dúvida é importante porque ele existe ali, você tem mais facilidades pra uma coisa do que pra outra, não me cabe dizer. Mas quando você tá jogando... Eu não fico pensando se eu tenho ou não talento, quando eu jogo vou tentando fazer o melhor possível, né? Então eu nunca paro pra pensar o tamanho do talento que eu tenho, se as pessoas têm talento, eu simplesmente tô competindo, tô jogando e não é uma coisa que eu penso muito. Mas certamente se você analisar ou comparar com outras pessoas... Tem pessoas que eu ensino, tem pessoas que eu vejo a trajetória e falo “não, isso aqui eu fazia melhor”. Na maioria dos casos eu vejo diferenças entre algumas pessoas e outras, assim como eu vejo diferença quando eu estudo com alguém, quando eu tenho algum aluno... Aí vejo e comparo com o GM 11, com o GM 9 e geralmente eu vejo diferenças em favor do GM 11 e do GM 9.

J: Que tipo de diferenças?

GM 3: Cada um tem as suas qualidades, né? Por exemplo, se a pessoa estuda muito, se ela está disposta a isso, se ela é muito afim do que você fala e quando você fala uma coisa ela se interessa por aquilo, se antes de você falar alguma coisa a pessoa já vem e te pergunta sobre aquilo ou a pessoa estudou antes de falar com você, se a pessoa tá interessada em tirar o máximo e achar falhas no seu jogo, achar problemas nos meus comentários e tal. Então você vê que é uma pessoa que tá muito mais interessada, ligada, do que uma outra que está mais passiva só recebendo a informação como “ah, vou treinar xadrez quarta às 15h da tarde”. Então pra ela é só quarta às 15h da tarde. Outras pessoas não, é quarta às 15h da tarde, mas 8h da manhã já acordou e começou pra chegar quarta às 15h da tarde e aproveitar o máximo, essa é uma diferença. Existe vários tipo de talento, o talento que a pessoa é genial e que você, olhando assim, vê a pessoa do nada tendo grande ideias e o talento das pessoas que conseguem estudar 8 horas por dia, eu considero isso um talento. Não é fácil você ficar 8 horas por dia estudando, não é qualquer pessoa que consegue fazer disso uma rotina o tempo inteiro. Quem consegue eu acho que tem um grande talento pra isso, ela consegue focar por muito tempo naquilo. Então esse é um tipo de talento também, as pessoas sempre consideram que talento é uma coisa que tá desvinculada do estudo, então se você tem muito talento você não precisa estudar ou alguma coisa assim. “Esse aí sem estudar faz tudo aquilo”, né? Mas eu não considero isso, eu acho que existem diferentes tipos de talento. Por exemplo, ter capacidade de estudo é um grande talento.

J: E esse interesse a mais, essa capacidade estudo, essa curiosidade o senhor pensa que tinha também?

GM 3: Totalmente, eu ficava estudando quase o dia inteiro. Eu ia devorando os livros, se eu tivesse com alguém tentava tirar o máximo e aproveitar o máximo aquele momento. Então eu tinha muito interesse.

J: O que é que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 3: Como jogador?

J: Como quiser.

GM 3: É... [reflexão]. Eu acho que eu continuo achando o jogo, em si, fascinante. Assim como antes eu não entendia nada e achava fascinante, hoje em dia eu entendo muito mais e continuo sabendo que ele é fascinante porque eu não entendo tudo. Até me admira, sei lá, depois de 30 anos, 40 pra 50 anos que eu jogo ele continuar sendo um mistério. O jogo continua muito complexo mesmo depois de passar 50 anos se dedicando, continua difícil. Então eu acho que eu tenho esse fascínio por alguma coisa que você não vai dominar. Na infância eu não me lembro de que eu pensasse assim, mas eu acho que certamente eu já sabia que seria uma coisa que me atrairia.

J: E hoje, o que o xadrez representa pra você?

GM 3: Eu gosto de xadrez, eu vivo de xadrez também, afinal, é minha profissão. Mas eu acho um jogo bem legal, uma coisa boa pras pessoas praticarem porque eu vejo que hoje cada vez mais praticam menos.

J: As pessoas praticam menos?

GM 3: Eu acho que por um lado existe esse negócio das escolas que faz com que as pessoas pratiquem, com que mais pessoas aprendam a jogar xadrez. Mas eu acho que elas praticam menos no sentido de que existem muitos concorrentes ao xadrez como *videogames*, principalmente, essas coisas que meio que afastam as crianças do xadrez. Eu tenho essa impressão, não sei. Certamente tem mais gente que pratica hoje do que praticava antes, mas eu acho que os incentivos pra jogar xadrez diminuíram e não aumentaram.

J: E esse “negócio da escola”, como tem sido?

GM 3: O xadrez tem sido inserido geralmente na grade extracurricular da escola e aí algumas poucas pessoas se interessam por isso. Elas têm uma aula muito básica de xadrez e geralmente o que elas aprendem é jogar, o que é muito melhor do que não aprender. Mas aí gostar realmente e praticar é uma outra história, os benefícios da prática do xadrez só aparecem quando a pessoa pratica xadrez por algum tempo e tem uma série de fundamentos e de razões. Aprender a jogar xadrez é nada mais do que aprender um conjunto de regras, né? Então isso aí é legal, é bom, é melhor do que não aprender porque você já aprendeu, você já passou por essa parte. Mas isso aí não significa nada, você saber as regras de um jogo. Isso não te traz nenhum benefício especial exceto se você utilizá-lo depois.

J: E como é que se cria então esse gosto pela modalidade?

GM 3: Acho que vai depender muito de alguém que você conviva, que goste. Pode ser que a pessoa até goste muito, mas depende muito de alguém que você conviva. Pode ser então em casa, geralmente em casa é o melhor jeito porque se o seu pai, a sua mãe, o seu irmão, alguém da sua família, o seu tio gosta muito, você tende a gostar mais. Por exemplo, eu tinha um tio que tem praticamente a minha idade, ele é só uns 4 a 5 anos mais velho do que eu. Eu muitas vezes tinha que ficar na casa dos meus avós que eram os pais dele e aí eles botavam ele pra cuidar de mim. Ele ficava meio bravo e não sei o que, aí uma época ele descobriu que eu jogava bem xadrez e a gente ia pra um lugar que ele descobriu que os caras jogavam e me colocava pra jogar com os caras valendo dinheiro. Não dinheiro meu, dinheiro dele. Eu ganhava e nessa época era incrível porque eu tinha 9, 10 anos e ganhava de um monte de marmanjo, caras mais velhos e tudo que ficavam impressionados e tal. Então essa era uma coisa que causava... Eu mesmo ficava feliz porque eu sabia que o meu tio não queria ficar comigo, era aquela história que não era muito mais um ficar cuidando do outro, mas assim os dois já ficavam bem. Ele ficava feliz, me chamava, “não, vamos pra lá”. É diferente, você criou um incentivo, assim. Um incentivo que digamos assim não é muito tradicional, né? Mas isso ajuda muito as pessoas ou um professor que goste muito e que transmita isso pros alunos. Agora isso é difícil, a maioria dos professores – com algumas exceções – não tão muito preparados. Por exemplo, na rede pública, nos cursos que são dados eles não sabem jogar. Eles aprendem a jogar, mas eles não têm nenhuma noção de xadrez. Então eles não podem passar amor pelo xadrez se eles não sabem nem jogar. Então isso realmente vai ensinar as crianças, quando muito, quando tem sucesso, a aprender um conjunto de regras pra xadrez. Mas se as pessoas não sabem jogar elas não podem transmitir o amor pelo xadrez. Já outros professores, tem outros professores particulares que tem aí e que inclusive tão jogando aqui o torneio que dão aulas em escolas. Alguns são muito bons e realmente algumas crianças passam a praticar xadrez por esses professores que realmente incentivam eles. Mas são muito poucos.

J: Esses professores que apresentam, então, não só o domínio de técnicas, mas o gosto?

GM 3: O gosto, também. É que a maioria dos professores da rede pública não tem nem o domínio de técnicas, eles aprendem o movimento das peças e transmitem isso de volta. Então já não é um processo tão fácil assim. Pra eles aprender esse conjunto de

regras já é uma novidade, um ou outro sabe. A professora do colégio do meu filho que é um colégio particular – agora ele já saiu do colégio e entrou na faculdade –, mas quando ela dava aula ela não tinha nenhuma ideia. Assim, o meu filho sabia mais do que ela de xadrez e isso é um colégio privado, né? Então podiam contratar um professor melhor, né? Podiam, por exemplo, ter falado comigo que sou o pai de um dos alunos, inclusive eu dei um livro pra professora. Mas pra eles fazia mais sentido um professor de matemática dando aula de xadrez. Uma aula horrível, na verdade. Melhor do que nada, mas uma aula horrível.

J: O seu filho quando teve o contato com o xadrez na escola então já sabia?

GM 3: Já sabia, já sabia. Ele entrou mais porque ele sabia que ele estaria entrando em um ambiente que ele deveria ser o melhor, alguma coisa assim. Então ele se sentiu mais... Mas foi mais por isso daí, ele ficou pouco tempo lá porque... Ele gosta, assim, de xadrez, mas não muito, prefere outras coisas. Aquilo parecia pra ele uma oportunidade de se destacar em alguma coisa.

J: E como é que ele aprendeu antes a jogar xadrez [risos]?

GM 3: Ah, eu ensinei ele mais ou menos na mesma idade que o meu pai me ensinou, mas dentre várias coisas ele gostava mais de outras coisas.

J: E como foi ensinar uma prática que o senhor aprendeu antes com seu pai, agora, pro seu filho?

GM 3: Bom, o método... Eu nem sei se usei o mesmo, eu nem me lembro exatamente como o meu pai me ensinou a mover as peças. Basicamente tem milhões de métodos e com todos você ensina muito fácil, não tem erro isso aí. De vez em quando você joga, pratica. Às vezes o meu filho se interessava, às vezes não e também tinham outras coisas. Basicamente eu ensinei as mesmas coisas de jogos, essas coisas eu ensinei. Mas meu filho, por exemplo, acabou se interessando... Ele joga, ele gosta bastante de jogar, mas ele joga um jogo na *internet* aí, *League of Legends*, não sei que nível que é, *platinum*, *diamond*, sei lá.

J: Eu fiquei muito curiosa por essa história do seu tio. Ele então era alguém que não sabia jogar xadrez, mas que te levava pras apostas?

GM 3: Ele sabia jogar e tinha uma turma que jogava ali e geralmente perdia ali. Essa turma, entre outras coisas, jogava xadrez. Mas ele jogava também com o pessoal, mas costumava perder. Aí ele começou a jogar comigo, jogava comigo às vezes em casa e ele viu que eu ganhava dele com muita facilidade. E aí falou “não, peraí, vamos lá jogar com eles ali e deixa ver o que acontece” e viu que eu ganhava deles, só isso.

J: E isso em que ambiente?

GM 3: Olha, eram uns amigos dele, a gente ia em um lugar ali. Eu ficava na casa da minha avó, às vezes eu ficava lá um fim de semana, um dia na semana, nem me lembro exatamente ou às vezes me deixavam lá de dia e eu passava o dia lá, alguma coisa assim. E aí nesses momentos que ele se encontrava com o pessoal eu ia lá e ele ia junto. Aí rolava de tudo, tinha corrida de autorama. Era uma turma ali, tinha uma série de coisas que eles faziam ali e, entre elas, jogar xadrez.

J: Nas casas deles próprios, assim?

GM 3: Exato, na casa de alguém, nem me lembro exatamente o ambiente que era. Mas era na casa de alguém.

J: E suas principais conquistas como jogador, quais foram aquelas que te marcaram?

GM 3: É, bom, foi um torneio ou outro. Teve um torneio na China que foi uma Copa do Mundo, um torneio super forte, extremamente forte que eu fiquei em 3º, praticamente atrás só de quem era na época o vice-campeão mundial, o Anand, e do Gelfand, que também agora foi vice-campeão mundial. Eu acho que esse foi talvez o meu melhor resultado. Em algumas Copas do Mundo eu fui muito bem, por 2 vezes eu fui eliminado pelo Shirov na 3ª rodada, mas eu tava indo super bem. Eu acho que foi esse, na época eu chegava a estar entre os 40 melhores do mundo, 36º eu acho que era. E basicamente é isso.

J: Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro, algo que você queira dizer?

GM 3: É... [reflexão]. Eu não me lembro de mais nada. Eu acho que o xadrez é um jogo um pouco solitário, assim, a vida é um pouco... Assim, não é ruim, mas você fica muito tempo sozinho, realmente é muito individualista, você fica muito tempo dentro de você mesmo e depois você tem que se preparar e tudo. Um torneio de xadrez hoje em dia

exige que você passe 4h, 5h jogando e você passa umas outras 3h estudando antes, 1h estudando depois o que você fez, né? É um ambiente que você viaja o mundo inteiro, faz um monte de coisa, mas muito tempo você tá sozinho. Você tá sozinho no seu quarto de hotel, você tá sozinho a maior parte do tempo. E não sei, acho que mais nada.

J: Eu agradeço então toda a sua atenção e disponibilidade em relação ao estudo. No termo entregue tem todos os nossos contatos, então qualquer dúvida ou *insight* que o senhor tiver... Então “ah, lembrei que isso poderia ser interessante sobre mim e esqueci de falar”, fique à vontade para entrar em contato. Muito obrigada!

#### **Apêndice D – Íntegra da entrevista (GM 4)**

J: Muito obrigada pela sua participação na pesquisa e, de antemão, também por toda a sua atenção em relação ao projeto. Idade?

GM 4: 24 anos.

J: Data de nascimento?

GM 4: 24/08/1992.

J: Sexo?

GM 4: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 4: Branca.

J: Nível de escolaridade?

GM 4: Ensino Médio completo.

J: As etapas anteriores foram sempre em ensino público, privado?

GM 4: Sempre público. Eu acho que na 5ª série só eu estudei em um colégio particular, mas sempre foi público.

J: E por algum motivo relacionado ao xadrez?



GM 4: É que eu nasci em São Sebastião do Paraíso e morei lá até uns 7, 8 anos. Aí eu mudei pra uma cidade chamada Mogi Guaçu em São Paulo e dali 2 anos eu voltei pra Paraíso. Eu fiquei lá até a 4ª série e aí na 5ª série eu mudei pra Poços de Caldas, essa 5ª série eu fiz em um colégio por lá. Eu voltei 1 ano depois e aí fiquei em Paraíso direto.

J: Sua cidade de nascimento foi então São Sebastião do Paraíso, atualmente reside lá também?

GM 4: Lá também.

J: Profissão?

GM 4: Enxadrista, atleta.

J: Qual seria uma atual média da sua renda familiar mensal? Se você morar sozinho pode pensar só em você.

GM 4: R\$: 10 mil reais, em média.

J: E a sua família, como ela é constituída?

GM 4: Atualmente moro só eu e a minha mãe, quando iniciei no xadrez eu vivia com o meu pai ainda, com o meu pai e a minha mãe. Só que mais ou menos aos 13 anos eles se separaram e aí eu vivo só com a minha mãe.

J: Então vamos pensar nessa época em que vocês moravam todos juntos e aí em cada um dos membros. Primeiro pode ser o seu pai, qual foi o nível de escolaridade dele?

GM 4: Ele não tinha o Ensino Médio completo.

J: As etapas anteriores dele foram sempre públicas, privadas?

GM 4: Sempre no ensino público.

J: Profissão dele?

GM 4: Vendedor, na época também. Autônomo, cada hora é um bico diferente [risos].

J: Vamos pensar agora na sua mãe, qual é o nível de escolaridade dela?

GM 4: Então, ela tá terminando a faculdade agora. Na época que eu aprendi xadrez ela não tinha o Ensino Médio completo ainda, agora ela terminou o Ensino Médio e tá no último ano de Pedagogia.

J: Que bacana, e isso em uma universidade pública, privada?

GM 4: Privada.

J: As etapas anteriores dela foram sempre foram públicas, privadas?

GM 4: Sempre públicas.

J: Profissão dela?

GM 4: Ela trabalha na Secretaria da Educação, eu não sei exatamente em qual cargo. Seria funcionária pública.

J: Bom, então agora a gente parte para as questões abertas que são mais especificamente sobre você. Fale sobre a sua trajetória, desde os seus primeiros contatos com o xadrez até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 4: Bom, eu aprendi a jogar xadrez na escola porque na minha cidade em São Sebastião do Paraíso tinha um projeto de xadrez em todas as escolas, toda a rede municipal e estadual. Então aos 11 anos, de 10 para... Acho que 11 anos foi que eu tive contato pela primeira vez com o xadrez na escola. Acho que um pouco velho comparado com os outros GM's, assim [risos], mas gostei do jogo. Eu sempre fui muito competitivo, né? Então eu queria troféu, medalha e tal, mas eu vi que precisava treinar pra isso, né? E aí eu fui atrás de alguém que sabia mais, comecei a treinar e me apaixonei pelo jogo. Depois eu tive sorte porque na minha cidade tem uma cultura de xadrez grande, tem vários jogadores fortes. Então eu dei um pouco de sorte por isso, eu tinha contato com caras bons e aí eles iam me explicando como melhorar e tal. Isso eu acho que me ajudou bastante, né? Bom, aí assim, tem vários caras que me ajudaram a melhorar, vários que me incentivaram. O primeiro que começou foi um cara chamado Thales Braghini Leão – não sei se você conhece – que foi o meu primeiro professor, quem me ensinou a jogar xadrez. Esse foi um cara muito importante até porque desde lá até eu ter o título de GM ele sempre me ajudou muito, sempre me incentivou bastante e tal. Tiveram vários outros, o Gérson Peres também que foi quem iniciou esse projeto “Xadrez nas Escolas” lá. E aí eu comecei a treinar com eles e como já tinha esse projeto

ficou mais fácil de jogar xadrez também porque a prefeitura patrocinava pra disputar eventos e tal. Isso facilitou muito, eu conseguia jogar esses Brasileiros de categoria e tal. E aí, assim, desde que eu aprendi em 2 anos depois eu já tava jogando bem, já tava ganhando Brasileiros de categoria. Então foi bem rápido, assim, desde quando eu comecei, né? Bom, aí – deixa ver como eu continuo até hoje [risos] – teve essa fase que eu aprendi, comecei a treinar muito mas muito mesmo xadrez. Acho que com 13 anos tinha dia que eu treinava 8 horas por dia, mas que não é muito normal também pra essa idade porque eu dou aulas de xadrez hoje e vejo que os meninos são meio preguiçosos, assim, principalmente pra treinar. Treinei bastante e acho que lá pelos 15, 16 anos – virei Mestre FIDE com 16 – ali já tava bem claro que eu queria virar Grande Mestre, queria viver de xadrez, né? E foi aí que começou um trabalho mais sério, assim, porque pra sair de Mestre FIDE pra MI e de MI pra GM é muito trabalho, tem que ralar bastante. Eu comecei a jogar uns torneios fora também como esse aqui de Florianópolis, por experiência também. A família sempre apoiou, eles sempre gostaram que eu jogasse xadrez. Minha mãe e o meu pai estão sempre na torcida, então não teve nenhum problema quanto a isso. E aí quando eu terminei o Ensino Médio ali eu tava quase virando MI e tinha que decidir mais ou menos se eu ia fazer uma faculdade ou se eu ia continuar jogando. Eu achei melhor continuar jogando, queria virar GM primeiro e depois pensar se eu ia fazer alguma coisa porque acho que é bem complicado conciliar os dois. Alguns conseguem fazer isso, mas eu acho complicado. E aí ficou só xadrez, eu comecei a dar aulas, assim, de xadrez, né? Porque no Brasil é complicado você viver de xadrez só com prêmios, jogando torneios. Basicamente você joga os torneios pra conseguir outras formas de dinheiro, você não se faz em um torneio. Quem acha que Grande Mestre vive de prêmios de torneios tá completamente enganado porque não é assim que funciona [risos]. Aí eu comecei a dar aulas também, fui evoluindo, evoluindo. Virei MI em 2011 no Zonal, fui Vice-campeão do Zonal, virei MI direto e aí comecei a ir atrás das normas de Grande Mestre. Em 2012 eu ganhei o Sul-Americano Sub-20, fui Vice-campeão Pan-Americano Sub-20. Fiz 2 normas de GM e tava com 2450, só que aí eu travei 3 anos, assim [risos]. Não tava conseguindo evoluir e foi só no ano passado que eu fui fazer a última norma e virar Grande Mestre. E é isso, eu acho que foi bem resumido, assim [risos].

J: É por isso que a gente vai aprofundar então [risos]. Bom, vamos lá, eu acho que o primeiro ponto aí é que o ambiente que você teve os seus primeiros contatos com o

xadrez, diferente de todos os outros foi, de fato, a escola. Conta pra mim um pouquinho sobre como era essa escola, como eram as aulas, o que você fazia durante elas, sobre o seu professor por lá...

GM 4: As aulas eram basicamente junto com a Educação Física, né? Então basicamente você escolhia se você queria fazer xadrez ou se queria Educação Física. E aí eu sempre gostei desse negócio de jogos e tal, eu gostei mais de fazer xadrez. E igual eu falei, esse cara – o Thales – foi bem importante porque ele dava umas aulas extras ao horário, assim. Ele dava as aulas na escola, só que com os meninos que tavam mais interessados ele dava umas aulas pra aprofundar um pouco mais. Eu comecei a ir nessas aulinhas e aí que eu fui gostar mesmo de xadrez porque eu vi que tinha um outro mundo, assim, de estudar pra evoluir e tal. E acho que foram nessas aulas que eu comecei a gostar mesmo. Eu queria ter aula particular com alguém, aí esse Thales me deu aula por 1 ano, só que sem cobrar nada e tal, ele só... Ele achou que eu tinha talento, levava jeito e começou a me dar aula. Esse ano foi importante, foi quando eu aprendi a estudar xadrez. E aí depois já comecei a treinar sozinho porque eu nunca tive, assim, um professor mesmo, né? Foi sempre sozinho. Tinham uns caras que me falavam mais ou menos o que eu tinha que fazer, como o Gérson. Me falavam mais ou menos o que eu tinha que estudar, mas eu nunca tive um professor, foi sempre sozinho. Em uma época eu fiz aula com o Disconzi quando eu já tava ali com uns 2150 de *rating* até uns 2300, assim, eu tive aula com o Disconzi. Foi mais ou menos 1 ano, mas só isso também. Eu nunca fui de ter aula, foi sempre sozinho.

J: Essas aulas então eram uma opção à Educação Física?

GM 4: É, era ou Educação Física ou xadrez, lá era desse jeito.

J: O Thales, aquele que te dava essas aulas, tinha também uma turma extracurricular?

GM 4: É, eu fazia à tarde, assim, era 1 horinha de aula com o pessoal que era mais... Era mais interessado, assim. Na escola tinha alguns torneios também, isso aí motivava bastante também. Igual eu falei, no começo era pra ganhar prêmio, ganhar os torneios, ganhar os troféus e as medalhas, depois que eu fui me apaixonar pelo jogo mesmo.

J: Entendi, e se a gente pensar antes da aula extracurricular, ainda nessa aula opcional à Educação Física que você teve os seus primeiros contatos com o xadrez, como é que você se via nela?

GM 4: Pra mim era mais um jogo no começo, eu queria aprender um jogo diferente. Eu lembro que entre os meninos da minha idade tinham alguns que se interessavam também, uns que gostavam mais de jogos e que, sei lá, já sabiam jogar dama ou alguma coisa e aí associavam ao xadrez, tentavam fazer algo parecido. Outros não gostavam de jeito nenhum, outros queriam ir pra Educação Física. Eu lembro que as primeiras aulas foram meio que obrigatórias com a sala toda e aí alguns ficaram bem desinteressados, outros gostaram muito. Aí depois eu lembro que separou eu acho, ficou Educação Física e xadrez. Mas eu lembro que eu, pelo menos, ficava muito interessado, queria aprender tudo o que eu podia e tudo o que o professor tinha. Eu queria sugar tudo o que ele sabia [risos]. Eu era desse jeito, assim.

J: E você acha que as escolhas dos alunos da sua sala eram mais pra Educação Física ou mais pra essa aula de xadrez?

GM 4: É... Quando você separa uma turma e coloca a opção de Educação Física e de xadrez vão sempre mais pra Educação Física, né? Todo mundo quer jogar futebol e tal, geralmente é assim. Eu já dei aula em escola também e vejo que é dessa forma, né? Só que tem alunos que se interessam muito. Agora se é uma aula, assim, que a turma inteira vai fazer, aí mesmo esses que gostam mais de jogar futebol, gostam de fazer outras coisas, aos poucos eles se interessam bastante pelo jogo, né? É engraçado porque eu dava aula em escola e aí chegavam aqueles mais bagunceiros... Mas os que mais ficavam distraídos eram os que jogavam melhor até, os que pegavam mais fácil. Deve ter sido coincidência na época que eu dei aula, não sei, mas eles acabavam se interessando pelo jogo. Eu acho que depende muito da turma.

J: E de início, antes que os alunos pudessem optar entre essas duas aulas, aquelas de xadrez eram obrigatórias?

GM 4: É, eu não lembro muito bem como foi nessa época, mas eu acho que primeiro apresentaram o xadrez pra sala inteira e aí depois que foi ter essa opção. Porque lá era desse jeito em todas as escolas, Educação Física junto com o xadrez, né? Tirando algumas escolas que são em tempo integral e aí você tem a opção de fazer o xadrez... Só xadrez na aula, não precisa dividir. Acho até que é melhor assim, sem dividir se é ou xadrez ou Educação Física.

J: E você tinha que dividir, não poderia ser só xadrez o ano inteiro, por exemplo?

GM 4: Não, você pode fazer xadrez o ano inteiro. Só que isso a turma, né? A turma que escolhe se quer fazer xadrez ou Educação Física.

J: E como foi a sua passagem dessas aulas opcionais até as extracurriculares?

GM 4: Bom, eu fui perguntar se tinha alguma coisa, onde eu conseguiria aprender mais, né? Fiquei meio viciadinho no jogo, obcecado pelo jogo. E aí na direção falaram que tinha um professor que ia à tarde lá, que dava umas aulas pros que tavam interessados e tudo mais. Na verdade eu acho que era a aula de tarde viu, não era nem que ele dava uma aula a mais. É que ele dava aula de manhã e à tarde eu acho, só que de tarde eram uns meninos que sabiam mais, que já tavam jogando torneios e tal, na verdade era isso. E aí eu ia de manhã e ia à tarde também pra ter aula. Eu tava viciadinho já, né? Então era mais um negócio meu do que da... Não tinha aula extra não, é que ele dava aula de manhã e à tarde.

J: E como essa apresentação do xadrez, antes mesmo de qualquer outro conteúdo das aulas de Educação Física, foi encarada?

GM 4: Ah, eu não lembro o que é que eu pensei. Mas eu lembro que eu achei legal, achei interessante. Eu nunca fui muito de jogar bola e tal, de fazer essas coisas. Então eu gostava mais dessa parte de jogos e alguma coisa que tivesse que pensar mesmo. Pra mim foi... Eu gostei muito, achei animal aquilo, né? Aquelas aulas, tanto que eu não fazia mais Educação Física, fazia só xadrez. Na turma era dividido, alguns gostavam bastante, queriam aprender, mas principalmente os que são competitivos. E aí falaram de fazer torneio e tal, todo mundo queria competir, né? Mas isso não era o geral, não era a turma toda. Mas comigo eu achava animal aquilo, eu gostei bastante de ter essa opção, de não ficar só na Educação Física.

J: E mesmo para aqueles que preferiam as aulas de Educação Física, mesmo preferindo, os primeiros contatos com a disciplina se deram também por meio do xadrez?

GM 4: Isso, eles tiveram o contato e foram apresentados ao jogo. Jogaram torneios também, todos jogaram torneios ali. Mas aí depois ficava como opção, né? Ou você faz xadrez ou... Até porque quando você começa... Pro professor de xadrez, pro cara que tá dando aula ali fica complicado pra ele se tem metade da turma que não quer estar ali tendo xadrez. Imagina... É bom quando ficam só os que tão interessados mesmo, eu acho que essa ideia de dividir a turma em quem quer fazer Educação Física e quem quer

fazer xadrez é uma ideia boa, assim. Fica até mais fácil pra ele passar conhecimento, né? Porque não sei se você já deu aula, se já deu aula de xadrez na escola dentro de uma turma. Se tem uns que não querem fazer xadrez complica a aula toda, né? Então eu acho que é uma ideia boa, primeiro você apresenta o xadrez, quem quer fazer beleza e quem não quer vai para a Educação Física. Você deixa uma opção, né? Acho que obrigar a fazer xadrez não é uma ideia boa também.

J: Por que você acha que torná-lo obrigatório não é uma ideia boa?

GM 4: Não sei, porque imagino que alguns não gostam mesmo de xadrez, né? Ele vai ficar desinteressado ali, vai ficar ocioso nesse tempo. Eu não sei se vai fazer muito sentido ele fazer xadrez. É claro que pra ele é bom fazer xadrez porque vai desenvolver várias habilidades ali que ele não desenvolveria não fazendo xadrez. Igual lá em Paraíso mesmo que tem vários exemplos de caras que jogaram xadrez e não se tornaram profissionais de xadrez, mas se tornaram profissionais de sucesso na sua área. Eu posso dar o exemplo do Thales mesmo que foi o meu professor de xadrez, ele era um bom jogador de xadrez, até ganhou o Brasileiro Escolar. Inclusive o GM 2 jogou esse Brasileiro Escolar que o Thales ganhou [risos] e depois ele parou de jogar xadrez, começou a estudar e hoje é juiz federal. E ele mesmo fala que se ele não tivesse jogado xadrez ele não sabe se teria conseguido isso porque o xadrez desenvolveu várias habilidades como estudar mesmo, concentração. Quando você começa a evoluir jogando xadrez você percebe que tem que estudar, se você não estudar você não vai jogar melhor. E aí se você já tá acostumado a fazer isso eu acho que você vai ter sucesso em qualquer outra área. Não sei, uma pessoa que nunca estudou alguma coisa, que não tem concentração e foco como o xadrez te proporciona não vai ter tanta facilidade. O xadrez te facilita isso. E aí pro menino é bom que ele aprenda, ter uma aula obrigatória ali com certeza vai ser bom pra ele. Agora, não sei, se ele não tiver interesse nenhum... Eu acho que ele deve ser apresentado, deve ter as aulas e tal pra ele de qualquer forma ir conhecendo o jogo, ir sabendo mexer as peças. Jogando umas partidas ele já vai conseguir ter algum... Ele vai aprender a pensar eu acho, o xadrez proporciona isso. E aí depois disso fica a opção de ficar ali e evoluir ou não. Eu acho que as primeiras aulas tudo bem, agora ter sempre ali eu não sei se é bom, eu não sei o que te falar [risos]. É bom até discutir isso porque igual eu falei, eu aprendi a jogar xadrez no projeto “Xadrez nas Escolas” de Paraíso, esse projeto começou em 92 e foi até 2006 eu acho, não sei se é mais ou menos isso. Durou uns 15 anos, por isso que tem tanta gente sabendo jogar

xadrez lá, né? E quando trocou o prefeito, a administração da cidade, resolveram cortar o xadrez e aí não teve mais “Xadrez nas Escolas” desde 2006, 2007, não sei direito ali. E agora esse ano vai voltar o “Xadrez nas Escolas” porque eu e o Thales conseguimos aprovar um projeto de xadrez escolar por essa lei de incentivo ao esporte. E aí vai começar agora em fevereiro até, volta a ter xadrez em todas as escolas de Paraíso. É legal que o projeto que eu aprendi a jogar xadrez volta e, de repente, revela outros jogadores. E se der errado, se não virar um jogador ele vai ter várias habilidades igual o Thales, por exemplo. É engraçado porque quando a gente foi apresentar o projeto, por exemplo, eu era o exemplo do jogador que deu certo e o Thales era o exemplo do jogador que deu errado e que é juiz federal hoje [risos]. Então é interessante isso, o pessoal gostou bastante desse exemplo. Mas é legal saber discutir isso porque eu vou ser o coordenador desse projeto até e em algumas escolas vai ser assim, o aluno escolhe se ele quer fazer Educação Física ou se quer fazer xadrez. Mas algumas escolas são em tempo integral, então nessas escolas de tempo integral vai ter um horário específico pra xadrez. E aí tem que ver como os alunos vão se comportar nesse tempo integral também. Eu acho que vai dar certo ali, mas é bom ele sempre ter uma opção, fazer uma outra coisa se ele não gostar. Mas eu vou fazer o teste esse ano pra saber de verdade como vai ser [risos].

J: Que bacana, parabéns por terem reativado o projeto!

GM 4: Ah, obrigado!

J: Pode falar um pouco mais sobre a criação desse hábito do estudo no xadrez e sua possível relação com o sucesso em outras áreas?

GM 4: Quando você começa a estudar xadrez tem uma porção de livros que você tem que conhecer, assim. Você tem que conhecer os fundamentos ali pra depois pegar uns livros clássicos e livros que vão aprofundar mais pra você evoluir. Isso tudo são muitas horas, como eu falei. No começo eu tinha 12 anos e tava estudando 8 horas por dia, né? E é raro ver isso, eu acho que se não fosse o xadrez provavelmente estaria jogando bola, estaria fazendo outra coisa. Mas o xadrez já te ensina isso, a ter essa concentração, foco. Eu sabia que tava fazendo aquilo lá porque ia jogar um torneio e queria ganhar o torneio. Então eu já tinha um objetivo ali, tava bem focado. Esse tipo de coisa você não aprende quando você é pequeno, o xadrez acaba te ensinando esse tipo de coisa. De já focar em alguma coisa, em um objetivo e tal. Geralmente quando se é menor você não



tá pensando muito nesse tipo de coisa. Então no caso do Thales isso influenciou bastante, quando ele começou a prestar concursos ele sabia que pra chegar a um nível alto e pra passar nos concursos que ele queria precisava estudar muito. E como ele já tava acostumado a ficar horas ali estudando xadrez pra ele foi fácil, só trocou a matéria ali. Ele começou a estudar Direito, estudava ali de 8 a 12 horas por dia sem problemas porque já tava acostumado a fazer aquilo. E assim, com o xadrez você aprende a perder também. Mesmo você estudando muito, às vezes você vai jogar um torneio e vai mal no torneio, isso é uma coisa que eu vi que – comparando de novo com ele, né – às vezes ele estudava muito, muito, muito e aí ia prestar um concurso e ia muito mal no concurso, né? Mas ele já sabia que tinha que continuar ali, que uma hora o resultado ia aparecer. A mesma coisa no xadrez, você tem que ser persistente ali que uma hora começa a bater, começa a acertar. Eu acho que tem muito a ver, assim, quando você começa a comparar com outras áreas o xadrez. Então essa de concurso se encaixa muito bem, a gente discutia vários pontos que eram bastante parecidos. Quando eu tava pra fazer as últimas normas e tal eram muitas as coisas parecidas, a parte da tensão também. Você quer o resultado ali logo e tal, vai ficando nervoso. Vários momentos são parecidos, eu acho que o xadrez com certeza ajuda em outras áreas, assim. Igual pro nível escolar, assim, o menino vai ter várias habilidades jogando, jogando competições. Eu acho que pro Thales deu muito certo e posso te dar vários outros exemplos de lá de Paraíso que os caras também são bons, assim. No xadrez todo, né? Você joga xadrez e deve conhecer muita gente aí que pode não ser profissional de xadrez, mas que manda muito bem em outra área graças ao xadrez, graças às habilidades que o xadrez desenvolveu.

J: Além da tensão haveriam outros aspectos mais em comum?

GM 4: Era mais a parte do treino, assim, de ser persistente mesmo. A parte da motivação, de você se manter motivado pra estudar porque quando você tá estudando para aquele objetivo que pode dar errado, se você não tá focado naquilo e sabe que em longo prazo você vai conseguir resultados, se fica pensando em tudo a curto prazo você acaba desistindo. Por isso que um monte de jogadores aí que poderiam se tornar Grandes Mestres ou mesmo MI acabam parando no meio do caminho. Querem resultados imediatos, estudam ali um ano muito, muito e aí não conseguem os resultados que queriam e desanimam, param. E é a mesma coisa pra concurso público, eu conheço um monte de gente que presta concurso e aí estuda um ano só e vai indo mal, indo mal e para. Mas se continuasse mais um ano ali ia começar a acertar, então se

você já tem o seu objetivo ali a longo prazo claro fica fácil, você sabe que faz parte ali do caminho, você vai atingir aquilo a longo prazo. A gente comparava muito esse tipo de coisa porque em vários momentos eu pensava em parar de jogar xadrez, eu pensei em vários momentos ali nessa fase de MI pra GM porque em 2012 eu tinha 2 normas e 2450 de *rating* e se passaram 3 anos e eu tinha 2 normas e 2450 de *rating* [risos]. Eu já tava pensando em parar, mas aí eu dei um gás por uns 3 meses estudando muito, muito, muito e fiz a última norma, passei 2500 e virei GM, né? Mas, assim, em vários momentos eu pensei em parar só que eu tinha muito claro isso que eu queria ser GM, que uma hora eu ia chegar e aí a gente comparava isso porque tinha uma hora que ele tava indo mal nos concursos, no começo, mas uma hora começou a acertar e aí passou em várias segundas fases, assim. Quando ele passou pra juiz federal ele passou em outro concurso muito bom também, não lembro exatamente o que é que era, se era analista. Mas começou a acertar tudo, né? Eu acho que esse tipo de coisa acaba desenvolvendo e aí eu posso comparar com ele. Não lembro se tinha outra coisa que a gente comparava, a gente sempre achava muito parecido.

J: Apesar de todo o sucesso que você disse que o Thales conseguiu na área jurídica e que você também conseguiu no xadrez, na reunião de apresentação da reativação do projeto, você foi o exemplo do jogador que deu certo e ele do jogador que deu errado. Pode comentar o por quê?

GM 4: É que a gente quis dar o exemplo de que ainda que o cara que aprende xadrez não se torne um profissional de alto rendimento, ele vai desenvolver outras habilidades e vai ter sucesso da mesma maneira em outra área. Então por isso que a gente deu esse exemplo, o jogador que deu certo e virou Grande Mestre porque investiu o tempo nisso e o jogador que deu errado, que era ele. Ele desenvolveu habilidades por causa do xadrez, mas ele não usou essas habilidades pro xadrez, ele resolveu ir pra outra área que foi a área jurídica e aí teve sucesso da mesma forma, né? Não como jogador, mas na área jurídica. Foi por isso que a gente deu esse exemplo, o jogador que deu certo e o jogador que deu errado. E é legal isso aí, foi um *marketing* ali do xadrez [risos].

J: A sua idade de iniciação ao xadrez, 11 anos, foi um pouco mais tardia em relação aos outros Grandes Mestres. O que você pensa sobre ter começado mais tarde?

GM 4: Eu acho que como comecei mais tarde eu tive que estudar muito mais do que os outros, correr muito atrás porque eu lembro que quando eu comecei a jogar já tinham

meninos muito, mas muito melhores do que eu, então muito na minha frente. Eu acho que foi mais essa parte de motivação porque eu queria muito aquilo e aí eu estudava o dobro dos outros da minha idade. Foi aí que eu consegui recuperar esse tempo, mas eu comecei bem velho eu acho. A maioria dos GM's aqui do Brasil eu acho que começaram com 5, 6 anos de idade. Por ali, né? E aí na minha idade alguns já eram bem fortes, GM 11 já era Campeão Mundial Sub-12, o GM 8 também... Então eu não tive esse período, tive que correr atrás desse tempo. Mas acho que foi bom porque eu estudei bastante nessa época, mas o ideal é começar mais cedo mesmo pra ter essa evolução. É que era um treino meio exagerado o que eu fazia desses meus 11 até os 14 anos. Eu vivia muito xadrez, muito xadrez pra recuperar isso. Mesmo o meu título de Grande Mestre eu acho que chegou um pouco tarde, geralmente o pessoal vira GM mais novo. Eu virei GM aos 23, geralmente o pessoal vira GM aos 19, por aí. Mas acho que foi por causa disso, eu comecei mais tarde também. Se for ver o meu tempo de xadrez é um tempo de xadrez menor do que o dos outros, né? Eu acho que eu poderia ter virado Grande Mestre mais cedo também, mas é que nessa fase de 2012 a 2016 eu não estudei xadrez como eu deveria estudar. Eu acho que eu poderia ter virado GM aos 19, por aí, mais cedo se eu tivesse me dedicado mais.

J: Embora você já tenha dado alguns exemplos eu também fiquei curiosa sobre o que seria essa cultura do xadrez que você disse ter a sua cidade, São Sebastião do Paraíso. Pode falar um pouco mais sobre ela?

GM 4: É que assim, como teve um projeto de xadrez durante 15 anos na minha cidade e ela não é uma cidade grande – tem 70.000 habitantes –, basicamente todos lá têm uma noção do que é xadrez: sabem jogar ou tem um amigo que joga xadrez. Então não é um negócio que ninguém conhece. Dependendo do lugar que você for tem 1 jogador de xadrez e ninguém mais sabe jogar xadrez na cidade, né? Então na minha cidade tem isso, tem um clube de xadrez lá... Pra você ter uma ideia, quando eu virei Grande Mestre tinham *outdoors* em todas as entradas da cidade me dando parabéns pelo título. Eu chegava nos torneios escolares e tinham faixas nas escolas me dando parabéns. Então por ter essa cultura de xadrez, por todo mundo saber jogar xadrez, por ter vários jogadores e por ter esse período tão grande que teve um projeto de xadrez escolar o pessoal acaba incentivando muito e reconhecendo também. Então eu acho que isso ajudou muito na minha evolução, eu tive muita sorte de começar com o xadrez lá, nascer lá. Eu comecei velho, mas por ter esse ambiente no xadrez, assim, eu acho que eu

consegui evoluir muito rápido. Se eu começasse com 11 anos em uma cidade onde não existisse xadrez, se eu fosse o único ali que soubesse xadrez, dificilmente eu ia conseguir evoluir. Eu ia saber jogar, mas não ia virar um jogador de alto rendimento, né? Então eu acho que lá é mais ou menos assim, todo mundo tem uma ideia do que é por causa desse projeto. Então foi esse projeto que começou a revelar jogadores e pessoas também, né? Igual eu dei o exemplo do Thales aí, mas tem vários outros lá. Então por isso que eu falo que tem uma cultura de xadrez lá. E tem muitos eventos e tal, isso graças ao Gérson Peres, né? Ele que iniciou o projeto “Xadrez nas Escolas” que ficou durante esse tempo todo e que tá voltando agora. Porque assim, lá teve um período que tinha xadrez em todas as escolas, tinham torneios. Em uma cidade de 70.000 habitantes tinham torneios bimestrais que tinham 250 pessoas, era muita gente eu acho! A gente tá aqui em Floripa que tem 400 pessoas e é um torneio internacional, lá era um torneio da cidade e que tinha 250 pessoas. Era muita gente, né? Então foi uma época muito boa porque tinha quantidade mas não tinha, assim, jogadores de alto nível. Agora hoje tem jogador de alto nível como eu que sou Grande Mestre lá, mas tem jogadores igual o João Paulo que foi quase Mestre FIDE, assim, o Gérson... Tem vários jogadores fortes, mas não tem o escolar, né? Aí agora volta o escolar e vai juntar a parte da quantidade, todos jogando e também os jogadores fortes. Tem tudo pra melhorar lá, surgir novos talentos, novos jogadores. Vamos ver!

J: E como você sentiu esse reconhecimento, essas faixas e *outdoors* em sua homenagem quando virou Grande Mestre?

GM 4: Ah, era bem legal. Eu saía em quase todos os canais de comunicação lá: na televisão local, nos jornais e tinha essa parte também... Era legal, reconhecimento, né? De que eu tava fazendo alguma coisa que deu certo ali, eu fiquei bem feliz. Mas é legal porque desde pequeno eu tenho essas coisas lá e isso vai motivando, né? Desde que eu ganhei o meu primeiro Brasileiro Escolar o pessoal já era desse jeito lá. O xadrez é o esporte principal da cidade, assim. É o que tem mais títulos e tal, títulos nacionais, então o pessoal gosta mesmo de xadrez lá. A prefeitura sempre apoiou o xadrez lá, como eu te falei. Teve um período ruim que foi quando acabou esse projeto e tal, mas antes era muito bom. Eu cheguei a jogar vários torneios, Pan-Americanos e tal pela prefeitura de Paraíso. De novo, dei bastante sorte por estar nesse período.

J: Então é um reconhecimento que não veio só quando você alcançou o título?

GM 4: Não, foi desde pequeno, assim. Desde que eu ganhei o meu primeiro Brasileiro o pessoal já botava fé. Então eu já tava esperando que tivesse alguma coisa [risos].

J: Entendi. E esse clube de xadrez que você comentou, ele é público, privado? Que tipo de atividades ele oferece?

GM 4: Então, na época que eu comecei não tinha clube de xadrez, né? O Gérson fazia na casa dele meio que um clube, assim, e eu ia lá e ficava o dia inteiro. Eu ficava umas 8 horas lá vendo todo o livro que tinha, foram uns 3 anos assim. Então não era exatamente um clube de xadrez, mas agora tem, agora tem. Acho que faz uns 2 anos que a gente conseguiu um espaço lá que a prefeitura cedeu e é um espaço muito bom, assim. E é o Thales que tá financiando o clube, ele montou todo um clube. A estrutura lá é excepcional, acho que poucos lugares do Brasil têm um clube como aquele. E o espaço é público, aberto. Tem aula de manhã, tem aula à tarde, fica sempre um instrutor lá e tão indo uns meninos lá pra treinar. Mas acho que com o projeto de xadrez escolar a gente vai aliar as duas coisas, né? Essa parte do clube e a parte do alto rendimento com os meninos que forem surgindo do xadrez escolar. Mas é bem legal, a biblioteca de lá... De novo, eu acho que poucos lugares têm uma biblioteca como aquela, assim.

J: Ah, lá tem uma biblioteca?

GM 4: Sim, eu acho que deve ter uns 150 livros, mas livros de qualidade mesmo. Então tem aulas, tem livros, tem tudo. Tem torneios semanais, tem tudo. Eu acho que a longo prazo tem tudo pra ser um... Porque assim, quando eu comecei a jogar xadrez Paraíso era conhecida como a “cidade do xadrez” no Brasil. Todos os outros projetos de xadrez foram baseados naquele projeto de xadrez, várias cidades ali de perto de Minas ou de outros estados tiveram como base aquele projeto de xadrez escolar. Mas aí isso desapareceu e a ideia é que nos próximos anos a cidade volte a ser reconhecida como a “cidade do xadrez”, eu acho que tem potencial.

J: E também há um instrutor nesse clube?

GM 4: Sim, ele tá lá pra ensinar xadrez caso alguém chegue lá e não saiba as regras. E pros meninos que já sabem ele vai dando um conhecimento melhor pra eles, né? Ele tá lá pra isso, pra passar conhecimento pro pessoal que chega lá.

J: Você também comentou sobre a importância que teve o Gérson Peres Batista na sua trajetória. Qual é o envolvimento dele com o xadrez?

GM 4: Ele que iniciou o projeto e tem o “Clube de Xadrez Online” há anos, então todo mundo o conhece. Ele tem um nome no xadrez como instrutor, nessa parte de treinador, jogador também, ele foi um jogador forte. Ele foi meu treinador durante um tempo, né? Assim, como eu falei, ele basicamente falava o que eu tinha que estudar, não era aquele treinador que ficava dando aulas e tal. Mas falava o que eu tinha que estudar, ele sempre teve muito material, me dava muitos conselhos, assim. Foi um cara muito importante pra minha evolução no xadrez. E sempre me motivando também, ele foi outro cara aí que contribuiu bastante pra sair esse título de GM. E é um cara que contribuiu muito pro xadrez em geral, em Minas também. É um cara muito importante.

J: Como foi pra você isso de não ter, de fato, um professor?

GM 4: É que assim, nunca gostei muito, eu sempre fui mais autodidata. Então pra mim era normal, eu só queria saber o que eu tinha que fazer. Então eles falavam “você tem que estudar isso, isso e isso, tem que fazer isso e tal”, então eu ia lá e estudava. Eu nunca tive muito... Nessa fase eu lembro que durante 1 ano eu tive aulas com o Disconzi só que é Mestre Internacional. Foi bem importante porque eu não entendia muito de xadrez posicional e ele era bom nisso, foi me explicando como estudar. O mais importante foi que ninguém me ensinou como fazer, como estudar, o que eu queria saber era só isso. Mas eu sempre fui de estudar sozinho, nunca tive um professor mesmo. Porque eu vejo assim, os outros sempre tiveram alguém ali que tava sempre indo nos torneios junto, preparando e tal, essa parte eu sempre fiz sozinho mesmo. E, sei lá, eu acho que foi bom porque aprendi a me virar desde pequeno, nunca precisei ter alguém... Eu vejo alguns que ficam meio dependentes do treinador também, “ah, o que é que eu faço agora”, não sei o que. Eu sempre fui mais sozinho mesmo. Mas esse pessoal foi importantíssimo me falando sempre o que eu tinha que fazer, sem eles eu não saberia o que fazer. Eu acho que o professor, o instrutor, ele serve pra isso: ele te dá o caminho, não tem que ficar ali te dando aulas. Eu sou a favor disso, de que as aulas devam ser assim: você fala “olha, você tem que fazer isso, isso e isso e agora se vira”, não tem que ficar lá explicando e tal, eu acho que funciona bem melhor assim. Essas aulas no clube lá eu acho que devem ser assim. Você fala com o moleque e ele faz sozinho. Tem que aprender a se virar sozinho, eu acho que foi bom isso pra mim.

J: Você comenta também que naquela época o Thales achou que você tinha talento pro xadrez. Fala um pouco pra mim sobre o que era esse talento que ele viu em você?

GM 4: Olha, eu não faço ideia [risos]. Eu não sei te falar o que é que ele viu ali, ele achou que eu tinha jeito, assim. É... Sei lá, eu acho que ele me viu jogando e tal, achou que eu tinha jeito e ele falou que aquilo era talento. Mas é muito difícil você saber diferenciar, falar o que é que é talento, né? Eu, por exemplo, não me acho um jogador talentoso, eu acho que é muito mais trabalho do que talento, muito mais. Eu acho que eu não tenho talento nenhum pra falar a verdade. Se pega alguns Grandes Mestres, assim, você vê que o cara tem... Igual o GM 8, por exemplo, eu acho o GM 8 um cara super talentoso, né? Mas trabalhou bastante também, não quer dizer que ele nunca... Porque assim, o talento sem trabalho é um talento perdido, né? Então assim, eu acho que o talento é importante porque ele vai ter mais facilidade, ele vai entender as coisas mais rápido do que o outro. Se você pegar um jogador que é talentoso, que tem jeito para aquilo e um jogador que não é talentoso, então o outro vai demorar muito mais tempo, né? Eu acho que eu sou desses que demoram mais tempo só que estudam mais. Então eu acho que consigo compensar estudando mais do que o outro, né? Porque às vezes o jogador que é talentoso ele é meio preguiçoso também, ele fica meio acomodado. Eu tenho um monte de aluno que é assim. Eu tenho aluno super talentoso, assim, o menino pega muito rápido! Você passa o negócio e ele já pega na hora, tem jeito mesmo para aquilo, só que por ele ser talentoso, por ele pegar com facilidade ele acaba ficando um pouco acomodado. E aí trabalha menos, né? Então, assim, surge um cara muito bom quando ele é talentoso e trabalha muito ainda, e ainda estuda muito. Aí sim, aí surge um cara que é genial, né? Então eu acho que o Thales acabou se enganando no meu caso [risos], mas ele achou um que estudava bastante. Então acabei compensando nessa parte, acho.

J: Se a gente pudesse apontar uma idade em que você começou a se federar, disputar as primeiras competições institucionalizadas, se eu entendi, foi 2 anos depois que você começou, por volta dos 13 anos?

GM 4: É, por volta dos 13 anos foi quando eu comecei a jogar alguns Brasileiros e tal. Aos 14 eu já joguei o meu primeiro Pan-Americano.

J: A prática do xadrez existia em outros ambientes pra você tal como clubes, em casa?

GM 4: Em casa não, a minha mãe nunca jogou xadrez, o meu pai também nunca jogou xadrez. É, assim, eles gostavam porque eles viam que eu ia bem naquilo e que aquilo fazia eu pensar e tal, que eu gostava muito. Eles sabiam que aquilo ia me desenvolver alguma habilidade, eles sempre tiveram essa noção, assim. E como eu ia bem eles incentivavam, mas nunca teve xadrez na minha casa, era mais essa parte dos... Ah, dos meus amigos, igual o Gérson e tal. É que não tinha um clube também, aquele era um espaço que tinha lá na casa dele e que eu ia lá pra estudar xadrez. Então eu nunca tive um ambiente, assim, de clube ou casa. Era mais eu que ia atrás de alguém pra aprender xadrez, né? Eu queria mais conhecimento e ia atrás de quem sabia.

J: Em alguma medida você acha que houve relação entre esses ambientes que você vivenciou e o alcance, mais tarde, do alto rendimento?

GM 4: Ah, com certeza. Com certeza, né? Porque foram esses caras que acharam que eu poderia virar MI, GM e tal. E aí que eu fui conhecendo o que é que era esse mundo do xadrez também, a partir dos livros eu fui entendendo também o que é que era. E aí o pessoal achava que eu tinha potencial e eu fui acreditando [risos], eu achei que eu tinha também isso. E conforme você começa a jogar torneios você começa a entender melhor esse tipo de coisa. Eu comecei a jogar torneios logo após isso, então com uns 13 anos você já vai conhecendo as coisas, né?

J: Haveria algo de que você se lembrasse com carinho daquela época de iniciação? Momentos, pessoas significativas?

GM 4: É... [reflexão]. Te falar um momento, assim, eu não sei.

J: Algo que tenha te marcado ou não, foram todos momentos igualmente importantes?

GM 4: Ah, eu acho que tá mais pra isso, pra momentos que foram igualmente importantes. Não tem um momento, assim, nessa parte mais nova que me marcou. É, assim, eu fiquei muito feliz quando eu ganhei o meu primeiro Brasileiro porque eu vi que tava dando certo, vi que tava fazendo alguma coisa certa [risos]. Eu tava estudando bastante já e aí vi que tava fazendo certo. Aí comecei a jogar esses torneios fora aí e não queria parar mais, queria sempre evoluir mais. Mas eu acho que foi por aí, quando eu comecei a ganhar uns torneios importantes que eu vi que tava fazendo alguma coisa direito, né?



J: E você, gosta de xadrez?

GM 4: Gosto, eu gosto de xadrez. Eu acho que eu já gostei mais pra falar a verdade, já fui muito mais apaixonado, assim. O que eu percebo mais com outros que eu converso é que tem outros que são muito mais apaixonados por xadrez do que eu.

J: Como assim?

GM 4: Não sei, eu acho que o GM 2 é bem mais apaixonado por xadrez do que eu, assim. O GM 8, nossa! Com certeza o GM 8 é muito mais do que eu. Mas eu gosto bastante de xadrez, assim. É que eu sempre gostei muito de jogar xadrez, treinar xadrez, né? Por isso eu sou apaixonado, assim. Só que você não consegue no Brasil ser só jogador de xadrez, você não consegue só ficar evoluindo ali, treinando. Você precisa fazer outras coisas também, tem que dar aula, você tem que dar palestras, tem que fazer outras coisas porque igual eu te falei, você não consegue sobreviver com prêmio de torneio, pelo menos não no Brasil. E mesmo na Europa não é fácil, é difícil também, então você tem que fazer outras coisas. Eu acho que se você dar muita aula... Porque eu comecei a dar muita aula de uns anos pra cá. Eu gosto, mas eu acho que isso foi fazendo com que eu gostasse um pouco menos de xadrez porque eu gosto mais dessa parte de competição e tal, então por um momento foi me desmotivando ter que dar aula e essas coisas, né? Mesmo eu gostando, eu gosto de dar aula mais pro... Quando eu vejo que o cara tem potencial, quando ele está querendo. Só que às vezes tem umas aulas que são um pouco chatas, assim, sei lá. Às vezes é um menino que tá obrigado tendo aula e tal, aí é um pouco chato isso. Esse tipo de coisa quando você vai fazendo muitas vezes eu acho que vai desmotivando, assim. Então essa parte eu acho que me desmotivou um pouco, assim, de você não ter só que jogar xadrez. Você tem que fazer outras coisas porque você tem que sobreviver, você tem que conseguir dinheiro de outras maneiras, né? Aí eu acho que eu perdi um pouco, assim... É claro que eu ainda gosto muito de xadrez, mas eu acho que eu perdi um pouco esse gosto mais recentemente.

J: Que diferenças você percebe entre os seus alunos que, de fato, fazem o xadrez por obrigação e aqueles que não?

GM 4: É, assim, existem pais que gostam muito de xadrez e que querem que os filhos joguem xadrez. E joguem bem xadrez. Então eles colocam pra ter aulas e tal, mas às vezes você sente que o menino não quer jogar xadrez, é esse tipo de aluno. Hoje eu não

dou mais aulas pra esse tipo de aluno, mas durante um tempo eu peguei esse tipo de aluno e é muito ruim porque você sabe que ele não quer, né? Então existe esse tipo de coisa. E aí tem aluno que não é, que quer muito xadrez, assim, ele quer tanto que eu consigo me ver quando era mais novo daí. O cara quer sugar tudo o que você sabe, você passa uma coisa e ele quer mais, ele quer mais. E aí a aula tá acabando e você passa uns exercícios e ele fala “não, me passa mais um” e não sei o que. Aí você fica motivado em dar aula porque você sabe que ele vai melhorar e tal, você tá vendo um resultado ali no que você tá passando. Esse tipo de aula deixa o cara motivado pra aula, isso aí eu gosto bastante. Isso aí eu gosto bastante quando eu pego alunos desse tipo, tanto que eu evito pegar alunos que são igual eu te falei, assim. Se eu vejo que o menino não tá afim eu já falo pro pai “olha, o menino não tá afim, não vai ter como”. Às vezes existe esse tipo de coisa, né?

J: Puxa, alunos que apesar de terem uma família que já conhece o xadrez...

GM 4: Nossa, existe muito isso! Alunos que têm todos os recursos, assim, pra jogar xadrez, pra ser um jogador forte, mas ele não quer, né? Assim, que sabem jogar xadrez e tal, mas que não querem. Tem que respeitar também o menino, né? Então esse tipo de coisas aos poucos foi me desmotivando um pouco, assim, essa parte.

J: Como é esse gosto em você, o que te atrai na modalidade?

GM 4: Ah, igual eu falei, sou muito competitivo. Então qualquer coisa que eu for fazer eu vou tentar ganhar, sou muito competitivo pra qualquer coisa, né? Aí o xadrez tem isso, essa parte de competição me atrai muito. Eu tenho amigos, assim, que gostam mais de estudar do que de jogar. Eu tava conversando com o Supi ontem, né? O Supi gosta mais de estudar xadrez do que de jogar xadrez. É um dos que mais tem potencial no Brasil hoje, na minha opinião, e ele não gosta tanto de jogar. E eu já gosto muito dessa parte de competição, mas gosto de estudar também, né? O xadrez é um jogo infinito, quanto mais você estuda você vê que tem que estudar mais ainda, esse tipo de coisa me atrai muito, essa parte de poder evoluir mais e a parte da competição. Tem outros jogos que eu acho interessante também, mas eu acho que nem se comparam com o xadrez.

J: Por exemplo?

GM 4: Sei lá, pôquer é um jogo que eu acho interessante. É um jogo que envolve raciocínio, tomada de decisão. Como o xadrez você tem que estudar bastante também,

mas eu não vejo a mesma beleza que eu vejo no xadrez porque o xadrez tem essa parte de arte também, das combinações, né? Então eu não vejo a mesma beleza que eu vejo no xadrez em outros jogos. Na minha opinião ele é mais interessante, por isso que o xadrez me atrai mais.

J: Por esse componente artístico?

GM 4: Também, é. Sei lá, são vários elementos no xadrez, assim, que você precisa analisar em uma partida e tal. É muito conhecimento que o cara precisa ter, então isso me atrai mais do que outros jogos.

J: E como era o envolvimento da sua família com o xadrez, era mesmo zero?

GM 4: É, nunca souberam nada de xadrez, assim. A minha mãe acompanha os torneios, fica torcendo ali, às vezes ela nem sabe direito pelo o quê ela tá torcendo e o que é que tá acontecendo, mas ela tá torcendo. Eles querem saber se tá indo bem e tal, não entendem muito bem. Sempre tão querendo saber, mas ninguém nunca jogou xadrez.

J: Foi você quem o trouxe pra sua família?

GM 4: Isso, foi uma coisa minha mesmo, eu que decidi “eu quero jogar xadrez” e pronto, assim. Não foram eles que me apresentaram, assim.

J: E depois que você aprendeu, mesmo que minimamente os seus pais hoje sabem mexer as peças?

GM 4: Não, não sabem [risos].

J: Quais eram as expectativas deles sobre a sua participação no xadrez?

GM 4: Eles viram que eu gostava muito, isso era o principal. Eles viram que eu tava feliz fazendo aquilo, viram que eu gostava bastante. Então eles sempre apoiaram, né? Nunca se importaram, assim, nunca teve cobrança nenhuma de resultado, nada. Eles viram que eu tava gostando, aí eles viram que tava dando certo. Só nessa parte que eu terminei o Ensino Médio ali e que eu ia decidir se eu ia jogar xadrez ou se eu ia fazer uma faculdade que eles ficaram um pouco em cima, né? “Não, vê direito o que você tá fazendo aí, se vai dar certo isso, se tem futuro mesmo senão vai fazer uma faculdade”, né? Foi nessa parte que eles cobraram um pouco mais, mas aí eu falei “não, me dá um tempo aí que se eu não virar Grande Mestre nesse tempo eu faço uma faculdade” e tal.

Mas eles viram que eu tava indo bem, que eu tava conseguindo viver bem com isso já, então foi tranquilo nessa parte.

J: Além do xadrez você praticava outras atividades esportivas, culturais?

GM 4: Eu fiz natação durante um tempo, ia até começar a competir, essas coisas. Mas aí eu comecei a jogar xadrez e o xadrez me atraiu bem mais, né? Aí eu parei, mas eu acho que foi mais isso, não teve nenhum outro esporte, assim. O xadrez foi o esporte que deu certo, os outros eu nunca tive muito jeito não. Então eu acho que foi mais o xadrez, não tinha nada que eu ia muito bem, era mais o xadrez que eu conseguia entender melhor ali e foi. E aí foi *full time* nisso também.

J: Quando você pensa nas práticas que você tinha com os seus pais em casa, o que é que costumavam fazer principalmente no tempo livre de vocês?

GM 4: Deixa eu ver... [reflexão]. Eu não sei bem porque eu sempre fui mais de ficar sozinho, de fazer as coisas sozinho mesmo, sei lá. Claro, eu tinha um tempo com os meus pais mas não lembro nada que a gente fazia juntos, assim.

J: Mesmo sozinho, que tipo de práticas eram essas?

GM 4: Eram jogos, eu gostava muito de jogos. *Videogames*, quebra-cabeças, quando eu era moleque fazia um monte de quebra-cabeça, assim. Em geral eram sempre jogos que eu tinha que pensar, eu acho que por isso quando chegou no xadrez ele me atraiu tanto. Porque eu já gostava desse tipo de coisa, assim, e aí eu tive facilidade também. Eu dou muita aula e às vezes eu pego uns alunos que nunca fizeram nada desse tipo, sei lá, montar um quebra-cabeça, fazer essas atividades que tem que pensar. O menino tem muita dificuldade com o xadrez, pra começar a pensar o xadrez. Agora se eu pego um que já tá acostumado a fazer uma porção de coisas assim que vão desenvolver, ele já pega muito rápido. Surgiu um menino em Paraíso pra ter aulas lá, o menino tem 5 anos só que já faz várias coisas, assim. O menino até faz pintura, parece um artista, é incrível o moleque! Parece que você tá conversando com um menino de 11, 12 anos. E ele pega tudo muito rápido, muito rápido. Então acho que se a criança começa a ter vários estímulos ali que vão fazer raciocinar, vão fazer pensar em outros jogos... Claro, o xadrez desenvolve isso também, mas quando chega pra aprender xadrez, se ele já tem isso, nossa! Aí é muito mais fácil também. Eu acho que esse tipo de coisa me fez ser atraído pelo xadrez.

J: E atualmente, além do xadrez você possui outras práticas, outros *hobbies*?

GM 4: Não, nada demais. Eu faço academia só, mas não faço nada, assim. Bom, eu só passo um tempo com a minha namorada, passo um tempo com os amigos, mas não tenho nenhum *hobby*, assim.

J: Fazer academia em alguma medida tem relação com o xadrez ou é mesmo por lazer?

GM 4: Tem, com certeza tem porque os torneios aí... Igual, esse torneio mesmo aqui em Floripa, né? Quando pega um dia de rodada dupla, se você não tem um preparo físico bom vai chegar na metade da segunda partida e você já vai estar exausto. E aí interfere muito, vai cair o seu rendimento durante a partida. E essa parte da academia ajuda, ajuda bastante. Alimentação também ajuda bastante eu acho, se você começa a comer um monte de besteiras também influencia na partida, né? Mas assim, como eu não tenho jogado muitos torneios ultimamente eu também não sinto tanto, mas se pega um ritmo de torneios, assim, sem parar, aí sente. Eu já joguei uns 4, 5 torneios um atrás do outro e quando chega nos últimos torneios ali você já tá exausto, não aguenta fazer mais nada. Mas ultimamente eu tô mais *light*, assim [risos].

J: Avançando um pouco mais pra sua juventude, como foi pra ti o momento em que precisou decidir sobre cursar uma universidade ou seguir uma carreira com o xadrez?

GM 4: É, assim, eu já tava bem decidido no que eu queria que era virar Grande Mestre e sabia que só depois eu ia pensar alguma coisa, assim. Mas não é fácil também, sei lá, “e se não der certo aquilo”, né? Foi nessa parte que os meus pais ficaram meio assim “e aí, vai dar certo mesmo?”, “você vai viver disso, o que é que você vai fazer”, né? Nessa parte foi que eu tive que provar pra eles que era possível viver de xadrez e que eu iria virar Grande Mestre também. Então assim, eu falei “não, me dá um tempo, me dá uns 2 anos pelo menos e se não virar nada nesses 2 anos eu vou fazer uma faculdade, vou fazer algo normal”, vamos dizer assim. “Mas se der certo eu vou continuar nisso também”, né [risos]? E eu acho que deu certo, consegui provar pra eles que é possível viver de xadrez e chegou o título de Grande Mestre também que era o que eu queria. Nesse tempo eu virei Mestre Internacional, o que já melhorou bastante as coisas. Virar Grande Mestre acho que era uma questão de tempo também porque eu já tinha 2 normas em 2012, eu consegui convencer eles disso primeiro. Mas durante um tempo eles me cobraram bastante, assim, que eu tinha que fazer uma faculdade. É que assim,

geralmente os pais têm uma visão mais tradicional das coisas, querem que o filho termine ali o Ensino Médio, entre pra uma faculdade, que consiga um emprego e tal, né? Normal, mas hoje existem várias maneiras de você ter uma profissão sem fazer uma faculdade. Sei lá, tem um milhão de coisas, hoje tem a *internet*, tem uma porção de coisas e acho que o xadrez tá entre elas. Claro, você tem que... É diferente, você tem que ser inteligente pra conseguir fazer dinheiro com o xadrez. Igual eu falei, não dá pra só ficar jogando torneios, você tem que encontrar outras maneiras. Eu acho que nessa fase o mais importante foi isso, conseguir provar pra eles que dava pra viver de xadrez. E aí hoje eles acham super normal, viram que deu certo. Hoje eu não penso em fazer faculdade ainda, né? Sei lá, não faz muito sentido pelo o que eu faço hoje.

J: E você, como é que se sentiu tendo que provar pros seus pais isso tudo?

GM 4: É, assim, não tinha uma cobrança, sabe? Não era um negócio que eu ficava na cabeça “nossa, eu tenho que fazer isso porque eu tenho que pra provar pra eles”, enfim. Eles só falavam “olha, tenta ver se vai dar certo isso mesmo” e tal, mas não tinha aquela coisa que os pais chegam e “olha, se não virar nada até não sei quando pode parar com isso aí” [risos]. Não tinha esse tipo de coisa, então eu nunca me preocupei, nunca foi algo que me influenciou nos torneios e tal.

J: Eles sempre te apoiaram?

GM 4: Sempre, sempre. Eles sabiam que em algum momento ia dar certo [risos].

J: E depois da conquista do título de Grande Mestre, você se considera um profissional?

GM 4: Sim, me considero um profissional de xadrez. Eu vivo de xadrez, né? Todas as atividades que eu faço, seja com treinamento ou como jogador, seja fazendo uns projetos e tal. Tudo envolve o xadrez, né?

J: A partir de quando especificamente você começou a sentir esse profissionalismo?

GM 4: Desde quando eu terminei o Ensino Médio. Pra mim já tava bem claro que eu ia viver de xadrez, então eu sabia o que eu tinha que fazer pra conseguir viver disso, assim. Pra mim já tava bem claro.

J: Por que seguir uma carreira no xadrez geralmente não é vista como normal no Brasil?

GM 4: É porque, assim, é raro ter alguém que vive de xadrez. As pessoas não sabem muito bem, assim... Por exemplo, se eu vou em um barzinho com uns amigos – não, meus amigos daí vão saber, né –, mas sei lá, em um barzinho com alguém, com uma pessoa que eu não conheço e me perguntam “o que é que você faz?” eu vou falar “ah, eu jogo xadrez”, né. E aí ela “não, mas o que é que você faz” [risos]. “Você não trabalha, o que é que você faz?” e então é mais ou menos assim a visão de quem não entende xadrez, né? É difícil você explicar o que faz, quando é assim eu só falo “eu só jogo xadrez, eu brinco aí de xadrez” e pronto, né? Mas é difícil, assim, ninguém... Igual, eu tava dando o exemplo do Thales, o cara é juiz federal, todo mundo “nossa!”, já respeita, né? Tem a ideia de quanto é um salário de um juiz federal e fala “não, o cara tem sucesso, o cara é bom mesmo”, né? Agora se você fala “não, eu jogo xadrez, eu sou um Grande Mestre de xadrez” a pessoa não tem a menor noção sobre o que é isso. Uma pessoa que não conhece xadrez, né? Ela fala “o que é que faz um Grande Mestre de xadrez?”, “quanto ganha um Grande Mestre de xadrez?” porque não tem a menor ideia. Então, assim, pra quem não entende de xadrez não vai ter muita noção, acha que é um jogo, acha que é uma brincadeira, né? Pro pessoal que entende já é diferente, existe um respeito já, “pô, o cara é Grande Mestre” e tal, né? Mas pra quem não entende é difícil falar que você joga xadrez, é difícil explicar. Aí vai 1 hora pra você explicar como é que funciona alguma coisa, né? Então é mais ou menos assim.

J: Você considera bem-sucedida a sua trajetória?

GM 4: Ah, eu acho que sim, eu acho que sim. Eu consegui chegar ao meu objetivo principal que era virar Grande Mestre já. Poderia ter sido mais rápido, igual eu te falei, né? Mas enfim, cheguei nisso e acho que ainda dá pra melhorar bastante como jogador e também como profissional de xadrez em geral. Porque assim, quando eu terminei o Ensino Médio, além de querer virar Grande Mestre eu queria viver de xadrez, né? Então uma coisa que eu tenho trabalhado bastante já faz um tempo é sobre conseguir viver de xadrez. Não só ser Grande Mestre, você conseguir ganhar bem por isso também, né? É por isso que eu trabalho bastante em várias coisas como aulas e tal pra conseguir fazer isso, viver de xadrez. E eu acho que eu tenho sucesso nisso, tô conseguindo ir bastante bem. Acho que dá pra melhorar bastante ainda porque eu acho que o xadrez tem bastante potencial, assim, que o pessoal não vê. Mas existe e eu acho que dá pra melhorar bastante, por enquanto tô bem satisfeito com o que eu consegui até agora.

J: Que potencial é esse que você enxerga no xadrez e que acha que a maioria não vê?

GM 4: No geral o pessoal quando fala de uma parte financeira, assim, acha que o xadrez não dá certo, né? Que o xadrez não dá dinheiro, basicamente é isso. Mas eu acho que se você for inteligente você consegue financeiramente ter sucesso no xadrez porque você tem *internet* e tal. A *internet* pode auxiliar muito, assim, o xadrez quando eu falo nessa parte financeira. Só que aí você precisa saber usar a cabeça pra usar isso ao seu favor, né? Eu trabalho pra um *site* lá, o “Clube de Xadrez Online”, faço muitas coisas pelo *site* e eu vejo que tem muito potencial nessa parte, né? Porque existe muita gente que joga xadrez. Muita gente joga xadrez, então dá pra você trabalhar nisso. Só que se você não usar as ferramentas de hoje realmente é complicado viver de xadrez, né? Mas eu acho que tem bastante potencial, dá pra desenvolver, tenho muitos projetos por aí.

J: E a que você atribui o sucesso da sua trajetória?

GM 4: Ah, eu acho que geralmente eu tenho bem claro o que eu quero, assim. E por ter bem claro o que eu quero fica mais fácil de conseguir isso. Quando você consegue visualizar o que você quer a longo prazo e você sabe que tá fazendo certo pra chegar naquilo, então em algum momento você vai chegar, né? O que não pode é você sair fazendo as coisas sem saber aonde você quer chegar. Eu gosto sempre de pensar “como é que eu me imagino daqui 2 anos”, “como é que eu me imagino daqui 5 anos” e aí eu vou fazendo as coisas de acordo com isso que eu tô imaginando, que eu vou visualizando. Eu acho que esse tipo de coisa ajuda bastante, né? Eu acho que é o principal essa parte do foco, assim, é uma habilidade que o xadrez te dá também, né? No xadrez você tem que visualizar as coisas na frente ali, então é mais ou menos assim.

J: Em que medida o seu talento teve relação com a obtenção desse sucesso?

GM 4: É, assim, como eu falei, eu acho que eu não tenho talento nenhum, é mais a parte do trabalho mesmo. Eu devo ter algum jeito, sei lá, talvez memória, alguma coisa que eu faça bem. Mas eu acho que é mais a parte do trabalho, eu sempre treinei muito. Vejo que eu treinei mais que outros, assim, outros conseguem resultados com mais facilidade até do que eu por essa parte de ter talento, né? Eu tenho amigos que não estudaram quase nada, assim. Se comparado estudaram bem menos do que eu mas também conseguiram resultados mais rápido do que eu. Eu acho que essa parte do trabalho é sempre mais importante, a longo prazo o cara que trabalha mais vai ter mais resultados,



provavelmente. Eu acho que é isso, eu não boto muita fé nesse negócio de talento [risos]. Porque olha, se você comparar com outras coisas, assim, é difícil você falar que uma pessoa tem talento. Sei lá, vou pegar outra área... Mozart, na música! O pessoal fala “nossa, é um talento!”, “é genial, é um gênio”, mas a família dele já respirava música, o pai dele era músico, a irmã era música, o pai dele fez um manual de música pra filha dele, fez todos os testes na filha. Aí vem ele, e aí o pai dele já melhorou tudo naquilo, Mozart já praticou música durante 17 anos até chegar, sei lá, nos 20 e pouquinhos ali e aí surgir um gênio, assim. Ele já errou muita coisa, fez vários trabalhos que foram um fracasso e aí quando chegou ali – eu não sei a idade exata – em uns 23, alguma coisa, que ele faz um trabalho – que não é um trabalho, é um sucesso – todo mundo acha que ele é um gênio, é um talento. É um talento? Não sei se isso é um talento, o cara praticou por pelo menos 17 anos o negócio, não dá pra falar que é um talento. Então eu acho muito difícil medir esse tipo de coisa de talento, eu não boto fé nesse tipo de coisa. Eu acho que em algum momento ele teve contato com alguma coisa – isso em qualquer área, igual em xadrez –, em algum momento esse contato com alguma coisa que ele já teve proporcionou aquele conhecimento, ele foi conhecendo. Então eu acho que o trabalho sempre vai ganhar do talento, assim. Não importa.

J: O que ficou daquela criança que começou no xadrez em quem você é hoje?

GM 4: Deixa eu ver... Eu continuo sendo mais competitivo ainda do que naquela época [risos], ainda gosto bastante de xadrez. Igual eu falei, naquela época eu acho que gostava mais de xadrez, mas ainda gosto bastante, assim. E acho que essa vontade de querer melhorar, eu tinha muito isso quando eu comecei a jogar xadrez, queria melhorar de qualquer jeito. Eu acho que isso ainda eu tenho bastante. Eu não tenho tanto tempo como eu tinha antes pra me dedicar a evoluir só no xadrez. Pra falar a verdade ultimamente eu não tenho tido tempo nenhum pra isso [risos]. Mas ainda tenho essa vontade de melhorar, né?

J: E hoje, o que ele representa pra você?

GM 4: Poxa, praticamente tudo, né? Porque assim, tudo o que eu conquistei foi por conta do xadrez: as pessoas que eu conheci, as viagens que eu fiz, tudo foi pelo xadrez. Eu acho que joguei em uns 20 países, pelo menos. Se eu não jogasse xadrez provavelmente não conheceria nenhum. Eu não sei nem se eu teria saído da minha cidade. É difícil saber o que é que teria acontecido se não fosse o xadrez, mas eu acho

que basicamente tudo o que eu consegui foi por conta dele: as pessoas, as viagens, financeiramente. Tudo, né? Títulos, tudo pelo xadrez. Eu acho que ele foi importante aí! [risos].

J: Puxa vida, 20 países! É mesmo muita coisa! Durante essas suas viagens você pôde perceber semelhanças ou diferenças entre o contexto brasileiro da modalidade e de como o xadrez é visto no exterior?

GM 4: É, se você comparar com os outros GM's eu viajei pouco. Os outros GM's viajaram muito mais [risos].

J: É, talvez pra mim é que seja muito mesmo [risos].

GM 4: É, é bastante, assim. Mas se você pegar os outros, se pegar o GM 8 ele já viajou quase o mundo inteiro, né? Mas eu vejo que tem alguns países que valorizam muito mais o xadrez, que o conhecimento é bem maior. É igual eu tava te falando, se você senta em uma mesa com um pessoal que não sabe jogar xadrez eles vão achar que é um joguinho, que é uma brincadeira. “Como assim você vive de xadrez?”, né? É difícil explicar isso. O Brasil não tem uma cultura de xadrez, o pessoal não consegue entender. Agora tem países que sim, que têm. Por exemplo, eu joguei a Olimpíada ano passado no Azerbaijão, lá em Baku e nossa! Era outra coisa, a gente era tratado de outra maneira, existia um reconhecimento muito maior de xadrez. Onde o GM 8 vive também na Geórgia, ele fala que o pessoal reconhece, ele fala que é Grande Mestre e o pessoal respeita em qualquer lugar que ele for. Então existem países que têm uma cultura de xadrez, uma tradição em xadrez, o Brasil não tem isso. Ainda. Talvez, daqui uns anos... Assim, em vários anos talvez melhore isso. Mas é complicado, né? O Brasil eu acho que é o país do futebol, então é difícil ter isso, né? Mas acho que aos poucos vai melhorando, assim. No Brasil, né?

J: Quem sabe no futuro tenhamos outras “São Sebastião do Paraíso” [risos]...

GM 4: É... [risos]. Tem que ir trabalhando nesses projetos assim porque... Sei lá, o pessoal do xadrez não faz muita coisa por esse lado, né? O que eu tô tentando fazer pelo xadrez é dar um pouco... O xadrez me deu muita coisa eu acho, né? Então eu tô tentando voltar um pouco também. O pessoal não faz muito isso, né? Mesmo os caras bons, os GM's não costumam fazer muita coisa pelo xadrez, em geral. Eu tô tentando fazer alguma coisa diferente, assim.

J: E sobre as suas principais conquistas como jogador, quais foram?

GM 4: Bom, eu ganhei um Sul-Americano Sub-20, fui Vice-Campeão Pan-Americano Sub-20. Co-campeão, né? Ficou empatado ali, perdi no desempate, enfim. Ganhei uns Brasileiros de categorias, Sub-16, 18 e 20. Aí depois que eu fiquei mais velho as coisas complicaram e ficou mais difícil ganhar torneios [risos]. Mas eu ganhei o Torneio Mar del Plata que é um torneio bem forte, teve os torneios que eu fiz norma de Grande Mestre, esses torneios que eu ganhei. Principalmente as normas, assim, eu fiquei muito feliz. É, se for pegar momentos assim, os momentos que eu fiquei mais feliz foram os momentos das normas que eu fiz, as normas de GM. Nossa! Fiquei muito feliz mesmo, principalmente essa última, né? Mas eu acho que foram esses, os Brasileiros, Pan-Americanos, Sul-Americanos... Esse torneio que eu falei que foi em Mar del Plata foi um que eu gostei bastante, assim. Eu acho que é isso, eu ganhei mais nas categorias, depois quando fica mais velho ficou mais difícil [risos].

J: Por quê?

GM 4: Ah, porque assim, quando acabam as categorias ali aí você realmente tem que virar um enxadrista profissional, né? Você tá jogando só com profissionais, quando você tá nas categorias não são só profissionais. Então aí quando sai das categorias é complicado, agora pra eu ganhar um torneio eu tenho que ganhar de outros Grandes Mestres que jogam igual ou melhor do que eu, então é mais difícil. Por isso quando você ganha um Aberto, assim, um torneio internacional como esse que eu falei que eu ganhei, você pode ficar feliz. Porque é o mais difícil, né? Qualquer um dos Grandes Mestres aí, se você pegar, os caras ganham poucos torneios, ganham poucos torneios no geral. É igual ganhar um torneio desse aqui em Floripa... É difícil, muito difícil ganhar um torneio desse aqui, tem que ralar! E aí por isso os meus títulos foram mais nas categorias, né? Eu venci também uns Abertos do Brasil, mas daí não importa tanto.

J: Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado nesse roteiro sobre a sua trajetória?

GM 4: Não, eu acho que foi praticamente tudo, assim [risos]. Como eu já te falei todas as pessoas importantes também e tal. Eu acho que foi mais ou menos isso mesmo até eu virar GM.

J: Bom, eu agradeço então a sua participação e desejo um ótimo torneio aqui em Florianópolis. Todos os nossos dados estão disponíveis no termo, então quaisquer dúvidas ou *insights* que você tiver, por favor, sinta-se à vontade pra nos enviar por e-mail porque a nossa metodologia permite isso. Obrigada pela sua participação!

### Apêndice E – Íntegra da entrevista (GM 5)

J: De antemão eu agradeço a sua participação e toda a atenção em relação ao estudo. Sua idade?

GM 5: Eu tenho 46 anos.

J: Data de nascimento?

GM 5: 1º/10/1970.

J: Sexo?

GM 5: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 5: Bom, eu acho que sou branco [risos].

J: Nível de escolaridade?

GM 5: Eu fui até o Ensino Médio completo. Comecei a faculdade mas, na verdade, eu fiz só 1 mês.

J: Superior incompleto, então?

GM 5: Eu não consideraria assim porque eu fiz 1 mês só [risos]. Não creio que seja considerado Ensino Superior, nem incompleto.

J: As etapas anteriores foram sempre em ensino público, privado?

GM 5: Eu estudei em escola pública até a 5ª série do Ensino Fundamental, depois a 6ª, 7ª e a 8ª série foram em colégio particular. O Ensino Médio todo também.

J: Esse curso que teve a duração de 1 mês no Ensino Superior se deu em uma instituição pública, privada?

GM 5: Foi na USP.

J: Em que curso?

GM 5: Jornalismo.

J: Cidade de nascimento?

GM 5: Maringá, no Paraná.

J: Reside lá atualmente?

GM 5: Em São Paulo, resido em São Paulo capital.

J: Profissão?

GM 5: Sou enxadrista e treinador de xadrez.

J: Atualmente qual seria a sua renda média familiar?

GM 5: Eu colocaria uns R\$: 5 mil reais por mês mais ou menos.

J: E a sua família, como ela é constituída?

GM 5: Bom, eu não sou casado e os meus pais são vivos. Eu tenho a minha mãe, o meu pai, dois irmãos e duas irmãs.

J: Vamos pensar em cada um deles na época que você iniciou no xadrez. Pode ser primeiro o seu pai, qual é o nível de escolaridade dele?

GM 5: Superior completo.

J: Isso em uma universidade pública, privada?

GM 5: Pública.

J: Em qual curso?

GM 5: Ele estudou Direito.

J: As etapas anteriores do seu pai foram em ensino público, privado?

GM 5: Nossa, aí você me pegou agora. Mas era tudo público na época dele, instituições privadas eram muito poucas. A grande maioria era pública.

J: Profissão?

GM 5: Ele foi advogado mas depois trabalhou com Jornalismo também.

J: À época da sua iniciação ele era advogado?

GM 5: Não, ele trabalhava mais em jornal já.

J: O mesmo pra sua mãe, nível de escolaridade dela?

GM 5: Minha mãe você poderia colocar que ela fez, na época... Eu não sei se seria o Ensino Superior, foi depois do Ensino Médio. Então seria até o Ensino Médio, né? Completo.

J: Uma espécie de curso técnico?

GM 5: É, era uma época que o pessoal fazia esse curso depois pra dar aula. Isso já faz um tempo, hoje em dia já não existe mais essa denominação.

J: E esse curso também se deu em instituição pública, privada?

GM 5: Era pública, nessa época aí as coisas eram públicas.

J: As etapas anteriores dela também?

GM 5: Foram públicas.

J: Profissão?

GM 5: A minha mãe foi professora e depois que passou um tempo ela só cuidou do lar. Mas inicialmente ela era professora.

J: À época que você iniciou ela era professora?

GM 5: Não, nessa época ela já cuidava do lar.

J: Você tem então duas irmãs, né? Podemos pensar primeiro na mais velha delas, nível de escolaridade?

GM 5: Ela tem Superior Completo, é médica. A minha outra irmã é dentista.

J: Ainda sobre a mais velha, ela fez então Medicina e isso em uma instituição pública, privada?

GM 5: Fez em uma instituição pública. Estudou lá em Ribeirão Preto, fez residência na USP. A formação dela foi em Curitiba.

J: E as etapas anteriores dela?

GM 5: É mais ou menos o meu caso, ela fez uma parte em pública e uma parte em privada.

J: A maior parte em pública ou privada?

GM 5: Deixa eu pensar, acho que ela fez a maior parte em... Agora eu fiquei na dúvida, deixa eu ver. O Ensino Médio com certeza foi em privada, no Ensino Fundamental eu acho que foi uma parte em pública e uma parte em privada, eu não sei precisar porque já faz um tempo considerável.

J: E a sua irmã mais nova?

GM 5: Todos são mais velhos do que eu, é uma escadinha, essa minha irmã médica é a mais velha, depois eu tenho um irmão e depois vem essa minha outra irmã. Ela é dentista e estudou também metade em escola pública e metade em privada. Eu vou ficar na dúvida também aí se foi mais em pública ou mais em privada. Na parte do Ensino Médio eu acho que foi todo privado e a universidade foi pública também, foi a Universidade Estadual de Ponta Grossa.

J: Vamos pensar o mesmo pros seus dois irmãos, primeiro pode ser o mais novo que está aqui jogando o torneio. Nível de escolaridade?

GM 5: Superior completo também, ele é advogado.

J: Isso em uma universidade pública, privada?

GM 5: Pública também, fez na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

J: E as etapas anteriores?

GM 5: Esse aí é mais fácil de eu lembrar porque ele é mais da minha idade e a gente estudou uma parte considerável juntos porque ele é muito pertinho de mim, assim, de

idade. Então ele estudou, eu acho que ele deve ter estudado até a 7ª série... Ele estudou mais em... Até a 7ª série foi em pública e do 8º ano ao Ensino Médio foi em colégio privado.

J: E seu outro irmão?

GM 5: É o mais velho, esse aí seria o segundo mais velho. Ele tem Superior completo também em uma universidade pública. Ele fez também uma parte em pública e a outra em privada. O Ensino Médio todo foi em privada, no Ensino Fundamental foi uma parte considerável em pública, provavelmente a maior parte, e a menor parte em privada. Talvez ele tenha feito até todas essas fases anteriores em pública, mas agora eu já não tô muito lembrado.

J: Profissão dele?

GM 5: Ele é engenheiro eletrônico.

J: Agora nós vamos entrar nas questões mais abertas que se referem mais especificamente à sua trajetória esportiva no xadrez. Fale sobre como foram os seus primeiros contatos com o xadrez até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 5: Bom, eu aprendi xadrez muito cedo, devia ter uns 5 anos de idade mesmo e muito porque o meu pai gostava muito de xadrez. O meu pai foi presidente da Federação de Xadrez do Paraná, inclusive. Ele nunca foi um profissional de xadrez mas gostava muito de xadrez. Os meus irmãos mais velhos também já jogavam, mas quando eu aprendi xadrez era muito novo, eu tinha uns 5 anos. Inicialmente foi mais por insistência dele, eu não tinha grande interesse assim pelo jogo. Mas aí depois que eu aprendi – talvez 1 ano depois quando eu já tinha uns 6 anos – tomei um certo gosto e já jogava inclusive com a minha mãe. A minha família toda sabe jogar mas só os homens se dedicaram mais, as mulheres não. A minha mãe sabia jogar também, eu joguei muito com ela. Inicialmente eu jogava com o meu pai e depois com a minha mãe eu joguei também um pouco. Curiosamente com os meus irmãos eu quase nunca joguei em casa, mas a gente sempre conversava sobre xadrez então pra mim foi fácil esse entrosamento. O meu primeiro torneio foi tarde, eu já tinha 9 e ia fazer 10 anos, o que provavelmente é uma idade bastante avançada porque hoje o pessoal começa a jogar muito mais cedo as competições. Foram jogos de escola que a gente ganhou mas porque os meus irmãos jogavam bem, pra gente foi fácil. Isso eu já tinha de 9 pra 10, ia fazer 10 anos. Depois o



meu primeiro torneio importante eu poderia considerar um Campeonato Paranaense Infantil que era Sub-14, na época não tinham categorias abaixo disso. Inclusive só tinham duas categorias na verdade que eram o Sub-20 e o Sub-16. O Campeonato Paranaense e o Brasileiro Sub-14 eu joguei os primeiros que tiveram na história e eu tinha 11 anos. Então não tinha essa categoria Sub-12 que hoje tem. Então eu já tava jogando com uma idade bem menor na categoria mais próxima que eu podia jogar. Eu já tinha 11 anos e eu fui vice nos dois, no Paranaense e no Brasileiro. Depois, assim, de torneios marcantes eu vou pular um pouco e vou chegar até quando eu tinha 15 anos. Bom, quando eu tinha 14 eu fui Vice-campeão Brasileiro de novo Sub-16 e ganhei o Campeonato Brasileiro Sub-16 quando eu tinha 15. Era o meu último ano, eu ganhei o Brasileiro e fui jogar o Mundial, fiquei em 4º lugar nesse Mundial. Isso aí até eu chegar aos 16, essas teriam sido os pontos mais marcantes. Depois quando eu cheguei aos 18 foi quando eu joguei a minha primeira final de Brasileiro, me classifiquei pra Olimpíada – que eu não fui – e com 20 anos eu fui Campeão Brasileiro Absoluto. Com 25 anos eu ganhei o título de Mestre Internacional, levei mais de 15 anos pra chegar a Grande Mestre, cheguei os 40. E de coisas marcantes eu joguei 2 Olimpíadas pelo Brasil, fui também para uma Copa do Mundo que eu me classifiquei em 2007. Joguei com o Karjakin e perdi, né? Voltei pra casa rápido [risos]. E pra resumir seria isso, os títulos de Mestre e Grande Mestre foram os mais marcantes, o Campeonato Brasileiro, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Eu ganhei também 4 Pan-Americanos pelo Brasil, mas considero as Olimpíadas sempre mais importantes.

J: Os seus primeiros contatos com o xadrez se deram então com o seu pai que à época era presidente da Federação de Xadrez do Paraná?

GM 5: Isso, na época não era mais, mas ele tinha sido presidente antes de eu nascer. Já antes de eu nascer ele já gostava e eu aprendi mesmo por uma insistência dele inicialmente, se não provavelmente eu teria tomado gosto... Eu teria aprendido xadrez mais tarde, né? Na época que eu aprendi não tinha xadrez nas escolas como tem hoje, as escolas não... Tinham algumas, mas era muito raro porque eu morava essa época em Ponta Grossa. Em Ponta Grossa mesmo não tinha xadrez nas escolas, o pessoal jogava mas não tinham, assim, treinadores. O máximo que tinha era em Curitiba, lá sempre teve tradição porque em alguns colégios particulares tinha xadrez. Mas eu queria dizer que pra mim a escola não foi um fator que me ajudou a crescer no xadrez. Eu teria um incentivo porque depois quando tive bons resultados nesses jogos escolares que eu falei

que foram os primeiros que eu joguei – o que a gente sempre ganhava – eu ganhei uma bolsa de estudos pra isso. Essa foi uma das razões por não só eu, mas também o meu irmão mais novo, ganharmos uma bolsa. A gente mudou pra escola privada muito em função dessa bolsa, isso aí foi na 6ª série, eu tinha 13 anos. Dos 13 pra frente eu estudei sempre em escola privada por conta de bolsa de estudos por causa do xadrez. Então a escola não me ajudou diretamente a evoluir no xadrez mas ela me ajudou indiretamente por conta da bolsa de estudos, certo?

J: E ainda sobre o envolvimento do seu pai com o xadrez, ele era um jogador amador?

GM 5: É, ele conseguiu, assim... Um fator que me ajudou bastante além dele gostar e me apoiar foi que ele conseguia... Na prefeitura de Ponta Grossa a gente tinha uns Jogos Abertos lá, não era uns Jogos Abertos tão forte quanto em São Paulo ou Santa Catarina, mas tem uns jogos lá no Paraná que seria o 3º no Brasil, né? Tem em Minas Gerais também mas são bem fracos, no Paraná ainda era importante. Ele conseguia ali com a prefeitura as verbas pra gente jogar os torneios, então não necessariamente saia da gente. Evidentemente que essas verbas foram as que propiciaram jogar esses torneios fora, né? É, a grande maioria foi fora porque em Ponta Grossa mesmo só tinha um clube de xadrez. O clube de xadrez sim me ajudou muito, esse de Ponta Grossa. Porque era um lugar onde a gente jogava... Basicamente a gente jogava *blitz*, né? Mas foi onde eu acho que cresci muito ali, era um xadrez prático. Então eu não tinha a escola mas tinha o xadrez no clube. Eu não jogava muito com o meu irmão mais novo em casa, mas no clube a gente jogava. Eu posso dizer que em casa mesmo eu nunca joguei... Eu joguei poucas vezes com ele, dá pra contar nos dedos de uma mão os dias que a gente jogou xadrez. Mas no clube a gente jogava, isso é interessante, né? Esse é um fator bem interessante. Então o clube foi uma das coisas que alavancaram e no caso do meu pai foi bom porque ele conseguiu muitas verbas pra gente poder viajar. As verbas pra jogar o Mundial Sub-16 na Argentina ele conseguiu da prefeitura, sem esses recursos com certeza eu não teria condição de jogar. E também em vários torneios ele foi também porque jogava. Amadoristicamente, mas jogava. Então ele ia e jogava também, a gente chegou até a jogar um torneio... Na época tinha um Campeonato Brasileiro Interclubes e jogamos nós quatro: o meu pai, eu e os meus dois irmãos, a gente fez uma equipe uma vez. Então esse aspecto familiar pra mim – eu acho que talvez de todos os Grandes Mestres – foi uma coisa que contou mais porque os meus dois irmãos jogavam e os meus dois irmãos eram fortes. O meu irmão mais velho foi 2 vezes Campeão

Paranaense e o meu irmão mais novo acho que também foi 2 vezes Campeão Paranaense, além de ser Mestre FIDE. Meus irmãos jogavam bem, né? Então nesse ambiente familiar – embora a gente não jogasse em casa – sempre teve o clima pra se jogar, isso com certeza contribuiu. Tenho 2 anos de diferença pro meu irmão mais novo e pro meu irmão mais velho eu tenho 6 anos. Inicialmente o meu irmão mais velho era disparado o mais forte. Hoje ele já não joga mais, mas o mais novo joga. Ele tá aqui no torneio, inclusive.

J: Por que o mais velho não joga mais?

GM 5: Eu não sei o porquê. Eu evito falar disso com ele e tal, mas eu não sei. Ele jogou até um tempo atrás, depois ele foi diminuindo, depois começou a jogar só os torneios lá do SESI. Ele chegou a ganhar um Campeonato Brasileiro lá do SESI. Não é um Campeonato Brasileiro, né? São os jogos lá dos SESI do Brasil todo, ele foi campeão. Mas aí ficou mais restrito a isso e hoje acho que faz vários anos que ele não joga um torneio de xadrez. Mas ele gosta ainda, às vezes eu falo com ele e comentamos algumas coisas. Mas competir mesmo eu acho que ele não quer mais, não sei qual é a razão e também não perguntei isso pra ele. Depois que cada um foi pra um canto, curiosamente, esse irmão meu mais velho acabou que foi morar lá em Jaraguá do Sul e o mais novo também foi pra um canto, enfim. No final do ano a gente se reúne na casa dos meus pais. Até uns 10 anos atrás mais ou menos em Maringá, onde os meus pais moram, existe uma tradição no xadrez que formou vários campeões paranaenses. Lá tinha o Jomar Egoroff, tinha um clube de xadrez... E curiosamente o Jomar vinha lá em casa e a gente jogava entre a gente, né? Mas, eu não sei, é uma coisa talvez, um aspecto... É muito difícil dizer, sabe? Eu acho que talvez hoje a gente possa compreender melhor isso vendo outras famílias que jogam xadrez, às vezes cria-se uma rivalidade entre os irmãos. É possível isso, né? Eu vejo isso em outras famílias também, é que eu conheço várias. Eu dei aula pra irmãos e eu acho que sempre fica uma coisa muito interna que às vezes as pessoas não sabem. Eu não sei se é competição, mas fica um clima, sabe? Assim de ser melhor ou ser pior no esporte, em geral. Por isso que se tivesse só eu entre os meus dois irmãos a gente não jogava entre a gente, mas se viesse uma outra pessoa e que trouxesse outras a gente jogava com eles e entre a gente também. É uma coisa interessante isso, né? É um fator psicológico que eu acho que deve ser mais ou menos comum porque não é só com a gente que aconteceu isso. É uma coisa que se a gente tava em casa queríamos evitar um confronto, se a gente tivesse fora não tinha problema

nenhum. No ambiente familiar tem aquele ponto porque o xadrez gera um certo confronto, né? Eu acho que é por causa do ego, ele é que é a questão. Isso é uma coisa que hoje eu observo mas que na época era difícil observar. A gente evitava o confronto dentro de casa mas fora dela não tinha problema. Eu acho que não praticar nunca em casa é porque era uma coisa que poderia gerar algum sentimento, talvez. Se a gente tivesse fora de casa isso aí não gerava esse sentimento de rivalidade, entendeu? Porque se a gente tá em um grupo grande eu não tô vendo ele como o meu irmão às vezes, eu tô vendo ele como um jogador. Dentro de casa eu tô vendo ele como o meu irmão, você entende isso? Então talvez a gente não jogar dentro de casa seja um aspecto pra evitar a rivalidade, esse sentimento. Mas isso aí é claro que na época eu não pensava nisso, a gente não pensava nisso. Nunca sentimos vontade disso, essa é a questão interessante que hoje eu observo. Mas na época eu não pensava, era inconsciente esse fato. Mas eu vejo alguns irmãos jogarem, assim. Eu conheci muito a Juliana Terao e o Rodrigo Terao porque eu dei aula pra eles e tal, mas era muito diferente porque o Rodrigo sempre jogou melhor do que a Juliana então não havia confronto. E a Juliana jogava em um outro nicho, né? Ela estava no xadrez feminino e o Rodrigo no xadrez absoluto. Mas teve também o Nicholas Alonso e o Rafael Alonso. O Rafael, o mais novo, sempre foi muito mais talentoso, né? Não sei se eles jogavam em casa mas em torneios nunca jogaram, sempre empataram. Eu acho que se você tem um menino e uma menina é diferente, não existe isso. Mas se você tem dois meninos aí pode gerar isso, eu acho que quase sempre vai gerar isso, inclusive. Então talvez por isso não jogássemos mesmo em casa.

J: Do que seriam compostos esses dois nichos diferentes que existiriam no xadrez?

GM 5: Eu quero dizer que a Juliana tinha um objetivo específico que era o xadrez feminino. O Rodrigo era o xadrez absoluto, então não tinha uma competição ali entre os dois. Não há uma competição ali. Em um torneio eles iam jogar juntos porque a maior parte dos torneios são torneios absolutos, né? Mas em relação ao resultado a Juliana esperava os resultados em relação ao xadrez feminino, então não era a mesma coisa. É como se tivessem nichos diferentes, é a mesma coisa quando você tem dois animais que estão convivendo mas o nicho deles é outro, não existe uma competição entre eles. O que talvez gerasse algum sentimento era em relação aos pais, à cobrança, isso podia ser diferente de um pra outro. Isso é um outro aspecto muito importante em relação às cobranças dos pais porque eu sou treinador hoje e lido com duas coisas: a primeira é o

aluno e a segunda é o pai do aluno. Você não cuida só do aluno, você cuida também do pai do aluno geralmente. Você tem que controlar também o pai... Não controlar, mas você tem que conversar com o pai também, você tem que fazer várias coisas, assim, relacionadas ao pai. Essa relação do pai com o filho é muito complexa porque muitas vezes os pais gostariam de ter tido esse sucesso, tem alguns casos de pais que não conseguiram e foram seguir a vida de outra forma mas que colocam no filho ali aquela expectativa. Não foi o meu caso, tá? No meu caso eu não tive essa cobrança ou talvez ela tenha ficado diluída também, nós éramos em três. Isso aí se diluiu um pouco também talvez por causa disso ou talvez não. Isso aí foi provavelmente porque o meu pai nunca foi de cobrar mesmo, mas eu conheço pais que cobram e cobram de uma forma muito ineficaz, muito ineficaz. Isso é uma coisa que em cada caso é diferente, né? Por isso é que eu digo que o treinador também tem que conversar com os pais porque muitas vezes os pais também querem ajudar, claro. Isso é óbvio, mas não sabem às vezes a melhor forma.

J: O que o senhor pensa sobre essa divisão em nichos absolutos e femininos que ocorre no xadrez?

GM 5: Bom, isso aí... Existe esse debate que a gente não precisa entrar aqui porque eu acho meio estéril, né? Sobre a capacidade da mulher jogar xadrez tão bem quanto o homem, eu não vejo muita lógica mais nesse debate. Você pode buscar milhares de explicações sobre o porquê o xadrez masculino é mais forte do que o xadrez feminino e de qualquer jeito as meninas podem jogar com os meninos e isso aí já é excepcional, né? As meninas podem superar os meninos, podem ganhar dos meninos. Quero dizer, existe o confronto, né? E você poderia buscar milhares de explicações, desde sociológicas até *freudianas*. Mas a gente não precisa entrar, né? Mas assim, eu diria que certamente que se as meninas pensarem só no xadrez feminino elas já estão se limitando. Isso aí com certeza absoluta, na minha concepção isso aí é certo. Você tá se limitando porque você tá se preparando pra jogar sempre em um nível mais baixo porque o xadrez feminino tá em um nível mais baixo. Isso é fato, a gente não precisa discutir o porquê, é fato. Eu acho que essa ideia de você trabalhar as meninas pra jogar com outras meninas é uma coisa que impede... Não impede, mas pode retardar o crescimento dela no xadrez porque você começa a usar técnicas, a usar formas de trabalhar que... Certo? Então não é saudável quando você deveria apenas estar aprendendo xadrez em si independente de sexo e independente, inclusive, de resultado.

Aprender o xadrez pelo xadrez, né? Então isso é uma coisa que eu sempre pensei e que eu procuro fazer. Com as meninas eu não tento ensinar xadrez pra elas ganharem de outras meninas. Eu não gostaria de ter essa separação, mas eu não vou entrar nessa discussão de se a mulher pode jogar tão bem xadrez quanto o homem. Eu acho que pras mulheres jogarem melhor é bom que elas não pensem dessa forma. Mas por outro lado é uma questão prática, é uma questão utilitária. Pras meninas jogarem xadrez é mais fácil... Se elas querem ter resultados é mais fácil no xadrez feminino, se elas querem ter uma equipe é muito mais fácil elas conseguirem uma equipe feminina: tem menos competição, tem menos meninas, tem menos meninas fortes. Então esse aí é um problema que não tem só em relação a isso, tem em relação a várias coisas. As pessoas querem ter uma forma mais prática, se você puder fazer o menor esforço possível e ter o melhor resultado... Essa é a filosofia utilitária que é o que eu acho que atrapalha. Então eu, por mim, não gosto, sabe? Mas pra maioria das meninas é uma forma delas terem mídia, né? Vamos supor, a Juliana Terao é uma garota talentosa e tal, ela tem perto de 2300 de *rating*. No universo feminino ela é o *rating* número 1 hoje e eu não acho que a Vanessa jogue pior que ela, não é essa a questão. Mas hoje ela é a número 1 do Brasil e pra ela é uma posição cômoda. Se fosse colocar ela no xadrez absoluto ela não estaria talvez entre os 50, entendeu? Então não vou entrar nesse debate também porque isso aí é uma coisa absolutamente de cada um. Agora pro crescimento, se ela tivesse pensando em termos absolutos, possivelmente poderiam acontecer duas coisas: a primeira é sair do xadrez porque ela poderia ver que não valeria a pena ter um esforço gigantesco pra uma competição extremamente alta ou, por outro lado, ela realmente jogar muito bem xadrez. Não que ela não jogue, mas jogar muito melhor do que ela joga. O caso mais célebre é o caso da Judit Polgár que é muito complexo de se avaliar porque ela é uma exceção da exceção: não teve nenhuma outra mulher que jogou como ela e muito dificilmente vai ter. A gente tem essa chinesa, a Hou Yifan, mas essa daí esbarra no mesmo problema que é de jogar torneios femininos. Se ela parar... Agora eu a vejo quase abandonando o xadrez feminino e acho que a chance dela crescer é muito maior, é sempre um fator limitante se você pensar nisso.

J: Retornando então à sua iniciação, como é que foi esse modo imposto de aprendizagem que o senhor teve em relação ao xadrez com o seu pai?

GM 5: Bom, às vezes eu não tava prestando atenção no tabuleiro lá e ele me dava uma bronca. Coisa assim, entendeu? Digamos que eu não tava ali porque eu tinha pedido pra

estar ali, ele é que me puxou pra lá, entendeu? Então é o que eu falei pra você, muito provavelmente em algum momento eu ia ter aprendido xadrez. Mas provavelmente ia ser em uma idade mais avançada, talvez com 7 anos, 8. Eu não sei, né? Mas em algum momento provavelmente eu iria pedir pra jogar se eu não tivesse... Mas nessa fase inicial ter aprendido tão cedo não foi porque eu pedi pra jogar, foi por insistência dele. Provavelmente eu não queria estar ali naquele momento. Em vários momentos eu lembro que eu não tava prestando atenção e ele me dava uma bronca por causa disso.

J: E como eram essas práticas, o que é que de fato vocês faziam no tabuleiro?

GM 5: Ele me ensinou o movimento das peças e inicialmente eu jogava só com o rei e os peões, eu não jogava com todas as peças. Inicialmente eu não conseguia ganhar dele, talvez empatasse alguma partida porque não tinha material pra dar mate. Depois, aos poucos, no processo ele foi me colocando outras peças. Mas isso aí foi um processo de quando eu tinha 5 anos, então de quando eu tava começando. Colocou 2 torres, depois foi comandando, foi inserindo as peças. Ou seja, ele sempre me deu vantagem pra jogar. Quando ele não me deu vantagem a gente já não jogou mais depois disso. Eu nunca joguei com ele estando... Eu não me lembro, tá? Mas eu acho que eu nunca joguei com ele estando em igualdade de situações, provavelmente. Aí é uma outra discussão sobre o porquê isso aconteceu também, eu não sei o porquê mas provavelmente foi porque ele também não queria entrar em conflito. Enquanto ele tava dando vantagem a superioridade dele era clara, depois que ele deixou de ter a vantagem aí se ele perdesse seria uma coisa que ele estaria sendo pior, né? Mas isso aí é uma coisa muito complexa que eu não tenho certeza sobre isso, eu apenas posso ter algumas desconfianças. Isso aí pode ser um fator mas existem vários outros fatores. Por exemplo, muito dificilmente algum filho de Grande Mestre vai avançar no xadrez, né? Muito dificilmente, assim. É por causa de uma certa competição que talvez inconscientemente se evite falar nisso daí. Entre irmãos tudo bem, mas entre o pai e o filho... Eu não conheço um filho de Grande Mestre que jogou e que teve o título de Grande Mestre, né? Diferente de outros esportes, no automobilismo você tem vários exemplos, né? Futebol você tem poucos exemplos, mas tem. Eu acho que o xadrez é uma prática mais complexa porque ela envolve mais o ego. Ele tem a questão do ego e talvez – eu não sei, nunca vi um estudo de psicologia sobre isso – inconscientemente existam alguns conflitos sobre isso.

J: Apesar de todos saberem minimamente xadrez, no entanto, dentro da sua família só os homens se destacaram?

GM 5: As mulheres nem tentaram [risos]. Nem tentaram, não jogaram torneios, não se interessaram. Eu lembro que a minha irmã, a Ermelinda, chegou a tocar música. Mas xadrez mesmo não e não sei o porquê, tá? Também na época o xadrez feminino era muito pequeno, você contava nos dedos de uma mão as meninas que jogavam xadrez. Então o ambiente no xadrez feminino já era mais restrito, era muito mais restrito. Mas isso aí não foi um fator porque ela sequer jogava competições. Seria diferente se elas tivessem iniciado e depois parado, mas elas sequer começaram. O porquê disso é uma coisa que eu não sei, aliás eu nem me perguntei sobre isso, eu nunca sequer me perguntei e nunca sequer perguntei pra elas também sobre o porquê elas não jogaram. Eu não sei se tem alguma coisa que o meu pai me incentivou, eu não sei. Isso aí realmente eu não sei, não perguntei, sabe? Eu não sei realmente, se eu soubesse eu diria pra você, mas eu não sei. Eu não sei mesmo se o meu pai não... É que tinha muito poucas competições femininas, eram muito poucas as meninas que jogavam.

J: Foram aos 10 anos as suas primeiras competições institucionalizadas, na escola? Como era o seu contato com o xadrez por lá?

GM 5: Sim, como eu falei no outro trecho não tinha xadrez na escola, na verdade. Quando cheguei na escola eu ajudei a fomentar o xadrez por lá, na verdade. Não tinha um treinador de xadrez, não tinha nada na minha cidade. Os treinadores que tinham no Paraná eram especificamente em Curitiba e em colégios particulares. Então quando eu cheguei já era um jogador pronto, eu fui quase como se fosse um cara contratado pra ganhar esses jogos escolares. Chamavam Jogos da Primavera e não eram jogos da cidade, eram jogos de toda a região de Ponta Grossa e da região dos Campos Gerais, né? Pra escola era importante, eles investiam no esporte. Eu estudei lá da 6ª até a 8ª série e depois eu mudei de escola e fui pra escola rival deles nesses jogos. Não sei se foi porque as condições eram melhores, isso quem tratou foi o meu pai. Mas o fato é que tinham duas escolas que brigavam ali por essas coisas, né? Mas eles não tinham nenhum programa de xadrez, eu ajudei a... Eu e meu irmão ajudamos a criar alguma coisa de xadrez, mas quando a gente chegou lá não tinha nada. Então por isso que eu digo que tecnicamente falando ela não me ajudou em nada, mas a escola ajudou nessa questão da bolsa que foi pra gente importante.



J: Então o seu contato com o xadrez, além de familiar...

GM 5: Foi também no clube de xadrez, né? O clube de xadrez lá de Ponta Grossa foi fundamental. Eu frequentei o clube de xadrez de lá desde que eu tinha uns 8 anos, então eu passei uma parte da minha infância indo no clube. Teve um período que eu ia todo dia no clube, a gente jogava *blitz*, jogava australiana. E o curioso é que os jogadores eram variados, eu joguei muito xadrez com senhores de idade, os velhinhos lá do clube. Eu lembro de dois mais especificamente, um era o senhor Homero e o outro era o Max Miller. Max Miller era um velhinho mal-humorado, mas a gente jogava várias e ele batia peças, não gostava de perder e tal, ficava bravo comigo [risos]. Mas eu queria jogar com ele, achava ele chato mas jogava, eu queria jogar. E tinha o outro que era exatamente o oposto, um cara muito simpático, muito bonzinho, sempre estava disposto a ajudar. Ele tinha um livro lá que ele ficava... Ele era um jogador amador, assim, não sei qual seria a força dele, 1800 talvez. Mas várias gerações ali de Ponta Grossa, o Vitório Chemin e o Justo Chemin que foram campeões paranaenses... O Vitório chegou a ser 2 vezes Vice-campeão Brasileiro e os dois jogaram com ele. O Vitório e o Justo são de uma geração anterior à minha mas jogaram com ele, né? Então essa parte aí eu acho que foi muito importante do clube de xadrez de Ponta Grossa. Chamava “Associação Pontagrossense de Xadrez”, era um prédio da prefeitura que tinham contato e tinha um pessoal lá que organizava os torneios. Embora a gente não estudasse xadrez ali eu acho que essa parte prática foi o que fez com que eu crescesse durante um bom tempo. Naquela época também a gente quase não tinha como estudar xadrez, quase não tinha porque não existia informática pra estudar xadrez, não existia *internet*, isso aí foi nos anos 80, no começo dos anos 80. E os livros também eu lembro que a gente tinha 2 livros pra estudar xadrez que eram livros que eu não entendia absolutamente nada. Um era do Alekhine com as partidas dele que meu irmão tinha ganhado em um torneio e tinha... Ah, e o “Aberturas e Armadilhas no Xadrez” do Idel Becker que alguém tinha dado pra gente que foi um livro que eu achei bom na época, esse “Aberturas e Armadilhas no Xadrez”. O do Alekhine não, o livro é evidentemente excepcional mas pra mim naquela época não, eu não entendia nada. O Justo Chemin que era um amigo nosso que morava lá tinha um material e vez ou outra emprestava uns livros pra gente, né? Mas eu lembro que os livros foram também comprados, teve uma vez que o meu pai trouxe 5 livros de uma livraria lá de Curitiba que tava vendendo livros de xadrez. Eles tinham começado a vender livros de xadrez e o meu pai uma vez

trouxe 5 livros lá em casa que era o que tinha, né? Então a gente jogava muito na prática. Teoria? Zero. Computador que jogava xadrez na época tinha só um famoso que era um computador brasileiro que não era nem um *notebook* e nem um *PC*, era um computador que só jogava xadrez e que devia ter força de uns 1600, 1700. Não era um jogador eficiente e era caro, ninguém tinha esse. Uma vez alguém trouxe pra eu jogar uma ou duas partidas com ele, mas não era acessível pra gente e nem pro pessoal lá de Ponta Grossa. Tinha um ou dois que tinham esse computador só e mesmo assim ele era muito fraco, assim, pra quem queria competir. Ele era bom pra quem tava começando, mas pra quem já competia não.

J: Quem especificamente te apresentou o clube de xadrez lá de Ponta Grossa?

GM 5: Ah, isso aí foi fácil. A gente foi morar lá em Ponta Grossa no final dos anos 70, eu era bem criancinha, mas aí o meu pai já conhecia o Justo e o Vitório, né? Então eles já mostraram o clube pra gente.

J: Eram amigos da sua família?

GM 5: Isso, exatamente. O Justo sempre foi muito amigo da gente, sempre ajudou bastante. O Vitório já tava morando em Curitiba eu acho. Não, em Joinville o Vitório, mas o Vitório sempre ia pra lá e com o Justo eu joguei muitas partidas de xadrez. Então eu lembro que na sala de trás dessa associação de xadrez tinha um espaço pra apostas de cavalo porque lá em Ponta Grossa tinha um hipódromo, né? O hipódromo não era lá mas eles transmitiam por circuito interno e aí caíam as imagens lá nesse clube, então o xadrez era meio que uma fachada. Eu acho isso uma bobagem, mas ele ficava ali na frente e atrás tinham os vídeos lá das apostas de cavalo. Mas nessa época eu só ia no sábado porque o meu pai mesmo organizava lá um torneiozinho *blitz*, tinha uma inscriçãozinha lá. Eu lembro que eu sempre ficava em último nesse torneio e o meu irmão mais velho – que é engenheiro hoje e que já parou de jogar – sempre ganhava. Tinha uma inscriçãozinha que eles revertiam lá os prêmios de 1º, 2º e 3º e eu lembro que o meu irmão sempre pagava pra mim a inscrição porque ele sempre ganhava o torneio. Eu lembro que eu fiquei – eu não me lembro quantos torneios desses eu joguei – em vários deles... Assim, eu consigo lembrar a primeira vez que eu não fiquei em último e eu não sei quantas vezes eu fiquei em último, mas foram muitas vezes. Eu tinha uns 8 anos nessa época.

J: Havia interação entre os enxadristas e apostadores das corridas de cavalo nesse clube?

GM 5: Não sei, eu era muito pequeno nessa época. Eu acredito que sim, pelo o que eu sei alguns clubes tinham a jogatina que o pessoal ia pra jogar baralho lá e aí os enxadristas também iam jogar. Isso mais em Curitiba que era assim, vários enxadristas começaram a jogar mais nas mesas de jogo, de baralho do que de xadrez. E foi ruim isso daí porque foram muitos meninos pra alguns jogos depois porque o pessoal ficava o dia inteiro lá jogando, às vezes perdia dinheiro, não foi bom. É porque hoje é diferente, né? Hoje tem muito profissional de pôquer, mas é outra coisa. Ali não era um bom ambiente, eu acho que atrapalhou bastante porque inclusive nesse de Curitiba alguns diretores perderam dinheiro lá e vieram ganhar dinheiro aqui. Então obviamente eu não sou contra pôquer, não sou contra nada, mas não acho bom você ter um cassino lá praticamente e de modo conjunto você ter o xadrez. Como explicar isso pras crianças? Se o cara é adulto ele vai fazer o que quiser da vida, mas pras crianças isso com certeza não é bom. Eu vi vários garotos que eu não diria que se perderam, né? Mas perderam muito tempo na vida, deixaram de jogar xadrez e adquiriram hábitos que não eram bons nessa jogatina. Então, assim, se você vai ter só adultos é uma coisa, se você vai ter jovens é outra, na minha opinião. Mas isso é muito particular meu, eu sei que agora, por exemplo, se eu falasse isso pra boa parte dos enxadristas que jogam pôquer eles iriam discordar, né? Mas isso aí que você perguntou lá em Ponta Grossa eu já não sei, provavelmente sim. Eu sei de enxadristas que eram viciados em apostas de cavalo, mas não necessariamente em Ponta Grossa.

J: No espaço do clube de xadrez de Ponta Grossa conviviam gerações diferentes?

GM 5: É, exatamente. Eu acho uma coisa legal, pra mim foi positivo porque eu pude conviver com adultos e aprender com eles coisas que não eram só sobre xadrez, isso pra mim foi muito bom. Você tá convivendo com as pessoas e você não tá aprendendo só xadrez, você tá aprendendo mais coisas com pessoas mais velhas. Principalmente esse senhor Homero que era bacana. Claro, você pode estar aprendendo também coisas que não são legais, com o Max Miller eu podia ter aprendido outras coisas que não eram legais do tipo bater peças no tabuleiro, xingar, sabe? Mas não, pra mim o exemplo maior era mesmo o senhor Homero, ele era um cara muito bacana e eu posso ver que eu aprendi muita coisa com ele.

J: Quais, por exemplo?

GM 5: Eu acho que a gentileza de você jogar uma partida de xadrez, de você saber perder. O Max Miller, por exemplo, que eu falei que era o outro que eu jogava ele não sabia perder, né? Essa coisa de você aceitar a derrota. Eu acho que o senhor Homero tinha muito essa coisa do jogo em si que é mais uma convivência, não é uma guerra. Pro Max Miller era uma guerra, pro senhor Homero não. Mas eu sempre admirei mais o senhor Homero do que o Max Miller, então eu aprendi coisas legais com ele. Eu não vou dizer que eu aprendi sobre História ou sobre Geografia, mas sobre a convivência. Nos clubes de xadrez de agora não existe mais essa função, né? Uma boa parte desses clubes fechou, teve dificuldade. Hoje em dia você joga xadrez pela *internet*, né? Então é isso o que eu tô falando pra você, é engraçado porque se você pegar os mais jovens de agora provavelmente nenhum deles vai ter essa experiência porque nenhum deles praticamente joga em clube. Os clubes quando funcionam já não são dessa forma, já não são mais um espaço de convivência pra você jogar xadrez. Ele pode ser um espaço pra você organizar uma palestra, pra você organizar um evento, mas não pra você ir jogar xadrez. É uma coisa que eu lamento que tenha acontecido, sabe? Muito por causa disso que eu falei, mas também tem o lado contrário que eu vejo também... Em Curitiba, por exemplo, eu ia de vez em quando no clube de xadrez de Curitiba, né? Eu morava em Ponta Grossa que é pertinho de lá. Ali tinha um pessoal de má conduta, má conduta que não era legal esportivamente falando. Você poderia ter também o lado inverso, pessoas que não eram legais. Mas se você tiver uma boa cabeça você sempre pode discernir o que seria legal do que não seria e tirar o melhor disso. Então eu acho que hoje você tem uma facilidade enorme com a *internet*, você pode dar aula pela *internet*, eu mesmo dou aula pela *internet*, você pode jogar pela *internet*, né? É uma coisa que você não precisa sair de casa, não precisa correr risco e tal, mas por outro lado você não tem essa convivência também.

J: Como eram essas convivências, as relações sociais?

GM 5: Eram boas de uma forma geral, eu conheci e me dava super bem com esses senhores como também com os mais jovens, o pessoal da minha idade. E a convivência sempre foi muito boa ali entre a gente, eu não me lembro de ter brigado com alguém. Não lembro, sabe? No máximo uma discussão ou outra por uma ou outra coisa, mas nada que no dia seguinte eu já não estaria de volta. Eu não me lembro de ter tido uma briga no clube, nunca briguei por uma partida ali. Assim, de ter uma vez questionado alguma coisa mesmo o que eu lembro que ficou marcado pra mim foi quando eu tinha 6

anos de idade que foi quando eu joguei com a minha mãe, né? Ela nem sabia as regras, ela sabia o que era o xeque-mate, alguns deles e tal. Uma vez eu levei um mate dela, foi um mate do corredor e eu não quis aceitar, eu falei que a torre dela tava em outra coluna, esbravejei. Quer dizer, eu me arrependo profundamente disso. Mas ficou marcado, né? Porque eu não queria perder ali. Então essas coisas a gente vai aprendendo e algumas pessoas vão contribuindo com essas vivências também.

J: E as práticas com os seus pares, com o pessoal da sua idade, como eram?

GM 5: Variava, a gente jogava entre a gente. Depois que passou um tempo, claro, eu ganhava já de todos os velhinhos e tudo mas jogava ainda com eles de vez em quando. Depois que passou um tempo eu parei de jogar com eles e passei a jogar com esses mais jovens que eram mais fortes. Mas quando tinham uns torneiozinhos lá, até uns 12 anos, eu ainda jogava com eles até que isso aí foi se perdendo um pouquinho. Eu tô falando da fase ali dos 8 aos 12, 13 anos, nessa época eu ia lá ainda mas aí a convivência já era com o pessoal mais jovem. É engraçado porque normalmente é o contrário, você convive mais com os jovens pra depois você conviver mais com os velhinhos. Depois é que foram surgindo os mais jovens, no começo não tinham jogadores mais jovens.

J: O senhor comentou que lamenta essa passagem de um clube de xadrez cuja ênfase era a convivência social para um clube que atualmente parece ter contornos mais mercadológicos. Pode falar um pouquinho mais sobre isso?

GM 5: Eu posso estar sendo nostálgico aqui, mas quando você vai em uma associação, em um clube, pode ser até uma igreja, em um culto religioso, o principal é a convivência, é a convivência física. E hoje ficou uma convivência muito virtual, o pessoal às vezes não quer sair de casa, fica jogando na *internet*. Não precisa nem ser enxadrista, o cara fica no *Whatsapp*, *Facebook*, né? Mas isso aí de maneira nenhuma vai substituir – na minha concepção não pode substituir – a convivência física com as pessoas, sabe? Não pode porque se você olha nos olhos de uma pessoa é muito diferente de você escrever uma mensagem no telefone celular. Eu acho que os olhos são a janela da alma, se você vai falar uma coisa que não soa tão verdadeiro, se você tá ouvindo, você dificilmente vai... Você pode até falar, mas uma pessoa normal mesmo se não tá falando frente a frente ela pode eventualmente falar alguma coisa que se ela tivesse olhos nos olhos ela não falaria, é essa a convivência de que eu falo. Quando você tá jogando uma partida de xadrez ou mesmo em um torneio não é só a partida de xadrez,

você tá tendo uma convivência, né? É essa convivência que eu tô falando, principalmente pras crianças. Se você tá na *internet* você não tá aprendendo nada disso, se você tá jogando no *ICC* eu não vejo que você tá aprendendo absolutamente nada em termos de convivência. Inclusive alguns mandam mensagem pra você mas você não tá olhando pra cara do outro. Então essa é a parte que eu digo que foi uma perda, tá muito virtual o negócio.

J: O senhor comentou que parece que hoje a organização de eventos ganhou maior lugar nesses clubes...

GM 5: Hoje um clube não pode sobreviver se for só um espaço para jogar xadrez, as pessoas não vão no clube mais para jogar xadrez. As pessoas não vão no clube mais para conviver, elas vão quando tem algum evento porque a maior parte das pessoas pensa assim “por que é que eu vou sair de casa se eu posso jogar no *ICC*, no *Chess.com*, no *ChesGM 24*, qualquer *site* aí?”. Eu acho essa uma visão mais empobrecida, mas é uma visão muito particular minha sobre a questão da convivência.

J: Em alguma medida havia algum tipo de cobrança pelo fato de ter ganho uma bolsa de estudos no colégio?

GM 5: Basicamente a cobrança era pelos Jogos da Primavera mas esse torneio geralmente a gente ganhava muito fácil, não tinha uma competição ali grande e tal. Teve um ano que eu lembro que eu sofri pra ganhar uma partida e tinha um tabuleiro nosso que tinha perdido ainda, mas eu não lembro de ter ficado muito pressionado. Mas havia sim essa coisa de não ganhar e ficar muito chato, né? Porque a gente tava recebendo a bolsa pra ganhar os jogos, mas eu nunca senti muito isso. Poderia até ter havido essa cobrança, mas eu não senti muito, eles não falavam. Por exemplo, não chegava lá o professor de Educação Física ou o coordenador de esporte e falavam “nossa, vocês precisam ganhar esses jogos”, nunca falaram isso pra gente ou pelo menos pra mim e pro meu irmão. Mas eu sabia que pra eles era importante, tanto que eles tavam dando bolsa pra gente. Mas não tinha essa cobrança física de “se vocês não ganharem não vai ter mais bolsa”, isso nunca teve.

J: Por parte dos seus pais também não?

GM 5: Não, não. Meu pai ficava chateado se eu fosse mal nos torneios, sempre fez alguns comentários que não foram delicados e tal, mas nem perto da maioria que o

pessoal faz, assim, e que eu vejo entre os jogadores de competição. Já a minha mãe era bem... Pra ela os resultados eram indiferentes, se ganhava ou perdia não importava. A minha mãe nunca foi uma atleta de xadrez, nunca... Ela aprovava mas eu diria que ela nunca sentiu orgulho de eu ter ganho um torneio de xadrez eu acho. Eu acho, não sei, vou perguntar isso pra ela. Minha mãe é viva ainda, mas a minha impressão é de que não. O meu pai sim, com certeza, mas a minha mãe não, eu nunca senti que ela tinha algum orgulho de eu ter chego a Grande Mestre, nada disso. Pra ela tanto faz, provavelmente ela preferiria que eu tivesse fazendo outras coisas até na vida, mas ela nunca me falou isso e nunca me cobrou isso, ela sempre foi muito correta nesse aspecto. Provavelmente ela queria que eu tivesse percorrido outro caminho, mas isso aí é uma coisa, assim, que é muito um sentimento da minha parte. Eu nunca vi um retorno emocional dela em relação ao fato de eu estar indo bem no xadrez.

J: O senhor comentou também que houve um Interclubes que vocês jogaram todos em família. Como foi essa sensação de ter ao seu lado ali na equipe o seu pai e irmãos?

GM 5: Pra mim foi engraçado, foi como se fosse um torneio normal, eu não me sentia nem pior nem melhor. Fui lá jogar um torneio e eles estavam ali. Não foi, assim, uma coisa marcante pra mim. Nesse torneio, inclusive, eu lembro que eu e o meu irmão não jogamos as duas últimas rodadas porque eles adiantaram esses Jogos da Primavera e a gente teve que voltar dois dias antes pra jogar os jogos. Ou seja, a gente teve que abandonar o Campeonato Brasileiro Interclubes pra jogar o torneio da escola que era muito mais importante pra gente por conta da bolsa. Eu já tinha uns 15 anos, já era um jogador razoavelmente bom.

J: Desejaria ter tido os primeiros contatos com o xadrez de outro modo além daquele impositivo e precoce pelo qual o senhor contou que o conheceu?

GM 5: Eu acho que sim, eu acho que tem outras formas de você o trazer. Mesmo em uma idade muito tenra existem outras formas de você apresentar as coisas pras pessoas, eu acho que você pode apresentar de várias formas, pode trazer a curiosidade das crianças de várias formas diferentes que não precisam ser impositivas. Eu não sou a favor disso.

J: Por exemplo?

GM 5: Não sei, você podia fazer alguma coisa lúdica com as peças, podia fazer um teatrinho com elas pra chamar a atenção das crianças. Você vê que tem outros aspectos que não são só o jogo em si, né? Eu vejo que as crianças sentem muita atração pelo formato das peças. Por isso que eu acho que o xadrez japonês nunca vai ser a mesma coisa pras crianças, nunca, nunca, nunca. O xadrez japonês não tem os formatos das peças, ele tem ideogramas, são fichinhas que têm uma letra em japonês, um ideograma, não tem formato. Se você pega uma criança ela fica fascinada pelo formato das peças, sabe? Ela quer pegar nas peças. Bom, aí tem outros aspectos que eu não vou entrar como o psicanalítico, mas essas peças têm uma simbologia pras crianças que é muito interna, inconsciente. Então você vê que poderia fazer várias coisas com as peças que não precisam ser só aquelas coisas intelectuais, sabe? Tem o teatrinho de xadrez, tem o tabuleiro gigante, essas são formas de você trazer o xadrez pras crianças de uma forma legal, de você não apresentar o jogo cru e imediatamente, sabe? Você não precisa apresentar com aquelas regras rígidas, com aquela ideia de você ganhar e de você perder que é extremamente cruel pra criança. Eu me sentia muito mal às vezes quando perdia. Assim, eu não me lembro de ter chorado – eu sei que o meu irmão chorou – mas teve uma vez que eu segurei as minhas lágrimas. Eu lembro até hoje pra você ver como isso é marcante, né? Eu acho que eu devia ter uns 5 anos de idade: eu ia dar mate, achei que tinha dado mate – isso ainda naquela época que a gente jogava e o meu pai me dava várias peças de vantagem – e coloquei a dama ali e larguei, o rei não tinha nenhuma casa para fugir só que eu não tava defendendo ela, ele comeu a minha dama. Eu quase... Eu segurei as lágrimas, eu não me lembro de ter chorado, mas de ter segurado as lágrimas essa aí foi uma delas. Eu acho que não precisa ser dessa forma, entendeu? É engraçado porque eu fiquei fascinado pelo jogo depois, mas dependendo do caso isso aí poderia ter me tirado do xadrez. É um golpe, é uma coisa dura, assim. E o meu pai comeu a peça sem perdão nenhum, foi cru e duro mesmo. Mas eu não vou questionar porque ele tem a formação dele, né? É outra coisa, eu não tô dizendo que ele foi bom ou mau, eu não tô fazendo mérito. Mas eu acho que pode ser diferente, você pode apresentar de outras formas que não aquela adulta, né? E o meu pai, aparentemente e fazendo essa análise, me apresentou o jogo já como uma luta. Eu acho que não precisa ser dessa forma, você pode primeiro trazer o xadrez pras crianças e depois elas o transformarem em uma luta. O xadrez em si é uma luta, mas você não precisa trazer isso imediatamente. Mas é uma concepção, se você pegar os russos, por exemplo, talvez eles pensem como o meu pai que tem que ser cru, que você tem que se dar melhor, que tem



que ser técnico, que tem que ser uma luta. Mas eu não vejo dessa forma porque eventualmente você pode até criar um super jogador ali, mas você pode tirar muita gente do xadrez também. E eu sempre vejo que o quadro ideal é você sempre ter as crianças jogando xadrez. Não importa pra quê, mas ter elas jogando xadrez. Se elas vão ganhar torneios, se elas vão seguir jogando xadrez isso aí é o de menos, isso aí depois cada um vai decidir se vai se dedicar ou não. Eu acho que as pessoas não podem – pais, principalmente – dizer assim “olha, eu quero que o meu filho seja um campeão de xadrez”, nunca pode ser assim ou nunca deveria ser assim. “Não, eu quero que o meu filho jogue xadrez”, se ele vai ser enxadrista, se ele vai ganhar ou se ele vai lutar isso é com ele. Eu posso dar as condições por ele, mas não posso impor pra ele. O meu pai aprendeu já quando era universitário, ele aprendeu com um colega da universidade. Pelo menos pelo o que ele me conta não foi em casa. Mas eu digo não a formação enxadrística dele, mas formação familiar, né? Do pai dele. Mas sobre isso aí eu não sei mais também.

J: Considerando a sua origem, de algum modo o xadrez japonês também te foi apresentado?

GM 5: Não, tanto que eu nem sei jogar o shôgui, chama shôgui. Eu já vi um tabuleiro, é 9 por 9, não tem casas brancas e pretas e eles jogam em três fileiras: são 9 peças na 1ª e na 3ª fileira e 2 peças na 2ª fileira, é um formato muito diferente. Eu acho que é genial até como uma versão do xadrez cujo objetivo é o mesmo, dar o xeque-mate. Quando você come as peças do seu adversário você muda as peças dele. Por isso o ideograma, você simplesmente vira o ideograma e ele passa a estar apontado pro seu lado. Não me pergunte o que acontece se alguém der um esbarrão no tabuleiro e aquelas peças ficarem girando ali [risos]. Você não vai saber, mas provavelmente tem algum mecanismo pra que aquelas peças não girem. O tabuleiro é mais áspero, não é tão lisinho e tal, eu acho que isso não acontece. A lógica do shôgui é a mesma, dar mate no rei mas, por exemplo, não existem finais no shôgui porque as peças sempre voltam. Você pode até liquidar as peças adversárias, mas provavelmente você já deu mate. Seria como se fosse mais ou menos uma australiana. No Japão ali eles praticam muito o shôgui, o xadrez já é muito pouco. Tem profissionalismo de shôgui no Japão mas de xadrez não tem um profissional no Japão. Eu acho que o shôgui sempre fez uma competição muito grande com o xadrez, né? Esse pode ser um dos motivos sobre o porquê o xadrez não pegou no Japão, ele sofre concorrência com dois jogos de tabuleiro: um é o shôgui e o outro é o

go. O go é completamente diferente mas é um jogo de tabuleiro também muito popular no Japão e que tem profissionais também.

J: Por conta de uma rodada do torneio que a gente tem amanhã às 8 horas da manhã, antes de dar andamento ao roteiro eu gostaria de perguntar se você prefere que o continuemos em uma outra oportunidade?

GM 5: A gente pode continuar mais 10 minutos aí, depois a gente interrompe.

J: Ok! Bom, pensando em todos os ambientes até aqui vivenciados por você: primeiro em casa, depois no clube de xadrez de Ponta Grossa e também na escola por meio das competições, eu gostaria de te perguntar se tais vivências tiveram alguma relação com a tua chegada ao alto rendimento?

GM 5: O principal pra mim é que eu sempre me senti um peixe dentro d'água no xadrez. Além de eu gostar do jogo em si, de eu me sentir atraído pelo jogo em si, eu sempre me senti um peixe dentro d'água dentro do xadrez. E eu acho que em outros ambientes eu não me sentia tanto um peixe dentro d'água. Então pra mim tem esse fator que eu acho importante: o meio, o ambiente do xadrez sempre me atraiu, as convivências do xadrez pra mim sempre foram mais interessantes do que outras convivências, do que a convivência na escola, por exemplo, do que o ambiente de escola, eu sempre tive muito mais intimidade no xadrez, mais amigos no xadrez. Então eu acho que se a convivência não tivesse sido boa talvez eu gostasse muito de xadrez, talvez eu continuasse jogando xadrez mas muito provavelmente eu não seria um profissional de xadrez. Se eu não me sentisse bem no ambiente, né? Ou talvez eu poderia até me sentir muito bem no ambiente do xadrez mas eu poderia me sentir excepcionalmente bem em outros ambientes também. Aí talvez eu fosse outras coisas, talvez eu gostasse de uma vida mais rotineira. Mas eu não gosto de uma vida rotineira, eu não sou muito de ficar parado. Então eu penso que pra mim meio que caiu como uma luva porque eu gostava de xadrez e isso é o principal, você gostar da atividade em si. A forma como você vive no xadrez é como ser um artista ou qualquer coisa que não seja ligada a você ser muito rotineiro. Por exemplo, você ter um ofício, sabe? Isso aí nunca foi uma coisa que me atraiu, assim, ter uma coisa muito certinha eu nunca gostei. Pra mim algum caos era desejável, eu nunca gostei que fosse completamente estável, eu não queria levar aquela vida que fosse de rotina, sabe? Talvez eu tivesse pavor de alguma coisa assim, de ser muito rotineiro, de você ter aquela coisa a se cumprir. Não que no

xadrez não tenha isso, você cumpre, mas é muito menos rígido. Eu sei que você pode fazer coisas, você pode organizar várias coisas, você pode marcar aulas de xadrez em determinados horários que você trabalhe... Sabe, tem muitos tipos de empregos diferentes, mas se você é profissional liberal você tem muito mais liberdade. Mas, por exemplo, se você já trabalha em uma empresa não, eu pelo menos nunca tive vontade de ter um emprego fixo, assim. Algumas vezes eu tive mas não gostei tanto, não me adaptei tanto. Então eu diria que talvez a minha personalidade seja mais caótica, eu diria dessa forma. E o xadrez possibilita uma inserção para pessoas assim, eu acho. Assim como o meio artístico funciona dessa forma, você pode ter um tipo de comportamento que é mais... Não é tão certinho, né? Não é que eu ache que o meu comportamento seja ruim, não é isso, mas eu digo sobre você não ter certas obrigações sociais. Então o xadrez, assim como eu falei dessas outras coisas do meio artístico, estaria mais de acordo com o meu perfil. Então eu acho que essa coisa da convivência no meio do xadrez certamente foi um fator determinante pra eu ser um profissional de xadrez, pra viver de xadrez. A questão de chegar até Grande Mestre é uma outra história.

J: Pode falar um pouco mais sobre essa metáfora de se sentir um peixe dentro d'água?

GM 5: Bom, isso é muito simples, né? Você se sente bem ou você não se sente tão bem, você se sente inserido ou você não se sente tão inserido, você se sente conectado ou você não se sente conectado. Eu já acho que todo mundo conhece essa experiência de estar ali e conseguir se comunicar de uma forma adequada, você pode entender as pessoas ou você pode não entender nada ou então pode até entender mas você pode não gostar daquilo. Então eu acho que é isso, você estar nadando ali livremente, livremente. E o outro não, o outro tem alguma coisa que tá oprimindo ele de alguma forma, né? Nesse outro lugar que você não se sente um peixe dentro d'água. Se você se sente um peixe fora d'água existem vários sentimentos, um deles provavelmente é a opressão, as pessoas querem que você seja de tal forma e tal. Eu acho que todo mundo de alguma forma se sente ou já se sentiu assim, tem uns que mais e outros menos, mas de uma forma geral todo mundo conhece esse sentimento de se sentir um peixe dentro d'água ou um peixe fora d'água. Quando você tá ali numa balada – eu não gosto de balada, mas vamos supor – e aí você se identifica com aquele grupo, claramente, você se sente um peixe dentro d'água. Aí você vai numa balada que não tem nada a ver, que todas as pessoas são diferentes e tal e você se sente completamente deslocado. Essa aí seria uma

comparação mais simplória que eu poderia dar nesse aspecto: você estar ali onde você consegue interagir e na outra não, você ter uma dificuldade extrema.

J: Por conta do horário o senhor prefere pausar a entrevista por hoje?

GM 5: Ah não, vamos falar sobre mais uma última questão, podemos ir mais 10 minutos.

J: Bom, embora o senhor já tenha relatado alguns deles, haveriam outras pessoas ou momentos significativos dos quais se recorde durante a sua iniciação?

GM 5: Engraçado que esses mais marcantes foram de quando eu era adolescente, né? Esses que eu contei já do meu pai e da minha mãe. Agora, assim, não me ocorre... Talvez as pessoas de quem eu gostei tenham sido mais marcantes. Bom, assim, de conquistas... Bom, mas aí não teria a ver com esse assunto, esquece. Não é sobre as relações de convivência, né? Alguns amigos eu acho que foram marcantes, paixões que eu tive relacionadas até ao xadrez... Você gostar de uma garota ou gostar de um amigo e sentir como se ele fosse o seu irmão, coisas assim. Com alguns eu tenho essa proximidade, esses aí eu posso colocar como amigos raríssimos com os quais eu cultivo esse sentimento de irmandade. Esses são poucos mas existem, isso pra mim é marcante.

J: Bom, então nós pausamos a entrevista nesta oportunidade em razão da rodada do torneio de amanhã cedo e retomamos em um momento mais oportuno. Muito obrigada!

[Interrupção].

J: Agradeço novamente a oportunidade de retomarmos a nossa entrevista. Com a intenção de dar continuidade ao roteiro eu gostaria de perguntar se o senhor gosta de xadrez, o que te atrai nessa modalidade?

GM 5: É, obviamente é uma disputa de que gostamos, né? Não só gostamos mas gostamos muito. Amamos, eu acho que eu poderia definir desta forma. É difícil imaginar – eu não sei os outros – a gente não jogando xadrez. Eu acho que todo atleta de ponta também tem essa sensação de ficar imaginando o que poderia ser, assim, se fizesse outras coisas. Talvez como profissional eu pudesse fazer outras coisas, mas a vida sem o xadrez depois que a gente o conhece e depois que a gente gosta... Seria mais por lazer, com certeza. Eu acho que tem outros jogadores que pararam de jogar mas eu percebo que mesmo esses têm uma parte que ainda acompanha o xadrez, gosta de falar

sobre xadrez, de vez em quando assiste um torneio de xadrez. E eu acho que isso é uma coisa comum entre o pessoal que chegou no topo, senão é muito difícil você chegar no topo porque você enfrenta um caminhão de dificuldades. Vários empecilhos você tem, se você não gostar muito eu acho difícil você dar continuidade a isso. Talvez, como eu falei, você conheça outras pessoas que gostaram bastante e que foram fazer outras coisas. O meu irmão é um exemplo, eu acho que ele gosta tanto quanto eu mas ele fez uma opção de seguir com outra carreira, né? Então eu diria que é uma parte da nossa vida considerável. Da minha vida pelo menos, eu posso dizer por mim, né? É interessante porque quando eu aprendi inicialmente eu era muito pequenininho, tinha 5 anos e não fui eu que pedi pra aprender. Mas depois que eu aprendi, depois que eu já tinha uns 6 anos de idade eu já pedia pra jogar, então eu acho que quase desde que eu me conheço por gente praticamente eu gostei, né? Eu não pensava se eu ia ser ou não um profissional, isso aí veio depois. Mas o gosto pelo jogo foi desde muito cedo, eu diria que quando eu já tinha uns 6 anos de idade eu já pedia pra jogar xadrez.

J: Aos 5 anos, idade da sua iniciação no xadrez, esse gosto não se manifestava?

GM 5: Olha, é uma coisa muito difícil de dizer, né? Eu não sei se poderia ter sido antes ou não, é muito difícil dizer isso, eu realmente não teria certeza. E a forma como ele me ensinou foi um pouco forçada mas talvez tenha contribuído também porque se fosse pra eu pedir pra jogar xadrez vendo eles talvez demorasse mais tempo. Agora se ele me apresentasse de outra forma, menos como um jogo e mais como um brinquedo, né? Desde que eu me lembro de xadrez ele não foi um brinquedo, não era uma coisa de brincar, era uma coisa pra você ganhar. É muito difícil dizer isso aí, mas pra mim agora não é significativo se eu ia tomar gosto aos 5 ou 6 anos, não ia influenciar muito no meu nível de jogo eu acho. Mas talvez ele pudesse ser apresentado de forma mais... Mais como uma brincadeira inicialmente, sem essa ideia de ganhar ou perder. Mas é muito difícil dizer, eu não sei até que ponto isso influencia depois, se poderia ter sido diferente. Eu não sei se no meu caso, em específico... Eu vejo que em outros casos isso poderia ter tido alguma importância aí, mas pela minha personalidade e tal eu acho que no meu caso ele poderia ter sido levado de qualquer jeito [risos]. Mas tem outros casos que eu acho que isso poderia ter influência. Então pra mim se eu tomei gosto aos 6 e não aos 5 anos é indiferente, eu não lamento. Agradeço ele, até. Poderia ter sido de outra forma? Até poderia, mas o fato de eu ter aprendido cedo eu agradeço a ele, eu acho que quanto mais cedo você aprende as chances de evolução se tornam maiores. Eu

aprendi antes da alfabetização, me alfabetizei depois um pouquinho ou junto... Eu me alfabetizei talvez aos 5 anos e fui pra escola depois, aprendi a ler e a escrever antes em casa com o meu pai, ele achava importante e eu acho que foi bom também. Então o xadrez foi quase como se fosse uma linguagem pra mim. Não quer dizer que se você aprender xadrez depois você não pode se tornar um super jogador, mas eu acho que as chances maiores são se você aprender mais cedo, eu tenho essa impressão. Algumas construções, assim, quando você é muito mais jovem talvez tenham uma fixação maior, alguma coisa assim. Mas eu não sou um especialista no assunto, não sou um psicólogo. É uma coisa que os psicólogos deveriam pesquisar sobre isso, né? Eu sei que o discurso sobre a formação da inteligência inicialmente se dá pela abstração. Concreto é o termo, né? Depois dos 10 anos começa-se a desenvolver alguma abstração mas isso não quer dizer que jogadores excepcionais não possam abstrair antes. Eu não sou um especialista em casos pra dizer, eu estou falando sobre o meu caso. Eu acho que eu iria ser um jogador, é essa a impressão que eu tenho: podia ser mais ameno ou menos ameno, podia ser aos 5, aos 6 ou aos 7 anos, se me apresentassem o xadrez em algum momento eu ia gostar.

J: O que significou o xadrez como uma linguagem pro senhor?

GM 5: Ah, eu acho que seria assim: quando a gente fala é uma coisa quase que inconsciente, a gente pode falar sem pensar às vezes, sem pensar muito. É uma coisa que às vezes brota naturalmente, eu acho que às vezes pra mim o xadrez brota, as ideias do xadrez brotam. Outras vezes não, isso não é constante. São casos, né? Mas eu sinto que tem fases que o xadrez surge como se fosse uma combustão espontânea, assim. As ideias vêm fácil, eu não preciso fazer um grande esforço pra ter as ideias. Em outras fases eu vejo que eu preciso fazer um esforço imenso pra conseguir ter esse mesmo processo de ter ideias que pra mim é muito fácil. Eu acredito que pra maioria é assim, né? Tem processos que são mais criativos, tem pessoas que são mais criativas, tem processos que vêm fácil, tem vezes que demora e que às vezes não vem da forma mais adequada a ideia, o lance. Mas o xadrez como uma linguagem materna seria mais nesse tom que as coisas fluem muito espontaneamente, sabe? Óbvio, quando você faz uma coisa espontânea mais chances você tem de crescer naquilo, né? E por isso que eu acho que quanto mais cedo você aprende mais há a chance de se tornar esse tipo de linguagem, ou seja, de pensar espontaneamente as coisas. Não passa a ser uma coisa assim que... É como se já fizesse parte dos seus processos de pensamento, né? Assim

como aprender línguas também, provavelmente. Bom, isso não é nem provavelmente, é comprovado que quanto mais cedo você aprende mais ela se torna uma língua materna, depois fica mais difícil. Seria mais ou menos essa a comparação do xadrez como se fosse uma linguagem, as coisas chegam mais ou menos de uma forma natural. Muito natural, assim, sem... Sabe? Pra você jogar bem você precisa fazer uma super construção, ser profundo. Mas assim como você pode ser muito bom em línguas, se você quiser ser profundo aí você tem que estudar, você tem que se aprofundar mais. Você pode até ter facilidade, mas a facilidade é uma coisa e o esforço é outra. Mas essa facilidade eu acho que quanto mais cedo você aprender as coisas e ainda mais esse tipo de coisas como xadrez, línguas... Eu faria essa relação com essas práticas.

J: Assim como o xadrez, ler e escrever também foram atividades que o senhor comentou que aprendeu antes em casa do que em um espaço formal como a escola, por exemplo. Haveriam, além destas, outras práticas que também foram te ensinadas antes em ambiente familiar?

GM 5: Eu não me recordo de outras coisas tão significativas, talvez algum brinquedo ou outro mas de uma forma geral eu não me recordo. Talvez até tenha tido alguma coisa que eu tenha me apegado, talvez até por isso tenha esquecido. Mas de uma forma geral acho que foi isso o principal, desde muito cedo eu aprendi a ler e a escrever que foram linguagens como o xadrez. A maioria das crianças começa fazendo quebra-cabeça, eu não me lembro de fazer quebra-cabeça, eu não me lembro de fazer outras atividades que fossem intelectuais. Hoje as crianças que vão pro maternal têm formas de já melhorar a sua cognição. No meu caso não, eu fui pra escola e já tinha de 6 pra 7 anos que era, na época... Hoje o pessoal entra mais cedo porque hoje tem 1 ano a mais, mas na época era a idade mesmo, de 6 pra 7 anos. Eu entrei em uma idade normal, não entrei nem antes nem depois. Mas quando eu cheguei na escola eu já sabia ler e escrever, podia ler um texto. Claro, eu não tinha fluência e também não quer dizer que eu entendia o que eu tava lendo, mas pra fazer o agrupamento das palavras pra mim não teve dificuldade. Isso me facilitou a escola, eu acho que por isso foi bom, foi muito bom. E eu percebo que hoje mais ou menos eu gosto de literatura, pra mim de uma forma geral a linguagem foi como um gosto também. Não como o xadrez, né? Mas eu gosto de ler, gosto de linguagens novas. Agora se eu iria gostar disso se eu tivesse aprendido mais cedo ou não pra mim não é uma questão. Provavelmente sim, eu acho que ajudou porque eu tive mais facilidade quando eu entrei na escola. É que, assim, são duas coisas. A primeira é

que eu acho que algumas pessoas têm pré-disposições para as atividades, mesmo que seja no início. Eu também não entendo muito, eu posso estar falando bobagens, mas eu acho que as pessoas nascem com algum talento. E talentos específicos, né? Então uma coisa é isso, seria mais ou menos uma coisa que você já tem facilidade. E a outra é a introdução que você tem naquilo, ela pode ser de uma forma melhor, pode ser de uma forma pior, ela pode ser de uma forma mais rápida. Você pode aprender algo muito cedo, você pode aprender mais tarde. Eu acho que aquela pessoa que tem já uma pré-disposição pra gostar e se dar bem em alguma atividade, se ela for apresentada ela vai tomar o gosto. É como eu falei, se for mais cedo é mais fácil, você tem mais chances de evoluir. E também a forma pode ajudar, a forma como você avança. Mas no final, depois que passa um certo tempo... Isso que eu tô falando é a introdução, o começo. Mas depois que passa um certo tempo a gente vai moldando aquilo que serve pra gente, sabe? A gente mesmo vai adquirindo certas características de estudo, até em relação aos horários, em relação à rotina. Essa forma de você aprender ela é muito variável de pessoa pra pessoa. Se você falar com o GM 8 a forma dele aprender é muito peculiar dele, alguns são mais padrão e outros são muito peculiares. Isso aí tem a ver também com ser treinador de xadrez, pra mim isso tem importância e é extremamente relevante porque tem a ver com como é que eu vou passar o xadrez pros jovens. Não só jovens, eu dou aulas pra pessoas que são inclusive mais velhas do que eu, mas como é que eu vou passar. A primeira coisa que eu faço é tentar entender o aluno, como que ele pensa, como que ele reage. Por que isso? Pra eu ver como é a melhor forma de colocar o xadrez pra ele, você vê algumas debilidades que ele tem, claro, virtudes e defeitos, né? Mas uma coisa muito importante é saber qual o melhor processo pra ele especificamente. Eu entendo que cada treinador tem uma característica, isso é óbvio. Mas não se deve ser assim, eu acho que não. Se a aula for individual você não precisa usar o mesmo método pra todo mundo, né? Eu acho que não deve, você tem que se moldar mais... Se adequar um pouco ao aluno. Se você está na escola e em uma sala de aula com 40 alunos isso é muito difícil, você vai ter que ter um método e todo mundo vai ter que seguir aquele método, você não vai poder individualizar a questão. Mas se você pode individualizar a questão eu acho que o principal é isso, é descobrir como cada um desenvolve melhor. Isso aí a gente vai descobrindo, a gente vai descobrindo métodos nossos que funcionam melhor com a gente mesmo depois daquela parte introdutória. A gente mesmo vai descobrindo, “isso aqui pra gente funciona”, “esse método pra gente não dá certo”, então isso é muito variável de pessoa pra pessoa, né?



J: Embora nós já tenhamos conversado um pouco sobre isso, mais profundamente qual seria a relação que cada um dos membros da sua família tem com o xadrez?

GM 5: Então, como eu falei logo no comecinho da entrevista, além do meu pai e da minha mãe eu tenho na minha família 2 irmãos e 2 irmãs, nós somos em 5 e eu sou o mais novo. Embora todo mundo saiba jogar xadrez – mexer as peças – quem participou de competições mesmo só foram os homens. Então eu acho que ajudou muito porque eu era mais novo e podia, como o meu irmão mais velho já tinha bons resultados, pensar que um dia seria legal jogar com ele. Ele era um parâmetro, era um horizonte que eu podia ver. Então isso eu acho que foi muito bom, o meu irmão mais velho... E depois com o meu irmão que tem 2 anos só de diferença pra mim eu sempre falei muito de xadrez. Embora não jogasse eu falei constantemente de xadrez com ele, até hoje eu falo constantemente de xadrez com ele, assim. Então eu citaria o meu pai que foi uma pessoa importante não só porque me ensinou, mas também porque ele conseguiu todas as condições, sendo ele mesmo um admirador do xadrez. Embora eu não tivesse ele como parâmetro porque ele não era um jogador... Ele era um bom amador, né? Mas desde que me lembro ele já pensava o xadrez de forma competitiva, o meu irmão já jogava muito melhor que ele. O meu irmão mais velho também começou a jogar bem cedo, ele já me contou que com 11 anos tinha participado do Campeonato Paranaense e tinha empatado com o 1º lugar. E o xadrez paranaense era bom, eu acho que ainda é bom, tem tradição. Então em termos de força, assim, o meu pai não era referência, tinha uma força maior ali que era o meu irmão. Então eu diria que o meu pai foi importante, ele me introduziu ao xadrez, conseguiu as verbas pra eu jogar os torneios – na verdade não só pra mim mas pros meus irmãos também – e o meu irmão mais velho em muitos momentos via como referencial porque ele era o mais forte. Então pra mim ele era uma referência, né? E o meu irmão que tem idade mais próxima que é o mais novo, pra mim, no xadrez sempre foi mais companheiro. A grande importância dele foi que eu podia falar de xadrez com ele constantemente, né? Então isso é óbvio que tem uma importância gigantesca. Até hoje, como eu falei, a gente fala constantemente de xadrez, ele também é um apaixonado por xadrez como eu, mas ele foi fazer outras coisas. Mas sempre que pode ele joga um torneio, ele é um bom jogador, é Mestre FIDE e tem mais de 2200 de *rating*, já ganhou de vários Grandes Mestres. Então ele foi pra mim como se fosse um companheiro, a gente viajava junto. Com o meu irmão mais velho eu não tinha essa proximidade toda, não era um cara que eu falava tanto de xadrez mas eu tinha ele como

referência. Então aí eu acho que tem 4 coisas: aquele introdutor, quem me introduziu e conciliou as condições pra eu jogar os torneios... Mas, assim, passou um tempo tecnicamente e eu cheguei rápido a ser muito melhor... Eu também não tive um treinador, ele não foi meu treinador, foi meu professor pra eu dar ali os primeiros passos. Mas depois não, o meu irmão mais velho – na verdade eu tenho uma irmã mais velha, mas dos homens ele é o mais velho – pra mim era uma referência quando eu era pequenininho e meu irmão Fred era o cara pra se falar, pra conviver xadrez, falar de xadrez, como se fosse um amigo, né? Quando você tem um amigo você pode falar coisas que você gosta, pode discutir assuntos que você gosta, então pra mim ele foi o companheiro, então são 3 coisas aí. Das mulheres de casa nenhuma delas tinha algum envolvimento emocional com o xadrez. Nenhuma delas, nem minha mãe nem minhas duas irmãs. Óbvio que eu sei que elas torciam por mim e no que elas podiam me apoiavam, mas no xadrez mesmo não houve uma participação muito grande. Talvez, pra citar um exemplo, a minha irmã mais velha me ajudava. Era mais porque eu não usava o computador, sabe? Talvez eu tenha sido um dos últimos a usar o computador. O pessoal que tava usando o computador começou a usar no começo dos anos 90, alguns até antes. Assim, as bases de xadrez começaram no final dos anos 80. Eram muito precárias mais existiam e no começo dos anos 90 uma parte considerável já tava usando, em meados dos anos 90 a maioria já tava usando. Nem todo mundo tinha *notebook* ainda porque era muito caro, mas uma parte considerável já tinha. Depois no final dos anos 90 praticamente a maioria dos profissionais já tava usando, eu só comecei em 2005, então bem depois. Eu não sei porque lá em casa ninguém usava computador, eu não tinha muita vontade, eu não tinha vontade de ter *e-mail*. Todo mundo já tinha *e-mail* nos anos 90 e eu não tinha *e-mail*, por exemplo. A minha irmã viu numa entrevista ou numa reportagem que um paranaense – uma figura ilustre lá do xadrez paranaense – tinha falado sobre mim e que ele não entendia o porquê mas que eu era o único profissional que não usava computador. Aí a minha irmã me deu um *notebook*, foi aí que eu comecei a usar computador. Se ela não tivesse me dado talvez eu ia passar mais uns anos aí sem usar até chegar à conclusão que não dava, né? Mas eu já era Mestre Internacional, já tava em um nível bom enquanto a maioria já tinha começado a usar muito antes, né? Então a minha irmã se preocupou com isso, agradeço a ela. Embora emocionalmente eu não tenha recebido um apoio grande delas, de qualquer jeito houve uma preocupação, assim, fora o xadrez, né? Ou seja, se eu tivesse em alguma outra atividade e ela ouvisse algo sobre isso ela também se preocuparia. Ou seja, ela também se preocupava comigo,

mas não necessariamente com o xadrez, entendeu? Não tinha esse retorno emocional da parte das mulheres na minha casa porque elas não desenvolveram o gosto pelo xadrez. Eu acho que você pode torcer e tal, mas se você joga é muito fácil você passar essa vibração. Então pra mim não teve muita vibração da parte delas.

J: Ainda sobre as relações afetivas entre vocês, como é que o seu pai encarou o fato de que os três filhos homens se sobressaíram a ele em termos de desempenho no xadrez?

GM 5: Eu acho que ele ficou feliz porque ele gostava muito de xadrez. Mas ele começou tarde e foi na faculdade, então obviamente que era muito difícil pra ele se tornar um jogador forte, muito forte. Mas ele sempre gostou de ler sobre xadrez, não estudava o jogo em si mas ele lia muita coisa sobre xadrez, ele organizou muita coisa no xadrez. Como eu falei ele foi 2 vezes ou 1 vez presidente da Federação de Xadrez do Paraná, então ele gostava de estar envolvido, né? Então óbvio que pra ele isso aí foi fantástico.

J: Havia expectativa da sua família em relação ao início da sua participação no xadrez?

GM 5: Eu acho que não, não teve... Assim, de chegar a um lugar específico você fala, ganhar títulos, essas coisas. Não sei, acho que não, não senti pressão nenhuma nessa parte. Uma ou outra vez o meu pai fez algum comentário quando eu não fui bem – e talvez não tenha ido mesmo – mas era uma coisa mais emocional da parte dele do que uma cobrança, sabe? A cobrança mesmo foi mínima, sabe? Não foi grande não, dos meus irmãos eu nunca senti nenhuma cobrança da parte deles, nenhuma expectativa. Torcida sim, mas pra mim essa parte aí foi tranquila, eu nunca me senti pressionado. Pode até ter havido alguma mas eu não absorvi aquilo tanto. Tem pessoas que às vezes nem é uma pressão mas elas entendem aquilo como uma pressão, você fala uma coisa e ela já acha que é uma cobrança quando na verdade você não tá tentando pressionar nada, elas já se sentem assim. Eu já não sou muito assim, isso depende um pouco da personalidade e de como a gente absorve essa cobrança. Então talvez tenha havido uma cobrança pequena, não grande. Eu nunca levei uma bronca porque eu perdi uma partida ou fui mal em um torneio. Eu conheço pessoas que foi bem grave o negócio, falando em um termo bem vulgar. Mas no meu caso não, se houve alguma cobrança eu praticamente não absorvi.

J: Praticava outras atividades esportivas ou culturais na infância além do xadrez?

GM 5: Eu gostava muito quando jovem de jogar tênis de mesa. Eu participei de jogos escolares no tênis de mesa mas o meu *rating* lá era bem baixinho [risos]. Mas eu gosto até hoje, eu gosto muito de t nis de mesa. Eu não sou um jogador bom mas eu sempre gostei muito de jogar e até hoje eu vejo jogos de t nis de mesa porque hoje   fácil ver pela *internet*, né? Eu vejo os campeonatos mundiais, os jogos olímpicos, jogadores passados... Eu gosto muito de t nis de mesa, esse seria o meu segundo esporte. E eu gostava de jogar, uma coisa curiosa é que vários jogadores de xadrez jogam. Quando eu convivia ali no clube de xadrez de Ponta Grossa tinha uma mesa de t nis de mesa vizinha ao nosso clube que era um prédio público dividido em “Associa o Pontagrossense de Xadrez” e “Associa o Filat lica” que era uma associa o de colecionadores de selos. Tinha uma mesa de t nis de mesa, eles emprestaram essa mesa pra gente. Nossa!  s vezes a gente passava horas jogando nessa mesa. E eu ia também nos treinos l  da escola, ia jogar e treinar l , o t nis de mesa tinha um treinador. E quando tinham os Jogos Abertos l , assim, o pessoal mais próximo da gente era sempre o pessoal do t nis de mesa, sempre, sempre. E o pessoal do t nis de mesa todos eles sabiam jogar xadrez. Todos eles sabiam, sem exce o, e vários dos jogadores da equipe da cidade que eram jovens iam l  no clube de xadrez jogar xadrez com a gente. Então tinha uma rela o muito grande entre o pessoal do xadrez com o t nis de mesa. Eu não sei se isso era apenas ali na cidade onde eu morava, em Ponta Grossa, ou se isso é geral. Mas curiosamente depois eu fui morar em Blumenau, tinha 17 anos, fui morar por causa do xadrez. Eu saí da casa dos meus pais e foi quando eu adquiri a minha independência, assim. Eu morava em um alojamento pra atletas que era bom, eram quartos duplos, tinha banheiro, tinha tudo. Tinha comida também, era em Blumenau isso. E teve um período que eu morei com um cara do t nis de mesa, era um jogador da equipe de t nis de mesa e ele gostava muito de xadrez, sempre queria jogar xadrez com a gente. Eu lembro que eu morava também com outro jogador de xadrez que era forte e eles jogavam às cegas. E  s vezes até esse jogador ganhava dele, era um bom jogador. O técnico do t nis de mesa era outro que vivia lá pra jogar xadrez com a gente, só que a gente dava 5 por 1 pra ele. Era um *blitz* de 5 minutos contra 1 minuto, a gente ficava com 5 minutos... Ele adorava jogar xadrez, n ? Então em jogos, assim, eu sempre convivi muito com o pessoal do t nis de mesa e eu não sei qual é a rela o mas isso de fato aconteceu. Então pra mim o t nis de mesa foi importante, não me lembro de outras coisas que foram significativas. Eu nunca fui de sair, sempre fui mais retraído, nunca fui de festa ou balada, eu sempre fui mais introspectivo nesse aspecto. Mas no tênis de

mesa eu me sentia bem naquele ambiente, eu gostava. Não joguei futebol, eu sou muito ruim em futebol. Na Educação Física eu não era nenhuma referência em nada ao não ser no tênis de mesa que em uma época ali eu era o melhor na minha idade. Eram divididos em categorias os jogos e aí eu participava, em uma ou outra vez eu fui o melhor mas isso não quer dizer que eu jogasse bem não, eu acho que a escola tinha uma equipe ruim. Mas eu gostava, eu praticava, então eu diria assim que significativo mesmo foi o tênis de mesa quando eu era criança. Eu nunca fui muito de ver televisão, *videogame* eu nunca joguei, o *videogame* que eu conheço é jogar na *internet* xadrez [risos]. Pra mim é o que eu considero *videogame*, jogar o 1 minuto por 1, o *1 minute* que eles chamam. Mas nunca joguei *videogame*, não me lembro de ter tido outra coisa significativa. Pode ter tido uma ou outra coisa pontualmente, mas nada significativo. O que eu diria mesmo de significativo foi o tênis de mesa como outra atividade. Obviamente que depois quando eu saí da escola... Hoje eu corro, a minha média é de correr 5 quilômetros por dia, eu faço todo dia enquanto tô em São Paulo. Aqui mesmo no torneio eu tô fazendo também, sempre faço nos torneios também. Não digo que sejam todos, tem dia que chove e coisa assim que não dá, mas a minha média é de ir 6 vezes por semana e fazer uma média de 5 quilômetros por dia. Essa aí seria a atividade física que eu faço mas eu já participei de maratonas também, corri a São Silvestre. Eu sou muito ruim também em corrida comparativamente, mas eu gosto de participar às vezes dessas competições, dessas corridas de rua para o grande público. Eu já corri 42 quilômetros, né? E hoje eu tenho outras coisas, eu gosto muito de ir no cinema. Mas isso hoje, né? A minha média é ir umas 3 vezes por semana. Eu gosto de ler também, mas ler é muito de fases, né? Às vezes tem época que eu leio, tem época que eu não leio, que estudo xadrez. Eu tento fazer outras coisas, assim, mas aí eu tô contando como atividade mesmo. Eu não tô contando sair com os amigos, isso é outra história. Mas isso é hoje, tá?

J: A escolha do seu curso superior, mesmo que feito por pouco tempo, teve alguma relação com o xadrez?

GM 5: Acho que não, não teve não. Eu não vi relação entre o Jornalismo e o xadrez não, eu apenas queria ter... Se eu fosse fazer outra coisa, uma coisa que fosse mais conivente com o meu estilo de vida, eu não queria que fosse uma coisa muito rotineira porque como eu já falei antes eu não gosto muito dessa rotina. Não me vejo, por exemplo, trabalhando em uma empresa ou em um banco. E se eu fosse jornalista provavelmente eu seria *freelancer*, né? E também o Jornalismo estuda algumas matérias que eu acho

interessantes mesmo que eu não viesse a fazer nada com o Jornalismo como profissão, tem que ler bastante. Na época eu pensava assim, hoje eu já acharia que não tem quase nada a ver comigo, engraçado né? É que hoje eu tenho uma visão diferente do Jornalismo, na época era uma visão mais... É porque também eu tenho que confessar pra você que quando eu entrei na universidade não foi logo depois que eu saí do Ensino Médio, quando entrei eu já tinha 34 anos. A maioria do pessoal ali tinha metade da minha idade, eles tinham 17. O cara mais velho depois de mim era um cara que tinha 24 e ele já tinha feito um curso superior de Filosofia, tava no segundo curso superior dele. Então, assim, é uma coisa atípica, né? Eu já jogava xadrez, já era profissional de xadrez há muito tempo, há muitos anos e fui lá ver como é que era. Mas eu queria, em princípio, dar continuidade. Era uma ideia que eu tinha, mesmo que eu não viesse a ser um jornalista eu queria estudar, queria fazer alguma coisa, queria aprender outras coisas. Na verdade quando eu saí do Ensino Médio eu não tentei entrar em uma universidade, simplesmente não fiz... Eu já não morava com os meus pais, também não sofri pressão nesse aspecto, o que seria um ponto importante, né? Ninguém tava me obrigando a fazer um curso superior ou não. Pra uma parte existe uma certa pressão dos pais pra fazer o curso superior – eu sei que tem Grandes Mestres que passaram por essas situações – mas no meu caso não. Até eu tentar entrar em uma universidade levou uns 2 anos, eu terminei o Ensino Médio em 88 e fui fazer o vestibular em 91, uns 2 ou 3 anos depois. E eu fiz o vestibular e ia estudar uma coisa que não tem nada a ver comigo, ia estudar Informática. Curiosamente era uma bobagem porque eu passei tanto tempo sem computador, sem me interessar por computador, né? Mas esse aí eu fiz o vestibular mas não queria entrar, eu fiz pra ter uma opção só mas a minha ideia intimamente não era prestar não. Eu fiz o vestibular e passei, ia fazer lá na Universidade Federal do Paraná. E o curioso é que nesse período todo que eu fui fazer vestibular já tinha se passado um bom tempo desse processo de escola e eu não lembrava quase nada. Na escola eu acho que aprendi pouco, eu saí completamente ignorante. Eu estudei sozinho, eu acho que um aspecto do xadrez é esse, ele ajuda muito você a estudar outras matérias sozinho. Eu acho até que essa é uma coisa que poderia ser levada para dar essa ênfase e justificar o xadrez nas escolas, né? Isso ajuda as pessoas a estudarem sozinhas, criar uma certa independência ali. Eu acho pelo menos, comigo foi assim. Quer dizer, eu acho que o xadrez ajudou nisso, embora naturalmente eu gostasse de estudar sozinho. Várias coisas que não tinham nada a ver eu estudava, se tinha uma enciclopédia ali eu olhava mesmo em coisas que não tinham nada a ver comigo. E às vezes na escola eu me adiantava, eu

lia o livro antes do professor falar. Então é difícil dizer o que é que veio primeiro, ou eu já tenho uma pré-disposição pra isso ou o xadrez ajudou nisso. Eu acho que as duas coisas, sabe? As duas coisas, eu já tinha uma pré-disposição mas o xadrez com certeza fez evoluir essa pré-disposição. Mas isso aí já fugiu totalmente do nosso assunto.

J: Imagina, é totalmente pertinente. Ainda sobre essa questão de ter sido autodidata, como o senhor percebeu a ausência de um treinador durante os anos iniciais no xadrez?

GM 5: Então, isso aí é uma coisa interessante porque na época que eu comecei – isso nos anos 80 – quase não existia treinamento de xadrez no Brasil, quase não existia treinador, era muito pouco. Era mais em São Paulo mas mesmo assim era pouco, lá no Paraná quase não tinha. Essa profissão de treinador quase que não existia, eram muito poucos, assim. Só nos grandes centros, né? Então a gente foi obrigado a ser autodidata e não foi só eu, foi toda uma geração eu acho. A gente podia receber algumas informações mas nunca uma aula regular, eu nunca recebi uma aula regular de xadrez. E se você pegar alguns Grandes Mestres do passado talvez alguns deles também não, não sei. Eu sei que o GM 6 teve uma ajuda, mas eu não sei como que era isso, sabe? Eu recebi alguma ajuda também de pessoas que sabiam mais xadrez do que eu. Para citar, do Justo Chemin que era de Ponta Grossa e que foi 4 vezes Campeão Paranaense, ele era uma referência no Paraná. Então eu aprendi várias coisas com ele sim, umas coisas conceituais. Mas não era regular, eu jogava algumas vezes com ele *blitz* e às vezes ele falava algumas coisas legais que eu captava mas nunca regular, de forma regular. Então inicialmente eu vou dizer – e já falei isso no outro trecho também – que eu tinha 2 livros de xadrez em casa no comecinho, né? Lá pros 8, 9, 10 anos de idade. O do Alekhine era excepcional mas eu não entendi nada, o outro do Idel Becker era bem facinho, o “Aberturas e Armadilhas no Xadrez”, esse aí pra mim foi muito bom na época e até hoje eu acho. Esse aí me ajudou, eu ia jogar lá no clube de xadrez de Ponta Grossa e aplicava algumas coisinhas, era legal porque eu lembro que tinha uma aplicação prática. Depois passou um tempo e eu ganhei um livro por conta de um Campeonato Brasileiro Infantil que eu joguei. Foi o primeiro Campeonato Brasileiro Infantil que teve e como eu também já citei no outro trecho foi o primeiro torneio importante que eu joguei, primeiro o Paranaense e depois o Brasileiro. A gente ganhou nesse torneio aí um livro que eu lembro até hoje que era o “O Ataque e a Defesa no Xadrez” do Hans Müller, eu li esse livro inteirinho e achei fantástico na época, assim. Tinham vários sacrifícios, eu jogava *blitz* lá no clube e aplicava essas coisas, sabe? Alguns torneios infantis davam

livros de xadrez na época, eu acho essa ideia fantástica, fantástica. Quando eu era criança eventualmente algumas vezes eu ganhei dinheiro, sempre pouco mas ganhei. Mas no final da história esses livros contaram muito mais porque eles agregaram, né? O dinheiro não agregou e é a razão pela qual eu não vejo sentido em você premiar com dinheiro as crianças, você pode pegar aquele dinheiro e comprar vários livros pra ele ou programas de xadrez. Dinheiro não vai ajudar a criança ou pode até ser que ajude, mas no geral é mais construtivo dar alguma coisa que incremente o xadrez. E essas prendas pra mim também foram interessantes porque depois de ganhar esse livro eu acho que já via o xadrez de uma forma mais dinâmica e não materialista totalmente. Eu conseguia aplicar isso na prática, me lembro até hoje desse livro aí. É o Hans Müller o autor, “Ataque e Defesa no Xadrez”, tinha um monte de diagramas ali, partidas.

J: Eu gostaria de perguntar se o senhor prefere jantar antes, fazer uma pausa?

GM 5: Ah não, podemos seguir.

J: O senhor foi aquele que, entre todos os Grandes Mestres brasileiros, apresentou o maior intervalo de tempo até a conquista do título. Como vivenciou todo esse período?

GM 5: Então, aí são duas coisas. Eu realmente demorei pra chegar desde Mestre Internacional aos 25 anos até Grande Mestre aos 40, foram 15 anos de intervalo. Então são duas coisas, a primeira é que antes era mais difícil chegar a Grande Mestre, menos pessoas chegavam. Eu não sei se tecnicamente era mais difícil chegar a Grande Mestre, mas havia menos torneios. Mas comparativamente, fazendo uma relação com o pessoal da minha geração... Da minha geração mesmo não tem nenhum, engraçado isso. Tem uma geração anterior à minha e depois uma posterior. Vou pegar o primeiro, o GM 6. O GM 6 é fora da curva, totalmente fora da curva. O GM 6 não é referência porque ele tá muito acima, o talento dele é muito acima de qualquer outro. Se pegar todos nós 12 ele tem mais talento do que todos nós juntos. Então ele não é referência, ele chegou a Grande Mestre eu acho que com 19 ou 20 anos, alguma coisa assim. E muito cedo porque naquela época ele era o 2º ou talvez o 3º Grande Mestre mais jovem da história. Hoje essa faixa de idade já passou pra 12 anos, né? Hoje o Grande Mestre mais jovem da história é o Karjakin com 12 anos e isso pra você ver como havia dificuldade naquela época. Mas o GM 6 é consideravelmente anterior a mim, deve ter uma diferença aí de uns 18 anos. Depois o segundo Grande Mestre foi o GM 7, né? O GM 7 chegou a Mestre nos anos 70, eu acho. E ele chegou a Grande Mestre acho que foi em 85,



também levou um período considerável. O GM 7 foi um caso que foi morar na Europa, ele ficou 5 anos na Europa jogando todos os torneios bons de lá. E pra você ter uma ideia de como foi difícil ser Grande Mestre ele chegou a estar nos 100 do mundo e não era Grande Mestre. Hoje em dia nós não temos nenhum brasileiro entre os 100 do mundo, desses 12 aí nenhum de nós estamos entre os 100 do mundo. Nem o Julio Granda agora está entre os 100 do mundo que a gente considera o rei da América do Sul, nem ele tá. Então você vê como pra ele foi difícil, ele ficou 5 anos... Ele era talentoso, tinha todas as condições, condições materiais porque ele tinha patrocínios, né? Ele conseguiu se manter 5 anos na Europa, jogava bem, chegava a estar entre os 100 do mundo e não era Grande Mestre. Então pra você ver como era difícil pra chegar a Grande Mestre na época. Depois veio o GM 3, o GM 3 desde cedo jogou bem também, foi Vice-campeão Brasileiro Absoluto com 16 anos, chegou a Mestre Internacional eu acho que com uns 18 e a Grande Mestre ele levou um tempo também, chegou em 88. Não como eu porque ele levou a metade do meu tempo, mas o que eu quero dizer é que eu não posso me comparar com esses, eles chegaram aos 100 do mundo e eu não cheguei nem perto disso. O GM 3 chegou a ser 36º, eu não cheguei nem perto e só tô dizendo isso pra você ver como era a dificuldade de se chegar na época. O GM 3 jogou muitos torneios, foi Campeão Sul-Americano e não era Grande Mestre ainda, teve um período que ele era o melhor jogador sul-americano e não tinha o título de Grande Mestre. Então isso aí eu tô falando apenas para dizer sobre a dificuldade que foi para o pessoal anterior que chegou antes de mim. O GM 10 foi jogar vários torneios fora também, ele chegou acho que com 38, levou mais ou menos um tempo pra chegar também. Esses aí são os anteriores, depois desses tiveram 3 jogadores excepcionais. O GM 12 e o GM 11 chegaram juntos em 98, chegaram rápido esses aí... Eles estão muito em cima da curva também, o GM 11 foi 2 vezes Campeão Mundial por categorias e o GM 12 foi Vice-campeão Mundial por categoria também. Depois veio o GM 8 que também foi Vice-campeão Mundial por categoria. Então esse pessoal tem muito mais talento do que eu, sabe? Era mais difícil e eu via que esse pessoal que foi anterior a mim tinha mais talento do que eu e possivelmente mais esforço do que eu tenho [risos]. Depois vem a geração mais nova, a gente veio praticamente junto. Eu vim junto com o GM 1, com o GM 2 e com o GM 9. A gente veio em um período ali de 2 anos e ao invés de eu ser o primeiro a puxar a fila eu fui o último [risos]. Depois levou mais de 5 anos até chegar o GM 4. Isso pra você ver que não é tão simples assim. Então você tem que contar a facilidade que as pessoas têm, contar o esforço que as pessoas fizeram e o

período que as pessoas viveram. Hoje em dia o pessoal tá chegando a Grande Mestre muito mais cedo e os recursos pra você aprender xadrez se dão muito mais cedo também. Como eu falei, na minha época era muito difícil ter acesso à informação e hoje esse acesso é muito fácil, você tem mais torneios, na época era difícil ter torneios. Mas, assim, pra mim especificamente falando, talvez eu pudesse ter chego antes, possivelmente. Eu acho que faltou tudo um pouco, faltou foco, eu tinha que ter me esforçado mais, eu tinha que ter tido mais condições, eu diria que faltou de tudo um pouco, sabe? Mas muito provavelmente teria chegado antes se eu tivesse me esforçado mais, focado mais. Eu diria que eu só me senti com força de Grande Mestre a partir de 2007 e eu consegui o título em 2010, né? Antes disso com certeza eu não tinha força, então talvez o que a gente deva contar aí é o intervalo entre esse período que eu senti que tinha força até eu chegar. E aí eu diria que foram 3 anos porque eu ainda tava evoluindo até chegar ali, né? O sentimento é difícil porque eu nunca tive muito o foco de resultado, eu não tinha colocado que esse era o objetivo prioritário da minha vida, não coloquei.

[Interrupção].

J: Bom, nós havíamos comentado sobre esse período que o senhor levou pra alcançar o título de Grande Mestre. Conversávamos também sobre uma questão de gerações e de diferenças de condições entre cada uma delas. Há mais algo que o senhor queira acrescentar sobre estas considerações?

GM 5: Como dizia eu acho que são duas coisas, a primeira são as condições gerais e a outra seria o caso específico, né? A geração anterior a minha teve mais dificuldade do que a geração atual, talvez menos do que eu mas mesmo assim grande dificuldade. Então tem esse fator que era muito mais difícil você chegar a Grande Mestre e o outro seria sobre como é que você conduziu o barco. Eu acho que alguns jogadores do Brasil que não chegaram até Grande Mestre, inclusive, se vivessem em uma outra época teriam conseguido chegar. Chegar até Grande Mestre é sempre difícil, mas aparentemente hoje é muito mais fácil melhorar em xadrez e chegar até esse nível, jogar os torneios e tal. Isso aí não tira essa questão do esforço e do foco que, no meu caso, é certo que eu poderia ter dado mais do que eu dei. Então por que eu levei tanto tempo, né? Foram duas coisas, era consideravelmente mais difícil na época e também por culpa

minha mesmo. Culpa não, responsabilidade minha, eu poderia ter colocado mais gás antes.

J: Haviam outras atividades com as quais o senhor compartilhava esse foco?

GM 5: Não, eu sempre dei aula de xadrez, mas também sempre trabalhei só com xadrez. Então não havia outra atividade, assim, que eu era obrigado a cumprir um expediente ou que eu tinha uma outra responsabilidade ao não ser o xadrez. É que especificamente eu nunca fui muito focado, parece que não faz muito parte da minha filosofia. É como se esse processo não funcionasse muito pra mim.

J: Focar no alto rendimento?

GM 5: Não, focar em... É, seria mais ou menos isso, focar em alguma coisa mais especificamente, sabe? Nunca foi o meu forte essa de você chegar a uma coisa e dar o máximo por um período prolongado. Já dei o meu máximo, né? Mas não foi por um período tão prolongado, foram 3 anos, enfim. Eu nunca fiz isso, nunca consegui fazer isso de colocar como prioridade absoluta. Mas aí tem a questão da personalidade de cada um que eu acho que conta, tem várias coisas. A motivação inerente de cada um eu acho que conta, tem vários fatores que você pode acelerar ou pode retardar. O meu processo não foi um processo acelerado, com certeza. Foi o menos acelerado de todos.

J: Poderíamos entender essa conquista como consequência de um processo?

GM 5: É, é engraçado, né? É exatamente isso, pra mim foi como se fosse um processo natural, eu não forcei o negócio. Eu me dediquei mas não coloquei aquela coisa que “isso aqui é a prioridade absoluta da minha vida”, é uma coisa que eu não coloquei mesmo. Eu sempre estudei xadrez mas quando tava fazendo isso eu não pensava que eu tava fazendo aquilo pra chegar a Grande Mestre, sabe? Eu acho que não teve um dia que eu abri um livro de xadrez pensando que aquele era um processo para que um dia eu chegasse a Grande Mestre. Aquele estudo era pra mim pra melhorar no xadrez, pra eu compreender o xadrez, não era alguma coisa que eu tava pensando em fazer para chegar a Grande Mestre com aquele estudo. O estudo tinha outro sentido, a aprendizagem tinha outro sentido pra mim. É óbvio que eu queria chegar a Grande Mestre, mas eu queria por razões práticas, né? Eu não via que aquilo seria interno a mim, seria uma coisa... Como é que eu poderia dizer... Que houvesse sentido nas coisas, não era o sentido pra

mim, sabe? O sentido pra mim era evoluir no xadrez, o sentido último não era chegar a Grande Mestre.

J: E como é que foi esse processo de compreensão do xadrez pra ti?

GM 5: Era esse o sentido, em princípio era esse o sentido. Entender as coisas, entender os processos do xadrez, eu acho que esse pra mim era o sentido principal e continua sendo. E tem a ver também com a realização, eu sinto mais realização com as partidas do que com os títulos. Uma parte considerável dos torneios que eu ganhei não me causou satisfação, mas tem partidas específicas que eu senti muita satisfação. É como se o fim último pra mim não fosse o resultado internamente, sabe? Eu queria desempenhar bem a coisa, mas o resultado final... O processo seria mais importante que o resultado final. É como se fosse eu estar em uma viagem e o mais importante ser a viagem em si, não aonde você chegou. Tem que ser bom aquele processo pra mim, os fins não justificam os meios. O meio, o processo é fundamental. É porque, assim, a filosofia padrão que a gente tem é mais utilitarista, você tem um fim muito específico nessa filosofia padrão e mais utilitária, isso é uma coisa que eu não tenho muito. Pra mim o processo é mais importante, a satisfação desse processo. Então é por isso que eu sinto mais satisfação quando as minhas ideias são boas e quando as partidas são boas do que quando eu ganho um torneio. Aliás, eu ganhei esses dias atrás o torneio em Brasília, o primeiro que teve no ano e eu não senti nada, sabe? Ganhar mais um torneio não me causa nenhuma satisfação, assim. Tiveram vários torneios que eu não ganhei mas que fiquei muito feliz porque eu tinha feito boas partidas e não necessariamente tinha ganho essas partidas.

J: Considera-se um profissional do xadrez?

GM 5: Totalmente, né? É o meu modo de vida, eu só ganho dinheiro jogando xadrez, não ganho dinheiro jogando outra coisa. Sobrevivo disso, né? Sou totalmente e exclusivamente xadrez. Agora não só de jogar, né? Eu me considero um treinador, aliás, agora a maioria de nós é treinador. O profissionalismo mesmo de viver só jogando xadrez praticamente acabou aqui no Brasil, eu só conheço o GM 8 que só joga xadrez.

J: E a partir de quando o senhor começou a sentir esse profissionalismo?

GM 5: Depois que você termina ali o Ensino Médio todo jovem tem aquele dilema do que é que vai fazer da vida. Então basicamente começou ali o processo, eu não era mais

estudante e tinha que escolher se eu ia continuar estudando pra ter uma profissão ou não. Então eu poderia dizer que eu sou profissional desde quando eu terminei o Ensino Médio, posso dizer isso porque eu também já era autossuficiente, né? Eu não dependia mais dos meus pais, fui morar sozinho e já não recebia dinheiro deles. Então eu diria que nessa acepção desde os 17 anos eu fui um profissional de xadrez porque nesse processo dos 17 aos 18 anos eu já tinha terminado o Ensino Médio e já me autossustentava. Desde os 18 anos eu me considero um profissional, antes disso eu posso ter ganho algum dinheiro com o xadrez mas aí eu era estudante. Eu considero estudante porque ali eu potencialmente ainda tava desenvolvendo uma atividade que poderia me trazer outra profissão. Eu não tinha claro o que eu iria fazer, eu não ficava pensando “vou ser um profissional de xadrez ou não vou ser um profissional de xadrez”, simplesmente eu jogava xadrez e estudava junto com a escola. Depois disso você tem aquele processo de decidir o que você vai fazer e aí sim eu decidi que eu ia jogar xadrez. Mas eu nunca necessariamente fiquei pensando que eu ia ser sempre um profissional de xadrez. Eu só pensei “não vou estudar esse ano”, eu podia tomar essa decisão sozinho sem interferência externa da minha família porque os meus pais não me pressionaram e porque eu já estava nesse processo de ser autossuficiente. Então eu me sentia no direito também de tomar essa decisão, os meus pais não me pressionaram em nada sobre isso, eles me deixaram escolher o que eu ia fazer como normalmente foi na minha vida toda, eu não tive pressões pra decidir o que eu ia ou não ia fazer. Os meus pais foram liberais plenos nesse aspecto e eu também não senti que os meus irmãos tivessem essa pressão, cada um seguiu mais ou menos o que queria fazer. Mas eu não tinha essa noção clara, quando eu terminei o Ensino Médio eu tava morando em Blumenau e tinha casa, comida e roupa pra lavar lá, ganhava o meu salário e jogava os torneios. Mas eu não tinha essa noção sobre o que é que eu ia fazer depois e aí foi passando o tempo, eu gostei do processo de viver de xadrez, de só estar fazendo exclusivamente isso. Eu gostei do processo, gostei da maneira de se viver: eu podia jogar os torneios, podia me dedicar àquilo que eu tava gostando. Passaram uns anos e tal e depois em 1990 eu voltei a morar com os meus pais. Fiquei 1 ano com eles, esse ano foi ruim pelo processo de volta, depois que eu já tinha a minha independência voltar não foi bom. Essa volta durou 1 ano, eu saí de casa em 88 e voltei em 90, fiquei até 91. Esse processo foi ruim também porque eu tinha saído da equipe e não tinha conseguido outra equipe, então basicamente eu perdi aquela autonomia que eu tive. Perder essa autonomia foi muito ruim emocionalmente, não é que os meus pais tivessem

pressionando sobre isso, era uma coisa interna minha, eu queria ser responsável por mim mesmo e pelas minhas decisões. Então eu fiquei perdido, eu não sabia mais o que fazer, fiquei absolutamente perdido. Aí em 91 eu fiz o vestibular pra estudar Informática em uma universidade federal e passei. Meus pais moram em Maringá e isso aí era em Curitiba, eu ia ter que mudar pra lá nunca pude contar com o apoio financeiro dos meus pais. Os outros todos eu tive, mas meus pais não tinham muitas condições de fazer isso. Inclusive, como muitos sabem, eu recebia verbas da prefeitura. Então em 90 foi um período ruim e no começo de 91 abriu essa porta, eu podia ir pra universidade mas também teria que fazer esse deslocamento que não era tão fácil pra mim porque eu não tinha condições naquele momento. Podia tentar criar condições, mas naquele momento não tinha e aí eu não fui. Na época eles tinham instaurado um regulamento que você tinha que fazer pelo menos um período pra poder trancar, você não podia iniciar e trancar. Naquele ano eles tinham implantado a opção de começar no 1º ou no 2º semestre e eu fiz essa opção de começar no 2º semestre. Só que nesse período eu recebi uma proposta de emprego relacionado ao xadrez, tinha 20 anos nessa época. Era lá em Joinville, era um cargo de coordenador técnico e jogador que reunia condições boas, muito boas pra mim na época, né? Então eu podia voltar a ter a minha autonomia e tal mas tinha que morar lá em Joinville e prontamente eu aceitei isso. Um pouquinho antes de quando era pra eu dar entrada na universidade recebi essa proposta e não tive dúvidas: pensei “vou morar em Joinville, vou assumir o cargo, vou trabalhar com o xadrez lá e a faculdade que se dane [risos]”. Larguei, aliás lá nem comecei, na USP pelo menos eu comecei. Hoje eu tenho, mas até pouco tempo atrás eu não tinha essa noção de que seria só enxadrista pra sempre. Quando eu fui lá pra Joinville eu tinha saído da minha casa e voltei a ser... Eu diria que no ano de 1990 eu não era nada, eu não era estudante, não era profissional de xadrez, estava vivendo na casa dos meus pais, sabe? Depois eu voltei a ser profissional de xadrez em 91, então tem esse ponto que eu chamo de ponto cego na minha vida, esse ano de 1990. É claro que os meus pais ficaram preocupados mas eles não me cobraram, não houve “ah, você tem que fazer isso ou você tem que fazer aquilo”, não houve. E aí eu tive essa sorte de ter recebido essa proposta em 91 que era boa e que eu podia voltar a ter o meu sustento e tal. Aí eu fui e lá continuei, essa ideia de que eu ia entrar numa universidade e fazer uma outra coisa foi desaparecendo naturalmente, assim. Eu não tinha essa noção de que “vou ser profissional do xadrez pro resto da minha vida”, mas com o tempo eu fui ficando e as coisas foram se ajeitando, sabe? Foram se ajeitando, se ajeitando... Foram melhorando,

nesse ano que eu mudei pra Joinville, em 91, eu fui Campeão Brasileiro Absoluto, o que já deu um incremento a mais pra mim, pro meu currículo, pro meu ânimo. Depois passaram-se uns anos e em 96 eu cheguei a Mestre Internacional, o que também foi um *upgrade* aí. E depois essa ideia de que eu ia fazer outra coisa eu não fui pensando muito, ela foi dissipando até 2005 quando eu fiz de novo o vestibular e passei, foi aí que eu fui voltar a pensar que eu podia fazer outras coisas. Eu sempre tive essa noção de que eu vou ficar no xadrez até morrer talvez, mas a noção de que eu iria viver de xadrez é que nunca foi muito clara. Hoje ela é clara pra mim, eu não vou fazer outras coisas, mas até um determinado período eu achei que eu podia fazer outras coisas. Não que eu ia deixar de jogar xadrez, mas que eventualmente eu podia ter outra profissão. Depois de 2005 quando eu fui pra USP e fiquei 1 mês por lá essa noção de que eu seria um profissional de xadrez pro resto da minha vida foi ganhando uma força tremenda porque aí eu vi que esse processo não é mais pra mim, que eu não ia conseguir mais passar por esse processo, que não encaixa mais pra mim, que eu não consigo mais me encaixar nesse esquema. Eu diria que essa noção de que eu vou ser um profissional de xadrez a minha vida toda tenha vindo depois disso, quando eu já tinha uns 35 anos. Antes disso eu ainda pensava que poderia fazer outras coisas. É interessante, né? Porque hoje as coisas são muito mais pré-determinadas, né? Assim, em termos de profissão, você já quer ali pré-determinar antes de você terminar o Ensino Médio o que é que você vai fazer e as pessoas não sabem direito o que é que vão fazer, são jovens... Se até os 35 eu ainda não tinha certeza se eu seria um profissional – isso porque eu amo o xadrez – imagina se eu fosse mais jovem. Tá, cada um tem a sua peculiaridade, mas por mais que você se identifique por uma coisa e tal, às vezes não é claro se é ela o que você vai fazer pro resto da sua vida. O resto da vida é uma distância muito longe, muito, muito longe. Então eu diria que aquela noção de “não, não tem faculdade e nada, vou trabalhar com xadrez” parece que só agora eu tenho. Não necessariamente só jogando xadrez, mas trabalhando com isso.

J: O senhor considera a sua trajetória esportiva bem-sucedida?

GM 5: Em termos, ela é bem-sucedida e não é também, sabe? Ela é bem-sucedida no sentido de que eu acho que atingi um nível que eu considero muito bom de conseguir, mas eu sinto também que poderia ter ido melhor, poderia ter chego mais longe. Então é um sentimento misto e não é nem pela posição que eu ocupo não, não é isso. Eu podia estar até em uma posição pior, mesmo assim eu acho que o meu máximo não foi dado.

[Interrupção].

J: Nós falávamos então sobre se o senhor considerava a sua trajetória bem-sucedida...

GM 5: Então, em termos, bem e não também. Podia ter sido melhor mas podia ter sido pior também, eu sinto que eu podia não ter chego a Grande Mestre, tenho claro que eu poderia não ter chego. Assim, eu vejo várias pessoas que dizem “esse cara não tem como não chegar”, “ele vai chegar e ele chegou”, né? No meu caso eu senti que eu podia não chegar em vários momentos, então nesse aspecto ela é bem-sucedida porque poderia ter sido pior. Mas eu também acho que eu podia ter chego mais longe, então é um sentimento misto, assim.

J: O que seriam essas coisas que fariam o senhor não chegar?

GM 5: Eu poderia não ter tido os resultados suficientes pra fazer as normas, as coisas poderiam ter dado errado. Tem que fazer as 3 normas, né? Na verdade eu fiz 4, mas em determinadas circunstâncias eu poderia não ter feito essas normas, poderia ter desanimado, poderia não ter chegado também. Essa é uma coisa engraçada, né? Como é que eu me sentiria hoje, né? Me sentiria fracassado e tal? Muito difícil dizer também porque eu não tive essa experiência. Quando eu não era Grande Mestre e tava perto de chegar a ser às vezes eu ficava com esse sentimento de “puxa, não sou Grande Mestre”, mas às vezes não e não era constante, era uma coisa mais pontual, sabe? Às vezes pra mim tava perfeito não ser Grande Mestre, tava me sentindo muito bem jogando xadrez, tava gostando do meu jogo. E outras vezes não, outras vezes eu pensava “puxa, não sou Grande Mestre”. Porque são duas coisas pra você chegar a Grande Mestre, a primeira é essa questão pessoal e a outra é uma questão prática, né? Se as condições são as melhores, se você tem um ganho financeiro, enfim. São dois sentimentos e esse não é um sentimento só, eu tenho o fracasso mas o sucesso também. E é engraçado porque essa sensação eu tenho ainda hoje mesmo sendo Grande Mestre. Nesse torneio, por exemplo, eu sinto que eu tô um fracasso, né? E não é nem pelos pontos que eu tô fazendo, é pela forma com que eu tô jogando. Tem outras fases que eu tô me sentindo um super sucesso, a impressão é que não falta mais nada no xadrez pra mim. Não em outras coisas, só no xadrez. A sensação é de que eu não precisava de mais nada porque aquilo tava super bom pra mim, ela tá muito relacionada àquele momento em que você tá jogando as partidas e não necessariamente você tá ganhando as coisas. Era isso o que eu tava falando sobre o sentimento de realização ou não por mérito, ele não é



necessariamente pelo resultado. E esse sentimento tem uma carga interna que é variável pra cada um, né? Pra mim ela teve alguns momentos, não sempre. E tem uma certa cobrança externa também, depois que eu cheguei em um nível bom as pessoas vinham falar comigo “por que é que você não é Grande Mestre ainda”, né? Eu não tenho uma personalidade que me leva a ser muito afetado por isso, mas de alguma forma afeta um pouco sim. Eu ficava pensando “puxa, mas essas pessoas não me conhecem direito e tão falando isso, as pessoas não sabem a dificuldade que o outro tem, quais os problemas que o outro tem”... Eu não ficava falando isso mas ficava pensando “será que as pessoas acham que é fácil chegar ou acham que eu tenho um super talento que talvez eu não tenha ou que eu tenha tais condições que eu não tenho?”. Então essa coisa externa em alguns momentos... Eu não sou muito de me incomodar, mas em alguns momentos isso aí me incomodou. E a questão interna ela foi variável, não é tão fácil explicar, são fases que sim e fases que não. Por exemplo, quando a fase era ruim, quando as ideias não estavam fluindo, quando o xadrez não estava andando, isso me afetava mais. Quando as coisas estavam fluindo, quando as ideias estavam fluindo ser Grande Mestre ou não ser Grande Mestre pra mim... Esse sentimento interno, não o prático, financeiro. Eu estava realizado e não precisava ter mais que aquilo, era uma realização plena, sabe?

J: Imagine uma balança, haveria o equilíbrio em considerá-la bem-sucedida ou não, ela penderia mais pra um ou outro lado?

GM 5: Ah, eu acho que mais pro lado positivo, com certeza mais pro lado positivo. E não é nem pelo fato do título não, é pelo fato da realização que eu falo, sabe? De uma forma geral eu gosto da forma como eu jogo, é claro que em determinados períodos eu não gosto, acho que eu estou jogando mal. Mas de uma forma geral eu gosto, gosto da forma como eu penso, isso me realiza e independe do título de Grande Mestre. Esse peso do título é ele mesmo o que eu não entendi direito, sabe? É uma coisa engraçada, às vezes eu me pego pensando “e se eu não tivesse o título, o que é que eu estaria pensando de mim mesmo”, sabe? Às vezes eu não consigo chegar a uma conclusão sobre se eu estaria me sentindo um fracassado ou não. É engraçado, sabe? É como se o título não fosse o fim em si mesmo, o fim em si mesmo é outro.

J: Seria o processo?

GM 5: É, o processo. Então é como eu te falei, se eu tivesse jogando bem, se eu sentisse que eu tava jogando bem e que com aquilo eu tava me sentindo realizado, ter ou não o

título talvez não fizesse diferença. Engraçado, né? Muitas vezes eu nem lembro que eu tenho o título [risos]. “Tem o título?”, ah, “tenho”, mas e daí, sabe? Talvez essa seja a alma do artista, né? Porque como que a gente vai definir o xadrez? É esporte? Em princípio é esporte, é competição, se eu tô aqui é pra ganhar, né? Mas e internamente, o que é que a gente acha? O que é no nosso íntimo mesmo, como é que a gente sente o xadrez? Aí eu não sei se é esse aspecto competitivo que mais me motiva, acho que seria esse aspecto da criação das partidas, assim, da realização ali dos planos e das ideias. Isso tem mais a ver com a elaboração de ideias e aí seria mais uma realização artística.

J: No começo da nossa conversa o senhor comentou sobre uma mescla entre pré-disposições e esforço para a obtenção do sucesso no xadrez. Como é que essas pré-disposições se originariam?

GM 5: Ah, isso aí é uma coisa que eu não entendo muita. Como eu te falei eu não estudei a construção da personalidade das pessoas, eu não sei o quanto se deve a isso e tal. Mas eu tenho a impressão de que há uma parte que você já nasce com isso e há outra parte que você vai desenvolvendo, são as duas coisas. Uma é a que você já nasce, é a impressão que eu tenho. Tem o talento do Magnus Carlsen, do Capablanca... Mas obviamente você pode estimular esse talento e isso é fundamental, um talento que não é estimulado não vai evoluir. Isso é algo interessante porque eu acho que se as crianças forem expostas a várias coisas talvez isso as ajude em sua formação, a irem se descobrindo. Eu acho que tem gente que tem talento pra algumas coisas mas nunca na vida vai saber que tem aquele talento porque não foi exposta àquilo. Então existe o talento nato que nasceu com você e existem as formas de você estimular esse talento. Então são duas coisas determinantes, agora o talento que não foi estimulado não vai se desenvolver, né? O quanto a gente tem de talento é relativo, uma pessoa muito talentosa como é o caso do GM 6 que é quem eu mais acredito ter tido... Isso mais em relação aos outros, né? Vamos ver se a gente avalia, o cara tem um super talento e é o mais talentoso de todos. Eu acho que o talento é muito bom, ele é muito bom, mas eu tenho muito mais talento do que outros enxadristas e não entre os Grandes Mestres, destes eu acho que sou o menos talentoso. Comparativamente com o grosso dos enxadristas que não são Grandes Mestres eu sou muito talentoso, comparativamente com os Grandes Mestres eu sou pouco talentoso, sabe? Mas eu acho que – obviamente eu tenho talento pra ser Grande Mestre – eu poderia ter um pouco menos de talento e possivelmente ter chego mais longe se eu tivesse outras qualidades como foco, essas coisas. Então

certamente foi um talento suficiente, mas comparativamente com os Grandes Mestres eu me considero um dos menos talentosos.

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 5: Que interessante! No enxadrista, em si? A essência né, você fala? Eu não sei se mudou, eu acho que não mudou muita coisa, sabe? A essência, a realização, assim, o que é que me deixa mais feliz no xadrez, né? Eu acho que não mudou muito, sabe? Mudaram outras coisas, né? Eu sinto que tenho desde cedo a realização de jogar uma partida legal, de ficar muito contente com um jogo e de às vezes ganhar uma partida e ficar triste mesmo que eu a tenha ganho. Agora mudaram algumas coisas sobre como eu reajo em determinadas situações, isso aí com certeza mudou. Mas a essência mesmo, sabe? Eu acho que antes eu era mais competitivo, eu me realizava... Embora eu me realizasse mais por esse lado das partidas, no fundo eu era muito mais competitivo eu acho. Hoje eu sou menos competitivo e a tendência é que eu fique cada vez menos competitivo. Embora hoje eu queira jogar bem xadrez eu posso dizer que isso me afeta muito menos. Por exemplo, teve fase que uma partida que eu perdi me afetou muito mais. Mesmo as partidas que eu fico ganho, isso me chateia às vezes, mas eu não tenho... Assim, se eu não consigo criar nada isso me afeta mais. Então na essência eu acho que não mudou muita coisa, mas a forma como eu reajo às circunstâncias mudou, como eu reajo à vitória ou à derrota. Mas os gostos, em si, eu tenho a impressão que não mudaram muito, no que eu gosto no xadrez não mudou muito.

J: De todas as suas conquistas, quais delas foram mais representativas pro senhor?

GM 5: Em termos de resultados foram dois títulos: o título de Grande Mestre e o de Campeão Brasileiro. Eu me classifiquei pra jogar uma Copa do Mundo também, joguei duas Olimpíadas. Teve um torneio que pra mim ficou marcado que foi o Campeonato Mundial Sub-16 que eu joguei porque eu tinha sido Campeão Brasileiro Sub-16. Eu terminei em 4º, né? Esse torneio é uma coisa que eu me lembro até hoje, eu me senti muito bem enquanto resultado. Quando eu cheguei a Campeão Brasileiro foi muito bom também, mas é aquela coisa que vai passar um fim de semana e aquilo vai se dissipando, né? Eu lembro que com esse outro resultado talvez eu tenha ficado quase 1 ano inteiro feliz. Quando eu cheguei a Grande Mestre eu tive alguns sentimentos que foram contraditórios, essa coisa de chegar a ter o título e a não ter o título é meio contraditório. Na verdade eu achei que ia ser o meu fim, assim, que era o fim e que eu

não ia mais competir. Algo bem vazio, assim. Mas enfim, os mais significativos pra mim foram esses que eu falei e em termos de sentimentos foi esse Campeonato Mundial Sub-16 que eu joguei e fiquei em 4º lugar.

J: O que representa o xadrez pro senhor?

GM 5: Uma parte considerável da minha vida, né? Igual eu já tinha falado, é difícil eu me imaginar sem o xadrez, é muito difícil me imaginar sem o xadrez, assim. Ele representa uma parte de mim, eu tenho braço, perna... Talvez eu tenha aqui na cabeça e no meu coração uma coisa quadriculada que é parte integrante do meu ser. Então talvez o xadrez seja isso, uma parte de mim. Eu poderia definir dessa forma. Eu não consigo dissociar o xadrez de mim, seria como arrancar um braço ou uma perna [risos], é indissociável, sabe? Não quer dizer que eu vá continuar competindo pra sempre. Eu quero, na verdade eu quero. Se os meus resultados vão cair? Vão, talvez já estejam caindo mas é uma coisa que eu quero. Talvez eu não continue, eu não vou dizer o que vai acontecer daqui pra frente mas eu acho muito difícil que eu vá deixar de gostar do jogo em si, sabe? De ver uma partida, de ver beleza nisso. Eu não consigo me imaginar dessa forma, então é uma coisa assim que tá indissociável, sabe? Que faz parte, faz parte do meu ser. Isso é uma coisa muito profunda, extremamente profunda. Sobre poucas coisas nessa vida você vai poder dizer isso, né?

J: Há alguma questão ou ponto sobre a sua trajetória que não foram contemplados nesse roteiro e que o senhor gostaria de acrescentar?

GM 5: No momento... Certamente tem alguma coisa, mas nesse momento eu não estou me lembrando desses pontos. É que eu pensei em tanta coisa, né? São tantos, em como eu sinto o xadrez, por exemplo, métodos de estudo, métodos de treinamento que são variáveis. Eu não sei se isso é importante também pro seu estudo aqui. Sobre o que eu falaria pros meus alunos que leem... Eu acho assim, falando agora não como Grande Mestre, mas como treinador de xadrez, como um enxadrista, assim. Se alguém viesse me perguntar, um garoto, né? “E aí, como é que melhora no xadrez?” eu diria pra ele assim: “olha, descubra suas motivações, o que move o seu barco, qual é o seu combustível, você tem que descobrir isso, tem que conhecer a si próprio”. Se você conseguir isso você vai descobrir os meios para progredir porque isso que eu falei que o meu sentimento é mais tendencioso pra uma partida do que pro resto do torneio é muito particular meu, eu não quero dizer que pra outras pessoas seja assim, né? Então o que eu

diria é que o que vem externo é uma coisa, o que vem interno da pessoa é outra. Então ouvir muito o que você tem a falar pra você mesmo, ouvir mais você internamente do que ouvir a opinião pública. Ou seja, você tem que sentir você mesmo, seguir o seu caminho, sabe? E pra isso você precisa se descobrir, precisa descobrir o que é que motiva você, descobrir quais são as suas motivações e não ter motivações de outras pessoas ou do meio, não ter motivações que são externas a você. Se você gostar, tornar isso público e for inerente de você então beleza, disfrute disso, “jogue bem xadrez por causa disso”, mas não porque outras pessoas vão dizer que isso é bom pra você. Se ser aplaudido por todo mundo, ser admirado por todo mundo porque disseram que isso aí é bom pra você... Se você entender que isso é bom pra você, legal. Mas só porque todo mundo tá falando que isso é bom não quer dizer nada, você tem que se perguntar se isso é importante pra você, isso é uma coisa que eu diria. Tem outras coisas aí que poderiam ser faladas mas que iriam demorar dias e talvez não sejam o propósito do seu trabalho.

J: Agradeço então a sua participação e me coloco à disposição para quaisquer dúvidas ou *insights* futuros que o senhor possa vir a ter. Se o senhor se lembrar de qualquer coisa que possa acrescentar algo a esta entrevista, por gentileza, todos os nossos contatos estão no termo recebido. De novo, muito obrigada!

GM 5: Eu que agradeço pela participação, fico feliz em estar contribuindo de alguma forma pro seu trabalho. Se isso vier ajudar a desenvolver o xadrez vai ser bom pra todo mundo.

J: Muito obrigada!

### **Apêndice F – Íntegra da entrevista (GM 6)**

J: Agradeço imensamente a sua participação neste estudo e toda a sua atenção em relação a esta entrevista até então. Idade?

GM 6: Acabei de fazer 65 anos.

J: Data de nascimento?

GM 6: 23/01/1952.

J: Sexo?

GM 6: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 6: Branca.

J: Seu nível de escolaridade?

GM 6: Nível Superior, na realidade eu tenho duas faculdades. Uma é por correspondência, fiz Filosofia na Escola Mater Ecclesiae do Rio de Janeiro e a outra foi Teologia lá no Instituto Teológico Sagrado Coração de Jesus em Taubaté, mas na época que eu fiz não era reconhecido pelo MEC. Deu uma briga lá com o reitor porque ele era de uma corrente diferente e não me deu o diploma. Mas eu tenho tudo, as notas todas e sou formado.

J: Essas duas universidades são públicas, privadas?

GM 6: Ah, eu acho que são... Públicas não são.

J: As suas etapas anteriores foram sempre em escolas públicas, privadas?

GM 6: Ah, eu passei por muitas escolas desde criança, estive primeiro em uma escola de irmãs quando eu aprendi a escrever em São Lourenço do Sul. Bom, depois eu me mudei pra Pelotas e aí eu estive em uma escola que eu não sei se era da prefeitura ou do estado, acredito que não tinha que pagar nada. E aí depois eu fiz um colégio científico que tinha que pagar e as faculdades eu já informei.

J: Cidade de nascimento?

GM 6: Em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul.

J: Atualmente reside lá também?

GM 6: Em Taubaté, São Paulo.

J: Profissão?

GM 6: Jogador de xadrez. Bom, também sou teólogo, né? E agora Jesus acabou de me dar uma coisa maravilhosa que era o sonho da minha vida. Eu vou... Posso explicar as coisas mesmo que não sejam de xadrez?

J: Claro, fique à vontade.

GM 6: É o seguinte, a situação do mundo é muito ruim, vai começar um período que no mínimo é de 7 anos, podem ser 7 anos ou mais. Se você ler o capítulo 11 do livro do Apocalipse ele fala de um período de 3 anos e meio. No capítulo 13 do livro do Apocalipse fala de um período de 3 anos e meio que é o período mais triste da história da humanidade, o poder do anticristo. O anticristo será o ditador de um país, uma terra situada entre dois mares segundo santa Hildegarda, autora da Igreja Católica que morreu em 1179. Então eu sempre interpretei como um país entre dois extremos. Bom, esse país que eu acho que eu sei quem é exercerá a sua tirania no Oriente, quero dizer, bem no Oriente. Então a conclusão é que esse período está para começar, vai começar provavelmente com uma guerra atômica e depois vai vir outro episódio mais grave ainda. Bom, por que é que isso começou? Pela situação do mundo, cada pecado é uma ofensa pessoal grande. Deus criou a humanidade para que vivesse em comunhão com ele, eu sou teólogo católico. Bom, mas deu ao homem também a liberdade de dizer sim ou não, então qual é o ponto que pega mais, que dá mais atritos? É que Deus querendo que o homem ficasse em comunhão com ele, então, deu a liberdade de escolher entre o bem e o mal tanto aos homens como aos anjos. Eu não sei se você tem alguma formação católica, cristã ou não?

J: Eu sou católica também.

GM 6: Bom, então os anjos eram bons mas tinham o poder de discernir entre o bem e o mal, muitos deles escolheram o mal. Como eles eram muito mais perfeitos e muito mais poderosos que os homens porque tinham plena comunhão com Deus, por fim, tomaram a decisão contra Deus de maneira radical e irreversível. Eles escolheram o mal pela própria iniciativa deles, são os demônios, foram expulsos do céu. Bom, e o coitadinho do homem estava lá no paraíso terrestre, mas vamos dizer que a inteligência e o conhecimento dele eram muitíssimo inferiores a esses anjos decaídos. Então esses anjos fizeram uma armadilha e conseguiram rebelar o primeiro homem e a primeira mulher contra Deus que assumissem a mesma posição deles no pecado original. Deus já tinha dito para o homem: “no dia em que comeres do fruto proibido, então, morrerás”. E aí

veio a morte, a dor, o sofrimento e a desgraça no mundo por causa do pecado original que foi uma rebelião contra Deus, ela foi insuflada pelo demônio. Bom, então a conclusão é que Jesus me escolheu para uma missão importante que vai ter dois profetas do mundo inteiro, tá escrito no capítulo 11 do livro do Apocalipse. Ele me escolheu e já me mandou contratar 5 outras pessoas, tem que ser homem, não ser casado, católico, mas nenhum dos 5 vai ser... Muitos nem quiseram, mas vai ter um segundo profeta e eu não sei quem será. Com esses profetas praticamente começa o tempo do apocalipse, então quando o mundo estiver no caos haverá o que nós chamamos de purificação. Purificação, se pegar o *Google*, você vai ver aparições de nossa senhora em Garabandal na Espanha, no norte de lá, em uma cidade pequenininha e em uma região montanhosa. Lá chamam de um aviso, normalmente fora de Garabandal a gente chama de purificação. A purificação ainda não vai acontecer agora porque o mundo ainda não está um caos, mas quando estiver isso vai acontecer. É onde todos vão entrar em julgamento, todas as pessoas do mundo, o que normalmente só ocorre na hora da morte. Então Jesus vai mostrar toda a vida da pessoa e na hora da morte Deus dá a última chance e quem julga é Jesus, o filho de Deus, na última chance da pessoa se salvar. Então nessa purificação muitas pessoas vão morrer e provavelmente todos vão entrar no mesmo momento e todos vão sair no mesmo momento, provavelmente vão ter corpos de pessoas atirados nas ruas até que sejam sepultados. Vão parar tudo, até os aviões, tudo para porque no céu não tem tempo igual tem aqui na terra. Então vai parar o tempo, entendeu? Não vai ter tempo, todo mundo vai sair no mesmo momento e todo mundo vai entrar no mesmo momento, mas pras pessoas que não estão preparadas, que têm pecados, que não confessam, não comungam, vai ser muito mais doloroso. Então eu fui escolhido e foi há pouco tempo, quer dizer, na realidade eu já fui escolhido há 7 anos mas não era pra eu dizer pra ninguém. Agora antes de vir pro torneio de Florianópolis Jesus disse que era pra eu dizer pras outras pessoas isso, quando eu chegar na minha cidade eu vou ver como eu tenho que fazer até que eu seja aceito, eu sei que muitos vão me rejeitar por essa missão mas eu já fiz oração de cura, sabe? Renovação carismática, oração de cura e libertação em 12 estados do Brasil e isso desde o Rio Grande do Sul até o Amapá, no estado de São Paulo foi em 18 cidades diferentes, inclusive Campinas, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Piracicaba, entre outras. Foram muitas curas, uma vez um paraplégico levantou e andou, outra vez só de câncer houveram 8 ou 10 curados na mesma cidade e daí pra frente. Então eu vou ver como é que eu vou fazer pra que



isso aconteça, mas as palavras de Jesus e são de pregar o Evangelho para toda criatura. Quem tiver o batizado será salvo, quem não crê será condenado.

J: Só para nós terminarmos os seus dados socioeconômicos, atualmente qual seria a sua renda média familiar mensal?

GM 6: Ah não, isso não. Eu sou sozinho, não dependo... A minha mãe já morreu, meu pai... Eu tenho a minha renda, é classe média.

J: O senhor deseja optar por declarar em faixas de salários mínimos?

GM 6: Ah, não. Depende se eu jogo xadrez, se eu não jogo. Mas é classe média, põe classe média. Eu não gosto de dizer isso, são coisas que eu acho que... Diz pro seu professor que eu acho que isso não tem nada a ver. É classe média, entendeu? Eu moro na minha casa, tenho o meu carro, posso viajar, enfim.

J: Nós faremos a mesma caracterização para a sua família...

GM 6: Já morreram o meu pai e a minha mãe.

J: Como ela era constituída então?

GM 6: Ah, já morreram.

J: O senhor é filho único?

GM 6: Não, são quatro irmãos. Um mora no Rio de Janeiro, é engenheiro da Petrobrás. A outra mais velha mora em Pelotas no Rio Grande do Sul, ela é professora aposentada de universidade. E a outra mora em Portugal.

J: Vamos pensar separadamente em cada um deles, começando pelo seu irmão. Nível de escolaridade dele?

GM 6: Ele é engenheiro da Petrobrás.

J: Superior completo?

GM 6: Sim.

J: Isso em universidade pública, privada?

GM 6: Ele? Ele... Não, eu não sei porque eu era 10 anos mais novo do que ele e já morava em São Paulo.

J: Depois nós temos as suas irmãs...

GM 6: A mais nova mora em Portugal, tem 5 anos a menos do que eu.

J: Nível de escolaridade dela?

GM 6: Ela é arquiteta.

J: Superior completo?

GM 6: Sim.

J: E sobre a sua outra irmã?

GM 6: Também, foi professora de universidade.

J: Nível Superior completo também?

GM 6: Sim, eu acho que ela foi professora de francês.

J: E os seus pais?

GM 6: Meu pai era funcionário do Banco do Brasil toda a vida e morreu trabalhando. Minha mãe era professora de Ensino Médio, professora de português.

J: Nível de escolaridade deles?

GM 6: Que eu saiba o meu pai não tinha faculdade, ficou só no Banco do Brasil. Minha mãe tinha faculdade. Eu era muito criança e não sabia essas coisas.

J: Então agora a gente vai iniciar a parte do roteiro que se refere mais especificamente a sua trajetória, tá bom? Desde o início, fale sobre os seus primeiros contatos com o xadrez até o alcance do título de Grande Mestre, fique à vontade.

GM 6: Não, é isso... Foi subindo, subindo. Eu morava no Rio Grande do Sul, tinha poucas opções em xadrez lá e fui jogando os torneios, eu gostava muito. Depois eu entrei pro curso de Física lá na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre porque a minha família naquela época morava em Pelotas, meu pai e minha mãe. Mas eu não gostava de Física, eu gostava de xadrez e aí o presidente da república, o

Médici, já ouviu falar? Ele foi até Porto Alegre e eu pedi uma entrevista pra ele, disseram que eu devia fazer isso pedindo para que ele me desse um cargo pra eu só jogar xadrez porque eu queria abandonar a faculdade. Ele foi maravilhoso comigo, prometeu e realmente cumpriu o que ele prometeu, ele realmente me deu o cargo e eu pude morar no Rio de Janeiro. Aí lá eu trabalhei também em um monte de lugar e acabei sendo um Grande Mestre brevemente 2 anos depois.

J: Como é que o xadrez te foi apresentado pela primeira vez?

GM 6: Minha mãe, no tabuleiro dela tinha damas e xadrez. Primeiro ela me ensinou damas, mas aí quando eu vi xadrez eu gostei muito mais porque era muito mais complexo. No xadrez desde pequenininho eu já ganhava dos adultos.

J: E isso com que idade?

GM 6: Creio que com 4 anos, damas e depois xadrez. Com 7 anos eu já era vice-campeão da cidade onde eu morava e jogava com os adultos.

J: Sua mãe já jogava xadrez?

GM 6: Eu acho que não, acho que ela não aprendeu. Mas depois lá em São Lourenço tinha um delegado de polícia que me ensinou, ele conhecia. Isso em São Lourenço, meu pai foi pra Santa Cruz do Sul e depois eu acho que teve uma outra cidade que acho que era Rio Pardo. Depois foi São Lourenço do Sul, aí depois foi pra Pelotas e ficou em definitivo lá até morrer porque a minha família era de lá. A família da minha mãe e a dele também, as duas eram de lá.

J: Como foram esses seus primeiros contatos com a sua mãe?

GM 6: Ela não gostava que eu jogasse xadrez porque temia que eu me profissionalizasse no xadrez, isso ela não queria. Ela queria que eu fizesse uma faculdade e tivesse uma carreira normal. Mas o plano de Deus é maravilhoso, entendeu? Agora isso de eu ser o profeta é a coisa mais maravilhosa, Deus à medida que a gente vai se entregando ele vai nos direcionando.

J: E pro senhor, como foi esse aprendizado do xadrez?

GM 6: Com esse senhor delegado eu jogava no clube de xadrez de São Lourenço do Sul que é uma cidade menor. Com a minha mãe foi na minha casa, ela me ensinou e eu era muito criança, muito pequeno.

J: O senhor se lembra de como eram essas práticas no tabuleiro à época?

GM 6: Não, eu jogava sozinho e depois fui aprendendo. Eram escassos os livros, depois eu comecei a jogar com um rapaz holandês que tinha vindo da Holanda. Sabe o Herman Claudius? Era irmão do Herman Claudius, ele tem 10 anos a mais que eu e tinha livros holandeses. Ele não era o meu professor mas estudava comigo, primeiro ele jogava melhor do que eu e aí depois eu passei ele, né? Ele tinha 10 anos a mais do que eu.

J: Como o senhor se sentia praticando com a sua mãe?

GM 6: Não, isso é muito antigo, mas tudo bem... Eu gostava, eu amava o xadrez, eu ficava jogando xadrez quando criança e era isso o que eu gostava de fazer. Sozinho.

J: E isso com que frequência, o senhor se recorda?

GM 6: Todos os dias. Quando eu era criança não fazia esportes físicos, eu só comecei a fazer esportes físicos depois que eu fui pro Rio que foi com 19 anos. Aí eu corria e depois fazia karatê.

J: E na escola, houve o contato com o xadrez nela?

GM 6: Na escola eu sempre era o primeiro aluno no primário e no ginásio. No científico eu era o primeiro aluno em português, em física era outro que estudava muito e queria fazer o ITA em São José dos Campos. Física ele estudava mais que eu.

J: O senhor chegou a ter contato com o xadrez na escola?

GM 6: O xadrez sempre foi parte da minha vida porque às vezes eu tinha que faltar duas semanas ou mais pra jogar um torneio de xadrez.

J: E se a gente pensar especificamente no espaço da escola, o senhor teve contato com o xadrez nela?

GM 6: Não, nas escolas... Não havia xadrez nas escolas, agora sim. Eu ia no clube de xadrez de São Lourenço e depois voltei pra Pelotas, havia velhos e moços. No clube de

xadrez de Pelotas havia lá um homem que havia sido Vice-campeão Brasileiro e lá a cidade era bem maior e melhor.

J: Como era o ambiente nesse clube de xadrez?

GM 6: Ah, você é detalhista [risos]. Lá tinha um monte de gente que jogava e era bem frequentado e tal. De lá é que eu fui Campeão Gaúcho, depois Campeão Brasileiro e Sul-Americano. Eu jogava com gente que jogasse melhor do que eu porque eu jogava melhor que os outros.

J: E para além desses, o senhor se lembra de outros ambientes onde tenha vivenciado o xadrez?

GM 6: Não, aí depois me tornei Mestre e Grande Mestre. Cheguei a dar aulas de xadrez no Rio de Janeiro no Flamengo, em uma universidade, em uma outra universidade... Em duas universidades e em outro clube.

J: É possível fazer uma relação entre todos esses ambientes que o senhor vivenciou o xadrez e a futura obtenção do título de Grande Mestre pelo senhor?

GM 6: Tem pessoas que dão para xadrez e Jesus me deu o talento para jogar xadrez. Eu jogava, jogava e fui melhorando.

J: O senhor se lembra de momentos ou pessoas que foram para ti significativos?

GM 6: Não, o que mais faz melhorar são os livros, as partidas dos Mestres. Agora tem os computadores mas quando eu era criança não existiam esses computadores.

J: Durante esse início haveria alguma história de que o senhor se lembre com carinho?

GM 6: Não, eu posso te dizer uma que eu contei ontem ou anteontem. Um Grande Mestre que eu não vou te dizer o nome e que chegou a ser um dos melhores do mundo – não sei se entre os 15 ou os 20 – uma vez me disse assim: “quando a luz é boa eu vejo a melhor jogada imediatamente, quando a luz não é boa eu demoro 15 minutos pra ver a melhor jogada. Você vê, portanto pra mim faz diferença se a luz é boa ou não, agora pros outros não faz diferença, eles com luz ou sem luz não veem nada” [risos].

J: O senhor gosta de xadrez?

GM 6: Ah sim, desde criança, desde criança. Por toda a vida, é o mesmo que perguntar pra você, sei lá, por que é que você gosta de ter o cabelo bonito? É toda vida e desde criança o que eu fazia. Eu jogava sozinho, com a minha mãe foi pouquinho tempo, eu jogava sozinho. Os outros garotos iam jogar futebol e eu não ia, ficava o dia inteiro jogando sozinho, era o que eu gostava de fazer. Em princípio tinha muito pouco livro, depois começou a ter um ou outro livro.

J: E como o senhor tinha contato com tais livros?

GM 6: Não, tem que comprar. Quando eu ia pro exterior lá tinha livros de xadrez pra vender. Eu já fui pra Inglaterra, Argentina...

J: Como era o envolvimento de toda a sua família com o xadrez?

GM 6: Não, só sabiam mexer as peças. Mas tá bom, já tá boa a entrevista? Tô muito tempo dizendo aqui, tem mais perguntas?

J: Estamos terminando o roteiro, pra nós são importantes esses detalhes. O senhor sabe como é que cada um deles teve contato com o xadrez?

GM 6: Não, eu não sei. Mas não jogavam, ninguém joga. Na minha família ninguém joga.

J: Havia alguma expectativa por parte da sua família sobre a sua participação no xadrez?

GM 6: Como eu te disse a minha mãe não gostava de xadrez, meu pai ia comigo em vários torneios porque eu era menor e ele não me deixava ir se ele não fosse junto porque eu era criança.

J: Eles esperavam alguma coisa da sua participação?

GM 6: Não, torciam pra eu ganhar.

J: Atualmente o senhor pratica outras atividades esportivas ou de lazer além do xadrez?

GM 6: Não, há 10 anos eu deixei o karatê, eu me feri aqui mas Jesus me curou por um milagre imediatamente porque a gente fez oração, na época eu dirigia um grupo de oração. Eu voltei acho que 2 ou 3 dias depois pro médico, exigi fazer outra radiografia e Jesus tinha me curado totalmente. Mas aí foi outro milagre porque eu tinha que ficar 2

ou 3 meses enfaixado, eu fiquei chateado e parei de fazer karatê há uns 10 anos. Corrida ainda faço.

J: Em alguma medida essas atividades têm alguma relação com o xadrez?

GM 6: Não, a corrida é pra eu ficar bem, ficar bem fisicamente. Eu não quero envelhecer, faço o maior esforço pra me cuidar, pra isso eu tenho que comer menos agora. Quem tem a minha doença gosta de comer mais pra ficar mais forte.

J: A escolha dos seus dois cursos superiores teve alguma relação com o xadrez?

GM 6: Não, foi porque eu senti e achava que Jesus queria que eu fosse ser padre. Então eu tinha que fazer Teologia, né? Mas depois, anos depois eu descobri que não era isso que eu tinha que ser e agora ficou declarado que eu vou ser profeta.

J: Como é que foi o seu percurso até a chegada ao título de Grande Mestre?

GM 6: Não, foi subindo... Aí depois que eu fui pro Rio de Janeiro eu só me dedicava ao xadrez e aí tinha mais condição. Aí eu larguei a faculdade que era em Porto Alegre e fui morar no Rio. Dava aulas, entrevistas e jogava xadrez. Eu era professor no clube e era muito mais forte do que os outros, quem é Grande Mestre não gosta de jogar com os outros porque cai o nível.

J: O senhor se considera um profissional de xadrez?

GM 6: Sou, agora eu vou exercer essa outra profissão que Jesus me deu.

J: O senhor poderia caracterizar as atividades que realiza sendo um profissional de xadrez?

GM 6: Não, eu fico estudando na minha casa. Por que é que você faz tantas perguntas se essas perguntas não têm nada a ver? Eu tô bem, agora eu vou fazer o que Jesus me mandar, se ele me mandar fazer outra coisa eu faço outra.

J: A partir de quando o senhor começou a sentir esse profissionalismo?

GM 6: Quando o presidente da república Médici me deu um cargo no Ministério da Educação que era o que eu queria.

J: O senhor considera a sua trajetória no xadrez bem-sucedida?

GM 6: Bom, pelo menos eles acham, eu fiquei muito chateado porque houve esse problema aqui que se eu soubesse que ia ficar tão cansado e perder uma partida eu teria tomado... É, vamos dizer assim, teria prevenido de todas as maneiras, pedido pros outros me ajudarem. Eu sabia que eu ia perder uma partida, fiquei muito chateado com isso.

J: E se a gente não pensar só no torneio de Florianópolis, mas, por outro lado, na sua trajetória de vida com o xadrez?

GM 6: É, desde que eu tenho essa doença grave agora é sempre esse problema de que se eu cansar cai o meu nível. Então graças a Deus o meu *rating* tá alto, agora vai baixar mas é só um pouquinho uns 3 ou 4 pontos, só um pouquinho.

J: A que o senhor atribui os feitos da sua trajetória?

GM 6: Ao talento que Deus me deu.

J: Por gentileza, o senhor poderia falar mais sobre isso?

GM 6: Deus dá um talento, claro, e eu jogo xadrez. Tanto que eu pedi muitas vezes pra Jesus tirar 15 anos da minha velhice. Claro, quando eu tô com barba eu pareço muito mais velho porque a barba tem pedaços brancos, quando eu tô sem barba ninguém dá a idade que eu tenho. Inclusive eu corro 4 quilômetros e meio como se eu tivesse 40 anos, ninguém me dá a idade que eu tenho quando eu tô sem barba.

J: O que o senhor pensa sobre a influência que teve o talento na sua trajetória?

GM 6: Isso tudo é a minha vida, o que eu fiz até agora é a minha profissão, eu estou desde que eu larguei a faculdade que foi em 1970 até agora, então é praticamente toda a minha vida. Agora que vai mudar que eu vou ser o profeta, essas coisas. Eu vou ter que ter uma dedicação muito grande.

J: E mais especificamente que influência teve o talento nessa profissão que é a sua vida?

GM 6: Total, se não eu não conseguiria ser Grande Mestre.

J: E o que é que o senhor entende por talento?

GM 6: Ah, não, não [risos]. Deixa essas perguntas pra lá, você sabe melhor do que eu.



J: Eu realmente gostaria de te ouvir.

GM 6: É um dom que Deus dá. Vai acabar aqui? Porque vou ter que ir na missa agora.

J: Sim, já estamos terminando. O que ficou daquela criança que aprendeu xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 6: As coisas não voltam mais, eu sou católico totalmente, teólogo e as duas coisas mais importantes são: primeiro, quando eu morrer, Jesus me dá o céu imediatamente; segundo, qual o grau de glória que eu vou ganhar dos céus, essas são as duas coisas mais importantes. Agora a vida vai passando... Por exemplo, hoje eu fiquei triste porque eu perdi, mas isso passa.

J: O que o xadrez representa pro senhor?

GM 6: É a minha profissão.

J: Suas principais conquistas como jogador?

GM 6: Ah, foram vários torneios internacionais, ganhei por 2 vezes o Torneio Interzonal que era entre os ganhadores de todas as zonas do mundo. Então eu ganhei e cheguei a ser o 3º melhor do mundo, esses foram os principais.

J: Bom, há algo que o senhor queira acrescentar?

GM 6: Não, não. Você já fez muitas perguntas. Nenhum repórter faz tantas perguntas como foram essas.

J: Gostaria de agradecer a sua atenção e toda a disponibilidade. Sucesso em sua trajetória!

GM 6: Pior é que o seu professor deve querer ser, assim, muito exigente, né? Pra você fazer tantas perguntas [risos].

J: Tem a ver com os objetivos do nosso estudo. Muito obrigada!

GM 6: Eu é que agradeço.

## **Apêndice G – Íntegra da entrevista (GM 7)**

J: De antemão eu agradeço a sua participação no estudo e toda a atenção despendida durante esse período em que estivemos em contato, é um grande prazer conhecê-lo. Sua idade?

GM 7: Nasci em 02/05/1957, tenho 59 anos.

J: Sexo?

GM 7: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 7: Clara, talvez.

J: Nível de escolaridade?

GM 7: Nível Superior completo.

J: E isso em universidade pública, privada?

GM 7: Pública, fiz na Universidade Federal do Paraná, Engenharia Civil.

J: E as suas etapas anteriores?

GM 7: O Fundamental e o Médio foram no Colégio Santa Maria, rede privada.

J: Cidade de nascimento?

GM 7: Curitiba.

J: Também reside aqui atualmente?

GM 7: Isso, também resido aqui.

J: Profissão?

GM 7: Engenheiro civil. Bom, aposentado agora, faz dois meses.

J: Uma média da sua atual renda familiar mensal?

GM 7: É... Pode ser uns R\$: 20 mil.

J: E a sua família, como ela era constituída à época que o senhor iniciou no xadrez?

GM 7: Bom, claro que pelo pai e a mãe e por 6 irmãos, eu tinha 3 irmãos e 3 irmãs. O meu pai era empresário, tinha lojas de livros, livrarias. Minha mãe era formada em Serviço Social, trabalhou no estado e na Secretaria do Bem-Estar Social. Na época era saúde, bem-estar social, enfim.

J: Vamos pensar separadamente em cada um deles. Podemos começar com o seu pai, qual é o nível de escolaridade dele?

GM 7: Meu pai começou a cursar faculdade, várias delas até, mas não terminou nenhuma. Fez Superior incompleto, não completou nenhuma, nem o Serviço Social.

J: Isso em universidade pública, privada?

GM 7: Meu pai fez na Universidade Federal do Paraná também.

J: E as etapas anteriores dele?

GM 7: Ele também fez no Colégio Santa Maria, além de escola pública no Colégio Estadual do Paraná. A minha mãe cumpriu as etapas anteriores no ciclo básico.

J: Vamos pensar separadamente agora nos seus irmãos. São 6, né?

GM 7: Isso, ao total nós somos em 7. Bom, os outros são mais velhos, podemos começar pelo segundo deles?

J: Podemos começar então por ele, nível de escolaridade?

GM 7: Ele fez Engenharia Química na Universidade Federal do Paraná, fez mestrado e doutorado na França e fez o pós-doutorado nos Estados Unidos.

J: E as etapas anteriores dele?

GM 7: Ele fez no Colégio Santa Maria também.

J: Profissão?

GM 7: Ele mora no Canadá e é chefe de pesquisa no Ministério de Recursos Renováveis. É um setor público, ele já é cidadão canadense e tá morando por lá já faz uns 15 anos.

J: Seu segundo irmão, nível de escolaridade dele?

GM 7: Ele também é professor universitário, fez Universidade Federal do Paraná e também fez o Ensino Médio no Colégio Santa Maria que é privado. Ele fez o mestrado e o doutorado também na França, o pós-doutorado ele fez na Espanha e na Itália. Fez 2 ou 3 pós-doutorados. Hoje ele é professor titular da... É professor doutor que se chama? Na Universidade Federal do Paraná.

J: E as etapas anteriores?

GM 7: O ensino básico dele foi todo privado.

J: Seu terceiro irmão?

GM 7: O meu último irmão fez Ensino Médio aqui no CEFET. Bom, ele fez técnico e fez o superior em Informática também como o meu irmão anterior, depois foi fazer também o mestrado e o doutorado. Hoje ele mora na França, é também professor doutor da Universidade de Nantes lá na França. Das meninas há uma mais velha que se formou também na Universidade Federal do Paraná em Desenho Industrial e trabalhou na prefeitura, se aposentou também no mês passado. O Ensino Médio dela foi privado. A segunda irmã também fez Jornalismo na Universidade Federal do Paraná como curso superior e no Ensino Médio também fez em colégio privado, todo o ensino básico. Por último tem a mais nova que também fez o ensino básico privado e fez o superior na PUC em Biologia. Fez mestrado aqui na Universidade Federal do Paraná e depois foi fazer doutorado na França. Hoje ela dá aula na Universidade do Estado de Santa Catarina, ela é professora de Biologia Marinha lá.

J: Bom, agora nós vamos dar início ao roteiro de questões que tratam mais especificamente sobre a trajetória esportiva no xadrez do senhor. Desde os seus primeiros contatos até o alcance do título de Grande Mestre, por gentileza, o senhor poderia me contar um pouquinho sobre ela?

GM 7: Bom, eu tive o meu primeiro contato com o xadrez provavelmente muito cedo, talvez com 5 anos, eu não me lembro dessa etapa. O meu primeiro contato foi em casa. Meu avô gostava muito de xadrez, ele era espanhol e morou em Cuba na época do Capablanca, fui o primeiro neto ensinado a jogar mas eu realmente não me lembro dessa etapa. Na minha lembrança eu tive o primeiro contato com o xadrez aos 9, 10 anos na Biblioteca Pública do Paraná que é aqui perto, lá tinha uma salinha infanto-juvenil que tinha o xadrez e eles tinham um torneio lá todo ano em março, por ali. Então eu joguei

esse torneio lá em 69 e ganhei, eu acho que era até 12 anos e logo no ano seguinte eu lembro que me interessei muito quando joguei mas não ganhei, fiquei empatado entre os 5 primeiros. Mas enfim, no desempate não ganhei e aí fui me interessando um pouco mais até começar a ir ao clube de xadrez, isso já em torno dos anos 70. Em março dos anos 70 eu comecei a frequentar, eles estavam organizando o Aberto de Curitiba que era um tradicional evento que ocorria em 31 de março, aniversário da cidade. Eu entrei na biblioteca na primeira semana de março e no final do mês já tive esse torneio, joguei a primeira fase que era eliminatória e fui eliminado. Mas gostei do clube, achei interessante e comecei a ir lá algumas vezes, me associei ao clube de xadrez de Curitiba e ali comecei a jogar. Ainda em 70 joguei alguns torneios, um deles tinha 16 participantes e eu fiz 0 pontos, não fiz nada e tal. Já no segundo torneio deste que aconteceu no segundo semestre eu fui um pouco melhor, nada demais. E a partir de 71 foi quando eu comecei a ter resultados, ganhei uns 3 desses torneios por ano, classifiquei pro Paranaense e fui pros Jogos Abertos com a equipe de Curitiba. Este era um torneio importante mas que os mais velhos não davam muita bola, então ia sempre uma equipe mais jovem, o que é normal. E o que é o contrário de São Paulo porque São Paulo nos Jogos Abertos atrai e tal, mas São Paulo não joga, né? Aqui Curitiba jogava, mas normalmente jogava com equipes mais jovens até por uma diferença de nível, isso em todas as modalidades e não só no xadrez. Então era algo que a gente... Mas a gente até foi, até ganhamos na época, eu fui de reserva. E em 1972, em janeiro de 1972 eu já fui Vice-campeão Paranaense e tudo, aí comecei a jogar o Sul-Brasileiro que havia na época, tinha toda uma estrutura pra jogar a final do Brasileiro. E o que houve de mudança foi que em 73... Ah, em 72 também houve os primeiros Jogos Escolares Brasileiros com o xadrez que foi em Maceió e nós jogamos. Acho que São Paulo ganhou mas nós fomos bem, eu fiz 6 em 7, fui o 1º tabuleiro e foi a primeira vez que a gente se conheceu, que viu que tinha outros garotos jogando xadrez. Olha, você vê que nessa época o xadrez brasileiro era relativamente velho em si e isso em termos de participantes, jogadores, entre outros. Então a idade média era um pouco mais alta do que é hoje, né? Então obviamente havia poucos jovens, nós com 13, 14 anos éramos os mais jovens. O que hoje é muito difícil, você pega o GM 8 com 20 e poucos anos e ele é um dos mais jovens também. Então era uma coisa mais velha, o clube era aquele clube mais sisudo, o pessoal fumava, as partidas eram tarde, eu lembro da turma daqui que as partidas eram de 5 horas, começavam 20 horas da noite e era 1 hora da manhã e o pessoal tinha que pegar ônibus pra ir pra casa, o “ônibus da madrugada” que chamava,

né? E isso era lá na saída de Curitiba, era longe. Era outro tipo de vida, assim, e o xadrez era feito por esse pessoal mais velho. Mas em 72 dois fenômenos ajudam a popularizar o xadrez: o primeiro é o *match* entre o Fischer e o Spassky que foi muito importante pra uma série de jogadores. Eu já tava jogando xadrez na década de 70, então quando isso veio em 72... Até tava conversando outro dia com o pessoal sobre como isso foi importante, foi uma motivação grande porque os jornais noticiavam, a gente ia atrás de notícias, analisava no clube, levava pra televisão, então foi divertido. O segundo foi que em 73 o GM 6 ganha o Interzonal de Petrópolis, ele já era Grande Mestre e havia uma propaganda muito intensa em cima dele. O GM 6 entra em um momento de regime militar e, portanto, em um período que o governo tentava fazer muita propaganda com todos os ídolos esportivos. Acho que o Médici disse “vamos ser campeões do mundo da cabeça aos pés”, expressão que ficou famosa porque os pés simbolizavam o futebol que nós tínhamos sido campeões mundiais em 1970 e o GM 6 seria a cabeça. Isso na era de Éder Jofre e Emerson Fittipaldi, então havia uma série de heróis nacionais que se destacavam como a gente tinha o GM 6 no xadrez. Com isso o xadrez ganha uma certa projeção, projeção muito importante para a promoção do xadrez. Então esses são dois fatos que ajudam a tornar o xadrez mais conhecido. Mas como você falou mesmo, como você constatou isso, todos nós aprendemos a jogar xadrez em nossas casas, aprendemos a jogar por uma questão familiar, eu pelo meu avô e um pouco também pelo meu pai. Meu pai nunca gostou de jogar xadrez, mas como ele foi ensinado pelo meu avô que gostava... Então meu pai sabia, tinha, ficou lá com os tabuleiros do meu avô que eu tenho até hoje. Eu tive lá em uma cidadezinha perto de Barcelona onde o meu avô foi campeão do cassino, tive lá e dei uma simultânea pro pessoal. Então era uma coisa que... Você não tinha como aprender xadrez, não havia professor de xadrez, não havia... Era impossível você aprender xadrez de outra maneira, isso pra qualquer pessoa que jogasse xadrez. Mais tarde isso muda, tanto é que o pessoal depois foi aprender nas escolas e aí começaram esses projetos de utilizar o xadrez pro desenvolvimento cognitivo. Isso mudou bastante, mas na época eles não estavam estabelecidos e então todos os meus antecessores ou mesmo até o GM 3 e o GM 10 não teriam outra oportunidade pra aprender. O GM 5, né? Que aprendeu com o pai, o GM 8 que aprendeu com o pai dele. Na verdade eu já joguei com o avô dele quando eu comecei no clube, o avô dele jogava xadrez lá. Então é tudo, assim, uma sequência familiar. Eu conhecia muito mais o pai de GM 5, né? Mas o irmão mais velho de GM 5 e, na verdade, todos os irmãos homens de GM 5 foram Campões Brasileiros Juvenis,

então era a família toda. O pai de GM 5 gostava muito de xadrez, desenvolveu o que hoje seria o sistema suíço mas que na época era chamado de “chave Maringá”. Na verdade, apesar de não ser um jogador, ele era esforçado mas, ainda assim, não era um grande jogador como os filhos chegaram a ser. Mas ele era um grande árbitro, então o pai de GM 5 acabou desenvolvendo um sistema que mais tarde a gente foi conhecer como sistema suíço. Enfim, esse torneio em Florianópolis eu imagino que deva ter sido disputado no sistema suíço, né? Mas na época tinha bastante torneio nessa “chave Maringá” e foi o pai de GM 5 que desenvolveu. Foi uma evolução grande pra essa época porque a gente só conseguia jogar eliminatórias e não tinha muita opção: ou era *round-robin* ou era eliminatória. Isso foi uma coisa que deu muita atividade pro xadrez, permitia que jogássemos em um número muito grande de pessoas. Então havia toda uma cultura familiar, grandes famílias jogavam e dificilmente alguém furava isso. Aqui no Brasil eu não conhecia ninguém. Mas conheci as famílias deles todos, éramos todos garotos e não tinha como, éramos dependentes deles nessa época que a gente jogou. Mais tarde isso muda porque já na época do GM 8, por exemplo, já tinha gente que jogava xadrez porque tinha aprendido nas escolas. No entanto eles enfrentavam também uma dificuldade que era a de se jogar bem, então era uma coisa jogar bem pro GM 8 porque o pai dele jogava do que pra um outro que não tinha alguém da família que jogasse, né? Então aí isso já marca outro tipo de diferença que é, podemos dizer assim, para uma excelência. Pra excelência já é uma outra questão. Então foi essa mais ou menos a minha carreira, em dezembro de 1973 se organiza o primeiro Campeonato Juvenil Brasileiro que era preparatório para o primeiro Pan-Americano Juvenil. O Brasil até então nunca tinha jogado um Mundial Juvenil que existia desde 1956, 1957, por aí. Os argentinos já jogavam, mas o Brasil nunca participou. O Brasil era muito limitado em termos de participações internacionais mas se organizou esse Brasileiro Juvenil que foi em Volta Redonda em dezembro de 1973, muito perto do natal. Eu lembro que pra voltar pra casa foi uma dificuldade, era dia 24 e eu tava viajando, consegui ir até São Paulo de carona e depois peguei um ônibus até Registro, vinha vindo. Então esse foi o Brasileiro Juvenil, foi toda uma geração porque todo mundo se conhecia, conhecíamos alguns dos Jogos Escolares e aí a gente foi se encontrar lá em Volta Redonda. Eu ganhei esse e fui jogar o Pan-Americano Juvenil lá em Porto Rico, então tava pela primeira vez nesse Campeonato Sul-Americano, acho que fiquei em 5º lugar lá e depois em agosto fui jogar o Mundial Juvenil nas Filipinas. Foi a primeira vez que um brasileiro jogou, eu fiquei em 9º lá nas Filipinas e aí depois joguei no ano seguinte o Brasileiro Juvenil. Daí

ganhei o Pan-Americano Juvenil que foi em Buenos Aires em 1975, joguei de novo um Mundial Juvenil e aí comecei, assim, a jogar. Em 1976 eu já joguei uma final do Campeonato Brasileiro que foi em João Pessoa, se eu não me engano, e aí ganhei em 76, 77, não ganhei em 78 e voltei a ganhar em 79, 80, 81 e 82. Ganhei vários Brasileiros.

J: Foi o seu avô quem inicialmente te apresentou o xadrez?

GM 7: Bom, o vô gostava muito de xadrez, ele era de uma cidadezinha próxima de Barcelona. Muito jovem, com 12 anos, no final do século XIX ele foi morar em Cuba e ali foi fazer a vida, como chamavam na época. A minha relação com o meu avô é muito curta nesse sentido porque eu sou de 1957 e ele falece em 1962 aos 70 anos, então eu não tive essa intensa memória presente dele, das coisas. O que eu lembro dele são algumas lembranças, mas nada de mais importante. Então eu sei que ele sempre me incentivava mais a jogar e talvez o meu pai e uma tia que fez Educação Física. Ela é professora de Educação Física e gostava, incentivava a minha participação. Meu pai me incentivava tanto a fazer esportes mas, especificamente, não xadrez. Ele conta que de jovem ele ia no clube lá de xadrez pra buscar o meu avô que frequentava aquele clube até ficar doente. Então ele ia lá, a vó mandava ir buscar o vô, mas ele não tinha essa... Esse gosto pra xadrez, digamos. O vô sim, o vô gostava. Eu conhecia alguns amigos que jogavam com ele, um deles foi reitor aqui da Federal e 2 vezes Campeão Paranaense, jogou uma final do Brasileiro e por aí vai. Tem também o Mauro de Athayde que foi outra pessoa importante dessas pessoas fortes da época. Várias pessoas de destaque conheceram o meu avô, jogaram com ele. Mas eu particularmente não tenho uma lembrança concreta dessa época de convivência. Segundo o meu pai eu cheguei a jogar com ele uma vez mas meu avô me achou muito fraco, ele dava risada. Eu teria 5 anos no máximo e meu avô já tinha uns 70 e tantos, o que na época já era um ancião bastante velho, né? Isso na década de 60, então não havia uma prática com o meu avô, eu lembro dele só como uma referência de memória e como um incentivo, assim como foram o meu pai e a minha tia que me incentivaram a jogar. E que também não jogavam... A tia Sandra tinha um tabuleiro e sabia as regras mas não mais do que isso, nunca jogou nem nada.

J: Se não pelo seu avô, por quem é que o xadrez te foi primeiramente apresentado?



GM 7: Bom, tinha todo um histórico familiar. Seria o meu pai me ensinando pra jogar com o meu avô, eu teria 5 anos na época. Mas que eu tenho consciência, assim, seria com 9, 10 anos já aqui na Biblioteca Pública do Paraná. Outra vez não há uma memória... Há uma memória de família, digamos assim, então eu não posso dizer que foi esta. As únicas lembranças que eu tenho são de mim pequeno e do meu pai me ensinando, meu tio me ensinando os movimentos, a dificuldade de entender o *en passant*, entender o roque e todas aquelas coisas, mas dessa época eu não lembro. Depois eu lembro de ir na biblioteca, de estar jogando lá com os garotos e de estar tentando descobrir como é que eram as coisas. Os livros também eram muito presentes, eu tinha um livro importante que era o “Xadrez – Partidas Seleccionadas de V.V. Smyslov” que foi traduzido pelo Tourinho, Ayrton Tourinho, e cujo irmão foi presidente daqui, o Luís Carlos também. Este livro foi traduzido para o português, o Tourinho tinha estudado russo e gostava muito do Smyslov. Então traduziu um livro importante, assim.

J: Como eram essas primeiras práticas com o seu pai, o senhor se lembra?

GM 7: Não muito, não muito. O meu pai era mais nervoso, não tinha tanta paciência. Não era, assim, um típico jogador de xadrez, né? Eu não tenho uma lembrança, assim... Ele ficava nervoso porque eu começava a pensar e tal, aí ele ficava nervoso. Ele contava as histórias dele jogando com o meu avô, contava que o vô jogava a abertura e quando o meu pai abandonava ele virava o tabuleiro e eles continuavam dali, então isso impressionava muito o meu pai. Eles seguiam jogando e dali a pouco meu pai tava perdido de novo e meu avô virava o tabuleiro, ele fazia isso várias vezes pra mostrar a diferença. Mas comigo não porque ele não era, assim, um típico jogador de xadrez, né? As primeiras pessoas que eu fui conhecer que realmente jogavam xadrez foram na Biblioteca Pública, era um pessoal um pouco mais velho que eu e que tocava a federação na época. Tinham, digamos assim, 5 ou 6 anos a mais que eu e estavam em uma época já de universitários ou de pré-universitários, eu os conhecia por ir no clube jogar *ping* e tal. Depois vinham essas pessoas que eram mais veteranas, mais antigas. Tinha uma assinatura do *British Chess Magazine* porque aqui não tinha informação, né? O doutor Mauro tinha uma assinatura dessa revista e o doutor Otto Mack tinha de uma revista argentina e de uma outra que também era importante, quando elas chegavam a gente sentava no clube pra ver e tal. O Toninho tinha uma outra revista soviética importante, ele também trazia e a gente ficava lá tentando decifrar. Mas eram as únicas

que tinham, eu conheci o “Informador” só no Pan-Americano Juvenil. Foi a primeira vez que eu o vi, isso em 75 já.

J: O senhor soube ou alguma vez já te contaram como é que o seu avô aprendeu xadrez?

GM 7: Bom, na Espanha ele era e é extremamente popular, seguramente ele deve ter aprendido por lá entre os pares dele, talvez. Eu lembro que ele disse que tinha tido um professor, coisa assim. Ele era de uma cidade pequena perto de Barcelona, mas era uma cidade bem pequena. Eu sei que ele cultivou essa paixão muito mais em Cuba porque, claro, ele vai pra Cuba no final do século XIX e fica lá, digamos, uns 10, 15 anos. No começo do século XX teve Capablanca e existia uma febre de xadrez em Cuba, nessa época contava o pai que o vô jogou algumas simultâneas com o Capablanca e que ele ficava muito feliz. Depois ele vai morar em Nova York e o Capablanca também vai morar em Nova York, ele acaba até falecendo lá no final da 2ª Guerra Mundial. Eles iam no *Manhattan Chess Club* e tal, então o vô talvez tenha convivido mais com ele. Então ele cultivou esse gosto eu suponho que mais em Cuba e depois quando se mudou pros Estados Unidos, mas mais em Cuba eu acredito que esse gosto veio por essas simultâneas abertas que aconteciam no começo do século XX. Cuba já era popular com o xadrez, já tinha um xadrez bem razoável muito antes de o Che Guevara ter feito os processos despojados de massificação. Não era, claro, como os Estados Unidos e nem como a Argentina, mas talvez fosse o 3º xadrez das Américas já, o que era bem diferente do Brasil que era fraquinho, né? Então lá o xadrez era popular e inclusive tinham organizado um *match*... Eles tinham organizado um outro *match* lá importante também e tal, quer dizer, Cuba tinha uma vivência, uma efervescência de xadrez importante, né? Especialmente porque o xadrez acaba sendo um jogo de elite, o xadrez só vem a ser um jogo popular muito mais tarde quando começa a se desenvolver esse aspecto educativo do xadrez, utilizar o xadrez como meio para o desenvolvimento cognitivo. Antes disso ele era estritamente pertencente a uma elite que não era financeira no sentido... Mas uma elite quase que intelectual assim, de um pessoal que gosta de pensar, de fazer e tal. E ele é muito democrático, né? Eu lembro que no clube um dos parceiros de lá era um empresário que tinha uma das maiores gráficas aqui de Curitiba e havia também o Durval que era um garçom. E eles jogavam, ficavam o tempo todo lá jogando e tal, eram grandes amigos. E isso porque tinha uma diferença muito grande, um era alemão, rico, bastante rico e o outro era um garçom, índio. E os dois jogavam, né? O que privava eles? Eles tinham um nível muito próximo, a gente ficava

vendo as partidas deles e, sei lá, eles jogavam 10, 20 partidas por dia e saiam de lá com o placar de 10 a 10, 11 a 9... Nunca teve, assim, 15 a 5, uma coisa assim. Eles jogavam várias partidas e era muito equilibrado, o pessoal do xadrez gosta disso. Você não gosta de ganhar muito fácil ou de perder muito fácil, você gosta é da luta, né? Então o xadrez tem esse aspecto de você procurar um parceiro e jogar, e olha que esse parceiro não necessariamente é alguém que... Né? Que tem outra atividade qualquer, seja ela literatura, pintura, música e tal. Isso acaba sendo um certo... Um outro tipo de elite, né? Na vela e no tênis você tem uma elite financeira, não tem como você fazer vela sem ter dinheiro pra comprar um barco. No xadrez não, no xadrez um só tabuleiro... Eu tenho um tabuleiro do meu avô, então não custou nada, na verdade. Se você distribuir no tempo o intervalo que você usa um tabuleiro... Um tabuleiro de plástico hoje deve custar uns R\$: 20,00, um tabuleiro desses com peças deve custar uns R\$: 20,00, por aí. Igual esse tabuleiro que eu assinei aqui agora pouco, ele deve custar uns R\$: 2,00 ou R\$: 3,00, é muito barato. Então não é uma elite financeira, obviamente que não, não é o que limita o xadrez. Inclusive a gente vê muito claro isso nos projetos de xadrez escolares, se você pega os torneios escolares daqui nós temos alguns torneios grandes que a gente organiza já há muitos anos e que reúnem 1000 ou quase 1200, 1300 crianças, são circuitos que reúnem de 4, 5 a 6 etapas por ano e você vê que os garotos se relacionam e tal. Aquele rapaz lá de Bariri que tava falando que foi técnico do meu filho lá, que jogou os Jogos Abertos e tal... Mas os amigos do meu filho que jogavam o circuito eram os garotos melhores daquela categoria. Um era lá de São José, o outro era da Vila Pinto e era meio favelado, então eles eram amigos porque eram garotos mais ou menos do mesmo nível, se relacionaram e fizeram as amizades, né? Mas eu nunca... E eu também, dos meus amigos do xadrez tem um pessoal que jogou comigo o Juvenil que eu lembro que tinha o mesmo nível, eram meus adversários potencialmente e realmente, mas também eram meus amigos. Adversários nas partidas mas amigos na vida. Então eu posso ter sido adversário do GM 3 por muitos anos e do GM 6 também por muitos anos, mas a gente tem relações pessoais com todos eles, são amigos que a gente formou nessa época da adolescência e que carrega pra toda a vida. Então tem isso também, o tal do nosso lema "*gens una sumus*", isso de fato ocorre com a gente, né? É só ter a capacidade de forjar relações.

J: Capablanca para o seu avô não era só um ídolo, era alguém com quem ele convivia?

GM 7: Foi... É, não sei se ele convivia, mas era alguém de quem ele foi contemporâneo e com quem ele participou bastante junto com toda uma elite cubana lá. Ele devia estar muito feliz em conviver com compatriotas que se destacaram muito e que pra mim também foram referências, né? Se você falar em estilo de xadrez eu vou me identificar muito mais com o Capablanca do que com o Alekhine, por exemplo, que foram de uma mesma época mas que divergiram em seus estilos de jogo.

J: Além do seu pai, seus tios também foram apresentados ao xadrez pelo seu avô?

GM 7: Eles eram em 4, 2 irmãos e 2 irmãs. Eu acredito que todos eles devam jogar xadrez mas nenhum nunca praticou, isso com certeza. Tenho um tio que tá vivo até hoje mas ele também nunca praticou. Seguramente não transmitiram pros filhos também, nenhum dos meus primos jogou xadrez. Teve a tia Sandra que é freira, né? Depois que fez Educação Física ela foi ser freira, ela gostava e me incentivava. Na verdade isso era pra todas as práticas, ela gostava de competição e o que ela fez foi me ensinar os movimentos e as regras de uma maneira, talvez, mais... A tia já tinha aprendido de uma maneira mais regrada, talvez na Educação Física. Foi diferente do meu pai que tinha aprendido com o pai dele e que sabia as regras, digamos, de uma maneira mais intuitiva. A tia Sandra sabia as regras de uma maneira... Porque estava escrito nas regras, de uma maneira mais quebrada. Mesmo com o meu pai não havia uma prática, assim. Algumas vezes a gente sentou pra jogar, talvez eu demandasse provavelmente no momento que ele tivesse... Mas não dava muito porque o meu pai ficava nervoso, se eu demorasse 5 minutos pra jogar porque eu ficava pensando ele já ficava nervoso e encerrava a partida.

J: A continuidade dessa prática se deu depois na Biblioteca Pública do Paraná?

GM 7: Isso, aí é a primeira vez que eu vou, digamos, praticar o xadrez como se diz, né? Ou pelo menos jogar, tinham garotos ali da minha idade de 10, 12 anos que jogavam. Eu comecei na biblioteca provavelmente com 10, 11 anos em 1968, por aí. E no clube de xadrez em 70 já com uns 12 anos, quase 13. Depois isso vai se acelerar no clube de xadrez, eles eram muito próximos. Se você pegar aqui a Rua 15 que nós estamos aqui, essa paralela é a Rua 15 que hoje está florida, então se você pegar aquele eixo ali vai ter o clube. Quer dizer, era tudo muito próximo, né? E o pai tinha uma dessas revistarias que era duas quadras pra lá, então eu comecei a trabalhar ali logo quando eu entrei no ginásio. Eu trabalhava com o pai, o que era mais ou menos normal naquela época. Com 12 anos eu comecei a trabalhar, em 69. Eu trabalhava um pouco com o meu pai e depois

ia jogar basquete, a gente ficava aqui no centro todo o tempo e então no horário ali até umas 16 horas eu ficava com o meu pai e depois ficava por aqui. Na época as opções de lazer não existiam, não existiam os *videogames*, a televisão era uma coisa que tava começando, então eu ia na biblioteca ali, tinha muita coisa interessante lá e também tinha a prática do xadrez.

J: E como é que era o ambiente nessa biblioteca?

GM 7: O ambiente da biblioteca era muito bom, muito bom, excelente. Depois eu cheguei até a trabalhar lá um tempo depois. Havia um setor chamado infanto-juvenil que dava uma atenção especial pras crianças até 12 anos, mais ou menos assim, que eles chamavam de pré-adolescentes, né? E que permitia a gente ler revistas em quadrinhos, ler os livros mais da época, entre outros. Então permitia a gente fazer isso, tinha professoras ou pessoas muito dedicadas e especializadas em atender esse grupo, então era um ambiente muito bom pra se frequentar, muito interessante. E também começou a ter esse torneio que eu acredito que seja o mais tradicional da América Latina porque desde a década de 50 esse evento existe lá, todo ano em março eles faziam esse torneio em uma semana lá e que se mantém até hoje. É uma tradição em termos de torneio escolar infanto-juvenil, é uma coisa muito tradicional.

J: O xadrez era presente nessa biblioteca sob outras formas além dos torneios?

GM 7: Não, não, isso não existia. Não existia essa questão da aula, do professor, do treinador, né? Isso é uma coisa muito recente no Brasil todo, não só aqui. Eu fui conhecer os meus primeiros professores, treinadores de xadrez em Buenos Aires no Pan-Americano, não existia. Naquela época você aprendia ali, comprava um livrinho, ia pra casa ler. Mas a grande maioria aprendia ou com um parente ou com um vizinho, não ia muito além disso. Então você ia lá, pedia, eles emprestavam e você arranjava algum adversário, então não era difícil jogar.

J: E quem é que te apresentou essa biblioteca?

GM 7: A gente ia desde garoto, eu ia desde muito pequeno pra lá, com 5 ou 6 anos meus pais me deixavam lá. Meus irmãos também iam na biblioteca, todos eles. Na época não tinha essa neurose toda, a gente ia sozinho, era uma cidade que tinha lá seus 400 ou 500 mil habitantes, 300 mil habitantes talvez no começo da década de 60. Todo mundo conhecia todo mundo, quer dizer, não havia risco nenhum, a gente de pequeno era

autônomo. Então não me lembro se alguém em especial me apresentou a biblioteca ou alguma coisa assim. Agora eu comecei a jogar lá o xadrez depois que eu tinha aprendido com a minha tia, mas eu fui por causa da leitura, né? Eles deixavam lá umas histórias em quadrinhos, “Tintin” eu lembro, algumas coisas assim. Depois começaram a aparecer essas outras revistas do “Super-homem”, tinha a própria Disney com “Pato Donald”, na época era isso o que tinha. Aí eu descobri que tinha xadrez lá e comecei a jogar. Já as revistas conceituadas de xadrez eu descobri no clube e eram algumas pessoas que tinham. Eu me lembro especificamente do doutor Mauro de Athayde que tinha duas revistas importantíssimas, ele ia lá com elas e aí ele abria, assim... Era bem interessante! Então a gente podia ver, às vezes ficava lá, ele mostrava pra gente as partidas e tal, todo professoral, né? Ele fazia a gente ficar implorando pra ele emprestar pra gente, na primeira passada ele sentava na mesa e a gente ficava tudo em volta, né? Nós éramos em uns 10, 15 garotos e ele “olha, esse aqui é o torneio de *Hastings*, partida de fulano com fulano de tal”, então mostrava pra gente e tal.

J: Como foi essa passagem pro clube de xadrez de Curitiba?

GM 7: Bom, isso foi na década de 70, foi no segundo ano que eu tava jogando xadrez na biblioteca. É que eu fui jogar esse torneio no clube que era o Aberto de Curitiba. Perdi na 1ª rodada e fui eliminado, mas aí me associei e comecei a frequentar o clube. O que a gente fazia muito lá – principalmente o pessoal mais novo – era jogar, tinha relógio. Eu lembro que foi depois que eu descobri que não era uma coisa tão comum assim, o relógio é um equipamento caro. Então eles tinham bastante zelo pelos relógios mecânicos, se eles quebravam tinha o pessoal especializado em arrumar. Então a gente jogava ali, ficava brincando. Lá conviviam várias gerações, essa era uma coisa interessante e sempre foi do xadrez, talvez mais na época, assim. O Ernani, por exemplo, tinha sido professor da minha mãe na faculdade, quer dizer, era uma geração anterior em relação a essa da minha mãe. Então tinha gente desde 10, 12, 13 anos até 70, 80 anos. A gente procurava jogar com adversários que fossem o mais forte possível, né? É óbvio que eu gostava de jogar com o doutor Mauro, depois mais tarde lá em 71 com o Vitório Chemin que chega a ser Vice-campeão Brasileiro. Apesar dele não ter uma liderança tão grande no estado, claramente de toda a sua geração ele foi o mais forte. Ele foi o que mais conseguiu resultados, ele era um dos mais fortes porque era muito competitivo, o Vitório sempre foi muito competitivo. O Justo que era o irmão

dele talvez tivesse mais talento, mas era o Vitório que tinha os resultados. Então o Vitório tem essa questão da competição, na competição o Vitório crescia muito.

J: A convivência com as famílias do GM 8 e do GM 5 já se dava nessa época?

GM 7: Isso, com a família do GM 8 tinha o pai dele que chegou a ser uns 5 anos, talvez até mais velho do que eu. Tinha também o avô do GM 8 que jogava com a gente lá no clube. Eu acho que ele ia de pequeno no clube mas eu não lembro porque de criança a gente não dava bola, lembro só do pai dele que jogava e jogava relativamente bem, disso eu lembro. Já com a família do GM 5 tinha o pai que já era diferente, eu joguei em Maringá o Sul-Brasileiro em 72 mas eu não me lembro do pai de GM 5 em Maringá, me lembro bem quando ele veio pra Ponta Grossa já com os filhos. O pai de GM 5 nunca se destacou pela força no xadrez, mas como árbitro. Ele foi um grande árbitro e depois a gente via claramente o amor que ele tinha pelo xadrez, pelos filhos, né? O irmão mais velho de GM 5, todos eles eram grandes jogadores, Campeões Juvenis Brasileiros e tudo. Claro, o único que se dedica profissionalmente ao xadrez é o GM 5. Mas os irmãos dele são pessoas excelentes, o Horário é engenheiro em Santa Catarina, você que foi pra Florianópolis tava ali perto. Nós somos de gerações muito diferentes, quando eu já era Mestre Internacional, Grande Mestre e tal o GM 5 veio aqui em Curitiba, a gente até ajudou a viabilizar uma parte da carreira dele e tal. Quer dizer, há uma diferença grande de idade e isso tem que ser colocado em perspectiva. Mesmo a diferença que eu tenho com o GM 3 e com o GM 10 que é de 5 ou 6 anos como é também a minha com o GM 6, há diferenças em relação a essas gerações mais novas que a cada 5 ou 6 anos se repetem. Claro, nessa época de hoje elas não são tão marcadas, hoje não há uma diferença brutal como havia entre o GM 6, eu ou o GM 3, por exemplo. Mas na época isso era muito grande, era muita diferença e muito mais com o GM 5, como eu falei. Então o cenário era outro... Você pode falar do GM 8 e do Choma, o GM 8 tinha uma série de outros garotos bons que são da geração dele mas geralmente só um se destaca, só um garoto vai jogar mesmo, só um garoto vai ser profissional e chegar a Grande Mestre.

J: Haveria alguma relação entre as nossas gerações de Grandes Mestres e o contexto do xadrez brasileiro por elas vivenciado?

GM 7: Ah sim, se você pegar, vamos ver... Quem eu acompanhei mais diretamente foi principalmente o GM 12 e o GM 11, talvez sejam os únicos com uma diferença de 1

ano entre eles, né? Eles vêm de um bojo, de um projeto de crescimento do xadrez brasileiro que começa a amadurecer no final dos anos 80 até o final dos anos 90 com o amadurecimento dos projetos de xadrez escolar. Isso especialmente aqui mas também em São Paulo, Santa Catarina e muito menos nos outros estados. Teve também a criação dos Campeonatos Brasileiros de Menores. Veja, o GM 3 foi o primeiro Campeão Brasileiro de Cadetes, foi um grande jogador, estava na geração dele. Tem o Sandro Trindade que foi Mestre Internacional e que foi fazer Informática, hoje ele é chefe disso na empresa que trabalha. Então ele não foi se dedicar a isso, foi trabalhar. O GM 3 que segue, foi virar Grande Mestre e a mesma coisa com o GM 11 e o GM 12, eles seguem a carreira e chegam a Grande Mestre com investimentos fortes. Eles claramente são produto de um crescimento, eles claramente aproveitam o momento, jogam os primeiros Pan-Americanos de Menores. Nós organizamos os 7 primeiros Pan-Americanos aqui no Brasil e eles se destacaram e ganharam, toda a geração deles. O Brasil passou esses primeiros 10 anos de Pan-Americanos, quer dizer, do começo da década de 90 até os anos 2000 com o país sendo uma grande força jovem na América Latina, isso mesmo com os Estados Unidos. Então se você pegar os Mundiais e os Pan-Americanos os nossos resultados eram melhores do que os de argentinos, de cubanos e de americanos nas categorias menores. Se você pegar o GM 11, por exemplo, ele foi Co-campeão Mundial. O GM 12 quando a gente organizou o Mundial Juvenil em 94 aqui em Matinhos ele ganhou até faltar 2 rodadas pro final, ele perdeu as 2 últimas mas ele tava com tudo pra ser Campeão Mundial Juvenil, isso com Judit Polgár e com a galera toda que tava ali. Então, quer dizer, ninguém mais do que eles teve uma vantagem pelo Brasil já ter um envolvimento grande com o xadrez e, especialmente, bastante significativo nas categorias deles.

J: O senhor comenta sobre dois fenômenos que ajudam a popularizar o xadrez por aqui durante o regime militar: o *match* do século entre Fischer e Spassky e também o ganho do Interzonal de Petrópolis pelo GM 6. Poderia falar um pouco mais sobre esse período?

GM 7: Bom, sobre o regime quem pode falar melhor é o GM 6, mas como a gente conhece bem a história do GM 6... O GM 6 aparece em 66, ganhou o Campeonato Brasileiro de 65 e foi uma sensação. Na época, o último torneio que ele ficou atrás foi um Sul-Brasileiro pra um jogador aqui do Paraná que ficou na frente dele, era muito forte. E o GM 6 então tem esse sucesso em 66, depois em 67 com o seu 2º Campeonato



Brasileiro e logo um Sul-Americano. Mas a família tem uma certa restrição dele tão jovem se dedicar à competição, ele acaba tendo aí algumas dificuldades com os pais como algumas brigas, demora muitos anos pra se recompor com a família. Mas nesse momento ele tem também esse efeito do governo militar, a busca dos campeões nacionais que era uma forma de promoção do regime, né? Então o GM 6... E é uma coisa que se você conversar com ele até hoje... Eu acredito, né? Acho que faz uns anos que eu não converso com ele mais a sério, mas eu acredito que até hoje ele acredite nisso, ele acreditava mesmo. Ele tem essa fé, ele acredita, ele acredita lá que os comunistas comiam criancinhas [risos]. Então era uma pessoa politicamente de direita e que acreditava nessas coisas. Tinha como herói Bobby Fischer, o Fischer era pro GM 6 uma referência. Pra todos nós ele era uma pessoa importante, mas pro GM 6 muito mais. E o governo aposta muito no GM 6, dá condições. Então o GM 6 sai de casa muito cedo – o que seguramente não é uma coisa benéfica – mas ele sai com o apoio do governo, ele tinha patrocínios muito bons, assim, de dinheiro pra se dedicar ao xadrez, até da própria Petrobrás. Eu até me lembro de uma fala do presidente que disse pra ele que “o Brasil precisava muito mais de um Campeão Mundial de xadrez do que de um físico”, isso porque ele estudava Física, o GM 6 era muito bom aluno. Deveria ser um grande físico, seguramente. Mas havia essa questão do governo, havia essa consideração importante pelo xadrez na época também e que hoje é menor, né? Mas havia toda essa perspectiva ali que o GM 6 se engajou nela e tal, então ele consegue passar pra sociedade uma imagem do xadrez. Claro, o GM 6 tem uma imagem que não vou dizer que é deturpada, mas estigmatizada – especialmente pra nós e todos que somos mais jovens do que ele – de que o xadrez seria uma coisa muito difícil, seria uma coisa feita por gênios e que, em certo sentido, era cultivada por alguns enxadristas no Brasil que gostavam dessa ideia de serem comparados ao Einstein. Alguma coisa assim, né? E aí o xadrez acaba tendo essa imagem de que é difícil, de que é um jogo para pessoas inteligentes e de que não corresponde à realidade porque, na melhor das hipóteses, isso é diferente na realidade. O GM 6 então acentua essa... Como se diz hoje, essa ideia de que jogar xadrez é coisa pra *nerd*, coisa assim. Na própria escola a gente acaba sendo estigmatizado por jogar xadrez, então tinha uma certa dificuldade. Então havia, de um lado, essa parte que eu digo que é uma parte boa sobre uma certa admiração por você jogar xadrez e a outra parte que é uma parte ruim sobre você ter que ser uma pessoa diferente. E isso não por uma habilidade específica como você considera um grande nadador, por exemplo. Nesse caso significa que ele tem uma habilidade física

específica, tem biotipo, tem o esforço e no xadrez não, você fala “o cara é louco e tal”, então é uma coisa um pouquinho diferente, né? Você tem lá um bom aluno em Matemática – o GM 8, por exemplo, é um excelente aluno em Matemática e também não por acaso ele foi estudar isso – mas você respeita o matemático, o físico. Pode ser que até seja um pouco diferente, mas se respeita. Com o xadrez aconteceu isso, acabou estigmatizado. A imprensa também gosta disso e faz disso um meio de promoção, digamos assim. E pra gente fica ruim, é lógico que fica ruim. Então a gente trabalha muito tempo pra desmistificar o xadrez, principalmente nos projetos de xadrez escolar. Quer dizer, o xadrez de alto nível é uma coisa e o xadrez como meio pedagógico é outra. Então, por exemplo, o xadrez para o desenvolvimento cognitivo é um jogo simples, fácil, de regras simples, tabuleiro limitado, entre outros. Claro, como a Matemática ele pode atingir um alto grau de complexidade, mas ele começa simples na sua essência, nas suas regras. Em 1 ou 2 horas você ensina qualquer criança a jogar xadrez, já um adulto às vezes é um pouco mais porque existem certos preconceitos, né? Mas você pode pegar 1 aluno – não uma turma de 30, 40 alunos – ou pegar individualmente um grupo de 2 ou 3 crianças e em 2 horas, no máximo, você ensina xadrez. Os movimentos básicos, né? Depois vai ganhando complexidade, ensinando os conceitos gerais, os exercícios específicos, entre outros. Mas o xadrez de base é simples, não tem nenhuma dificuldade e não há o porquê uma pessoa dizer que não pode aprender xadrez, isso não existe. Mas cultivava-se isso como uma maneira, talvez, de... Talvez da mídia de promover, talvez os próprios enxadristas tenham um pouco o compromisso de cultivar esse tipo de ideia e o GM 6 acaba incorporando isso de certa maneira. Por outro lado, ao ganhar o Interzonal de Petrópolis – ou depois ao ganhar o título de Grande Mestre – ele também ajuda muito na popularização da modalidade. Desconhecido, o xadrez passa a ser conhecido de uma maneira que talvez não fosse a ideal, mas que contribuiu para como ele seria praticado mais tarde no âmbito escolar. Mas é uma coisa importante, então você tinha isso. O xadrez também começa a ser aceito, por exemplo, nos Jogos Escolares em 72. Ele já participava dos Jogos Universitários, dos Jogos Abertos... Aqui no Paraná foi desde a fundação dos Jogos Abertos na década de 30, em São Paulo também foi desde a fundação, basicamente. Aqui é desde a fundação dos Jogos Abertos do Paraná que o xadrez participa, é uma modalidade reconhecida. Houve momentos em que o xadrez não era esporte, houve momentos em que a gente teve essas discussões todas mas, de maneira geral, ele participou de todos os grandes eventos. Até porque, especialmente nos Jogos Escolares,

o xadrez se faz, por excelência, um esporte escolar. Qualquer escola pode ter xadrez, mas nem qualquer escola pode ter basquete, vôlei... De repente não tem uma quadra, tem certas coisas que... O judô e a natação no esporte escolar são muito limitados, né? Por que quantas escolas têm uma piscina? Muito poucas, né? Então esse tipo de coisa é que particularmente faz com que todas as escolas possam ter xadrez. Aqui no projeto nosso nós chegamos... Nós temos hoje 2000 e tantas escolas – tirando as indígenas e as rurais – e o xadrez cobre metade delas, especialmente as médias e grandes têm xadrez, nas estaduais tem do 5º ao 8º ano e Ensino Médio. Então se você pegar aqui na prefeitura, praticamente todas as escolas de Curitiba – públicas e privadas mesmo – têm xadrez. Então você vê que é uma coisa... É do *métier* do xadrez, ele é um esporte escolar por excelência.

J: Quer dizer então que nessa época discutia-se se o xadrez era ou não esporte?

GM 7: Pois é, essa discussão foi e ainda atravessou a época em que eu estava assumindo a Confederação Brasileira de Xadrez em 88. Nós tivemos lá com... Eu tive com o Tavares, ele foi presidente em 86 e 87, eu fui em 88, 89, 90 e 91 e depois veio o Bento em 92. Havia na época o Conselho Nacional de Desportos (CND) que mandava em todo o esporte, não se usava esse termo esporte, né? O presidente do CND era um professor de Educação Física, um cara muito interessante que eu esqueci o nome dele... Tubino! Ele tinha feito o doutorado dele em Bruxelas, até a gente conversou bastante porque os meus irmãos faziam lá na França e minha esposa também fez um curso, estudou e morou lá em Bruxelas, então a gente conversava bastante. Numa certa altura ele veio com essa ideia aí, com a ideia de que o xadrez não era esporte e isso por aquela reforma do esporte que aconteceu no começo do governo Sarney. E aí nós fomos discutir com ele e tal, com o pessoal dele... Ele meio que franziu, queria limitar um pouco o xadrez porque era um conceito que tava na moda em Portugal até a década de 60, 70, na Alemanha já tinha passado. Mas isso era Portugal, depois da revolução aí que ele entendeu a Educação Física como uma coisa muito mais ampla. Havia aquele conceito restrito pra Educação Física, eu não sei se você chegou a estudar um pouquinho dessa história? Que esporte era só aquilo que tinha movimento físico, que só tinha competição, então você deixava a Educação Física uma coisa bem limitada. A gente tinha uma visão – óbvio, porque eu tinha morado na Alemanha e tal – muito mais ampla do esporte como um todo, né? Com ou sem competição, com ou sem movimento físico. Aí o Tavares me chamou pra ir lá pra Brasília e nós fomos pra Brasília, ficamos lá uma

semana, visitamos todos os deputados e pedimos pra eles se manifestarem contra. Então fizemos todo um movimento lá com o presidente do senado, os deputados mandavam telegramas – na época ainda usávamos telegramas – e aí quando nós voltamos lá 1 semana depois o Tubino disse “parem com isso, o xadrez é esporte, o xadrez é esporte!” [risos]. Mas a discussão era muito mais... E até depois em 88 ele veio aqui na minha posse e deu uma palestra muito boa falando sobre a amplitude do esporte, ele já tinha mudado também de posição e aí considerava até dança como sendo esporte [risos]. Eu não sei como hoje tá a briga com a dança, mas daí... E aí foi pra um outro lado que também não foi bom porque queriam que só pudesse ensinar xadrez o professor de Educação Física, né? Que é outra coisa que eu acho que tem que ser pensada bem porque também não é assim e tal. Mas ele saiu então de um ponto em que o xadrez não era esporte pra outro que o xadrez era só esporte, já a gente considera o xadrez parte da cultura, tem a parte educacional. A gente considera o xadrez talvez mais amplo do que o pessoal... E aí acabou que eu me lembro que com o CREF as discussões de que... E outra coisa também, primeiro havia esse problema – na USP mesmo, né? – de que o xadrez não era ensinado como uma matéria para o curso de Educação Física. Eventualmente em outros esportes você tem mais noções básicas sobre aquilo que tá nas escolas, sobre os jogos cognitivos, né? Então entra xadrez, damas, go, shôgui, gamão. Jogos de habilidades, vamos dizer. Mas não se formam profissionais suficientes pra atender uma demanda. Santa Catarina, por exemplo, optou por usar essa regra do CREF de só deixar o professor de Educação Física dar aula e o projeto de xadrez escolar de lá praticamente morreu porque não há como o profissional de Educação Física atender essa demanda. Custa caro formar professores, as universidades públicas geralmente não formam os professores e você acaba ficando sem condições de fazer um projeto de massificação, o que é uma coisa absolutamente necessária se você quiser começar a falar de um xadrez que seja popular. Então pro xadrez ter o poder de não ser mais uma exclusividade teria que a Educação Física formar um número de profissionais bastante grande. Coisa que não faz, né? Então, bom, na hora que vocês conseguirem formar professores que atendam esta nossa demanda... Porque, por exemplo, no estado ou nas prefeituras daqui nós temos que fazer cursos pra pegar os professores de Educação Física ou de outras matérias para que eles aprendam xadrez porque nenhuma faculdade pública ensina xadrez. Então é um problema você tentar classificar essas coisas... Como não é só isso, quer dizer, teve uma época lá que o meu sobrinho quis aprender skate e aí veio o CREF e disse “não, skate é um esporte e só pode ensinar o professor de

Educação Física”. Agora vai achar professor de Educação Física que entenda de skate? Uma vez lá na praia meu filho quis aprender a fazer surfe e aí fui eu lá outra vez com os meus amigos da Educação Física “uh, tem que ser professor de Educação Física”. Mas que professor de Educação Física conhece surfe? Então há uma dificuldade muito grande em você mostrar que não dá pra fazer assim, que tem que ter outras condições se não é possível. Agora imagina, você tem que pegar lá um pessoal que conhece, você tinha o Ferrugem que naquela época era ainda um garoto e que dava aula, todo mundo contratava o Ferrugem pra ensinar. É tentar acompanhar, em certo sentido... Mas como no xadrez não há, os recursos faltariam em números tanto no xadrez escolar quanto no xadrez competitivo, não há como um treinador... Imagina se você limitasse o GM 3 a ser um professor de Educação Física pra ser um treinador, o GM 10 ou o próprio GM 5 que é um grande treinador mas não é um professor de Educação Física? O GM 5 eu não sei se terminou a faculdade ou não, mas... Uma época ele tava animado, queria se formar lá na USP, enfim. Com certeza ele poderia ser um ótimo professor, o GM 5 é muito didático. Eu gosto muito do GM 5 dando aula, acho ele excepcional. Mas porque não é um professor de Educação Física ele não poderia preparar um garoto, não poderia preparar uma delegação brasileira? Então esse negócio não existe assim, tem que haver uma certa realidade dos fatos. Mas toda essa discussão é muito rica no sentido de que na hora que você começa a discutir a importância do xadrez como esporte, como atividade educacional, como atividade cultural, você... O xadrez hoje aqui em Curitiba é muito forte por uma formação cultural, o clube de xadrez Erbo Stenzel que você, talvez... É, não vai conhecer porque ele só abre dia 1º, se o Wilson tivesse aí ele poderia talvez te mostrar ou mesmo a nossa salinha de xadrez que temos até hoje. Quando tiver a oportunidade dá um pulinho aqui, o clube de xadrez dele ainda tá aberto, tem vários locais públicos e privados que você pode jogar. Então essa discussão enriquece muito se você colocar o xadrez nos diversos âmbitos e considerar cada um deles com suas características.

J: Uma possível alternativa encontrada por vocês foi então a capacitação de professores que não só eram pertencentes à Educação Física para o ensino do xadrez?

GM 7: É, nós nunca... Pelo contrário, eu mesmo tentei lecionar xadrez pra uma turma de Educação Física de uma faculdade aqui perto. Expliquei de xadrez, dei xadrez pra eles, mas pra mim que não tenho uma vocação de professor é muito difícil dar aula em 2 ou 3 faculdades, tem alguns outros que dão aulas sobre isso e tal. Quer dizer, a gente procura

formar e é importante formar os professores de Educação Física em xadrez, incentivo que as faculdades o façam, mas tu não pode limitar isso, né? O xadrez nessa expressão cultural e artística mesmo... São coisas que a gente procura expandir o xadrez em todas as áreas que a gente vê que existe espaço. Em alguns momentos o xadrez em Curitiba cresceu junto com a Secretaria da Educação, em outros junto com a Secretaria da Cultura e em outros com a Secretaria do Esporte. O xadrez sempre existiu nestas 3 áreas, mas dependendo do secretário e dependendo da votação este secretário ou o prefeito mesmo optam por uma ou outra área como prioritária, aí o próprio xadrez se organiza mais apoiado por elas em um ou outro momento. Nessa gestão passada a Secretaria de Esporte foi muito ativa em xadrez, foi ela que organizou os circuitos. Na gestão anterior foi a Secretaria da Educação que fez mais esforço, já em outras foi a Fundação Cultural a responsável pelo seu maior desenvolvimento. Todas as bibliotecas de bairro tinham, se organizava ali o xadrez escolar porque os melhores garotos iam pra biblioteca brincar. Cada biblioteca atendia umas 6, 7 escolas ali, então você mandava um garoto lá estagiário, um bolsista monitorar e ele ia lá e fazia um treinamento de 2, 3 vezes por semana por umas 2, 3 horas. Então você recrutava esses garotos e a biblioteca – que já tem toda uma formação cultural – atendia a população gerada com mais talento que jogava nas escolas. Em alguns momentos não havia bolsa para esses garotos e isso se perdia um pouco, daí dependia muito mais do circuito escolar, dependia dos Jogos da Juventude, dependia de simultâneas, de atividades e por aí vai. A gente nunca tentou fechar, assim, por isso a gente conseguiu fazer grandes eventos de xadrez, a gente procurou que eles enriquecessem em todos os aspectos. Então havia uma parte de formação de professores, havia uma parte de competição, havia uma parte que cada escola tinha que ter dois núcleos e cada núcleo fazia um concurso de peças caracterizadas, né? Então obviamente não era quem jogava melhor, mas quem fazia a melhor fantasia. Na final no Paranaense tinha 32 escolas vestidas a caráter e você escolhia as melhores, você premiava quem fazia melhor os jogos reciclados com plástico, com tampinha, com parafusos. Tem coisas muito interessantes que foram produzidas incentivando os garotos a trabalhar com todos os aspectos e aí vai criando um caldo, né? Isso pra ilustrar a riqueza do xadrez, então quando você vai em um torneio e daqui a pouco tá lá “exposição de tabuleiros de xadrez” isso se torna uma coisa importante e você obviamente percebe que tem que manter. Estilo a “*Chess Collectors*”, né? Aqui não tem isso e, obviamente, nem o dinheiro que eles têm. Mas o pessoal faz de peça reciclável e vai fazendo.

J: O senhor poderia falar sobre essa relação mais administrativa que teve com o xadrez?

GM 7: É, eu fui presidente da federação aqui de xadrez em 80, fui por 1 ano só e depois comecei a coordenar o projeto de xadrez escolar em 80 também. Me formei em 69 e comecei a trabalhar, então de 80 até 2003 eu coordenei esse projeto de xadrez escolar aqui no Paraná. De 2003 a 2008 eu coordenei um projeto de xadrez nacional junto ao MEC. Logo que o Cristovam Buarque assumiu o Ministério da Educação ele me ligou e perguntou se eu poderia ajudá-lo lá. Ele usou a palavra replicar, “nós precisamos replicar o projeto do Paraná em todo o Brasil”. E aí tanto que fui, fui à Brasília durante... Depois ele ficou só 1 ano, teve a crise lá que mandou embora, a gente ficou meio assim. Mas foi uma experiência interessante, a gente conseguiu desenvolver o projeto em todo o país praticamente. Foram 25 estados atendidos, só São Paulo e Brasília que não participaram. Em alguns estados teve uma influência grande como em Tocantins, por exemplo, e em outros já havia uma tradição como em Santa Catarina. Então lá isso não afetou tanto, né? Mas em outros estados afetou bastante, se você pegar os estados do nordeste, do norte, do centro-oeste... Cuiabá, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins. A ideia era formar multiplicadores em cada estado, ter multiplicadores que depois pudessem fazer cursos, formar professores. O grande problema do xadrez escolar brasileiro é formar professor, sensibilizar o professor sobre a importância do xadrez, sensibilizar o professor e capacitar o professor sobre as potencialidades do xadrez e no que o xadrez pode colaborar. Porque também ele não é uma panaceia, obviamente o xadrez não vai resolver o problema da Educação brasileira, né? Mas ele pode ajudar um pouco em alguns aspectos. Então isso precisava ser colocado, precisa colocar, precisa ser dito, precisa ser feito e isso foi possível se discutir em nível nacional. O objetivo desse projeto era formar enxadristas mesmo, ensinar o xadrez nas escolas. Mas como é que nós vamos ensinar xadrez? Qual foi o nosso grande problema aqui em 80? O primeiro foi desmistificar o xadrez, quando começou o projeto eu fiz um piloto dele por 2 anos e o que acontecia era que o xadrez ia bem, começávamos com 4 escolas no primeiro semestre, depois passamos pra 8 e depois pra 16. Aí quando começamos com 16 começou a complicar, mas quais eram os problemas que existiam: o primeiro era que não tinha professor, a gente resolveu pegar os garotos aqui do clube de xadrez – que eram, em sua maioria, estudantes universitários – e dar uma bolsa pra eles irem lá ensinar. Bom, evidentemente que pros pedagogos levar um ser estranho pra escola não era uma coisa boa, então havia crise, havia ciúmes. Outra

coisa é que os garotos todos eram jogadores, então rapidamente eles identificavam aqueles 10 a 20% da turma que tinha interesse no xadrez e jogavam os outros pro... “Não, vocês ficam aí!” e encostavam os garotos ali, o que também não foi uma coisa boa. O piloto me mostrou isso que eu queria saber, não sabia. Então a gente foi formando o projeto, né? E a partir daí o projeto foi crescendo e, na verdade, o grande problema acabou sendo a mística do xadrez especialmente entre os pais e os professores que achavam que “ah, o meu filho nem estuda e vai jogar xadrez, que barbaridade!” ou “ah, o meu filho vai jogar xadrez e vai ficar louco”, né? Então a imagem do xadrez era muito ruim, a gente teve que fazer um grande trabalho pra desmistificar o xadrez, dizer que o xadrez é um jogo simples. À medida que isso foi sendo feito, que foi sendo mostrado... Porque aqui a gente não tinha dificuldade ou falta de enxadristas, né? Se você mostrar o xadrez pras crianças logo elas adoram, já estão jogando fácil. Eu quando chegava em casa contava pro pai que tava jogando xadrez e era um problema na época porque o meu pai tinha um discurso de quem não gostava, aí ficava com aquele problema “ah, mas como é que tão fazendo isso?”. Muitos professores também pensavam “nossa, já tô sobrecarregado e ainda vou ter que ensinar xadrez aqui” ou “veio um cara de fora aí” e todos aqueles problemas, aquelas brigas todas. Obviamente hoje eu dou razão pra eles porque todos os garotos eram excelentes – tinham entre 18 e 20 anos – mas tinham a tendência de serem competitivos e não formativos. Quem mais precisa do xadrez é quem joga pior, na verdade. Os outros que vão pra competição têm interesse próprio, quando desperta o interesse eles vão sozinhos. Agora você trabalha pedagogicamente com os que têm mais dificuldades, com os que não têm o raciocínio cognitivo natural do xadrez, com quem aquilo de xadrez não é natural pra eles. São esses que vão progredir mais com a prática do xadrez. Então houve tudo isso, depois a gente foi formando, foi formando material, desenvolvemos as nossas peças de plástico. Na época tentamos sensibilizar a Estrela – que era a grande fabricante de brinquedos por aqui – pra ver se eles tinham interesse. Aí tinha que começar a desenvolver um molde e desenvolvemos esses murais de tabuleiros com encaixe, copiamos dos americanos. Muita coisa se copiou dos holandeses e dos americanos. A metodologia nós copiamos dos holandeses, eu trouxe lá da Holanda e aí o pessoal daqui traduziu e adaptou, o Augusto e o Wilson. E isso até pra reduzir custos porque primeiro só havia jogos de madeira, o problema é que eles são caros e inconvenientes, são pintados de verniz e aí as crianças metiam na boca, era um problema. Tudo tinha problema e a gente foi desenvolvendo, trocando ideias, capacitando o desenvolvimento do livro do Wilson e do



Augusto... Ele foi baseado no método holandês que no começo foi copiado mas depois foi adaptado, né? Então a primeira coisa foi desmistificar, depois foi facilitar o ensino. E também a gente não podia gastar muitas horas pra formar um professor. Tá bom, ensinar xadrez em 2 horas você ensina ou alguma coisa assim, mas aí depois você vai gastar 40 horas pra ver a parte pedagógica do xadrez. Quer dizer, como é que se vai ensinar, quais são os objetivos, por que é que se ensina xadrez e por aí vai, tem um monte de coisa. E aí começam aquelas discussões que vocês gostam de fazer e que a gente ficava louco, né? Eu lembro porque eu dei as primeiras aulas, eles me deixavam louco e eu não conseguia delegar isso porque, digamos, eu formei os primeiros multiplicadores, o que foi uma coisa muito boa. Mas eu me lembro que no interior do estado fiz pelo menos 30 cursos e ficava quase louco porque contestavam tudo, discutiam tudo e eu ficava nervoso porque o negócio não avançava. Eu tava no meio do mato lá, tinha que ir embora no dia seguinte e ficava até a noite dando aula, ensinando. Coisa que eu não sabia, né? Essas coisas pedagógicas não são a minha área e o pessoal discutia, discutiam apaixonadamente aquilo e eu ficava perdido. Depois quando principalmente o Wilson e o Augusto – além de outros professores – foram se desenvolvendo isso ficou melhor. Aí eles entravam, aí era da dialética de vocês de estar sempre discutindo, estar sempre colocando, sempre contestando e buscando coisas. A gente não tinha isso, Engenharia é diferente.

J: E essa ideia do ministro de replicar o projeto do Paraná em todo o Brasil, o que o senhor acha?

GM 7: Eu achei interessante e me chama a atenção, me chama muito a atenção porque a gente tinha o projeto aqui que, claro, era um projeto também composto por muito... Nós fizemos aqui, eu realizei aqui um congresso da FIDE em 93 – eu acho que era o “IV Congresso da FIDE” – e junto eu fiz o “I Seminário Internacional de Xadrez Escolar”. A FIDE tinha uma “Comissão de Xadrez para Todos” e aí criou uma “Comissão de Xadrez Escolar”. Mas cada um tinha uma visão do xadrez escolar, o problema era que o Paladino – que era o coordenador nosso lá – era um italiano muito famoso e simpático, depois tinha o Juvencio Blanco que era o secretário da comissão, professor de Educação Física apaixonado e presidente da Federação Venezuelana de Xadrez. A gente organizou aqui em Curitiba e aí veio gente de todo o mundo: vieram os holandeses, os alemães, os soviéticos. Na época todo mundo veio com uma certa visão do seu xadrez escolar que era diferente da visão da gente que, por sua vez, era diferente da visão dos

outros. Mas isso se criou, tivemos uma série de ideias interessantes que a gente criou pra desenvolver e compor o nosso projeto, agregamos muita coisa pela experiência dos outros. Havia gente da Grécia, da Suíça, da França... A França tinha um projeto interessante baseado em clubes escolares de xadrez, já a Inglaterra tem outro tipo de projeto, a Alemanha tem outro, a Holanda tem outro, os Estados Unidos que eu cheguei a trabalhar lá um pouco com eles também tinham outro. Então cada um tinha o seu, tinha os venezuelanos, os cubanos trouxeram os professores de lá. Cada um tinha uma visão diferente, então quando o Cristovam fala em replicar a experiência do Paraná no Brasil, na verdade, ele quis dizer isso, mas em parte não. É, em parte, você dar condições para que as pessoas criem o seu próprio projeto. Por que não há como, né? Quer dizer, você vai fazer um projeto que atenda o Paraná, agora você pega aquelas escolinhas do Acre... As escolinhas do Acre são escolas pequenas – não sei se você conhece mais ou menos a estrutura escolar do Acre – e são escolas menores porque o pessoal todo lá tá espalhado, né? A maioria das escolas tem 100 alunos, a média aqui do Paraná é de 500 a 600 alunos, em São Paulo são cerca de 1000 alunos na mesma escola, então você tem uma outra estrutura. Lá no Acre tem as escolas multisseriadas porque uma comunidade seringueira lá tem cerca de 30 alunos, então vão ter que ter salas multisseriadas porque não pode ter 30 alunos e 15 professores, né? Então lá vai ter que ter as multisseriadas, vai ter que ter todo mundo junto porque lá é diferente. Então cada um tem que criar o seu, não há como. Até o secretário de Educação na época virou pra mim e falou isso, ele falou assim: “não dá pra fazer aqui esse projeto aí que vocês tão falando, aqui não dá”. E eu fui aprendendo isso lá também, então cada um foi construindo o seu projeto. Em Minas era diferente de São Paulo que era diferente de Brasília, por exemplo. Lá com o Villar em Brasília era outra coisa, a UNB apoiava virtualmente o projeto e o Villar era um cara fantástico, conhecedor profundo. Ele tinha feito um doutorado primeiro em Paris com dados nossos aqui do projeto de xadrez escolar, convivi com ele em Paris por bastante tempo e ele se virou lá, é um cara muito simples que hoje é um monstro. O Villar é um cara excepcional, então Brasília não dá pra comparar, né? Talvez Brasília e Curitiba desse pra comparar em certo sentido, mas aqui o Wilson trabalha na área da Pedagogia via prefeitura, então o Wilson é funcionário da prefeitura e o Villar é lá da UNB. É diferente isso, né? Então é claro que tudo isso tem suas características e seus pontos fortes. São Paulo lá com o Kassab era outra coisa, mas se você capacitar o pessoal e der a técnica eles vão construindo projetos, nem que seja por rotas alternativas. Então o termo que ele usou em parte é

interessante e em parte não é verdadeiro pois nunca se replicou nada aqui, o que houve foi que se usou um pouco do conhecimento e do material gerado para baratear custos no começo, mas depois cada um foi buscar a sua solução. Quer dizer, se não fossem as peças de plástico, se não fossem os livros, se não fosse o servidor de xadrez que nós desenvolvemos aqui no Paraná que permitia a gente ter uma visão sobre como o projeto era desenvolvido no Brasil todo... Nós criamos aqui o primeiro servidor de xadrez do Terceiro Mundo, mas cada um foi construindo o seu.

J: Era um evento acadêmico esse “I Seminário Internacional de Xadrez Escolar”?

GM 7: Não, ele não tinha um cunho acadêmico até porque era organizado dentro do marco de um congresso da FIDE. Convidamos e pedimos para que viessem os professores e não os enxadristas, até porque não era um seminário de treinamento, né? O que a gente tentava era “não, nós queremos é discutir o ensino, o básico”, mas foi mais um relato de experiências que tá disponível até hoje aí. Eu tenho umas 10 cópias dele lá em casa, o Wilson tem disponível também e se você pedir ele te manda, na página dele também deve ter. Hoje a gente consideraria esse evento um pouco primário, mas na época foi grande coisa porque foi a primeira vez que a gente reuniu todo mundo. Éramos uns 20 aqui do Paraná e mais uns outros 20 do resto do Brasil, tinha bastante gente aqui da América Latina e depois tinha mais uns 20 europeus. Dentro daquela coisa toda o Paladino falava em italiano e ninguém entendia nada, gesticulava muito. Então foi muito interessante porque depois nós traduzimos tudo pro inglês e publicamos.

J: Quais eram as principais visões que concorriam sobre o xadrez escolar à época?

GM 7: Há gente mais capacitada do que eu pra falar sobre as visões pedagógicas, quer dizer, sem dúvidas o Wilson e o Villar são mais capacitados. Mas eu quando comecei em 80 fui pedir ajuda pra uma psicóloga que era amiga da mãe e professora aqui da universidade, ela me falou: “olha, é melhor ler Piaget, pra engenheiro é Piaget mesmo” e ela sabia das minhas limitações, né? “Você vai entender tudo aí com o Piaget falando, os outros todos são psicólogos e tal, são mais complicados”. Então ela me deu lá uns 4, 5 livros de Piaget e eu fiquei lendo esse Piaget, achei fácil até de entender porque Piaget é tudo “ta, ta, ta, ta” e fim. Aí eu desenvolvi o projeto assim “o ideal é que entre os 7, 8, 9 anos que é quando começa a abstração...” e coisa e tal. Até hoje acho que este é o principal objetivo do xadrez, pra mim a principal meta do xadrez, o principal benefício

dele é a parte da abstração. Claro que a memorização é boa, o raciocínio lógico, a dedução, a resolução de problemas e tal, mas a abstração eu acho que é o forte do xadrez e acho que isso faz uma diferença grande, né? Então eu acho que o xadrez acaba ajudando muito nessa área e aí fui desenvolvendo o projeto assim. O nosso problema aqui no estado foi que ele começou assim e na época – isso no começo da década de 80 – as escolas eram... Você tinha as escolas estaduais do primário que era o Fundamental básico e a escola ali, tinha de tudo ali. A partir de 88, 89 eles desmembraram, aí de 1ª até a 4ª série ficou totalmente municipal e de 5ª até a 8ª série, além do Ensino Médio, ficou totalmente estadual. E aí nós perdemos quase tudo porque o projeto ficou do município, os professores ficaram do município, o material ficou do município, a sala de aula ficou do município. Aí nós deslocamos, começamos a criar os projetos municipais e deslocamos para um projeto estadual, né? Mas, basicamente, eu diria que quando vejo a maioria dos projetos... Se você pegar o rapaz de Portugal também que foi muito interessante, o que é que ele fazia? Ele ia nas escolas e sugeria pro pessoal que tava lá dizendo “olha, eu vou fazer aqui uma atividade de xadrez, vocês aprendam aí como quiserem e sábado tem um torneio, quem quiser vem”. Então ele ia lá, pegava os garotos mais interessados e deixava lá uns panfletos e uns livrinhos, o pessoal aprendia e sábado ia lá. Tinha um convitinho que era uma maneira de por o pessoal na festa já direto. Nessa parte a gente começou a ensinar o xadrez ao contrário porque ele não ensinava todos os movimentos pro pessoal depois começar a jogar, ele já colocava todos jogando ali de cara, né? Dar mate em 2 e 3, dar mate de rei e torre, dama e tal. Então tem várias discussões, todas elas muito pertinentes, todas elas cheias de argumentos de um lado e do outro, né? E eu nunca fechei essa questão porque eu nunca entendia o suficiente, mas eu sei que o Wilson tem os métodos dele, sei que o Villar tem os dele e todos eles me convencem quando conversam comigo, mas isso aí pelas teorias deles. Pedagogicamente a minha sensação é que o xadrez auxilia, mas qual a melhor maneira de se ensinar o xadrez e qual o melhor objetivo a se seguir, tudo isso eu fico muito aberto pra aprender.

J: O senhor comentou que em uma fase piloto desse projeto de xadrez escolar os monitores do clube que ensinavam nas escolas identificavam que cerca de 10 a 20% dos alunos das diferentes salas apresentavam interesse em xadrez. Como era isso?

GM 7: É, esse aspecto a gente modificou porque não dava, tinha que ser professor pra dar aula. Era muito problema dentro da escola, então tinha que ser professor. O erro foi

meu de ter colocado gente de fora e sem formação pedagógica, agora o projeto exige uma formação pedagógica. Não há como você falar de um projeto educacional sem ter pedagogos nele vinculados diretamente, então na verdade não era, houve uma... Alguns deles até viraram professores, 2 ou 3 deles viraram, o Augusto e o Marcos. Outros não, outros seguiram e viraram engenheiros, médicos, cada um virou alguma coisa. Mas o projeto sim, a partir daí era pegar um professor que já tava na escola e dar pra ele um horário específico pra fazer essa atividade. Depois se você for ver outros projetos como o Segundo Tempo ou o Mais Educação – que são mais famosos, são projetos da mesma linha e que a gente trabalhou junto pra ajudar a criar eles a partir de 2003 com as propostas do Cristovam – já existia o xadrez. O esporte na época do Fernando Henrique lá do Grael, né? Havia esporte escolar, mas com o Cristovam isso ganhou um formato diferente porque apesar dele ser engenheiro, ele era também pedagogo e tinha uma visão pedagógica do processo. Isso o Grael, por exemplo, não tinha quando foi ministro do Esporte. O Cristovam também tomava conta de tudo, o pessoal respeitava ele, o ministro do Esporte respeitava ele, então era uma visão mais clara pra ele o pedagógico. Mas enfim, isso é um vício de quem não é pedagogo, né? Quer dizer, eram garotos que até gostavam e praticavam xadrez, mas eram bons de competição. Esse não é o caso dos professores, os professores não necessariamente são bons jogadores e acho até que os melhores professores de fato não são. Mas os garotos que tavam lá eram jogadores, se destacavam pelo clube e a gente levava. Eles tinham essa vontade de ajudar o projeto com o coração aberto mas, por outro lado, eles também tinham essa concepção de que “se o garoto gostava ele gostava, se não gostava era problema dele”. Então esse foi um erro do piloto que foi corrigido no projeto principal depois, foi uma das coisas que a gente conseguiu corrigir. Se a gente fosse mais inteligente teria detectado isso antes, mas também os projetos de contraturno eram muito raros na época, eram muito poucos. As aulas aconteciam no contraturno e com livre adesão, isso sim foi desde o começo entendido como um consenso. É claro, eu até conversei com o Averbakh que é um Mestre soviético que uma vez me falou “a grande vantagem do xadrez é que ele é uma atividade lúdica e atrativa, se você obrigar os garotos a jogar ele não tem vantagem nenhuma”. Isso foi quando eu estive na União Soviética em 80, antes ele já esteve aqui no Interzonal do Rio mas ele me falou isso quando eu fui na casa dele lá um dia, ele me disse “aqui na União Soviética o xadrez é de livre adesão, obrigar uma criança a participar é matar o grande atrativo do xadrez”. Então essa foi uma lição que eu aprendi ali, conheci e esse erro eu já não cometi. Cometi vários outros, mas esse não. A ideia é

que ele é importante sendo de livre adesão, a pessoa escolhe se quer aderir ou não a um evento de xadrez. Atualmente o projeto persiste mas meio morto, tá uma crise muito grande. Tem umas greves aí, estão cortando a hora-atividade dos professores, enfim. Então eu não sei bem como é que tá hoje, até 2 anos atrás tava indo tudo bem.

J: Quais seriam as vantagens dessa livre adesão em contraponto à obrigatoriedade?

GM 7: É, o que eu vejo é assim, especialmente em um país como o Brasil que não conhece o xadrez essa obrigatoriedade... Porque uma coisa é a livre adesão na Rússia que é como se fosse a livre adesão ao futebol aqui. Na época da União Soviética todo mundo conhecia xadrez por lá, então o nível do xadrez escolar começava de outro ponto, ninguém ia lá aprender como se movia um peão, uma peça. Eles já sabem isso, eles já vêm de casa sabendo como aqui isso acontece em relação ao futebol, ninguém sai de casa pra ser ensinado a chutar uma bola. Então esse contraponto é diferente, existem alguns momentos que você pode dizer “não, essa é uma aula mais ou menos geral e isso aqui é o xadrez, isso aqui é o *go*, isso aqui é o gamão e não sei o que lá”, apresentar como atividades e tal. Mas depois de você dar 20 ou 30 aulas por ano sobre xadrez e obrigando a criança a fazer eu sou contra. Apresentar você apresentou, não precisa de mais de 2 ou 3 horas pra apresentar, algumas crianças vão gostar e aí os outros participam por livre adesão. E até o professor, se o professor começar a dar aquela aula que ele não gosta – como ele não gosta de dar aula de matemática – fica uma coisa complicada. Então a gente sempre procurou o envolvimento de todos, o diretor da escola tem que estar envolvido, os pais têm que estar envolvidos, os alunos têm que estar envolvidos, se não você perde muito esforço pra forçar as pessoas a fazerem as coisas. Então é livre adesão, se a escola quer ela quer, se tem um professor que quer então tem, já se não tem nenhum professor que quer não adianta que não vai ter, né? Mesmo a escola querendo nós não vamos mais ficar trazendo gente de fora, então tudo isso tem que ser conversado de uma maneira mais racional, ser mais bem aproveitado. É claro que se você pegar uma criança lá do interior do Pará provavelmente ela vai te dizer “eu nunca tive um conhecimento de xadrez”, então você mostra o xadrez. Mas na hora que você já tá querendo ensinar com certos conceitos isso já deve ser uma livre adesão, ser no contraturno. Tanto que eu defendia que se você pegasse 2, 3 ou no máximo 4 aulas durante a Educação Física você seria capaz de ensinar xadrez, especialmente no 1º ou 2º ano do Ensino Fundamental. Mas uma vez apresentado tá de bom tamanho, se a pessoa quiser realmente ela vai no contraturno, volta lá e vai fazer.

Mas mesmo aí eu separo do que seria o treinamento de uma equipe, né? Porque poderia haver o treinamento de uma equipe que até formasse um enxadrista, mas tem também a pessoa que vai lá pra jogar por um aspecto educativo, por um aspecto de lazer. Então ela deve ter um professor e nesse aspecto mais competitivo poderia ser o pessoal cujo nível de xadrez é bom, quer dizer, um pessoal que teria condições razoáveis de fazer isso.

J: GM 8 e GM 5 vivenciaram esse projeto?

GM 7: Vivenciaram, claro. Eles tiveram, eles participaram... O GM 5 eu acho que não, mas o GM 8 sim. O GM 8 jogou o circuito escolar, ganhava e era o grande destaque do projeto. Quer dizer, não pelo projeto em si porque ele já jogava xadrez em casa com o pai dele, já era bom muito antes disso acontecer. Mas o projeto, digamos assim, o projetou para o xadrez brasileiro e também para a nossa confederação, ele se beneficiou de ter uma coisa organizada, do fato da gente ter criado os Brasileiros Sub-10, Sub-12, Sub-14, Sub-18, de ter criado os Pan-Americanos, de ter aumentado as delegações brasileiras que participavam dos Mundiais. Tudo isso o GM 8 teve, foi um benefício que ele teve. Não que se isso não tivesse mudado ele não teria jogado, mas isso especificamente para o caso dele ajudou. Seguramente pra outros isso foi significativo como no caso do GM 11, por exemplo. O GM 11 não teria sido descoberto lá no Maranhão se isso não tivesse acontecido quando ele era muito jovem e após ter conquistado tanto, se mudado pra São Paulo, entre outros.

J: E na escola, o senhor teve algum contato com o xadrez?

GM 7: Não, lá no Colégio Santa Maria tinha uns tabuleiros, eu cheguei a jogar com uns colegas mas não era uma coisa incentivada. Na biblioteca da escola tinha uns tabuleiros também, um ou outro dia a gente ia lá mas também não era uma coisa, assim. Não havia incentivo nenhum, não havia uma prática mais organizada ou mesmo a promoção dos meninos que jogavam e que já sabiam, nada disso. Até me lembro que na época alguns tinham isso bem organizado, o CEFET aqui fazia isso, o pai do GM 8 ajudava também e o Colégio Militar tinha isso também mais ou menos organizado. Mas que eu me lembro eram mais os dois porque os dois eram públicos, o CEFET chegou a ser por vários anos o clube de xadrez mais frequentado do Paraná, eles tinham uns 500 sócios lá. Tinha uns garotos que eram todos organizados, tinha os estagiários, os coordenadores. Eu fui lá dar simultâneas pelo menos umas 30 vezes, foram de 20 a 30 simultâneas. Era tudo organizado e muito bonito de ver porque no recreio era tudo lotado, tinha lista de

espera, era uma sala grande. Depois roubaram deles lá a sala, mas era uma coisa interessante que a gente ficava admirado porque eles eram realmente autossuficientes ali dentro, eles eram bons. Os diretores apoiavam, os diretores da escola apoiavam. Havia até outros mais, quer dizer, vários clubes mantinham salas de xadrez. Eu dei aula aqui por muito tempo no clube Thalia que tinha uma salinha de xadrez, o Círculo Militar por muitos anos também teve uma sala importante de xadrez.

J: Estes eram clubes privados?

GM 7: Sim, clubes privados. Ou tinha a AABB também, por exemplo, então havia outros sindicalizados ou mesmo públicos. Tinha outro no Passeio Público, não sei se você conhece aqui? Até construíram uma sede lá e eles jogavam ali no Passeio Público, hoje o pessoal joga mais damas lá, mas ali já jogaram muito xadrez. O xadrez fazia parte da cultura de Curitiba, eu diria que os imigrantes espanhóis, alemães e especialmente os eslavos praticavam todos muito xadrez aqui. Se você pegar um período anterior à Segunda Guerra Mundial os campeões eram alemães, em Santa Catarina muito mais até. O que ocorre depois da Segunda Guerra Mundial com aquela pressão toda que houve contra os italianos – mas principalmente contra os alemães – foi que eles começam a se envergonhar um pouco da própria cultura e, aos poucos, a abandoná-la. Então você vê que a partir da década de 50 as novas gerações alemãs começam a não jogar mais xadrez, houve essa mudança.

J: Haveria alguma relação entre a vivência que o senhor teve com o xadrez nos mais diversos espaços relatados e a obtenção do título de Grande Mestre?

GM 7: Olha, o que o Wilson chama de maestria, essa necessidade de se estudar 10.000 horas, 20.000 horas, né? É óbvio que esses espaços proporcionavam esse intercâmbio, hoje é diferente porque você tem a *internet*, enfim. Na época não havia a possibilidade de despontar alguém como o GM 11 que veio lá do Maranhão pra ser Campeão Brasileiro. Não existia isso, o xadrez não te permitia esse tipo de coisa, você precisava dos livros, precisava dos adversários, precisava jogar, precisava participar, então você dependia destes espaços. É óbvio que São Paulo tinha mais espaços e mais gente, tem o fato de todos os Mestres terem ido pra São Paulo... Quando eu vou até São Paulo tá lá o Herman, tinha lá o Hélder Rocha, tá todo mundo lá. O único que não ficou lá foi o GM 6 porque ele foi pro Rio, mas lá também tinha um bom centro de treinamento na época que, enfim, acabou decaindo rapidamente. Então você vê claramente que foram esses



centros que mandaram no processo todo e isso foi muito claro, sem esses centros de excelência as coisas não vão, não desenvolvem. Então é fundamental ter um espaço pra poder chegar em uma certa excelência, na conquista da maestria, né?

J: O senhor comentou que nessa época a transmissão do xadrez era mais familiar, que era mais fácil jogar bem tendo algum membro da família que também praticasse. Pode falar um pouquinho mais sobre isso?

GM 7: Agora veja a diferença, vou pegar o caso do GM 8 aqui que tem um pai que já jogava xadrez e que, por sua vez, também já jogava antes lá com o pai dele, então havia toda essa frequência. O GM 8 é um grande jogador e com 6, 7 anos de idade ele já subia lá nos tabuleiros e ficava jogando com a gente. Mas, quer dizer, quem é que vai levar um filho de 5, 6 anos pro xadrez e ficar com ele lá até altas horas da noite? Os talentos se desenvolvem depois de uns 7 anos e tal, então precisam ser trabalhados, não pense que... Então se não é a família... Jogar xadrez na escola é muito bonito porque os professores ensinam, as crianças jogam e às vezes de final de semana também jogam um torneiozinho e tal, mas pra você ser um jogador competitivo de alto rendimento é outra coisa, são muito mais horas. Até as crianças de escola pública têm isso, mas precisam também ter intercâmbio, ter acesso ao material. Os custos não são altos e isso é óbvio, mas você precisava ter um livro, precisava ter um “Informador”. No caso do GM 8 o pai tinha, no caso do grande adversário dele aqui no Paraná que era o Ernani Choma o pai tinha também, os dois tinham pais que eram apaixonados por xadrez. O Choma levou o Ernani pra todo lado do mundo, já o pai de GM 8 nem tanto mas a mãe de GM 8 também levou ele pra vários lugares do mundo. O pai de GM 8 tinha um trabalho na área de Informática e por isso não podia acompanhar tanto o filho. Então era muito difícil, a própria mãe do GM 11 o acompanhou bastante, sem esse apoio da família não há como atingir esse grau de maestria, digamos assim. Vamos usar a palavra que o Wilson gosta [risos], então não há chance do cara chegar. Hoje já é um pouco diferente, a criança com 6, 7 anos ela aparece, o professor leva, já parte pra um treinador, tem as bolsas de estudo e o garoto vai, na minha época não tinha a menor chance de ser assim. E isso é muito recentemente, a gente tá falando de uns 10 anos pra trás isso.

J: O senhor se recorda de momentos ou pessoas significativas durante a sua fase de iniciação?

GM 7: Ah, muitos, muitos. Aqui no clube de xadrez tem vários, né? Tem o doutor Mauro, o doutor Otto, tem muita gente aí porque é como eu te falei, às vezes você não constrói uma coisa só ali. O próprio Vitório Chemin que foi o meu primeiro e grande adversário no estado, ele era Vice-campeão Brasileiro e eu fui Vice-campeão dele 2 vezes no Paranaense até conseguir o passar. Então era uma coisa importante, cada passo era uma vitória, né? E são todas pessoas com as quais eu tive uma relação de amizade grande porque, embora em dado momento nós fôssemos adversários, tinha um *match* lá que a gente jogava contra o Metrópole de Porto Alegre na mesma equipe. Então éramos uma equipe e eram 4 tabuleiros: o Vitório, o Mauro, acho que o Elídio e eu era o 4º tabuleiro. Eu queria ganhar de todos os meus adversários, tinha uns 12, 13 anos. Então lá nós éramos uma equipe, os caras ficavam me preparando e era algo do tipo “não, você vai jogar com fulano e esse cara joga assim, joga assado, cuidado aqui, cuidado ali”. Então são pessoas que sempre souberam trabalhar muito bem essa relação de ser adversário e não inimigo, né? Como é a minha relação com o GM 3, com o GM 6... Com o GM 6 nem tanto porque ele é mais complicado, mas com todos os outros houve esse entendimento de modo muito claro, né? Com o GM 8, com o GM 12, com o GM 11, com eles até mais porque a gente pôde conversar, pôde amadurecer tudo isso. Então eles têm uma visão bastante clara disso e são amigos até hoje, todos eles. Você cria disso uma referência de relação pessoal. Então o que eu acho que vale a pena realçar realmente é essa relação que o xadrez deixa das amizades, da personalidade. Quer dizer, você poder ter amigos e isso é sempre uma coisa interessante porque eu jogava basquete e no basquete a gente ia, jogava, era compromisso pra lá e pra cá. Nós jogamos, fomos Vice-campeões Brasileiros Infanto-juvenil e tal, mas você tinha mais os amigos da equipe. Então as relações com os garotos de Minas, de São Paulo e de não sei lá onde eram muito limitadas, né? Porque você tava com a sua equipe se você fosse tomar um refrigerante, se conversasse com os outros caras lá... No xadrez como a gente tava ali já saia todo mundo, saia todo mundo no mesmo horário, já saíamos mais ou menos todos nós. Mas mesmo nos Jogos Escolares nós éramos um pouco discriminados, nos Abertos também.

J: Ah, é? E por quê?

GM 7: Porque o pessoal de outras modalidades como o Atletismo, por exemplo, tem dificuldade de entender o xadrez como uma atividade e tal. Isso antes, né? Agora talvez não tanto, então a gente fica meio que no gueto, assim. Esse tipo de coisa ajudava você

a criar uma maior relação além, claro, dos torneios adultos que você ia jogar aqui e ali. No final do dia quando você voltava lá eram uns 10, 12 no torneio e, desses, 90% eram estrangeiros e estavam no hotel. Então íamos jantar juntos, íamos tomar café da manhã juntos, íamos descobrir a cidade juntos, não éramos só adversários nas partidas.

J: Afinal, o senhor gosta de xadrez?

GM 7: Pois é, essa é uma questão que se coloca, né? Eu gosto de xadrez, óbvio que eu gosto de xadrez. Agora uma coisa é gostar de xadrez como uma certa atividade e outra coisa é gostar de xadrez como uma profissão, ter que estudar xadrez entre 30 a 40 horas por semana pra uma competição. Eu nunca tive essa capacidade de abraçar o xadrez como, por exemplo, o GM 6 e o GM 3, né? Isso comparando um antes e um depois de mim. Eles tinham uma relação de entrega total com o xadrez, já eu depois de um certo tempo de torneio começava a cansar daquilo. Então é diferente, a minha relação nunca foi, assim, tão profunda. Eu gostava muito do ambiente do xadrez, dos enxadristas. Tenho muitos amigos no xadrez, então eu gosto muito disso. Mas eu confesso que eu nunca pude... Eu via o Karpov e o Kasparov com aquela coisa, com aquela paixão falando de xadrez e vivendo o xadrez, né?

[Interrupção].

GM 7: Então essa questão toda da relação com o xadrez... Porque uma coisa é você jogar xadrez por 2, 3, 4 horas por semana ou por 1 hora no final do dia, outra coisa é você ver xadrez, viver de xadrez e respirar xadrez por 40, 60 horas por semana. Então nesse sentido eu senti que tinha um *handicap* em relação a todos eles muito grande, eles gostavam muito de xadrez e vibravam muito, já eu não via tanto, né? Mas eu gostava muito do ambiente, de estar ali, de ver, das viagens, das pessoas. Sempre achei os enxadristas e as suas personalidades muito interessantes, mas não posso dizer que eu fosse um apaixonado por xadrez no mesmo nível deles. Eu sempre busquei outras coisas como, por exemplo, o xadrez escolar que foi uma coisa que eu me meti muito rápido. No que eu comecei a viajar e ver como é que eram os projetos em outros países eu comecei a querer implantá-los aqui, propus para as secretarias e fui bem aceito. O próprio fato de eu ter terminado o curso no Ensino Superior, né? Muitos dos outros Grandes Mestres nem o começaram ou não terminaram. Então eles viram que tinham uma vocação para o xadrez, eu demorei muito. Pra você começar a ser um profissional tem que ser com 22, 23 anos. Eu fui jogar profissionalmente mesmo com 25 anos, isso 3

anos depois de formado. Então são certas diferenças – cada uma delas com seus bônus e ônus – que a gente sentia de modo distinto, e isso sem querer dizer que eu tive alguma vantagem ou desvantagem.

J: E se a gente pensar na origem, como é que o senhor acha que esse gosto surgiu?

GM 7: O gosto de pensar? Porque jogar xadrez, na verdade, é você estar disposto a pensar, a se aprofundar. Nesse sentido eu acho que ele veio das minhas primeiras influências, tem a influência familiar que você colocou. O que, em parte, é o que a gente faz aqui no Instituto de Engenharia também, temos um grupo que trabalha com uma espécie de banco de ideias, né? Nada mais é do que ficar pensando ideias pra desenvolver o estado na parte de infraestrutura, então é uma coisa que eu gosto muito porque você fica se esforçando e pensando “e se a gente fizer isso, e se a gente fizer aquilo?” ou “e se a gente fizer um porto, onde é que constrói um porto, vai faltar armazém, como é que constrói armazém, como é que começa, como é que puxa o fio”. Eles que têm essa experiência têm uma visão da coisa bastante ampla, então você consegue construir. Esse tipo de coisa me agrada, tanto me agrada que aqui no Instituto todo mundo se diverte por trabalhar com eles.

[Interrupção].

J: Há mais algo sobre o envolvimento dos membros da sua família com o xadrez que o senhor queira acrescentar?

GM 7: Bom, alguns dos meus irmãos aprenderam os movimentos e jogaram xadrez, mas nenhum foi pra competição. As minhas irmãs nem isso, não havia tanto interesse, assim, familiar. Além do meu avô não houve ninguém da minha geração ou das gerações posteriores mesmo que se interessou. Meu filho jogou um pouco o xadrez escolar, mas também nada demais. São 3 filhos, tenho gêmeos e tenho o mais velho que é esse que estudou Aeronáutica lá na USP de São Carlos e que também jogou um pouco na equipe de xadrez Sub-21 lá de Bariri. Todos eles conhecem xadrez, movem as peças e tal mas não jogaram, só o mais velho tinha certo nível e competiu um pouco até os 14, 16 anos, ele depois jogou alguma coisa lá pela USP de São Carlos também.

J: Como foi pro senhor apresentar o xadrez pros seus filhos?

GM 7: É, não foi do mesmo modo mas transmiti, e até por obrigação, né? De certa maneira o xadrez foi uma parte muito importante da minha vida e os meus filhos precisariam entender. O xadrez não é como a música e como a pintura que a transmissão é natural, então depende de você dar uma iniciação. Se você não iniciar um pouco... Esse mais velho foi comigo na Olimpíada de Torino em 2006, ele teve lá nos últimos dias e viu lá como é que era o ambiente. Então foi possível que ele visse o ambiente do xadrez, conhecesse como é que tudo funcionava.

J: No que diferiu ou se assemelhou o modo como o senhor transmitiu o xadrez aos seus filhos e o modo como ele te foi apresentado pelo seu pai?

GM 7: Ah, foi totalmente diferente, né? O ensino, por exemplo, partiu de mim porque era o que eu tinha feito profissionalmente, era uma coisa que eu gostava. O meu pai fazia uma coisa que pra ele tinha sido delegada pelo meu avô. Talvez fosse de uma maneira parecida se eu tivesse convivido mais com o meu avô, se ele tivesse vivido mais uns anos. Já que não foi assim, né? O meu pai não tinha essa cultura, esse gostar de xadrez como talvez o meu avô tivesse. O modo como ensinei o meu filho sempre foi uma coisa mais organizada, uma coisa mais consciente, formal. Eu dizia “olha, é isso aqui e se você quiser jogar aqui é assim e assim”, enfim.

J: A sua família tinha alguma expectativa sobre a sua participação no xadrez?

GM 7: Não, meus pais e meus irmãos? De que eu fosse ganhar alguma coisa, não. Eu acho que o meu pai não esperava nada, esperava só que eu soubesse que o pai dele jogava, que o meu avô jogava, mas acho que não mais do que isso. À medida que a coisa foi acontecendo e evoluindo eles também foram, mas *a priori* não esperavam nada, assim.

J: Naquela época, além dos já comentados xadrez e basquete, o senhor praticava outras atividades?

GM 7: Sim, meu pai gostava muito de tênis, eu lembro que ele jogava bem e bastante tênis. Ele até gostaria que eu fosse um bom tenista, mas não tive talento pra isso [risos]. Então ele tinha a expectativa de que eu fosse um bom tenista, não um enxadrista. Meu pai não via o xadrez ou outra atividade, assim, como uma maneira... Ele era muito do amador, daquela coisa, assim. Não havia chance de eu parar de estudar, parar de fazer exercícios ou mesmo de não ir trabalhar, não havia a menor possibilidade. Mas havia

bastante coisa, as atividades esportivas me acompanharam durante a vida toda. Inclusive durante a prática do xadrez me ajudaram muito porque eu tinha uma atividade física – sempre tive atividades físicas – e criava muita resistência em competições. Eu sentia isso claramente com o GM 6, por exemplo, ou em certo sentido com o próprio GM 3. O GM 6 até teve certa condição física mas isso foi mais tarde, na época das competições mesmo ele não tinha tanta. O GM 6 tinha grandes dificuldades, já chegou a não dormir durante as competições. Ele perdia uma partida e não conseguia dormir, já eu sempre dormi muito bem [risos]. Então eu lia muito, mas nunca tive algum talento artístico ou para a música.

J: E atualmente, há outras práticas além do xadrez?

GM 7: Hoje é o xadrez que tem pouca prática [risos]. Na verdade hoje é um período de transição na minha vida, né? Tive essa atividade bastante grande na área da Educação e agora me aposentei. Então tô buscando outras coisas, o projeto de xadrez é uma coisa que ainda me acompanha bastante. Até porque foi o primeiro organizado no Brasil e, seguramente, um dos maiores e mais organizados do mundo. Isso sim é uma coisa que eu tenho como preferência, agora as outras atividades... Eu gosto de participar aqui do Instituto, presidi esta entidade e também participo de outras do terceiro setor. Então eu gosto disso, a própria experiência de vida que você tem pode ser uma contribuição pra sociedade, tenho esse certo sentimento de responsabilidade social.

J: A escolha do seu curso superior na universidade teve alguma relação com o xadrez?

GM 7: Não, não teve nenhuma relação. Meu pai fez uns 2 ou 3 anos de Engenharia, acabou abandonando. Eu também me dava bem em Matemática e muito bem em Física, sempre fui muito bom em Física, então tinha certa... Se fosse hoje talvez eu tivesse até feito Física e não Engenharia, mas na época não. Física não era um curso que a gente fizesse, não era tão... Então eu fiz Engenharia.

J: Eu gostaria que o senhor pensasse agora na época de suas atividades como jogador ativo após a conquista do título de Grande Mestre. Considerava-se um profissional?

GM 7: Ser Grande Mestre era profissional pra mim, digamos que foi um grande apoio porque foi um período que eu morei fora e me dediquei até chegar ao título em 86. Talvez isso pudesse ter acontecido antes, tive certas brigas lá e podia ter conseguido isso alguns anos antes. Mas enfim, era um objetivo de carreira chegar a ser Grande

Mestre, consegui e depois voltei pro Brasil. Eu tinha dois grandes objetivos que eram chegar a Grande Mestre e viver uma experiência fora do país, cumprindo os dois eu voltei. Nem todas as experiências fora do país tiveram como foco o xadrez, mas ele foi de muita importância. Não absolutamente, mas foi de muita importância. Por volta dos 22, 23 anos é quando eu considero que fui me dedicar a jogar e tentar chegar a Grande Mestre. Eu já era Mestre desde o Interzonal do Rio em 79, poderia ter sido Grande Mestre lá também, enfim. Mas daí eu parei, fui trabalhar com Engenharia por 2 anos e só depois fui realmente jogar.

J: Considerando as suas experiências fora do país, quais semelhanças ou diferenças o senhor pôde notar entre o contexto enxadrístico brasileiro e aquele vivenciado no exterior?

GM 7: Ah sim, uma das coisas que me fez ir foi quando eu comecei a conhecer como era a vida do profissional de xadrez na Europa. Esses intercâmbios no exterior me mostraram como poderia ser um outro tipo de vida do profissional de xadrez além daquela vida que eu conhecia aqui dos brasileiros que eram profissionais. Havia um certo respeito, uma certa relação com a sociedade, uma certa importância, uma remuneração mais significativa. Então na Europa os Grandes Mestres tinham condições melhores que permitiam a gente ganhar alguns cachês, ganhar as condições pra jogar, entre outros.

J: O senhor considera bem-sucedida a sua trajetória no xadrez?

GM 7: Eu gosto de pensar que sim, quer dizer, você pode colocar que ganhei medalha de ouro na Olimpíada, tive alguns resultados esportivos importantes, ganhei alguns Brasileiros, ganhei alguns Pan-Americanos, tive bons resultados em Mundiais e Olimpíadas, principalmente por equipes. Eu me importava muito em participar, então considero que sim. Considero bem-sucedida pelas conquistas e também há de se levar em conta da onde se sai e pra onde se chega nesse processo. Quer dizer, é diferente alguém com as mesmas condições mas que joga xadrez lá na União Soviética, seguramente ia progredir mais. Quer dizer, se você pegar o pessoal que jogou Juniores comigo provavelmente esse pessoal tem outras condições pra participar e isso vai ser com todos, né? Se você pegar o GM 11, quando ele perde pro Leko – se ganhasse era Campeão Mundial – nós não podemos esquecer que logo depois o Leko se torna um dos 100 melhores do mundo. Se fosse o contrário, se o Leko morasse aqui e nós na Hungria

então, talvez, ele tivesse chego. Pra todos nós o ambiente teve lá suas vantagens e desvantagens, talvez mais desvantagens quando se fala em chegar nos melhores do mundo.

J: O talento teve alguma influência em sua trajetória?

GM 7: Bom, sobre a minha e sobre a de todos os outros. O que eu acho do talento, na verdade, é que hoje ele viabiliza – e isso tá muito mais claro pra mim – uma carreira. Quer dizer, o GM 11 se viabiliza quando ele se mostra forte, ele consegue patrocínio aqui e ali e se viabiliza pra poder, então, participar e cultivar esse talento. Isso em um instante que, digamos, seria mais prematuro, né? Se ele não tivesse vencido o Campeonato Brasileiro, se não tivesse vencido o Pan-Americano e o Mundial ele não teria... A mesma coisa o GM 12 e depois o GM 3, todos eles saíram desse talento. Eu conheci muita gente e acho que o resultado mesmo 99% é transpiração e 1% é inspiração. No final da carreira a importância do talento decresce muito porque vira um jogo muito técnico, em um jogo menos técnico... Isso talvez há 100 anos quando o xadrez conhecia Capablanca, mas hoje é muito técnico. No resultado final eu não vejo tanta importância assim do talento, eu vejo muito mais uma capacidade de trabalho. Bom, eu trabalhei bastante também, talvez não tanto quanto os outros até pelas razões que eu já coloquei. Não trabalhei tanto quanto o GM 6, não trabalhei tanto quanto o GM 3, muito menos do que o GM 10 ou do que o Herman que foram caras que trabalharam muito. Mas enfim, trabalhei pra poder evoluir, se tivesse trabalhado mais tinha chegado mais longe, com certeza.

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 7: Ah, eu acho que sobram os princípios básicos que nos regem. É claro que muita coisa mudou, muita coisa se confirmou e você vive em função desses princípios que você adquire logo cedo, né? Então as crenças fundamentais, esses princípios básicos são o que permanecem. Com os anos você fica mais experiente, você fica talvez um pouco mais temeroso e tal, mas você permanece com teus valores éticos morais, esses sim permanecem.

J: E atualmente, o que o xadrez representa pro senhor?

GM 7: Pois é, é um momento... Eu acho que o xadrez passa por uma transformação grande que eu acho que é uma coisa... A tecnologia, a parte competitiva, é uma



mudança brutal da estrutura do xadrez. Acho que as condições são difíceis, especialmente pros profissionais. Mas pra mim fica... Primeiro fica uma memória de vida, assim, de amizade e de relações, mas também fica essa expectativa de saber onde isso vai dar, fico tentando descobrir se isso vai ter a sua importância ou não.

J: E como é que se deu o seu abandono como jogador profissional de xadrez?

GM 7: É, pra mim tem uma marca muito forte que foi em 2008 quando eu joguei a Olimpíada de Dresden e começo a ter um problema de saúde lá. Volto aqui, faço exames e descubro que eu tenho um câncer no intestino. Então opero e aí começa um período de quase 1 ano ali de quimioterapia que é realmente muito desgastante, a quimioterapia é muito agressiva e muda a cabeça da gente. Então esse é um aspecto que me faz decidir que era o momento de parar porque eu já não consigo pensar com a mesma clareza e com a mesma concentração de antes. Então pra mim, basicamente, a quimioterapia – a doença também, mas a quimioterapia em particular – é um momento decisivo porque não dá pra ter talento e ter que parar de jogar na competição. Mas o xadrez continua, ele continua com o xadrez escolar, eu ajudo bastante a federação daqui, a gente viabiliza esse patrocínio aí da COPEL pra federação. A gente ajuda os garotos, o próprio Instituto de Engenharia aqui ajuda, a gente traz as outras entidades aqui no SESC pra ajudar. Basicamente eu tento dar um apoio pro pessoal da organização do xadrez escolar que é o que eu gosto, por isso continua. Já os momentos de lazer hoje são muito mais familiares, assim, não têm muito a ver. Mas claro, saio com os amigos do xadrez, faço parte de um grupo aí do pessoal da década de 70 que jogava, então relembro um pouco até. A gente às vezes conversa do *match* entre Fischer e Spassky nesse grupo da década de 70.

J: Há algo que não foi contemplado nesse roteiro e que o senhor queira acrescentar?

GM 7: Não, não. Eu acho que ele foi bastante longo até [risos]. Eu acho que pode ter muita coisa que mais tarde talvez você queira completar por *e-mail*, aí a gente pode completar.

J: Sim, demoramos um pouquinho [risos]. Bom, eu agradeço imensamente a sua atenção e, de novo, toda a sua disponibilidade. Todos os nossos contatos estão no termo, qualquer *insight* que o senhor tiver como “ah, eu me lembrei que esse ponto seria

importante sobre a minha trajetória e eu gostaria de complementar”, por favor, não hesite em entrar em contato. Obrigadíssima!

GM 7: Eu que agradeço!

### **Apêndice H – Íntegra da entrevista (GM 8)**

J: De antemão eu agradeço a sua participação e toda a disponibilidade apresentada desde os nossos primeiros contatos. Idade?

GM 8: 28 anos.

J: Data de nascimento?

GM 8: 11/03/1988.

J: Sexo?

GM 8: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 8: Branca, eu diria. Amarela, pode ser? Ah, é mais branca mesmo, né?

J: Nível de escolaridade?

GM 8: Ensino Superior incompleto, vamos dizer. É que na verdade eu fiz Matemática na Universidade Federal do Paraná por quase 1 mês, então não sei se isso conta. É mais Ensino Médio completo, vai.

J: E as etapas anteriores?

GM 8: O meu Ensino Médio foi no CEFET que é público também, mas eu me mudei várias vezes. O Ensino Fundamental foi sempre particular, na época eu tinha bolsa pelo xadrez. Uma coincidência é que neste nível eu estudei praticamente todos os anos em colégios religiosos, estudei no Marista e no Adventista.

J: Cidade de nascimento?

GM 8: Joinville.

J: Reside lá atualmente?

GM 8: Em Tbilisi, Geórgia.

J: Profissão?

GM 8: Enxadrista.

J: Uma média da sua atual renda familiar mensal?

GM 8: É difícil porque varia muito, depende dos torneios. Tem mês que dá muito certo e tem mês que eu jogo muito mal que nem aqui [risos]. Então não tem uma média, é difícil dizer, assim. Sei lá, também não sei quanto é um salário mínimo no Brasil...

J: Tá em torno de uns R\$: 900 reais, mas se preferir pode pensar também na moeda de lá.

GM 8: Ah, eu chutaria por volta de uns US\$ 2500 dólares por mês, em média.

J: E a sua família, como ela era constituída quando você iniciou no xadrez?

GM 8: Éramos em 3: eu, o meu pai e a minha mãe. Sou filho único e o meu pai também, somos em 4 considerando a família toda que está no Brasil. São eles e a minha avó, mas nós sempre moramos separados. O meu pai e a minha mãe estão a 850 metros daqui, moram na frente do shopping de Curitiba e a minha vó mora em Ourinhos que é uma cidadezinha pequena perto de Bauru, quente pra caramba. E o resto, sei lá, eu tenho tias e primos no Japão, mas... Bom, e agora o meu filho e a minha namorada na Geórgia também, então a família aumentou um pouco.

J: Vamos pensar separadamente em cada um deles, pode ser primeiro no seu pai. Nível de escolaridade dele?

GM 8: Nível Superior completo.

J: Isso em universidade pública, privada?

GM 8: Não sei [risos]. Eu acho que foi na Universidade Federal do Paraná também, mas não tenho certeza. O curso eu também não sei, mas eu acho que foi Informática. Eu diria que foi Informática lá na Federal, mas não posso ter certeza.

J: E as etapas anteriores dele?

GM 8: É... Eu sei que ele fez CEFET, mas o resto não sei.

J: Profissão?

GM 8: É, boa pergunta [risos]. Analista de banco de dados, alguma coisa assim.

J: E a sua mãe, qual é o nível de escolaridade dela?

GM 8: Eu acho que é Superior incompleto, ela fazia Matemática na Universidade Federal do Paraná mas eu acho que não acabou.

J: E as etapas anteriores?

GM 8: Eu não faço ideia [risos].

J: Profissão?

GM 8: Ela é dona de casa. Bom, durante alguns anos enquanto eu morava em Jaraguá ela dava aula de xadrez, já deu aula de matemática também, mas nada... Quando eu comecei, assim, eu acho que ela não fazia nada, era mãe.

J: Agora a gente vai conversar sobre questões que se referem mais especificamente a você e a sua trajetória no xadrez. Fale sobre este percurso na modalidade, desde os seus primeiros contatos até a obtenção do título de Grande Mestre.

GM 8: Bom, a primeira coisa é que eu não me lembro de quando eu não jogava xadrez, não tenho nenhuma memória de quando eu não sabia o que é que era xadrez. Eu aprendi de 3 pra 4 anos e não lembro de muita coisa anterior a isso. Por toda a minha vida eu sempre quis ser enxadrista, nunca pensei em fazer nada de diferente da vida. Então eu não tive esses problemas de “ah, o que é que eu vou fazer quando crescer” ou “ah, que faculdade eu quero”, fiz faculdade mais porque os meus pais queriam que eu fizesse alguma faculdade e daí entrei. Bom, eu comecei porque os meus pais jogavam em casa e como eu era pequeno queria mexer também, né? Aí uma hora eles acabaram me ensinando, meu pai foi como se fosse o meu professor por bastante tempo, ele tinha bastante experiência pedagógica. Então ele me fazia resolver uns problemas, mostrava uns negócios pra eu melhorar e às vezes a gente jogava também em casa. E aí mesmo quando eu era pequeno de vez em quando eles traziam uns amigos, assim, pra jogar comigo. Então sempre me apoiaram bastante e foi por causa deles que eu cheguei aonde cheguei, praticamente. Eles fizeram boa parte da minha vida enxadrística, estavam por

ali sempre e até hoje eu sinto uma certa presença deles e é bom, eu gosto disso. Depois de um bom tempo, sei lá, quando eu tinha já uns 5 ou 6 anos eu comecei a jogar no clube que o meu pai às vezes jogava uns torneios, às vezes eu jogava com o meu vô também em casa. Mesmo eu já tendo algum nível o meu pai não queria que eu jogasse torneios oficiais enquanto eu não aprendesse a anotar. Quando eu aprendi a anotar ele me levou pra jogar o Paranaense Sub-10, eu tinha 6 anos na época e fiz 7 pontos em 7 rodadas, aí eles decidiram que podiam começar a me levar pros torneios. No meu aniversário de 7 anos eu joguei o meu primeiro Campeonato Brasileiro que era Sub-10 também, fiquei em 3º lugar. No Pan-Americano eu fiquei mais pra trás, acho que foi em 9º lugar e até joguei um Mundial. Tudo isso em 95 que foi o ano que eu comecei a jogar os torneios com mais seriedade, assim, porque antes eu jogava um ou outro torneio no clube mas era só brincando. Eu até lembro que às vezes nos Paranaenses ou nos Brasileiros o meu pai me dava uns prêmios, assim. Se eu ganhasse podia tomar uma Coca-Cola de noite, alguma coisa do tipo [risos]. Bom, daí com 8 anos eu comecei a melhorar e ainda nesta idade virei Mestre FIDE porque ganhei o Brasileiro e o Pan-Americano. O Pan-Americano eu ganhei porque eu era o mais novo, é engraçado porque a gente empatou em todos os critérios e daí o 5º critério era idade, eu ganhei porque eu era mais novo do que o outro. Em termos de desempate não faz muito sentido, mas eu lembro que nessa época tinha uns torneios que eram decididos no cara ou coroa, então eu não sei se isso foi muito pior do que cara ou coroa [risos]. E hoje em dia cada vez mais tem gente mais nova jogando, né? Você vê uns meninos aí com 4, 5 anos, então eu acho que antes era raro ter crianças se destacando, assim. Hoje em dia é uma coisa bem normal. Então eu lembro que na última partida eu perdi uma peça na abertura, aí enrolei – coisa que aconteceu frequentemente daí pra frente [risos] – e acabei a partida. Estendi a mão, saí do local de jogos e comecei a correr tão feliz! Foi lá em Santa Catarina também, acho que foi em Laguna, 96. Daí eu fui pro Mundial que foi a primeira vez que eu fui pra Europa, assim, e foi legal também. Foi lá que eu conheci mais o GM 11, o GM 3 tava por lá também, o GM 12. Bom, e gostei! Gostei desse tipo de vida e segui pra sempre assim.

J: Da onde veio essa experiência pedagógica que o seu pai já tinha quando te ensinou?

GM 8: Ah, ele deu aula em universidades. Bom, ele sempre deu aula desses negócios de Informática, então ele sempre teve essa experiência. Mesmo a minha mãe também dava aula, ela já deu aula de Matemática, deu aula de violão, deu aula de xadrez. Eu cheguei

em Curitiba quando tinha um pouco menos de 1 ano e depois dos 10 anos eu fui pra Jaraguá do Sul, fiz a 4ª, 5ª e 6ª séries lá. Aos 10 anos eu recebi uma oferta pra morar em Jaraguá do Sul pra treinar lá, a minha mãe iria pra dar aula pras escolas daí. Então a gente foi e meu pai ficou em Curitiba porque ele tinha um trabalho bom. Lá ela dava aula de xadrez, ficou 3 anos lá dando aula de xadrez. Nessa época eu já tinha ganhado o Sub-10 com 8 e com 9 anos antes de ir, quando eu fui pra Jaraguá do Sul aos 10 anos eu fui Vice-campeão Mundial Sub-10. Bom, e essa época foi a última que eu tive um treinador, depois dos 12 anos eu comecei a treinar sozinho. Um pouco foi porque eu tinha chego em um nível que eu já podia fazer isso sozinho, além do fato de que eu já não tinha muito com quem treinar em Curitiba quando eu voltei de Jaraguá. Como eu sempre gostei muito de xadrez eu queria ver tudo sobre isso também, então de algum jeito isso vai te ajudando a melhorar. Nos últimos 16 anos estamos aí tentando aprender, seja de algum jeito ou de outro [risos].

J: Como era a sua relação com o xadrez após a mudança pra Jaraguá do Sul?

GM 8: Era boa e era fácil, vamos dizer assim. Eu estudava de manhã e de segunda a sexta das 13h30min às 17h30min a gente ficava treinando lá no clube. Treinando, brincando, jogando, fazendo um pouco de tudo, né? Nessa idade é difícil focar 4 horas na mesma coisa, então eu jogava joguinho de computador também ou jogava futebol, mas a ideia era ficar lá treinando. E aí os melhores atletas da cidade se reuniam lá pra treinar com o técnico, depois a gente ia pros torneios porque na época tinha Joguinhos da Juventude, JESC, Jogos Abertos de Santa Catarina eu também já jogava. Eu joguei os Jogos Abertos do Paraná em 96 com 8 anos, já em Santa Catarina eu joguei os Jogos Abertos com 10 anos em 98 também, então eu sempre estive nesses jogos sempre que podia.

J: Como foi ter os seus pais como seus primeiros professores?

GM 8: Bom, é... Eu acho que é um pouco diferente de ter um professor normal porque a relação entre obediência e eles mandarem é diferente, eles mandavam em mim em todas as coisas e aí às vezes você começa a ter certa rebeldia com os pais. Quando é um professor normal geralmente você é menos rebelde, vamos dizer assim. Mas eu não tive tantos problemas, meu pai sempre teve vários livros de xadrez, então tinha um material bom e tinha a paciência pra me ensinar. Minha mãe ia comigo pros torneios também, então eu sempre... Eu tinha muita vontade de querer jogar melhor, sempre tive muita

ambição no xadrez, então eu acho que a diferença é mais entre isso de que normalmente você não discorda muito do professor e com os pais você costuma discordar mais. Sempre fui muito rebelde e os meus pais viam isso com os olhos de pais, né? Tanto o meu pai como a minha mãe, eu já fugi de casa pra jogar torneio e já me acharam em Blumenau depois [risos]. Mas eu acho que é normal de toda criança ser meio rebelde, assim. Depois quando eu fui morar em Jaraguá eu já não tinha muito mais aulas com o meu pai, lá elas já eram no clube.

J: Quais são as suas lembranças sobre a prática do xadrez ainda em casa?

GM 8: Tenho muitas lembranças e também dos meus pais jogando com outros amigos. Mas são coisas bem antigas, são coisas que ficam bem cinzas aqui na memória. Eu me lembro de quando eu já era um pouco mais velho, devia ter uns 5 ou 6 anos, mas aí a minha mãe já não jogava tanto mais. Ela jogou poucos torneios na verdade, eu acho que ela nunca teve um nível mais alto, assim. Mas o meu pai gostava, ele foi Campeão Paranaense Juvenil e chegou a jogar o Campeonato Brasileiro e tudo, no ano passado ele foi 9º lugar no Pan-Americano Amador, então ele sempre teve ali os seus 1900 pontos de *rating* ou às vezes 2000 pontos quando tava indo bem. Mas ele nunca levou isso como profissão e era só pra se divertir mesmo, embora tenha tido nível o suficiente pra me dar uma boa base e ter feito uma biblioteca com bons livros também. Eu lembro que eu fiz vários livros de tática e de estudos também, composições artísticas, eu sempre fui de solucionar problemas. De vez em quando eu jogava com o meu pai quando ele voltava do trabalho, a gente marcava umas partidas pensadas pra jogar em casa. Quando eu era mais novo o meu pai já tinha vários livros, então eu lembro que às vezes quando ele ia pro trabalho eu pegava uma enciclopédia de xadrez que nós tínhamos lá pra me preparar pra partida que nós íamos jogar de noite [risos]. E também é engraçado porque um pouco antes de eu ir pra escola – comecei a ir com uns 6 anos – eu tinha vários amigos imaginários, assim, essas coisas de criança. E eu fazia torneio entre eles, eu sabia fazer emparceiramento, na época eu calculava o *rating* e também fazia as partidas. O emparceiramento eu acho que foi o meu pai que me ensinou e na época a gente fazia com fichinhas, não tinha computador nem nada. Então eu fazia o emparceiramento manual, o sistema de *rating* eu aprendi mais ou menos a fazer uma tabela pra ver quantos pontos somavam ou diminuía em cada partida, aí fui indo. Então até hoje eu tenho os cadernos com as tabelas dos torneios e tudo, mesmo quando eu não tava com eles eu ficava jogando sozinho e brincando, sempre meio que apaixonado pelo xadrez.

Bom, então eu gostava sempre que ele voltava do trabalho, eu levava a sério as partidas e ele levava a sério também, então era como se fosse os meus primeiros torneios, vamos dizer assim. Bom, e depois eu sempre queria ganhar e ele também sempre queria ganhar, então ele nunca me deixou ganhar nem nada. Foram as minhas primeiras sensações ali de adrenalina da competição, vamos dizer assim, eu sempre ficava muito feliz quando eu conseguia empatar ou ganhar. Esses momentos eram bem de comum acordo, assim. O que normalmente o meu pai pedia era pra eu resolver os problemas, mas eu fazia porque gostava também. Eu tenho até hoje um caderno também com todas as respostas daquele livro “*Polgár*” que é grandão, ele era do meu pai que sempre teve muitos livros de xadrez, eu demorei até ter os meus.

J: E o seu pai, sabe como é que ele aprendeu xadrez?

GM 8: É... Eu acho que foi por causa do *match* entre Fischer e Spassky. Nossa, foi em 72 isso! Ele conta que via porque aparecia no jornal, aí se interessou e pediu pro pai dele ensinar ou pra ver alguma coisa sobre isso e foi por aí que começou, ele também sempre teve gosto. Até hoje ele sempre estuda alguma coisa de noite ou muda o seu repertório quando não tem nada pra fazer, a gente conversa bastante de xadrez e às vezes joga uns *pings*. Foi bem novo que ele começou também, o meu avô também jogava mas ele jogava em um nível bem mais baixo, só sabia mexer as peças ali um pouco e era mais ou menos isso. Com a minha vó eu jogava trilha, eu me lembro que eu ficava jogando damas ou trilha com ela.

J: E o seu avô, sabe como é que ele aprendeu a jogar?

GM 8: Não, eu não faço ideia. Mas eu acho que talvez tenha sido com o meu pai, não tenho certeza, mas pode ser que tenha ocorrido o caminho contrário. A gente não conversa muito sobre essas coisas, a gente conversa sobre coisas bem diferentes, tanto que eu não sei direito com o que é que o meu pai trabalha, por exemplo [risos]. Ontem a gente tava discutindo sobre a era paleolítica, umas viagens que a gente tava tendo porque eu tava perguntando sobre os efeitos da cafeína no xadrez, aí ele tava me explicando que não valia a pena. É capaz que em algum momento ele tenha comentado, mas não lembro.

J: E a sua mãe, qual é a relação dela com o xadrez?



GM 8: Ah, ela também já jogou os Jogos Abertos de São Paulo, mas isso foi em 79, se eu não me engano. Ela jogava um ou outro torneio só, nunca jogou muito mas sempre soube mexer as peças. Eu não sei como ela aprendeu também mas ela gosta, fica assistindo as minhas partidas. Todos os torneios que têm transmissão ao vivo ela fica assistindo lá em casa e depois fica dando palpites [risos]. Hoje em dia ela não pega no tabuleiro faz muitos anos, só assiste ou dá uns palpites de longe quando o meu pai tá estudando alguma coisa de vez em quando, assim. Ela dizia que ficava nervosa com os torneios e que pra ela isso não fazia bem, então parou.

J: Havia outros ambientes, além destes, onde você praticava xadrez naquela época?

GM 8: Bom, eu ia também no Erbo Stenzel, às vezes no clube de xadrez de Curitiba, na Biblioteca Pública do Paraná e bastante em torneios, além do próprio colégio. Bom, tudo começou em casa e logo em seguida acho que eu comecei a frequentar o Erbo Stenzel, lá eu lembro de ir quando eu era muito pequeno com uns 5 anos, coisa assim. O meu pai jogava uns torneios lá de vez em quando, então ele já frequentava. A minha mãe raramente, eu não lembro muito dela lá. Eu achava legal porque eles tinham um elevador lá que era da década de 40, então era um negócio super manual que tinha umas manivelas e, sei lá, na época eu achava que era tudo muito grande pra mim [risos]. Mas eu gostava de lá, gostava de jogar com os adultos. Bom, depois eu tive as aulas no colégio e um pouco mais tarde comecei a ir no clube de xadrez de Curitiba, entre todos estes aí o clube de xadrez foi o último que eu comecei a frequentar.

J: Como era o xadrez nesse seu colégio?

GM 8: A grade curricular desse colégio que eu estudava quando tava na 2ª série já tinha xadrez, então eu tinha aula de matemática, tinha aula de xadrez e depois de português, assim. Na época eu já tinha um certo nível, então o professor explicava o básico pra turma, falava pro pessoal ficar jogando e me levava pra sala dos fundos, lá ele me dava algum livro de abertura e falava pra eu escolher alguma delas pra depois eu dar uma olhada com ele. Esse tratamento diferenciado existia porque não fazia sentido eu ficar jogando com os outros meninos ali. Imagina que, por exemplo, com 9 anos eu já joguei um torneio com a maioria do pessoal todo lá do Paraná e venci. Acho que tinha o Bolívar, o Vitória, o próprio GM 5 jogou em 97, então na época eu já não jogava tão mal assim. Acho que esse meu professor ainda tem uma escolinha de xadrez aqui em Curitiba, na época ela era chamada de “Espaço X” e eu acho que já treinava lá ou

comecei a treinar um pouco depois. Na época eu treinei um pouco também no Erbo Stenzel que era aqui na Rua 15, então tive alguns professores enquanto estive aqui em Curitiba. Mesmo com o Wilson e com o Tirado eu já treinei um pouco, não sei se você os conhece? Quem dava as aulas nesse colégio que tinha xadrez na 2ª série era o Tirado, mas o Wilson foi um dos meus primeiros professores também. Bom, antes os meus pais, sempre [risos]. Então eu passei por eles, na época que o GM 5 morava aqui em Curitiba eu treinava com ele também. Quando eu fui pra Jaraguá eu comecei a treinar com o Renan que é de lá mas agora tá em Blumenau, já depois foi sempre sozinho. Bom, então tinha essas aulas que aconteciam uma vez por semana lá no colégio. Eu lembro também de uma vez quando eu tava no pré e descobri que a minha professora jogava xadrez, daí levei pra jogar com ela e ganhei, fiz todos os meus amigos felizes [risos]. Até hoje não sei se ela ficou meio brava com isso. Mas era assim, era uma aula por semana, acho que era de quarta-feira na 2ª aula, alguma coisa assim. A gente subia uma escadinha e tinha meio que um clubezinho mas era coisa pequena, devia ter umas 4, 5 mesas e era em uma salinha lá do fundo. Depois na 3ª série quando eu troquei de colégio aqui em Curitiba ele acabou sendo no mesmo estilo, tinha umas provinhas até que você chegava a fazer e recebia um diploma do rei, essas coisas. Pra mim era muito fácil, né? Então eu não tinha muito desafio, mas achava que era bom pra ver se o pessoal aprendeu mesmo. Lá as aulas eram em sala de aula mesmo mas eram tranquilas, não tinha nenhuma pressão pras crianças aprenderem, era mais todo mundo lá se divertindo por 50 minutos. Nesses dois colégios eu já tinha uma bolsa de estudos pelo xadrez por ter ganhado o Pan-Americano e por ter virado Mestre FIDE aos 8 anos de idade. Pelo menos aqui na região eu tive certa fama, então eles sabiam que talvez eu pudesse dar certo no futuro. Mas é impressionante o quanto eu não lembro de nada das aulas de xadrez dessa época, é mesmo impressionante, assim. Curiosamente essa foi a parte da minha vida que eu não estudei em colégios religiosos, na 2ª e na 3ª série. Um desses colégios era o Adventista e eu gostava porque quando eu estudava de tarde a gente saía 1 hora antes toda sexta-feira porque nesse horário da tarde eles já não podem trabalhar [risos]. Já no Marista a gente rezava, lembro que faziam uma Ave Maria antes de começar a aula, alguma coisa do tipo. Mas eu nunca levei muito a sério esse negócio de religião, então isso não me afetou muito.

J: Como você percebia a obrigatoriedade das aulas de xadrez no colégio?

GM 8: Eu achava bom porque era uma aula a menos pra me estressar, além do que eu tinha meio que um acordo com os meus pais de que se eu mantivesse as minhas notas acima de 9,0 eles não me encheriam o saco sobre escola [risos]. Então era útil pra mim ter uma matéria a mais ali, considerando todas as matérias. Eu acho que em xadrez eu sempre tive nota máxima, não tinham muito o que avaliar ali porque eu já sabia tudo o que eles estavam ensinando, né? Então eu nunca tive nenhum problema com isso e nem com a maioria das matérias, na verdade. Só mais tarde, mas nunca me estressei muito com essas coisas de escola, eu sempre fui meio preguiçoso [risos]. Um pouco mais tarde houve em Curitiba uns cursos de xadrez de 1 semana ou de 3, 4 dias que tinha uma provinha pra ver em qual nível você tava, daí você sabia com quem é que faria as aulas. Foi engraçado porque foi um pouco mais tarde isso, já devia ter uns 13, 14 anos, vamos dizer assim, além de já ter um certo nível, né? Daí eu fiz essa prova e errei uma questão que tinha um tabuleiro e perguntavam quais eram as casas mais importantes dele. Eu coloquei “d4, e4, d5, e5, f2 e f7” porque na época eu gostava bastante de sacrificar coisas por ali. É claro que o pessoal não gostou [risos], mas fui pra uma turma boa ainda assim. Ainda nessa época eu lembro que joguei uma simultânea com o GM 5 e empatei, mas no mês seguinte joguei um torneio, joguei contra ele e ganhei. Mas eu acho bom, muitos falam que a União Soviética e Cuba têm universidades de xadrez, então eu acho bom você colocar à prova aquilo que aprendeu. Isso tanto em um nível mais elevado como em um nível mais básico, eu acho que é sempre útil.

J: E os seus colegas, como eles percebiam o fato de você se sobressair no xadrez?

GM 8: Ah, eu faltava em umas aulas pra jogar torneios, né? Então eles reparavam que eu tava faltando, vamos dizer assim. Sempre faltei em muitas aulas porque eu sabia que as regras pra mim eram... Se eu estivesse representando o Brasil eu tinha uma justificativa e não contava como falta, então você podia faltar em 25% das aulas e eu sempre tive isso mais ou menos calculado. Mas eu acho que os meus colegas gostavam de mim, eu não ficava isolado, assim. Mais tarde foi um pouco mais complicado, mas no começo o pessoal achava bem legal que eu já fazia alguma coisa da vida. Como em Jaraguá do Sul o xadrez era extracurricular no colégio – embora eles tivessem trocado o clube pelo colégio onde eu estudava por alguns anos – era tudo mais fácil. Só que aí eu matava um pouco das aulas de xadrez pra fazer outros esportes também, quando eu era bem pequeno fiz um pouco de judô, fiz um pouco de futebol, handebol, basquete, fazia um pouco de tudo. Eu corria também, participava de uns campeonatos de atletismo,

disputava no salto em altura, salto em distância, arremesso de disco, essas coisas. Hoje não faço mais nada, eu gostava mais dessas coisas naquela época, hoje é muito menos.

J: Havia algum tipo de cobrança pelo fato de você ter uma bolsa pelo xadrez no colégio?

GM 8: Que eu saiba não, nunca me pediram nada. Aliás, eu nem jogava tantos torneios escolares assim, então eu nem sei direito porque é que eu tinha essa bolsa [risos]. Talvez tenha sido pelos meus professores de xadrez, o Tirado e o Wilson talvez tivessem alguns contatos nesse colégio e acabaram conseguindo. Mas eu não sei o que a escola ganhava com isso, assim. Bom, de vez em quando eu usava uns bonés quando eu ia pros torneios, quando dava entrevistas. Na época eu dava várias entrevistas, saía no jornal e daí eles ganhavam um pouco de publicidade. Eu não ligava muito, nunca me estressei com essas coisas e nunca quis ser famoso também. Mas eu acho que é isso, não queriam que eu ganhasse nenhum torneio em específico, assim. Eu joguei inúmeros Campeonatos Brasileiros, acho que ganhei uns 13 ou 14 deles e uns 5 Pan-Americanos. Isso além dos Paranaenses, Catarinenses, Paulistas, essas coisas. Então daí eu levava a camisa da escola, tem umas fotos antigas que aparece isso, dá pra ver.

J: E os ambientes dos clubes que você frequentava, como eram?

GM 8: No “Espaço X” eu ia mais pra ter aulas que eram 1 ou 2 vezes por semana e pra ler livros, eles tinham bons livros que chegavam do exterior. Lá eu tinha aula com o Tirado, tinham vários tabuleiros e várias aulas, acho que tinha até uma fábrica de peças. Eu não tenho certeza mas acho que esse espaço era privado e ainda existe, não é muito longe daqui. No Erbo Stenzel havia uns torneios de 15 minutos aos sábados que eu frequentava e tinha também um pessoal... Quem eu lembro de lá? Tem o Artur, não sei se você conhece? Agora ele trabalha com o xadrez de Campo Mourão, mas a maioria do pessoal de lá já parou de jogar, são poucos os que continuam jogando até hoje. Mas daí era um pessoal que devia ter uns 10 anos a mais do que eu, quando eu virei mais adulto eu comecei a conversar mais com eles, antes eu ficava ali só com o meu pai. Normalmente o meu pai me acompanhava nos torneios que eu jogava nos clubes e a minha mãe quando eu viajava pros torneios lá fora. Isso até uns 14 anos, vamos dizer assim. Já no clube de xadrez de Curitiba eu era um pouco mais velho, acho que eles davam aulas lá mas eu nunca tive uma, lembro que tinha os torneios porque eu jogava todos. Lá de quarta-feira tinha um torneio *blitz* que tinha um prêmio, então eu ia lá e tentava ganhar pra usar depois porque eu não tinha mesada nem nada. Mas aí eu já

jogava com todo o pessoal, já jogava com o meu irmão mais novo, com o Justo, com o Vitório, foi aí que eu comecei a ter mais contato com esse pessoal. Tinha o Choma também, né? O Choma era 1 ano mais velho do que eu, então a gente sempre jogava entre si em torneios escolares, torneios de categorias, essas coisas. Mas foi bom, fiz muitos amigos nesses clubes, né? Tem várias pessoas que eu conheci há uns 15, 20 anos que até hoje eu tenho contato, então isso foi muito legal. Naquela época a gente convivia mais no clube e nos torneios, mas era mais entre o pessoal da mesma idade porque daí a gente saía e tal, com o pessoal mais velho era só no clube. Já hoje em dia a gente sai e eu sempre gostei muito, sempre achei esse negócio de ir no clube e ficar jogando *ping* ou torneios muito divertido, bem melhor do que ficar jogando na *internet*. Até hoje eu gosto de fazer isso, mas antes eu gostava muito, era um passatempo muito... Eu tô esquecendo as palavras em português já [risos], mas era bom e eu ficava feliz com isso.

J: Há alguma relação entre todos esses ambientes que você vivenciou o xadrez e a obtenção do título de Grande Mestre?

GM 8: Sim, com certeza. Parte do meu estilo se moldou com esses torneios e com os clubes, né? Mesmo jogando esses vários torneios de *ping* eu sempre fui uma pessoa que enrolou muito [risos]. Então eu enrolava nesses torneios de *ping* e até hoje eu fico enrolando o pessoal nos torneios mais importantes, grande parte disso foi claramente por causa dos clubes. A outra parte eu acho que foi porque quando eu era criança eu sempre fazia muitos problemas de tática e resolvia muitos finais artísticos, então eu comecei a criar um estilo bem agudo, bem tático também. Essas foram coisas que ficaram comigo até hoje, talvez se eu não tivesse ido tanto pra esses clubes eu seria um jogador mais posicional. Eu sinto uma influência clara dos clubes e dessa parte da minha infância no meu xadrez. Mais tarde percebo que os diferentes locais por onde eu passei também me influenciaram, tem gente que às vezes vai pra algum país e não consegue se adaptar direito, já eu consigo me adaptar fácil. Eu vou e me viro, tô tão acostumado com hotéis diferentes, viagens diferentes. E olha que nem todo torneio de xadrez é em lugar legal, né? Tem uns torneios que são em lugares muito ruins. Eu já fui pra Índia, prometi que nunca mais voltaria e já fui de novo [risos], então nem sempre você tem uns locais de jogos legais ou uns hotéis bons, assim. Eu já fui pra muito lugar que eu não gostaria de ter ido. Mas você se adapta, né? Como eu tô o tempo todo na estrada é muito mais fácil se adaptar.

J: Além daqueles já mencionados, há outros momentos ou pessoas que tenham sido pra ti significativos especialmente durante a sua iniciação?

GM 8: Ah, são vários momentos, mas vamos ver se eu consigo me lembrar de alguma coisa bem antiga... Por exemplo, eu lembro que eu ficava feliz no Mundial de 96 estando perto do quarto do GM 11 e do GM 3, eu achava “pô, esse pessoal é super importante!” e eu ali. Nessa época eles reclamavam que eu ficava correndo o tempo todo, eu era meio hiperativo. Então foram coisas que ficaram e, sei lá, 20 anos depois eu sou padrinho de casamento do GM 11! O que mais... É, nessa época de 8 anos eu já tentava sair com o pessoal mais velho, assim, porque era um pessoal que jogava melhor e eu achava legal estar com o pessoal mais velho. Mesmo em Jaraguá do Sul eu era o mais novo do grupo ali que treinava junto, então sempre tentava sair com eles. E eles levavam de boa, assim, eu achava legal porque eles eram bem receptivos em relação a isso. Provavelmente eles faziam várias coisas sem mim também, mas às vezes eu ia, ia jogar *videogame* na casa deles e tal. E imagina, por exemplo, que um dos jogadores que eu jogava no clube quando tinha 10 anos lá em Jaraguá do Sul... Eu tava jogando em *Hastings* um torneio de fim de ano agora e a gente foi se encontrar lá, eu tava há uns 15 anos sem ver ele, agora em Floripa também ia fazer quase uns 15 anos que eu não via ele. Então as pessoas acabam surgindo de novo, mesmo depois do xadrez.

J: Desde cedo você conviveu com vários jogadores que, assim como você, futuramente atingiram significativo sucesso na modalidade. Como você enxergava essa convivência?

GM 8: Eu acho que sempre ajuda conviver com o pessoal mais forte, acho que quanto mais você convive com pessoas de alto nível, então mais você se esforça pra chegar lá também. Em compensação o contrário também é verdade, se você tá sempre jogando com gente que é mais fraca, então você se acomoda e começa a jogar pior. Então eu acho que eu não só gostava, eu queria estar ali junto porque eram mais ou menos pessoas que eu admirava e que também me ajudavam a crescer pra chegar lá junto. Eu acho que de todos os Grandes Mestres – tenho contato com praticamente todos, tirando o GM 6 [risos] – eu tenho boa relação com todo mundo. E mesmo depois que eu virei Grande Mestre... Eu fui o 7º Grande Mestre do Brasil, né? 6º ou 7º, deixa eu ver... Teve o GM 6, o GM 3, o GM 10, o GM 11, o GM 12 e daí acho que fui eu...

J: O GM 7...

GM 8: Ah é, o GM 7! Então eu fui o 7º, mas depois de mim também tiveram várias pessoas que eu tive contato na época e que não eram Grandes Mestres mas que depois também viraram como o GM 2, o GM 9 e o próprio GM 4. Então é legal, como somos um grupo pequeno de enxadristas é mais fácil estarmos unidos. Ah, tem o GM 1 que veio depois mas que também era da mesma época que a gente. Já entre o GM 11, o GM 12 e eu são 10 anos de diferença, então não é tão pouco, né? E daí o GM 2, o GM 1, o GM 9 e o GM 4... O GM 4 é mais novo, mas o GM 2, o GM 1 e o GM 9 são mais da minha época. Bom, e tem o GM 5 que é um pouco mais velho mas que virou Grande Mestre depois, né? Depois tem os mais antigos que são o GM 10, o GM 3... Mas a gente tem contato até hoje em dia, não é por isso. Só em Curitiba na época que eu morava aqui o GM 7 também morava, o GM 10 morava aqui, o GM 5 também morava, então sempre tinha gente de alto nível em todos os lugares. E mesmo o resto do pessoal, o Adwilhans, o irmão mais novo de GM 5... Ninguém era fraco, não tinha gente boba por aí [risos]. Curitiba sempre teve muitos clubes que atraíam gente, sempre foram clubes que eram cheios de gente, pelo menos durante os torneios. Agora estão mais abandonados por causa da *internet*, mas na época que não tinha a *internet* o pessoal ia pro clube, né? Como não tinha nada pra fazer a gente tava sempre lá no clube, então aí eu acho que quando começa a ter um ou outro jogador forte logo começa a surgir mais e mais, na época um pouco o xadrez aqui ia se espalhando por isso. Mas também não é assim, eu acho que mesmo no sul tinham vários outros jogadores fortes, várias cidades com vários jogadores fortes também e, bom, São Paulo sempre teve, né? Não acho que Curitiba tenha alguma coisa de especial, é uma cidade grande e que deu sorte de ter gente. Por exemplo, o GM 10 e o GM 5 não eram de Curitiba, eles estavam aqui só. Então foi um pouco de coincidência na época e também o fato de ter bastante gente que joga.

J: Haveria alguma relação entre as nossas gerações de Grandes Mestres e o contexto do xadrez brasileiro por elas vivenciado?

GM 8: Bom, antigamente havia menos torneios, imagino. Mas isso era mais ou menos em todo lugar, então eu acho que na época dos anos 70, assim, o xadrez era pouco difundido por aqui. Tanto que demorou muito até começar a surgir mais Grandes Mestres, foi um avanço bem devagar. Mais recentemente o xadrez nas escolas avançou bastante com isso, deu uma popularizada e acho que vai melhorar ainda mais nos próximos anos. E é engraçado porque a minha geração é uma geração que contou bem

com a transição entre o uso de computador e o uso dos livros, né? Quando eu comecei a jogar não tinha computador, o meu primeiro computador era um “286” super antigão que eu ficava jogando com o *Fritz 2* [risos]. E eu preparava contra ele também, eu conseguia acertar uma preparação caseira pra ganhar do *Fritz 2*, ficava tão feliz! E era bom porque ele repetia sempre a mesma coisa, então eu comecei a avançar, avançar e avançar até que uma hora tinha um jeito lá de ganhar. Com a chegada do computador isso mudou completamente, mas mesmo quando eu virei Mestre Internacional ainda usava bem pouco o computador, foi mais depois que todo mundo começou a usar. Hoje em dia qualquer pessoa prepara e antes não, antes cada um tinha a sua abertura e ia lá. Você vê isso no estilo dos jogadores mais antigos como o GM 3, por exemplo, que tem um estilo bem diferente do GM 4 que é um jogador mais novo. O GM 3 também passou quase 20 anos só jogando xadrez com os livros e com as ideias, eu acho que ele conseguiu uma cultura enxadrística muito, mas muito grande por causa disso. É uma coisa que com o computador a gente perde um pouco, a gente não se interessa tanto mais pela história e essa coisa de ler, agora é uma coisa mais concreta, é mais sobre os lances, as variantes, as preparações, então você vê uma mudança de estilo durante o tempo. Eu acho que o xadrez no Brasil avançou um pouco com essa popularizada que aconteceu depois, outra coisa boa foi – isso foi mais pra frente – o ano em que eu, o GM 2 e o GM 9 resolvemos ir pra Europa jogar alguns torneios por lá e passamos 3 meses jogando, viajando e jogando. Fazia muito tempo que ninguém fazia isso aqui no Brasil, então meio que a gente fez isso como primeira aventura e depois, mesmo hoje em dia, muitos outros jogadores começaram a ir jogar lá fora também ou mesmo nos Estados Unidos. Então o xadrez brasileiro vai evoluindo aos poucos com as coisas que acontecem.

J: Ah, eu acompanhei essa época! Vocês tinham um *blog* pra divulgar as viagens, né?

GM 8: Sim, e aí lá foi difícil primeiro porque ninguém tinha muito dinheiro na época, então a gente queria fazer uma viagem que não fosse tão cara. Segundo porque se você ficar parado na Europa é muito caro, tem que pagar hotel, tem que pagar comida, então a gente tentou jogar o máximo de torneios possíveis. Fizemos vários torneios daí, jogamos 8 torneios na Europa e 1 na China. A gente teve meio que planejar tudo, foi bem legal na época porque eu tinha uns 20 anos e foi uma experiência bem diferente das coisas que eu tinha feito antes. Foi a minha primeira experiência mais longa lá fora, eu já tinha jogado Campeonatos Mundiais de categorias na Europa, mas ficando fora tanto



assim foi a primeira vez. Foi um pouco depois que eu comecei a morar sozinho, então eu tava mais livre pra tentar fazer coisas diferentes. Na época eu tava morando em Americana também, morávamos o GM 11 e eu lá. O GM 12 também morava, mas já tinha se mudado de lá. Deve ter sido em 2007 que eu comecei a morar lá.

J: Chegou a ter alguma relação com o projeto de xadrez nas escolas de Curitiba?

GM 8: Bom, eu joguei os torneios escolares, mas não fazia parte do projeto. Se fosse seria como estudante, mas acho que esse projeto de xadrez nas escolas – eu acho, não tenho certeza – é mais pras escolas públicas daqui, eu não estudei em escola pública. Só depois no CEFET, mas o CEFET é outro mundo, né? Primeiro porque lá é um Ensino Médio que você tem que fazer uma prova pra entrar, no meu ano a concorrência era de 25 alunos pra 1 vaga, então não era tão fácil. Cheguei lá e o nível de aprendizado era muito mais alto do que eu tinha antes, as coisas rendiam muito mais rápido porque todo mundo que tava lá conseguia pegar o ritmo. Era um Ensino Médio mas também tinha uns cursos técnicos... Na verdade era meio que uma universidade, então a gente não precisava usar uniforme nem nada, matava as aulas pra ficar no grêmio estudantil, ficava jogando truco [risos]. Foi meio como ter entrado em uma universidade um pouco mais cedo, a gente podia escolher algumas matérias que a gente queria, o inglês você podia fazer um teste de proficiência e não precisava fazer inglês o ano todo, então era completamente diferente do que eu fazia no Ensino Fundamental. Eu gostava muito, sempre gostei muito do CEFET aqui.

J: De alguma forma havia xadrez por lá?

GM 8: No CEFET eu nunca cheguei a jogar. Na verdade eu até joguei um torneio lá mas foi antes de estudar lá, engraçado. Antes de eu entrar parece que lá tinha um clube, mas quando eu cheguei já não tinha praticamente nada de xadrez. Mas outra coisa boa do CEFET também foram os professores que eram muito mais relaxados, teve um ano que eu faltei todo o 3º bimestre porque fui viajar pra jogar um ou outro torneio, fui pra Olimpíada e quando eu voltei já tinha acabado o bimestre. Daí tinha dia que eu tinha que fazer 3 provas de Geografia no mesmo dia e isso além das aulas de sábado, todo sábado de manhã tinha umas aulas de Filosofia, um ano foi Geografia... E eu tava sempre viajando, tava sempre jogando torneios de rápidas, então no 1º ano eu tentei fazer essas aulas de tarde porque eles deixavam, daí de vez em quando eu ia lá de tarde. Mas no 2º ano, por exemplo, eu fui 3 vezes na aula de Geografia e pronto. Daí falei

“professor, eu fiz 1 prova” e ele “ah, tá bom, eu pego essa prova aí e multiplico por 4”, então era super mais relaxado, assim. Eles eram compreensíveis com o fato de que eu era um jogador que matava aula também [risos]. Nos anos que eu fiz lá era só Ensino Médio, não tinha ainda os cursos técnicos. Mas tinha umas matérias diferentes mesmo assim, a gente tinha que fazer Economia e Administração, tinha Iniciação Tecnológica, uns negócios assim. Mas a maioria das matérias era normal mesmo, tinha Biologia, essas coisas. Lá não tinha nada de xadrez mas também eu já tava viajando muito, então provavelmente eu não ia usar muito se tivesse.

J: E a caminhada até o título de Grande Mestre, como foi?

GM 8: Bom, eu passei praticamente uma época sem jogar xadrez. Dos 10 aos 12 anos eu ficava lá em Santa Catarina jogando, depois aos 14 eu fiz o meu *rating* – não sei onde mas eu acabei fazendo ele, não foi muito claro – mas eu já era bem velho, hoje em dia a maioria dos meninos que jogam com 14 anos já tem *rating*. E aí na época os meus pais queriam mais que eu fizesse uma universidade, ganhasse dinheiro e depois visse esses negócios de xadrez, mas eu nunca gostava muito da ideia. Eu passei muito tempo com o meu primeiro *rating*, depois joguei um Mundial na Grécia e subi um pouco. Meu primeiro *rating* foi de 2205 pontos, daí eu fui pra 2258 pontos com um torneio, ganhei 50 pontos lá e acho que só em 2004 realmente meio que eu virei um profissional, assim. Às vezes eu jogava uns torneios de rápidas nos finais de semana em Santa Catarina, mas nada de importante. Daí eu fiz uma sequência de uns 3 torneios importantes e fui direto pra 2489 pontos de *rating*, em um torneio eu ganhei 105 pontos e nos outros 2 eu ganhei cerca de 60 pontos em cada um, virei Mestre Internacional direto. Mas foi um pouco de sorte primeiro porque alguém tinha recusado um torneio de norma de Mestre Internacional lá em São Paulo, aí me chamaram e eu joguei. Eu era o último colocado e acabei fazendo 7,5 pontos em 9 rodadas, ganhei cerca de 100 pontos e fui pra 2365 pontos. Segundo porque logo depois rolou um boicote dos jogadores na Olimpíada de 2004, eles estavam brigados com o GM 10 que, por sua vez, resolveu fazer um torneio Pré-Olímpico classificatório pra Olimpíada. Acabei jogando esse Pré-Olímpico e me classifiquei, só que daí foi todo um drama porque a minha mãe não queria que eu fosse porque eu ia faltar em muita aulas, tiveram que... O GM 5 ligou e tentou convencer ela, no final deu tudo certo e aí eu fui. Na Olimpíada eu fiz o título de Mestre Internacional porque se você jogasse partidas o suficiente você podia ter direito ao título direto ao invés de ser só pelas normas. Joguei as 14 partidas dessa Olimpíada e fiz direto o título

de Mestre Internacional, e aí como eu já tinha esse título e quase 2500 pontos de *rating* foi mais fácil decidir que eu ia seguir nisso. Na verdade ainda foi mais ou menos, mas depois com 18 anos eu saí de casa pra começar a fazer universidade – foi nessa época que eu te falei que tinha largado a faculdade – e daí eu já tinha saído de casa também, já comecei a viajar pros torneios [risos]. Depois dessa época que eu larguei a universidade em 6 meses eu fiz as 3 normas de Grande Mestre, então foram sempre uns saltos, assim. Eu ficava jogando mais ou menos e mais ou menos até uma hora que dava certo e subia. Em 2005 eu ganhei o Brasileiro também, foi a única vez que eu ganhei ele.

J: Como é que você vivenciou esse período sem jogar xadrez quando mais novo?

GM 8: Ah, isso foi quando eu tava com uns 14, 15 ou 16 anos, realmente não jogava quase nada. Eu só jogava os torneios por equipes e, sei lá, acho que o Catarinense. Mas era bem pouca coisa, eu ainda estudava xadrez na época, só não jogava muito torneio, assim. Os meus pais já não estavam querendo tanto apoiar porque era meio caro e também porque eles queriam mais que eu focasse nos estudos, essas coisas do tipo. Na época eu não tinha dinheiro, então também não podia sair jogando, assim.

J: Como foi essa escolha entre seguir uma carreira no xadrez e cursar uma universidade?

GM 8: Pra mim nunca houve dúvida, eu sempre soube que iria ficar jogando xadrez. Eu tive o meu primeiro contrato de salário quando eu tinha 10 anos, então eu sabia que dava pra me virar de algum jeito jogando. Os meus pais demoraram um pouco mais pra entender e pra aceitar, eles queriam que eu tivesse uma profissão mais normal. É, porque também tem muita pouca gente que vive de xadrez aqui no Brasil, né? É compreensível, até. Eu acho que eles viam essa carreira como pouco provável ou preferiam que eu fizesse outra coisa melhor e depois voltasse pro xadrez. Mas depois também que eu virei Mestre Internacional e Grande Mestre eles levaram de boa, hoje eles apoiam bastante. Mas pra mim nunca houve nenhuma dúvida, eu sempre pensei “bom, jogar xadrez, é isso!”.

J: Você gosta de xadrez?

GM 8: Pode-se dizer que sim [risos]. Bom, imagina que teve ano que eu joguei 190 partidas pensadas, isso sem contar torneios de rápidas e *blitz*, é praticamente o ano todo viajando e jogando! E se eu fico, sei lá, uma ou duas semanas parado, assim, eu já não consigo e tenho que jogar alguma coisa, eu sinto falta. Gosto muito da adrenalina do

jogo, da competição, de querer ganhar dos outros, então isso me motiva muito e mesmo quando eu tô em casa eu tô vendo xadrez o tempo todo, tô assistindo todos os torneios. O xadrez é realmente um dos focos principais até da minha vida, sempre foi. Gosto de xadrez desde que eu mesmo me lembro como gente.

J: Os demais membros da sua família, além dos seus pais, têm algum contato com o xadrez atualmente?

GM 8: Bom, o pessoal do Japão não, minha vó também não. A minha namorada tem o título de Grande Mestre Feminina, é Bi-Campeã Francesa e também joga pela equipe olímpica, então ela tem algum envolvimento com o xadrez [risos]. A gente se conheceu jogando torneios, passamos alguns anos como amigos e só depois começamos a ficar juntos. Sempre que eu viajo pela Europa eu tento ir junto com ela, então em boa parte dos torneios a gente viaja junto, é melhor. E é uma coisa que eu falo porque eu sempre tive muito contato com ela, é melhor ter uma namorada enxadrista porque é mais fácil você falar “eu vou passar o sábado todo jogando *ping*” e ela entender do que se fosse alguém que não jogasse. E até pra convencer que isso é mais importante do que ficar vendo novela ali, né? Ela gosta bastante de jogar também, mas passou uns 5 ou 6 anos sem jogar xadrez. Na época ela parou e fez a faculdade de Direito, quando acabou ela voltou a jogar. O meu filho por enquanto ainda não, ele só fica jogando as peças assim, daqui a pouco ele aprende também. Ele tá com 3 anos e meio, tá na hora já.

J: Por acaso você sabe como ela aprendeu a jogar?

GM 8: Foi com o pai também, o pai dela jogava e gostava. Bom, na Geórgia o xadrez é como se fosse o esporte mais popular, então todo mundo sabe jogar ou quase todo mundo sabe pelo menos mexer as peças. E é um esporte muito bem-visto, se você fala que joga xadrez lá eles acham que é muito legal, já no Brasil te perguntam o que você faz pra ganhar dinheiro. Eu acho muito bom saber que o pessoal acha que é uma profissão pelo menos, né? E imagina, por exemplo, que por ter ganhado a Olimpíada de Xadrez de 2008 as meninas têm meio que um salário vitalício do governo, lá o xadrez é meio que considerado um esporte olímpico. Então é outro mundo, pode até ser que o futebol ou o rúgbi sejam um pouquinho mais populares lá, mas o único esporte que dá mais medalhas com certeza é o xadrez, então eles levam a sério. Toda vez que tem torneio as notícias aparecem na televisão ou no jornal, então é outro mundo, assim. Já me convidaram pra compor a equipe olímpica de lá e com melhores condições. Mas não

consigo, eu sou tão patriota que não consigo me imaginar jogando por outro país que não seja o Brasil. Hoje eu tenho o passaporte georgiano, então pra mim seria fácil essa mudança até. Então toda essa região do Cáucaso e a própria União Soviética têm uma cultura bem diferente em relação ao xadrez, né? Ela começou a jogar bem nova também, quando tinha 10 anos começou a jogar os torneios de categoria desde pequena também, mas levava um pouco menos a sério do que eu levo.

J: Preciso dizer que eu tenho acompanhado as fotos do seu filho pelas redes sociais, é uma graça! Em muitas delas ele já aparece com seus livrinhos e joguinhos de peças cheios de personagens [risos]. Como o xadrez tem sido apresentado pra ele?

GM 8: Ah, obrigado! Bom, sempre que possível eu tento mostrar o xadrez ou, sei lá, às vezes quando tô no *Chessbase* eu deixo ele no meu colo e fico explicando porque é que às vezes tem que jogar bispo por “f6” ao invés de cavalo pra “d5” que é mais ou menos [risos]. Ele não entende muito por enquanto, mas ele gosta ali da presença e de estar junto, senão ele fica a maior parte do tempo jogando futebol também. Ah, eu acho que ensinar xadrez pra ele não pode ser um negócio muito forçado, tem que fazer ele querer por si próprio, então eu não tô muito com pressa também. Mas eu acho que pelo menos aprender ele vai aprender porque como é a profissão dos dois pais não tem como ele não ter alguma noção pelo menos, né? Pra pelo menos saber se tá dando certo ou não quando a gente tá jogando torneio [risos]. Ah, e o vô dele também sempre tenta ensinar quando pode, então ele vê os jogos de peças e tabuleiros espalhados pela casa, na tela dos computadores, pra ele é normal. Mas ele leva um certo gosto sim e acho que vai gostar, mas sem pressa por enquanto. Embora eu não tenha tantas lembranças de quando tinha a idade dele eu imagino que os nossos começos tenham sido bastante parecidos. Eu lembro do mesmo sistema ali de ver os meus pais mexendo e você querer mexer também. Uma hora acaba aprendendo, né?

J: Havia alguma expectativa da sua família sobre a sua participação no xadrez?

GM 8: Bom, eu acho que um pouco sim porque como eles investiam muito eles também gostavam de ver algum retorno. Nunca falavam diretamente pra mim, mas ficavam bem felizes quando eu ganhava, né? Até depois do Mundial que eu fiquei em 2º lugar eu falei pro meu pai que queria alguma coisa se ficasse entre os 3 primeiros, ele falou que me daria um jogo de peças de madeira com tabuleiro. Aí eu fui lá e tenho até hoje o

tabuleiro, então os dois gostavam bastante e sabiam que eu tinha potencial, tentavam fazer o melhor pra que eu conseguisse chegar lá em cima.

J: Àquela época alguma outra prática te foi apresentada ainda em casa, além do xadrez?

GM 8: Bom, ler e escrever, fazer as contas. Eu já sabia tudo isso, quando entrei na escola eu já sabia fazer multiplicação ou alguma coisa assim, além de escrever e ler. Mas basicamente era isso, assim. Eu também tinha aula de flauta na escola mas era curricular, então... Era uma aula que eu tinha que ter de Música, então de instrumentos eu conheci um [risos]. Era mais esporte mesmo, eu sempre fui muito competitivo.

J: E atualmente, há outros *hobbies* além do xadrez?

GM 8: Eu gosto bastante de sair, escuto bastante música, vou ao cinema, consigo relaxar também [risos]. Não fico tão fixado, assim. Bom, digamos que boa parte sim. É que na verdade eu tenho um bom círculo social na Geórgia, conheço todos os brasileiros que moram lá e então a gente sai. E é bom porque é um círculo social de gente que não faz nenhuma ideia de xadrez, né? A gente fica falando de outras coisas, falando besteira, tomando uma cervejinha de vez em quando. E é fácil de achar o pessoal na Geórgia porque metade dos brasileiros lá trabalha na embaixada. Acho que são por volta de uns 14 e, destes, uns 7 trabalham lá, então é fácil de achar todo mundo. Xadrez é uma boa parte da minha vida mas também não é tudo.

J: Em alguma medida a escolha pelo curso de Matemática teve relação com o xadrez?

GM 8: Bom, eu acho que eu sempre gostei muito de Exatas talvez por causa do xadrez. Eu sempre gostei de calcular, então Matemática fazia sentido pra mim porque era uma matéria que eu não tinha nenhum problema. Eu até brincava que não gostava de fazer faculdade, eu sempre gostei de fazer vestibular. Brinquei uma vez e fiz vestibular de Letras também, eu falo que eu fiz faculdade de Matemática e só via letras, então fui fazer a de Letras pra ver se achava algum número aí [risos]. Mas eu acho que o pessoal do xadrez normalmente tem alguma predisposição pra Exatas porque são coisas que você calcula, calcula, calcula e acha a solução, isso é igual xadrez às vezes. Então eu acho que os dois estão relacionados porque Física eu detestava, por exemplo, mas Matemática dava certo por algum motivo.

J: Você se considera um profissional?

GM 8: Ah, sim! Bom, aqui no Brasil eu vivia com o salário dos Jogos Abertos e com as premiações de torneios, como eu nunca dei aula era só xadrez mesmo. Isso foi basicamente a partir de quando eu saí de casa, em 2004 eu virei Mestre Internacional mas ainda morava com os meus pais, era mais tranquilo. Depois que eu saí de casa eu tinha que me virar com o dinheiro que eu tinha do xadrez mesmo e isso foi a partir de 2006. Eu morei 1 ano aqui em Curitiba com um amigo meu e em 2007 me mudei pra Americana, fiquei lá até 2012, 2013, passei uns 5 anos lá. Bom, foi sempre xadrez, então nunca tive outra fonte de renda. Na verdade teve uma vez que eu dei aula pra um clube catalão, mas era um inferno [risos]. A Catalunha é perto de Barcelona e eu passei de 2 meses e meio a 3 meses assim, dei exatas 10 aulas. Eu tinha que dar 3 horas de aula toda segunda-feira e eu não aguentava, é que na verdade o meu estilo é meio caótico e eu não consigo explicar o que eu penso porque nem eu sei direito o que penso, então pra explicar pros outros é mais complicado ainda. Bom, eu sempre consegui ganhar dinheiro com os torneios, então nunca vi tanta necessidade de dar aula. Nunca quis ser rico também, então sempre tive uma vida boa com o xadrez só com os torneios, assim.

J: Considerando suas experiências fora do país, quais seriam possíveis semelhanças ou diferenças entre o contexto do xadrez brasileiro e aquele por ti vivenciado no exterior?

GM 8: Bom, são dois mundos diferentes, né? Se considerarmos a Geórgia então não há muita similaridade com o Brasil nesse aspecto, vamos dizer assim. Bom, eu passei um tempo no meio da Europa também, morei 1 mês em Paris e 2 meses em Barcelona, fiquei vagando um pouco antes de decidir ir pra Geórgia mesmo. Lá também não tem muito torneio, a maior diferença é que o xadrez é bem-visto lá, é realmente tão importante pro país que eles vão fazer a próxima Olimpíada e a Copa do Mundo desse ano. Na época que a gente se mudou pra lá não era muito definitivo, foi basicamente pra ter a ajuda dos pais dela quando ela teve o bebê. A gente mora meio que todo mundo junto, então é fácil pro meu filho ficar lá, a gente sai pra viajar nos torneios e ele fica tranquilo com os avós. Pra gente acabou sendo cômodo também, além de tudo pra mim é mais fácil porque quando eu vou pra Europa eu posso jogar 1 ou 2 torneios e voltar, antes quando eu morava no Brasil eu passava 3 meses lá e 3 meses aqui por causa do visto, né? Então essas são coisas que me ajudam bastante morando na Geórgia. Na Geórgia existe também o fato de ter antigamente pertencido à União Soviética e lá o xadrez ser sempre muito popular, além do agravante de que eles tiveram as Campeãs Mundiais Chiburdanidze e Gaprindashvili que, sei lá, por 30 ou 40 anos dominaram o

xadrez feminino. O xadrez lá é muito popular entre as mulheres, a equipe olímpica da Geórgia é muito, muito forte. Imagina que a último tabuleiro delas – a 5º tabuleiro reserva – deve ter por volta de uns 2450 pontos de *rating*, isso pra xadrez feminino é bem bom. É estranho porque o xadrez amador não existe muito lá, então não tem muita coisa pra quem é amador, não há muitos clubes. As crianças vão, começam a aprender, têm técnicos e vão até o nível profissional ou param, não existe tanto o xadrez como *hobbie*, vamos dizer assim. Elas aprendem mais em casa mesmo ou jogando com o vizinho, é como se fosse jogar gamão ou algo do tipo. Se alguém joga bem então pode se dar bem na Geórgia, como o xadrez é levado a sério lá eles tentam passar direto pra um nível mais profissional. Mas não há muitos clubes, nas escolas eu acho que também não tem muito xadrez, é mais meio que de casa direto pros treinadores e dos treinadores pros campeonatos. É meio diferente o sistema lá, mas eu não sei se tem xadrez nas escolas, eu acho que não tem muito não.

J: Você considera bem-sucedida a sua trajetória no xadrez?

GM 8: Bom, eu acho que podia... Ela pode ser melhor ainda, mas por enquanto eu tô mais ou menos satisfeito sim – não com o último torneio [risos] – porque são poucas as pessoas no país que conseguiram levar a vida que eu levo, né? Então eu não tenho muito o que reclamar não. Bom, eu sinto que eu tenho a oportunidade de ir pra muitos países, já viajei pra cerca de 50 deles e conheci muita gente diferente, comi comidas diferentes, joguei os campeonatos e fiz o que eu gosto mesmo, né? Eu acho que você ter algo que gosta de fazer como profissão é o que mais importa.

J: O talento teve alguma influência na sua trajetória?

GM 8: É... Eu acho que influenciou um pouco, mas com certeza não foi um fator definitivo porque eu acho que foi muito mais estudo do que talento, espero! Acho que o talento me ajudou a pegar o gosto pelo xadrez, a sentir que era algo que eu queria. Acho que ter ganhado uns torneios no início me ajudou a querer estudar mais a cada dia e me tornar um jogador melhor. Mas eu acho que mesmo se eu não tivesse talento provavelmente eu iria querer ser um jogador de xadrez porque ele foi grande parte da minha vida, né? Eu acho que realmente eu fui feito pra fazer isso. Sei lá, mesmo se eu não pudesse ser um jogador bom eu ia estar no meio de algum jeito.

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem você é hoje?



GM 8: Ah, bastante coisa! Eu ainda sinto aquela tensão de chegar nas partidas importantes, ainda sinto o gosto de jogar uma partida bonita. Uma coisa que desde pequeno eu sempre tive e acho que ainda tenho é a admiração por problemas, quando eu vejo uma variante que tem um lance bom e um lance bonito eu sempre tento ir pra linha mais bonita de algum jeito. Às vezes não dá certo, mas... Sei lá, eu acho que consigo manter a visão de enxergar o xadrez como se fosse uma das primeiras vezes até hoje, assim. Muita coisa no xadrez ainda é novidade pra mim, eu fico feliz quando vejo alguma coisa diferente e acho que isso é uma coisa que vem desde muito cedo. A parte científica do xadrez eu acho mais chata, essa parte de preparação, de ter um método de estudo. Eu quando estudo vejo coisas meio aleatórias, assim. Então eu não tenho muito uma agenda do tipo “ah, vamos estudar finais hoje”, eu olho qualquer coisa. Mas eu gosto muito de ler livros de xadrez, eu tô lendo diversos livros o tempo todo pra tentar aprender coisas novas, gosto bastante de aprender. Já a parte competitiva e artística pra mim são muito, muito importantes. São o que fazem eu gostar de jogar, assim.

J: E atualmente, o que o xadrez representa pra você?

GM 8: A minha profissão e o meu *hobbie*, como eu sempre falo é o jeito que eu uso pra ganhar dinheiro e é algo que eu gosto de fazer nas horas vagas também. O exemplo clássico disso é quando alguém acabou de terminar uma partida longa e vai jogar uns *pings* pra relaxar, né? Sei lá, durante o torneio boa parte da minha vida fica em função do xadrez, mas quando eu tô em casa nem tanto. Mesmo assim eu tô sempre olhando alguma coisa de xadrez, às vezes tô em um barzinho com o pessoal e tô de olho no torneio que tá acontecendo na *internet*. Acho que é mais do que uma profissão pra mim.

J: Suas principais conquistas como jogador?

GM 8: Bom, tem as de categorias, né? Os Brasileiros, Sul-Americanos, Mundiais. Fui Campeão Latino-Americano e depois vieram os Zonais, ganhei 2 Zonais e fiquei em 2º em outros 2 deles. Joguei as últimas 4 Copas do Mundo, representei a equipe olímpica brasileira de 2004 até 2016, a exceção foi em 2008 porque ela bateu com os Jogos Abertos. Bom, tem também alguns torneios Abertos, né? Joguei vários deles, ganhei 2 em Santos e em Barcelona que foram bem difíceis. Mas daí são torneios variados, não são torneios tão... Não são como um Pan-Americano, mas eram torneios bem fortes. Ah, ganhei o *I Mind Games* que teve também. Foi mais ou menos isso, já cheguei também a ser o 70º do mundo em 2009. Faz tempo, mas espero voltar lá em algum momento.

J: Há algo que não tenha sido contemplado neste roteiro e que você queira comentar?

GM 8: Não, acho que tá bom assim [risos].

J: Bom, eu agradeço então a sua atenção e toda a disponibilidade despendida até então. Todos os nossos contatos se encontram no termo, qualquer *insight* que você tiver durante esse tempo e que deseje acrescentar sobre a sua trajetória, por favor, fique à vontade para entrar em contato. Muito obrigada!

### **Apêndice I – Íntegra da entrevista (GM 9)**

J: De antemão eu agradeço a sua participação e toda a atenção despendida até aqui. Sua idade?

GM 9: Eu tenho 26 anos.

J: Data de nascimento?

GM 9: 09/02/1990.

J: Sexo?

GM 9: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 9: Morena.

J: Nível de escolaridade?

GM 9: Superior completo.

J: E isso em uma instituição pública, privada?

GM 9: Foi em uma instituição privada nos Estados Unidos.

J: Em que curso?

GM 9: Relações Internacionais.

J: E as etapas anteriores?

GM 9: Eu fiz alguns anos em escola particular e outros em escola pública, mas a maior parte foi em particular. Terminei o Ensino Médio no Colégio Renascença que é uma escola particular em São Paulo.

J: Cidade de nascimento?

GM 9: Fortaleza.

J: Onde reside atualmente?

GM 9: Em Goiânia.

J: Profissão?

GM 9: Enxadrista, professor.

J: Uma média da sua atual renda familiar mensal?

GM 9: Eu prefiro não comentar essa pergunta, posso passar?

J: Claro, fique à vontade! Como era constituída a sua família quando iniciou no xadrez?

GM 9: Ela era constituída pela minha mãe, pelo meu pai, pela minha irmã mais velha e por duas irmãs mais novas. Uma delas tinha acabado de nascer porque eu comecei a jogar torneios com 7 anos de idade e ela nasceu quando eu tinha 9 anos.

J: Bom, vamos pensar separadamente em cada um deles agora. Começando pelo seu pai, qual é o nível de escolaridade dele?

GM 9: Ele não terminou o Superior, né? Superior incompleto então.

J: E as etapas anteriores dele?

GM 9: Ele fez em escola particular. Fez também Economia na PUC, faltava 1 ano pra ele se formar e aí parou. Em algum momento ele também fez 1 ano de Direito em Fortaleza, porém não terminou o curso em nenhum dos casos.

J: Profissão dele à época?

GM 9: É... Vamos passar essa pergunta, não está claro pra mim.

J: Claro, o mesmo pra sua mãe então. Nível de escolaridade dela?

GM 9: Ela fez até o Ensino Médio.

J: E isso em instituições públicas, privadas?

GM 9: Isso eu não saberia responder.

J: Profissão dela?

GM 9: Eu colocaria do lar.

J: Vamos pensar agora na sua irmã mais velha, nível de escolaridade?

GM 9: É a Chan, ela tem Superior Completo, fez Administração na Universidade de Sydney porque ela mora na Austrália.

J: Etapas anteriores dela?

GM 9: São praticamente como as minhas, ela estudou um ano ou outro em escola pública mas a maior parte foi na rede privada. Ela estudou em Israel nos últimos 3 anos de Ensino Médio.

J: Profissão dela?

GM 9: Nesse momento ela vende e aluga imóveis. É locadora que fala? Corretora.

J: Bom, o mesmo para as suas irmãs mais novas?

GM 9: A mais velha delas tem Ensino Médio, ela estuda atualmente em Israel e tá pra entrar na universidade. Ela faz dois cursos lá de Religião e de Hebraico porque ela precisa deles pra entrar na faculdade de lá. O mesmo para a minha irmã mais nova. Você vê que situação, as duas vão morar em Israel, vão estudar e fazer faculdade pública por lá.

J: Então agora nós vamos dar início às questões mais específicas sobre a sua trajetória esportiva. Sinta-se à vontade para falar dela, seja desde os seus primeiros contatos com o xadrez até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 9: Tá certo, a minha primeira partida de xadrez... Eu aprendi a jogar entre 4 ou 5 anos com a minha irmã mais velha, a Chan. A gente só jogava e quase sempre ela me ganhava, lembro até hoje que eu perdi a minha primeira partida porque ela capturou o meu rei e isso é uma jogada ilegal, né? O meu pai sempre gostou bastante de xadrez e

isso em uma época que já tinha surgido a *internet*, então tinha muito xadrez *online*, ele gostava de jogar xadrez na *internet*. Eu assistia ele jogar e gostava, dava palpite, então logo depois que eu aprendi xadrez já comecei a jogar ali pela *internet* mesmo. A minha mãe não tinha contato nenhum com o xadrez, não sabia nem mover as peças. Mas ela chegou a me acompanhar em um torneio ou outro quando eu era mais novo. Quando eu tinha 7 anos de idade tive contato com o Sidney Corrêa Filho que é um jogador já falecido por meio de uma indicação dada por alguém do clube de xadrez. Ele veio lá em casa, teve contato comigo e começou a me dar aulas de xadrez, ficou tão amigo da família que já me levava pros torneios, era como se fosse um tutor pra mim. Foi uma parceria, eu diria que foi algo muito legal porque ele começou a me ensinar e rapidamente, eu diria assim, a gente... Ele me levava ao clube de xadrez São Paulo pra jogar os torneios de sábado e domingo, me levava sempre pro interior de São Paulo... Lembro que o primeiro torneio da minha idade que eu ganhei foi em Mogi das Cruzes, a gente pegou o trem e foi pra lá. Então ele me incentivou bastante, viajava comigo, me ensinava e eu jogava. Isso foi por um tempo até eu jogar um Interclubes na Hebraica aos 8 anos, tenho descendência judaica e, como era de praxe, logo que acabei me mudando frequentava sempre o clube. Chamei um pouco a atenção do pessoal lá da Hebraica que joga xadrez porque eu era judeu e jogava de quipá, além do fato de que eu já jogava bem pra idade. Com 8 anos de idade eu já tava fazendo ponto por lá, então o pessoal quis ter contato comigo pra me levar pro clube, queriam que eu frequentasse o clube e jogasse por eles, o que é uma oportunidade super legal, né? O diretor na época se chamava Milton Matone, ele me fez esse convite pra jogar pelo clube e isso pra mim foi um avanço.

[Interrupção].

J: Bom, falávamos então do seu início na Hebraica...

GM 9: Isso, então eu fui convidado, entrei na Hebraica e foi muito bom pra mim porque naquele momento eu comecei a ter um certo suporte. Até já devia ter comentado que eu joguei um Paulista quando tinha uns 7 anos, era um Paulista Sub-10 e eu lembro que o meu pai bancou essa viagem e que pra ele foi pesado, ele fez um esforço pra eu jogar esse torneio que foi a minha primeira competição oficial. Bom, no momento que eu entrei na Hebraica eu mudei de professor, comecei a treinar com o Davy D'Israel que é professor de lá até hoje, a partir daí eu comecei a ter mais apoio. Eu tinha aulas com ele,

tinha um suporte maior pra jogar torneios e pra viajar pra cá e pra lá até que com 8 anos eu ganhei o meu primeiro Paulista Sub-8, o que eu diria que foi um bom começo, né? Com 9 anos de idade eu cortei um pouco o meu contato com o xadrez porque eu fui morar no Guarujá, então parei de ter aulas, parei de treinar e não estudava mais, o xadrez ficou um pouco mais distante. Só que teve um ou outro torneio lá ou mesmo em Santos que eu acabei indo jogar, no final ainda joguei o Paulista em Piracicaba em 99 e nesse ano eu lembro que fiquei em 2º lugar, o Rodrigo Terao foi o campeão. Eu fui pro Brasileiro Sub-10 em Bento Gonçalves e por lá ganhou o Gabriel Becker que também é um garoto que não joga mais. O Terao hoje ainda joga, mas joga pouco. Enfim, nesse caso eu já tinha o suporte da Hebraica pra conseguir ir até Bento Gonçalves jogar esses torneios que foram muito importantes. Eu diria que, além de tudo, nessa época eu gostava tanto de xadrez que o que eu podia eu fazia pra praticar e jogar, além de ter todo o suporte pra participar dos torneios nessa época. Com 9 anos tem a “Macabíadas” na Argentina que é uma espécie de olimpíada judaica, então foi a primeira vez que eu saí do país com o apoio da Hebraica. Eu diria que foi com tudo pago e, de certa forma, uma oportunidade de jogar no exterior com 9 anos de idade é uma coisa que tem que ser notada, né? Depois disso com 10 anos eu voltei a morar em São Paulo, logo que a gente voltou pra lá eu continuei as minhas aulas com o Davy e, de fato, este foi o primeiro ano que eu fui Campeão Brasileiro da minha idade que era Sub-10. Eu fui Campeão Paulista mais cedo e naquela época o que importava de fato eram esses torneios, as competições mais importantes pra mim no ano eram o Campeonato Paulista e o Campeonato Brasileiro. Pra mim esses torneios eram muito importantes porque o meu pai me cobrava muito nesse aspecto, ele era bastante duro comigo em relação a resultados e isso é algo que eu discordo das atitudes que ele tinha em relação a mim. Eu até lembro que às vezes... Todo mundo é inseguro, né? Todo mundo tem as suas inseguranças e elas existem ainda mais no xadrez, por mais que você jogue melhor que o outro você não vai ganhar dele todas as partidas. E eu lembro que – isso faz parte da Psicologia do Esporte, né? – eu conversei uma vez com o meu pai e eu falava pra ele “pô, e se eu não ganhar esse ano, o mundo vai acabar?” e ele falou pra mim “vai acabar porque ninguém se importa se você ganhou o ano passado ou o ano retrasado, se você não ganhar nesse você não é nada”, né? De uma certa forma essa cobrança também deve ter dois lados: se você é um vencedor ou quer ser um você tem que se cobrar e ir lá pra ganhar, se você não tiver cobrança e for lá pra se divertir aí é complicado, né? Por exemplo, metade ou 90% do pessoal que foi jogar em Florianópolis não tava lá pra ganhar o torneio, né? Eu

tive muito contato com a Susan Polgár e ela também tinha essa coisa da cobrança e ainda mais muito cedo, ela tinha esse *approach*, esse jeito de ser muito dura com a gente. Ela era muito, muito, muito dura e, por exemplo, eu me lembro de uma situação que a gente tinha uma menina que jogava pelo time mas que não era profissional, ela tava lá, tinha bolsa, mas não era nada demais também. E eu achei um pouco... Assim, eu vi a situação e conversei com ela, achei desnecessário ela estar cobrando a menina ali de uma forma tão dura e na frente de todo mundo. Eu falei pra ela “pô, mas isso aí não é legal, a gente não deve estar ajudando essa menina, a gente tá pressionando ainda mais ela” e ela falou “não, você tá errado, eu joguei sob pressão a vida inteira e sou Campeã do Mundo, a pressão ajuda”. E de fato eu não falei com ela como se eu achasse que estivesse certo, então esse é um *approach* que realmente considera que a pressão também te traz responsabilidades e, por consequência, você leva com mais seriedade as partidas e os torneios. Eu acredito nisso, desde cedo eu já tinha essa pressão, sempre tive essa pressão, né? E então com 10 anos eu fui Campeão Brasileiro e joguei um Pan-Americano que foi em Bento Gonçalves – coincidentemente também onde teve um Brasileiro, então não estou confundindo, foi assim mesmo – e se eu ganhasse a minha última partida eu virava Mestre FIDE que é o primeiro degrau até o topo, isso você conhece muito bem [risos]. O Campeonato Pan-Americano tem esse valor, o campeão vira Mestre FIDE e lá eu diria que tive, na verdade, talvez a maior derrota da minha vida no xadrez: o fato é que eu tinha uma posição ganhadora e entreguei a minha dama desperdiçando uma chance de ouro por causa do acaso, no caso, e não me tornando Mestre FIDE aos 10 anos. Eu lembro exatamente que não foi porque eu tava pressionado ou alguma coisa assim, foi até por um excesso de confiança, mas não por falta de seriedade. Eu pensei “bom, aqui eu já como a peça do cara e ele abandona”, no caso eu tava em uma cravada e precisava simplesmente tirar a dama e comer a peça no lance seguinte, ia ganhar com a mesma coisa. Ao invés disso eu fui lá e entreguei a dama, eu lembro que foi muito pesado porque seria uma conquista muito importante, né? Mesmo porque em 2010, pelo fato de ter sido Campeão Brasileiro, eu joguei o meu primeiro Mundial que foi em Oropesa del Mar na Espanha, foi uma experiência muito legal e eu acho que fiz 5,5 pontos em 11 rodadas, mas foi o pior ano da minha vida. Olhando por esse lado este foi de fato o pior ano da minha vida, mas comparando com os outros brasileiros que também foram eu não passei vergonha. Assim, estatisticamente falando os outros brasileiros que estavam jogando nas outras categorias também não fizeram mais pontos. Quando eu tinha 11 anos de idade – que seria no ano seguinte

dessa trajetória – eu *online* conheci a *The Grandmaster Chess School* que era uma escola de xadrez de um Campeão Mundial, o Alexander Khalifman. Dentre os treinadores desta escola havia o Kochyev que, com patrocínio da Hebraica e alguns apoios dali e daqui, foi meu treinador por um tempo. A gente conseguiu pagar umas aulas e estabelecemos um contato *online* que foi muito bom pra mim porque foi a primeira vez que eu treinei com um Grande Mestre. Ele me ensinou muito mesmo e, assim, isso foi muito bom, né? Nesse ano eu fui Campeão Paulista, fui Campeão Brasileiro e dessa vez, em 2001, tive a glória de ganhar empatado o Pan-Americano. Eu ganhei a última partida e foi até engraçado porque durante o torneio eu ganhei do Bachmann – que acabou de ganhar em Florianópolis, mas isso mais a título de comentário porque eu até sou amigo dele – e a ironia era que eu precisava ganhar a minha última partida – e ganhei – e precisava que ele ganhasse de um garoto lá, esses eram os resultados que eu precisava pra virar Mestre FIDE naquele ano. Pensando hoje nessa história, na verdade eu só precisava que um jogador que é atualmente brilhante ganhasse aquela partida pra eu virar Mestre FIDE, mas na época eu não tava botando fé nele [risos]. Hoje em dia a gente se dá muito bem, mas ali eu não achava que ele ia ganhar, achava que não ia dar certo daí e o que é mais curioso é que... Essa história deveria chegar mais pra frente, mas já que eu comentei do Bachmann... A gente também jogou os torneios por equipe do *Final Four* que são os torneios nacionais lá dos Estados Unidos, jogávamos os universitários. Os garotos da Universidade de Dallas – nada contra ninguém, os caras são gente boa também – ganhavam todos os anos, então eles eram metidinhos e tinham aquele ar de “já ganhou” porque de fato tinham o time mais forte na época. E aí eu tava jogando no time da *Texas Tech* – até é algo que eu deveria já ter falado, me formei em uma faculdade privada por lá mas não coloquei um centavo nisso porque eu tinha bolsa – e o time do Bachmann já não tinha tantas esperanças no torneio. E aí ele tava jogando contra um garoto – eu não lembro o nome do adversário dele, apesar de que eu poderia até lembrar [risos] – e se ele empatasse jogaríamos o desempate entre o nosso time e o deles ainda, se ele ganhasse éramos campeões. Só que aí o Bachmann tava na posição lá e, embora ele não tivesse interesse nenhum nessa partida, ele lembrou “putz, vou dar uma força pro meu amigo ali e vou ferrar esse garoto, não vou com a cara dele e não vou com a cara desse time porque eles ganham todo ano, mas esse ano não!” [risos]. E é engraçado isso porque quem ganhou aquele título pra gente foi o Bachmann que era do outro time, ele jogou – até usando aquele exemplo do Andrés com o Molina – não desnecessariamente, mas até ganhar a partida e



deixar a gente com o título. Aí eu lembro que a gente pagou pra ele a festa e comemorou bastante porque ele fez aquela pra gente [risos]. Pensando bem aqui, o Bachmann já fez duas pra mim, né? Bom, aí então eu virei Mestre FIDE com 11 anos, o que é algo legal porque a conquista desse título muda a vida de todo enxadrista, né? Se tornar Mestre te garante certo respeito, todo mundo respeita um Mestre, né? E assim, depois então que você vira Grande Mestre... Às vezes eu vou nos clubes de xadrez daqui e dali e tem cara que... Meu, o cara é juiz, estudou não sei quantos anos e te diz “oi Mestre, tudo bem?”, ainda assim ele te dá esse respeito! Eu sou chamado de Grande Mestre desde os 19 anos de idade às vezes nos lugares aonde eu vou, então é um *status* que realmente é diferenciado quando você começa a ficar titulado no xadrez. Bom, com 11 anos eu virei Mestre FIDE e aí tive uma oportunidade de ouro de ficar 2 meses na Rússia estudando e treinando xadrez graças à parceria que eu tinha com o Grande Mestre Kochyev e com o Campeão Mundial Khalifman, eu praticamente treinava todos os dias e jogava torneios todos os dias lá. Eu fui sozinho, morei na casa da Tânia que era uma moça que me recebeu por lá e que cuidava super bem de mim, ela me alimentava, me levava pros treinos com o Kochyev e depois me acompanhava nos torneios de xadrez. Isso durou cerca de 2 meses e a ideia era que depois de lá eu fosse pra Espanha jogar o Campeonato Mundial Sub-12 que estava acontecendo na época. A experiência que eu tive na Rússia foi de outro mundo, imagina o que é pra um enxadrista jogar todo dia xadrez em alto nível! E eu lembro que todo mundo lá jogava muito bem, o nível da Rússia é daqueles que até o taxista te ganha [risos]. Mas eu lembro de uma vez que eu ganhei de um cara lá – eu não falava russo, mas às vezes por estar lá um tempo você entende, entende os contextos – e aí um cara olhou pro outro e falou assim “meu, mas ele é Campeão Brasileiro!” e aí o outro começou a rir mais ainda, né? Do tipo “nossa, ele perdeu pro Campeão Brasileiro, esse cara deve ser ruim pra caramba!” [risos], então o cara quis justificar a derrota dele e foi pior. Mas foi super legal, depois de todo esse treinamento eu fui jogar esse Campeonato Mundial no final do ano e com certeza eu melhorei muito, meu jogo melhorou muito. Eu tinha 11 anos e meu *rating* saiu por volta de 2179, o que eu diria que é um *rating* razoável e nada de outro mundo porque tinha muita criança que já tinha mais naquela época, mas pra Brasil já era bastante. Nesse Campeonato Mundial de 2001 eu joguei contra o Nepomniachtchi que atualmente está no “Top 10” do mundo e acho que naquela época era o Campeão Russo na idade dele, jogou também o Andreikin que hoje é “Top 20” do mundo, jogou o Karjakin que foi Campeão Mundial daquele ano, então era um ano muito forte. Mas

eu lembro dessa partida que eu joguei contra o Nepomniachtchi, ganhei de pretas e foi uma bela partida, ele já tinha um *rating* razoável e provavelmente alto pra época, éramos crianças e ele já contava com uns 2300 pontos. Meu, ele perdeu e começou a chorar na minha frente cobrindo o rosto, as lágrimas caíam como se o mundo tivesse acabado pra ele mesmo. Pra mim foi bom porque pelo menos eu ganhei dele, mas eu lembro que foi assim. Com isso eu vi que podia chegar também, que podia jogar bem e que naquela época eu não tava por baixo dos caras, afinal eu tive a oportunidade deles, né? Como eles eu já tinha passado pela Rússia e treinado por lá, então agora eu podia encarar, como foi o caso. Já comparado ao outro eu fiz 7 pontos naquele Mundial, acho que perdi a última e se não fosse isso poderia ter ido bem pra caramba. Entre 2001 e 2002 eu comecei a ter contato e aulas com o GM 3, a gente estudava e a Hebraica patrocinava, realmente foi o maior treinador que eu tive. E aí a mesma história, ganhei o Paulista, ganhei o Brasileiro e fui jogar o Mundial na Grécia, naquele ano lembro que eu empatei partidas com jogadores fortes que hoje são top de linha. Esses anos não foram muito expressivos pra mim apesar de treinar, jogar aqui e ali, jogar todos os torneios rápidos e ser Campeão Brasileiro, mas mesmo assim vou contar uma história que não tem nada a ver. Como eu falei, naquela época já havia jogadores como o Karjakin que tinha 2400 de *rating* com 12 anos de idade, o Andreikin com 2400 pontos com 12 anos de idade e outros jogadores mais que também tinham muito *rating*. E aquele ano foi curioso porque eu sempre passava ali pelas primeiras mesas – porque normalmente eu não tava tão próximo, que pena! – pra ver como é que tava. Era a última rodada e na mesa 1 eu acho que jogavam o Andreikin – que acho que foi o campeão daquele ano, não lembro – e um norueguês que eu tava vendo que tinha menos *rating*, ele só tinha 2250 pontos. Esse norueguês só era o Magnus Carlsen e na época eu falava “pô, como é que esse trouxa tá na mesa 1 aí? Podia estar eu ali, por que é que tem esse trouxa aí, ele não deve ser tudo isso!” [risos]. E realmente na época ele não era tudo isso e não foi Campeão Mundial naquele ano, ele não era o melhor daquele ano. Nos meus anos seguintes – apesar de ainda ter aula com o GM 3 – eu já não estudava tanto, não me dediquei muito e realmente acho que foi um tempo desperdiçado. Olhando hoje eu acho que talvez tenha sido um pouco de falta de tutoria, se as pessoas tivessem me influenciado melhor eu teria me esforçado mais e talvez farreado menos, né? Eu sempre fiz muitas atividades também, fazia capoeira, fazia futebol, fazia nataçã... Teve uma vez que foi a tragédia da minha vida quando o nosso professor de futebol ligou dizendo “nossa, precisamos de você!”. Eu nunca fui nenhum goleador ou coisa do gênero e

provavelmente ele deve ter ligado pra outros 10 jogadores antes que não podiam ir, né? [risos]. Mas ele ligou e falou “preciso de você pra jogar lá no nosso time, a gente tá indo representar a Hebraica lá no futebol” e eu tinha um torneio de xadrez pra jogar. Pensei “eu tenho que ir pro futebol” mas, claro, acabei indo pro xadrez e foi a tristeza da minha vida! Finalmente quando eu fui chamado, quando eu fui convocado pro futebol eu tive que jogar xadrez, né? Então eu jogava esses torneios de xadrez mas fazia outras atividades também, eu participei de competições de natação, de futebol, de capoeira nunca porque eram são aquelas graduações. Eu realmente tinha amigos, ia pra escola e depois dela eu ia pro clube fazer as minhas atividades, jogava futebol. Naquela época eu lembro que treinava xadrez são de terça e quinta por 1 horinha e, assim, pra ter ido mais longe eu deveria ter aproveitado melhor o meu tempo no xadrez. Fazer 2 horas por semana de xadrez, ainda mais com o talento que eu tinha... Foi mesmo um desperdício, né? Eu realmente tinha que ter tido uma tutoria melhor. E aí com 13 ou 14 anos a coisa desengrenou mesmo porque aconteceu algo que na verdade eu achei que foi muito bom pra gente mas que, por outro lado, foi muito ruim pro meu xadrez. Eu fui morar em Jericoacoara que é uma praia maravilhosa e muito famosa, na verdade é o ponto turístico mais cotado da América Latina hoje, n ? Então imagina você morar na frente da praia em Jericoacoara, ir pra capoeira, ver o pôr do sol e gandaia, gandaia e gandaia! [risos]. Xadrez era zero, n ? E assim, não que eu seja muito da festa e tal, mas eu já fui muito pra festa também. Sou humano, n ? E eu lembro de uma vez que tinha um cara l  que era f  de xadrez mas que não tinha nada a ver, assim, ele era f  de xadrez mas não era um enxadrista, s  jogava direitinho. Era 5 horas da manhã, eu tava voltando pra casa da festa e aí o cara chega e fala “p , vamos lá jogar xadrez!” e eu respondi “meu, são 5 horas da manhã, pelo amor de Deus, eu vou pra casa!”. Aí ele falou “cara, eu pago!”, aí eu “quanto?” e ele “cada partida que você me ganhar são R\$: 10 contos!”, aí eu fui ganhando [risos]. Pegamos l  o relógio porque ele até tinha um relógio de xadrez e eu já sai ganhando, nesse dia ainda fiz um dinheirinho depois da balada l  em Jericoacoara! Teve um dia também que apareceu um gringo que falava que era Mestre, n ? Nunca eu nem entendi se ele era Mestre Internacional, Mestre FIDE ou mesmo Mestre Nacional na Itália que era o país dele, ele só falava que era Mestre. Me disseram “ah, a gente tem um garoto aí que joga, vamos chamar ele l , duvido que você ganha dele!” e aí o gringo foi lá todo “bam, bam, bam”, todo mundo foi assistir. Depois esse gringo levou uma surra que ficou com vergonha [risos], mas isso tudo foi o meu contato com o xadrez em Jericoacoara. Ainda em 2003 – e apesar disso – eu tive a oportunidade de jogar um

Mundial após ter sido Campeão Brasileiro e Campeão Paulista daquele ano. Na 2ª rodada desse Mundial de 2003 eu joguei contra o Carlsen, hoje é legal contar que eu joguei contra ele porque o cara é o cara! Lá ele me ganhou, óbvio que deu sorte, né? Mas esse torneio foi legal porque nas duas últimas rodadas eu ganhei do David Howell que é um inglês muito forte atualmente e que na época já tinha uns 2400 pontos de *rating* FIDE também. Além dele eu ganhei de um indiano que também tinha por volta de 2400 pontos e terminei o torneio com 7,5 pontos, foi o meu melhor Mundial. O campeão eu acho que fez 8,0 pontos e o Magnus Carlsen terminou o torneio com 7,5 pontos também como eu, então eu diria que foi o meu Mundial, né? Foi ponto pra caramba! Mas lá em Jericoacoara o meu xadrez realmente se perdeu muito com a mudança e com o fato de não conseguir dar continuidade aos treinamentos, ele deixou de crescer e eu deixei de jogar muito. Quando eu tinha 15 anos de idade foi um momento que realmente esse crescimento estagnou, apesar de eu ter jogado um torneio ou outro. Como eu sempre falo das estatísticas, se você olhar na lista da FIDE desse ano você vai ver que eu joguei pouquíssimos torneios e que meu *rating* ficou parado por anos, né? Sei lá, eu cheguei a ficar com 2200 pontos por uns 3 ou 4 anos, assim. Eu vou pular um pouco no tempo porque esses anos foram meio que inexpressivos e eu preciso falar sobre o meu padrinho. Eu tenho um padrinho que me apoia até hoje e que na verdade é a pessoa mais importante da história inteira de toda a minha carreira enxadrística. A gente se conheceu no ambiente do clube, da sinagoga e do próprio xadrez, muito embora ele só acompanhasse e não jogasse. Sempre foi uma pessoa muito presente e ainda é na minha vida, todos os dias eu falo com ele. O nome dele é José Luiz Goldfarb, ele é muito top na área dele porque é professor de História da Ciência na PUC, acho que orienta doutorado também. Ele era diretor do Departamento de Cultura da Hebraica e no momento é diretor da Editora da PUC, foi curador do Prêmio Jabuti que foi o maior prêmio literário por 20 e tantos anos, ou seja, na área dele realmente ele é o cara! E ele gosta muito de mim, gosta muito mesmo e disso eu não tenho dúvidas. É coisa de pai e filho, né? Na nossa cultura judaica o xadrez é visto como um esporte de inteligência e de cultura, então até pelos cargos que já ocupou ou ainda ocupa ele acha que o xadrez é algo nobre, ele sempre me diz “você é um Grande Mestre de xadrez, você é um cara inteligente, você é uma pessoa culta”, entendeu? Por outro lado ele também me diz “não, mas pôquer pelo amor de Deus, pôquer é jogo de azar, as pessoas perdem a vida jogando pôquer, existe máfia, lavagem de dinheiro!”, então pra ele não se compara pôquer com xadrez. Tanto pela comunidade judaica como por uma pessoa

culta o xadrez é algo bem-visto, ao contrário do pôquer. Na verdade é por causa dele que eu não jogo pôquer, eu concordo com as coisas que ele fala como o fato de que por trás de todos esses lugares de pôquer e desses *sites online* existe uma lavagem de dinheiro. Tenho um amigo que deu certo com isso, ele acertou um torneio e ganhou uma grana boa, mas quantos estão ali perdendo dias e dias jogando, perdendo dinheiro, perdendo a chance de crescer na vida, perdendo a chance de fazer um mestrado porque tão ali desperdiçando o seu tempo jogando pôquer? Tem um pouco disso também no xadrez quando algumas pessoas desperdiçam o seu tempo querendo virar Grande Mestre, né? Mas enfim, em um belo dia esse meu padrinho tava lá no clube, foi no departamento de xadrez e perguntou “pô, cadê o nosso garoto do xadrez?”, aí os caras falaram “ele tá lá em Jericoacoara, esse já foi, esse não volta mais!” [risos]. Aí ele ligou pro meu pai, naquele ano a “Macabíadas” era em Israel e ele queria que eu fosse jogar ela lá. Então em 2005, após ter sido Campeão Paulista e Campeão Brasileiro tudo certo, fui jogar a “Macabíadas” em Israel. Depois de lá a gente foi pra França jogar o Mundial de categorias e dele eu tenho uma única história. Quem ganhou aquele Mundial foi o Lenderman que hoje é um Grande Mestre americano, ele precisou ganhar as 4 últimas partidas pra ser Campeão Mundial e uma delas foi contra a minha pessoa. Na posição eu tinha 4 peões e ele 3 peões, além de torre e bispo pra cada lado. Ele só ganhou porque eu realmente quis perder aquela partida, ele tava segurando pra empatar e eu não queria dar aquele empate pra ele, forcei tanto que chegou em uma situação que ou empatávamos ou eu perdia, aí ainda continuei tentando e perdi. O curioso é que depois disso ele ganhou as 3 partidas seguidas e foi Campeão Mundial, seria ironia do destino? Ele precisava ganhar uma partida que era impossível de ser ganha, como é que ele foi Campeão Mundial? Eu acho irônico o modo como ele foi Campeão Mundial aquele ano! Isso já foi em 2005, né? Exato, foi o ano da “Macabíadas”. Em 2006 o Zé Luiz Goldfarb – esse meu padrinho – me levou pra São Paulo pra jogar o Paulista e fez uma proposta pro meu pai de me manter em São Paulo pra eu estudar no Renascença e jogar xadrez. Eu então fui morar em São Paulo e comecei a retomar as aulas com o GM 3, a jogar mais torneios, a estudar em um colégio de ponta e a respirar mais xadrez, né? Esse ano de 2006 – é que eu tive muitos anos bons na minha vida – foi um ano em que toda aquela estagnação, todo aquele tempo perdido em Jericoacoara e tudo o que eu não produzi foram deixados pra trás. Esse ano foi muito bom pra mim, eu saí de 2200 pra 2400 pontos de *rating*, e olha que eu sou um jogador que relativamente nunca passou pelos 2300 pontos. Eu caí uma vez de 2400 pra 2396 pontos, mas simplesmente tive

esse salto de 2200 a 2400 de *rating*. E aí eu lembro que além de todo o apoio eu já tinha começado a viajar, tinha mais contato com os outros jogadores como o GM 2 que era um grande amigo e ainda é, o GM 8 que me deu umas dicas também. E assim, eu lembro que isso era algo que... Tem muita gente que é enxadrista, mas além de ser enxadrista eu também sou jogador. A diferença é que – a gente até conversou ontem um pouco sobre isso – tem gente que joga pra fazer o melhor lance e eu faço o melhor lance pra te ganhar a partida, eu joga porque xadrez é arte, ciência e também um jogo. Além disso xadrez é cultura, tem toda uma história, tem aberturas, tem partidas, tem um histórico de milhões de partidas gravadas que a gente pode ver e analisar, tem milhares de livros que a gente pode aprender, então tem toda uma cultura. A beleza dentro do tabuleiro de xadrez – que é o que a gente chama de arte – tá disponível ali principalmente pra quem sabe ver. Mas não só, né? Por exemplo, tem um cara que vai chegar no Museu do Louvre, vai olhar pra Monalisa lá e vai falar “eu olho pra lá e ela também olha pra lá ou ela tá olhando pra mim?”. Meu Deus, isso que é arte, né? Ou o cara vai ver aqueles borrões lá de Van Gogh, dos impressionistas e isso que é arte, né? Ou vai lá no Museu do Prado ver os renascentistas e falar “nossa, é a retratação da época!”, né? O homem agora se centralizando em relação à Deus, mas aí eu já tô falando demais [risos]. Mas continuando, aí vai ter aquele cara que vai ver aquela posição de xadrez e falar “meu, que coisa linda! Essa posição fez o meu dia, que partida! Que xeque-mate foi esse! Que detalhe lindo!”. De fato o xadrez é arte e às vezes nós, jogadores, somos os artistas. A gente usa a criatividade e a gente cria. A gente faz beleza, né? A questão é que naquele ano de 2006 eu joguei um torneio em Botucatu, lembro que eu enfrentava o GM 5 e percebi que ele começava a ficar apertado no tempo. Naquele momento eu entendi que não precisava jogar brilhantemente, eu simplesmente precisava jogar rápido que ia dar a seta dele. Eu realmente precisava ganhar e tirar o ponto dele, mas não precisava ser brilhante, não precisava publicar uma partida brilhante e assim foi. Joguei bem, ganhei na partida mas também porque apertei ele no tempo, então foram as duas coisas. Naquele momento eu entendi o que era ser um jogador, isso é algo que eu também compreendi mais adiante lá nos Estados Unidos porque o jogo em si tem uma parte que existe fora do tabuleiro, né? Esses dias eu li algo que alguém colocou no *Facebook* sobre uma discussão que o Bobby Fischer falava que o xadrez não tem Psicologia, ele dizia que no xadrez tem o melhor lance e que é assim que você ganha. Já a Judit Polgár, no caso, fala que o xadrez é 40% Psicologia. De uma certa forma eu acredito que existam condições que sejam extras ao tabuleiro como, por

exemplo, você já na abertura deixar o cara... Quando eu tinha 16 anos eu fiz uma aposta boba quando fui jogar em Cuba – a história ainda vai continuar e eu vou chegar até lá – e tenho vergonha dessa partida, mas fui lá e joguei “a3” no primeiro lance. Essa foi a única vez que eu fiz isso na vida e eu me envergonho porque é um desrespeito você jogar “a3” no primeiro lance. Eu nunca mais vou fazer isso, ao não ser que eu odeie muito a pessoa e queira ganhar dela jogando “a3” [risos], mas no caso era uma jogadora que tinha 2200 pontos e alguma coisa, então ela tinha certo nível. O curioso é que eu joguei “a3” e ganhei em 20 lances aquela partida, é engraçado porque o cara joga “a3” e ainda ganha em 20 lances, né? Eu fico pensando na raiva da pessoa do outro lado quando o cara acabou de jogar “a3”, imagina o quanto ela já não ficou nervosa pensando “meu, esse moleque tá achando que tá jogando contra quem?” [risos]. No caso essa jogadora era muito teórica, então esse “a3” colocou uma posição incômoda ali, até lembro que ela continuou com “c5”, eu já respondi com “b4” e aí a gente tá numa posição que eu nem nunca olhei ou estudei, nem depois da partida eu olhei essa posição. Imagina que no segundo lance ela já começava a pensar o que é que ela tava fazendo da vida dela e o que é que tava acontecendo ali [risos], então eu realmente acho que esse foi um exemplo dessa Psicologia que existe fora do jogo. Bom, enfim aos 16 anos eu entendi como é que faz ponto no xadrez, foi importante pro meu crescimento compreender que além de jogar bem você tem que saber como é que você faz ponto. Hoje em dia o Carlsen faz muito isso, né? Ele ganha posições que ninguém explica como é que ele ganhou um final empatado, por exemplo. Ele joga até ganhar, pressiona o adversário, tem um diferencial e sabe fazer os pontos, é aí que você tem que chegar pra subir. Então com 16 anos eu vim morar em São Paulo e comecei a estudar, a jogar, a subir o meu *rating* e, além de tudo, foi um ano brilhante pra mim porque a vitória contra o GM 5 me trouxe um *up*, foi algo como “meu, eu ganhei do GM 5, sou capaz!”. Ele não foi o primeiro Mestre, eu já tinha ganhado de outros como, por exemplo, um Mestre Internacional argentino que eu havia ganhado quando tinha 11 anos. Então eu era um talento, né? Nessa época eu já jogava direito, mas aquela partida com o GM 5 realmente foi um marco que me deu aquela confiança e, assim, eu não sei o que os outros falam, mas acho que a confiança é quase tudo no xadrez. Nesse momento eu ganhei confiança e vi que realmente dava, né? E daí eu já comecei a jogar contra os outros jogadores pensando “não, mas esse cara tem que tremer porque vai jogar comigo e não o contrário”, né? E até por experiência, hoje tem vários garotos novos – ainda mais lá nos Estados Unidos, como o Jeffery Xiong que eu citei pra você – que pô, o menino tem 12

anos, empata comigo e depois vai lá e ganha de outro Grande Mestre! Eu fiquei inconsolável porque empatei com um garoto de 12 anos e depois fiquei sabendo que ele treinava com o Kasparov, então hoje se você pega um garoto mais novo você sabe que não vai ser muito agradável, e isso mesmo sendo um Grande Mestre. Você sabe que aquele garoto tem um professor bom, você sabe que ele treina, sabe que ele mata um monte de exercícios e que o cálculo dele tá bom. Sabe, portanto, que ele tá muito bem e que tá muito diferente de mim que, apesar de estar jogando bem ainda, hoje não estou matando 1000 exercícios por dia, já esse garoto tá. A mesma pegada e rapidez no cálculo que esse garoto tinha, por exemplo, eu também tinha naquela época: eu entendia que no momento eu incomodava, que eu também batia forte. Naquele ano de 2006 eu fiz uma listinha de metas pra mim – na verdade eu nem lembro os nomes direito – de quem eu queria ganhar durante o ano [risos]. E eu fiz essa listinha nem sabendo se eu ia ver os caras na vida, tampouco nos torneios, né? Naquele listinha eu acho que tinha o GM 2, tinha o GM 8, tinha o Crosa – não sei se você conhece o Martin Crosa, ele é um Mestre Internacional uruguaio que agora joga pôquer mas que era muito famoso e jogava muito bem, aliás joga muito bem, é o tipo de cara que não joga faz 10 anos mas se vier jogar vai jogar muito bem, o cara é muito bom! –, tinha o Cubas, tinha o GM 5, enfim. Eu lembro que tinha uns 7 nomes nessa lista de jogadores que eu queria ganhar e eu ganhei dos 7 naquele ano, terminei a última lista de 2006 com 2426 de *rating*, se eu não me engano. E assim, você sair de 2200 e baixo pra 2426 pontos em 1 ano é algo que muda tudo, né? Nesse ano eu ainda treinava com o GM 3 e vi que ele tava indignado com a partida que eu ganhei do GM 2 porque eu tinha 2250 pontos no momento dessa vitória e o GM 2 já era Mestre Internacional. O GM 3 dizia “pô, o GM 2 tava jogando bem, eu quando jogo com ele sempre vem aquela “*grünfeld*” toda preparada, se eu jogo de pretas é duríssimo ganhar dele!”. Só que como é que eu ganhei, né? Eu joguei uma abertura que relativamente virou uma “*maróczy scheveningen*” sem os bispos, mas isso em uma posição que eu tô segurando ali, tô só esperando. O GM 2 que tinha 200 pontos de *rating* a mais do que eu percebeu que eu tava ali só me defendendo, só esperando e daí começou a avançar os peões pra tentar fazer alguma coisa, pra desequilibrar e tentar ganhar. Nisso que ele se desequilibrou eu comi as peças dele, e aí quando eu mostrei a partida pro GM 3 no nosso treino ele falava “pô, imagina se o GM 2 iria avançar os peões e tentar me dar mate, se eu coloco essa posição com ele nós simplesmente vamos empatar e acabou, mas como o seu *rating* tá baixo e você joga pra muito mais do que ele, então você tá em vantagem com esses caras porque eles vão tentar te ganhar e você



vai ganhar deles”. Então isso é uma coisa que muda depois que você sobe o seu *rating*, a partida da Semifinal do Brasileiro de 2007 que eu já tinha 2400 pontos e o GM 5 por volta de 2500 de *rating* foi um exemplo. Eu lembro que eu tinha brancas e o empate era bom pra mim, então fiz uns lances na abertura e ofereci. Ainda estávamos na metade do torneio mas eu sou muito prático, lembro que pensei “empate com o GM 5 e vou ganhando dos próximos adversários menos qualificados do que ele que virão”. Então eu ofereci o empate pro GM 5 e ele nem pensou muito, logo aceitou e naquela Semifinal terminei empatado em 1º lugar com o GM 2. A única razão pela qual ele deve ter feito isso é porque ele me respeitava, hoje se eu fosse tentar jogar pra ganhar do GM 2 ou do GM 5 eu ia colocar as peças lá e se eu não fizesse nada eles também não iam entregar mais, então isso mudou. Naquele caso eu ainda não era Grande Mestre – tenho que fazer as contas mas acho que virei Mestre Internacional em 2007 – mas já naquele ano, quanto mais eu subia, mais as partidas eram dificultadas ou facilitadas em alguns aspectos. O fato de você ter respeito e ser Mestre muda esse patamar também, muda a maneira como o torneio é colocado pra você: quanto mais *rating* você tem, então melhor é o seu emparelamento, melhor é o seu desempate e melhor você controla as suas chances no torneio, o planejamento do seu torneio. Então em 2006 eu fiz a minha 1ª norma em um torneio fechado em Guarapari e em 2007 eu já tinha 2400 pontos. Pra quem tinha 2200 pontos e tava em Jericoacoara, né? Agora eu já tava em São Paulo, tinha uma norma de Mestre e 2400 pontos! Era o paraíso, né? Em algum momento de 2007 eu viajei pra Cuba, fui jogar 3 torneios lá oferecidos pelo governo cubano e parcialmente subsidiados pela CBX. Os jogadores brasileiros escolhidos foram o “Ovelha” que é o Marcus Vinicius Santos – todo mundo chama ele de “Ovelha” – e eu, então fomos juntos. E assim, lembro que teve uma vez ou outra que a gente discutiu por umas brigas bobas, mas eu só tô citando isso porque eu adoro aquele cara e realmente acho que ele deve ser o cara mais gente boa da terra por ter aguentado 1 mês comigo em Cuba [risos]. Eu devia ser chato pra caramba, então aquele cara é um santo, né? Eu lembro que ele estudava o dia inteiro e eu ficava sempre... Eu não gosto muito de estudar durante os torneios, eu gosto de me poupar. Tudo bem que isso às vezes pode ser mal visto porque eu podia estar lá preparando, mas o fato é que durante os torneios eu gosto de ficar de boa. Isso tem dois lados, o primeiro é que eu poupo mais energia e chego mais descansado em relação ao cara que se preparou pra caramba mas chega na partida cansado e pipoca, além do segundo que é o fato de que eu também faço toda uma preparação antes do torneio. Mas eu lembro que o Ovelha estudava muito, muito,

muito durante os torneios e ele teve resultados piores do que os meus, tadinho! Na última rodada de um torneio eu precisava de um empate contra um Grande Mestre cubano pra conseguir a minha 2ª norma, ele não me deu e ganhou. Foi justo, ele tinha quase 2600 pontos e eu tinha pretas, o que eu vou fazer se ele ganhou? Isso é algo que aconteceu esses dias com o Molina, né? No meu caso era mais difícil porque o cara tinha 2600 de *rating*, então eu não fiz mesmo essa norma. Mas enfim, foi uma experiência legal viajar e ficar 1 mês em Cuba, teve toda uma situação de conhecer o país. Naquela época eu viajava mais, jogava mais e depois disso fui pra Cali na Colômbia jogar o Continental. Ou seria Medellín? É porque eu joguei um Pan-Americano em Medellín e depois eu fui pra Cali, mas isso é coisa que dá pra pesquisar em 1 segundo e não vem ao caso [risos]. Nesse torneio eu comecei muito bem, em algum momento eu perdi pro GM 2 mas também havia ganhado do GM 8, então acabei jogando com os meus amigos de quarto. Ganhei de outro Grande Mestre lá e acabei fazendo norma, mas como no Continental ela vale por duas eu acabei me tornando Mestre Internacional com norma dupla ali. Embora não tenha precisado ficar lutando pra chegar a 2300 pontos, eu senti que essa foi a primeira etapa realmente completada, a primeira veio muito fácil quando eu me tornei Mestre FIDE muito novo. E aí eu comecei a pensar “agora tem que virar Grande Mestre”, né? Mas a vida é um negócio duro, nesse mesmo ano a minha mãe faleceu e eu conheci a minha ex-mulher que era a minha namorada na época, me formei e comecei a estudar Sistemas de Informação na FAAP. O próximo ano seria muito louco, 2008 foi um ano fora da curva! Eu comecei jogando um torneio fechado que valia norma de Grande Mestre em Santos e eu lembro que a minha namorada – hoje minha ex-mulher – foi comigo. A gente namorava, ia pra praia e eu nem me preparava muito pro torneio, não foquei e fui mal pra caramba. Perdi uns 10 pontos de *rating* em um torneio de norma de Grande Mestre e realmente não quero usar isso como desculpa, só tô esclarecendo as condições pelas quais eu fui tão mal. Nesse meio tempo a minha ex-mulher engravidou – graças a Deus porque hoje eu tenho o meu filho – e a gente teve um tempo de crise. Nisso o GM 2 teve a brilhante ideia de fazer uma turnê pra jogarmos na Europa, isso em números daria algo em torno de € 7 mil euros a viagem toda, eu acho. A gente conseguia algumas condições especiais de hotéis em alguns torneios, mas mesmo assim era uma grana e o problema começava por aí. Como a gente era muito parceiro a saída foi fazer uma sociedade em que dividíamos o dinheiro quando alguém ganhava os torneios, e como eu sempre premiava aqui e ali onde a gente jogava – e ainda premio, isso é algo que eu notei de um

tempo pra cá – eu percebi que em algum momento a viagem tava se pagando. Mesmo porque a gente jogava uns torneios rápidos também como um *Grand Slam* que eu ganhei em Bilbao, foram € 300 euros em um dia que já serviram pra pagar bastante coisa ali. O Diego também ganhou empatado o *Sants Open* e jogou pelo desempate, o GM 2 e eu também premiamos e foi legal porque rachamos uma grana boa ali, então a viagem também vai se pagando. Isso se você joga bem, no caso, né? Com todo o respeito, se você planejar uma viagem pra Europa e não premiar nos torneios ela também não vai se pagar sozinha, mas nesse caso foi se pagando. Lá eu lembro que a coisa andou tão bem pra mim que eu devo ter ficado umas 36 partidas sem perder, eu não era Grande Mestre e ainda assim jogava com eles e não perdia, eu realmente era imortal! Mesmo em um partida ou outra que eu fiquei perdido em algum momento eu conseguia salvar e falava “não, eu sou imortal, ninguém pode me ganhar!” [risos]. Eu tava concentrado e em uma sequência de torneios que realmente eu não “pendurava” nada, tava tão confiante que acabei me lembrando de uma teoria do GM 3 que falava que as coisas começam a dar certo pra gente quando temos o nosso primeiro filho [risos]. Assim como as coisas começaram a dar certo eu acho que a responsabilidade da pressão também veio 60 vezes mais forte, né? Meu, eu jogava lá na Europa mas a cabeça tava em “eu preciso produzir porque se eu não produzir aí eu vou ter um menino no mundo que tem um pai que não produz, ele não vai ter condições”, era simples assim. Então eu tava jogando muito firme na Europa, joguei várias partidas sem perder, joguei contra vários Grandes Mestres, joguei contra o GM 2, joguei contra o GM 8, joguei contra toda a galera no meio do caminho. Fiz a minha 1ª norma de Grande Mestre em Parla, que é perto de Madrid, e assim... Eu sou um cara que eu sei do meu potencial, isso é fato. Eu sei que eu sou bom e que eu jogo bem xadrez, isso é um fato. Embora lá atrás eu tenha feito aquela listinha, se ela não acontecesse e eu não visse aqueles caras não haveria nenhum problema pra mim porque eu não costumo criar tantas expectativas, era mais uma brincadeira. Eu nunca tive a pretensão de virar Grande Mestre ou, na verdade, talvez eu já soubesse lá no fundo que me tornaria um porque eu era um cara que jogava bem, jogava os torneios e uma hora eu ia acertar algum deles. E não é uma questão se, por exemplo, o Molina joga ou não joga pra ser um Grande Mestre, isso aí... Se ele joga ou não joga eu não sei, mas faz tantos anos e tanto tempo que ele joga torneios valendo norma de Grande Mestre que uma hora ele vai acertar algum deles, na próxima vez que ele precisar de um empate na última rodada ele vai conseguir. É aquela velha história, uma hora vai bater e vai dar certo pra ele também,

entendeu? Mas isso também faz parte do processo e não significa que ele é melhor ou pior do que ninguém, só significa que o caminho dele foi traçado e que está sendo mais difícil porque querendo ou não ele só vai fazer essa norma quando jogar no nível de um Grande Mestre, né? Eu lembro também que quase joguei a minha 1ª norma fora, isso chega a ser engraçado porque como eu não fazia as contas pra saber o que precisava pra que ela viesse, então eu também não tinha nem como me estressar [risos]. Imagina se eu achasse que eu podia fazer uma norma, ia começar a fazer as contas e me estressar por nada com isso. Eu realmente não tava nem aí, mas em determinado torneio eu não sabia que tinha condições tão boas na 8ª rodada quando enfrentaria de pretas um cara de 2500 de *rating* chamado Starostits. E pô, isso parece piada, mas nesse momento eu tava separado da minha ex-mulher por uma crise que tivemos e eu havia conhecido uma menina na Colômbia que agora estava ali em Madrid. A menina falava “não, porque eu tô em Madrid, vem me ver!”, e aí eu precisava escolher se ia lá jogar com o Starostits ou ia lá ver a menina em Madrid, né? E a menina era bem bonita, então valia a pena, entendeu? Eu tava em Parla e aí fui lá pra Madrid passar o dia com ela, fomos no teleférico e passamos um dia até romântico, fofinho e tal [risos]. E aí a mulher em algum momento falou “você não tem que ir lá jogar?” e eu pensando “que raiva, eu tenho que ir lá jogar essa partida!”. Meu, eu cheguei pra essa partida quase levando *w.o.* mesmo, cheguei atrasado e ainda tava nervoso porque a menina tava lá em Madrid e depois eu não vi mais ela, eu ficava pensando se eu deveria ter levado *w.o.* e ter continuado com a menina lá. Independente disso eu fui pra partida e aí entra um pouco também de destino, sorte, intuição, Deus, *karma*, *dharma*, qualquer coisa [risos]. Eu joguei a partida e o cara jogou super bem, eu defendi a posição muito bem também – é aquela coisa que eu falava de ser imortal na época, então tava dando tudo certo pra mim também – mas aquela ali eu merecia perder porque o cara jogou super bem e de repente fez um lance ali que seguia a partida e eu tava ganho! Eu só pensava “tô ganho, tô ganho, tô ganho” e ganhei! Tinha ficado até de bom humor, mas foi tão nada a ver que eu ganhei desse cara e já enfrentava o GM 2 na última rodada na mesa 1 eu acho, se eu ganhasse do GM 2 eu ainda ganharia o torneio. Eu tinha brancas jogando contra o GM 2 que na época não era Grande Mestre e, pensando bem hoje em dia, talvez eu tenha desperdiçado a chance de ganhar outro torneio na Europa, né? Mas no caso o que aconteceu foi o seguinte, como o GM 2 é meu amigo e tem muita boa vontade ele já veio me falando “cara, tô fazendo as contas aqui e se você empatar na última rodada jogando com um cara que tenha bandeira diferente dos caras que você já jogou então

“você faz a norma!” e aí eu falei “o quê?”. Eu nem fiz as contas e muito menos imaginava a possibilidade de fazer uma norma de Grande Mestre ali, então já abri aquele sorrisão e falei “caramba, será que vai sair?”. Saiu o emparceiramento, eu jogava com o GM 2 e pensei “ah, não deu porque ele é brasileiro”, mas aí ele falou “não cabeça, você jogou só contra gringos aqui e o fato de eu ser brasileiro já é uma bandeira diferente, se você empatar você faz a norma!”. Nisso eu lembro que eu falei “nossa, eu tenho que empatar amanhã então!” e aí ele disse “não, parabéns pela sua norma!” [risos], então a gente empatou sem jogar e essa foi a minha 1ª norma. Essa realmente caiu do céu porque foi algo que eu não sofri e não precisei fazer contas, eu só ganhei aquela partida e de repente ouvi um “parabéns, você fez uma norma!”. O engraçado é que imagina se eu tivesse feito as contas quando a menina tinha me chamado pra sair? Provavelmente teria pensado “eu preciso ganhar essa partida” e aí não teria saído com ela e talvez nem tivesse ganhado a partida porque estaria nervoso e teria jogado diferente. Então as coisas não se explicam, né? Mas foi interessante essa minha 1ª norma. E aí 2008 continuou um ano muito louco porque depois de 7 torneios na Europa houve a coincidência dos Jogos Abertos no Brasil com as Olimpíadas, então me chamaram pra jogar e quando eu vi já tava indo pras Olimpíadas. Pros meus padrões eu não fui muito bem por lá e, embora tenha ganhado de um Grande Mestre, nem lembro se ganhei ou perdi *rating*. Pros meus padrões eu já tava querendo mais, então eu acho que não brilhei muito, né? Parte disso também se deve ao nascimento do meu filho que se deu em algum momento lá em Dresden. Quando a foto dele chegou pra mim eu me lembro que via aquilo e já não dormia mais de noite olhando a foto! Então, nossa! E aí aquela piadinha, a primeira foto que eu vi dele eu falei “nossa, como ele é feio!” e aí eu tive a certeza de que é meu mesmo [risos]. Eu não acredito no destino, mas esse ano é fora da curva porque na volta das Olimpíadas eu não tinha jogado a Semifinal do Brasileiro daquele ano, né? Eu não sei exatamente o porquê, mas pra Final do Brasileiro eles deram preferência por convidar o GM 1 e acho que o Cícero. Depois que esses caras recusaram sobrou 1 vaga e aí me convidaram pra jogar a Final do Campeonato Brasileiro de 2008. Então é aquela velha história, pro Lenderman ter sido Campeão Mundial ele teve que ganhar um final de mim que ele nunca mais vai ganhar na vida dele, pra eu ter ganhado a Final do Brasileiro eu precisava primeiro chegar em um torneio que eu nem classifiquei e que metade da lista desistisse. Eu acho que o GM 1 fazia Engenharia Eletrônica na época e vai ver, graças a Deus, a vida dele tava complicada e ele não conseguiu ir, né? [risos]. O destino fez com que eu fosse pra Final

do Brasileiro em 2008 – e foi como eu te disse, eu já te contei ontem mas vou ter que contar de novo porque faz parte do nosso trabalho aqui – e eu lembro que quando eu cheguei de Dresden eu fui visitar o meu filho aqui no Brasil. Fui muito prático, lembro que cheguei no Brasil e peguei o primeiro ônibus até ele ao invés de procurar um avião, né? É aquele tipo de coisa que não é nem por nada, mas eu precisava daquelas 15 horas de ônibus até pra refletir na vida, porque imagina que eu ia lá conhecer o meu filho e ver a minha ex-mulher depois que a gente havia se separado por uma crise. Quando eu vi o meu filho lá, meu Deus! Foi a coisa mais linda que eu vi na vida, é algo que você pensa “meu Deus, é meu!”. E aí eu lembro que fiquei 1 dia lá e fui embora porque eu já tinha que jogar a Final do Brasileiro, né? Já no torneio eu comecei de pretas ganhando do GM 8, mas tive que jogar muita bola, né? Depois eu fui ganhando, lembro que a única partida que eu perdi foi pro GM 2 e mesmo assim foram 180 lances e 7 horas de partida, tava todo mundo xingando porque a gente ia sair pra comer junto depois e os dois trouxas tavam lá jogando [risos]. Isso foi uma coisa que o GM 2 e eu conversamos esses dias porque ele tava olhando lá as estatísticas dele – porque ele é cheio das estatísticas, né? – e ele falou que a gente tá com um *score* de 3 a 3 nas nossas partidas. Mas eu considero que eu tô muito na frente porque eu tenho muitos anos a menos do que ele, mas aí ele vem e conta as partidas que me ganhou porque eu era mais novo? Então eu tô na frente! [risos]. E isso da mesma maneira que eu tenho um *score* de 6 a 6 com o GM 8 só que também sou mais novo do que ele, então me desculpem mas eu uso isso ao meu favor [risos]. O cara vai contar partida que ele ganhou quando eu tinha 8 anos e ele 10 anos, né? Depois que eu virei Grande Mestre é só olhar na base que eu ganhei de brancas, de pretas, de brancas, de pretas... Várias, né? Mas então, eu tenho 3 a 3 com o GM 2 e ele falou pra mim “cara, você é duro de ganhar porque eu tô olhando aqui as partidas e essa aqui eu ganhei porque entrou esse sacrifício de torre mas você segurou bem” ou “olha essa outra aqui em 180 lances, pra tirar o ponto você dá trabalho, hein?”. Na sequência dessa derrota de 180 lances pra ele eu acho que já ganhei do Diego di Berardino e, ao invés de cair, empatei com o Bittencourt e com o GM 10 no meio do caminho. Com o GM 10 não houve tanto esforço, foi uma partida meio rápida porque ele me respeitou, depois disso eu ganhei dos caras mais fracos que eram o Barreto, o Sílvio, o Gattass e toda uma galera que tinha uns 2300 pontos ali, eram todos Mestre FIDE com exceção do Sílvio que era Mestre Internacional, se eu não me engano. Mas aí o que aconteceu foi a mesma história, no final do torneio eu pegava o GM 11, o GM 3 e o GM 12 nas 3 últimas rodadas e eu fiz a minha norma empatando com o GM

11. Eu lembro que realmente eu nem olhei quem é que tava liderando o torneio, só sei que quando eu ganhei do GM 3 na penúltima partida alguém chegou pra mim – como na história da outra norma – e disse “cara, você tá liderando o torneio!” e eu não acreditava, pensava “mas como assim eu tô liderando o torneio?”. O único momento que eu percebi que poderia ser Campeão Brasileiro foi na última rodada, até porque mesmo que eu estivesse super bem no torneio eu ainda pegaria o GM 3 de pretas e pô, nunca é um bom dia ou coisa boa você jogar de pretas com o GM 3 [risos]. O GM 3 ganha muitas partidas e também não costuma acumular tantas derrotas de brancas, então eu simplesmente fui pro jogo e nem fiz as contas, joguei super bem e ganhei. A partida seguinte foi com o GM 12 e eu lembro que foi um bom jogo, fiquei por baixo em algum momento mas reverti e no final acabei ficando ganho, só cedi o empate quando ele me ofereceu porque com ele eu já era campeão. E assim foi, além do título essa foi a minha 2ª norma de Grande Mestre em um ano que comecei jogando mal pra caramba e perdendo 10 pontos de *rating* em um torneio de norma, a mulher engravidando e tendo filho, tudo desandando e comigo fazendo faculdade e aprendendo programação, né? Eu não consigo explicar mesmo como é que o ano se desenrolou daquela maneira, fiquei 3 meses jogando xadrez na Europa, joguei a Olimpíada... Todo mundo tem um ano diferenciado e acho que esse foi o meu, tive um ano de glória, né? Logo depois que eu virei Campeão Brasileiro eu foquei muito e já não viajava pra jogar torneio que não era importante, assim, por causa do meu filho. Depois que eu virei Grande Mestre eu tirei o pé e acho que desde lá eu tenho tirado, desde essa época já não tenho ido jogar alguns torneios. Eu sempre me preocupei mais em ter uma formação acadêmica e um trabalho fora do xadrez – ou mesmo relacionado a ele – mas que não fosse só jogar. Eu nunca quis ser profissional do xadrez, ser um jogador, eu sempre quis alguma coisa diferente disso pra mim. Talvez isso esteja relacionado ao fato de que eu não acredite que eu possa ser de fato um Campeão do Mundo, eu acredito que eu tenho potencial pra ser um jogador muito forte mas não o melhor, então eu tirei o pé e preferia ficar em casa com a minha família. Mesmo assim em 2009 eu joguei a “Macabíadas” em Israel, joguei o Continental e joguei a *Spice Cup* que era um torneio de Grande Mestre da Susan Polgár nos Estados Unidos, foi nessa ocasião que ela me convidou – ou praticamente me recrutou – pra jogar pelo time dela lá. Foi uma oportunidade de ouro que eu tive e logo me mudei pra lá pra jogar pelo time dela e estudar na universidade com a minha esposa e filho. O meu inglês era muito ruim – não que hoje ele seja muito bom também, é fluente porque eu me formei na língua – e isso foi um desafio pra mim, além do fato de

me mudar de país, de me casar e de ter o meu filho. É outra mentalidade, pra todo mundo que tá jogando aí e que tá subindo eu acho que é fácil fazer isso quando não se tem mulher e filho porque depois disso muda tudo, e de fato muda mesmo. Lá então eu já tinha outra mentalidade, não estudava mais tanto xadrez mas jogava todos os torneios pelo time da Susan. Objetivamente eu sempre joguei muito bem pelo time, ela falava que eu era o melhor jogador dela no time enquanto que, individualmente, ela dizia que eu jogava mal. Não necessariamente mal, mas que eu não tinha o mesmo rendimento que eu tinha pelo time, então é diferente. É algo que a gente não explica muito bem mas, sei lá, eu joguei alguns torneios lá que eu fui mal, mas toda vez que eu jogava o torneio por ela e pela equipe eu ia muito bem, tenho 3 plaquinhas de melhor tabuleiro. Estatisticamente falando e considerando todas as partidas que eu joguei pelo time dela eu tenho um *rating performance* positivo, por ela eu era muito acima do que eu jogava normalmente. Talvez uma das questões fosse o fato de que eu lidava muito bem com a pressão, de uma certa forma quando se joga por equipe você tem mais pressão e o pessoal tem muito medo de perder ou pipocar, esse é o tipo de coisa que estraga o time, então é uma outra logística. É óbvio que se tornava relativo comentar que eu era o melhor pra jogar no time quando a gente tinha o Wesley So na equipe, mas de uma certa forma ela achava que eu jogava muito bem e que meu rendimento era muito satisfatório quando eu jogava pela equipe. Em 2009 então eu ganhei a “Macabiadas” e em 2010 me mudei pra lá, mas antes disso o GM 2 inventou outra viagem pra Europa porque havia só 1 vaga aberta pra próxima Olimpíada e precisávamos fazer *rating*, então meio que disputaríamos nessa viagem quem iria pontuar mais e ficar com ela. É engraçado porque ele podia ter ido sozinho e tal, mas isso é aquilo da parceria, né? Eu acho também que talvez ele não tenha acreditado que eu fosse fazer mais *rating* do que ele, não sei qual foi a matemática mas a gente foi junto, fomos o Cavú, ele e eu. Quando fomos ele tinha um pouquinho mais de *rating* do que eu que tinha 2484 pontos, só que o primeiro torneio que a gente jogou em La Roda mudou tudo, lá jogavam Bruzón, Granda, Burmakin e outros caras de 2600 pontos, tinha vários outros Grandes Mestres além, claro, do GM 2. Era uma galera forte e bem decente jogando, esse era um torneio muito forte e o que ocorria era que o GM 2 tava lá jogando o torneio dele e eu o meu, embora eu não estivesse torcendo contra ele e nem ele contra mim. A realidade era que seria ele que iria pra Olimpíada se terminasse a viagem com mais *rating* do que eu. É algo difícil de falar porque eu não queria o pior pra ele, eu queria fazer o meu e também só queria o melhor pra mim. Eu lembro que foi mais ou menos assim: quando começou o primeiro



torneio em La Roda eu já ganhei 34 pontos de *rating* e isso no “ $k = 10$ ”, né? Eu não sei se você manja um pouco de *rating*, mas quando você tem mais de 2400 pontos ou é Grande Mestre você tem “ $k = 10$ ”, isso significa que matematicamente falando eu joguei 10 pontos acima do *rating* que eu tinha em cada um desses 34 pontos de *rating* que eu ganhei. Como eu tinha 2484 de *rating* e ganhei 34 pontos, isso significa que eu joguei muito acima, né? Eu lembro que eu fui ganhando, ganhando e em algum momento eu jogava contra o Granda que é o Granda, né? Naquela época ele já tinha lá seus 2660 pontos – esses dias aí eu fui olhar e ele tava com 2700 de *rating* – e o GM 2 tava lá sofrendo no torneio dele, não estava em um torneio brilhante. Eu lembro que ele já tinha acabado a sua partida, voltou pro quarto e nesse meio tempo eu fui lá e ganhei do Granda. Quando eu voltei pro quarto ele perguntou “e aí, como é que foi?”, eu só respondi “ganhei!” e ele “nossa, não acredito, jura por Deus?” [risos]. Nesse primeiro torneio eu ganhei 34 pontos de *rating* e a gente contava partida por partida como é que tava a nossa disputa, mas nessa hora deu uma desanimada e ele parou de contar [risos]. No segundo torneio eu lembro que também ganhei uns 10 pontos, em linhas gerais eu ganhei *rating* em todos os torneios por lá e no último deles eu era até campeão se eu ganhasse a última partida. Mas eu lembro que nesse último o GM 2 começou perdendo a primeira partida e eu quase chorei com ele – não que realmente ele tenha chorado, ele só ficou muito triste – porque como eu já tinha feito tanto ponto eu sabia que não dava mais pra ele buscar essa diferença, mas quem sabe se ele ganhasse o torneio com 9 pontos em 9 rodadas e eu ainda perdesse uns pontinhos ele ainda me passava, né? Mas ver ele começando o torneio e perdendo a primeira foi algo que deu aquele aperto no coração, foi um sofrimento pra ele e, nossa, que glória foi pra mim, né? Eu acho que esse torneio de La Roda foi o melhor torneio que eu já ganhei na vida – além daquela Final do Brasileiro que foi a mais forte da história – porque era um torneio Aberto fortíssimo na Europa. Fora aquela história que eu te falei, a viagem custa dinheiro e nesse caso eu já comecei ganhando € 2 mil euros, fiquei felizão e já paguei várias contas ali. Depois disso eu fui pros Estados Unidos e de lá pra Olimpíada, lembro que nessa eu fui muito bem fazendo algo como 6,5 pontos em 8 rodadas, por time eu jogava bem. Palavras do GM 3 mas, segundo ele, aquela Olimpíada foi eu e mais 3, né? [risos].

[Interrupção].

GM 9: No final a gente ganhou o último *match* e conquistamos a melhor qualificação da história do Brasil nas Olimpíadas de Xadrez que foi a 17ª colocação. E foi super legal

porque a gente ficou muito feliz, comemoramos muito porque foi o nosso torneio. E aí depois disso eu voltei pros Estados Unidos e... Essa é uma boa pergunta, né? A gente falava da trajetória até eu virar Grande Mestre, né? Agora eu já sou um deles [risos]. Nos Estados Unidos eu já jogava uns torneios por equipe pro meu crescimento enxadrístico, na verdade eu acho que se hoje eu retomasse o xadrez – apesar de eu já ter sido Campeão Brasileiro – eu voltaria muito mais forte porque lá eu realmente aprendi a estudar xadrez com a Susan e com os outros Grandes Mestres. Além disso eu tive muito contato com jogadores mais novos que vinham estudar em casa e jogavam com a gente ou que frequentavam os nossos treinos, então isso mudou um pouco o jeito que hoje eu olho pro jogo, incluindo até alguns aspectos filosóficos do xadrez que eu aprendi por lá.

J: Imaginando uma linha do tempo, quem é que primeiro teria te apresentado o xadrez?

GM 9: Foi mesmo a minha irmã, ela aprendeu com o meu pai e a gente jogava xadrez brincando ali, só mais pra frente eu comecei a aprender um pouco com o meu pai vendo ele jogar *online*. Eu lembro que eu jogava e gostava de jogar, aí com 7 anos veio aquele meu primeiro professor. O meu pai também gostava e provavelmente alguém na *internet* o aconselhou dizendo algo do gênero “por que é que você não pega um professor pra ele, por que é que você não incentiva, por que é que não tenta?”. E o que na verdade acho que foi determinante pra mim de fato foi o sucesso que eu atingi muito rápido – ainda mais tendo um pai que me cobrava bastante – porque se eu não fosse Campeão Paulista no meu primeiro ano ou se não fosse realmente expressivo jogando eu acho que ele não ia pagar ninguém pra me dar aula, entendeu? Então eu realmente acho que os resultados precoces também ajudaram na minha trajetória, tanto é que muita criança que inicia jogando às vezes tem muito potencial mas não se dá bem no começo e, talvez por essa razão, acaba nem continuando, né?

J: Como era essa relação do seu pai com o xadrez?

GM 9: A minha vó conta que foi ela que o ensinou, mas não tenho certeza. Aparentemente ela não sabe jogar muito bem, então essa história tá mal contada [risos]. Mas ele quase que não tinha relação nenhuma com o xadrez, assim. Ele só jogava *online*, mas de alguma maneira jogava direitinho. Agora ela tá aqui, vamos perguntar? Vó, foi você que ensinou pro meu pai?

Avó: O que foi meu amor?

GM 9: Foi você que ensinou xadrez pro meu pai?

Avó: Eu aprendi a jogar com o meu pai e ensinei o seu pai, mas ensinei daquela forma, né? Eu sabia só jogar alguma coisa, então eu ensinei o teu pai a mexer nas peças e depois foi o teu pai que te ensinou.

GM 9: Antes foi a minha irmã, obrigado vó!

J: Obrigada! E com a sua avó, você praticava também?

GM 9: Não, mas eu lembro de jogar com o meu pai várias vezes, assim. Na família eu lembro que éramos mais eu e o meu pai que jogávamos bastante. Lembro que com 8 anos eu comecei a ganhar dele, e pra criança é um grande avanço quando você começa a ganhar do seu pai, né? Então com uns 7, 8 anos eu já ganhava dele e acho que ele ficou feliz da vida, né? Não feliz da vida, mas que pensou “o meu dinheiro tá bem gasto, tô pagando pra ele ter aulas e agora ele já tá me ganhando”. E olha que é um marco você superar o pai, o GM 3 me dizia que às vezes ver o filho dele jogar era difícil pra ele porque ele não conseguia ganhar dele, então como o filho dele não conseguia ganhar do pai ele também não conseguia se interessar muito pelo jogo. Eu tô tentando fazer com que isso não seja um empecilho, mas pelo visto tá difícil. Ontem, por exemplo, o meu filho se incomodou jogando com você também, ele já começou a ficar nervoso [risos]. O problema é que ele não vai ganhar muitas partidas agora ainda, então ele precisa entender.

J: E com o seu pai, como eram as práticas relacionadas ao xadrez?

GM 9: O meu pai e eu jogávamos na *internet*, então a gente ficava lá se ajudando e jogando junto, na verdade era mais um atrapalhando o outro [risos]. Às vezes ele me obrigava a jogar um pouco pra que eu praticasse, mas ele não tinha como me passar conhecimento porque ele não tinha esse conhecimento pra passar, então pra nós jogar *online* era mais um lazer. Naquela época a televisão que a gente tinha em casa era uma pequena de 14 polegadas, então eu gostava de jogar xadrez mais como uma opção pra me divertir mesmo. A gente também tinha um computador lá mas que não rodava o *Minecraft* que hoje o meu filho joga no *iPad*, entendeu? Não tinha um *videogame*, entendeu? Então na verdade eu tinha uma realidade que era muito mais da época e que eu não acho que era ruim ou boa, eu só tava em um apartamento em São Paulo que não tinha nada pra fazer além do computador que dava pra eu jogar xadrez na *internet*. Eu

não tinha uma placa de vídeo pra rodar um jogo como o *Battlefield*, entendeu? Mas hoje eu vejo que jogar xadrez é um desafio maior pras novas gerações porque quando eu falo “pô meu filho, vem cá jogar xadrez” ele responde “não, mas tem esses episódios novos dessa série que eu assisto aqui na *Netflix*” ou tem isso e aquilo. Acabei de entrar lá no quarto e ele “ah, acabei de achar esse jogo do *Yu-Gi-Oh!* e tô jogando essas cartas aqui, tô tentando ganhar” e aí é muito mais difícil, se não existisse tudo isso ele ia querer jogar mais xadrez, né? Só que eu não sou... Como é que fala? Não tô achando a palavra, mas eu não sou uma pessoa que vai privar meu filho da tecnologia, não vou ser uma pessoa retrógrada que vai cortar o *tablet* dele, já li notícias que falam que quando a criança joga *videogame* ela faz mais amigos porque elas têm coisas em comum das quais elas falam. Por exemplo, *Minecraft* hoje é um jogo que todas as crianças jogam, então eu vou privar o meu filho por quê? Eu não vejo isso como opção, eu quero que ele chegue na escola falando do jogo do *Yu-Gi-Oh!* e que o outro amigo se interesse por isso e eles tenham do que falar. Não adianta o meu filho chegar lá na escola falando “nossa, que partida aquela do Carlsen, o cara sacrificou ali!” e a outra criança não fazer a mínima ideia do que ele tá falando, né?

J: Como é que você reagia a essas cobranças por parte do seu pai em relação ao xadrez?

GM 9: Então, é meio difícil pra mim falar sobre isso, mas meu pai não era um cara legal. Aí eu já não sei o que é que eu quero que fale ou não fale, mas ele já me agrediu por causa de resultado de xadrez e meu Deus, isso é completamente louco, né? Por isso que hoje eu sou *light* com o meu filho. Meu Deus, né? Mas eu digo que a cobrança era grande mesmo, mas aí você usa as suas palavras pra reescrever isso e tá tudo certo. Já a minha mãe nunca se estressou com isso. Meu pai também era orgulhoso, entendeu? Uma vez o meu filho foi 2º colocado no torneio de xadrez da escola e o meu pai veio me encher o saco falando assim “não, porque o meu filho era campeão, que porcaria é essa de 2º lugar?” e aí eu já pensei “pô, ele é seu neto, seu filho sou eu e eu não tô nem entendendo esse raciocínio, não quero nem entender esse raciocínio!”. Só pelo fato dele ter sido 2º colocado isso realmente já me deixa orgulhoso, entendeu? Mas assim, é algo que eu não... Sei lá, é complicado, né?

J: E a relação com o xadrez entre as suas irmãs, como era?

GM 9: Nós quase nunca praticávamos mas elas jogam, elas não... Uma vez a minha irmã mais velha que foi quem me ensinou jogou um torneio por equipes com a gente lá

na Hebraica, eu lembro que havia ensinado ela a jogar 10 lances e oferecer empate [risos]. Como na época ela era irmã de um Mestre FIDE o pessoal tava aceitando até o empate e ela tava fazendo uns pontos pra completar a nossa equipe, foi engraçado! Talvez se seguisse jogando ganhava, né? Mas ela não era profissional, além dela eu tenho uma irmã mais nova – aquela que ontem eu te falei que acha que é a menina mais linda do mundo – e me chamou muito a atenção ver ela jogando com o meu filho. Aparentemente ela não sabia as regras do jogo, mesmo sendo minha irmã ela tava comendo o rei dizendo “não, eu comi o seu rei, ganhei a partida!” ou “é aqui mesmo que faz o roque?” e tal, então ela aparentemente não sabia as regras direito. Mas me impressionou de uma maneira porque mesmo sem saber as regras ela tinha uma visão do tabuleiro que era uma coisa... O meu filho jogou o cavalo pra “h5” e ela dama por “h5” comendo aquele cavalo! Pô, a menina não sabe nem as regras, não joga e tava comendo aquele cavalo? Ela batia o olho e comia o cavalo! Além disso ela jogava uns lances melhorando as peças também, então eu fiquei um pouco impressionado porque talvez a minha irmã tivesse um talento enorme e eu não desenvolvi nada disso nela. Assim, quando pequeno eu também viajei muito, morei longe e ela também era muito nova, então não tivemos tantas oportunidades assim de conviver muito também. Mas eu fiquei impressionado porque eu já vi muita gente jogando e por acaso me surpreendeu o fato de que a minha irmã mais nova apresentava essa visão de tabuleiro sem nem saber as regras. Mesmo o meu filho hoje não vê muita coisa, ele tira as peças direitinho se você jogar uma partida com ele, mas também não é grande coisa. Mas às vezes ele tá lá “fianquetado” e eu vou lá e jogo aquele “b6” que abre a diagonal pra ele comer a minha torre de “a8”, sabe? Aí ele vai lá e faz um lance que não come a minha torre e eu falo “pô meu filho, de novo você não comeu a minha torre?”, nessa eu já vou começando a ficar bravo [risos]. Mas a minha irmã foi lá e comeu aquele cavalo, entendeu? Me impressionou que alguém que não joga e que não sabe as regras pudesse ter a lógica e a visão do tabuleiro que ela teve daquela maneira. Realmente eu podia ensinar pra ela, o problema é que agora ela já tem 17 anos e tá um pouco velha pra xadrez, nunca vai querer aprender porque tá mais preocupada com as fotos dela do *Instagram* [risos].

[Interrupção].

J: Como era a sua frequência ao clube de xadrez São Paulo?

GM 9: Foi o meu pai que me levou pra lá pra achar um professor pra mim, pra que eu tivesse algum recurso. Ele deve ter pesquisado ou alguém *online* indicado pra que ele fosse lá, mas ele mesmo não praticava por lá e nem se interessava por isso. Depois que eu comecei a ter aulas só ia no clube de xadrez São Paulo pra jogar os torneios, eram aqueles *blitz*, mini-open, torneios rápidos nas sextas e *blitz* no sábado. Tinha torneios que eram da minha faixa etária e outros não, tinha de tudo no clube de xadrez São Paulo. Eu quando criança joguei com o Cajal, com o Segal e por aí vai, foi um martírio jogar com esses famosos todos [risos]. Às vezes quando tinha um torneio maior eu também ia jogar, o Sidney me levava. Então eu tinha um tutor, um professor que me levava nos torneios, o que era muito legal porque ele se dedicou bastante pra mim, íamos em quase todos os torneios juntos. Eu lembro que eu jogava os torneios no clube de xadrez São Paulo e isso era muito bom pra mim porque na minha idade eu não me incomodava se eu perdia pra gente mais velha, só pra crianças. E como eu era muito bom quando eu era criança os torneios que eu jogava entre elas eram fáceis, mas quando eu jogava com os adultos eu também não me importava de perder. O meu filho, por exemplo, se incomoda quando perde pra mim quando não deveria, se ele conseguisse ficar jogando *blitz* comigo sem se incomodar ele ia melhorar muito, mas aí ele perde aquele *blitz* e começa a ficar nervoso falando que quer fazer outra coisa. E eu não sei o que fazer, né? Ele tem que entender que o lance é perder e seguir jogando, isso é algo que eu queria criar nele porque eu acho que eu tinha quando era criança, quando jogava lá no clube de xadrez São Paulo. Tem gente que prefere jogar os torneios com os adultos e isso até hoje, tem meninas que gostam de jogar no Absoluto pra não ter que enfrentar as outras meninas.

J: Houve algum contato com o xadrez nos colégios pelos quais você passou?

GM 9: Eu estudei no Bialik que era um colégio judaico e lá eu já tinha aulas na grade curricular – acho que eram do 1º ao 5º ano, mas não tenho certeza – com o Davy, né? Acho que eu devia incomodar porque ele tava ali dando aula e talvez achasse que eu tava ali pra encher o saco, pra monitorar a aula dele. Mas não era isso, sempre fui de boa e fazia as mesmas atividades que os meus colegas faziam, então nunca fui problema, né? Como eu já era Campeão Brasileiro quando estudava lá era legal porque quando tinha aula de xadrez todo mundo falava “olha o cara aqui, responde aí professor!” [risos]. Eu lembro até que em uma das provas escritas de xadrez da escola tinha uma posição lá que era um problema de afogar o rei, sei lá. Lembro que eu errei

porque joguei o lance errado lá e tirei 9,0 nessa prova, e aí quem tirou 10,0 – porque tinha uma galerinha lá que jogava um pouquinho, né? – me zoou pro resto da vida dizendo “ah, você não manja mais nada aqui não, agora somos nós que tiramos 10,0!” [risos]. Bom, eu acho que o xadrez na escola serve pra te apresentar o xadrez, não serve pra fazer de você um campeão. Ele serve de iniciação, depois disso você tem que ir atrás e buscar um professor ou fazer aulas particulares com o seu professor da escola.

J: Contava com alguma bolsa de estudos no colégio pelo seu desempenho no xadrez?

GM 9: O xadrez realmente me ajudou em tudo e me graduou até o Ensino Superior, né? Como no início eu já conquistava os resultados todos a verdade é que ninguém nunca tinha nada pra me falar, nunca me falaram nada. Como eu já tinha contato com a Susan quando já era Grande Mestre eu tive uma bolsa depois também na universidade. Foi muito bom ter contato com ela, né? Foi alguém que treinou com o Bobby Fischer, que treinou com o Anand, que teve contato com o Kasparov. Ela tinha muita informação, eu extraí dela muitas dicas e muitas outras coisas que eu acho que foram muito importantes, esse período foi muito bom pra mim. Na universidade a cobrança já era muito grande porque a gente custava muito caro, né? Pra gente estar lá estudando era muito caro pra Susan e mesmo pra universidade, então eles cobravam da gente resultado, ali era outra história. E isso é fato não só por experiência própria, eu tenho um amigo aqui em Goiânia que foi Campeão Goiano da idade dele e que também nem joga mais hoje, mas ele também estudou de graça por ser Campeão Goiano. Ele chegou na escola, falou que era Campeão Goiano de xadrez e aí cai nisso de às vezes a escola gostar e dar uma bolsa, é legal principalmente pra uma escola que já tenha xadrez. Eu contei com uma pelo fato de ser judeu também, eu estudava em colégio judaico... Então foi um pouco de cada, né? Mas aí eu jogava torneios escolares pelo colégio pra justificar isso, assim como eu jogava os torneios universitários pela Susan. Mas tem isso e é até uma ideia minha porque eu pago a mensalidade do colégio do meu filho que é carinha, né? Então eu realmente não cobro dele, é algo que se acontecesse seria ótimo. Eu não obrigo ele a jogar, mas se ele ganhasse esse Campeonato Goiano... Ainda assim eu sei que vai ser difícil porque ele vai jogar o Sub-10 e acabou de fazer 8 anos, o duro é que assim que ele fez aniversário o ano já virou porque ele é de novembro, o pessoal que nasce em novembro não se dá bem, né? Se você nasce em novembro e alguém nasce em janeiro existe quase 1 ano de vantagem pra cima de você em relação a quando você nasce. Quando você é muito novo esse ano vale muito porque é 1 ano inteiro de cérebro

se desenvolvendo, é 1 ano inteiro a mais de treinos... É por isso que você tem o ano bom e o ano ruim quando você joga, né? Por exemplo, você pode jogar o Sub-10 com 10 ou 9 anos, o Sub-12 com 12 ou 11 anos, nesse último caso quando você disputá-lo com 12 anos será o seu ano bom. Na teoria você sempre ganha no seu ano bom, no meu caso eu ganhava nos dois anos [risos]. O meu filho vai começar já no ano ruim dele, o duro é que pro pessoal de novembro o ano bom é quase que o ano ruim também, esse que é o negócio. E o ano ruim é ruim mesmo, então o pessoal que nasce em novembro tem uma certa dificuldade em torneios de categorias, pra eles a regra é ruim.

J: Em alguma medida você acredita que haja alguma relação entre a vivência que você teve nesses vários ambientes com o xadrez e a futura obtenção do título de Grande Mestre?

GM 9: Sim, eu acho que tudo hoje em dia na minha vida tem relação com o título que eu tenho de Grande Mestre. Tudo! Os meus amigos, o que eu faço hoje... Por exemplo, eu tenho amigos aqui em Goiânia e o jeito que eu me aproximei deles foi indo em um torneio onde todo mundo me dizia “muito prazer!” ou “que prazer ter um Grande Mestre, vamos sair pra tomar uma cerveja?”. Então é algo que realmente... Entendeu? Se realmente eu não tivesse o título de Grande Mestre como é que eu ia fazer amigos? Boa pergunta, né? Então eu digo que é algo que faz muita diferença, as pessoas gostam de você, entendeu? E meu, se você é enxadrista e gosta do xadrez, então você me ama. De fato é esse o jeito que eu vejo, entendeu? É o cara que joga bem, é o cara que tem as respostas. Eu tenho amigos que jogam melhor do que eu e que estudam muito, então de uma certa maneira eu amo esses caras porque eles têm as respostas das minhas perguntas! Às vezes você vê esses caras até como ícones ou ídolos e tal, assim como o GM 2 e o GM 8 foram muito importantes pra mim. Eles eram mais velhos e eram meus amigos porque no caso eu jogava bem também, então era muito legal pra mim ser amigo dos caras que eram Grandes Mestres, sabe? Nos torneios os caras são populares, todo mundo quer estar em volta deles porque esse é o mundo do xadrez e nele o fato de você ser Grande Mestre significa alguma coisa. Falando nisso até, assim como existe “Maria chuteira” tem “Maria tabuleiro” também, né? É aquela velha história, tem menina que fica com o cara só porque ele tem *rating* e eu não tô mentindo, talvez você até deva conhecer algumas histórias e saiba quem são elas, isso é verdade e você sabe que é [risos]. E depois tem o fato de eu ter crescido no xadrez também, né? Assim, hoje em dia eu nem atiro mais porque eu tenho contato zero com as meninas do xadrez



[risos], mas quando eu era mais novo eu ia nos torneios e elas me adicionavam, tiravam foto comigo e já começavam a trocar ideia, entendeu? Realmente muda tudo o fato de você ser alguém no xadrez, seja sendo um Grande Mestre ou mesmo um Mestre.

J: Desde muito cedo você esteve em contato com vários Grandes Mestres, sendo eles seus ídolos, treinadores ou até mesmo amigos. De algum modo isso teve relação com a possibilidade de você ser um deles também algum dia?

GM 9: É por isso que eu falo, eu nunca me estressei muito porque me tornar Grande Mestre acabou sendo uma consequência, as pessoas acreditavam em mim e então eu também começava a acreditar. Eu fazia os pontos mas isso porque eu também tive acesso à informação, né? Você que tá fazendo pesquisa e tá nessa aí, eu fico pensando que seja igual antigamente quando o pessoal fazia aquelas pesquisas, publicava livros... Meu, nos Estados Unidos quando eu tava fazendo pesquisa eu acessava a biblioteca *online* da minha universidade e não precisava nem ir até lá, eu podia acessá-la *online* mesmo e encontrava os livros em *PDF*. Ter acesso ao Grande Mestre desde cedo é exatamente isso, é a mesma coisa: você tem a ferramenta, você tem um computador de vários processadores pra rodar os algoritmos, você tem a resposta ali na hora, isso é o acesso à informação. O xadrez é um jogo mais difícil hoje do que antigamente porque agora você tem acesso à informação, então isso mudou. Mesmo se hoje você não treinar com um Grande Mestre tem tantos vídeos *online* deles, tem tantos livros. Eu não tenho os livros do Seirawan – porque eu sei que você é fã do Seirawan [risos] – mas pô, eu consigo todos eles *online* em 1 segundo e ainda consigo eles piratas no formato *PDF*, então você entendeu o que eu tô falando? Hoje todo mundo tem acesso à informação mas todo mundo tem esse acesso de outra maneira, hoje você simplesmente pode mandar uma mensagem de *Whatsapp* pra mim e antigamente não podia porque simplesmente o *Whatsapp* não existia. E aí é isso, né? É que nem um dia desses que eu pedi pra Susan me mandar uma base que eu não tinha – essas bases que eu te falei que perdi – e como ela é muito estudiosa ela ainda tinha com ela, acho que era uma linha da “índia do rei” que eu ia preparar. Imagina que na época que eu tinha as aulas com o GM 3 eu lembro que achava impressionante estar com ele, eu dizia “pô, mas o que é que eu jogo nessa posição contra essa ‘alopin’?” e ficava impressionado em como ele sempre sabia a resposta. É claro que hoje em dia toda vez que qualquer aluno me pergunta “o que é que eu jogo aqui?” eu também sei a resposta, mas pra isso tive que chegar até lá. É diferente você treinar com um cara que... Eu sei que diz a lenda que não tem que ser

Grande Mestre pra ser um ótimo treinador e é verdade, mas com certeza eu acredito que o melhor treinador vai ser um Grande Mestre. Não tem como, o cara é que sabe, o cara é que faz o ponto, entendeu? Você não precisa de um Grande Mestre pra alfabetizar uma criança no xadrez, mas se você quer ser de fato o melhor aí eu acredito que é outra coisa, então depende do nível. Muitas vezes você tem que avaliar posições que você não sabe quem tá melhor ou pior, nesse sentido ter a avaliação de qualquer pessoa ou de um Grande Mestre na posição faz toda a diferença. Às vezes o que um professor ou alguém de 2000 de *rating* acha de uma posição é irrelevante mesmo, entendeu? Desculpa, mas é a verdade. Já o que o GM 3 acha daquela posição é relevante, é igual quando você tem que citar da onde você tira o que escreve quando faz um trabalho no mestrado ou escreve uma tese, isso é fato. Dependendo do grau de autoridade da pessoa que tá falando ela não precisa citar da onde ela fala, não é? No xadrez é a mesma coisa, isso é ser um Grande Mestre, é ser o cara que tem a verdade.

J: A confiança é um traço bem presente em seus discursos, como você a percebe em si?

GM 9: Eu acho que os resultados que conquistei me tornaram mais confiante ao longo dos anos, eu já escutei de grandes amigos ou pais desses amigos que quando eu era muito novo eu era muito arrogante também. Eu era muito bom e já sabia que ia ganhar os torneios, dizem que eu já falava que ia ganhar o torneio e no final, de fato, realmente ganhava. No começo eu já escutei que poderia ser Campeão do Mundo e coisas desse gênero, né? Mas não sei, às vezes elogios atrapalham e te deixam em um patamar que você acha que vai ganhar o torneio antes mesmo dele acontecer. Eu não sei, acho que o negócio é você, sei lá... Mas aí já é Psicologia pra crianças, né? Com o tempo eu fiquei menos arrogante e mais humilde, talvez porque eu me tornei mais gente boa e vi que não era elegante ser assim. Mas eu acho que a confiança vem com os resultados, senão você vai tirar ela da onde? É aquela velha história de 2006 quando ela veio depois que eu ganhei do GM 5, mas além disso eu acho que quando você perde a confiança isso cai pra você de uma maneira que te muda muito. Mesmo sendo Grande Mestre o seu jogo muda muito quando você perde, e isso pode acontecer a qualquer momento. Tem um cubano que tava no meu time lá nos Estados Unidos – e eu acho que ainda tá – chamado Fidel Conzález que a única explicação que eu tenho pra ele jogar tão bem quanto ele joga é porque ele realmente acha que é Deus, entendeu? Ele realmente acha que joga tudo isso mas ele não joga pra tanto, o fato dele achar que joga faz com que tudo o que ele faça no tabuleiro dê certo, ele tem uma confiança que é inexplicável. E essa

confiança faz com que ele jogue mais rápido pra pressionar o adversário, entendeu? Ele não precisa... Ele confia tanto na análise dele que não é “ah, será que é essa a peça que eu sacrifico aqui?”, ele pensa “vou jogar aqui e vai dar certo!”. Ele confia tanto – não só nele – que as coisas vão dar certo e eu acho isso impressionante nesse cara. Ele joga melhor do que eu mas de fato não faz nada melhor do que eu faço, não acho que ele calcule melhor do que eu e nem que ele saiba abertura melhor do que eu, a única explicação que eu encontro pra isso é que eu nunca conheci alguém tão confiante. As partidas dele mostram isso também, tem uma partida que ele ganhou de um amigo meu que é Grande Mestre que ele sacrifica a dama e fica com o rei, a torre e uns peões tentando a promoção de uma dama pra ganhar a partida. A única explicação pra ele fazer uma coisa dessas é aquilo que eu te falei sobre o cara achar que é Deus, ele acha que é um gênio e que pode sacrificar a dama porque as coisas vão dar certo, o duro é que de fato dão devido a esse excesso de confiança que é fantástico. Acho que a confiança em si mesmo é a principal habilidade dele porque é aquela coisa, ele chega em uma posição complicada que o cara tá ali se matando 40 minutos pra achar o melhor lance e daí ele bate o olho, confia na intuição, vai e manda o lance, entendeu? Aqueles 40 minutos que o cara gastou ele não gastou, entendeu? Ele ainda pressionou o cara no tempo pras coisas darem certo, então ele é um jogador, é um cara que sabe fazer ponto ali, que tem confiança. Agora eu não sei como é que ele tá, mas o GM 8 era muito confiante na minha época também, ele fazia as coisas darem certo, né? Depois de uma partida o prazer dele era falar “nossa, entrou nesse final de torre, cavalo e 3 peões contra torre, cavalo e 6 peões e eu ganhei esse final!”, entendeu? Eu também tenho muito disso e é o que eu te falei, quando eu perdi eu perdi em 180 lances, eu também enrolo pra caramba. No ano passado eu ganhei uma Semifinal do Brasileiro mas fiquei por baixo grande parte do tempo na partida contra o Carneiro, mesmo assim eu ainda continuei lutando, dando aquela vontade e confiando que as coisas tinham que dar certo até que deram. É sobre isso que eu falo quando digo que no xadrez a humildade não existe, como é que o cara realmente pode ser humilde quando se é bom? Se o cara é humilde então de uma certa forma ele tem que acreditar que tá no mesmo pedestal que o outro, mas então como é que ele vai sacrificar a dama, arriscar a ir lá subir o seu rei, tentar promover o peão... Não vai, né? Pra isso o cara realmente tem que acreditar que é melhor do que você e que as coisas vão dar certo pra ele porque ele é mais iluminado do que você, isso é realmente tudo no xadrez. Eu tenho o exemplo de um aluno aqui que até joga bem, mas quando eu falo “o que é que você acha dessa posição ou que lance

você faz aqui?” o cara não consegue nem sugerir uma jogada, eu não consigo entender! Ele não tem a confiança e isso eu já vi acontecer até comigo, por exemplo, mas às vezes é respeito mesmo. Uma vez eu tava com o Aronian – que já tinha seus 2800 de *rating*, né? – e ele veio trocar uma ideia comigo sobre uma posição que tava acontecendo ali na partida. Ele falou “o cara vai jogar cavalo pra ‘h4’ ali naquela posição!” e aí eu pensei “nossa, imagina se eu falo alguma coisa pra ele, imagina se eu abro a boca e fico ali discutindo com o Aronian o que é que aquele cara vai responder contra o cavalo pra ‘h4’?”. Ali eu já fiquei meio na dúvida se ficava calado ou se respondia, mas acho que era um pouco de respeito também porque eu não confiava que tava no mesmo nível dele pra discutir aquela posição. Nessa mesma ocasião o GM 12 chega e fala pra ele “ah, mas se cavalo pra ‘h4’ ele vai jogar ali um ‘b6’ com certeza”, então claramente ali ele tinha uma confiança maior do que eu e isso fez uma diferença.

J: Como foi ter tido contato com vários professores de xadrez ao longo deste percurso?

GM 9: Eu acho que cada um fez a sua parte em algum momento e nas suas limitações, né? Por exemplo, primeiro o Sidney me ensinou o básico do básico, depois o Davy me ensinou o básico sobre como ter uma abertura, matar os problemas e a como estudar um pouco e depois o GM 3 me ensinou a entender as posições. Eu acho que foi mais ou menos um processo de ir mudando de professor. O Kochyev me ensinou um repertório de aberturas que eu uso até hoje, o GM 3 me ensinou a entender as posições e a Susan – que seria a mais profissional de todos os treinadores que eu tive acesso – junto com os outros Grandes Mestres do time, me ensinaram a como estudar e me preparar hoje em dia, me ensinaram como é que se faz. Porque assim, eu sempre falo sobre modéstia mas eu acho que, de fato, pra xadrez eu jogo bem mesmo. Eu também sou assim porque eu acho que me preparo muito bem, eu não sou... O GM 8 e o GM 2 são jogadores que preparam muito, acertam preparações e ganham partidas nessas preparações, o que é meio nulo pra mim porque eu nunca ganho as minhas partidas nas preparações. Mas hoje em dia eu sempre me coloco em posições que eu sei jogar ou que eu tô confortável. Acho que às vezes meia hora que eu tô ali estudando xadrez vale por 3 horas dos outros caras porque eu sou bem objetivo, eu sei o que é que eu estou buscando. E assim, a cada partida que eles ganham usando toda essa preparação e sem fazer um lance da cabeça é preciso lembrar que eles gastaram tantas horas ali que eu não gastei, entendeu? O GM 3 tem outro patamar de ver o jogo, nas nossas aulas a gente sempre gostava de entender as posições e de não olhar o computador, a gente queria saber jogar o jogo.

J: Você gosta de xadrez?

GM 9: Eu gosto e odeio ao mesmo tempo, a minha relação com o xadrez é complicada. Às vezes eu acho que podia ter sido mais produtivo, às vezes acho que eu tinha que ter me dedicado mais, às vezes acho que me dediquei demais, às vezes eu acho que o retorno... O que mais me incomoda no xadrez é o fato de que se eu fosse tão bom em qualquer outra área como eu sou bom no xadrez eu estaria tão bem agora! Em qualquer outra área, escolhe a área! Mas que não seja bolinha de gude, né? Se eu fosse um Grande Mestre em qualquer outra área ou um Campeão Brasileiro em qualquer outra área eu estaria tão bem agora! A única coisa que me incomoda nisso tudo é que de certa forma eu realmente escolhi a área errada, atualmente a maioria dos Grandes Mestres vive dando aula quando a nossa qualidade no xadrez é algo que vai além da compreensão. Eu podia ter me graduado mais como um outro amigo que eu tenho lá que fez mestrado em Biologia e às vezes ganha até mais do que eu. Eu já comentei sobre ele, a gente tem um amigo que é o Bittencourt que passou em um concurso da OAB e que é outro que não tem humildade nenhuma, ele acha que é Deus também. De uma certa forma eu acho que esse cara é muito diferenciado também porque ele virou Mestre Internacional sem ter muito contato com todo mundo, então ele realmente era um cara diferenciado. Mas então, ele passou na OAB e disse que nunca conheceu nenhum outro advogado que passou na OAB com uma nota de 71,0 pontos como foi a que ele tirou. Parece que você precisa de 50,0 pontos e ele passou com 71,0 nessa prova e que todos os advogados que ele conversa nunca falaram que algum deles tirou 71,0 pontos ou mais nessa prova. Então ele acha que é Deus, né? E não só por isso, parece que ele passou em um concurso aí desses da Procuradoria pra ganhar R\$: 16 mil, aí hoje não joga mais xadrez, só uns Abertos aí. Faz um tempo que eu não falo com ele, mas antes quando a gente conversava bastante eu lembro que uma vez quando eu malhava eu falei “pô, hoje eu consegui colocar 15 quilos em cada lado!” e aí ele disse “cara, você foi Campeão Brasileiro de xadrez e você tá preocupado ou felizinho aí porque conseguiu levantar 15 quilos de cada lado?” [risos]. Ele dizia que a dificuldade de você se tornar um Campeão Brasileiro de xadrez ou se tornar um Grande Mestre não se compara a passar em qualquer concurso aí, então o que ele tava falando era sobre a dificuldade de você entender como é que se joga uma “*taimanov*” como eu jogo a “*taimanov*” ou como ele joga a “*najdorf*”. A dificuldade de se entender a diferença entre essas posições é algo que vai além de um concurso público e que compreende uma dificuldade que ele diz

que é o que se tem de mais difícil, e olha que ele é um cara que faz coisas difíceis. Às vezes eu acho que realmente tô desperdiçando o meu potencial em algo que envolve uma dificuldade tão grande como é jogar bem xadrez ao invés de, por exemplo, me preparar todo esse tempo pra passar em um bom concurso. Ao invés de passar em um bom concurso eu resolvi virar Grande Mestre de xadrez, né? Não tô criticando e nem dando uma desculpa, até porque eu ainda teria esse tempo pra passar em um bom concurso, né? Mas eu acho que a gente é muito pouco remunerado pelo fato de jogar bem xadrez. Eu sei que dizia a lenda que na Turquia se você virasse Grande Mestre antes dos 20 anos você ganhava € 80 mil euros. Eu virei ali com 18 pra 19 anos, mas cadê os meus € 80 mil euros? País errado! Lá na Itália eles também davam uma bolsa de uns € 5 mil euros pro cara jogar. E a gente, ganha o quê? Eu tenho até que pagar a taxa da CBX, esses dias aí fui me inscrever em um torneio e o cara falou “não, mas você não pagou a taxa da CBX!”, aí eu disse “cara, mas eu sou Grande Mestre, tenho que pagar a taxa da CBX?” e ele respondeu “claro, aqui todo mundo paga a taxa da CBX!”. Eu não entendo isso, por que é que eu tenho que pagar a taxa da CBX? Eu acho que eu tinha que ligar pra todo mundo, já aproveitar agora e falar “eu não vou pagar a taxa da CBX!”, aí ninguém vai pagar a taxa da CBX e já era [risos]. Não faz sentido que eu tenha que pagar a taxa da CBX, faz algum sentido? Não faz, né? O cara ser Grande Mestre... Qual a vantagem de ser Grande Mestre então? Qual é o incentivo que o cara tem pra jogar xadrez? Nenhum! E hoje em dia também tá acontecendo algo que eu acho que é muito legal por um lado mas muito ruim por outro que são esses torneios Sub-2200, Sub-2300, esses torneios amadores que inventaram, né? O problema desses torneios é que eu descobri que se você tem 1 hora e 30 segundos de acréscimo por lance pra cada jogador as partidas tendem a ser mais rápidas e, portanto, facilitam a organização do torneio e o fato dele valer *rating* FIDE. E aí o pessoal organiza mesmo, vai ter um Sub-2200 em Caldas Novas agora e outro do GM 2 – o próprio GM 2! – que tá organizando um torneio Sub-2300 lá dele. E aí eu te pergunto, eu virei Grande Mestre, conquistei 2500 pontos de *rating* FIDE e agora os caras começam a organizar torneios amadores pra eu não jogar? E olha que esse torneio é aqui em Caldas Novas, quem é que ia vir jogar um torneio em Caldas Novas? Eu acho até que ainda fui excluído do torneio porque os caras falaram “se ele for concorrer ele vai ganhar o torneio e ninguém vai querer ir lá jogar, então não bota ele não porque só tem ‘prego’ aqui mesmo e os ‘pregos’ não vão jogar se não tiver algo garantido pra eles!” [risos]. Então ainda tá rolando essa de Sub-2300! Não só essa, mas é por isso que eu falo que

esse esporte é muito ingrato, é isso o que eu acho e é por isso que eu odeio e amo xadrez ao mesmo tempo. Pra você ter uma ideia eu ganhei uma partida de um cara aqui de Goiânia que tinha uns 2200 de *rating* ou coisa assim, mas essa partida que eu ganhei dele realmente foi um das posições mais bonitas que eu já vi na vida. A partida é muito bonita, a posição! Todo mundo que tava lá assistindo devia estar pensando “meu Deus, o cara é gênio mesmo!”, até antes de você ir embora eu vou te mostrar a posição. Isso é algo que te dá muita satisfação, isso de saber que você é bom mesmo, que você é diferenciado, isso de você conseguir ver os lances e jogar aquilo, saber que vai gostar de ver aquilo depois de um tempo, ter o resultado, xadrez é gratificante! Mas também tem torneio que você estuda, prepara, chega lá, perde, se dá mal, entrega a torre em 1 lance e tem que aguentar toda a porrada, né? Tadinho do cara! Então na realidade o xadrez seria bom e ruim pra mim, o meu maior problema com ele é isso de você ser tão bom em algo que é tão difícil de fazer e não ganhar nada por isso, né? Não faz sentido, essa é a única revolta que eu tenho com o xadrez. De certa forma eu também sei que eu não sou o Neymar, né? Porque o Neymar pra mim é um gladiador, hoje eu acho que o *Camp Nou* que é o estádio do Barcelona é como se fosse o Coliseu lotado – já que hoje em dia a gente não se mata mais, se bem que tem os outros gladiadores do MMA também – e o Neymar é o nosso gladiador, ele tá lá representando o nosso país e representando Barcelona contra os gladiadores dos outros times. Todo mundo paga pra ver isso e não é a mesma coisa com o xadrez que não tem essa mesma popularidade, então esse dinheiro pra nós não vem. Na verdade esse dinheiro tinha que vir como vem em outros países porque o xadrez tem tantos benefícios que são bons pra Educação, né? No nosso país aparentemente ele não tem importância, mas também se pensarmos bem esse também é o país que a gente elege os corruptos e toda aquela velha história, é um país em crise. Pô, pegaram aquele cara que roubou não sei quantos bilhões, quantos bilhões foram? Acho que foi coisa de R\$: 400 bilhões, mas eu falei pra minha vó que era impossível que fosse tanto dinheiro, ninguém podia roubar R\$: 400 bilhões! R\$: 400 bilhões é um número muito alto, você não pode roubar R\$: 400 bilhões. Pra você roubar R\$: 400 bilhões você precisa roubar durante 10 anos... Sei lá, se o ano tivesse 400 dias você precisaria roubar 1 bilhão por dia, então daí você tem noção do quão absurda é essa notícia mesmo. Imagina se o cara pegasse só R\$: 1 bilhão desses e investisse no xadrez? Olha só, acabariam todos os nossos problemas, tudo! Eu vou até olhar isso porque foi um cara aí que realmente roubou um valor absurdo de propina. Mas é isso que eu acho

triste, a gente não tem esse apoio no xadrez. Também é aquela velha história, eu não sou político e, infelizmente, não sou eu que posso resolver tudo isso também.

[Interrupção].

J: Havia expectativa por parte da sua família em relação a sua participação no xadrez?

GM 9: Ah, eles esperavam bastante! O meu pai me cobrava muito e eles queriam sempre que eu ganhasse, que eu fosse campeão, que eu fosse o melhor. Eu realmente não sei o que é que eles esperavam, mas eles me acompanhavam no que tinha de competições pela minha frente e esperavam que eu ganhasse todas elas. De uma certa forma todo mundo lá em casa já sabia que eu ia bem no xadrez e torcia pra que eu ganhasse os torneios.

J: Além daquelas já comentadas, havia outras atividades que você praticava quando criança além do xadrez?

GM 9: Então, quando era mais novo eu lembro que gostava bastante de ler, então eu lia bastante. Assim, eu diria que era um “modinha”, né? Li todos os livros do “*Harry Potter*”, li “*O Senhor dos Anéis*”. Agora saiu aquela série da *Netflix* “*Desventuras em Série*”, né? Eu também li todos aqueles livros que vão inspirar essa série, essas coisas “modinhas” eu lia tudo. Li todos aqueles do Dan Brown como “*Anjos e Demônios*”, “*O Código da Vinci*”, então tudo que era esses livros da moda eu lia. Em algum momento eu até tentei ser mais intelectual lendo Paulo Coelho, li dois livros dele mas não recomendo [risos], apesar de que aquele “*O Alquimista*” até vai. Mas hoje em dia eu tô lendo menos, nessas férias eu li um livro que foi “*A Cabana*” que também não recomendo [risos]. Esses dias eu ganhei um livro também do meu padrinho – que é a leitura em pessoa – que é aquele famoso “*Adeus, Minha Querida*” e foi bem na hora que eu tava me divorciando, então caiu bem [risos]. Antigamente quando eu tinha 16 anos me lembro que o meu padrinho José Luiz Goldfarb organizava concertos de música clássica lá na Hebraica, devo ter ido em mais de 10 concertos junto com ele. De certa forma eu até gostava um pouco de música clássica, gostava de ir lá nos concertos com ele e esse tipo de coisa. O fato de viajar bastante me deu algumas oportunidades também como visitar o “*Museu do Padre*”, o “*Museu do Louvre*”, o “*Museu D’Orsay*” dos impressionistas, o “*Arco do Triunfo*” da minha cidade favorita que é Paris e por aí vai. Procurei visitar tudo o que era possível culturalmente em todos os países que eu fui.



Além da leitura e das viagens eu também gosto de arte, gosto do estilo impressionista, deixa eu ver o que mais... Difícil, né? Gosto de ler as notícias e de estar sempre a par do que está acontecendo no mundo, mas também isso não é grande coisa porque todo mundo faz isso, né? Embora eu tenha me formado em Relações Internacionais, como eu te disse ontem, sempre dei preferência pras aulas eletivas que se relacionavam à Filosofia na faculdade, sou um grande admirador dela. E por aí vai, né?

J: E quais destas ou mesmo outras práticas persistem atualmente?

GM 9: Futebol a gente sempre joga aqui e ali de vez em quando, né? A capoeira já se foi, a natação agora é só nadar na piscina mesmo mas agora por nada de mais, né? O pingue-pongue tá sempre por ali uma vez ou outra, mas nada que eu faça ativamente. O que eu ainda faço diariamente é ir pra academia, faço musculação e de vez em quando vou nas aulas de *muay thai*, treinamento funcional ou *jump* só pra me divertir e me manter um pouco em forma. Eu acho que esse condicionamento físico também tem tudo a ver com xadrez porque além de todas as capacidades, talento e genialidade que o Magnus Carlsen tem, por exemplo, uma das qualidades dele também é o condicionamento físico. Ele ganha muitas partidas nos finais porque ele realmente aperta muito o adversário, ele consegue manter o ritmo de jogo alto por muitas horas com caras que também jogam muito bem mas que se cansam, ninguém consegue manter o ritmo que ele consegue por tantas horas. O xadrez te exige muitas horas jogando sem cometer erros e em pressão, por isso o condicionamento físico é praticamente tão importante quanto estudar xadrez. Os torneios têm partidas longas, têm rodadas duplas, além de tudo aquilo que é essencial você aguentar e que você não consegue tão bem se não frequentar umas aulas ou a própria musculação.

J: Em alguma medida a escolha pelo seu curso superior teve relação com o xadrez?

GM 9: Não, eu decidi porque eu achei que Relações Internacionais era um meio-termo, achei que era uma área que eu ia discutir assuntos dos quais eu gosto. Na verdade eu adorei meu curso, as aulas obrigatórias – que lá eram chamadas mandatórias – eram praticamente discussão de conflitos, problemas de energia, recursos, opiniões e coisas que estavam acontecendo no mundo, além de toda a Filosofia que eu optei por ter nas eletivas. Como o curso tinha uma visão muito americana por estar nos Estados Unidos a gente também discutia muito o que aconteceria se houvesse um conflito entre a China e os Estados Unidos. Particularmente eu não gostei tanto dessa parte porque eu acho que é

algo que não vai acontecer e que, portanto, na minha opinião ninguém precisa se estressar [risos]. A gente escrevia muito trabalho sobre isso e apesar da leitura, da informação e de todo o conhecimento em cima disso, em termos de produtividade, eu sabia que seria diferente se tivesse feito o curso no Brasil. Mas em torno disso eu aprendi muita coisa, eu diria que lá a gente analisava as situações como se fosse o Estado e não como pessoas. Na verdade isso me ajudou muito ao tomar decisões na minha vida porque eu consigo fazer analogias entre as situações que acontecem no mundo e aquilo que eu vivo.

J: Considera-se um profissional?

GM 9: Esse era um termo que a gente usava nos Estados Unidos pra distinguir Grandes Mestres e, desse ponto de vista, eu nunca fui um profissional. Há Grandes Mestres que são muito bons e possuem *ratings* muito altos mas que, apesar disso, não são considerados profissionais. Me lembro que em algum momento eu tava me preparando pra jogar contra um Grande Mestre israelense que tinha uns 2600 pontos, ele jogava pela Universidade de Melbourne e aí a Susan, minha treinadora, me falou que eu não precisava me estressar tanto assim porque ele não era um profissional. Ele estava lá fazendo a faculdade dele e se formando na universidade dele, a sua preocupação – apesar de jogar tão bem – não tinha foco no xadrez, então ela disse que a gente podia acertar uma boa preparação porque ele mesmo não poderia refutá-la. O termo profissional, por exemplo, serve pra alguém como o Quintiliano que – apesar de não ser Grande Mestre ainda – é um jogador que tem todas as suas aberturas de ponta, isso requer muito estudo. Quando você vai enfrentar um jogador que é profissional como ele você tem que estar ciente que ele vai jogar as linhas principais, que ele tá com tudo que tá na moda, que ele tá de olho em todas as partidas ali. Apesar dele não ser um Grande Mestre ainda – como ele vai ser um dia – ele é um jogador que, por exemplo, ameaça muito mais do que quando eu vou jogar com o GM 1 que é um jogador superior. Mesmo sendo um Grande Mestre o GM 1 não é um profissional, ele não é um cara que tá ali se matando todo dia pra tentar ganhar as partidas já na abertura ou pra saber qual é o melhor lance em dada posição. Isso não quer dizer que a qualidade deles seja diferente, mesmo que o GM 1 não seja o que eu considero um profissional eu acho que ele tem a qualidade que todos nós temos de nos colocar em posições que vão dar jogo de igual pra igual com jogadores que são profissionais. Eu acho então que profissional seria aquele cara que tá estudando todo dia e tá querendo evoluir, é o cara que joga

“*najdorf*” e “*grünfeld*”, simples assim. Se o cara joga “*najdorf*” e “*grünfeld*” o cara é profissional em termos de opções por linhas e variantes principais. A “*najdorf*” é uma variante muito aguda e muito forçante, na maioria dos casos você acaba ficando pior se o cara joga ela e você não sabe jogar de brancas. O problema de você jogar “*najdorf*” é que o seu estudo precisa ser muito grande, tem muitas linhas que o cara tá te atacando, então se você faz um erro você perde. Mas se você estuda muito e tá muito bem preparado você acaba lidando com essas situações e ficando melhor na maioria das posições. Então eu acho que são profissionais aqueles que jogam “*najdorf*” e “*grünfeld*”, considerando que estas são duas variantes superiores.

J: É nesse sentido que você não se considera um profissional?

GM 9: Não só isso, mas também um pouco pelo estilo, um pouco pela pessoa. Por exemplo, o Vachier-Lagrave é um jogador que é 3º ou 4º do mundo e joga sempre “*najdorf*” ou “*grünfeld*”. O Nepomniachtchi é “*najdorf*” também ou “*grünfeld*”, esses caras jogam as linhas superiores. O Caruana é “*grünfeld*”, no caso ele joga uma “siciliana” ou outra também que não seja exclusivamente a “*najdorf*”. Mas sempre linhas superiores, né? O Carlsen é um caso mais a parte, apesar dele ser o cara às vezes ele não joga como um profissional, ele joga umas sublinhas o tempo todo, mas jogando como um jogador. Com todo o respeito eu acho que ele joga no meu estilo, ele tenta ganhar do jogador aos poucos na superioridade e entendendo mais o jogo, ele deixa o cara cometer erros mas nada muito forçante, ele não joga pra já dar mate. Várias vezes até no *match* do Campeonato Mundial ele jogou aberturas que, assim... Ele jogou uma “*colle*”, pelo amor de Deus! Isso chega a ser engraçado, mas era esse o termo que a gente usava nos Estados Unidos pra designar um profissional. Eu acho que profissional é o cara que joga os torneios e que vive de xadrez pra ganhar dinheiro nesses torneios. Por exemplo, o GM 8 é um profissional, o GM 2 é um semiprofissional e eu nem estava lá em Floripa, então eu não sou considerado um profissional. Até virar Grande Mestre eu jogava bastante torneio e vivia tranquilo, então de uma certa forma eu era profissional porque estudava e jogava. Hoje não tô exclusivamente focado só em jogar.

J: A partir de quando você começou a sentir esse profissionalismo?

GM 9: Acho que a partir de quando eu tava ali tentando virar Grande Mestre, a partir de quando eu tava subindo e focado em jogar os torneios. Isso foi a partir da minha mudança do Ceará pra São Paulo, ali eu comecei a jogar os torneios, subir o meu *rating*

e perceber que eu tava virando um profissional. Até a minha situação financeira naquele momento começou a melhorar porque eu ganhava bastante torneio, aí as coisas surgiam.

J: Considerando as suas experiências fora do país, quais semelhanças ou diferenças você pôde notar entre o contexto enxadrístico brasileiro e aquele vivenciado no exterior?

GM 9: Eu destacaria já começando por essa condição de profissionalismo que a gente tava conversando antes, o que é ser um profissional é algo que difere aqui e lá fora. Aqui no Brasil eu acho que só tem um jogador profissional que é o GM 8, o resto não só joga. O GM 8 é o único jogador que é um profissional dentro do nosso país pela sua dedicação exclusiva, apesar de que ele estuda e também tá naquele outro nível de jogar as linhas superiores, então ele seria um profissional naqueles dois sentidos que conversamos. Mas ele é o único que joga o ano inteiro, ele tá lá estudando, se esforçando e ele nem dá aula, então exclusivamente ele tá focado em jogar e o resto tá por ali, entendeu? Eu acho que a gente tem grandes talentos na realidade do nosso país, temos grandes jogadores mas só 1 profissional, na minha opinião. O Quintiliano e o GM 4 também seriam, mas eles dão bastante aula e aí vai ser sempre um meio-termo, né? Profissional é só o GM 8. Com certeza a gente tem mais apoio nos outros países, lá fora ser professor é ser mais bem pago, os torneios têm melhores premiações, tem mais torneios. Ainda mais lá em Saint Louis onde eu morava que era considerada a capital do xadrez nos Estados Unidos, né? Lá tinha torneio o tempo todo, tinha um super clube com muita procura de aulas, tinha uma estrutura toda que não tem em lugar nenhum aqui do Brasil. Dá pra viver muito bem com o xadrez fora do país dependendo de onde você tá, mas também é claro que tem países que são piores. Nem todo país é melhor do que aqui, mas nos Estados Unidos com certeza a demanda por aulas, os torneios e as premiações são muito boas. Nós que somos Grandes Mestres brasileiros temos uma vida boa aqui no nosso país porque a gente se diverte, temos muitas distrações, somos precoces em muitas coisas como em nos divertir, namorar ou mesmo ser independente. Sem citar nomes, mas a gente sempre comentava desses jogadores russos da nossa idade – ou da minha idade, melhor – que agora estão claramente no topo. Você acha que aquele cara tava na farrá em algum momento? Você acha que aquele cara tava se divertindo? Você acha que aquele cara arranjou uma namorada antes dele chegar em 2650, 2700 de *rating*? Quando eles viraram Grandes Mestres já tinham mais outros 100 Grandes Mestres na Rússia, ninguém tava nem aí pra eles que tiveram que ralar muito mais do que os anteriores e ainda continuam ralando. Tem um outro aspecto também

nos Estados Unidos que não é só relacionado ao xadrez, mas a maneira como as crianças lá são tratadas é muito mais severa, eu diria que é muito menos diversão e muito mais trabalho. De uma certa forma eu acho que você pode encarar isso por dois lados, um deles é você falar que é errado colocar a criança só pra trabalhar, estudar, estudar e estudar. Lá eles saem da escola e depois disso tem que estudar xadrez, tem reforço de Matemática ou até de Computação e nada disso tinha a ver com diversão. Aí uma vez me cobraram lá sobre o porquê o meu filho não tava sendo reforçado nisso, eu falei “meu, ele já vai pra escola, fica o dia inteiro lá!” e eles responderam “não, mas você tem que puxar ele desde cedo porque aí quando ele ficar mais velho ele vai saber que a vida é assim, aí ele vai ter sucesso no futuro!”. Depois disso eu fiquei refletindo se tava sendo mole com ele mesmo, mas no Brasil a gente é assim, com todo o respeito mas a gente é mole, né? Em Cuba já é mais tenso porque eles não têm tantos torneios lá que valem *rating* FIDE, acho que eles têm uns 3 torneios lá importantes no ano. O problema é que quando você é cubano você não pode viajar pelo mundo pra jogar ao não ser que você vire Grande Mestre, então se de uma certa forma você quer sair de Cuba realmente, então você tem que se destacar. Outro fato curioso é que toda a equipe olímpica de xadrez de Cuba obrigatoriamente tinha que estar em forma. Era uma obrigação pelo sistema e pela bolsa que eles recebem do governo de estar em boa forma física. Então eles contavam que tinham que malhar e correr não sei quantos quilômetros e, como eu falei antes, isso de fato ajuda no xadrez. Eu já escutei uma história do Fidel Conzález – o cubano que eu já citei – que me contava que queria ir pra Espanha mas que antes precisava fazer as normas, senão ele não teria a permissão do governo pra ir. As partidas que ele jogava não valiam só aquela norma pra ele, valiam a mudança de uma vida porque se ele não fizesse aquela norma ele não teria ido pra Espanha, não teria conhecido o mundo, não teria subido o *rating* dele, não teria melhorado e às vezes até teria desanimado. Essa é uma diferença do Brasil pros outros países, aqui dentro a gente se destaca por muito pouco, né? Apesar de ser um Grande Mestre, se eu fosse russo eu não seria ninguém e isso é um fato. Mas também se eu fosse russo iria ter mais oportunidades, quem sabe eu ia me destacar mais também, né? Como sempre isso é uma via de mão dupla e é por isso que eu acho que todos os Grandes Mestres brasileiros têm as suas qualidades. Já faz um pouco mais de 1 ano, mas no último torneio fechado que eu joguei no clube de Saint Louis estavam jogando o Jeffery Xiong, o Steven Zierk, o Chirila, o Akshat Chandra e por aí vai. Eu tô citando isso porque só nesse torneio havia 4 Campeões Mundiais de categorias, ou seja, 4 atletas de ponta. O Chirila – que hoje

também é um Grande Mestre – tem mais ou menos a minha idade e já tinha sido Campeão Mundial nos meus anos, né? Naquele torneio eu abri ganhando dele de pretas e não perdi pra ninguém, fiz 5,5 pontos em 9 rodadas, empatando 7 partidas e ganhando 2 delas. O torneio era muito forte e ainda assim eu acabei ganhando *rating* lá, então eu digo que a gente tem a nossa qualidade também porque a gente não vem desse padrão deles, desse esforço todo, desses torneios e oportunidades que eles têm. Por exemplo, como o Jeffery Xiong e outros além dele têm contato com o Kasparov, a gente não tem isso, né? E mesmo assim quando a gente se esforça um pouco nós conseguimos bater de frente com muita gente, eu acho que é muito gratificante pensar dessa maneira. Nós somos brasileiros, a gente tem a nossa vida aqui que é diferente da vida deles, não é a mesma história. Eu diria que a gente não joga de igual pra igual, a gente tá jogando contra uns caras que realmente vivem disso quando a gente não é nem profissional.

J: Considera bem-sucedida a sua trajetória no xadrez?

GM 9: Parcialmente, eu conquistei muita coisa mas depois que me tornei Campeão Brasileiro eu parei de produzir e estagnei, assim. Eu segui jogando mas eu nunca foquei muito mais em treinar além disso, me dediquei mais à escola e à universidade. A realidade é que eu tenho muito orgulho do diploma que eu tenho também, então é uma faca de dois gumes. Mesmo hoje alguns Grandes Mestres têm *rating* semelhante ao meu mas não possuem um curso universitário, então eu fico pensando o que é que eles fizeram ou o que é que de fato eles produziram nesse tempo de desperdício com o xadrez, entendeu? Eu não sei realmente até que ponto a gente tem que seguir e jogar xadrez. Nesse sentido eu acho engraçado quando vejo os nossos companheiros jogando as Olimpíadas e muita gente criticando dizendo “não, porque a gente tá perdendo pra não sei qual país!”. Mas pô, vai lá no outro país: os cachês dos caras são maiores, os caras estão em situação melhor, têm outra realidade, têm outro patrocínio, têm outra preparação, então é complicado. E eu tô aqui fazendo a minha, tendo que trabalhar e fazer dinheiro. Que coisa, né? Até que ponto você tem que sentir o xadrez? O que o xadrez vai te trazer? Qual é realmente o objetivo do xadrez pro seu orgulho pessoal? Do que vale você virar um Grande Mestre, você ser bom? Quando eu era criança eu tinha essa falsa ilusão de que quando eu virasse Grande Mestre eu ia ser rico. Me desculpem as crianças que um dia possam ler isso mas não, você não vai ser rico. É uma falsa ilusão, né? Eu não sou um cara muito ambicioso, mas eu acho que como eu tenho um filho, então ele merece uma escola de ponta, merece ter aulas de ponta e merece o

melhor que eu possa dar pra ele. E o xadrez não possibilita isso, assim, falando em números. Eu procurei escolas de ponta em São Paulo com o *after school* – que é como se ele fosse continuar tendo aulas no contraturno – e o valor de tudo era em torno de R\$: 4 mil reais. E aí não tem 1 ou 2 torneios juntos que eu possa jogar nesse país inteiro que paguem 1 mês dessa escola, isso porque se eu fosse nesses torneios eu teria que ganhá-los. Imagina se eu tivesse que ganhar dinheiro dando aula só pra pagar essa escola? Meu Deus! Aí vocês fazem as contas, né? Pra isso eu teria que ter outros projetos além do xadrez, ter outro trabalho ou mesmo alguma coisa conectada ao xadrez. Um jogador de xadrez não pode ter uma família, me desculpa. Se você realmente quer ser bom no xadrez, quer ter uma família e dar o melhor pra ela, então você não pode jogar xadrez.

J: De alguma maneira o talento teve influência na sua trajetória?

GM 9: Eu acho que... Eu acho que é complicado falar de talento porque aí acaba a modéstia, né? Porque se você for falar de talento então sem dúvidas eu tenho talento, né? Em algum aspecto eu acho que o talento me atrapalhou um pouco porque de certa forma as coisas vieram muito fáceis pra mim e aí eu trabalhei menos, eu poderia ter trabalhado mais se elas fossem mais difíceis. E eu não sei, é difícil falar mas as coisas vieram fáceis porque eu também tinha a capacidade de ganhar. Por exemplo, se eu não tivesse feito a primeira ou a última norma de Grande Mestre tão rápido ou mesmo sido Campeão Brasileiro tão cedo eu teria estudado mais até virar Grande Mestre, depois que eu virasse eu ia ter todo esse estudo também. Mas veio tudo muito rápido, depois que eu me tornei Grande Mestre eu também meio que abri um pouco de mão. Então o talento foi muito bom porque me deu os resultados, mas por causa dele eu também pequei no esforço. E o esforço é mais importante do que o talento, né? Parcialmente, né?

J: Pode falar um pouco mais sobre isso?

GM 9: Isso é algo que eu acho um assunto muito delicado. A Susan sempre falava isso de que o esforço dela sempre foi maior do que o talento, ela falava que se você se dedicar você vai chegar lá, não tem erro. Mas tem amigo meu que já falou pra mim nessas palavras “você nasceu com 2300 pontos de *rating* e eu nasci com 1900 pontos” e isso é claro, né? A vida não é justa, entendeu? Tem gente que se dedica e tem gente que se dedica menos, mas esse menos já serve mais pra alguns do que pra gente que realmente se dedica. De fato o talento é essencial, mas o estudo vai bater o talento porque de uma certa forma dá pra chegar lá. Parcialmente, né? É difícil, né? Ou pelo

menos é isso que querem que as pessoas acreditem, né? Eu não sei realmente, eu acho muito delicado esse assunto, eu não sei opinar. Como eu já falei eu respeito todos os Grandes Mestres brasileiros e acho que todos eles são excepcionais, mas tem muito jogador que eu vejo que eu acho que, como pessoa, não tem nada de excepcional e que não vai virar Grande Mestre mesmo que se esforce, me desculpa. E aí você vai ter que colocar isso com muito cuidado pra não parecer que eu tô desanimando a galera toda, mas eu falei pra você o que eu acho que é verdade. Aí você vai mostrar pra mim, eu vou ler e não vou ser tão arrogante falando que eu me acho melhor do que os outros, embora de fato seja isso o que eu falei de uma certa forma [risos]. Mas isso de uma certa forma é verdade, os caras que jogam bem são excepcionais, me desculpa.

J: O que é que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem você é hoje?

GM 9: Que pergunta difícil essa, hein? Era muito cedo, eu não era nada naquela época, era muito novo, muito inocente, muito criança... Não entendia nada e não tinha pretensão nenhuma no jogo. Em algum momento e depois de um tempo eu criei isso pra minha vida com os torneios, mas a vida não é só xadrez e tem os caminhos dela, né? Eu acho que o xadrez foi tudo na minha vida e abriu as portas dela pra mim, se não fosse o xadrez eu não teria o meu curso universitário nos Estados Unidos, por exemplo. Eu me lembro de uma frase que eu disse uma vez quando participei dando aula em um *camp* lá da Susan, ela passou o microfone pras crianças agradecerem o professor e pediu pra que eu discursasse, falasse qualquer coisa lá pras crianças. E aí eu falei pras crianças que eu tava muito orgulhoso delas e disse a seguinte frase “na minha vida o xadrez não é só um jogo, por meio dele eu consegui realizar os meus sonhos!”. Eu tirei aquelas palavras do nada, mas foi de fato com o xadrez que eu viajei o mundo, foi com o xadrez que eu conheci culturas, conheci pessoas, conheci lugares, né? Fiz o meu curso universitário nos Estados Unidos, morei anos lá, então várias coisas que são sonhos, né? E tudo isso foi por meio do xadrez, então realmente ele não é só um jogo pra mim. E digo mais, na verdade eu acho que de todo mundo que joga xadrez nesse país e, às vezes... Claro que não todas as pessoas do mundo porque pelo amor de Deus, o Carlsen ganha milhões, né? Mas eu acho que o que eu conquistei com o xadrez é muito mais do que qualquer outro fez aqui. Eu conquistei 6 anos da minha vida em um padrão legal nos Estados Unidos pra mim e pra minha ex-mulher, isso além de um curso universitário. E me desculpa, mas nessa crise e com o dólar a essa altura é uma elite muito, mas muito pequena que conseguiria pagar por isso. Então é realmente um sonho tudo o que o



xadrez me proporcionou, né? E eu falo dessa frase porque eu lembro que depois que eu falei isso a Susan repetia essa minha frase nos próximos torneios, ela gostou dessa frase de que o xadrez não era só um jogo, mas onde você podia realizar os seus sonhos. De uma certa forma eu não segui jogando e me profissionalizei no xadrez, mas eu extraí tudo e muito mais do que eu podia por meio dele, né? Da forma como eu podia, né?

J: E atualmente, o que o xadrez representa pra você?

GM 9: O xadrez tá no meu dia a dia pra sempre, vai sempre estar. Eu ainda tenho todo o prazer do mundo em várias coisas relacionadas a ele, eu fico mais feliz quando eu acordo de manhã e tá rolando um *Tata Steel* ou um outro torneio top assim, por exemplo. Eu tenho prazer quando eu pego aqui o meu celular, já abro e vejo uma partida do Carlsen ao vivo: eu vejo a posição, vou fazer alguma outra coisa e aí eu já lembro da partida e vou lá assistir de novo como espectador. Realmente eu aprecio xadrez como se fosse arte e eu realmente adoro o xadrez nesse aspecto, adoro dizer “conheço essa posição que tão jogando, vamos ver no que vai dar!” ou “nossa, que ideia legal!” e por aí vai, eu diria que o xadrez tá sempre no meu dia a dia, até como um *hobbie*. E assim, como eu dou muita aula e tenho os meus alunos eu tô meio inativo, mas mesmo estando eu ganhei os últimos 6 torneios que eu joguei. No final desse ano passado eu ganhei a Semifinal do Brasileiro, o Campeonato Goiano, o Campeonato Goiano Rápido e *Blitz* e um torneio lá em Itu que foi legal porque tinha o GM 2, o Supi, o Cubas, o Herman e por aí vai. Tinha tantos jogadores bons que eu vou até esquecer de citar o nome, mas vocês também jogam bem e eu vou lembrar de vocês depois, me desculpem [risos]. Então apesar de estar inativo eu me considero ainda na elite, não vou citar nomes – porque aí é sacanagem – mas às vezes eu jogo *blitz* com amigos meus e muitos deles são jogadores de linha, né? Quando eu morava nos Estados Unidos às vezes eu jogava brincando com os amigos que eu fiz lá e direto mandava de 0 em jogador com 100 pontos de *rating* a mais do que eu. É isso o que eu tô querendo dizer, entendeu? Já ganhei umas partidas e às vezes já ganhei todas, assim. Às vezes eu perco também, mas quando eu digo que ainda me sinto na elite é porque ainda tenho a capacidade de jogar de igual pra igual ou até melhor do que o pessoal que tá jogando, e aí mesmo estando um pouco inativo.

J: Quais foram as suas principais conquistas como jogador?

GM 9: Me tornar Mestre FIDE aos 11 anos foi muito importante, ter sido Campeão Brasileiro... Eu sou muito tradicional no meu pensamento, do meu jeito eu respeito muito a minha família e muitas das decisões que eu tomei foram pra agradecer o meu pai, meu padrinho e minhas irmãs, você entende? Eu sempre quis ser um exemplo pra elas, e eu digo isso mesmo em relação a estudar nos Estados Unidos porque nessa oportunidade eu tava no auge do meu xadrez. Eu podia seguir jogando por aqui e eu até queria seguir jogando, mas como alguém vai recusar uma oportunidade de se graduar nos Estados Unidos e dar esse orgulho pra família? Na minha opinião isso é muito mais importante do que jogar xadrez. Naquela época eu não falava nem inglês direito, então eu tive que penar pra tirar esse diploma, né? Com tudo isso dito, quando eu fui Campeão Brasileiro eu nunca vi o meu padrinho José Luiz Goldfarb tão feliz na vida! Eu lembro que ele tava muito feliz e me levou pra jantar em um restaurante francês chique lá de São Paulo, ele tava com aquele sorriso o tempo todo, assim. No dia seguinte a gente já tinha se visto de tarde e... Ele realmente é a pessoa que me fez, entendeu? Na verdade eu tenho o GM 3 que me treinou, mas ele foi pago pra isso e realmente – antes que eu me esqueça – ele foi muito bem pago, pode até colocar isso [risos]. Todo mundo que me treinou foi muito bem pago, mas o Zé Luiz não foi pago pra isso e nem por todo o esforço que ele me dedicou. Pelo contrário, ele pagou pra isso, né? Então mesmo no outro dia a gente já tinha se visto e depois ele teve uma reunião com uns amigos da sociedade dele que são amigos do padrão dele, mas isso não vem ao caso. Diz ele que esses caras tavam dando tapinhas nas costas dele falando “o seu garoto conseguiu, o seu garoto é Campeão Brasileiro!”, e ele tava tão feliz com isso que ele ainda saiu de lá, pegou o carro e veio aqui em casa de novo só pra me dar um abraço! E meu Deus, aquilo ali pra mim foi mais gratificante do que ganhar outro Brasileiro, né? Pra mim aquilo foi muito legal. Ou seja, na verdade esse orgulho que aquele Campeonato Brasileiro trouxe pra mim foi realmente tudo o que falaram, eu lembro que usaram o termo que eu “coroei” o trabalho de todo mundo. O fato de eu ter sido campeão coroou todo aquele investimento que fizeram em mim, coroou tudo o que fizeram. Realmente naquele momento eu deixei de ser uma aposta e virei uma realidade.

J: Hoje você tem um filho de 8 anos com o qual eu tive o prazer de jogar uma partida ontem. Percebi que, apesar da pouca idade, ele já tem bastante intimidade com as peças e com o jogo. Como tem sido a introdução dele ao xadrez?

GM 9: Eu tento incentivar ele a jogar e me esforço bastante pra isso, tento fazer ele se interessar pelo jogo mas sem que ele seja uma obrigação, eu só apresento. Às vezes eu coloco uma posição e falo “e aí, qual que é o xeque-mate aqui?” ou “vamos jogar uma partida?”, mas ele faz as outras coisas dele e nem sempre se interessa. Ele vai pra escola, faz robótica, atualmente ele tá mais interessado às vezes em construir um robô – ele adora essa aula de robótica, tá falando que quer construir um robô agora [risos] – do que em jogar xadrez e tal. Ele também gosta de ter o lazer dele, gosta de jogar um pouco de *videogame*, gosta de assistir as séries dele na Netflix e eu tento balancear, não deixo ele fazendo isso o tempo todo. Mas eu tento incentivar pra que ele goste, pra que ele jogue. Eu achei legal porque ontem até ele tava me pedindo pra levar ele em um torneio ao vivo porque ele queria jogar e era isso o que eu tava esperando. Eu não espero que ele seja um campeão, eu não sei o que é que ele vai buscar no xadrez, eu não sei o que é que eu espero dele no xadrez e eu não sei o que é que o xadrez espera dele ou o que é que o xadrez vai fazer pra ele, mas eu sei que eu gostaria que ele jogasse, gostaria que ele se interessasse.

J: Em alguma medida o modo como ele está aprendendo xadrez difere ou se assemelha do modo como você aprendeu com o seu pai?

GM 9: Não, não tem nada a ver porque no caso dele eu sou a pessoa que faz as outras jogarem bem, eu sou o professor e então ele já tem um direcionamento muito mais profissional. Mas eu sou muito mais mole do que o meu pai, eu não obrigo, eu não cobro. Se ele quiser fazer ele faz e se ele não quiser então ele não faz.

J: Há algo que você queira acrescentar e que não foi contemplado neste roteiro?

GM 9: Não, eu acho que foi tudo [risos].

J: Bom, eu agradeço imensamente então toda a sua atenção, participação e principalmente disponibilidade pra essa entrevista durante todos esses dias aqui em Goiânia. Eu queria lembrá-lo que todos os nossos contatos estão disponíveis no termo, então se você tiver qualquer *insight* ou lembrança que queira acrescentar ao que já foi dito, por favor, fique bastante à vontade. De novo, muito obrigada!

GM 9: Claro, obrigado!

**Apêndice J – Íntegra da entrevista (GM 10)**

J: De antemão eu agradeço toda a sua atenção e disponibilidade desde os nossos primeiros contatos. Idade?

GM 10: Sou de 1962, tenho 54 anos.

J: Data de nascimento?

GM 10: 22/05/1962, sou geminiano [risos].

J: Sexo?

GM 10: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 10: Branca, se bem que era bom eu botar outra cor porque aí eu estaria em vantagem [risos]. Mas eu acho que é na branca mesmo que eu entro.

J: Nível de escolaridade?

GM 10: Superior incompleto.

J: Isso se deu em uma instituição pública, privada?

GM 10: Em ambas, eu estudei em colégios privados e também no Colégio de Aplicação da UFRJ. A universidade eu fiz na PUC e na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

J: Em quais cursos?

GM 10: Eu fiz Economia, Administração e Computação. Computação eu terminei mas na época não era considerado um curso superior, já Economia e Administração eu não concluí.

J: E as etapas anteriores?

GM 10: Eu diria que estudei metade dela em colégios privados até ir pro Colégio Aplicação da UFRJ que é público, isso foi no Ensino Médio.

J: Cidade de nascimento?

GM 10: Rio de Janeiro.

J: Reside nela atualmente?

GM 10: Resido.

J: Profissão?

GM 10: Eu acho que seria empresário hoje em dia, tenho duas empresas e isso me qualifica como empresário.

J: Uma média da sua atual renda familiar mensal?

GM 10: Seria uns R\$: 25 mil por mês.

J: E sua família, como ela era constituída à época do seu início no xadrez?

GM 10: Éramos o meu pai, a minha mãe e as minhas duas irmãs.

J: Vamos pensar essas mesmas informações mas, nesse momento, separadamente pra cada um deles. Podemos começar pelo seu pai, nível de escolaridade dele?

GM 10: Ele é engenheiro, então é Ensino Superior.

J: E as etapas anteriores dele?

GM 10: Eu tenho dificuldade de lembrar, mas ele fez Ensino Médio e todas essas coisas. A universidade foi a PUC que é privada, ele passou em 1º lugar no vestibular de Engenharia. Inclusive eu só sei essa parte até por causa desse detalhe, senão nem estaria na minha memória.

J: Profissão dele?

GM 10: Engenheiro civil.

J: O mesmo para a sua mãe, nível de escolaridade dela?

GM 10: Ela não fez universidade, só fez o que antigamente era preciso pra ser o que chamavam de professora normalista. Depois ela entrou pro serviço público e foi trabalhar no Ministério da Educação quando era aqui no Rio, quando ele foi transferido pra Brasília ela ficou aqui mesmo no Rio no Ministério da Aeronáutica.

J: E as etapas anteriores dela?

GM 10: Não saberia responder os colégios que ela estudou, nunca me interessei em saber.

J: Profissão dela?

GM 10: Aposentada.

J: O senhor tem também 2 irmãs, é isso?

GM 10: Isso, a mais velha é a Priscila, ela é PhD em Informática.

J: E as etapas anteriores dela?

GM 10: São iguais as minhas, ela cursou metade no ensino público e metade no privado nas mesmas escolas que eu. Isso vale pra minha outra irmã também.

J: Profissão dela?

GM 10: Ela é formada em Matemática porque na época não tinha Computação na UFRJ, você fazia Matemática e aí no final tinha uma especialização em Informática. Mas atualmente ela é professora universitária, pesquisadora.

J: Por fim, e a sua segunda irmã?

GM 10: É a Patrícia, ela também tem o Ensino Superior incompleto e mora hoje nos Estados Unidos. Ela trabalha com Educação de pessoas com problemas, como é que é... Educação Especial, né? Ela trabalha em escolas que têm essas crianças com autismo, Síndrome de Down, Síndrome de Asperger. São especiais que chamam hoje em dia, né?

J: Agora a gente vai dar início às questões que mais especificamente se referem à sua trajetória esportiva. Por favor, sinta-se à vontade para pausar as falas em qualquer momento que porventura possa atrapalhar o seu café da manhã. Fale sobre os seus primeiros contatos com o xadrez até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 10: Bom, eu comecei a jogar com o meu pai e isso foi por volta de 1972 quando havia muito movimento nos jornais pelo impacto que o GM 6 e, principalmente, o Fischer trouxeram. Nessa época eu me lembro até que saia nos jornais alguns diagramas com pequenas táticas de xadrez. A recordação que eu tenho é que o meu pai já sabia

jogar mas tinha parado há muito tempo, por estarmos naquela época que o xadrez aparecia bastante ele comprou um “xadrezinho” pra gente começar. Um tempo depois ele comprou um grande que era do GM 6, esse vendeu muito e era a Estrela que fabricava. Hoje em dia eu acharia esse jogo de peças ridículo porque era muito floreado, mas naquela época era bonito e você não encontrava tantas peças como tem hoje, né? Eu me lembro que gostava muito de jogar com o meu pai, a gente jogava em casa até ele descobrir uma tenda gigantesca de xadrez que tinha na praia de Copacabana, quem tocava era um senhor chamado Amâncio de Carvalho em conjunto com parcerias públicas e com a Fundação Roberto Marinho. Não, acho que não era a Fundação Roberto Marinho não, era uma que existiu antes dela mas que pertencia ao mesmo grupo da Globo. Chamava-se Centro Educacional de Xadrez (CEX), depois esse nome foi copiado por aí, né? Então a gente ia na praia, o restante da família ficava na areia e o meu pai e eu íamos ali nesse lugar, era um tempo de muita efervescência, tinha xadrez em vários lugares. Depois disso o meu pai dirigiu o Ministério da Marinha de Santos e ficou muitos anos lá, eu ia sempre passar uns 3 meses ou uma temporada das minhas férias com ele. Lá tinha o clube de xadrez de Santos, então eu comecei a jogar por lá e a ganhar umas partidas. Às vezes a gente ia pro Guarujá ou pra praia de Pernambuco – não sei se você conhece aquela região ali – e tinha gente jogando xadrez na praia como a gente via aqui no Rio também, as pessoas levavam xadrez e formavam uns grupos nos postos, isso aí foi me fazendo gostar cada vez mais. Eu era sócio do Clube Naval – que é bem próximo aqui da lagoa, descendo ali – e aí foi lá que eu ganhei o meu primeiro torneio, fiquei em 2º lugar no próximo que eu joguei e aí fui me interessando mais. Depois de 1 ano praticando eu ganhei do meu pai, o que foi importante, né? Nessa época eu não sabia jogar direito, mas eu tenho certeza que isso de ter vencido ele me ajudou. Eu me lembro da maneira com que o meu pai me ensinava, como ele era engenheiro então ele era bem cartesiano, tudo pra ele tinha uma lógica. Lembro vivamente de uma partida dessas que eu jogava na praia contra um cara lá que teoricamente deveria ser mais forte do que eu mas que, pelo jeito, era eu quem estava ganhando. Era um final de rei e torre contra rei, o problema era que eu era totalmente amador, tinha acabado de aprender e não conseguia mesmo coordenar as peças pra dar mate, ele sempre escapava. Chegando em casa o meu pai descobriu sem livro algum como é que se ganhava aquele final e disse “aqui tem que ganhar por isso, isso e isso”, montou lá no tabuleiro e fez um esquema bem de engenheiro, só faltou escrever os métodos ali [risos]. Aquilo eu aprendi ali mas ficou marcado em mim até hoje, tenho

certeza que isso abriu uma janela ou alguma coisa assim pra que dali pra frente eu enxergasse que as peças precisam estar sempre coordenadas, precisam falar entre si. Em 1974 eu comecei a frequentar o clube de xadrez Guanabara aqui no Rio – hoje em dia seria impossível por causa dessas coisas de violência, mas naquela época era mais tranquilo – e a minha mãe me levava, o meu pai continuou trabalhando lá em Santos. Quando eu tinha de 14 pra 15 anos – e uma liberdade maior pra me movimentar que me permitia ir e voltar do clube – eu comecei a frequentá-lo sozinho, a jogar os torneios federados por eles e a me classificar pros Campeonatos Cariocas. Se eu não me engano a minha primeira competição oficial foi em 1975, mesmo ano em que entrei no clube de xadrez Guanabara. Digamos que eu entrei em março e em setembro já joguei, como eu não tinha *rating* eu precisava me classificar ganhando um torneio lá e depois o outro pra ir pra Final do Carioca que tinha muita gente, acho que uma média de 30 jogadores. Então cada vez mais eu jogava, competia e estudava, o que naquela época era muito difícil porque basicamente você não tinha acesso a nada ao não ser os livros antigos do clube e os Informadores, né? Não existia livros como tem hoje de como se estudar xadrez ou mesmo livros de meio-jogo, naquela época estes últimos eram os do Pachman e eu nunca os li, tive sorte de frequentar o clube de xadrez porque muitos jogadores tinham livros bons lá. Teve um rapaz que era Mestre Internacional e que se chamava Luis Bronstein, ele já morreu mas era um argentino que veio pro Brasil e que namorava – e acho que morava – com uma outra jogadora. Quando eu tinha mais ou menos 15 anos ocorreu esse processo do nosso contato, ele era uma fonte de cultura muito grande que me apresentou vários jogadores e pessoas que eu nunca ia imaginar que conheceria, foram elas que começaram a me dar um pouco de cultura enxadrística. Conforme eu fui crescendo eu continuei a jogar com ele, diria que era algo bem produtivo e que foi uma sorte muito grande ele ter vindo pro Rio de Janeiro. A gente via muita coisa e o xadrez acabou se tornando muito comum pra mim, uma vez ficamos 8 horas estudando um jogo e conversando sobre a vida dos enxadristas que jogavam aquela partida. Então não era só xadrez, eu acho que tudo isso faz parte da construção de uma bagagem, né? Desde então eu fui crescendo e começando a disputar as categorias dos Campeonatos Brasileiros daquela época, só havia as categorias Cadete ou Juvenil. Eu não me lembro se foi exatamente isso mas o meu primeiro Cadete era um torneio bem forte e eu fui Vice-Campeão Brasileiro, o Stacchini de São Paulo ganhou e o GM 3 foi 3º colocado, já no Juvenil eu fui Campeão. No ano seguinte eu ganhei o Brasileiro Juvenil, o GM 3 nem participou porque era uma final, classificou o Paolozzi de São Paulo que foi Vice-



Campeão e que é Mestre Internacional. Esse eu acho que talvez tenha sido o Brasileiro Juvenil mais forte não só pelos primeiros colocados, mas por todos os participantes como o Sandro Heleno Trindade que parou de jogar mas que foi Mestre Internacional muito cedo, tinha o pessoal do Nordeste todo que era muito talentoso, tinha o Francisco Cavalcanti, o Flávio Daher e enfim, foi um torneio muito forte e que eu ganhei bem. Só que aí já tava chegando a época da universidade, né? Eu tinha uns 16, 17 pra 18 anos e nesse ano que eu ganhei o campeonato eu também passei na faculdade de Economia, aí começaram os problemas porque a minha família não queria que eu jogasse xadrez. Eles não queriam que eu utilizasse o xadrez como profissão, queriam que eu trabalhasse com outra coisa. Enquanto eu trabalhava com Computação eles estavam felicíssimos, comecei como programador e levou 2 anos até eu entrar na Pernambucanas, depois discuti com o meu chefe e saí de lá, mas mesmo assim eles ainda tinham alguma pretensão de que eu continuasse nessa carreira. Não precisava ser nessa, mas eles queriam que eu me dedicasse a qualquer carreira que fosse normal, né? Obviamente hoje em dia eu entendo isso, há muito tempo eu já entendia, embora na época eu ficasse bravo. Mas eu entendia o que eles queriam, era a maneira que eles entendiam. Além disso eu recebi uma oferta pra ir pra Europa com tudo pago por uma pessoa que não era bem um mecenas, era a mãe de um amigo meu que tinha bastante dinheiro, obviamente. Eu queria ir, mas aí o meu pai falou que não, ele falou que se precisasse iria até usar o poder pátrio. Nesse sentido foi um drama pra mim porque eu não sabia se ia ou se não ia, por decisão minha eu resolvi não ir e não ficar perdendo tempo com briga. De lá eu saí da Economia e fui pra Informática, em paralelo eu acho que fiz 1 ano e meio de Administração na PUC também. Fui indo e gostei de Informática, trabalhei na Pernambucanas mas aí o contato com o xadrez foi quase zero, só não foi nenhum porque quando eu trabalhava no banco de dados de lá eu saía da praça e ia até o clube de xadrez pra esperar o horário de *rush*. Eu ficava jogando *ping* até umas 20 horas e então ia pra casa, quando eu parei foi entre o final de 1981 e o começo de 1982, acho que eu fiquei nessa até 1986. Enfim, eu não estudava nada de xadrez e só ia lá pra jogar *ping* mesmo até passar o horário de *rush*, então pra não ir pra casa eu ia fazer alguma coisa que eu gostava, mas era totalmente lúdico. Em 1986 eu pedi demissão na Pernambucanas por conta de alguns problemas que eu tive lá e resolvi tirar um ano sabático, naquela época a minha irmã já morava nos Estados Unidos e então eu fui fazer uma visita e jogar alguns torneios. Como eu já tinha parado de jogar em 1982 o meu *rating* era baixo, devia ter uns 2200 pontos e alguma coisa porque naquela época você

jogava quase 1 torneio por ano e então os jogadores todos tinham *rating* baixo, os Mestres Internacionais tinham 2300 pontos, por exemplo. No meu primeiro torneio lá eu acho que tinha uns 2286 pontos, joguei um torneio grande Sub-2400 na Filadélfia e ganhei com 7,5 pontos em 8 rodadas. Na verdade eu acho que foi o meu segundo torneio porque antes de ir pra esse eu fui treinar no campeonato do estado, nesse eu ganhei com 6,5 pontos em 7 rodadas porque empatei uma partida com o Christian Toth. Eu lembro que eu joguei contra os jogadores todos mas era nítido que eu já não tava raciocinando como antes, a maneira de pensar me custava muito e já não saía como era antes. Então era difícil pra eu jogar, eu ganhei mas pendurava uns peões e depois tinha que trabalhar pra ganhar, era como se o cérebro tivesse mudado a sua arquitetura mas na verdade não tinha mudado nada, né? Quando eu trabalhava em Computação eu me lembro que o meu cérebro ficava – e sempre ficou – muito ligado no que tava fazendo, às vezes quando eu tinha atividades banais como depositar um cheque, por exemplo, antes eu fazia como se fosse um comando de Computação na minha cabeça, sabe? Eu senti que a minha maneira de pensar já tava diferente e quando eu voltei pro xadrez eu vi que realmente ela tinha mudado, embora eu tenha ganho as partidas e feito 6,5 pontos em 7 rodadas eu não fiquei satisfeito com o meu desempenho, eu pendurava vários peões e, enfim, tinha que batalhar muito depois pra virar. No período pequeno que tive antes desse torneio nos Estados Unidos eu comecei a estudar e, embora não esperasse, acabei jogando bem e ganhando boas partidas contra jogadores muito fortes. Nos Estados Unidos tem muito o que eles chamam de “*sandbagger*” que pode ser traduzido como “carregador de areia” ou, no xadrez, como sendo o jogador que deixa baixo o seu *rating* pra ganhar dinheiro em uma categoria inferior, então mesmo havendo só jogadores abaixo de 2400 pontos era um torneio forte. Me lembro também que o Seirawan veio ver uma partida minha contra um canadense que era amigo dele, a posição tinha dama, bispo e 4 peões contra dama, cavalo e 3 peões na mesma ala e, como eu ganhei bem, o Seirawan via aquilo com um ar de “será que ele tá tendo alguma ajuda de alguém?”. Inclusive eu não me lembro muito bem, mas acho que na última rodada eu tava com 7,0 pontos em 7 rodadas ou 8,0 pontos em 8 rodadas, empatei a última partida porque eu já sabia que ia ganhar US\$ 6 mil nesse torneio e, convenhamos, esse valor pra 1986 e nos Estados Unidos sem descontos, sem impostos e sem nada era bastante, né? Eu tava muito ansioso nessa partida mas ganhei, depois do torneio fui visitar a minha irmã e comecei a curtir demais essa vida, tava começando a gostar. Os bicos que eu fazia pra trabalhar causavam um estresse tremendo porque na

época a gente usava aquele *beep*, né? Quando ele tocava era um estresse pior ainda do que hoje é o celular porque este você controla, já o *beep* tocava inesperadamente a todo momento, eu olhava e ele soava um alerta horroroso. Então essa vida do xadrez de acordar tarde, estudar e fazer algo criativo em uma partida era muito boa pra mim, logo pensei “eu vou ficar jogando aqui um pouco antes de voltar ao mundo real”. Eu chamo o mundo fora do xadrez de mundo real porque no mundo do xadrez realmente as pessoas tão totalmente fora da realidade, elas convivem em outros parâmetros que não são os parâmetros do mundo real. Inclusive quando elas cruzam esses mundos ou quando voltam ao mundo real elas não tomam as mesmas atitudes ou têm as mesmas opiniões que elas têm no xadrez. Você consegue notar isso claramente pelo *Facebook*, no xadrez ela faz uma coisa e no mundo real ela faz outra, as pessoas vivem cruzando ali esses mundos. Então antes de voltar pro mundo real eu preferi ficar lá jogando ao invés de passar 3 meses passeando, vendo o que eu ia fazer, indo pra Europa ou essas coisas, eu preferi passar 1 ano só jogando na Califórnia que era onde eu morava. Ganhei 12 torneios dos 13 que eu joguei, inclusive o Seirawan escrevia pra *Inside Chess* – que é a principal revista de xadrez dos Estados Unidos – e houve uma época que ele comentava sobre mim dizendo “esse aqui é o mesmo que ganhou o torneio Sub-2400!”, isso porque na época eu já ganhava de Mestres e Grande Mestres, então ele escrevia “como é que pode o cara que ganhou o Sub-2400 estar ganhando aqui!”. Mas é como eu te falei, nós estávamos em 1982 e o meu *rating* tava subestimado, pra você ter uma ideia os *ratings* dos 3 melhores do mundo em 1970 giravam em torno de 2600 pontos, o GM 6 foi o 3º melhor do mundo com 2640 pontos e hoje com essa pontuação você não tá nem entre os 100 melhores do mundo, então era normal. Essa foi uma época muito boa de vida, eu ganhava um dinheiro, tinha algo guardado no banco mas, claro, também não ficava rico, né? Os torneios de fim de semana de lá não pagavam tão bem como aquele outro, se eu tivesse ganho 12 torneios com premiações de US\$ 6 mil aí seria excelente, né? Mas não era assim, esses já eram torneios normais com premiações de US\$ 500 ou US\$ 1 mil, além do que a gente tinha que pagar também por toda essa vida. Mas era muito bom, eu estudava, ia nos cafés e ficava jogando *ping* com os outros, então era uma vida gostosa e prazerosa, eu tinha uma espécie de satisfação intelectual por jogar. Uma vez eu saí em uma revista entre os 9 melhores do mundo que jogavam *blitz* porque eu ganhava muitos *pings*, então digamos que agora, inconscientemente, eu tava mostrando que era possível depois de ter parado de jogar um tempo porque o meu pai me proibia. Eu lembro que eu não havia pesado nada nessa decisão de me tornar um

Grande Mestre, não fiz nenhum tipo de raciocínio como “vou ter algum ganho financeiro com essa carreira”, né? Já os meus pais sim tentaram fazer nessa época que eu não era nada, eles achavam que eu ia morar na Europa um tempo, voltaria e aí sim iria virar um Grande Mestre, né? Tem várias coisas que eu me lembro daquela época como o fato de que eu ficava o dia todo estudando e analisando partidas em um café, ficava tomando *cappuccino* ou comendo *bacon* com *cream cheese* que é uma delícia. Sempre aparecia um cara que sentava e dizia “não, eu quero jogar!”, então era muito gostoso porque o cara vinha e às vezes perdia dinheiro pra você [risos]. Era uma vida muito boa e aos finais de semana eu jogava mas, claro, tudo tem o seu custo. Eu passei quase 1 ano lá antes de voltar pro Brasil pra aí sim jogar xadrez e ir atrás de equipes, isso era em 1987, 1988. Me classifiquei e joguei a minha primeira Olimpíada em 1988 e desde lá venho me classificando até 2008, né? Na verdade eu estaria classificado até agora, é que eu não jogo mais porque se não... Enfim, quando eu voltei pro Brasil já tinha feito o título de Mestre Internacional nos Estados Unidos, continuei indo bem mas não tinha muitos torneios aqui, principalmente competições pra se tornar Grande Mestre. Era outro mundo, aqui não existia esses torneios Abertos que nós temos hoje e nem interesse em ter algumas competições porque na época o sistema organizacional era muito amador, tanto os clubes como as federações e a confederação eram verdadeiros desastres. Com isso eu fui passar uma temporada na Europa, eu fui primeiro e só depois o Christian me acompanhou, nós dividíamos um apartamento em Córdova. Lá eu fui bem, joguei em Salamanca e comecei a jogar uns Abertos pra me classificar pros torneios que valiam norma de Grande Mestre porque eu nunca conseguia convites, nunca ninguém me convidava. Ganhei o Aberto de Salamanca que era um torneio bem forte conquistando uma boa 4ª ou 5ª colocação, lembro que perdi 1 partida só, ganhei 2 e empatei o restante, inclusive ganhei da Judit Polgár que jogou e era a grande sensação da época. Lá eu fiquei jogando e tentando um convite pra entrar em algum dos torneios de norma pra Grande Mestre, mas realmente era muito difícil porque os espanhóis eram muito nacionalistas e eu jogava bem, então existia o risco de que eu ganhasse das pessoas que eles queriam promover. Isso eu entendo e até acho válido, mas eu vi que seria muito difícil e que eu teria que continuar ganhando os torneios pra classificar pros fechados e resolvi voltar, isso eu poderia fazer aqui jogando o Zonal e, quem sabe, tentando me classificar pro Interzonal que me daria o título e a norma. De fato foi isso o que aconteceu, voltei pro Brasil em 1992 e no ano seguinte joguei um Zonal Sul-Americano – que envolvia a América do Sul toda, não era Zonal 2.4 como hoje – e

acabei não ganhando, fiquei empatado em 2º lugar com o GM 3 e com o Campora e, se eu não me engano, o Granda estava 1,0 ponto na frente de nós. Por conta disso jogamos o desempate e eu ganhei esse *match* do GM 3 e do Campora, somando ele com o torneio eu acabei fazendo a minha 1ª norma de Grande Mestre. Foi uma boa norma porque juntou o *match* do desempate com o GM 3 e com o Campora com o torneio, então fora as outras me deram mais 4 partidas. Dali eu fui pro Interzonal que foi um torneio muito bom mas que também foi duríssimo, né? Ainda levei um amigo meu que se chama Dirceu e isso foi um grande erro, ele havia premiado em um Aberto que jogou e aí não dormia, ficava falando comigo enquanto eu dizia “me deixa dormir que amanhã eu pego o Akopian!”. Mas foi uma experiência boa porque eu lembro que empatei com o Topalov, em certa altura o Shirov gostou muito de uma partida minha e até veio conversar comigo, na época ele já era um dos principais. Quando o Interzonal acabou eu voltei de vez e resolvi que ia ficar no Brasil, aqui as competições por equipes já começavam e então eu podia vislumbrar uma condição financeira razoável. Naquela época eu era solteiro e aí resolvi me mudar pra Curitiba, lá tinha muita menina bonita e um esquema de vida muito tranquilo, a vida era muito barata. Nisso eu comprei um apartamento pequeno lá mas comprei, já aqui no Rio eu não teria condições de fazer isso, né? Digamos que com aquilo ali eu poderia estudar e esse era o plano, mas além disso a vida era muito fácil lá e eu saía bastante de noite, tinha uma vida feliz. De vez em quando eu estudava, mas era muito pouco comparado ao que eu estudava no Rio ou mesmo nos Estados Unidos. Eu já tava levando uma vida mais desregrada e de noitada, já saía muito de noite com o pessoal do xadrez de lá – como o Disconzi e os outros que eu conhecia – e era algo meio esculhambado, digamos que também mais parecido com a vida dos enxadristas tradicionais. Nesse tempo que eu fiquei lá a única chance que tinha de torneio pra norma de Grande Mestre era o Zonal, enquanto isso eu fui jogando até o dia em que os meus amigos lá de Curitiba falaram “ah, vamos pra Europa!”. Desde que me mudei pra lá eu já tinha começado a jogar torneios esporadicamente mais fortes como, por exemplo, o *New York Open*. Mas nisso eu ia e voltava, né? Em Curitiba eu já não tava jogando os torneios com tanta determinação porque eu tava numa vida muito boa, na verdade eu tava mais aproveitando essa vida do que jogando. Eu não jogava muito e também já tinha começado a me envolver com a administração do xadrez porque já era vice-presidente da CBX, então embora eu ainda competisse a verdade é que eu tava em uma roda-viva totalmente desfocada de competição. Eu tinha a meta de me tornar Grande Mestre – até porque já tinha feito uma 1ª norma relativamente grande

– mas os pequenos momentos de glória que o reconhecimento ou a vitória em alguns torneios me traziam já era algo que me satisfazia. Conforme fui jogando eu me lembro que fiquei muito amigo do pessoal de Curitiba não só pelo xadrez, mas porque a gente também jogava tênis de forma amadora umas 2 vezes por semana por lá, isso considerando que eu nem sabia jogar direito. Como eu fazia parte do grupo eu sentia que existia um *esprit de corps* ali, tanto que em certa altura o Justo e o Ernesto Chemin queriam que eu fosse jogar uns torneios na Europa e isso acabou me motivando a ir e a me concentrar pra eles, jogamos em Linares e Ubeda. Me lembro que no primeiro eu fui bem mas não deu pra fazer a norma, já no segundo eu fiz ganhando uma “partidassa” na última rodada de um Grande Mestre russo, depois ele veio tomar uma cerveja com a gente e disse o quanto esse tinha sido realmente um jogo muito bom. Ele era um jogador que já tinha ganho uma vez em 16 ou 18 lances do GM 11 de pretas, então eu já sabia que ele ia jogar uma “índia do rei” e dei uma preparada. Também imaginei que ele ia jogar a mesma coisa que jogou quando já tinha ganho de um brasileiro, às vezes os enxadristas são previsíveis, né? Enfim, eu sei que era necessário ter 24 ou 27 partidas pra ter feito aquela norma e eu tinha acabado de completar 23 naquele torneio, faltava apenas 1 pra que eu fizesse a outra norma. Na época desse Zonal eu fui considerado um dos melhores do mundo em uma revista lá e esse também foi um torneio muito forte, com isso a FIDE acabou me dando uma colher de chá e liberando essa norma. Só que aí digamos que eu já tava cada vez mais pra área administrativa, eu considerava que o xadrez tinha que crescer mais do que estava e aí decidi seguir essa área. Desde então eu já devo ter feito de novo outras normas várias vezes, mas depois que eu me tornei Grande Mestre nunca mais estudei. O que eu faço hoje é ver umas partidas de vez em quando, acho que aprendi um pouco com os meus alunos também porque até meados de 2007 eu dava aulas e, embora aquilo ali não fosse um estudo, de alguma forma eu acho que me ajudava a estar ativo porque eu sempre falava sobre xadrez, então constantemente eu atualizava meu cérebro. Hoje em dia eu ainda jogo de vez em quando mas geralmente só quando o pessoal me pede como, por exemplo, um torneio que eu ganhei junto com o GM 4 agora no começo do ano passado em Natal. Nessa ocasião o Supi era o jogador convidado, mas na época a vó dele passou mal e foi internada, aí eu tive que jogar. A minha esposa trabalha e só podia chegar em Natal no final de semana, até que ela chegasse eu tava lá com os meus 2 filhos e a gente tinha combinado que eu só ia inaugurar o torneio, né? Acabei tendo que jogar ele todo [risos]. Mas aí foi legal porque como os meus filhos estavam nas 2 primeiras rodadas – na

verdade nas 3 primeiras rodadas porque eram rodadas duplas, né? – eles ficavam assistindo, é gostoso quando o seu filho te vê estudando, né? Na verdade hoje eu me empolgo com algum sucesso de vez em quando muito mais porque o xadrez ainda me proporciona um pouco dessas coisas. Eu não sei quando ainda, mas em algum momento deve haver uma queda grande do meu jogo, mas mesmo assim eu vejo que hoje não existe mais um entendimento adequado do xadrez. Eu vejo vários jogadores das novas gerações que têm uma imagem do xadrez diferente daquela que a gente tinha e que era muito mais relacionada ao entendimento do jogo para se melhorar e só então jogar, hoje eles já querem ganhar não importando como. Eu lembro de uma das vitórias que eu tive contra o GM 5, inicialmente eu tinha o jogo perdido e acabei empatando essa partida que me deu o título na última rodada do torneio. Depois disso um cara chegou e me falou que eu estava com -3 pontos naquela posição e eu não entendia isso, pra mim isso não existia porque ou você está ganho ou você está perdido. Ele dizia “aqui você tá perdido porque tem -3 pontos nessa posição”, aí eu falei “tudo bem, mas então o que é que você faria aqui?” e o cara não sabia responder. Quer dizer, o computador sabe mas ele mesmo não, né? E isso não é com um ou outro jogador, mas eu vejo muita falta de entendimento do que de fato é o xadrez em vários deles, eu diria que hoje uma grande maioria não tem noção do jogo, talvez tenha força prática que é diferente. Antigamente tinha muito jogador – como o folclórico Cajal ou o José Thiago Mangini – que entendia o jogo ou procurava entender, se perdiam eles procuravam ver o que é que tinha acontecido, quais eram os planos, o porquê eles erraram, o que é que levou àquela abertura... Já hoje você tem muito material que facilita esse entendimento mas que parece não adiantar. Eu vejo pelo Campeonato Brasileiro, às vezes a gente vê que o cara captura como o computador captura porque é difícil pro outro jogador aproveitar essa vantagem e não porque seria correto capturar ali, então essa é uma visão diferente. Bom, eu acho que essa seria a minha trajetória toda, agora você pode me fazer qualquer pergunta aí [risos]!

J: Retornando então ao seu início, como eram essas primeiras práticas com o xadrez que o senhor teve com o seu pai?

GM 10: Nós jogávamos lá em casa ou na praia, geralmente o meu pai gostava que eu jogasse com os outros também, então a gente ia em lugares públicos onde havia xadrez. Mas com ele mesmo eu jogava mais em casa, como a gente não tinha relógio era uma partida e depois a outra, isso durava mais ou menos umas 2 horas. Depois nós íamos

nessas tendas da praia que a gente descobria e nos clubes, aí foi quando a gente já não jogava mais porque ficou um *gap* muito grande. Mais ou menos 1 ano depois que ele me ensinou a jogar eu já o vencia, apesar disso eu não me lembro dele ter ficado com raiva ou bravo por causa disso. Lembro que foi uma coisa normal pra mim e a gente não parou de jogar por causa disso, ele continuou jogando comigo até o momento que esse *gap* ficou muito grande, né? Eu lembro que ainda jogava simultâneas às cegas com ele, mas não dava mais porque até assim eu ganhava. O meu pai e eu éramos apaixonados por xadrez, depois ele virou sócio lá do clube e ia pra lá, ia jogar. Ele morreu de câncer e o curioso é que quando ele parou de ir no clube de xadrez a doença acelerou muito, então isso foi algo que o prejudicou. Como o incomodava ele optou por parar de ir, mas acabou sendo pior porque ele gostava muito de xadrez e isso ajudava muito o cérebro dele a ter pensamentos positivos, né? Mas eu não me lembro se era eu que pedia ou ele que montava o tabuleiro pra jogarmos, acredito que eram ambos porque digamos que o xadrez ficou marcado em nós como algo meio natural de se fazer quando havia algum tempo livre. Ele me chamava ou eu o chamava pra jogar, pra nós isso não importava tanto porque pela memória que eu tenho o xadrez parecia mesmo algo muito natural, não era nada forçado como “ah não, o meu pai tá me chamando” ou “ah, o meu pai já quer que eu jogue de novo” e essas coisas. Embora nós jogássemos partidas livres o meu pai sempre procurava me orientar, várias vezes ele falava o que achava da posição como naquele caso que eu te falei do mate de torre e rei. Quando a gente jogava ele já tinha um certo conhecimento, acho até que talvez ele lesse sobre xadrez porque ele era muito estudioso e fazia muito bem as coisas, assim como eu. Depois de ter um cargo de liderança na área dele eu me lembro que ele ficou um tempo desempregado, mas depois entrou em uma fábrica de uns alemães aqui e então começou a aprender, estudar e a falar fluentemente alemão, então ele realmente gostava de estudar. Eu não via, mas eu acredito que ele estudava xadrez pra procurar me orientar melhor porque isso já fazia parte das características dele, com a consciência que tenho hoje eu realmente imagino que ele deve ter lido ou estudado algo sobre xadrez porque estudar já era algo que fazia parte da rotina da vida dele. Eu me lembro da gente jogando com as peças do GM 6 e ele me falando “olha esse cavalo”, “essa defesa não é boa” ou “olha, esse cavalo tá muito bem colocado no centro, olha que cavalão em ‘d5’!”.

J: O senhor se lembra da idade em que teve os primeiros contatos com o xadrez?



GM 10: Sim, foi com 11 anos ou de 11 pra 12 anos, eu acho que foi um pouco antes de fazer 12 anos. Foi tarde eu acho porque o normal é começar mais cedo, mas pra mim foi muito bom porque eu sempre me mantive no mundo real, tive uma infância muito feliz. O xadrez tem certo grau de complexidade e hoje eu vejo crianças começando muito cedo não porque elas querem, mas porque os pais veem nelas uma continuação do que eles não foram. Acho que de todos os Grandes Mestres eu devo ter sido aquele que aprendeu mais tarde xadrez, não foi?

J: Por acaso o senhor sabe como é que o seu pai aprendeu a jogar xadrez?

GM 10: O meu pai nasceu em Petrópolis que é uma cidadezinha perto daqui, ele contava que com 6 ou 7 anos já era um dos melhores jogadores de damas de lá e que uma vez chegou a ser Vice-Campeão de damas de Petrópolis, mas aí eu já não sei se era verdade ou fantasia dele. Sobre damas eu não sei, é um jogo simples demais. Na época ele contou que também ensinaram xadrez pra ele, mas que não se interessou tanto porque era pequeno. Isso eu entendo, criança quando quer alguma coisa ela quer só aquilo, né? Depois disso ele conta que nunca mais jogou porque não tinha como praticar, só quando adulto surgiu aquela coisa de “ah, eu jogo xadrez e vou ensinar meu filho”.

J: O seu início coincidiu com uma das épocas áureas do xadrez no cenário mundial considerando o contexto de como ele veiculava principalmente durante a Guerra Fria. De algum modo isso influenciou os seus primeiros contatos com esta prática?

GM 10: Possivelmente, se não fosse isso talvez o meu pai não se lembrasse de xadrez, não compraria um jogo de peças pra nós e não teria me ensinado, eu não teria aprendido a jogar. Isso também formou mais enxadristas, o que facilitou com que eu jogasse com jogadores mais fortes e, por consequência, evoluísse. Talvez até tenha tido mais influências, mas essas são as únicas das quais eu me lembro. Foi um *boom*, mas aquilo não me animou ao ponto de eu dizer “poxa, eu quero ser um deles!”. Pelo contrário, né? O meu pai também não acompanhava tanto assim, o interesse dele em xadrez era mais lúdico, quando ele me ensinou eu acho que ele teve esse interesse pra que eu começasse a jogar bem e depois o que viesse ou não estaria ótimo. Quando me tornei Grande Mestre eu era um orgulho pra ele, mas digamos que ele via o xadrez de uma maneira diferente e mais lúdica, tanto que quando eu tava na faculdade ele me proibia totalmente de jogar. Digamos que ele via de uma maneira que não atribuía ao xadrez algum

prestígio, então eu não sei se essa época teve alguma influência forte pra ele. Naquele tempo o que facilitou foram as interações que eu tive frequentando vários ambientes que tinham xadrez, mas as minhas aspirações não eram como as crianças tinham dizendo “eu quero ser um jogador de futebol”, eu não dizia “eu quero ser um jogador de xadrez” e talvez nunca tenha pensado nisso até uns 17, 18 anos. Quando eu comecei a ir bem nos torneios aí sim, né?

J: Como era a relação que a sua mãe e as suas irmãs tinham com o xadrez?

GM 10: As minhas irmãs sabiam jogar porque o meu pai havia ensinado nós todos, mas a mulher tem outras características, né? O homem às vezes quer competir mais cedo e às vezes a mulher tem outros interesses, principalmente nessa época de 16, 17 anos. Nessa idade digamos que o homem começa a estudar mais xadrez e a mulher já tem outras preocupações. Então as minhas irmãs até gostavam e sabiam jogar, mas não jogavam torneios e não era a mesma coisa. Eu tinha uma irmã mais velha que já tava estudando também, enfim. Eu me lembro que não era estimulante jogar com elas porque eram todas mais fracas do que eu, além do que eu tava acostumado a jogar com o meu pai, né? Agora que você me fez essa pergunta veio uma imagem aqui na minha cabeça da gente jogando fisicamente! Mas isso era mais no início, depois que eu comecei a jogar mais eu acho que elas até pararam totalmente de jogar. Eu me lembro que no comecinho nós fizemos até um torneio com os vizinhos, mas pelo menos pra mim era uma brincadeira sem graça porque eu era muito melhor que eles, né? Nessa época o meu pai ensinou as minhas irmãs e eu, acho que ele ensinou a minha mãe também, todo mundo ali. Acho que a minha mãe também sabe jogar porque quando era garoto eu me lembro que ela jogava comigo um pouquinho, mas nunca buscou nada além disso. A minha mãe via o xadrez como o meu pai via, mas ele veio de uma família que era razoavelmente bem de vida enquanto que a minha mãe não, ela veio de uma família em que começou a trabalhar muito cedo, com 15 anos ela já dava aula em escolas. A minha avó é portuguesa, ela migrou e logo depois que o meu avô morreu a minha mãe nasceu, então desde o começo elas tiveram uma vida dura. Quando a minha mãe viu que eu tava indo pro xadrez ela estabeleceu uma relação que eu não diria que era de ódio, mas de disputa pra que eu tirasse o xadrez da cabeça. A minha avó, por exemplo, é uma aldeã portuguesa que vive em uma aldeia lá na Serra da Estrela. Naquilo lá não existe xadrez, como é que vai existir xadrez ali? Quando eu tava estudando xadrez ela dizia que eu

ficava no “toc, toc” porque as peças eram de madeira, aí elas batiam no tabuleiro fazendo esse barulho. Ela dizia “aquele garoto já tá no ‘toc, toc’ de novo?” [risos].

J: Assim como o xadrez houve outras práticas que foram aprendidas em casa?

GM 10: Eu diria que não, talvez até tenha tido mas eu não estou me lembrando. Eu lembro que na época o meu pai comprou uma vitrola e nós tínhamos música em casa, então ele também incentivou essa parte musical e o resto que a gente fazia era na escola mesmo. Ele viajava até Petrópolis e fazia umas viagens que hoje eu acho até que foram perigosas, naquela época não tinha cinto de segurança e nós íamos no colo da minha mãe. Principalmente quando era criança eu brincava sozinho com uns bonecos, eram umas coisas de artista porque a gente fazia uns bonequinhos e as minhas irmãs faziam umas bonecas. Enfim, digamos que foi uma infância normal sem que os meus pais implementassem nada de especial, era uma vida normal de classe média. O xadrez entrou por acaso por causa dos eventos que aconteciam na época, aí o meu pai lembrou que jogava, comprou um e eu comecei a jogar.

J: Mais tarde o senhor frequentou alguns clubes de xadrez, como eram esses ambientes?

GM 10: Ah, eram fantásticos! E ainda mais pra um garoto de 12, 13 anos, né? Era um lugar que todo o tipo de gente frequentava, tinha o alcóolatra, o cara que fumava, a pessoa inteligente, o músico... Lá no clube de xadrez Guanabara nós tínhamos um cara – hoje ele não vai mais porque tá morando em Niterói – que era o maestro principal da Orquestra Sinfônica, o nome dele é Lindolfo Gai e ele compunha com o Chico Buarque. Nós tínhamos também um colega que era procurador da Caixa Econômica, o outro era advogado, tinha médico, piloto da antiga VARIG, então era toda uma escola de vida. Nos torneios e campeonatos de *blitz* também havia todo um jogo psicológico que você passava quando aprendia, né? Das milhões de aulas que tive eu me lembro de uma com um cara que jogava bem – mas muito menos do que eu – e que se chamava Rubens. A cada jogada que eu fazia ele falava “pô, que lance bom!”, o que fazia das próximas jogadas sempre um peso pra mim, né? No *ping* eu acabava sempre perdendo no tempo pra ele, só depois eu deduzi que o cara tava falando aquilo como uma forma de tornar difícil com que eu fizesse os meus lances porque eu era o melhor e queria fazer o melhor, né? Eu lembro também de quando fui jogar um *match* com o Loureiro quando tinha uns 17 anos, era uma final porque nós já tínhamos ganho o torneio empatados. Nisso tinha um cara lá do clube que jogava muito bem mas que também era super

impiedoso, ele falou “pô, você vai perder esse *match!*” no dia que eu tava indo jogar a minha primeira partida. Mas aí eu já sabia o que ele queria, né? Então aquilo ali serviu pra mim como o contrário. O clube tinha dessas coisas, era uma escola de vida que tinha o cara bom, o cara mau... Enfim, era um espaço que reunia todo o tipo de gente com suas características diferentes, então mais do que uma escola de xadrez ele era uma escola de vida, sabe? Foi muito bom pra mim ter frequentado, mas hoje em dia é algo que não se vê mais, né? Eu sou presidente do clube de xadrez Guanabara e hoje nenhum dos jogadores de lá tem qualquer interesse em ir até o próprio clube ou ajudar a comunidade que está além dele. O clube que eu vivi era um verdadeiro núcleo de cultura, eu tava com o cara que era o maestro principal da Orquestra Sinfônica e qualquer pergunta que eu fizesse ele iria me responder. Eu lembro até que eu brincava com ele dizendo “pô, você tá vendendo menos que a Xuxa!” e aí ele me respondeu contando o caso do Rubinstein – o pianista, não o enxadrista – que é muito curioso. Dizem que uma vez falaram mais ou menos isso pra ele e a resposta foi “olha, a opinião da senhora não tem a menor importância!” [risos]. Depois eu fui ler sobre essa história e realmente era uma piada verdadeira, né? Enfim, era um mundo valioso e que hoje em dia ninguém se importa mais em ter, é uma pena pras novas gerações que perdem toda essa gama de informações que são importantes tanto pro xadrez quanto pra vida. Isso era o que mais me atraía, não era o xadrez. No jogo eu sempre tive mais facilidade, mas eu gostava muito desse meio de estar ali, discutir coisas, conversar e fazer essas brincadeiras. Teve um cara que passou muitos anos dando aula aqui perto como professor visitante no Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), ele ia todo dia no clube de xadrez e era conhecido como “o rei da rasteira”. Esse cara ganhou a “Medalha *Fields*” que é como se fosse o Prêmio Nobel de Matemática – você pode até procurar isso aí – por ter desenvolvido um teorema lá. E eu convivi durante uns 2 anos conversando com um cara desses, entendeu? Uma vez eu tava na França e até nos falamos, ele é loirinho, baixinho e casou com uma “negona”, uma brasileira. Quer dizer, isso aí não tem preço, né? Durante 2 anos eu conversei com alguém que ganhou o Prêmio Nobel da Matemática! Teve um cara que frequentou o clube depois disso e que fazia doutorado nessa área, ele simplesmente não acreditava que esse cara frequentava o nosso clube, ele dizia “não é possível que esse cara esteve aqui, como é que eu só vim pra cá nessa época?”. Quando mais novo era a minha mãe que me acompanhava porque o meu pai trabalhava até mais tarde, só quando ele morou em Santos nós fomos juntos ao clube que era do pai do Roberto Assunção, não sei se você conhece esse pessoal mas

ele era o presidente de lá. Eu lembro que lá ele já tava com mais idade também, então ele ficava muito nervoso com as minhas partidas ou mesmo eu quando via as partidas dele, ele mesmo falava que não podia ver as partidas.

J: Como se deu o seu contato com o Bronstein?

GM 10: Foi um pouco depois dessa época, eu devia ter de 15 pra 16 anos quando o Bronstein veio pro Rio. Eu já era bem forte ali, lembro que nós jogamos um *match* amistoso pra treinar mesmo e empatamos, as partidas não foram publicadas mas nessa época ele já tinha ganhado o Campeonato Argentino, por exemplo. Era uma relação de iguais ali, a gente analisava posições e obviamente ele tinha mais entendimento do que eu, mas digamos que eu combinava esse entendimento com uma força prática que equilibrava esse conhecimento maior que ele tinha. De fato eu nunca tive um professor, acredito que por um lado isso tenha sido uma falha e por outro um *plus* porque eu tive que modelar o meu pensamento, apanhei e muito pra entender certas coisas. Mas quando dava o clique no meu cérebro eu avançava muito mais rapidamente do que se tivesse com um professor, né? Então eu acredito que foi não uma falha, isso me proporcionou um leque, um *shortcoming*... Eu tô tentando buscar a palavra em português, mas talvez fosse melhor mesmo eu ter tido. Enfim, eu acho que um professor teria sido bom pra mim porque eu perdi muita coisa ou muito tempo estudando errado. Tudo bem que não há o que garanta que o professor não vá fazer isso com você, né? Por exemplo, se o meu jogo fosse inferior ao do Bronstein ele poderia ter sido o meu professor, mas como eu jogava e já ganhava dele era mais difícil, então eu fui sempre um autodidata. Ele me apresentou todos os clássicos do xadrez, todos os grandes jogadores e suas respectivas partidas que, claro, eram muito ricas considerando o pouco conhecimento teórico disponível até então. Eu lembro que não era só as partidas, a gente lia toda a história dos jogadores e aquilo ali me inebriava, depois eu queria ainda mais ver as partidas deles! Foi ele também que me deu um livro chamado “500 Partidas de Xadrez” do Tartakower e do Du Mont, são partidas muito bem jogadas de ataque e com certo tom de selvageria. Hoje qualquer garoto desses não consegue acertar os lances do cara, né? É claro que ele não chega naquelas posições mais loucas, mas o cara tinha uma capacidade de cálculo e de imaginação enormes. Isso me influenciou pra que eu buscasse as coisas sozinho também, entendeu? Tiveram 2 livros principalmente que me influenciaram, um deles foi um muito bom sobre o Nimzowitsch que me recomendaram lá no clube, esse livro é fantástico porque é como se fosse uma reanálise do

Nimzowitsch. Não era o livro dele, esse aí eu li e até gostei, mas achei um pouco... Não que fosse infantil, mas o livro e os comentários das partidas eram muito simplórios – e isso até porque foi ele mesmo quem escreveu – ao contrário dos conceitos que até hoje são importantíssimos pra mim. Eu sempre cito o caso do GM 6 porque ele menospreza muito os jogadores de antigamente, mas ele mesmo perdeu pro Fischer em 1970 uma partida em Palma de Mallorca que era uma abertura bem clássica. Até o lance 2 era uma “Nimzowitsch-Mieses”, só que o Mieses defendia uma partida bem melhor que ele. O GM 6 perde 1 peão e já transpõe rápido pra um final perdido, já o Mieses luta até o fim e isso é o que eu chamo da diferença entre ter uma cultura enxadrística, né? O Fischer ganhou de graça aquela partida sem precisar pensar muito enquanto que o GM 6 batalhava por algo que ele não tinha a menor noção do que estava acontecendo. E aí não adianta, nesse caso você pode ser o maior talento do mundo mas quem manda é a posição, não é o jogador.

J: E na escola, havia algum contato com o xadrez?

GM 10: Não, nenhum. Só um pouco depois de 1980 começou um projeto da Fundação Roberto Marinho nos colégios públicos, mas aí eu já era Campeão Brasileiro Juvenil, já dava simultâneas, enfim. Na minha época de escola não existia nenhum movimento de xadrez nas escolas, nenhum. Eu também não fazia questão de trazer esse meu êxito pra escola. Pelo contrário, eu evitava. Eu me lembro que quando comecei a ir bem eu evitava levar esse lado pro mundo normal. Digamos que eu não misturava, sabe? É como se estes fossem dois mundos pra mim, o mundo do xadrez e o mundo normal. Não que eu esteja certo, mas eu não via no mundo normal algum interesse em xadrez, aquilo ali na época era algo totalmente... Xadrez era como se fosse algo de extraterrestre, a minha geração sofreu muito com essa imagem que o GM 6 gerou pra modalidade, então a gente evitava dizer que era enxadrista. Por um lado ele foi muito positivo pro xadrez porque ajudou a divulgar a modalidade, por outro foi péssimo porque ele também ajudou a criar um bloqueio ali. Digamos que nenhuma mãe queria que o filho ficasse daquele jeito, né? E é compreensível pelo monte de bobagens que ele falava e que até hoje fala, o duro é que naquela época elas não eram nem sobre religião, ele falava que queria ser Campeão do Mundo! A gente tinha um programa de televisão famoso na época que era do Flávio Cavalcanti e certo dia ele foi, imagina? Eu não vi, mas minha mãe deve ter visto isso, meu pai... Dizem que no programa do Flávio Cavalcanti ele falava que ia desafiar o Fischer e que ele tava com medo desse desafio,

ele falava “Fischer, você que está assistindo o Flávio Cavalcanti!” [risos]. Isso com toda aquela parafernália, então as pessoas viam aquele cara falando com voz fina, né? Isso criou uma imagem muito ruim que perdurou por muitos anos no xadrez, até hoje uma vez ou outra a gente ouve “nossa, você é um cara normal!”, então a gente percebe que é uma imagem que as pessoas ainda têm. Não tem muito jeito, nós tínhamos é que ter alguém que tivesse certo carisma, um cara que fosse referência em xadrez na época. Mas aí vem um cara daquele jeito e que vai em um programa pra falar sobre coisas que ninguém aguenta? Aí é isso mesmo, né? Eu lembro que nós jogamos os JEB’s e ganhamos fazendo 21 pontos em 24 possíveis, éramos uma equipe de 4 jogadores e pra nós era fácil porque tinha só uma outra equipe de São Paulo, uma de Minas lá e enfim. Éramos mais ou menos magrinhos e altos, então quando saíamos a gente dizia que era jogador de vôlei porque estávamos em um contexto de JEB’s, né? Se disséssemos que éramos jogadores de xadrez ninguém ia conseguir nada, então a gente dizia que era jogador de vôlei [risos]. Ser um jogador de xadrez no mundo real representava ser um *nerd*, então você tinha que afastar aquela imagem. Hoje *nerd* até que representa uma imagem razoável, mas naquela época era pior que isso. A gente tinha que afastar o xadrez do mundo real pra ter uma vida social, senão sem chances. Hoje em dia o mundo real valoriza muito mais o xadrez, mas ainda é longe do ideal. O jogador de xadrez ainda tem uma visão equivocada do que ele representa pra sociedade, um exemplo disso é que diversas vezes eles não comparecem a compromissos como cerimônias de patrocinadores e outras coisas desse tipo, eles não têm noção de nada. Não é possível que pessoas razoavelmente... Eu tenho vários amigos que falam “nossa, mas esses caras dizem que o xadrez faz bem pra inteligência” e tal, mas no final das contas o cara é Grande Mestre e digamos que às vezes não consegue fazer o “1 + 1” na vida. Por exemplo, nessa última Olimpíada teve um cara rico que foi como o nosso chefe de delegação, né? Pra isso ele deu um “apoiozinho” pequeno, só que gastou 10 vezes o apoio dele – na verdade ele gastou exatamente 5 vezes mais porque patrocinou com R\$: 10 mil e lá gastou R\$: 50 mil – comprando vinho caro pros jogadores, levando pra jantar e enfim, pagando tudo. Um dia esse cara pediu pra tirar uma foto com todo mundo e os caras falaram “não, tá muito calor!”. Então o que eu quero dizer é que eles não retribuíram nem um pouco o cara que tava lá pagando os jantares pra eles todos os dias, pagando os vinhos e fazendo o que eles queriam. Isso mostra que o cara não entende do mundo real ou então que ele é muito burro, entendeu? Ele acha que o cara tem a obrigação de atender Grande Mestre? Na verdade o problema psicológico tá aí,

como é Grande Mestre ele acha que o cara tem a obrigação de fazer tudo por ele, entendeu? Então isso os afasta do mundo real, eu acho que esse cara não vai fazer mais nada até porque eles o afastaram, né? Esse cara mesmo que eu levei falou pra mim “esses caras não têm...”, entendeu?

J: E no que estes universos do mundo real e do xadrez se assemelhariam ou difeririam?

GM 10: Ah, a diferença no conceito de realidade entre eles é muito grande, né? No mundo do xadrez as pessoas têm certas atitudes que, como eu comentei, elas não têm no mundo real. Vou dar um exemplo, tinha um maluco lá no clube de xadrez Guanabara que era apaixonado pelo jogo e até jogava relativamente bem, mas que detestava perder. Quando isso acontecia ele derrubava as peças, agredia as pessoas, dava pancada na mesa e dizia “como eu sou burro!”. Era terrivelmente conflitivo ao extremo, a gente já sabia e por esse motivo nós odiávamos ele, né? Quando eu era pequeno uma vez nós estávamos jogando e eu fiz uma manobra que o cara que sempre ganhava dele fazia, como ele sempre caía na mesma coisa eu fui lá e dei essa rasteira também. Ele era tão alucinado e achava que jogava tão bem que sempre jogava a mesma coisa, então invariavelmente ele se esquecia desse golpe e caía. Dessa vez ele caiu de novo contra mim e bateu na mesa gesticulando muito, eu lembro que só fiquei parado e as peças passaram perto de mim [risos]. E esse cara só fazia isso no xadrez, no mundo real ele trabalhava na Petrobrás e não fazia isso porque senão ele sabia que não durava um dia lá, ainda mais ele que se aposentou na Petrobrás. Então as ações que as pessoas tomam no xadrez não são as mesmas que elas tomam no mundo real. Vou te dar outro exemplo, pro cara pagar R\$: 30,00 em uma inscrição de xadrez ele acha caro, mas pra gastar R\$: 150,00 levando a família no cinema com pipoca e tudo não, né? Quer dizer, ele trata o xadrez de uma maneira que ele não trata a vida real, as pessoas têm que entender que o xadrez é um serviço e que elas têm que decidir se querem ou se não querem. Se não quer, não vai! Não pode ficar chorando ou com “nhé, né, né” porque não existe isso, no mundo real não tem. Você não paga R\$: 500,00 e vai na porta do *Rock in Rio* falar “pô, tá muito caro esse ingresso, por que é que aumentou?” ou mesmo vai no *Facebook* reclamar, as pessoas não fazem isso porque elas sabem que este é o mundo real. O xadrez é uma prática muito apaixonante e às vezes também envolve o ego dos jogadores, deixa as pessoas transtornadas. Digamos que o mundo do xadrez é um mundo à parte e que há um Mágico de Oz ali que dialoga com ele na entrada, depois ele fala com a fada e aí vai criando esse mundo dele, entendeu? No mundo dele o outro que



é meu amigo é bom, o outro que não é meu amigo é mau, o outro que joga bem e que joga aquilo que o melhor do mundo joga é bom, já aquele outro que joga o que eu não gosto é o pior do mundo, ele joga mal. Então as pessoas criam um mundo que não é o mundo real, se você fosse considerar nele o que as pessoas fazem nos torneios, né? Isso o que você tá fazendo é Educação, Pedagogia? Eu sempre falo que se você reunir o pessoal todo em um local fechado você vai encontrar todas as patologias que essas mesmas pessoas só mostram no xadrez, o duro é que elas não sabem que essas patologias vão torná-las excluídas. O universo do xadrez aceita essas patologias, ele não trata mas também não exclui esses caras. Se esse cara que eu citei do clube de xadrez começa com todas as atitudes que ele tinha por lá no mundo real então ele seria logo excluído, já no clube ele ficou até... Sabe quando ele morreu? Quando ele atirou um relógio na cabeça do Cristovam que na época era vice-presidente do clube. Ele jogou um relógio na cabeça do cara que era o presidente ou o vice-presidente do clube na época, olha isso! E aí o pessoal começou a falar “ah, vamos expulsar ele!” e eu falei “nós não vamos expulsar porque ele já fez muita coisa ruim, nós vamos fazer é ele sofrer, vamos fazer assembleias eternas por causa dele e, por enquanto, suspendê-lo”. Ele morreu 6 meses depois disso porque não pôde frequentar o clube. É claro que eu não queria matar o cara, mas obviamente eu sabia que ele iria sofrer, talvez ele tenha sido mal punido... Se eu expulsasse também ele iria pro outro clube, e olha que por querer tanto voltar daquela suspensão ele chegou até ao ponto de pedir na rua pelo amor de Deus pra poder voltar. Então você vê que é um mundo totalmente à parte, isso aí eu imagino que não encontre paralelo em lugar algum, talvez só se o cara fosse apaixonado por uma mulher ele iria se submeter àquele tipo de humilhação. Então o xadrez cria uma casca no ego das pessoas que só pelo fato do cara jogar bem ele acha que já sabe tudo da vida. Desses tem milhares, vou citar só um caso estrangeiro – pra não citar os brasileiros – que é o do próprio Kasparov, né? Ele acha que pode fazer tudo mas politicamente é um desastre, empresarialmente é um desastre. Ele é bom, mas no que ele é bom? No xadrez, né? Obviamente nisso ele tem uma imagem, mas aí é mais ou menos como o Pelé tem também. Agora se você quiser tentar explorar a sua imagem pra ganhar dinheiro você vai passar os outros pra trás quando for fazer negócios, você vai tentar ser político e digamos que esse mundo da política é totalmente diferente do que é jogar bem xadrez, ele tem suas sutilezas e suas especificidades. O Kasparov é um bom exemplo de um caso estrangeiro que acha que está em um mundo à parte, né? Como ele

era o melhor do mundo no xadrez ele acha que vai ser o melhor do mundo em tudo, mas digamos que no mundo real a avaliação que ele tem é bem fria.

J: Haveria alguma relação entre todos esses ambientes em que o senhor vivenciou o xadrez e o futuro alcance do título de Grande Mestre?

GM 10: Eu acho que não, talvez só o ambiente familiar por aquilo que eu disse de ter superado o meu pai, essas coisas. Mas digamos que isso não criou uma coisa na minha cabeça pra que eu quisesse jogar profissionalmente ou mesmo me influenciou a querer jogar melhor. Uma coisa que certamente me influenciou foi querer ter ganho do meu pai, qualquer criança quer ganhar do pai e mostrar que é melhor do que ele, né? Isso é da natureza animal e não é nem do homem, pra criar o seu espaço você precisa derrotar o seu pai quando criança. Eu venci ele muito cedo, mas desde aquela época eu já ficava pensando no que eu poderia melhorar, se aquilo que ele falou tinha alguma razão ou se não tinha, então eu começava a fazer essa separação. Digamos também que o clube sim influenciou por tudo o que eu já te falei e pela gama de pessoas que eu conheci lá. Hoje eu vejo que existe uma pressão muito grande principalmente nas crianças, né? Espera-se que elas melhorem não por si próprias, mas por causa de um entorno que acaba empurrando elas: o pai logo arranja um professor, na escola ela vai jogar um torneio pra ser o orgulho dos pais, além de que às vezes o colégio já tem uma bolsa e aí os pais já ficam daquele jeito. Hoje em dia a criança já tem toda uma orientação que na maioria das vezes não é refletida mais tarde, o que eu vejo é todo mundo aí parando de jogar. Hoje existe uma objetividade maior por parte do mundo e das próprias pessoas, há um grande esforço de energia pra criança iniciar e quando ela não dá certo, lá com seus 17 ou 18 anos, acaba parando e não segue jogando, às vezes nunca mais joga.

J: O senhor se recorda de demais momentos e/ou pessoas que tenham sido significativos em sua iniciação?

GM 10: Ah, tem vários momentos e várias pessoas que me ajudaram, e isso principalmente nos clubes. Lá eu fiquei amigo de pessoas que eram muito mais velhas do que eu, então o clube me influenciou tanto em aprender xadrez como amadurecer mais rápido. Pra isso tiveram várias pessoas como o próprio Cristovam que era um cara que entendia muito de xadrez e sempre tinha coisas interessantes pra me mostrar, né? Mas aí foram várias e várias pessoas, naquela época eu não tinha especificamente uma pessoa, mas várias delas. Cada um tinha um pouco a me oferecer, seja com alguma dica

ou informação. Por exemplo, eu lembro de discutir várias vezes alguns conceitos com o Hilton que hoje é Mestre FIDE, então várias pessoas contribuíram de forma mais geral, não era ninguém em específico. Esse período de 2 anos que eu estive com Bronstein foi o mais próximo que eu estive de alguém lá, a gente sempre se via, analisava, jogava *ping* sobre determinadas posições e também alguns *matches*, já com os outros eram coisas pontuais. Mas foram todos muito importantes, cada um com algo em específico.

J: O senhor gosta de xadrez?

GM 10: Hoje eu gosto, mas não dava muita bola quando mais novo porque era algo que eu fazia com relativa facilidade. Eu comecei realmente a gostar de jogar xadrez – gostar mesmo – quando eu fui presidente da CBX pela primeira vez, organizar tudo naquela época que eu jogava era muito difícil, hoje em dia tá mais simples mas porque já foram anos de processo. Eu percebi que o xadrez tava muito mal e que eu precisava ajudar, algumas coisas pra mim eram óbvias porque eu já tinha morado e viajado bastante pro exterior. Lá fora era outro mundo e aqui nós estávamos na pré-história, né? Então eu achava que tinha capacidade e resolvi fazer, e isso mesmo com o prejuízo de várias coisas como, inclusive, jogar menos. Mas digamos que jogar xadrez era um momento em que eu me via fora dos problemas, eu comecei a gostar de jogar porque o xadrez começou a ser um refúgio prazeroso pra mim e não só simplesmente um jogo. Eu diria que hoje em dia eu gosto, só não jogo mais porque eu não tenho tempo e às vezes porque me atrapalha em certas situações, então só jogo quando dá. Essa foi a primeira vez que eu passei realmente a gostar de xadrez, antes eu não dava o menor valor... Acho que “o menor valor” não seria o termo, digamos que era uma coisa que eu gostava mas que eu também gostava muito mais de jogar futebol ou tênis do que xadrez, por exemplo. Se eu pudesse ter uma opção do que é que eu preferia fazer, então eu preferia muito mais jogar estes últimos.

J: Além do xadrez e daquelas já mencionadas o senhor praticava outras atividades esportivas e/ou culturais?

GM 10: Eu sempre fiz muito esporte e sempre joguei muito futebol no Clube Naval, inclusive uma vez quase fui jogar bola profissionalmente, mas mais uma vez o meu pai não deixou. Eu jogava muito bem futebol e jogo até hoje, mas não sou o melhor enxadrista jogando bola [risos]. Obviamente eu nem jogo mais hoje em dia, mas eu lembro de uma vez que nós jogamos o Campeonato Brasileiro lá em 1981 e o pessoal

amador lá do clube decidiu jogar uma pelada na praia. Fomos eu, o James Mann... Não, foi o Charles Mann que é o irmão do James, o Hermes e alguns outros lá, eu lembro que eu dei um drible no Charles Mann que ele até quebrou o braço, não tinha noção nenhuma de futebol o coitado. Mesmo hoje em dia o pessoal que joga xadrez e joga bola é totalmente tosco, o melhor é o Granda que ainda assim é um desastre total, o cara é fortinho e só corre e chuta a bola pra frente, mas futebol é outra coisa [risos]. Já o tênis é uma paixão antiga que eu aprendi na época que estava em Curitiba, eu jogava *squash* também desde quando morava no Rio. Em ambos eu não era muito bom, mas eu tinha um círculo de amizade ali que foi além de quando eu parei de jogar, então era muito gostoso. Eu lembro que nas partidas de futebol que eu jogava às vezes os caras esperavam acabar o jogo pra gente jogar uma partidinha de xadrez, né? Hoje se joga em grama, mas na época eu ia todo suado porque a gente jogava no barro. Então eu sempre gostei mais de outros esportes, sempre fiz outros esportes. Culturalmente não, até essa época que eu comecei a gostar de xadrez eu não gostava de ler livros. Eu gosto muito de História, dela eu sempre gostei muito. Eu lia muito mas eram coisas curtas, mais tarde eu até levava alguns livros entre as viagens e aí desenvolvi um pouco mais isso, mas a verdade é que a cultura em geral nunca me interessou muito. Hoje eu gosto muito de ler sobre atualidades e essas coisas, além de alguns livros de História.

J: E atualmente, quais atividades persistem?

GM 10: O futebol eu tive que parar por causa da minha hérnia, quase morri de apêndice. A minha sorte é que a prática de esportes vem de muito tempo, então eu sempre fui muito forte fisicamente e tive uma resistência muito grande. Eu me lembro que chegava a ganhar os torneios de *blitz* apesar das noites viradas de viagem, mas isso também porque eu sempre tive muita estamina, né? Eu acho que ela é importante pro xadrez, o cara precisa ter estamina. Bom, tudo o que é bom também é ruim por outro lado, então nesse problema que eu tive o apêndice ficou escondido, fiquei de 3 dias a 4 dias com uma crise de apêndice até ir pro hospital. Chegando lá ele explodiu e eu só não morri por uma questão de 5 minutos, um amigo meu foi comigo e chamou o diretor do hospital dizendo “olha, conversa lá...”. E aí você vê a diferença de tudo na vida, né? Então assim como no xadrez nós temos uma diferença entre um Grande Mestre, um Mestre e um capivara, era possível perceber que, naquela ocasião, era lógico que quem me atendia no hospital de emergência era um capivara, já o meu amigo era um Grande Mestre e o diretor do hospital também. O cara olhou, viu os meus exames e percebeu

que todos estavam no limite, parece que se tem uma diferença de  $-0,5^\circ$  entre a temperatura do reto e a temperatura aqui debaixo então ela indica que há uma infecção no estômago. A minha tava  $-0,4^\circ$  ou coisa assim – eu não me lembro do número exato, mas era próximo disso – e ele não se apresentava, o meu apêndice tava escondido. Enfim, nisso o cara olhou e me encaminhou imediatamente pra mesa de operação, eu me lembro do cara falando “tem alguém que vai ser operado agora?” e o médico respondeu “se ele não for ele vai morrer agora!”. Eu tenho um corte daqui até lá embaixo, o médico disse que se demorássemos 5 minutos a mais o apêndice já teria estourado e entrado na corrente sanguínea. Enfim, isso aí me gerou uma hérnia e então eu parei de jogar futebol e de fazer esporte, pra conseguir fazer isso hoje eu teria que operar de novo e ficar um tempo em repouso. Bom, aí o esporte sumiu da minha vida de vez, né? Às vezes eu vou caminhar, embora eu entenda que faz parte isso é realmente uma coisa que eu sinto muita falta. A minha única relação com o futebol hoje é ficar chutando bola com o meu filho lá no *playground* [risos].

J: A escolha pelos seus cursos universitários teve alguma relação com o xadrez?

GM 10: Nenhuma, eu fiz Economia porque gostava e ainda gosto, assim como gosto muito de História. Já a Computação eu acho que tem mais a ver com o xadrez porque principalmente as partes de programação e de análise te exigem muito raciocínio lógico, nelas você necessita estruturar o pensamento. Existe um termo na área que se chama “programação estruturada” que significa todo esse processo de estruturar o que você pensa. Então no começo do curso eu gostava muito porque o xadrez me dava uma visão estratégica que os outros caras não tinham.

J: Assim como o senhor, vários outros Grandes Mestres nasceram ou residiram por algum tempo em Curitiba. Como se deu a sua escolha por viver naquela cidade à época?

GM 10: Eu fui pra Curitiba porque, além das meninas bonitas, o xadrez era bem desenvolvido lá e no sul do país em geral. Curitiba era uma capital considerada modelo pro xadrez na época, aí eu tive uma oportunidade de comprar um apartamento lá e comprei, né? Então um dos fatores que pesou nessa decisão foi que no sul do país o xadrez já tava de certa forma desenvolvido, e digamos que isso era interessante pra mim. Eu poderia ir pra São Paulo mas eu nunca gostei daquela cidade, acho até que é a pior cidade do mundo porque tem muita poluição, é toda cinza, né? Eu odeio isso, lembro que lá o xadrez ficava sempre em uns hotéis ruins na altura do Ipiranga, todo

aquele ambiente ali é muito ruim. Já Curitiba é uma maravilha e por isso eu comprei esse apartamento, lá eu corria... É uma cidade de uma ingenuidade tremenda porque imagina que uma vez eu tava sem dinheiro, acho que tinha só uma moeda de R\$: 0,10 no bolso, né? Quando eu fui buscar o carro eu dei isso pro cara e ele falou “obrigado, senhor!”, se eu faço isso no Rio o cara pega essa moeda e me atira na cara ou até quebra o vidro, mas lá o cara me agradece! Então era outro mundo, ali era como se fosse uma “Disneilândia” pra mim, né? Lá eu convivia mais com o GM 7 e um pouco com o GM 5, mas não era muito porque como eu ia no clube de xadrez de lá então eu tinha um *background*, convivia mais com eles. O clube de lá não é igual o clube daqui, digamos que lá eles começaram a vivenciar o que o clube daqui tá vivendo agora que é o esvaziamento. Lá já era assim, as pessoas já não iam mais e então o clube deixou de ser um centro polarizador e irradiador de cultura. Mesmo assim eu sempre frequentava lá e acabei ficando mais amigo do pessoal todo como o Augusto, o Ernesto, o Disconzi... Mantive o mesmo tipo de contato eclético com uma gama de jogadores de idades diferentes como o Disconzi que era mais novo, o Justo que era mais velho e por aí vai. Digamos que o clube era uma maneira que eu tinha pra me relacionar lá, esse acabou sendo o mesmo pessoal que me incentivava a jogar, essas coisas.

J: O senhor se considera um profissional?

GM 10: Ah, isso não porque sinceramente eu não via o fato de jogar como uma fonte de renda, na verdade receber pra jogar esses torneios como Jogos Abertos era uma maneira muito fácil de ganhar dinheiro pra mim, né? Eu tinha uma renda mas digamos que eu não considerava aquilo como um salário pelo qual eu trabalhava todo dia e prestava um serviço. Na verdade eu não fazia um serviço por aquilo, eu só recebia pra poder jogar uma competição ali, então eu não via aquilo como um salário. Eu acho que seria um salário se eu dedicasse o meu mês pra receber aquela quantia, mas na verdade aquele era só um torneio muito importante pelo qual me pagavam dentro de uma série de torneios que eu jogava. O meu trabalho não era aquele, eu não o associava com isso e considero até que ganhava aquilo quase de graça.

J: Considerando as suas experiências fora do país, quais semelhanças ou diferenças o senhor pôde notar entre o contexto enxadrístico brasileiro e aquele vivenciado no exterior?

GM 10: Ah, é difícil porque atualmente o cenário é realmente muito rico lá fora, já quanto às diferenças tem bastante, né? Talvez uma das coisas mais importantes seja a falta de sintonia que a gente tem aqui entre o meio do xadrez e as autoridades públicas, lá fora você vê que isso é muito forte. Eu acho até que é o principal diferencial entre esses dois contextos porque pra qualquer lado que você for aqui você vai notar que não existe uma interação. Apoio tem e não me vem dizer que não tem apoio porque de vez em quando sempre sai um dinheiro pra isso ou pra aquilo, o que não existe é a interação que a falta de políticas públicas nos causa. Outro fator importante é que lá fora eles reconhecem o xadrez como um esporte, e isso mesmo quando não tem dinheiro. Por exemplo, na Argentina o xadrez é membro do Comitê Olímpico enquanto que aqui nós somos apenas uma instituição vinculada, então essa é outra diferença importante também. Já no nível de competições hoje nós temos muitas aqui, o que acontece é que grande parte dos enxadristas não se dedica ao xadrez como deveria e quase sempre coloca a culpa em algo que não seja ele próprio. Isso você não vê nos jogadores lá fora, no Peru desde criança o próprio garoto se dedica ao xadrez de alguma forma, por exemplo. Eu me lembro que uma vez tava em um desses torneios Pan-Americanos e chegou uma mãe que pediu pro garoto recitar uma poesia pra gente, né? Nisso eu falei “olha, ele tá se dedicando à poesia, que legal!” e aí ela falou “ah é, ele não tá mais se dedicando ao xadrez mas tá fazendo outras coisas, ele só tá participando desse torneio pra que lá aos 18 anos, de alguma forma, essa experiência o ajude”. Na sequência eu perguntei “que legal, mas ele tá estudando xadrez?” e ela respondeu “ah, ele tá estudando por volta de 2 horas por dia” que é o que o garoto daqui que estuda faz, entendeu? Aí você vê a diferença na dedicação, então eu diria que essas duas coisas são as mais gritantes pra mim: a falta de políticas públicas e a questão da falta de dedicação de alguns brasileiros. E de novo, não é falta de apoio porque, como eu te falei, sempre tem uns apoios pontuais como, por exemplo, quando um vereador ou uma prefeitura patrocinam um jogador. Isso é diferente de quando a gente vai pra Olimpíada porque aí não existe um real interesse, né? O que eu vejo hoje em dia é que geralmente os jovens têm um salto muito grande no xadrez dos 15 aos 19 anos, o que reflete em várias das nossas conquistas no Sub-18 e no Juvenil. Já dos 16 aos 18 anos quem ganha são os peruanos porque se dedicam mais, isso com exceção de alguns brasileiros que passam eles com muito talento e dedicação.

J: O senhor comentou que há pouco tempo a estrutura do xadrez brasileiro possuía contornos amadores. Nesse sentido, quais foram as suas principais mudanças ao longo deste período?

GM 10: Ah, não tem nem comparação! Melhorou muito, hoje em dia a gente tem várias camadas que antes não existiam como, por exemplo, a camada de treinadores, a camada de árbitros, a camada de organizadores, enfim. Todos esses elos hoje estão preenchidos, alguns estão piores ou melhores do que outros mas estão. Além disso hoje existe toda uma estrutura, um calendário e tudo isso sem incentivos públicos, é tudo privado, né? Felizmente eu acho isso muito positivo porque prioriza a visão dos torneios como empreendimentos, o que aqui ainda é visto como uma coisa absurda. O povo reclama porque o cara tá ganhando dinheiro com o xadrez como se isso fosse errado, só que esquecem que o cara tem que ganhar dinheiro mesmo porque ele também tem toda uma estrutura por trás. Hoje já existem algumas iniciativas como o torneio lá de Florianópolis, tem também o GM 2 que depois de fazer 200 torneios errados tá fazendo 1 certo, né? Agora que ele acertou é que tá ganhando o dinheirinho dele, assim como o pessoal de Floripa também tá, lá no nordeste também tem um pessoal... É disso que o xadrez precisa! Também precisamos ter tradutores – já tem alguns mas ainda são muito incipientes – e precisa ter também material, né? Um exemplo é a Consciência do Xadrez que tem um galpãozinho em São Paulo, mesmo no dia que eles pararam por passar uns problemas lá eles tinham uma fabricação mínima de material. Fora eles tem o pessoal do sul, o pessoal do Paraná... Então é assim, todo mundo participa um pouquinho dessa cadeia até que cada vez mais nós tenhamos premiações maiores, essas coisas.

J: Nos últimos anos as Finais do Campeonato Brasileiro contaram com históricas transmissões em tempo real, além de diversas outras iniciativas que parecem delinear uma tendência de espetacularização do xadrez. Como o senhor percebe esse processo?

GM 10: Essa é uma luta grande e antiga na nossa modalidade, mas a verdade é que a *internet* tem sido uma grande parceira do xadrez, ao contrário da televisão. E isso não é nem por nada, mas porque realmente não é na televisão que o nosso público aprecia xadrez. Uma vez nós até tentamos criar um modelo de programa aqui, eu mesmo já vi vários lá fora mas acho que nenhum se aplicaria na nossa realidade. Quando a minha irmã tava fazendo doutorado no *Imperial College London* eu fiquei lá na casa dela assistindo o *match* entre Kasparov e Short, eles transmitiram em um programa de



televisão lá de Londres e eu me lembro que não aguentava ver 5 minutos, era só o cara pensando ali! Já a transmissão pela *internet* permite o *chat*, permite que você possa abrir outra janela pra trabalhar no seu *e-mail* enquanto tá vendo aquilo, permite que a pessoa saia, se levante e volte. Todo esse ambiente interativo faz com que o xadrez se aproxime dessa linguagem da *internet* e por meio dela se verbalize. Aos poucos estamos conseguindo gerar renda com isso por intermédio de estratégias como os anúncios de patrocínio, por exemplo. Quando a *internet* for uma realidade total e superar a televisão como veículo de informação, então o xadrez vai ser um dos grandes beneficiados. É nesse sentido que iniciamos as transmissões ao vivo dos nossos eventos e torneios. Eu sou presidente de uma entidade que se chama Associação Brasileira de Esportes Intelectuais (ABRESPI), nela já temos vários movimentos como aquele que a gente conseguiu pra regularização do pôquer no mundo, o auxílio na criação da Olimpíada dos Esportes da Mente, dentre outros. Inclusive, ao invés de ser uma grande concorrente das Olimpíadas comuns, o que aconteceu foi que essa última foi bastante cortejada pelo Comitê Olímpico Internacional, né? Um estudo feito pela agência de *marketing* da FIFA apontou que esses jogos superariam as Olimpíadas de Inverno em termos de espectadores. Na China, por exemplo, os jogadores desses esportes da mente já são federados, são modalidades que têm uma audiência enorme e que envolvem o mercado e uma forma de transmissão bem específica que é a *internet*. A primeira edição desses jogos foi realizada em 2008 lá em Pequim, a ideia era acompanhar na *shadow* a Olimpíada, isto é, ir na sombra do ano de 2012 que teve a Olimpíada lá em Londres. Criaram também o *The World Mind Sports Games (WMSG)*, mas esse esbarrou na oferta, é aquela história: quando você já come camarão e te dão mais camarão, então você já não quer mais comer isso, entendeu? Sendo um dos esportes da mente, o xadrez vai indo pelo mesmo caminho e se beneficiando da *internet* como ferramenta importantíssima pra sua divulgação. Foi pensando nisso que em 2014 nós começamos a transmitir as Finais do Campeonato Brasileiro, a primeira edição eu fiz com o *Livestream* e com a imagem dos jogadores, a segunda eu fiz com o *Play Chess* e agora eu tô fazendo com a própria plataforma *DGT*. A gente até importou um lote grande de tabuleiros *DGT* mas eu errei nos cálculos do tempo de chegada da importação, dessa vez a gente teve que se virar na tecnologia por conta dessa falha que eu tive. Digamos que essa foi a pior transmissão em termos de profissionalismo e mesmo assim a gente tá percebendo que cada vez mais o nosso público tá acompanhando, então aos pouquinhos a gente vai fazendo melhor essa transmissão. Na primeira vez eu lembro que fiz um

estúdio pequeno, na segunda vez eu fiz um estúdio com o *Play Chess* – o problema é que essa plataforma não é tão *user friendly* como as outras, né? – e dessa última vez que tá acontecendo agora a gente tá percebendo que finalmente as pessoas estão começando a saber que o Campeonato Brasileiro é transmitido. É claro que também reclamaram, houve reclamações sobre os horários das partidas e vários outros detalhes que são claramente coisas de enxadristas. Em 2002 o cara assistia a Copa do Mundo às 3 horas da manhã e não achava ruim, agora ter partida às 9 horas da manhã não pode porque é xadrez, né? Isso entra naquelas coisas que eu te falei que o cara não reclama no mundo real. Dessa vez a Final do Campeonato Brasileiro foi transmitida pelo *Chess 24*, *Chessbase*, *Play Chess*, *Follow Chess* e vários outros *sites*, todos eles espontaneamente pediram permissão pra fazer um *link* direto com as informações do torneio. Isso permitiu com que expandisse demais a nossa audiência, a primeira transmissão – que foi de propósito porque eu não anunciei, só fiz ela na hora – contou com mais de 2 mil usuários diferentes assistindo o torneio no mundo todo, oscilávamos entre 1 mil e 2 mil usuários por rodada. Em uma delas nós tivemos mais audiência do que o amistoso entre Vasco e Flamengo que estava sendo jogado em Manaus, lá havia cerca de 1500 espectadores enquanto a gente tinha mais ou menos 2200 pessoas nos assistindo. Naquele dia nós superamos a audiência de 2 dos principais times de futebol do Brasil, com isso a gente vai começando a ter números pra poder mostrar, né? Tem uma outra barreira que se relaciona ao ego do enxadrista e que o impede de ser um fã, no xadrez às vezes o cara torce pros dois jogadores perderem, né? Já se você olhar esses jogos de criança como o *League of Legends (LOL)* ou outros que hoje têm esses campeonatos, você vai perceber que as pessoas realmente vão lá pra torcer. E olha que a transmissão do xadrez está igual a do *LOL*, você tá assistindo essa Final do Campeonato Brasileiro no *Facebook*? É exatamente igual, nós temos o tabuleiro e temos alguém explicando o jogo para que os leigos também o entendam. É igual o meu filho faz comigo me explicando que nesses jogos o cara vai por aqui e por ali criando suas estratégias. No xadrez é o mesmo, você vai explicando que quem tem o *rating* maior teoricamente é o melhor, o futebol americano faz o mesmo e por aí vai, todos eles têm estratégias pra fazer com que as pessoas possam aprender sua dinâmica de jogo, quando você aprende eles ficam legais. É o mesmo com o xadrez, é difícil gostar dele se você só ouvir alguém falando “o cavalo foi pra cá ou foi pra lá”, já quando você entende o que isso significa então tudo muda. Outra reclamação que surgiu a partir dessas transmissões foi sobre o espaço pequeno em que o torneio é disputado, uma vez que esse é o caso do nosso clube

de xadrez daqui, né? Certa vez eu joguei um torneio com o GM 11 em Guarulhos que era um quadradinho mínimo, você não tinha nem como sair do hotel porque se você saísse era assaltado [risos]. Aquilo era um hotel de 3 estrelas, a sala de jogos era fechada, não tinha janela e mesmo assim não era ruim, entendeu? Outro exemplo é o GM 3 que recentemente reclamou dos Jogos Abertos, ele disputou esse torneio por 30 anos e só agora notou que as cadeiras são de plástico? Então isso nos atrapalha e atrapalha até as negociações com patrocinadores, eu lembro que uma vez um deles já estava encaminhado e no outro dia o cara falou pra mim “eu é que não dou dinheiro pra esse cara, olha só o que ele tá escrevendo!”. Então o enxadrista tem que entender que as condições estão crescendo e que só depende dele que elas vinguem, infelizmente o que a gente vê hoje é que ele próprio faz sua autocombustão, atira em si mesmo. Pra ultrapassar essa barreira os futuros enxadristas vão ter que ter um nível de inteligência maior do que os atuais em sua relação com o mundo. Não só com os pares, mas com o mundo: quando ele agride o mundo, o mundo também o agride.

J: Considerando ainda essa lógica, como o senhor acredita que mais pessoas possam conhecer o xadrez e, possivelmente, tornarem-se futuros consumidores da modalidade?

GM 10: Boa pergunta, pra haver consumidores primeiro você tem que educá-los e, pra isso, só existem dois caminhos: o xadrez na escola e o xadrez social. O enxadrista tem que entender que não adianta ficar bravo com a sociedade porque ela não o reconhece, como ela vai dar valor ao xadrez e a eles se ela não é ensinada a isso? A sociedade tem que saber xadrez, as crianças têm que aprender na escola e aí não para serem campeões, mas pra entenderem aquele jogo, usufruir de seus benefícios e gostarem de jogar de vez em quando. Só quando atingirmos uma massa grande de pessoas é que poderemos formar consumidores, é mais ou menos como funciona com os jornais: eles querem que as pessoas os leiam, mas alguém pode tanto escolher comprar esse jornal ou ler as notícias pelo *site*. Não adianta cada um ficar na sua e achar que o xadrez tem que ser bom pra todos aceitando essa situação que muitos não o conhecem. Um exemplo disso foram as criações de canais de *Youtube* por nós e pelos outros jogadores ou entidades que, logo após, também os criaram, essa é uma maneira de apresentar números pra sociedade, isso é importante. Nessa disseminação eu vejo esses dois principais caminhos: o primeiro deles é o xadrez nas escolas que está lá por causa dos seus benefícios e o outro seria o xadrez nos projetos sociais que têm uma capacidade de massificação muito maior do que as escolas porque eles atuam justamente explorando o

contraturno delas. Aqui a gente já vê isso em vários estados como, por exemplo, no Espírito Santo. Embora lá nós já tenhamos algumas iniciativas, acredito que onde tiver espaço nós temos que mostrar pra sociedade que o xadrez é bom. Se mais pessoas difundirem e adotarem essa prática, então mais jogadores vão ser reconhecidos pela sociedade, o que só é possível se o cara, antes, conhecer o xadrez. É claro que se um enxadrista ganhar um Campeonato Mundial forte também ajudaria, né?

J: Neste sentido, quais são as principais iniciativas que a nossa confederação tem desenvolvido nestas duas principais vias de massificação da prática: a escolar e a social?

GM 10: Por várias vezes a gente vem tentando implementar um projeto federal mas que vai e volta, inclusive essa falta de oportunidade pra projetos é um grande problema no nosso país, além do fato de que as pessoas os utilizam mal quando são aprovados. Então de novo a gente tá tentando um projeto no MEC, algumas vezes ele até saiu mas as condições financeiras não eram as ideais, enfim. Já na área de projetos sociais a gente tem alguns deles em vários estados, inclusive já recebemos algumas premiações importantes sobre alguns que atuavam na inserção do xadrez nos presídios. Estes já começaram em alguns estados mas estão interrompidos até que essa série de atentados aos presídios que nós tivemos se acalme, estamos aguardando tudo voltar ao normal. O país sofre muito especificamente com a descontinuidade das ações no xadrez, a gente tá tentando melhorar nisso. Um exemplo são os lançamentos dos nossos congressos científicos, inclusive você participou do último, né? A gente fez esse primeiro congresso e vai fazer o segundo em novembro aqui no Rio, dessa vez pra quem participou do primeiro esse segundo será gratuito porque vocês todos se tornaram membros daquela sociedade que a gente anunciou lá. Além disso a gente criou essa sociedade justamente pra divulgar os estudos, ela ainda tá tímida mas a gente vai melhorar, acredito que de alguma maneira a gente vai se tornando maior e pouco a pouco, assim como fizemos com as Finais dos Campeonatos Brasileiros. Existe muito “achismo” na área acadêmica do xadrez, então a gente tá tentando melhorar essa parte porque isso é algo que prejudica um pouco essa nossa tentativa de se profissionalizar. E isso principalmente nas escolas, né? Elas precisam contar com pessoas capacitadas para o xadrez pedagógico justamente pra não dar abertura aos leigos que, embora sejam bons jogadores de xadrez, não dominam esses conhecimentos. Tem vários problemas que a gente já tá correndo atrás e sanando, o que eu acho importante é que, digamos, já existe um grupo de pessoas que tá se dedicando a essa área. E aí são vários, né? Então isso já

gera certo reconhecimento da sociedade em relação aos projetos de xadrez, o grande problema é conseguir – e é isso que o congresso tá tentando – criar uma identidade única em que a gente possa falar como um só. Por exemplo, para que você possa falar de Ribeirão Preto e para que exista uma conexão entre você e quem queira falar de outras partes do país também, algo que a pessoa possa dar um *Google* e falar “puxa, existe um trabalho que o cara tá falando sobre isso”, né? Eu acredito que aí esteja o conhecimento.

J: Sendo presidente da Confederação Brasileira de Xadrez (CBX) e da Associação Brasileira de Esportes Intelectuais (ABRESPI), como o senhor tem percebido essa disputa sobre a definição do xadrez como esporte?

GM 10: A criação da Associação Brasileira de Esportes Intelectuais (ABRESPI) vem justamente em alternativa a essa dificuldade, na verdade esse é um movimento mundial que visa aproximar o *status* dos esportes intelectuais àquele que os outros esportes já têm, principalmente tendo a visibilidade da Olimpíada. Como presidente da nossa confederação eu me lembro que lá atrás, ainda no meu primeiro mandato, eu tive uma discussão – no bom sentido da palavra – com o presidente da Confederação Brasileira de Hipismo (CBH). O cara tava revoltado porque o xadrez era esporte aqui e eu falava “pô, mas na equitação o cavalo é que faz o exercício físico!”, então tivemos toda aquela conversa. Na vela gasta-se um dinheiro pra trazer barcos que são de alguns milionários pra cá e ali a gente tava criando caso por causa do xadrez? A raiva por parte de muitas modalidades com a gente é por não estarem nas Olimpíadas, então elas sofrem *bullying* de esportes que são mais esportes do que elas. Acham que o jogador de xadrez não dispende muita energia durante a partida, não se esforça fisicamente, né? Então foi nesse sentido que nós criamos a ABRESPI. Hoje em dia a gente enfrenta menos preconceito graças ao trabalho da nossa organização, como a gente sofre bastante no Comitê Olímpico Brasileiro (COB) nós temos que ser excelentes em tudo pra justificar estar ali. No entanto nós estamos fazendo isso muito bem, somos vistos e está sendo avisado aos outros que nós somos a confederação mais organizada entre todas elas. Depois que assumimos o JEB's, por exemplo, a nossa confederação é aquela que, de forma mais rápida e organizada, faz a entrega dos resultados, a conferência dos RG's, a divulgação completa das partidas no *Chess-Results* e isso tudo no próprio dia da competição, então eles notam e falam que nenhum esporte faz isso. Mas é aquela coisa, a nossa limitação nos obriga a ser excelentes em outros ramos, né? Então aos poucos

esse preconceito vai caindo por causa disso e a gente vai tendo outra relação lá dentro, agora eles pensam “pô, esses caras não são da nossa turma e fazem melhor que a gente?”. Ter esse respeito é importante porque mesmo dentro do esporte tem outros esportes que estão começando a surgir, vez ou outra ainda tentam tirar a gente e só estamos conseguindo sofrer menos porque estamos interagindo melhor com o sistema. Ainda sofremos muito lá, mas já sofremos muito mais e hoje sofremos menos porque o xadrez e o pôquer têm sido os esportes da mente com maior força e visibilidade. *Go* só é popular na China, aqui no Brasil é absolutamente um zero à esquerda assim como o *bridge*, a verdade é que depois do pôquer o *bridge* praticamente desapareceu.

J: Quer dizer então que no universo esportivo há modalidades que são menos esporte?

GM 10: Ah sim, e isso tudo se deve ao fato de que não acham que estamos gastando energia física. O xadrez exige tanta habilidade como o que é exigido do cara que dirige no automobilismo, o enxadrista fica tão cansado como o piloto fica ou tão quebrado como você fica depois de fazer uma prova de 6 horas seguidas, né? O xadrez e as outras modalidades encontram discriminação por não possuírem movimento, já no automobilismo eles consideram que o carro está andando mas que tem alguém dentro dele que está mexendo o volante. Dentro desse imaginário seria a mesma coisa com o hipismo e com a vela, fisicamente tem alguém que não se mexe e está sentado guiando o cavalo ou o barco, mas considera-se que o que eles estão conduzindo se mexe. Talvez tivéssemos menos problemas se no xadrez a gente fizesse um lance e fosse o tabuleiro que saísse andando [risos].

J: O senhor considera a sua trajetória bem-sucedida?

GM 10: Pra mim tá ótimo ser Grande Mestre, eu diria que isso é ser bem-sucedido, né? Em relação ao que eu queria ser eu já não quero ser mais, agora eu sei que não vou ser mais Campeão do Mundo [risos]. Acho que eu atingi o meu máximo no xadrez, ganhar alguns Brasileiros e Zonais já não é algo tão importante pra mim como o fato de ser Grande Mestre. Então eu diria que sim, acho que atingi o meu máximo e fiz o possível dentro do xadrez. Atribuo isso um pouco ao meu talento e um pouco a essa capacidade de fazer relações entre as análises, eu compreendi aquilo que o meu pai me ensinou sobre o final de rei e torre contra rei e isso ficou na minha cabeça. Entender que as peças precisam estar relacionadas é aquela mesma visão que me ajudou no curso de

Computação. Eu tinha também o talento natural pra ver algumas coisas dentro da partida, mas principalmente eu entendia e tinha essa capacidade de relacionar as peças.

J: E que influência esse talento teve ao longo da sua trajetória?

GM 10: Eu acho que o talento é cerca de 60% a 70% da minha trajetória, talvez até um pouco mais se você considerar que ele seja parte daquilo que eu falei sobre a capacidade de fazer relações. Foi por isso que eu falei que readaptava alguns conceitos básicos na minha cabeça de acordo com a maneira que eu me lembrava deles. Por exemplo, conhecer e entender como o GM 6 pensa é algo que me facilita a ganhar dele, entendeu? Talento pra mim seria essa facilidade de fazer as coisas sem precisar ter tanto conhecimento sobre elas, no xadrez seria mais ou menos obter os resultados sem saber ou estudar bem determinadas posições, por exemplo. Sem dúvida eu vejo que sem esse talento também é possível obter certo sucesso, eu não vou citar nomes mas vejo pessoas com talento reduzido chegando a ser Grande Mestre. Às vezes tem gente que até com talento nenhum chega a 2400 pontos e se torna Mestre Internacional, né? E isso com talento nenhum, mesmo. No xadrez você pode atingir patamares relativamente altos com algum estudo e esforço, e diga-se de passagem que assim é até mais meritório do que a forma como aqueles que não têm o mesmo esforço obtêm as mesmas conquistas. Faço questão de enfatizar isso porque eu acho que as pessoas têm uma visão equivocada sobre isso, elas relacionam aqueles que têm talento como sendo os mesmos que têm o maior mérito mas, na verdade, é o contrário. Tem mais mérito justamente quem não tem talento e mesmo assim chega ao topo, e isso justamente porque estes só têm o esforço como meio pra chegar até lá. Isso é claro, né? Não ter talento pra algo e conseguir o topo disso é muito mais meritório do que ter talento e atingir esse mesmo patamar.

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 10: É... Eu acho que nada, a gente evolui muito como pessoa, né? Digamos que eu nunca tive uma ilusão quanto a ser um campeão no xadrez, então eu não tive nem a realização e nem a quebra de um sonho. Pelo contrário, eu só comecei a gostar de xadrez mais velho, nessa época também eu entendia mais de xadrez e qualquer tempinho que eu tinha pra jogar significava uma fuga dos problemas. Eu não sei, mas acho que sou mais ou menos o que eu era e não mudei muito em relação a como eu jogo. O xadrez pra mim nada mais foi do que uma herança do meu pai, o que eu fiz foi dar continuidade a ela e ir bem nos clubes mais tarde. Eu fazia aquilo com certo prazer

mas principalmente porque era alguma coisa com a qual eu tinha muita facilidade, parecia até que eu já tava encaminhado pra isso. Mas eu mesmo não mudei tanto, continuo resolvendo os problemas da mesma maneira com que eu resolvia quando era criança, o que o xadrez fez foi me ajudar a relacionar as coisas que eu aprendia nele com o dia a dia. Acho que nem eu e nem o meu xadrez mudamos muito, eu vejo isso pelas características do meu pai que sempre foi uma pessoa que lutou muito. Lutou no sentido de que era alguém que batalhava por coisas que não precisavam, assim como eu. Eu poderia ter uma vida mais fácil mas eu preferi fazer como o meu pai fazia, ele também foi um líder e teve que lutar contra milhões de situações, então hoje eu me vejo tomando mais ou menos as mesmas decisões que ele tomava com base nas mesmas coisas. O diferencial do meu pai é que ele era engenheiro, já eu tenho uma maneira de raciocinar que é um pouco diferente, né? Quando eu era criança eu brigava pelos meus amigos e, por exemplo, mesmo hoje eu tomo as decisões mais ou menos com a mesma base.

J: E atualmente, o que o xadrez representa pro senhor?

GM 10: Hoje em dia o xadrez é praticamente tudo pra mim porque eu ganho dinheiro com isso, faço eventos com ele, tenho uma fábrica e ocupo uns cargos lá fora pelos quais eu sou remunerado. Hoje ele representa uma profissão pra mim, diferente de quando era uma atividade prazerosa que eu fazia com certa facilidade quando jogava.

J: Quais são as suas principais conquistas como jogador?

GM 10: Deixa eu ver, as minhas principais conquistas... Bom, eu acho que sou recordista em idas a Campeonatos Brasileiros, Sul-Americanos e Mundiais, além disso eu ganhei alguns Zonais e já me classifiquei pro Continental. Mas conquista mesmo foi quando aquele *site* me considerou como um dos melhores do mundo, ele é o mesmo que já apontou o Anand e o Svidler que já foi Campeão Russo, né? Conquista pra mim é ser reconhecido por pessoas de fora do xadrez que não teriam necessidade de me conhecer ou mesmo de me reconhecer. Eu me lembro de uma vez que joguei com o Svidler e não pude me preparar porque cheguei no dia anterior e não conseguia dormir por causa do fuso horário. Nessa ocasião eu encontrei o Mareco, ele me perguntou o que eu iria jogar e eu falei que não tinha preparado nada, nisso eu abro o *e-mail* e vejo uma variante que decido jogar. Na partida eu quase ganhei do Svidler que, por sua vez, havia ganho essa edição da Copa do Mundo. Depois do torneio ele escreveu pra *New in Chess* dizendo



que o nosso *match* havia sido o mais difícil, tem uma página inteira sobre mim escrita por ele. Pô, ele escreveu uma página na *New in Chess* sobre mim tendo acabado de ganhar a Copa do Mundo! Pra mim esse tipo de conquista é muito maior do que ganhar um Campeonato Brasileiro, digamos que a expressão gratuita da admiração pelo seu talento por alguém que ganhou uma Copa do Mundo seja algo que não tenha preço, né? Eu não tenho interesse nenhum nisso, mas vejo que hoje esse tipo de conquista é como se fosse um troféu pra mim. Quando eu me mudei pra Curitiba e saí da casa dos meus pais eu joguei todos os meus troféus no lixo, hoje o que eu tenho não representa as grandes maravilhas do que já conquistei e só tenho alguns por causa do meu filho. Quando eu trago alguns troféus o meu filho fica todo orgulhoso, é ele que coloca na estante comigo. Mas o que eu guardo como satisfação pessoal é todo esse reconhecimento de pares como o Svidler ou de pessoas que estão fora desse espaço do xadrez, ganhar campeonatos é algo que já não importa nada pra mim. Teve uma outra vez que eu joguei uma partida de orelhada com um dos maiores jogadores teóricos ingleses, logo quando terminamos ele publicou o nosso jogo com muitos comentários. Antes da partida ele tinha estudado tudo com o computador e o que aconteceu foi que eu refutei tudo o que ele havia estudado no tabuleiro. Eu realmente desconhecia aquela posição e joguei pelo acaso, só fui pensando e resolvendo os problemas que apareciam. Com isso ele fez o mesmo que fizeram comigo lá atrás, ele próprio publicou a nossa partida no Informador com comentários que me davam méritos naquela situação. Então dentro da minha concepção essas são conquistas maiores do que ganhar um Campeonato Brasileiro, este é um reconhecimento de pessoas que entendem realmente de xadrez e que, digamos, o fazem gratuitamente.

J: E os seus filhos, como é a relação que eles têm com o xadrez?

GM 10: Bom, a minha filha aprendeu na escola até o professor dela morrer, ele se chama Carlos Amorim e era um jogador daqui que sofreu um acidente. Na escola ela só teve xadrez por dois períodos e depois disso parou. Foi ela que ensinou o meu filho, eu fiquei prestando atenção e ela falava sobre desenvolvimento, essas coisas. O meu filho é muito talentoso, muito mais do que eu e mesmo assim eu nunca... Pelo contrário, eu sempre não incentivei o xadrez pra ele, eu nunca bloqueei mas também não incentivei. Ele chegava sempre com muito interesse e muita fome por saber mais sobre o jogo em casa, então ele tem uma relação excelente com o xadrez e certa vez até me obrigou a agir falando “pai, eu quero ter aula!”. Ele é como eu que não gosta de estudar muito,

mas estudar pro xadrez ele queria. Hoje ele tem aula 1 vez por semana e se diverte muito nela, então ele tem uma relação com o xadrez melhor do que aquela que eu tinha. A minha mulher queria que eu colocasse ele nas competições porque ele é muito talentoso, mas eu já falei que não porque se ele realmente quiser ele vai me falar e só então me pedir. Como a minha filha é mulher e já tá adolescente é óbvio que ela tem outros interesses, mas ela entende e gosta de xadrez como as minhas irmãs gostavam. O menino parece que tem algo arraigado sobre a competição, não sei explicar isso. Atualmente ele tem 9 anos e ela tem 13 anos de idade.

J: Há algo que o senhor queira acrescentar e que não foi contemplado no roteiro?

GM 10: Não, eu acho que não.

J: Eu gostaria então de agradecer novamente toda a sua atenção e disponibilidade para esta entrevista. No termo há todos os nossos contatos, inclusive caso o senhor tenha alguma lembrança durante esse tempo e queira acrescentá-la ao estudo, por favor, basta entrar em contato. Muito obrigada!

GM 10: De nada!

### **Apêndice K – Íntegra da entrevista (GM 11)**

J: De antemão eu agradeço a sua participação e toda a disponibilidade em relação a esta entrevista. Sua idade?

GM 11: 37 anos.

J: Data de nascimento?

GM 11: 28/12/1979.

J: Sexo?

GM 11: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 11: Que pergunta difícil, né? Na minha certidão de nascimento tava branca, ainda que agora eu esteja mais moreno. Agora eu não sei como é que se inscreve nisso, assim.

J: Nível de escolaridade?

GM 11: Segundo grau completo, cheguei a iniciar o terceiro grau em Direito mas fiz 8 semestres e não completei.

J: Esta e as etapas anteriores se deram em instituições públicas, privadas?

GM 11: Sempre privadas.

J: Cidade de nascimento?

GM 11: São Luís.

J: Reside nela atualmente?

GM 11: Sim.

J: Profissão?

GM 11: Eu trabalho com xadrez, na verdade hoje em dia eu sou mais um empresário porque não jogo tantas competições e mesmo porque seria impossível viver só de jogar xadrez no Brasil. Mas eu tenho uma empresa e ela é toda relacionada ao jogo de xadrez.

J: Sua atual renda familiar mensal, em média?

GM 11: Por volta de R\$: 25 mil.

J: E a sua família, como ela era constituída à época que o senhor iniciou no xadrez?

GM 11: Tinha a minha mãe, o meu pai e os meus dois irmãos, a gente morava numa casa em um bairro tranquilo aqui perto, éramos uma família de classe média. Eu estudava em uma escola particular, na época era uma das melhores aqui de São Luís. No começo os meus pais tinham trabalhos convencionais, o meu pai era engenheiro e a minha mãe trabalhava como administradora. Depois que eu comecei a jogar mesmo, a viajar e a ter mais apoio o meu pai cada vez mais ficava comigo e não ia tanto pro serviço dele.

J: Vamos pensar nessas mesmas informações mas, agora, separadamente para cada um deles. Podemos começar pelo seu pai, nível de escolaridade dele?

GM 11: O meu pai nessa época era engenheiro civil, então ele tinha o terceiro grau completo e trabalhava na Companhia de Água e Esgoto do Maranhão (CAEMA).

J: E as etapas anteriores dele?

GM 11: Foram no ensino privado, ele cursou o Colégio Dom Bosco que é o mesmo colégio que eu frequentei.

J: E a sua mãe, nível de escolaridade?

GM 11: Ela também tem o terceiro grau completo, ela era administradora.

J: E as etapas anteriores dela?

GM 11: Foram também em escolas particulares, assim como os meus dois irmãos.

J: Nível de escolaridade deles?

GM 11: O meu irmão mais velho é formado em Ciências da Computação e o meu irmão mais novo é formado em Comunicação Social, acho que é isso que chama, né? Ele tem uma especialização na área de Rádio e Televisão.

J: Nós vamos iniciar agora as questões que mais especificamente tratam então da sua trajetória esportiva no xadrez. Fale sobre os seus primeiros contatos com a modalidade até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 11: Eu comecei a jogar com 6 anos quando o meu pai me ensinou, na época eu também frequentava uma escolinha de xadrez que tinha no meu colégio e então também jogava por lá. Logo quando aprendi eu já joguei uma competição tradicional daqui na época que eram os Jogos Escolares do Maranhão, lembro até que eu perdi todas as partidas naquele primeiro ano que eu tinha acabado de aprender. Foi mais ou menos assim que comecei, eu jogava no colégio e também em casa com os meus irmãos, nessa época era basicamente só com o meu irmão mais velho. O meu pai notou que eu tava gostando – ou pelo menos imaginou isso – e que eu levava algum jeito, então ele começou a me ensinar cada vez mais e mais. Depois disso eu fui me desenvolvendo rápido porque com 7 anos eu lembro que já fui viajar pra São Paulo pra jogar o meu

primeiro torneio, mesmo nessa idade eu já fui competir no Campeonato Brasileiro Mirim que era pra menores de 10 anos. Joguei de igual pra igual com todos e acabei ficando em 4º lugar, inclusive a minha primeira partida foi contra o GM 12, né? Foi aí que realmente o meu pai se empolgou e então cada vez mais a gente treinava em casa. Nessa ocasião eu lembro que a gente ficou hospedado no Clube Pinheiros e foi quando eu conheci o Herman Claudius, ele tinha algum contato com o meu pai mas a gente nem se conhecia direito. Fomos comer na casa dele e foi bem divertido, ele sempre foi muito solícito...

J: O senhor deseja continuar contando a sua trajetória após esse período de iniciação?

GM 11: Ah sim, aí o que acontece é que eu começo a me destacar nos torneios, lembro que com 9 anos eu fui Campeão Brasileiro da minha categoria e aí a gente viajou pro Mundial que foi em Porto Rico. Lá eu fui Vice-Campeão Mundial fazendo 10,5 pontos em 11 rodadas, ganhei 10 partidas e empatei só 1, mas mesmo assim não deu porque o menino que empatou comigo fez a mesma pontuação e o critério de desempate era milésimos, né? Um adversário dele fez 0,5 ponto a mais do que os meus e aí ele ganhou. Depois disso teve toda uma repercussão bastante interessante, eu fui recebido pelo governador daqui e já nessa época comecei a receber alguma ajuda. Eu realmente não sei dizer o que era porque eu nem pensava nessas coisas, eram os meus pais que cuidavam disso. Mas o que eu posso dizer é que o meu pai certamente teve alguma facilidade no emprego dele porque, por exemplo, cada vez mais ele deixava de ir lá às tardes pra ficar treinando comigo, além disso ele tinha muita disponibilidade pra viajarmos pras competições. Agora como isso foi exatamente feito e que tipo de ajuda financeira foi essa eu não sei dizer. Continuei estudando e em 1991 eu fui Campeão Mundial da minha categoria, depois disso o que eu fiz foi basicamente seguir jogando. Sem querer ser nostálgico, mas as condições pra você ser um jogador forte naquela época eram muito, muito, mas muito mais difíceis. Imagina que você não tinha ninguém pra jogar *online* – hoje eu já não sei se isso era bom ou ruim também porque o outro lado disso é que você não tinha tanta distração, se concentrava mais – e não tinha tanta fonte de informação de xadrez assim. Apesar disso o meu pai assinava a *British Chess Magazine*, comprava boletins de torneios pra que eu me preparasse e mais um monte de material que ele mandava vir da Europa. Enfim, então era muito mais difícil, né? Os livros tinham um peso de ouro nessa época, os livros bons então! Mas felizmente o meu pai era muito inteligente e sabia exatamente as coisas que iriam me interessar, então ele

sempre adquiriu os melhores materiais possíveis. Com 11 ou 12 anos eu já treinava com os livros do Mark Dvoretsky que foi aclamado o melhor treinador do mundo alguns anos depois, então nós realmente tínhamos acesso aos materiais de alto nível. Nessa época a gente também tinha um bom contato com o Pelikian em São Paulo, então de vez em quando eu treinava com ele e certa vez ele até chegou a vir aqui em São Luís também. Além disso eu cheguei a viajar pra alguns torneios com o Pelikian, ele me ajudava sempre nas preparações pros torneios também. Mas enfim, aqui é muito longe de tudo – como você deve ter percebido aí pelo voo – e era muito difícil porque eu não tinha ninguém pra jogar, por aqui não tinha tantos torneios. Já em 1995 eu tinha 15 anos e fui convidado pelo Zé Alberto pra morar e jogar pela equipe dele em Americana, teoricamente nessa idade já era pra eu estar jogando melhor – até pelo fato de eu ter sido Campeão Mundial há alguns anos na minha categoria – mas o que acontecia era que aqui no Maranhão eu não tinha tanto acesso às competições. Com 15 anos eu devia ter 2360 pontos de *rating*, apesar de isso ser muito mais do que é ter 2360 pontos hoje em dia eu acho que, ainda assim, era um *rating* inferior ao meu potencial em virtude do que eu já tinha conseguido fazer nas competições de categoria. Bom, desde quando eu ganhei o Campeonato Mundial em 1991 eu já tinha um patrocínio, curiosamente ele não veio aqui de São Luís e nem do Maranhão, ele veio de uma empresa de São Paulo que na época se chamava Chaim Cury, depois eu acho que ela virou Chaim. Antes desse Campeonato Mundial de 1991 eles já começaram a me ajudar custeando as minhas despesas, se não fosse assim talvez eu nem tivesse ido pro torneio. Digamos que por sorte eu fui Campeão Mundial lá e aí nós renovamos o contrato, tive o patrocínio deles por quase 10 anos. Fui pra São Paulo em 1995 e lá eu também tive algumas facilidades como, por exemplo, contar com 2 viagens pro exterior pra jogar torneios, além disso o melhor de tudo foi que eles bancaram o treinamento que eu tive nessa época com o GM 3. A gente teve a chance de ter um aprendizado bem interessante, eu fui morar com a família do Zé Alberto na chácara dele e lá era um lugar muito agradável e que tinha muito espaço pra treinar, então o que o GM 3 fazia de vez em quando era ir lá e ficar uns 3, 4 dias com a gente. O GM 3 também não era casado nessa época e morava com os pais, então digamos que ele sempre foi uma alma livre. Ele ficava lá uns dias e a gente ficava estudando xadrez, digamos que esse foi o melhor tipo de aprendizado possível que eu tive porque ele não me passava nada formalmente ou dizia coisas como “vamos estudar isso aqui”, a gente simplesmente estudava algumas posições, analisávamos juntos e eu tentava absorver o modo com que ele analisava. Pra quem tem

a chance eu sinceramente acho que essa é a melhor forma de se aprender xadrez, você não precisa... Eu também já tinha uma base formal de todos os livros que o meu pai havia me passado e uma base clássica por ter conhecido a maioria dos campeões mundiais por meio deles, então com o GM 3 eu já tinha uma determinada força e o que eu fiz foi ter essa experiência de estudar com um Grande Mestre. Eu tinha 16 anos no ano seguinte que eu havia ido pra lá e consegui um feito difícil pra essa idade que foi ser Campeão Mundial da minha categoria, ainda mais porque na época o xadrez já tinha se aberto pra algumas ex-repúblicas soviéticas ali. Se tem realmente alguma coisa no meu currículo que me dá muito orgulho mesmo é especialmente esse título. Ainda que pese ter sido extraordinariamente difícil o Campeonato Mundial de 1991, eu acho que ali ainda era possível porque eu ainda tava em uma idade tenra, né? Com 16 anos já não, e sinceramente eu acho muito, mas muito difícil que enquanto eu viva a gente tenha outro brasileiro – com o nível de apoio que nós temos no país – que consiga esse feito nas categorias Sub-16 ou Sub-18. Talvez tenhamos uma geração talentosa que, por um milagre, possa ganhar algum deles antes, mas eu acho muito difícil com a atual estrutura pro xadrez que nós temos. Enfim, em 1995 eu fui Campeão Pan-Americano Juvenil e me tornei Mestre Internacional com esse título, nisso eu ganhei até uma norma de Grande Mestre. Depois disso foi tudo muito rápido porque no período que eu havia ido pra São Paulo eu fui Campeão Mundial, me tornei Grande Mestre e isso tudo dos 15 aos 18 anos, então tudo aconteceu mesmo em um período de tempo muito rápido. Talvez esse tenha sido um momento crítico da minha carreira também, se eu realmente quisesse ser um dos melhores do mundo – e havia a chance nesse momento, digamos que eu poderia ficar entre os 50 melhores do mundo se eu continuasse – eu precisaria dar o passo seguinte que era morar na Europa. Mas esse passo eu não quis dar, aí acabei ficando mais ou menos nesse nível que eu tenho hoje.

J: O seu pai conta como é que ele aprendeu a jogar xadrez?

GM 11: Eu acho que ele aprendeu na escola também porque um dos donos do Colégio Dom Bosco gostava muito de xadrez, então acho que foi aí que o meu pai começou. Tinha um padre holandês que morava aqui em São Luís também que ensinou um grupo de jogadores, ele gostava muito e então estudava e analisava as partidas que na época ele jogava por correspondência com todos, eu não sei exatamente como o meu pai o conheceu. O meu pai sempre teve ideias muito alternativas pra época, então ele gostava dessa vanguarda cultural e expressava isso por gostos como o xadrez, como a música...

Ele tocava violão e gostava desse tipo de coisa, assim. Ele era uma pessoa muito culta, então acabou desenvolvendo esses gostos. Já o meu avô era alguém que veio do interior e que passou por algumas dificuldades até conseguir um bom emprego, então ele era muito rígido, né? Por exemplo, o meu pai uma vez veio com uma ideia de ser vegetariano e o meu avô falou pra ele que lá na casa deles não ia ter nada de comida especial, ele ia comer o que tinha na mesa. Uma época o meu pai teve a ideia de ser músico também, ele tocava violão e então queria tocar música clássica, mas é óbvio que o meu avô também não aprovou a ideia. Então digamos que ele teve as “asas cortadas” pra algumas coisas culturais que ele queria ter feito, mas a impressão que me dá é que o meu pai fez questão de passar tudo isso ao contrário pros filhos, né? Ele justamente nos estimulou ao contrário do que o meu avô fazia com ele, quando eu era mais novo eu me lembro até que o meu pai teve uma ideia pra que eu pudesse, de repente, parar de me dedicar à escola normal pra me dedicar só aos estudos de xadrez. Isso quando eu já me destacava, ele mesmo me ensinaria as outras coisas que eu tinha que saber, então digamos que ele tinha umas ideias que eram meio pra frente, né?

J: Assim como o Polgár?

GM 11: Sim, um pouco. O pai das irmãs Polgár implementou justamente esse método um pouco antes da época que eu comecei. Se dependesse só do meu pai ele tinha feito algo assim, mas sempre tem a pressão familiar e sabe como é, né? Aqui no Brasil eu acho mais difícil fazer isso, então acabei tendo uma educação mais convencional mesmo.

J: O seu pai conta sobre as influências que ele teve pra deter essa vanguarda cultural?

GM 11: É, eu não sei... A minha vó era professora, ela gostava de transmitir e dar muita ênfase à cultura, inclusive geralmente eu ia estudar com ela e com os cadernos que ela tinha porque quando eu era bem novo e morava aqui eu ficava muito, mas muito tempo mesmo fora pra jogar os torneios, então isso fazia com que eu ficasse um tempo sem estudar, tampouco pras provas. Desde novo, por exemplo, o meu pai já tinha feito um intercâmbio pros Estados Unidos em 1972, se nessa época isso já era raro então imagina se fosse alguém aqui em São Luís, era mais raro ainda! Desde criança ele já tinha esse olhar de vanguarda, além disso ele sempre foi cercado por amigos que eram todos inteligentes também, todos eles são pessoas que hoje se deram muito bem em tudo o que fazem. Ele já era cercado por uma turma de pessoas da mesma idade que formavam



esse ambiente cultural, um exemplo disso é que todos eles não só passaram em primeiro lugar no vestibular daqui como isso aconteceu no curso mais concorrido da época que era o de Engenharia Civil. Muitos deles também jogavam xadrez e gostavam de música, então ele tava sempre rodeado dessa turma e com certeza acabou me passando essa herança.

J: Ele conta sobre alguma influência que o fato de estar nos Estados Unidos em uma das épocas áureas do xadrez em 1972 possa ter tido?

GM 11: Sim, certamente ele acabou sendo influenciado por isso como muitos de nós, né? Ele tem uma inteligência extraordinária e um nível cultural altíssimo, tanto que já falava inglês fluentemente desde os 15 ou 16 anos. Com essa idade ele já era professor do Yázi, acho que foi lá até que ele conheceu a minha mãe. Mesmo eu que viajei muito durante a vida não tenho uma pronúncia no inglês tão boa como a dele, até hoje ele fala muito bem e a minha não chega aos pés.

J: E como eram inicialmente as práticas relacionadas ao xadrez entre vocês?

GM 11: Bom, basicamente a gente estudava os livros e as revistas que ele já tinha lá em casa, isso quase sempre às tardes porque eu estudava de manhã. Depois eu estudei de tarde também, mas eu me lembro que estudava xadrez geralmente de tarde mesmo e às vezes o meu pai me passava umas tarefas quando precisava ir trabalhar. Ele batia principalmente nessa ênfase de treinar o cálculo, o que também é uma ideia dos russos, né? Então eu fazia muitos exercícios de cálculo em uns livros que ele me dava, de vez em quando eu fazia mesmo mas confesso que muitas vezes eu matava ou gazeava – como a gente fala por aqui – esses treinos aí, às vezes eu fugia deles e ficava a tarde toda jogando *videogame* mesmo [risos]. Pra ser sincero às vezes eu não tinha muita vontade de treinar não, eu gostava mais de competir e de jogar porque eu era muito melhor do que os outros, então quase sempre eu ganhava. Tirando o GM 12 eu era muito melhor do que todos os outros meninos da minha idade, né? Então de certa maneira isso era atrativo porque rapidamente eu virei a “estrelinha” nesse grupo de meninos, digamos que eles jogavam e eu era o jogador a ser batido. E essa era uma geração forte porque o GM 12 e eu vínhamos praticamente juntos, ele era um pouquinho mais velho do que eu mas a gente sempre jogava bem os torneios importantes como os Mundiais, por exemplo. Então eu gostava desse ambiente de me destacar em alguma coisa, mas pra ser sincero nem sempre eu era muito fã de estudar.

Além disso eu também não gostava da pressão que o meu pai me colocava pra jogar, pra ganhar os torneios ou mesmo pra jogar melhor, ele ficava irritado quando eu empatava alguma partida e depois eu tinha que analisar com ele. Essa parte aí eu não gostava não, tanto que eu desfrutei mais nos poucos torneios que eu joguei viajando sem ele, estes foram mais divertidos [risos]. Apesar de toda essa inteligência extraordinária que o meu pai tinha, eu acho que pro xadrez... As pessoas relacionam muito o xadrez à inteligência, mas na verdade a minha opinião é de que o xadrez requer algum tipo de inteligência muito específica. Obviamente eu não vou citar nomes, mas eu conheço e já convivi com algumas pessoas que são a prova de que pra se jogar bem xadrez não é preciso ser inteligente. É inacreditável, mas existem pessoas assim que só possuem uma facilidade específica pra jogar xadrez, então a verdade é que eu já jogava melhor do que o meu pai muito rápido. O meu pai era muito severo especialmente nessa parte de treinamento, a gente teve muitos conflitos em que às vezes eu discordava das coisas de jogo que ele falava pra mim. Aos 10 ou 11 anos, por exemplo, eu já era muito mais forte do que ele e às vezes não queria jogar as aberturas que ele me recomendava contra alguém, mas eu tinha pouca idade. No Brasil, hoje em dia, nós temos os grupos de direita que querem matar os grupos de esquerda e os grupos de esquerda que querem matar os grupos de direita, né? Então sem emitir muitas opiniões sobre isso, mas o meu pai foi influenciado pelas ideias de esquerda que vigoravam na academia naquela época, não só ele mas todas as pessoas que viveram a contracultura da década de 70. Felizmente isso ele não me passou, mas ele adorava a União Soviética e sempre tentava seguir os métodos de treinamento russos de xadrez ou se inspirar nos treinadores e materiais de lá, isso eu acho que acabou me beneficiando. Ele também gostava muito de Cuba, tanto que em 1993 a gente ficou 1 mês lá treinando no *Instituto Superior Latinoamericano de Ajedrez (ISLA)* que é o principal centro de xadrez deles. Cuba naquela época tinha muita influência da União Soviética e o xadrez também sempre foi muito importante por lá, então eles tinham todo um sistema e acesso a bons treinadores. Tudo isso foi ajudando na minha formação, já aqui você vê jogadores que jogam muito bem mas que têm certa deficiência no conhecimento dos clássicos ou alguma dificuldade que os impede de jogar melhor ou mesmo de atingir a maestria. Então essa herança cultural enxadrística que é específica do jogo felizmente eu tive, isso graças a esses estudos, ao acesso às partidas dos campeões mundiais, aos métodos de treinamento russos, a ficar 1 mês em Cuba com 13 anos e já saber como eles pensavam o xadrez... Enfim, tudo isso me ajudou nessa que era uma época em que eu estava me

formando enquanto pessoa, tanto que hoje em dia eu quase não estudo mais xadrez pra mim mesmo. Hoje eu estudo muito pouco comparado com o que já estudei e sinceramente acho incrível que eu ainda lute de igual pra igual com o pessoal que joga ativamente todos os torneios. Eu acredito que isso se deva a algum talento que eu tenha – isso é inegável considerando os títulos que eu conquistei no começo – mas principalmente ao fato de eu ter tido toda essa bagagem de conhecimento clássico, isso faz com que eu consiga me defender bem contra qualquer um. Isso alguns jogadores nossos também têm, o GM 3 tem muito isso, o próprio GM 7 tem também e enfim, isso acaba nos protegendo contra esse pessoal que estuda mais pelo computador porque, afinal, é esse tipo de coisa que acaba faltando no jogo deles.

J: E como é que esse talento teve influência na sua trajetória?

GM 11: Eu não sei, essa parte do talento eu acho muito difícil... Comparado com o meu irmão que aprendeu comigo, por exemplo, certamente eu tinha algum talento pro jogo porque apesar dele ser mais velho quem se destacou foi eu. Ser mais velho pode ser que tenha o prejudicado, mas eu também podia competir tanto com os meninos da minha idade mesmo como com aqueles que tinham mais vivência no xadrez. Eu realmente acho que essa parte do talento é uma coisa meio obscura pra ser medida, né? Mas com certeza foi algo que me ajudou, do contrário eu não conseguiria ter jogado tão bem e tão rápido como foi. E principalmente também eu acho que o talento influenciou a forma como hoje eu entendo muito rápido determinadas situações que ocorrem no tabuleiro ou coisas desse tipo, o que me ajuda a conservar certo alto nível mesmo com pouco estudo.

J: Como o seu pai reagiu ao ser vencido pelo senhor?

GM 11: Quando eu jogava melhor do que ele a verdade é que a gente já nem jogava mais, a minha esposa não acredita e fala assim “não, mas como você jogava melhor do que o seu pai com 8 ou 9 anos?”. Eu falo pra ela que eu tenho um experimento que vou fazer um dia que vai ser o seguinte: eu vou ensinar xadrez pra uma pessoa que nunca jogou e que tenha mais ou menos a sua idade e ao mesmo tempo vou ensinar pra um garoto de 6 ou 7 anos. Mesmo eu começando ao mesmo tempo eu tenho certeza que o menino de 6 ou 7 anos vai ganhar depois de 1 ano porque ele vai aprender e absorver muito mais rápido. Um dia eu ainda vou fazer esse experimento social aí! [risos].

J: Depois me conta, e olha que tem o seu filho aí pra isso! [risos].

GM 11: Ah é, quem sabe com ele! [risos].

J: E no colégio, como era o seu contato com o xadrez por lá?

GM 11: Eu me recordo de poucos detalhes específicos dessa época, só lembro que o meu pai me ensinou e que eu jogava nas aulas extracurriculares do colégio acho que aos 6 anos, devia estar na 1ª série. Mas eu lembro de pouca coisa de lá, eu tinha um professor que se chamava Fernando e acho que o Wagner chegou a ser meu professor também, ele é um jogador forte daqui que chegou até a jogar uma Final do Campeonato Brasileiro. Lembro só dos meus primeiros aprendizados, mas até que tinha bastante gente que treinava lá. Quando eu comecei a me destacar nos Jogos Escolares Maranhenses (JEM's) eu ganhei uma bolsa de estudos no colégio, então eu ajudava eles na divulgação da escola e a ganhar os títulos desses jogos. Essa competição era bem divertida e já tinha uma tradição desde a época que o meu pai estudava lá, ele também tinha a equipe dele nesses jogos. O Wagner que eu comentei – que tem por volta de 2200 pontos de *rating* hoje e que já jogou a Final do Campeonato Brasileiro – era de uma escola rival, ele e o meu pai se encontravam e fizeram amizade lá, depois disso viajaram pra vários torneios universitários. Então tinha essa tradição, hoje em dia aqui eu já não vejo muito isso, os jogos escolares já não têm a mesma valorização que tinham nessa época, pelo menos não o xadrez.

J: Como era o seu tratamento nessas aulas em relação ao professor e aos outros colegas?

GM 11: Eu tinha essa facilidade de não frequentar muito as aulas, então os professores sempre entenderam bem isso aí, nunca tive problemas com nenhum deles. No começo eu não percebia nada com os colegas e felizmente nunca tive nenhum problema com eles, sempre me dei bem com todos e não havia aquela questão de ciúmes ou de gente que achava que como eu não frequentava a aula... Os professores às vezes são muito rigorosos com essas questões de faltas de outros alunos, mas eu nunca tive nenhum problema em relação a isso. Quando eu tinha algum bom resultado em alguma competição eu lembro que eu não gostava nada da recepção que eles faziam lá na quadra do colégio pra mim ou mesmo coisas desse tipo. Eu sou muito tímido e então não gostava, por conta dessa timidez algumas pessoas também não se aproximavam muito de mim, me viam como uma coisa diferente. Mas sempre tive meus amigos, tem alguns que eu vejo até hoje, saio pra jantar. Em Americana a mesma coisa, eu sempre tive sorte de pegar uma turma bem tranquila.

J: Havia algum tipo de cobrança por contar com essa bolsa de estudos pelo xadrez?

GM 11: Não, pelo menos não que eu saiba. O que poderia ter era pra gente eventualmente ganhar esses jogos ou esse tipo de coisa, mas como eu não tinha muita dificuldade e já ganhava todas as minhas partidas nesses campeonatos escolares então eu nunca tive muito problema.

J: Como foi ter iniciado em um local distante dos grandes centros de xadrez do país?

GM 11: Ah, aqui sempre foi tudo muito precário, o único contato mesmo que eu poderia ter com o xadrez seria em casa ou às vezes por meio de alguma competição como, por exemplo, os Jogos Escolares Maranhenses. Mas era realmente difícil porque eu tinha que viajar bastante, se eu morasse em locais que fossem mais propícios pro desenvolvimento de um jogador de xadrez e que contassem com mais torneios como São Paulo, por exemplo, talvez eu tivesse me desenvolvido um pouco mais rápido. Tem algumas pessoas que defendem a teoria de que em lugares muito quentes você não consegue jogar bem xadrez, né? Essa é uma teoria extremamente furada, basta observar a equipe da Índia e como eles são fortes na Olimpíada. Muito mais relevante que isso é o fato de você ter ou não um ambiente de xadrez pra estudar, jogar e esse tipo de coisa. Sinceramente eu acho que hoje em dia com a *internet* você pode se desenvolver jogando *online*, o importante mesmo é que você tenha bons torneios e, nesse sentido, aqui é muito, mas muito longe da maioria deles, o que torna muito difícil jogar as competições. Tem muitos torneios que eu jogaria normalmente e que eu não joga mais porque eu tô longe, com isso você já tem que negociar alguma coisa a mais com o organizador em razão da passagem mais cara, então tudo acaba sendo mais difícil.

J: Como o senhor percebeu a mudança pra São Paulo aos 15 anos?

GM 11: Ah, foi bem difícil! O meu pai não ligou muito porque ele achava uma boa, mas a minha mãe ficou bem triste. Ela não teve paciência pra aprender e não faz a menor ideia de como se joga, mas sempre ficava na torcida quando eu jogava as competições. Eu acho que ela não gostou muito de quando eu saí daqui, no fundo ela preferia mesmo era que eu tivesse uma educação mais tradicional e fizesse uma faculdade. No geral todos os meus irmãos aqui são formados, o meu pai também tinha facilidade na vida acadêmica e se formou muito bem, então era muito por isso também. Foi como um choque familiar, as pessoas não esperam que você vá fazer uma coisa tão diferente

como jogar xadrez, né? Então pra minha mãe essa minha escolha foi mais difícil, ela era mais tradicional. Pra mim foi bem difícil sair daqui também porque a realidade é que aqui no Maranhão era tudo muito fácil pra mim, tudo o que precisava eu tinha, vivia bem e tranquilo com os meus irmãos. Lá em Americana já era um ambiente diferente desse meu aqui, as pessoas tinham um jeito diferente e lá eu morava com 2 meninas... Não, eram 3 meninas comigo da família do Zé Alberto, então essa foi uma mudança radical. No começo foi difícil, mas eu acho que isso acabou me ajudando muito também porque São Luís era limitada em muitas coisas além do xadrez naquela época. Aqui cresceu muito e agora dá pra morar tranquilo, então eu acho que voltei na hora certa [risos].

J: Haveria alguma relação entre as vivências que o senhor teve com o xadrez nos mais diversos ambientes mencionados e o futuro alcance do alto rendimento?

GM 11: Acredito que sim, me ajudou bastante o fato de ter aprendido xadrez em casa e do meu pai ter me ensinado cedo, além disso eu tinha bons livros pra estudar como vários desses que eu tenho hoje aqui na estante, a maioria deles é da época do meu pai. Se ele tivesse me ensinado 2 ou 3 anos depois eu acho que já não haveria nenhuma hipótese de eu ser um jogador de xadrez, se eu tivesse contato com o jogo só no ambiente escolar também não haveria chance nenhuma. Foi uma série de coincidências que me propiciaram isso, do contrário seria impossível. Naquela época não havia como se desenvolver só aprendendo xadrez na escola ou pelo menos não aqui, talvez isso fosse possível em São Paulo. É impossível atingir o alto rendimento tendo só contato com o xadrez na escola se não houver pelo menos alguém que brinque disso com você em casa ou alguma coisa desse tipo. Afinal, é preciso um amor extraordinário pelo xadrez pra que você pegue um livro e fique estudando isso sozinho aos 7 anos de idade, né? Aí vai ser mesmo só o GM 6, o Bobby Fischer... É algo muito diferente da nossa realidade, já se você tem algum amigo que joga bem ou mesmo alguém da família que te fala “vem aqui, vamos estudar, vamos jogar” então tudo se torna mais fácil, há mais chances de se desenvolver assim. O GM 3, por exemplo, eu sei que foi ensinado pelo pai dele, mas sei também que ele já frequentava o clube de xadrez de São Paulo desde muito cedo, mesmo porque pelo o que me consta ele aprendeu um pouco mais tarde. Aqui isso não era possível, como eu iria fazer pra me desenvolver? Seria só desse jeito.

J: Além do xadrez o senhor praticava outras atividades esportivas ou mesmo culturais?

GM 11: Bom, o meu pai tentou nos ensinar música quando éramos mais novos mas os meus irmãos e eu não nos interessamos muito, basicamente pra gente era mais o xadrez mesmo e a leitura também. O meu irmão mais novo nasceu quase 4 anos depois de mim, então a gente não esteve tão juntos com o xadrez nessa época. Depois ele começou a jogar, né? Foi até Campeão Brasileiro Amador no ano passado, além de ter sido presidente da Federação de Xadrez Maranhense. Até eu ir embora do Maranhão ele quase não jogava também, sabia jogar mas ainda não era direitinho, depois é que ele foi pegando mais o gosto pela competição. O meu irmão mais velho também, ele chegou até a jogar os Campeonatos Brasileiros de categorias e acho que um Campeonato Pan-Americano também, mas depois ele foi se afastando e não quis continuar. Além do xadrez a gente também lia bastante e a minha vó, por exemplo, tinha a coleção completa do Monteiro Lobato na casa dela, então o meu pai também já gostava de ler e isso acabou sendo muito importante pra nós. Eu tenho certeza absoluta que o fato de se ter um bom nível cultural é importante pra você ter mais facilidade em jogar bem xadrez, é preciso conhecer e gostar de coisas relacionadas a ele que vão além do tabuleiro. Ao contrário do que muita gente diz não há nenhum dos melhores jogadores do mundo que seja alguém totalmente tapado, mesmo o Bobby Fischer que tinha lá as suas loucuras não era assim, então eu acho que isso tudo com certeza ajuda. Além disso eu gostava muito de jogar bola, né? Sempre gostei desde criança e gostava também de jogar *videogame*, às vezes eu passava a tarde toda jogando. Essa minha época era aquela em que os *videogames* como o Nintendo e o Mega Drive estavam começando, eu era completamente viciado e tinha todos os *videogames* possíveis e imagináveis [risos]. Já hoje em dia se eu baixo qualquer jogo aqui no computador eu não vou ter paciência pra jogar por 15 minutos, né? Mais tarde eu comecei a gostar de outras coisas como o cinema e a leitura, mas a minha infância mesmo foi xadrez e jogar bola. Futebol eu jogava descalço na rua mesmo com os meus amigos, hoje em dia aqui em São Luís ninguém faz mais isso, tá todo mundo morando nesses prédios. Na minha época não, a gente conhecia o pessoal da rua e quase todo dia eu jogava bola com eles, era divertido.

J: Além daqueles já mencionados, há outros momentos e/ou pessoas que tenham sido significativos pro senhor durante essa fase de iniciação?

GM 11: Ah, sim! Na verdade eu tenho muitas histórias interessantes, mas eu me lembro principalmente dessas como a rivalidade com o GM 12 desde criança, da gente jogando os torneios, dessa acolhida do Herman, enfim. Eu inclusive morei junto com o GM 12

em Americana depois, então a gente tem muita história aí pra contar. Eu lembro muito também desse meu contato com o GM 3 quando a gente começou a treinar lá pros meus 15 anos, essa época realmente foi bem interessante. Junto com o GM 3 às vezes o Christian Toth também ia lá em casa de vez em quando em Americana, era bem divertida essa época que a gente ficava estudando. Foi interessante também porque nessa época dos 15 aos 17 anos que eu fiquei lá na casa do Zé Alberto eu ainda não era Grande Mestre, então quando saí de lá o GM 12 e eu começamos a dividir um apartamento, né? E digamos que essa foi uma época bem boêmia – não pra mim ou não que eu saísse de noite lá, nada disso – mas pro GM 12 e pro nosso outro amigo que também joga xadrez que é o Rodrigo Fernandes, quando eles saíam eu ia dormir porque tinha que ir pra escola às 6 ou 7 horas da manhã no dia seguinte. Como a gente morava sozinho sempre tinha gente lá em casa, então de vez em quando nós estudávamos xadrez, jogávamos... Foi mesmo uma época bem divertida da minha vida! É claro que eu também tinha uma rivalidade maior com o GM 12, naquela época entre os outros rivais estavam o GM 3 mas com ele eu nunca tive uma rixa mais séria, até os nossos níveis se tornarem similares ele ainda jogava bem melhor do que a gente no começo, depois tem o fato de que ele também foi o meu professor durante muito tempo. O GM 7 também jogava bem quando eu comecei e até continuou quando eu peguei o título de Grande Mestre mais tarde, ele até veio umas vezes aqui em São Luís quando os meus pais tinham uma academia. Nessa época já era a “Academia GM 11” que tinha uma sede física aqui com vários alunos até, a gente fazia algumas exposições e em uma delas o GM 7 veio pra gente jogar algumas partidas. Mas entre nós nunca teve uma rivalidade, né? Já com o GM 12 sim, embora a gente morasse junto durante um período. Mas também, por exemplo, se o GM 12 ganha a última partida dele quando eu fui Campeão Mundial ele estaria na 2ª colocação e a gente faria uma dobradinha! Seria algo inacreditável, né? Então realmente havia essa rivalidade porque nessa época nós éramos dois jogadores fortes pro nosso nível de categoria, então nenhum de nós gostava de perder um pro outro. Fora isso ou quando a gente não tinha que jogar um com o outro nós sempre convivemos muito bem, o GM 12 é uma pessoa bem agradável. Mas realmente houve episódios de muita rivalidade entre nós, o pessoal também ficava nessa discussão chata dizendo “quem joga melhor: eu ou GM 12?”, “quem é que tem mais talento: eu ou GM 12?” ou até “um tem mais talento, mas o outro estuda mais”, né? Isso me irritava um pouco, mas penso que a nossa convivência foi bem tranquila pro nível de rivalidade que a gente tinha.



J: O senhor gosta de xadrez?

GM 11: Gosto, hoje em dia ele já faz parte da minha vida e sinceramente eu não sei como ele surgiu, o meu pai me ensinou tão cedo que eu não sei dizer se no começo eu realmente gostava ou se eu queria mais era agradar o meu pai, ganhar dos meus irmãos ou jogar melhor do que os outros. A verdade é que com o passar do tempo ele acabou se tornando algo natural pra mim, eu gosto de olhar uma posição no xadrez e imaginar como eu jogaria, gosto de resolver um problema, essas coisas eu sempre gostei, né? A primeira coisa que eu faço como jogador é ir pro escritório e verificar se tem alguma partida ao vivo sendo jogada. Eu ligo o computador aqui, fico assistindo os jogos, faço as notícias do xadrez pro meu *site* e de vez em quando eu jogo *online* pra desestressar quando tô nervoso com alguma coisa ou até pra descarregar a adrenalina. Se tem uma coisa no xadrez que realmente eu não gosto, no entanto, é ter que ficar fazendo muita preparação de abertura com o computador. Sinto muita saudade da época que o xadrez era uma batalha mesmo, de quando você pegava os livros pra criar uma ideia que podia ser furada ou não, você não tinha como checar. Hoje em dia eu acho muito chato isso de ter que ficar analisando tudo no computador, quando você joga um torneio todo mundo está olhando os seus lances com o computador ligado, aí qualquer erro que você faz já te chamam de idiota e falam que você não sabe nada. Com o computador ligado é fácil, né? Gosto mais do xadrez quando ele era um jogo mais misterioso de duas personalidades mesmo, eu gostava de sentar pra jogar contra um jogador e realmente ser só eu contra ele dentro das mesmas possibilidades. Mesmo sendo praticado por humanos eu acho que hoje em dia o xadrez às vezes é um jogo entre dois computadores porque quase sempre os jogadores têm uma preparação auxiliada pelas máquinas, então digamos que nem sempre os jogadores são reais.

[Interrupção].

J: Quais eram as expectativas da sua família em relação a sua participação no xadrez?

GM 11: Desde cedo o meu pai acreditava que eu pudesse ganhar mesmo os torneios, ele achava que eu iria me desenvolver, jogar melhor e até ser um Campeão Mundial ou um dos melhores do mundo. Isso certamente me ajudou a conseguir os títulos porque eu via que ele acreditava às vezes bem mais do que eu, então isso aí com certeza me ajudou. Já a minha mãe não entendia muito bem do jogo e não sabia exatamente o que se passava, ela nunca fez parte do ambiente de competição mesmo, muito menos tinha um perfil de

competidora. Então com ela era mais essa coisa de mãe, ela dizia “o importante é competir, se perder faz parte!” ou coisas desse tipo, né? Os meus irmãos sim me acompanhavam mais de perto, mas isso também porque eles entendiam do jogo, tanto o meu irmão mais novo como o mais velho competiam e sabiam como era a sensação, digamos assim. Eu não sei se eles achavam que eu pudesse ser Campeão Mundial ou esse tipo de coisa, já o meu pai sim realmente acreditava.

J: A sua escolha pelo curso superior na universidade, mesmo que incompleto, teve alguma relação com o xadrez?

GM 11: Não, foi mais porque muitas pessoas próximas de mim estudavam Direito, então acabou sendo uma escolha natural pra mim, né? Quando eu era criança o meu pai era engenheiro, mas depois ele também acabou fazendo uma faculdade de Direito e mais tarde se tornou promotor de justiça. Além disso a minha madrasta também trabalha com Direito e enfim, todo mundo mesmo que era próximo de mim fazia isso. E eu sinceramente gostava – sempre gostei – de ler, gostava também de escrever e das coisas do Direito. É como me falaram uma vez, é uma opinião um pouco polêmica mas eu acho que é verdade, né? Já me disseram que o Direito é o curso mais fácil que existe porque você não precisa de nenhuma habilidade especial como um médico, por exemplo, precisa ter pra não tremer as mãos enquanto diseca os mortos. Na Educação Física também, já no Direito você realmente só precisa ficar ali lendo e escrevendo, por isso eu achei legal e também concordo que seja a faculdade mais fácil que existe [risos].

J: E por que o abandono do curso então?

GM 11: Na época que eu comecei a cursar já tava muito difícil conciliar a faculdade com o xadrez, nesse nível – ao contrário da escola – já é bem mais difícil essa questão das faltas e do acesso aos professores e coordenadores de curso. Eu devo ter feito uns 4 ou 5 semestres na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) quando morava lá em Americana, lembro que lutei pra me darem uma bolsa de estudos mas nunca consegui, com isso eu me decepcionei um pouco e saí. Depois o curso abriu em uma faculdade lá de Americana mesmo e eu resolvi voltar, fui fazendo mas aí também eu já não tava tão empolgado assim com o nível do curso e com umas coisas que aconteceram na minha vida, eu já não queria mais ficar em Americana e aí tive que largar o curso também. Aqui até tem uma faculdade do lado de casa – quer dizer, do meu antigo apartamento – e eu até cheguei a levar os documentos lá, eles autorizaram a matrícula

mas eu acho que já deu o que tinha que dar esse negócio de estudar pra mim, já cumpri essa etapa [risos].

J: Além do GM 3 o senhor teve a oportunidade de estudar com o Dvoretsky, um dos grandes nomes quando se trata de treinamento em xadrez. Como foi pra ti esse período?

GM 11: Foi uma experiência incrível! Fui pra Moscou e passei 2 semanas lá treinando com ele em 2002, além de tudo ele já era um ídolo pra mim porque era com os livros dele que o meu pai me ensinava, né? Então nessa época eu já tinha lido todos os seus livros e foi muito divertido pra mim conhecê-lo, além disso eu dividi o apartamento com o Peter Nielsen que é um cara muito, mas muito gente fina e que depois acabou se tornando o analista do Magnus Carlsen. Conhecer as histórias do xadrez e de fora dele – como aquelas do comunismo que o Dvoretsky contava – foi bem legal, ele era muito divertido. Se tem algo que eu realmente gosto e que o xadrez me proporcionou foi justamente isso de ter conhecido tantos lugares e pessoas tão diferentes! Hoje em dia às vezes eu vejo essas discussões de *Facebook* onde todo mundo sabe de tudo, né? Se eu quiser me enriquecer culturalmente é só eu entrar lá, como eu tenho 5.000 amigos – agora já esgotou – eu noto que eles sempre estão falando de alguma coisa, o curioso é que sempre tem alguém que sabe tudo de tudo, é sempre um cara que sabe tudo de um lado e o outro que também sabe tudo do outro. Às vezes eles estão discutindo sobre um monte de coisa que nem sabem do que se trata, né? Então eu posso dizer que já fui pra países comunistas um pouco depois ou na época do comunismo, já passei 1 mês convivendo com o pessoal do interior de Cuba, já fui em várias ex-repúblicas soviéticas, já fiquei 2 semanas na Rússia, já fui pra Venezuela e enfim, aí já são esses países mais tradicionais. Realmente eu consegui me enriquecer culturalmente de um jeito que eu posso falar que não só estive em muitos lugares mas sei mais ou menos como as pessoas vivem aqui ou ali, sei o que elas realmente sentem, né? Das oportunidades que o xadrez me proporcionou essa foi disparado aquela que eu mais gostei. Hoje em dia muitas pessoas são fechadas, vivem a vida delas indo pra faculdade, passam em um concurso mas vivem aquilo sem... Já no xadrez eu tive que fazer um monte de coisa diferente desde o começo da minha vida, isso eu acho bem legal! Não sei se é por conta da minha vida que eu fiquei assim ou se eu sempre fui assim mas, por exemplo, o sonho de muitas pessoas é estudar, passar em um concurso e ter alguma coisa, né? Acho que se eu tivesse essa vida um dia – sem nenhum demérito pra quem tem porque pra muita gente

isso é bom e proporciona uma vida estável – eu me suicidaria porque eu não conseguiria, assim. Eu gosto mais da incerteza, de viajar e fazer alguma coisa diferente.

J: O senhor se considera um profissional?

GM 11: Não, hoje em dia não. Não sou um profissional de torneios porque, como eu te disse, digamos que hoje em dia eu sou mais um empresário do xadrez. Além dos meus negócios na “Academia GM 11” eu dou aulas também, mas não posso me considerar um jogador de xadrez profissional como, por exemplo, o GM 8 ou o GM 2. Se bem que eu não sei o que o GM 2 faz quando ele não tá jogando, mas enfim. Jogador de xadrez profissional mesmo a gente não tem mais nenhum no Brasil porque o que ele faz é só jogar xadrez, né? Aqui nós temos professores de xadrez que de vez em quando jogam torneios como, por exemplo, é o caso do nosso próprio atual Campeão Brasileiro. O GM 5 é mais professor do que jogador e isso porque não tem como mesmo, do jeito que está o xadrez brasileiro é impossível que alguém consiga só jogar aqui, o que existe é a falta total de apoio governamental e da nossa confederação em relação aos seus jogadores e aos talentos que surgem. Idealmente um bom jogador de xadrez não pode dar nenhuma aula se ele quiser jogar realmente bem, mas é mesmo absolutamente nenhuma porque dar aula prejudica o jogo de uma pessoa que efetivamente quer jogar bem. Isso é matemático porque, obviamente, se você for dar aula pra alguém é porque essa é uma pessoa que joga pior do que você. Isso significa que de alguma forma ela vai te fazer perguntas e que de alguma maneira você vai precisar se rebaixar ao nível de entendimento dela pra responder essa pergunta. Quando se faz isso você tá quebrando o seu progresso natural como enxadrista porque você tá tentando quebrar algo que você entende intuitivamente pra tentar explicá-lo de um jeito racional, o que vai prejudicar seriamente a sua tomada de decisão. Enquanto estas forem as condições eu acho que é muito difícil mesmo que exista um jogador de xadrez de alto nível aqui, e é por isso que eu não me considero um profissional de competição, né? O que eu tenho são negócios que são todos relacionados com o xadrez.

J: Considerando as suas experiências fora do país, quais semelhanças ou diferenças o senhor pôde notar entre o contexto enxadrístico brasileiro e aquele vivenciado no exterior?

GM 11: No Brasil é tudo muito amador, a gente não tem uma maneira ou forma de se jogar que possa ser considerada uma escola do xadrez, não temos qualquer tipo de

fomento aos jogadores. Simplesmente não tem, né? Estive em muitos países da Europa onde os jogadores têm condições boas, têm equipes olímpicas de países de primeiro mundo, têm apoio durante todo o ano, têm treinamento bancado pela própria confederação, têm o privilégio de escolher os torneios que querem viajar pra jogar, têm uma boa ajuda de custo quando vão pra Olimpíada, têm quarto individual com boas condições na Olimpíada, então é uma série de coisas. Aqui no Brasil nós temos uma das vagas pra Final do Campeonato Brasileiro decidida em um circuito *online* onde um jogador que joga “a4” no primeiro lance se classifica pra jogar! Então vira uma bagunça completa, né? Ao invés de incentivarem o Campeão Brasileiro Juvenil ou então os melhores jogadores do país, citando outro exemplo, preferem oferecer, por meio de um torneio *online*, a vaga pra jogar o Zonal que é um torneio classificatório pra Copa do Mundo. O xadrez brasileiro está decrépito e infelizmente a gente tá muito, mas muito abaixo mesmo do que ele poderia ser ou do que seria o necessário e justo pro nosso país.

J: Considera bem-sucedida a sua trajetória no xadrez?

GM 11: Sim, eu acredito que sim. Em uma perspectiva tradicional que as pessoas têm talvez ela não seja bem-sucedida porque eu não tenho uma estabilidade financeira total, se eu quisesse me aposentar hoje digamos que não daria, eu iria morrer de fome ou então viver com o dinheiro da minha mulher [risos]. Ela é bem-sucedida no sentido de que eu consegui alguns títulos de muita expressão como é o de Grande Mestre, por exemplo, que é algo que as pessoas querem. E de novo, sem falsa modéstia, mas na minha época era muito, mas muito difícil se tornar um Grande Mestre, não tem nem comparação com o que é hoje! Na minha época você tinha que conseguir as normas direitinho e atingir o *rating* de 2500 pontos que também era muito mais difícil de ser alcançado. Além disso você tinha que ter esse *rating* no momento que você fizesse a última norma, não tinha essa história de cruzar uma vez a barreira dos 2500 pontos e só então depois conseguir as normas. Naquela época era muito, muito mas muito mais difícil e eu consegui ser Grande Mestre aos 18 anos, né? Enfim, de todas as experiências que eu vivi e de todas as coisas que eu fiz eu acho que o mais importante é que quando o meu filho tiver crescendo eu vou poder falar pra ele que eu fui um Campeão Mundial e ele vai achar isso legal, então eu vou ter algo legal pra ensinar pra ele, né? Mesmo entre as pessoas muito bem-sucedidas há poucas que podem dizer que um dia elas foram as melhores do mundo no que elas fizeram ou mesmo, sei lá, que só tem 200 pessoas em

todo o mundo – não sei qual é a minha atual colocação – que fazem o que ela faz e que jogam esse jogo melhor do que ela, né? Isso eu acho uma coisa legal e é algo que eu quero passar pro meu filho também, acho que eu vou ter muitas coisas interessantes pra passar pra ele!

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 11: Ah, boa pergunta... É, eu não sei, mas acho que até hoje eu gosto da competição, se eu fico muito tempo sem competir isso me incomoda, bem como o fato de ser difícil que haja boas competições por aqui. Me incomoda ter poucos torneios pra jogar no Brasil e não ter apoio pra jogar aqueles que eu gostaria, então desde criança eu gosto dessa competição e de viajar pra jogar. Eu também continuo gostando dessa capacidade que o xadrez tem de fazer com que eu abstraia dos problemas, né? Às vezes eu tô de saco cheio quando tem alguma coisa que não tá dando certo ou quando tem um problema me incomodando, aí eu jogo umas partidas *online* e depois eu consigo esquecer, ficar bem. Digamos que o xadrez seja uma droga do bem, né? Ele me faz viajar quando eu vejo uma partida, penso em uma posição, resolvo um problema ou alguma coisa desse tipo, mas é por uma causa boa. Até hoje é assim, consigo ficar mais calmo se eu tiver fazendo alguma coisa que tenha xadrez, com ele eu esqueço dos problemas.

J: E hoje, o que o xadrez representa pro senhor?

GM 11: Ah, hoje o xadrez é um pouco de tudo, né? Ele está nas minhas horas de lazer, tem a capacidade de me acalmar um pouco e principalmente é o meu negócio. Então eu tô sempre aqui vendendo os cursos que eu faço no meu *site*, colocando as coisas nele ou mesmo fazendo alguma propaganda ou promoção. Agora tem também o projeto que eu comecei aqui no Maranhão, ele tá saindo pela minha empresa e então eu preciso cuidar disso. Curiosamente ele é tanto o meu *hobbie*, a minha paixão e também o meu negócio, né? É algo que eu gosto porque realmente são coisas que eu tenho prazer em fazer.

J: Quais são os seus objetivos com a “Academia GM 11”?

GM 11: A “Academia GM 11” começou desde a época dos meus pais, mas naquele tempo mesmo ela era um espaço físico, tinha alguns alunos. Muito tempo depois veio a ideia de começar a ter um *site* e de gravar umas aulas pra ele, com isso eu comecei a utilizar alguns programas que permitem gravar palestras pra muitas pessoas ao mesmo

tempo. Coloquei essas gravações no meu *site* e o pessoal se interessou, aí foi crescendo. Sem falsa modéstia, mas eu acho que no cenário do xadrez brasileiro não tem nada especificamente parecido como o meu *site*, inclusive eu faço um investimento pesado nele. Eu tenho um redator contratado pra escrever as notícias, tenho uma equipe de *marketing* pra cuidar da divulgação e às vezes coloco artigos que eu mesmo escrevo. Sinceramente até essa última parte que eu falei do *site* não me dá retorno financeiro, inclusive às vezes eu tenho que botar dinheiro do próprio bolso, né? Eu poderia simplesmente parar de fazer isso aí, mas eu ainda faço porque gosto e porque eu acho legal passar as ideias que eu tenho no xadrez. Às vezes eu fico chateado justamente porque aqui no Brasil as pessoas sempre encontram alguma coisa pra criticar, né? Então elas vão, escrevem, falam algumas coisas... Reclamam até quando eu crio um material gratuito que, pra receber, a pessoa só tem que passar o *e-mail* dela, nem isso elas querem. Eu só tô pedindo um *e-mail*! Então tudo tem uma dificuldade e sempre tem gente que reclama, mas felizmente a maioria do pessoal gosta e tem muitos, mas muitos mesmo que fazem parte do nosso grupo de alunos e que nunca saíram desde que eu comecei o *site* novo em 2013. Isso eu acho legal porque dá a impressão de que o pessoal tá gostando, então nós acabamos nos tornando uma comunidade. É bom também porque eu acabo conseguindo dar voz pra muitas coisas que eu acho sobre o ensino do xadrez e sobre a modalidade em geral, então acaba sendo um bom canal pra eu poder falar e passar a minha visão de jogo mesmo.

J: Fiquei curiosa sobre esse projeto que o senhor comentou, pode falar sobre ele?

GM 11: Ah, eu tô muito empolgado! Esse é um projeto de xadrez que a gente vai começar nas escolas daqui, eu acho que as crianças vão adorar o ensino e os professores também já estão muito animados, então vai ser bem legal. Eu sinceramente espero que no ano que vem ele cresça muito, especialmente pra mim esse foi o primeiro ano que eu fiz um contrato com o governo e que eu tenho essa experiência de fazer tudo por meio da minha própria empresa. Como eu não tinha nenhum *know-how* nisso eu me surpreendi um pouco, às vezes é desgastante ter que cuidar de muita coisa e resolver muito pepino ao mesmo tempo, é estressante. Mas nesse primeiro ano a gente vai ajustando as coisas e espero que pro ano que vem nós já possamos contar com todo um *know-how* e, de repente, também com uma equipe que possa me ajudar e que vá tornando o projeto melhor. Eu tenho muita esperança de que a gente possa ensinar em muitos lugares, até falei pro Loureiro e pro Sigrist que o meu sonho é que eles venham

pra cá e sejam largados aí pelo interior do Maranhão, assim eles fariam as capacitações e ensinariam os professores, além de conhecer o interior do estado. Eu acho que isso é algo que pode acontecer, o Flávio Dino que é o governador do Maranhão realmente gosta de xadrez, ele é o responsável direto por esse projeto ter saído. A gente conversou e eu falei pra ele sobre a possibilidade da ideia, mas até aí foi a mesma conversa que eu tive com muitas pessoas do poder público ao longo da vida, então eu realmente achei que ficasse só ali naquela conversa. Mas ele não, ele realmente fez questão que isso saísse do papel e deu um jeito de fazer acontecer, né? Então eu espero que esse seja apenas o começo e que dê pra fazer uma coisa bem legal, ainda mais porque o Maranhão é um estado sempre associado às grandes oligarquias – que são famílias que detêm o poder durante muito tempo –, à violência, aos problemas de baixos índices educacionais e enfim, todos os problemas sociais imagináveis. Então esse é um projeto que vai falar alguma coisa boa do Maranhão, eu acho isso legal!

J: E com quais objetivos o senhor intenciona o ensino do xadrez pra essas crianças?

GM 11: Ah, eu acho que primeiro vai ajudar a popularizar um pouco o jogo e depois também vai ajudar as crianças a terem um passatempo diferente e divertido. Muitas delas devem se interessar, assim como acontece nesses projetos do sul e do sudeste em que muitas crianças acabam aprendendo e gostando mesmo, né? Aqui o xadrez não é ensinado eu não sei nem por qual motivo, claramente ele ajuda no desenvolvimento, na concentração e principalmente ajuda sendo uma brincadeira nova pras crianças, uma coisa boa. Do mesmo jeito que elas têm Educação Física agora elas também têm algo que desenvolve a mente, né? No Brasil ou pelo menos aqui no Maranhão, principalmente, essa questão é muito pouco fomentada... Na verdade eu acho que em todo o nosso país essa questão das escolas não só como um lugar em que se aprende a tabuada, a tabela periódica ou a fórmula de Bhaskara ainda é algo muito pouco explorado, é preciso lembrar que lá se aprende outras coisas também, né? Por exemplo, em 1972 o meu pai fez um intercâmbio pra uma cidade pequena que devia ter uns 200.000 habitantes lá nos Estados Unidos, apesar disso a escola dele tinha uma banda de música da qual ele participava e falava que era a “orquestrazinha” deles, tinha times de todos os esportes que eles competiam lá como o futebol americano, basquete, atletismo, enfim. Então realmente eles sempre desenvolveram isso lá, a escola acabava sendo um ambiente de ensino de um monte de coisa legal pra criança e não só de coisas que às vezes ela nem tá muito à vontade pra aprender ali. É como essa questão de se



ensinar música na escola, os colégios aqui do Maranhão não têm isso ainda, pelo menos a maioria deles não. A escola tinha que ser um ambiente pra você aprender mais coisas e eu acho que de certa maneira vou começar a contribuir com isso. Principalmente sendo um projeto em escolas públicas de um estado como o Maranhão que ainda é muito pobre e que tem muita gente passando necessidade, é por isso que eu acho que vai ser bem legal. Por enquanto as aulas serão extracurriculares e acontecerão 1 vez por semana, então vai ser algo bem *light* e bem lúdico mesmo pra que a própria criança acabe se interessando. O meu irmão e eu escrevemos um livro especialmente pra esse projeto, eles estão nessas caixas todas aí e ficaram bem bacanas também, então eu tô bem empolgado com esse projeto. A maioria dos professores é da área de Educação Física, mas tem muito professor de Matemática que participou da capacitação também. Tem um pouco de tudo, mas a maioria mesmo é professor da área de Educação Física.

J: Além das conquistas já mencionadas há outras que o senhor queira elencar?

GM 11: Acho que não, pra mim foi mesmo o título de Grande Mestre aos 18 anos e os títulos de Campeão Brasileiro. Ah, eu também ganhei todos os Campeonatos Pan-Americanos que joguei, acho que eles somam 8 títulos. Estes são os mais importantes.

J: À guisa de conclusão eu gostaria que o senhor comentasse sobre uma de suas falas em uma entrevista pública que o senhor deu em 2008 e que nós analisamos há alguns anos como parte dos dados que compuseram a minha monografia. A questão versava sobre a popularidade do xadrez, nela o senhor responde que “jamais ele será um esporte popular ou de massa no nosso país porque, afinal, esta é uma questão cultural sobre a falta de identidade brasileira com a modalidade”. E então, como fica essa perspectiva?

GM 11: É, aí eu continuo assinando embaixo! O xadrez nunca vai ser um esporte de massa no Brasil, o que não significa que ele não possa ter um bom número de adeptos, né? Mesmo porque esses projetos de xadrez nas escolas acabam dando oportunidade de mais gente aprender a jogar, o problema é que mesmo assim ele não faz parte da herança cultural brasileira, ele não está integrado a ela. No Brasil a gente tem uma série de dificuldades e sabe disso, é muito difícil pra um país como o nosso – e que tem os índices de educação e de desenvolvimento social que nós temos – notar uma atividade que desenvolva exclusivamente o cérebro e que, principalmente, não é uma plataforma

de ascensão social como alguns outros esportes são. Ao contrário do futebol, o xadrez não é algo que a pessoa possa se sentar pra relaxar e já aprender, a pessoa não olha aquilo e de repente já está entendendo tudo pra então se divertir com ele tomando uma cerveja, é por isso que eu acho que ele nunca vai ser um esporte extremamente popular aqui. Na verdade isso não é nem exclusividade do Brasil, mesmo em países bem desenvolvidos o xadrez também não é... O xadrez sempre vai ser um esporte para um número mais restrito de pessoas porque estas são as pessoas que realmente se interessam por ele, o que acontece é que a gente precisa dar a chance pra todos conhecerem o jogo e, só então, se interessarem. Muitas pessoas vão acabar gostando e depois disso elas dificilmente vão viver sem jogar uma partida de xadrez de vez em quando ou sem acompanhar um torneio. Mas é difícil, na Noruega o xadrez tá muito popular porque eles têm o Campeão Mundial, né? Talvez no dia que o Brasil tiver um Campeão Mundial de xadrez ajude, mas isso não é tão simples assim [risos]. Lá as partidas do Carlsen são transmitidas em horário nobre, mas aí já é uma outra realidade...

J: Há algo que o senhor queira acrescentar e que não foi contemplado no roteiro?

GM 11: Não, eu acho que é isso mesmo. Não tem nada que me ocorra agora não, é isso aí.

J: Bom, novamente eu agradeço então toda a sua atenção e disponibilidade para esta entrevista. Todos os nossos contatos estão no termo que foi entregue, então sinta-se à vontade caso o senhor tenha alguma lembrança e queira acrescentá-la no estudo durante este período. Muito obrigada!

GM 11: Tá certo, obrigado!

### **Apêndice L – Íntegra da entrevista (GM 12)**

J: De antemão eu agradeço a sua atenção e toda a disponibilidade em relação a esta entrevista. Idade?

GM 12: 38 anos.

J: Data de nascimento?

GM 12: 14/06/1978.

J: Sexo?

GM 12: Masculino.

J: Cor da pele?

GM 12: Branca.

J: Nível de escolaridade?

GM 12: Superior completo.

J: Isso se deu em ensino público, privado?

GM 12: Privado.

J: Em que curso?

GM 12: Direito.

J: E as suas etapas anteriores?

GM 12: Foram todas no ensino privado.

J: Cidade de nascimento?

GM 12: Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

J: Onde reside atualmente?

GM 12: São Paulo.

J: Profissão?

GM 12: Sou advogado, mas agora eu trabalho como *trader* na mesa de operações da corretora do Itaú.

J: Uma média da sua atual renda familiar mensal?

GM 12: Considerando a minha esposa e eu... Alguma coisa entre R\$: 30 e R\$: 40 mil.

J: Como era constituída a sua família à época de sua iniciação no xadrez?

GM 12: Ela era composta por mim, pelo meu pai, pela minha mãe e meu irmão pequeno.

J: Vamos pensar basicamente nestas mesmas informações mas, agora, separadamente para cada um deles. Podemos começar pela sua mãe, nível de escolaridade dela?

GM 12: A minha mãe tem o Ensino Médio completo, mas não concluiu a faculdade. Ela começou a cursar e parou, então seria Ensino Superior incompleto.

J: Isso em uma instituição pública, privada?

GM 12: Acho que era privada.

J: E as etapas anteriores dela?

GM 12: Acho que foram no ensino público.

J: Profissão?

GM 12: Hoje ela é aposentada, mas na época que eu iniciei no xadrez ela era do lar. Na verdade ela trabalhou por um tempo como secretária executiva, quando o meu pai teve uma ascensão na carreira dele, mais tarde, ela se tornou do lar. Depois que os meus pais se separaram ela passou a fazer alguns trabalhos como costureira.

J: O mesmo pro seu pai, nível de escolaridade dele?

GM 12: Ele completou o Ensino Superior e tem mestrado, então ele é pós-graduado.

J: Isso em uma instituição pública, privada?

GM 12: Privada, ele fez o Ensino Superior na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Eu acredito que anteriormente ele tenha estudado em escolas privadas.

J: Profissão?

GM 12: Meu pai é administrador.

J: O senhor também tem um irmão mais novo, é isso?

GM 12: Sim, o nome dele é Giuliano.

J: O mesmo pra ele então, nível de escolaridade?

GM 12: Ensino Superior completo.

J: Em qual curso?

GM 12: Engenharia.

J: Em uma instituição pública, privada?

GM 12: Eu acho que é... É que ele estudou no exterior, ele fez na Alemanha e acho que era uma escola pública porque ele tinha só o custeio da manutenção dele lá, não do curso.

J: E as etapas anteriores?

GM 12: Sempre privadas.

J: Profissão?

GM 12: Ele é engenheiro.

J: Bom, a gente inicia agora as questões que se referem mais especificamente à sua trajetória esportiva. Fale sobre os seus primeiros contatos com o xadrez até o alcance do título de Grande Mestre.

GM 12: Eu comecei a jogar com o meu pai em casa, desde o primeiro momento ele me ensinou como as peças se moviam. Com 2 ou 3 anos ele já me ensinava a montar o tabuleiro e talvez com 3 ou 4 anos eu tenha começado de fato a aprender o movimento das peças. O meu pai era um aficionado e gostava de xadrez, então ele quis me ensinar isso assim como me ensinou outros jogos e brincadeiras também. Penso que a minha trajetória pode ser dividida em algumas fases, então vamos lá! A primeira delas é uma fase em que eu jogava com o meu pai em casa, isso acontecia sem tanta recorrência e se estendeu até os meus 8 anos. Eu não consigo me lembrar de detalhes, mas mesmo assim eu me recordo de alguns *flashes* como um ou outro dia a noite que a gente sentava no chão da sala pra ver uma partida que saía no jornal ou alguma coisa desse tipo. Aos 8 anos eu comecei a ter aula de xadrez no Club Athletico Paulistano aqui de São Paulo, assim como várias outras atividades esportivas e musicais que eu fazia na época. A música eu fiz um pouco mas não gostei, já entre os esportes eu fazia ginástica olímpica, natação e também o xadrez. Por já jogar às vezes com o meu pai e já saber um pouquinho eu me identifiquei muito com o xadrez, eu era tão interessado que me

dedicava relativamente bastante ainda sem a necessidade de ter aulas, então aprendi e cresci muito rápido no jogo. Eu gostava do ambiente e me sentia muito à vontade com as outras pessoas e com as aulas, elas poderiam ser com os adultos ou em grupos e eu gostava bastante. Acho que isso me incentivou principalmente nos primeiros meses, além do fato de que o meu pai também participava um pouquinho delas. Isso se trata de um período bem curto a partir de agosto de 1986 que seria o meu primeiro ano no clube, eu tinha acabado de fazer 8 anos e então comecei a ter aulas 1 ou 2 vezes por semana, a partir disso eu basicamente só jogava lá. A ida ao clube de xadrez de São Paulo foi uma das experiências mais importantes que eu tive nesses meus primeiros 6 meses, em um fim de tarde o meu pai me levou pra conhecer lá e aí eu vi aquilo tudo, aquele monte de gente, né? Nesse clube tinha um torneio relâmpago aos sábados pros adultos, aí uma vez o meu pai foi jogar e me falou “não, você não vai!”, aí eu fiquei meio bravo em casa mas peguei um livrinho de combinações e fiquei matando os exercícios porque eu queria ir jogar também. Vejamos, o que eu mais posso dizer que me lembro desse começo... No final de 1986 eu lembro que a gente jogou um torneio pra adultos juntos no clube de xadrez, foi bacana porque tanto eu quanto o meu pai íamos perdendo uma partida atrás da outra, só fazíamos 0, 0, 0... Mas lá pela 5ª rodada o meu pai ganhou uma partida e logo depois eu joguei com o mesmo adversário na rodada seguinte, então eu pensei “agora é a minha chance”, né? Mas aí curiosamente não deu certo, eu saí chateado porque perdi. Teve uma coisa interessantíssima pra minha carreira que foi o começo de 1987... Vamos lá, no final de 1986 pra 1987 – será que foi isso? – eu tive algumas aulas com o Pelikian que foram muito legais, naquela época ele era um juvenil ali, um militante do clube e substituía o professor quando ele tinha alguns compromissos e precisava faltar. Mas o importante é que no começo de 1987 a gente teve um Campeonato Paulista Sub-14 em Bauru e vários de nós da delegação do clube fomos de ônibus pra lá, foi muito bacana porque essa viagem foi a minha primeira experiência de ter saído sozinho de casa, além de terem ido vários amigos e de ter sido muito divertido. Foi interessante também porque esse era um Paulista Sub-14 e mesmo assim eu acabei indo bem, me motivou ter ficado em 10º lugar lá. O começo desse ano também foi importante porque eu jogava muito, basicamente eu ganhava os Campeonatos Paulistas Sub-10 e Sub-12 e ia me classificando pro Campeonato Brasileiro, no meu primeiro ano dele eu acabei ganhando mesmo e fiquei muito feliz por conseguir ir pro Mundial. Naquela época só o campeão do Campeonato Brasileiro poderia ir pro Mundial e o primeiro deles que eu joguei foi o Sub-12, comecei indo bem

e liderando o torneio até empatar relativamente rápido com um jogador que era mais fraco do que eu na última rodada. Eu tava 0,5 ponto na frente e se tivesse ganho já teria garantido a classificação, mas aí eu acabei em 2º lugar no *playoff* e fiquei bem chateado por não ter me classificado pro Mundial. No final de semana seguinte ou no outro, entretanto, eu tinha ainda o desafio do Campeonato Brasileiro Sub-10 que também me levaria pra Porto Rico pra jogar o Mundial se eu ganhasse, aí acabou dando certo e eu acabei me classificando. E aí, puxa! O Mundial foi uma experiência muito marcante pela viagem, pela turma que tava lá, pela minha independência, por me virar... Eu ia no *Burger King* – na época aqui só tinha *Mc Donald's* – e pedia “*one cheeseburger, please!*” já achando que tava arrasando no inglês [risos]. Depois tinha também o receio da primeira partida, eu não queria fazer feio e tava bem temeroso antes de sentar na mesa. Joguei com um rapaz do país da casa e pensei “puxa, vai ser difícil!”, como primeiro lance ele jogou o cavalo pra “f3” e aí eu pensei “Deus do céu, e agora?” [risos]. Só com aquele lance eu achei que ele deveria saber muito, mas aí o jogo foi indo e eu tava bem nervoso, o local de jogos era em um palácio todo bonito de mármore e o ar-condicionado fazia do lugar meio frio. Quando criança a gente joga meio rápido, então a partida foi indo até que em dado momento eu pensei “puxa, o que esse cara tá fazendo me parece uma besteira, tava na cara que ele queria armar um golpezinho!”. Mas aí eu pensei “puxa, mas se esse golpe for honesto ele vai tomar um ataque duplo ali e não tá vendo”, né? Dito e feito: ele foi, tomou o duplo, ganhei a dama e ele abandonou a partida, devo ter ganho em 19 ou 20 lances de pretas e pensei “opa, isso foi bom!”. Na 2ª rodada eu fui ganhando e aí foi indo, eu ganhava confiança ao mesmo tempo em que me divertia muito no ambiente, puxa! A distração era brincar de pingue-pongue com os mais velhos, às vezes jogar *blitz* com o pessoal, passear e enfim, foi uma experiência que eu gostei bastante. Voltar como Vice-Campeão Mundial foi uma maravilha, eu carregava um troféu bonito e grandão que era da minha altura! [risos]. Então isso me incentivou muito a seguir, além do fato de que eu já gostava, né? A minha carreira foi muito sobre isso de estar confortável com o ambiente, com os amigos que eu fazia e gostar daquilo, então eu meio que ficava muito à vontade em tudo que se relacionava ao xadrez. Além de ter muita curiosidade e vontade de aprender eu era bem competitivo, é óbvio que os bons resultados também te desafiam a querer ganhar novamente no próximo ano e, nesse sentido, ter largado na frente foi um grande empurrão que eu tive. Nos primeiros 2 anos a minha carreira foi muito intensa em termos de frequência aos torneios, eu joguei muito com adultos em 1987, 1988 e até em 1989. A cada 5 finais de

semana eu acredito que jogava em praticamente 3 deles, foram muitos torneios e muitas partidas. O lado positivo disso era que, obviamente, todo mundo acabava me conhecendo, então eu achava aquilo ali muito bacana. De certa forma a minha rotina era muito simples: eu acordava cedo, ia pra escola – ia bem na escola – e de lá eu ia pro clube fazer natação, depois eu fazia umas 2 horas de algum outro esporte ou ia dar uma volta e finalmente ficava no xadrez. Às vezes eu fazia as minhas lições e estudava lá mesmo na sala do xadrez que era grande e tinha várias mesas, enquanto isso eu ficava sempre olhando e ouvindo o que o pessoal fazia. Muitas vezes não era nem a minha aula mas o professor vinha e me falava “olha aquela partida ali!” ou “olha esse livro!”, então eu sempre tinha algum material pra estudar. Olhando de longe hoje eu acho que um dos grandes elementos desse começo foi o meu interesse pelo xadrez, eu realmente gostava e queria me desenvolver, tava curioso e então tudo o que aparecia eu ia pegando. Bem, vamos lá! Depois disso seguiram os torneios e eu sempre competia com o pessoal mais velho, acho até que acabava jogando muito bem com eles. Comparando as minhas partidas naquele tempo com aquelas que os nossos jovens jogam hoje é perceptível que eu jogava bastante bem pra minha idade. O meu nível técnico era tão bom que eu conseguia jogar razoavelmente bem uma partida contra um Mestre com 9 ou 10 anos, por exemplo. Embora nas aulas a gente tivesse toda uma rotina, eu estudava esparsamente e de forma muito aleatória, não era algo metódico. Dentro das aulas o professor seguia um roteiro que era basicamente montar um repertório de aberturas e depois estudar estratégia, então a gente seguia alguns livros por meio da leitura em conjunto, ao invés de cada um ler o livro pra si. Nós íamos lendo juntos um livro atrás do outro. É curioso que eu me exercitava muito jogando às cegas também, especialmente nessas viagens que a gente fazia de ônibus pros campeonatos que aconteciam em Curitiba, Bauru, Goiânia ou onde quer que fosse. Na primeira hora do trajeto, invariavelmente, tinha uma certa bagunça: era todo mundo falando, jogando cartas ou fazendo alguma brincadeira. Em algum momento ficava tudo mais calmo, então eu sentava do lado do professor ou de alguém e começava a jogar ou resolver os exercícios dos livros às cegas. Era um estilo meu sempre fazer muita pergunta e gostar de refutar as coisas, eu dizia “mas por que isso?” ou “ué, mas e se fizessemos isso aqui?”. Eu tava sempre muito ligado e focado no que fazia e, olhando de fora hoje, eu já não sei se é todo mundo que faz isso, né? Então o interesse, a curiosidade e a vontade eram aspectos muito meus, além da grande motivação que eu tinha por ter começado com bons resultados. Uma janela de oportunidade também surgiu porque... Vamos lá,



naquela época o próprio clube que eu frequentava tinha um departamento de xadrez com sócios bastante ativos e que gostavam muito de xadrez, então a gente tinha certa estrutura e incentivo que nos ajudaram a ganhar espaço. Eu gostava muito de viajar também, nesse sentido eu tive certo apoio tanto do clube como da minha escola porque eu podia faltar das aulas, isso era uma coisa bem bacana. Com os resultados eu também adquiri certa visibilidade em tudo e até mesmo na mídia, eu dava entrevistas pra jornais, revistas, enfim. Eu não era um *pop star* mas tinha uma agenda com bastante coisa, as minhas fotos e conquistas saíam nesses jornais de grande circulação como o Estadão, a Folha de São Paulo, o Diário Popular, entre outros. Vira e mexe algumas revistas como a Superinteressante ou a própria televisão vinham me entrevistar e, embora eu achasse legal cumprir essa agenda toda recheada, confesso que eu também não via a dimensão que aquilo tinha. Vejamos, o que mais eu poderia dizer desse começo e focando nessa minha fase que era mais ou menos aos 12 anos... Tinha alguma cobrança? Sinceramente eu acho que nenhuma, o xadrez era algo muito meu e era eu quem decidia se queria ir viajar e essas coisas, é claro que isso também era assim porque eu tinha como ir e tinha certa estrutura. Além disso o patrocínio da *Bubbaloo* que eu consegui com os meus resultados foi muito importante principalmente durante os anos de 1987, 1988 e 1989. Por quê? Porque isso dava uma estrutura que ajudava os meus pais a custear muitas coisas como os treinamentos e as viagens, além do que eu também o via como uma certa recompensa por aquilo que eu tava fazendo, né? E era algo legal porque eu ia na fábrica e os diretores – eu nem sabia quem eram, mas eu acho que eram eles – me cumprimentavam e falavam “olha, então é você, que legal!”, né? Eu lembro que eu saía de lá com um monte de caixa de chiclete e aí distribuía na escola pra todo mundo, assim eu era popular e às vezes tinha um monte de amigos [risos]. Obviamente isso também me ajudou a ter certa divulgação na mídia até os anos de 1989 e 1990, então eu ficava muito feliz e contente com tudo aquilo. Os meus pais se separaram por volta de 1989 – você tá perguntando também de tudo, né? – e eu fiquei com a minha mãe, mas aí depois ela casou novamente, foi morar na Europa e eu resolvi ficar com o meu pai. E aí, deixa ver o que mais... Em algum momento de 1990 eu perdi e não tive mais o patrocínio, essa também era uma época de hiperinflação e crise muito fortes no Brasil com o Collor. Me lembro que a situação financeira da minha família piorou bastante, eu sentia que realmente não tava sobrando dinheiro e que era preciso economizar, inclusive aí veio a separação dos meus pais e tudo. Não que isso importasse muito pra mim ou me atrapalhasse – acho até que não chegou a isso – mas hoje eu sei que é preciso algum

investimento para o suporte e para o *staff* do jogador. Nunca me faltou nada, e isso tanto em termos de educação como de condições pra seguir a minha carreira no xadrez como, por exemplo, treinadores, torneios adequados pra jogar, professores e tudo. Em relação ao xadrez eu acabava sendo muito independente em tudo, raramente os meus pais iam ou precisavam me acompanhar nos torneios, praticamente eu sempre ia pra tudo sozinho. Às vezes eles iam me acompanhar porque queriam me ver jogar, mas na maioria das vezes – e também porque eu tinha uma agenda muito frequente – eu acabava indo com uma equipe formada pelos meus treinadores e amigos. Já tecnicamente falando, entre os nascidos em 1978 eu era praticamente o número 1 do mundo ou então o 2º ou 3º melhor, e isso desde os meus 8, 9 anos de idade até os meus 16, 17 anos. Então eu sempre fui um competidor muito importante, até mesmo pelo *rating* que eu tinha aos 12 anos, né? Pra ter *rating* FIDE na época era preciso ter um mínimo de 2200 pontos, então era mais difícil porque não havia tanto torneio assim pra jogar. Mas quando eu fiz o meu bloco eu entrei com 2260 pontos, então ter quase 2300 pontos com 11 ou 12 anos era o que tinha na época [risos]. Bom, aí tem a parte dos resultados que eu não sei se interessa muito pra você, né? Mas enfim, vamos lá... Se eu pudesse escolher eu sempre escolheria aquilo que fosse um desafio maior pra mim em termos de competições como, por exemplo, foi o caso de um Pan-Americano que compreendia várias idades que nós tivemos aqui em São Paulo em 1991. Como eu já tinha ganho os Pan-Americanos da minha idade em 1988, 1989 e 1990 eu falei que naquele ano eu não queria jogar na minha idade, até porque eu já tinha conseguido a 2ª colocação em um Campeonato Brasileiro Sub-18 que eu havia jogado. Eu sempre fazia a escolha que fosse mais difícil e, dessa forma, eu falei que eu queria jogar o Pan-Americano Sub-18, né? De certa forma isso também era um *head* ou uma segurança porque essa escolha te tira um pouco do peso, enquanto que na sua idade a obrigação é ganhar, nas categorias maiores ela já não existe, então acaba se tornando um desafio. De qualquer modo eu acabava sempre indo muito bem com os mais velhos, tanto que nesse Pan-Americano, por exemplo, eu acabei ficando empatado na 1ª colocação e tudo. Com 14 ou 15 anos eu ganhei o Pan-Americano Sub-20 e me tornei Mestre Internacional, mas era natural porque eu já vinha conquistando as normas pra esse título desde os 13 anos. Olhando assim hoje talvez eu lamente um pouco não ter tido uma estrutura ou orientação corretas por trás, a gente trabalhou muito com o que estava disponível, mas a verdade é que aqui a gente tá muito longe dos melhores. Poxa, os meus adversários de Campeonatos Mundiais tinham a oportunidade de jogar torneios com os jogadores mais

fortes do mundo, o que é uma grande vantagem. Isso eu acho que foi algo que acabou prejudicando muito a minha carreira, não só a minha mas de outros dos nossos Grandes Mestres também. Especificamente no meu caso ninguém organizou um torneio pra que eu fizesse uma norma de Grande Mestre aos 13 anos, né? Não importa se eu não conseguisse um bom resultado, simplesmente não organizaram torneios assim. Principalmente na Europa ou nos outros países é muito comum que se faça um torneio ou que se ofereça uma vaga em uma competição quando alguém apresenta um talento muito grande, é assim que eles vão dando corda e criando jogadores de muito destaque. No meu caso não deram muita corda e dentro do que a gente tinha aqui foi o suficiente pra eu chegar até o nível da equipe olímpica, fiz isso relativamente rápido aos 15 ou 16 anos. Até o ano de 1994 eu tive uma ascensão muito cristalina, muito boa, muito clara, né? Mas vamos lá, como é que eu tava nas outras atividades no meio desse caminho? Eu estudava no Colégio Visconde de Porto Seguro que é uma escola alemã tida como excelente, mas também como muito tradicional, muito rígida. Em 1987 ou 1988 eu comecei a ter alguns problemas de comportamento em classe, eu não sei bem o que era mas sei que chamavam os meus pais na escola. O resumo da ópera foi que me levaram pra falar com alguns psicólogos e, depois de alguns testes, concluíram que talvez eu devesse ser mais desafiado. Com isso elaboraram um processo com o pedido para que eu avançasse 1 ano letivo em 1988, desde lá ele estava em andamento no Ministério da Educação. Só que aí o que aconteceu foi que o resultado veio no começo de 1989 quando eu já tinha melhorado o meu comportamento e estava tudo bem, hoje eu penso até que essa rebeldia pudesse ter a ver com a fase de separação em que os meus pais se encontravam. Eu sei que em 1989 eu cursava a 5ª série – que era o 1º ano do Ensino Fundamental II na época – e ao mesmo tempo eu estudava por conta toda a matéria da 6ª série pra fazer as provas de ambos os anos. Cursar 2 anos letivos ao mesmo tempo não impediu que eu continuasse a ter bons resultados no xadrez, tanto que este foi um ano que eu ganhei o Paulista Sub-12, Sub-14, Sub-16, Sub-18 e Sub-20. Embora não me atrapalhasse eu tinha uma agenda bem puxada que, além do estudo da escola, envolvia também o estudo de xadrez e as práticas esportivas que eu sempre mantive. Eu levava tudo isso numa boa, então da 5ª série eu pulei 1 ano e fui direto pra 7ª série, né? Continuei sendo um bom aluno e a escola sempre foi muito boa comigo também, eles entendiam a minha agenda e ajudavam no que podiam. Inclusive na época que os meus pais passavam por dificuldades financeiras a escola teve uma atitude muito legal e achou que isso não era motivo pra atrapalhar os meus estudos, então ficou tudo bem. Eu

me lembro que era um garoto bonitinho e de certo destaque, então em 1994 eu fiz 16 anos e já comecei a ter umas namoradinhas, na verdade desde 1992 ou 1993 eu já tinha umas paquerinhas nos torneios [risos]. Nesses anos eu me divertia, lembro que em 1994 o Brasil foi Tetracampeão no futebol e no xadrez nós disputamos o Campeonato Mundial na Hungria, né? Eu chegava no salão de jogos com a camisa da seleção e com a bandeira do Brasil, fazia a maior bagunça! Nesse ano eu não fui tão bem mas também não fui tão mal no torneio, diferente de todos os Mundiais que eu sempre comecei disputando muito bem e às vezes até tirava o pé no final, nesse eu comecei meio mal e foi justamente no fim que eu me recuperei. Quando eu comecei mal eu lembro até que pensei em ficar lá jogando pingue-pongue, brincando de bola ou até namorando, mas no fim deu tudo certo. No final desse mesmo ano eu tava no 3º ano do Ensino Médio e teve um Mundial Sub-20 aqui no Brasil, era um ano em que eu ainda colhia os resultados de 1993 e 1994 pra ter boas chances de chegar na equipe olímpica. O Mundial Sub-20 de 1994 foi um grande choque pra mim porque eu comecei muito bem, mas muito bem mesmo! Iniciei avassalador no torneio, tava com o título na mão ou, pelo menos, tava muito bem encaminhado pra ele e pra ser Grande Mestre aos 16 anos, caso ganhasse. Na reta final eu perdi uma partida lá, mas ainda continuava com chances porque eu tinha uma partida decisiva na penúltima rodada que, se eu ganhasse, ficaria com a mão na taça. Eu estava ganho contra a Sofia Polgár mas acabei perdendo, depois fomos analisar a partida e eu falava “escuta, mas e se eu fizesse isso, isso e isso?” e, então, percebi que enquanto eu mostrava ela não tinha visto absolutamente nada do que eu vi no tabuleiro. Mas enfim, eu também tomei uma decisão errada lá e ela acabou acertando, no fim de tudo eu acabei ficando só com o bronze. Esse foi um torneio importante porque ele encerrou uma fase escolar minha, depois disso a minha vida meio que mudou bastante e, olhando hoje, talvez os meus pais... Eu não teria permitido mudar um time que estava ganhando, certo? Bem ou mal e independente do xadrez tudo tava indo muito bem na minha vida, então não tinha o porquê mudar muita coisa. Mas enfim, a minha mãe morava na Suécia e então eu tive a brilhante ideia de pedir pra ficar 1 ano na Europa, né? Eu fui pra lá com a ideia de tentar jogar uns torneios mas não foi uma experiência muito boa, por mais que você tenha capacidade a coisa fica meio largada se você não tem estrutura. Lá eu tava meio sozinho, vira e mexe eu pensava “pra onde é que eu vou agora?”, então era meio... Como tudo na vida isso teve o seu lado bom e o ruim, o bom é que nessa fase eu tinha 17 anos e via aquilo como um mochilão, então eu me divertia, namorava bastante, festava com os amigos e tudo mais, mas em termos de resultados e

de *performance* mesmo no xadrez não foi nada bom pra mim. Eu voltei pro Brasil no final de 1995 pra 1996 e havia feito 18 anos, então eu era dono do meu nariz e, bem ou mal, já ganhava um dinheiro com o xadrez, então eu tinha certa independência financeira pra poder me virar sozinho. Focado em ter uma carreira no xadrez eu fui morar sozinho, mas a partir dessa fase eu acho que faltou um pouco de orientação porque não foi algo muito bem pensado. Fosse o caso dos meus filhos hoje eu não permitira acontecer o que aconteceu comigo. Com isso eu não tô criticando os meus pais porque era realmente uma decisão difícil, às vezes eles pensaram “puxa, se nós proibirmos isso aí estaremos atrapalhando algo que é o sonho dele”. É uma decisão difícil pros pais, mas acho que não houve uma conversa ou orientação pra se traçar um plano mesmo e analisar todos os cenários. Por que é que eu digo isso? Porque claramente os meus resultados de 1995, 1996, 1997 e 1998 são um retrato de que foram anos muito ruins pra mim, não houve nenhum progresso. Eu morava sozinho e, em tese, pensava que poderia estudar 10 horas por dia, mas não existia uma disciplina, um patrocinador e nem mesmo um treinador pra organizar os meus treinamentos, então era algo meio largado, meio perdido, não foi muito bom. Nessa volta eu aceitei uma proposta pra ir morar em Americana com a ideia de que a cidade iria me apoiar, mas no fim das contas foi uma grande desilusão porque na verdade ninguém tava interessado na minha carreira, o interesse deles era ganhar esses “torneiozinhos” como Jogos Regionais. Até fizeram um ou outro torneio lá pra gente, mas não sei... Embora houvesse alguma vontade e algum interesse, apesar disso eu acredito que não foi feito um grande esforço. Enfim, essa foi uma época que eu dividia apartamento com o GM 11 por lá, mas eu sentia que ele tinha um apoio muito maior do que eu porque ele era muito próximo do José Alberto – não sei se você sabe quem é o José Alberto ou se o GM 11 comentou dele – que era o presidente da federação. Ele foi uma espécie de tutor, de padrinho que recebeu o GM 11 em Americana pra equipe deles, aí logo em seguida eu fui pra lá. Mas o GM 11 tinha um patrocínio e apoio muito maiores, ele tinha até um treinador e, no fim das contas, foi até uma época que ele conseguiu me superar tecnicamente em termos de resultados, né? Nada contra ele, mas a decisão pra mim não foi boa, basicamente foi algo meio mal pensado. Minha estrutura familiar era muito desintegrada também, eu morava só com o meu pai, a minha mãe e o meu irmão estavam do outro lado do mundo, então éramos só eu e o meu pai ali. Eu também já tinha ficado 1 ano fora quando voltei, então eu queria um pouco de juventude rebelde, foi isso o que aconteceu. Resumindo, acho que a falta de uma estrutura familiar e de

uma orientação numa fase importante da minha vida acabaram me prejudicando – óbvio que involuntariamente, ninguém tinha vantagem em nada disso – e eu mesmo acabei tomando a decisão errada nesse sentido. A minha carreira praticamente estagnou entre 1995, 1996, 1997 e 1998, era uma época que eu tinha potencial pra realmente deslanchar mas não o fiz porque não tinha grande coisa pra isso. Nisso aconteceu uma coisa relativamente boa pra mim que foi ter encontrado a minha esposa, a gente começou a namorar e ela trouxe o equilíbrio pra minha vida. Fazendo só um parêntese aqui, a pessoa precisa ter um grande equilíbrio na vida dela, é por isso que eu comentei da orientação e tudo porque... Vamos lá, pensa no futebol, se alguém te fala “puxa, você é bom nisso!” e completa dizendo “fica chutando a bola aí 15 horas por dia que você vai melhorar!”, então você vai lá e faz, né? Mas às vezes se você chutar 8 horas por dia e junto com isso fizer outras coisas também, na verdade, a sua melhora será ainda maior. Eu tinha a ilusão de que naquele tempo eu iria me concentrar só no xadrez e chegar ao ápice do que eu poderia chegar, mas o que aconteceu foi que eu mudei todo um estilo de vida que vinha andando bem. Eu não tinha mais o estudo, não tinha mais a parte física, eu parei de nadar e só comecei a fazer um pouquinho de academia. Mudaram os amigos, o ambiente que eu frequentava, tudo mudou. No começo era até legal porque eu era novo, então tinha certa independência, tinha o meu carro pra ir pra lá e pra cá com ele, enfim. Até aí eu também podia fazer tudo isso aqui em São Paulo com os meus amigos, então era um mundo novo mas, de certa forma, muito isolado também. Em 1998 eu – até aí era um mundo muito fechado só no xadrez, é isso o que eu tô dizendo, eu vivia outras coisas para além dele também – comecei a namorar minha esposa e a partir de 1999 a gente foi morar junto, até porque desde 1996 eu já morava praticamente sozinho, né? Logo depois nós tivemos o nosso filho e isso mudou um pouco a minha vida em termos de motivação e de energia, além do fato de que agora eu já tinha o meu canto e uma agenda que era só minha mesmo. Em 2000 eu decidi que iria fazer uma faculdade e escolhi Direito, mas por que Direito? Na época essa não foi uma decisão que eu considere seguir uma carreira profissional, eu só falei que iria estudar porque eu achava que era bom e porque queria estudar. Como eu ainda viajava muito pelo xadrez eu queria algo que fosse abrangente, interessante e que me permitisse essas viagens. Nisso eu achei que Direito fosse um curso bom: ele te abre muitas portas, é bom saber das leis e como funcionam as coisas, é possível ler a matéria viajando e estudar sozinho, além do fato de que eu não precisaria tanto de um professor. Além disso, se um dia eu quisesse fazer um concurso público ou ir pra uma carreira diplomática – que era a

minha intenção inicial – ele me abriria as portas, até porque eu falava muitos idiomas. Quando eu comecei a fazer Direito, impressionantemente, a minha carreira começou a deslanchar de novo! Mesmo em 1999 eu acho que já ganhei o meu 1º Campeonato Brasileiro, além de ser desafiado pelo GM 6 em 2000 e ganhar dele. De 2000 pra 2001 um grande amigo que era Mestre Internacional foi morar perto de Americana onde a gente morava, ele era um amigo de longa data e propôs uma parceria pra ser o meu treinador. Essa foi uma decisão muito criticada pela minha esposa e pelos meus amigos porque eu tive que fazer um grande investimento pessoal em prol disso, o custo era muito alto pra mim que era muito mais forte do que ele. Eu já era Grande Mestre e todo mundo falava “por que você precisa de um treinador que é um Mestre Internacional e é 200 pontos mais fraco que você?”. Mesmo assim nós fizemos essa parceria que funcionava como se fosse uma sociedade, ele me treinaria e a gente tinha uma divisão lá estipulada que era relativamente cara pra mim. Mas isso foi muito importante porque a partir dos 12 ou 13 anos eu nunca mais tive um treinador, dessa idade em diante eu sempre estudei sozinho. Eu acho que isso se encaixou naquele buraco que eu tinha da falta de orientação, eu paguei um custo muito alto mas eu tive alguém me orientando e dizendo “faz isso, faz aquilo, vamos mudar seu repertório” ou mesmo “cara, se concentra, você tem que respirar bem!”, sabe? O resultado disso veio muito rápido, em 9 meses eu já era o número 1 da América Latina, era o número 3 ou 4 do Brasil – talvez o 3 porque era o GM 3, o GM 11 e eu – e de 2001 em diante eu já ganhei o Zonal e tudo, então nessa época eu fiquei muito forte. A sociedade terminou logo nesse primeiro ano por umas questões nossas ali, mas eu peguei aquela experiência toda como um ritmo de trabalho, de determinação e de estudo, então eu ia tocando o xadrez com a minha faculdade. Em meados de 2002 eu tomei outra decisão que foi voltar pra São Paulo, fiquei um pouco sozinho aqui mas tudo bem, o importante era que as coisas estavam andando e que eu melhorei bastante, tava muito determinado a isso. Alcancei níveis altos até 2004 e talvez esse tenha sido o ano do meu ápice de força, só que infelizmente eu esbarrei de novo em uma questão de estrutura quando se considera a minha carreira. Por quê? Eu também tinha uma família, então tive que olhar um pouco mais pra ela porque tava nascendo o meu segundo filho, eu precisava ganhar dinheiro em São Paulo. A ideia de vir pra São Paulo também foi pra crescer, fazer contatos e buscar patrocínios, mas sozinho essa busca por patrocínios era muito triste porque de certa forma eu tinha que cruzar e cabecear, né? Eu tinha que treinar, me preocupar com a estrutura familiar e financeira, com a agenda de torneios e ainda negociar patrocínios,

uma catástrofe! Um grande amigo que era empresário até meu deu uma força e certo apoio, eu tive 2 anos de auxílio mas infelizmente ele se perdeu em 2005. Toda vez que eu tive certo apoio financeiro eu tinha uma tranquilidade e conseguia desempenhar melhor, mas nessa história de olhar também a parte financeira eu acabei assumindo compromissos demais em 2005. Fui fundador da Editora Solis que traduziu as obras do Kasparov, então eu fazia algumas coisas a mais que acabaram me atrapalhando mas, como tudo na vida, sempre há o que vem para o bem e para o mal. Estamos nessa vida pra fazer as coisas também, então essa foi uma experiência bárbara e interessante mas que me atrapalhou muito como, por exemplo, no Mundial de 2004 que eu joguei em Trípoli na Líbia. Fui pra lá com o contrato assinado com o Kasparov pra traduzir os livros dele, então isso tinha que estar pronto muito rápido. O trabalho foi muito bem feito – inclusive ele reconhece em outros livros que a edição portuguesa foi a melhor entre todas – porém tomou muita energia, eu tinha que traduzir 400 páginas do russo e do inglês pro português, né? Então eu tinha que estar atento a isso e ao mesmo tempo jogar o principal campeonato de todos que era o Campeonato Mundial, é óbvio que ter que jogar as partidas e fazer outra coisa ao mesmo tempo não funcionou muito bem. Na 1ª rodada eu já não joguei uma boa partida, ainda assim eu tava totalmente ganho no *tie-break*, tinha um peão a mais de pretas. Tava dominando e aí esqueço do tempo e perco por ele, logo eu que nunca tinha perdido por tempo na vida antes ou, pelo menos, não em uma partida desse nível. Nesse ano de 2004 eu atingi um super resultado em janeiro que foi ganhar o torneio de Bermudas pela 3ª ou 4ª vez – se você considerar a vez que eu ganhei empatado com o Nakamura – e aí a virada veio no baque enorme que foi não ter ido bem nesse Mundial depois de ter assumido esse compromisso. Enfim, por uma questão de prazo de validade eu havia perdido o meu patrocínio também e me sentia um pouco chateado por algumas questões da federação. Toda hora eu precisava ficar brigando por coisas tão pequenas, então eu pensava “poxa, as coisas poderiam ser tão melhores”, né? Em 2005 eu me formei em Direito e comecei a pensar que eu tinha que fazer uma transição na minha carreira, até porque a parte financeira pesou de 2005 pra 2006 porque eu tinha que levantar recursos sem patrocínio nenhum, o que acaba dificultando um pouco. Nisso eu já comecei a me preparar pra me afastar um pouco do xadrez, mas aí eu já tinha... Vamos lá, eu falei de muita coisa aqui mas pulei alguns passos no meio do caminho. Tendo em vista todos esses Mundiais de categorias que eu jogava todos os anos na minha faixa etária e acima dela – no mesmo ano às vezes eu chegava a jogar o Sub-12, Sub-18 e Sub-20 – eu conhecia muita gente e fazia muitos



amigos. Desde pequeno eu já falava vários idiomas, com o xadrez e com a prática nos torneios eu aprendi o espanhol, o inglês, o russo, já falava o alemão da escola e aprendi o sueco no ano em que fiquei por lá, então nesse sentido eu era muito comunicativo e sociável. No ano de 1994 eu chegava com a bandeira do Brasil no *hall* do hotel do torneio de Bermudas que foi um dos mais importantes da minha carreira, né? Nisso havia 2 senhores que estavam lá tomando uma cerveja no bar, eles viram aquele garoto meio maluco lá e me ofereceram uma Coca-Cola. Perguntaram da onde eu era, eu disse que era brasileiro e aí ficamos batendo um papo. Eles eram de Bermudas, um deles era o pai de um jogador que tava no Sub-18 e que era dono de um pequeno hotel no país deles e o outro era o presidente da federação de lá. Papo vem, papo vai e depois que eu saí de lá eu soube que eles se perguntaram “puxa, e se a gente organizasse um torneio em Bermudas com um pessoal legal como esse?” e foi aí que começou o torneio de lá. Algum tempo depois veio o convite deles pra que eu jogasse por Bermudas, então eles estiveram comigo na minha primeira Olimpíada que foi em Moscou, eu tinha 16 anos. Bermudas tinha um ambiente bom e era um lugar que eu sempre fui muito bem recebido, então foi um local que eu joguei várias vezes e obtive excelentes resultados. Uma coisa que eu não comentei foi como eu obtive o título de Grande Mestre que é algo que eu acho importante, né? Bom, como eu disse o Mundial de 1994 havia sido um trauma porque de certa forma eu poderia ter sido Grande Mestre aos 16 anos, eventualmente as coisas poderiam ter sido um pouco mais fáceis e interessantes. Além disso foi uma partida que tava na minha mão, então foi mesmo algo que me marcou e que foi difícil de engolir e de assimilar. Depois disso eu tentei fazer as normas que não vieram em 1995, mas depois eu ganhei os Pan-Americanos Juvenis que também davam as normas e fiz uma outra lá em Bermudas. Consegui o *rating* necessário na Olimpíada de 1998 que eu havia sido convidado e então obtive o título de Grande Mestre aos 20 anos após ganhar 2 vezes o Pan-Americano Juvenil. Com isso o GM 7 – que é um grande amigo também – tentava me ajudar e me orientar na medida do possível, ele gostava muito de mim. Um belo dia ele falou “eu fui convidado pra uma Copa do Mundo de Xadrez Rápido na França mas eu acho que não vou poder ir, você não quer ir?” e aí é lógico que eu fui, agradei e fui jogar na França com a vaga desse convite dele. A minha primeira partida oficial como Grande Mestre foi contra o Karpov que era o Campeão Mundial oficial da época, visto que o Kasparov havia brigado com a FIDE. Puxa! Eu pensava “vou jogar com o Karpov, que legal!”, mas também falava “e agora, o que é que eu faço, o cara já tinha sido Campeão do Mundo por várias vezes e era só

melhor na abertura, no meio-jogo e no final do que eu” [risos]. E fui, era um Mundial de rápidas e eu joguei de brancas essa partida, mas logo na abertura eu já não sabia o que tava fazendo. Ele igualou rápido e eu devo ter gasto 25 minutos nos 15 primeiros lances, enquanto isso os 30 minutos dele ainda estavam intactos ali no relógio. A partida não se desenhava muito bem pra mim mas eu tava focado, levei o jogo pra uma situação de sacrifício de qualidade pra tentar uma compensação e aí tudo mudou. O jogo ficou muito mais complexo e eu pude me recuperar, nisso ele começou a sentir uma série de dificuldades e, percebendo isso, ali por volta dos 2 ou 3 minutos no relógio pra cada um eu fiz um lance psicológico. Era uma posição complexa e parecia que eu tava bem, mas eu não podia esquecer que tinha qualidade a menos, né? Então eu fiz esse lance e ofereci empate, ele hesitou e aceitou. A Judit Polgár e o Ivanchuk vieram falar comigo sobre o porquê eu havia oferecido aquele empate, aí eu falei “calma, não era tão simples assim, tinha isso, isso e isso” e eles realmente concordaram. Depois o Karpov me chamou pra analisar a nossa partida lá na suíte dele – que tinha vários assessores e tudo – e foi bem legal, ele foi super simpático e você não imagina isso de um Campeão Mundial que empatou com um garoto de 20 anos do Brasil, né? Pô, não era a coisa que ele mais esperava no torneio! [risos]. Mas ele foi super gente boa e gostou da nossa análise, além disso eu tava com a minha esposa grávida lá que tava esperando o nosso filho, então foi bem bacana. Eu não cheguei a ir pras finais mas foi um bom torneio, os organizadores gostaram da gente e me convidaram pra jogar um torneio de rápidas em Córsega, o Karpov também recebeu o convite e foi bacana porque só nós dois fomos convidados pra jogar lá. Com isso a minha esposa falou “convida o Karpov pra ir pro Brasil!”, mas aí eu disse “puxa, mas o que ele vai fazer no Brasil?” e ela disse que eu deveria convidá-lo porque ele foi muito legal comigo. Com base no nosso relacionamento eu fiz esse convite e ele logo aceitou, então eu o trouxe pro Brasil e, claro, a federação acabou capitalizando em cima desse meu contato. Na época o Mário Covas era o governador do estado de São Paulo e ele gostava muito de xadrez, então o Karpov, a federação e eu fomos recebidos no palácio e a partir daí o xadrez nas escolas começou a ter algum apoio. O Mário Covas foi importante para que o projeto acontecesse após a nossa conversa porque aqui em São Paulo nós ainda não tínhamos grande coisa, o sul já tinha algo nesse sentido com o GM 7. Assim como eu tinha esse relacionamento com o Karpov eu também tinha vários outros amigos, sempre fui uma certa referência aqui no Brasil e na América do Sul por ter um *networking* muito bom dentro do xadrez. Depois disso o Karpov me convidou pros torneios dele lá na Sibéria e

eu fui até porque falava russo, não brilhei tanto por lá mas foi uma experiência boa pelo convite recebido. Então foi assim que eu ganhei o meu título de Grande Mestre em 1998, mas eu acabei melhorando mesmo durante o período de 2001 até 2011. Nesse tempo eu tava entre os 100 melhores do mundo e foi a época que eu mais dominei porque quase que ininterruptamente eu era o número 1 do Brasil. Eu ajudei os organizadores da nossa confederação a fazer o convite ao Karpov, mas praticamente foi eu quem trouxe o Karpov pro Brasil, né? A ideia era que ele jogasse com o atual Campeão Brasileiro pra ser como se fosse um prêmio ou mais um desafio pra quem ganhasse o nosso torneio nacional. Acabou calhando que eu ganhei o Campeonato Brasileiro de 2006 e joguei um *match* com ele de novo [risos]. Eu acabei me envolvendo bastante nessa parte de grandes eventos pela amizade pessoal que eu tenho com grandes jogadores, este também foi o caso da vinda do Anand e do Karpov pro Brasil em 2004 no desafio que nós fizemos pros 450 anos de São Paulo. Além disso eu passei 2 semanas treinando com o Anand em 2003 que também é um grande amigo, esse convite também foi muito bom pra mim. É claro que tem toda uma parte que compete ao jogador fazer como, por exemplo, a parte técnica, anímica, psicológica e física, tanto que estar bem fisicamente me ajudava nas partidas dessa época, eu fazia jiu-jitsu, muay thai, academia e xadrez. Mas se você quer ser um dos melhores jogadores do mundo então você precisa também estar no meio destes jogadores, se não estiver você acaba sendo só o campeão do seu bairro, né? Então como foi a experiência de trabalhar com o Anand? Ele me convidou pra ir pra lá... Desculpa, vamos retroceder um pouco antes disso, como foi a experiência de ter o Karpov aqui no Brasil pela primeira vez? Puxa, ele ficou em casa! A gente pegou uma casa na praia e ficamos lá estudando, ele gosta muito de jogar relâmpago pra treinar e então quando eu falava “o que é que a gente vai ver hoje?” ele respondia “ah, vamos ver uma siciliana aqui” e aí a gente jogava. Ele me destruía, nossa! Nos primeiros 3 dias era algo vergonhoso como 40 derrotas e 3 empates, tanto é que no segundo dia eu já pedi desculpas por ter feito ele vir pra cá pra isso, né? E aí ele falou “não, fica tranquilo, quando eu treinei com o Ivanchuk eu ganhava de 10 x 0 também, ele começou a bater a cabeça na parede mas é que sou eu que gosto de *blitz* mesmo”. Então além de gostar ele era muito bom nisso, mas aí foi bom por que o que é que eu senti? No final dessa segunda semana que a gente tava estudando e treinando ele já ganhava 5 partidas e eu ganhava 2 dele nesses nossos *matches*, o que já era diferente de ele ganhar 10 e eu empatar 1 partida, entendeu? Então ele ganhava por 5,5 x 2,5 pontos ou por 5,0 x 3,0 pontos e era por aí, então eu já via

uma diferença. Isso a gente tá falando de quando ele veio pro Brasil em 1999, depois disso eu tive a experiência com o Anand que foi em 2003, se eu não me engano. Com o Anand a intenção de chegar lá pra treinar foi parecida, mas foi totalmente diferente porque ele é um cara que é de puro estudo, ele usa muito os arquivos de computador, organiza e anota todo o trabalho, então ele realmente é um estudioso. O Karpov já não anotava nada, né? A gente via uma linha e se queríamos lembrar dela a gente tinha que voltar pra partida pra ver mais ou menos a ideia. Enquanto o Karpov tinha na cabeça tudo o que ele precisava entender, o Anand era um cara bem mais metódico, profundo e que tinha arquivo de tudo no computador dele, até mesmo de uma abertura que ele nunca jogou na vida. Em um dia desses de estudo eu falei que jogava a variante *taimanov* e ele falou que jogava a siciliana *scheveningen*, então de repente nós estávamos vendo a siciliana *scheveningen* que é uma linha sempre boa de se ver e da qual eu não sabia nada, então tava aprendendo algo novo. Eu lembro que nos primeiros 2 ou 3 dias a gente acordava, estudava um pouquinho e ia pra academia, de tarde a gente estudava um pouco mais e depois ia dar uma caminhada ou tomar um sorvete. Mas ele não era de jogar *blitz* e então nunca jogava, houve só um dia que eu consegui jogar *blitz* com ele mas não dava, ele era muito, mas muito forte mesmo! Eu lembro também que quando a gente estudava nas primeiras semanas ele falava “tá, mas e isso, isso e isso?” e eu falava “espera aí que eu não tô nem sabendo da onde você tá começando, vai devagarzinho comigo!”, então ele “pá, pá, pá” no tabuleiro [risos]. Na segunda semana eu já tava pegando o ritmo e chegou um Grande Mestre russo muito forte de 2670 pontos que foi estudar com a gente também. Ele tinha umas ideias novas na defesa *caro-kann*, mas aí era engraçado porque no começo ele vinha com uma ideia e agora era eu que vinha falando pra ele “tá, mas e se isso, isso e isso”, né? Ele era um jogador com 50 ou 70 pontos a mais do que eu, então você vê como os caras de altíssimo nível estão sempre afiados, ali o cara já se perdia todo e era eu que destruía ele nas análises. Tanto é que eu senti uma diferença brutal quando voltei aqui pro Brasil, até mesmo conversando com os outros Grandes Mestres locais ou sul-americanos era muita diferença, eu estava muito forte e isso porque tinha passado só 2 semanas lá. Então essas coisas fazem muita diferença pra um cara que quer ser de altíssimo nível e a gente não tem isso aqui. Pra que isso acontecesse teve um custo e eu só consegui o que eu consegui principalmente pelo meu relacionamento pessoal, pelas minhas amizades. É claro que se você tem uma estrutura atrás ajuda, bem ou mal tem o custo de ir até lá, de se manter por 2 semanas na Europa e enfim. Então essas coisas foram importantes, o relacionamento com essas

peessoas, os torneios... Bom, no ano de 2006 eu comecei a ver que já tinha perdido outro patrocínio e aí eu pensei “quer saber, eu falo meia dúzia de idiomas, era um dos melhores alunos da minha escola, não era burro, tinha tirado de letra a faculdade, então de repente eu poderia fazer outras coisas também”, né? E aí depois do *match* com o Karpov em Guarulhos que eu joguei porque havia ganhado o Campeonato Brasileiro eu pensei em me aposentar e focar em outras coisas. Eu tinha concluído a faculdade em julho de 2005 e tirado 1 ano pra jogar porque eu já tinha uma agenda e tudo, mas eu ainda tinha que, pelo menos, prestar a prova da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) que eu ainda não havia feito porque fiquei viajando depois de terminar a faculdade. Decidi que ia prestar essa prova e passei, então eu já começava a advogar e a partir daí eu fui me afastando do xadrez. Em 2009 ou 2010 eu até tive uma outra recaída porque eu não tava muito satisfeito e nem feliz advogando, então eu pensava “puxa, eu era tão feliz jogando, gostava tanto!”. Nisso eu resolvi fazer uma nova tentativa durante 1 ano, então eu me dedicava, me preparava e jogava, o que rendeu o *rating* mais alto já alcançado por um brasileiro até hoje que foi de 2660 pontos entre o final de 2009 e janeiro de 2010. Com isso eu pensei “puxa, agora vai!”, mas aí o que aconteceu em 2010 foi que eu fui convidado pelo Karpov e pelo Kasparov pra cuidar da agenda deles em relação à campanha da FIDE que tinha o Karpov como candidato. O Kasparov era o chefe da campanha do Karpov mas eles não tinham ainda um relacionamento forte entre si, então como eu era um cara bem relacionado, falava russo e era amigo deles eu falei “claro, eu ajudo e será um prazer!”. O problema é que com isso a nossa confederação me tirou de equipe olímpica e acabou me boicotando, fez umas... Só um minuto, a minha esposa chegou.

[Interrupção].

GM 12: Então mais uma vez eu acabei tendo problemas com a nossa confederação devido à campanha da candidatura do Karpov, com isso eu concluí que era a hora de fazer mesmo uma mudança. Em 2011 eu fundei a Associação para o Desenvolvimento do Xadrez (ADX) que tem como objetivos utilizar o xadrez como ferramenta pedagógica, promover o xadrez nas escolas, dentre outros. Por gostar muito de xadrez eu sempre estive muito envolvido com iniciativas relacionadas à prática como ferramenta pedagógica ao longo deste período, iniciei trabalhos em algumas escolas e atualmente a minha esposa trabalha com isso, então a gente sempre apoiou isso. Eu me aposentei do xadrez em 2006 e a minha volta em 2009, 2010 e 2011 se deu muito em

função dos meus filhos que estavam se motivando, eu queria estar junto com eles. Essa associação também tinha um cunho político, eu já tinha um bom relacionamento com o Kasparov desde a época em que traduzia os livros dele e então o trouxe pro Brasil, a gente fez um grande evento e foi muito legal. Nessa ocasião nós também tentamos fazer um esforço pra trabalhar junto com o governo em 2011 e 2012, mas aí eu percebi que não era fácil trabalhar com eles e pensei “quer saber, eu tô fora disso!”. A Olimpíada de 2012 foi o meu último evento profissional e aí resolvi mudar a minha carreira mesmo, entrei pro mercado financeiro. Eu não estava satisfeito com o xadrez, embora eu goste de estudar, de competir e de jogar eu acho que talvez já tenha atingido o meu máximo nisso ou, pelo menos, já tenha atingido bastante coisa. Ganhar mais um ou outro Campeonato Brasileiro não iria fazer diferença na minha vida, com o Direito eu também já não tava tão satisfeito e então decidi que iria escolher uma outra carreira, entrei pro mercado financeiro. É óbvio que eu acompanho xadrez e jogo uma ou outra partida de vez em quando, assim como um ou outro torneio. Raramente eu tenho um pouco de tempo, mas de vez em quando eu brinco um pouco com os meus filhos e, quem sabe, mais pra frente eu volte a jogar um torneio um dia. Eu acho que essa foi a trajetória da minha carreira, ela conta com algumas etapas como a primeira que foi até uns 12, 13 anos quando eu conquistei o *rating* FIDE, essa era uma época de infância em que eu tive um treinamento. Parei de treinar com o Pelikian aos 11, 12 anos, treinei um pouco com o Herman, com o GM 3 e “*that’s it!*”, a partir dos 13 pra 14 anos eu treinei sempre sozinho. Depois dos 16 anos a falta de alguma orientação e de algum apoio foi uma questão importante pra mim. Depois eu casei e tive uma nova motivação, cresci e investi na carreira com algum treinamento. Quando adulto e Grande Mestre eu tive várias outras atividades paralelas ao xadrez como a editoração de livros, organização de eventos, elaboração de alguns projetos sociais e o auxílio na parte política. Enfim, acho que mais ou menos foi essa a trajetória da minha carreira!

J: O seu pai conta como é que ele aprendeu o xadrez?

GM 12: Ele conta que comprou um tabuleiro e um conjunto de peças – que a gente tem até hoje – e aprendeu sozinho quando tinha uns 12 ou 13 anos. O pai dele tinha uma agenda um pouco cheia, eu acho que ele era secretário ou auditor geral do estado. Ele conta que tinha alguns amigos que gostavam de xadrez também e que jogou mais na época de faculdade, não mais do que isso. Mas diz ele que foi por iniciativa própria e que jogava esporadicamente, talvez ele tenha tido alguma influência do Bobby Fischer

por nascer antes dele, mas isso aí eu não sei e o meu pai nunca fez nenhuma menção a nada disso.

J: Ainda no início, como eram as práticas relacionadas ao xadrez entre vocês?

GM 12: O meu pai jogava esporadicamente comigo um pouco, mas era algo rápido entre 1 vez a cada 2 semanas até uns 7, 8 anos. Às vezes a gente via uma partida em um livro, mas era mais no jornal. Eu não me lembro quem é que requisitava esses momentos, mas sei que depois que eu comecei a ter aulas de xadrez nós jogávamos muito pouco. Vez ou outra ele até jogava com os adultos lá do clube, não era muito mas às vezes ele participava, lá no clube quase não jogávamos entre nós. Na época ele ainda ganhava de mim, mas depois que eu comecei a ganhar dele a gente nunca mais jogou também. Embora ele não competisse, só acompanhasse xadrez e jogasse esporadicamente, comigo ele jogava sério e não me dava chances. Mesmo assim havia muita diferença entre nós, até porque ele não era de estudar xadrez e, então, não me acompanhava.

J: Como era o ambiente desse clube?

GM 12: Era um clube que tinha certa estrutura e várias atividades, tinha a piscina, as quadras de tênis, os campos de futebol, além do departamento de xadrez. Quem frequentava o departamento de xadrez era quem gostava da modalidade e geralmente quem fazia as aulas lá, normalmente havia um horário só para crianças e outro pra turma dos mais velhos que era a partir das 18 ou 19 horas, eles apareciam lá pra jogar ou pra ter aula em grupo. A faixa etária dos jovens ia desde os 8 aos 16 anos, era um grupo bastante variado e a gente podia conviver também com os mais velhos assistindo as aulas em grupo deles. Lá tinha mais de um professor, no começo era o Ângelo que orientava os menores e depois o Pelikian ajudava ele, o James veio mais tarde em 1987 ou 1988. Eles eram professores que gostavam de xadrez, davam as aulas – o Pelikian começou lá e continua até hoje – mas não eram jogadores de elite, posteriormente 2 ou 3 deles se tornaram Mestres Internacionais. Lá tinha a hora do estudo e da diversão, pra mim era divertido estar ali porque eu gostava de jogar relâmpago, brincar de australiana, jogar “casa oculta” ou brincar de “quem ganha perde”. Às vezes a gente jogava no sábado de manhã e quando terminava a aula todo mundo ia jogar pingue-pongue ou vôlei, então a gente brincava também e era um ambiente divertido onde eu fazia muitos amigos, talvez por isso eu me sentisse tão à vontade.

J: E o ambiente do clube de xadrez de São Paulo, como o senhor percebia?

GM 12: A gente soube da existência dele pelos professores lá do clube que nos indicaram e disseram que valia a pena conhecer lá. O meu pai me levou pra conhecer lá um dia e eu lembro que achava tudo aquilo muito diferente, tinha torneios e muita gente jogando, então deu pra ver o que era um clube de xadrez. Você chegava, pedia um jogo de peças, um relógio e ia lá pegar uma mesinha pra jogar, se eu não me engano quem não era sócio pagava um ingresso lá pra entrar que era o nosso caso. Era um ambiente bem frequentado, relativamente organizado e limpo, o clube ainda tinha muitas atividades embora naquela época ele já não estivesse mais em seu auge. Mas a gente não ia com muita frequência, só depois quando começou a ter um ou outro torneio lá nós íamos jogar, principalmente os torneios de relâmpago ou mini-open.

J: E no seu colégio, como era o contato com o xadrez?

GM 12: Não existia xadrez no meu colégio, vez ou outra eu joguei contra alguns alunos em uma exibição lá mas não existia nada, nem aulas extracurriculares – muito menos curriculares – e nem campeonatos. Obviamente o colégio que eu estudava não precisava fazer propaganda do meu desempenho no xadrez, mas eles admiravam e enalteciam quando podiam organizando alguma exibição que me valorizava enquanto aluno. Todos os meus professores sabiam de como eu ia bem no xadrez e a maioria deles sempre me parabenizava ou me ajudava no sentido de entender que eu viajava bastante porque tinha uma agenda cheia de compromissos. Então não existia aquelas perguntas como “por que é que você faltou?” ou ameaças como “vou tirar a sua nota!”, simplesmente se eu perdia alguma prova eu fazia a substitutiva e se eu não tava nela eu podia fazer depois, não tinha problema. Tinha dia que eu ficava na diretoria fazendo 5 provas seguidas ou tinha que fazer todas as provas do semestre em 1 dia, mas pra mim não tinha problema e estava tudo bem fazer isso.

J: E os seus colegas de escola, como agiam em relação a isso?

GM 12: O xadrez não era um assunto que vinha à tona no dia a dia com os meus colegas de escola, mas eles sabiam que eu ia bem no xadrez e gostavam disso, até porque eu distribuía os chicletes *Bubbaloo* do meu patrocínio e eles perguntavam da onde vinha [risos]. Uma vez tentaram jogar comigo às cegas e aí eles viram que não dava mesmo, mas não me excluíam ou incluíam mais por causa disso. Eles sabiam que eu jogava



porque provavelmente viam que eu saía no jornal, os pais todos também sabiam, enfim. Mas no colégio a gente jogava era bola, guerra de bexigas ou qualquer coisa, era tudo normal e não tinha nada de diferente pelo fato de eu jogar bem xadrez.

J: O senhor percebe alguma relação entre estes diversos ambientes em que vivenciou o xadrez e o futuro alcance do título de Grande Mestre?

GM 12: Olha, eu acho que sim pelo fato de que primeiro eu tive uma oportunidade neles, se uma pessoa é um grande talento musical e na casa dela não tem nenhum instrumento, então de repente ela nunca vai saber que é um talento musical porque ela nunca pegou em um instrumento, né? No meu caso eu já tinha essa disponibilidade porque quando eu comecei nós tínhamos alguns tabuleiros e uns 2 ou 3 livros de xadrez, depois nós compramos mais uma meia dúzia deles...

Esposa: Não, mas assim, a questão é que os clubes que você frequentava não foram determinantes pra você ser quem você foi. A questão determinante foi que você sempre foi um autodidata e foi atrás pra procurar ser quem você é.

GM 12: Sim, mas o que ela perguntou foi se os ambientes que eu vivenciei o xadrez têm alguma relação...

Esposa: Sim! Tiveram alguma relação, mas não foram determinantes.

GM 12: Eles têm alguma relação, até porque eu sempre tive toda uma estrutura, condições e materiais necessários, eu não tinha nenhuma proibição de não poder fazer alguma coisa, se eu quisesse simplesmente eu pegava os livros e lia. É claro que eu também ia atrás e isso me ajudou muito nesse sentido, mas o ambiente me ajudava porque bem ou mal o meu pai gostava daquilo e principalmente me apoiava, embora eu não saiba medir concretamente de que forma. Minha mãe também gostava e achava legal, mas ela só me levava pras aulas e pros clubes, não se intrometia ou se opunha. No clube eu também tinha vários amigos, esse sim eu acho que foi um ambiente que contribuiu pra eu poder me desenvolver e ter a primeira base pra chegar ao alto nível futuramente. O que me foi ofertado foi o alicerce, a base, a entrada... Afinal, você precisa entrar em um meio pra depois poder crescer dentro dele, né? E isso em qualquer coisa, você precisa ter primeiro a oportunidade de entrada e, preferencialmente, esta ser uma entrada que tenha uma primeira impressão positiva. Pra mim essa primeira impressão foi positiva porque eu achei tudo muito legal: gostei do treino, gostei da aula,

gostava das partidas de brincadeira, gostava dos torneios internos e externos. Obviamente que aquela foi uma base e não foi dali que eu consegui chegar ao alto rendimento, aí entra uma série de outros fatores. Por quê? Porque depois da base você precisa treinar, tanto é que depois das aulas que eu tive lá no clube eu também tive algumas aulas particulares com o Pelikian e uma carga horária semanal um pouco maior. Depois eu ainda tive algumas aulas com o Herman principalmente de finais e com o GM 3 principalmente de aberturas, então você precisa trocar ideias e estar em contato com quem seja muito melhor do que você e que, preferencialmente, esteja disposto a te passar os ensinamentos, né? Você tem que aprender e pra isso é preciso teoria e prática, não tem outro segredo. Além disso tudo eu estudava muito sozinho, tenho até hoje alguns cadernos guardados que às vezes eu mostro pros meus filhos e falo “olha só, 3 de janeiro, era um baita verão de férias e eu tava começando a ler um catatau assim de finais de peões sozinho em espanhol e em notação descritiva”, né? Era um baita saco aquilo tudo mas eu tinha que ler, o que eu poderia fazer? Eu queria aprender e precisava daquilo pra isso, então eu tinha o meu caderninho e fazia tudo certinho. Então você precisa de muitas horas de estudo, o meu estudo de aberturas, por exemplo, sempre foi muito deficiente, esse era o meu lado ruim e mais fraco. Acho que é até hoje porque em técnica, conhecimento, final e cálculo eu vou muito bem, mas na abertura eu realmente só me virava. Deve ser por isso que falam que eu tinha determinadas deficiências no meu jogo, de fato eu não estudava tanto quanto os outros mas era bem mais do que a maioria, tanto é que eu ia bem. Eu jogava e estudava muito, o ambiente familiar e o clube não ajudaram nada nestes dois pontos porque aí era mais eu sozinho, até porque eu podia estar lá pra estudar na casa do Herman ou do GM 3 ou ir pros torneios e não estudar sozinho, dos 13 aos 16 anos eu praticamente só estudava sozinho o tempo todo.

J: Além daqueles já mencionados, há outras pessoas e/ou momentos que tenham sido pra ti significativos durante esse período de iniciação?

GM 12: Eu acho que algumas pessoas contribuíram bastante pra me ajudar, sejam elas voluntárias ou pagas. Nisso eu incluo os meus treinadores, as pessoas mais velhas que se dispunham a estudar e que estavam lá me ensinando ou vendo alguma coisa comigo nos clubes, e enfim. Eu também ia muito atrás, era muito questionador e fuçava muito, às vezes não era o meu horário de aula mas eu via a pessoa sozinha e enchia ela de perguntas, nesse sentido eu tava sempre produzindo alguma coisa. Todas essas pessoas

que eu mencionei como o Pelikian, o Herman, o GM 3 ou o James participaram da minha formação e dividiram algum conhecimento comigo. Um pouco o GM 7 também que me deu alguma oportunidade, bem ou mal ele foi o presidente da nossa confederação que organizou vários torneios importantes aqui no Brasil como os Pan-Americanos, os Mundiais, entre outros. Deixa eu ver... Nesse começo eu acho que era isso, além deles eu tive também os amigos do clube e a diretoria que de certa forma sempre estava próxima e me acompanhava, mas eu acho que só.

J: O senhor gosta de xadrez?

GM 12: Eu gosto, mas isso era mais no começo. É claro que eu entendo de muita coisa e ainda hoje gosto de acompanhar, vejo algumas partidas, gosto de analisar, mas não vejo mais nenhum ponto que me faça ter prazer em jogar no Brasil. Se não for um torneio que eu ache bacana eu já não tenho muito prazer em jogar não. Se você me perguntar se eu gosto de jogar torneios como o Interclubes, Jogos Regionais ou Jogos Abertos eu vou te falar que eu não gosto. Acho que são todos torneios mal-organizados e que não prestigiam, então acabam sendo eventos totalmente sem valor e que oferecem mais do mesmo. Tem o fato de que eu também já joguei 15 anos com essas mesmas pessoas, diferente de torneios como um *Aeroflot Open* ou um *Moscou Open*, puxa! Eu também gostava de jogar em Wijk aan Zee, então isso eu acho legal porque você vai, viaja, joga o torneio, é tudo organizado, o tabuleiro é bom e é de madeira, o torneio é sério, a oposição é de altíssimo nível, de resto eu já não tenho muito prazer não.

J: Para além do seu pai, qual era o envolvimento da sua família com o xadrez?

GM 12: Bom, a minha mãe não joga e nunca jogou. Já no resto da família o meu tio que é irmão do meu pai também sabia jogar, já da parte da minha mãe ninguém. Da parte do meu pai o meu avô também sabia jogar, mas acho que eu joguei 1 ou 2 partidas só com ele. Eu me lembro que o meu pai e o meu avô foram ver o meu primeiro torneio lá em Taboão da Serra, a gente morava no Morumbi e acho que teve um torneio Paulista Sub-8 ou Sub-10 lá. Foi legal porque eles foram me ver jogar, mas foi uma experiência única também porque eu não jogava com mais ninguém da família. O meu irmão jogou competitivamente também, ele era mais novo do que eu e também começou a ter aulas de xadrez mais ou menos na mesma época. Ele até ganhou uns Campeonatos Brasileiros e um ou outro torneio, mas não teve tanto destaque. Depois ele foi pra Europa com a minha mãe, jogou um pouco lá mas teve outros interesses e parou de jogar. Acho que o

meu irmão acabou aprendendo direto já no clube, ele é 3 anos e meio mais novo do que eu e então tinha 4 anos e meio na época, nós dois mesmo quase não praticávamos.

J: Qual era a expectativa da sua família em relação à sua participação no xadrez?

GM 12: Eles gostavam, achavam uma prática bacana e eu também gostava, então eles deixavam e pensavam “que mal poderia ter?”, né? Mas como todos os outros, no começo eu acho que a ideia dos meus pais era de que eu focasse na faculdade e nos estudos. Minha mãe queria que eu entrasse numa faculdade boa e acreditava que lá pros 17 anos eu iria fazer isso, o meu pai também imaginava a mesma coisa. É óbvio que se eu quisesse continuar jogando eles também não iriam se opor, por que não fazer isso já que eu gostava e ia bem? Em termos de resultados as expectativas eram nulas, eles não estavam nem um pouco preocupados se eu ganhava ou perdia as partidas e eu não digo isso no mal sentido, muito pelo contrário. Eles só queriam que eu fizesse aquilo, não era aquela história que a mãe tem uma filha que joga bem e para tudo na vida dela pra que a filha seja um modelo, né? Comigo não tinha nada disso no xadrez, muito menos aquela história de pais que fazem camisetas ou que ficam na arquibancada torcendo e gritando “vai, filho!”, não havia nada disso [risos]. Eles só queriam que eu me esforçasse e estudasse pra isso se eu quisesse jogar, fora isso eles me davam qualquer livro ou material que eu precisasse e sempre procuravam saber o que era preciso para que eu me desenvolvesse. O meu pai diz que às vezes ele mesmo perguntava pros outros o que ele tinha que fazer porque ele mesmo não sabia, não era jogador, né? Ele pensava “será que tem que trazer um treinador de fora, será que não tem?” e enfim, destes bastidores eu não sei tanto porque eram mais questões dele, mas não havia expectativas para que eu fosse profissional ou para que eu ganhasse dinheiro com isso. É óbvio que eles eram os meus responsáveis legais e que, portanto, tratavam algumas questões financeiras de exposições ou simultâneas que eu fazia. Também é óbvio que não falavam comigo pra isso porque eu era menor de idade, quem cuidava desses assuntos era principalmente o meu pai. Eu também não sei avaliar muito bem como era isso ou até mesmo se essa era uma entrada de recursos relevante pra família, mas o meu pai também procurava... Vamos lá, é relativamente caro ficar colocando do orçamento familiar 2 ou 3 viagens internacionais por ano com hotel, alimentação e passagem, né? Além disso tem também o aspecto do treinamento, até porque é bom ter mais aulas particulares do que apenas 1 ou 2 horas por semana no clube porque não se chega em lugar nenhum com isso, é preciso ter mais aulas e que, preferencialmente, elas sejam com Mestres. Era uma

preocupação a mais pro meu pai ter que pagar tudo isso aí, então certamente ele tentou captar patrocínios por meio de tentativa e erro ou mesmo falando com os amigos. Por exemplo, eu não sei como chegou o patrocínio da *Bubbaloo* e essa seria uma questão que teria que perguntar mais pra ele mesmo, o que eu sei é que havia um custo atrelado a tudo isso e o pensamento dele era algo como “vamos ver se a gente pelo menos consegue levantar um recurso pra pagar isso aí”. É óbvio que se houvesse algum convite pra um evento que tivesse valor de mercado ele também tentaria negociar, mas não é que ele ficasse... Vamos lá, uma coisa é você reagir a essas coisas e outra coisa é você fazer disso um negócio, em tese ele até poderia chegar e falar “puxa, saiu no jornalzinho que ele é um gênio do xadrez!” e mandar carta pras federações e clubes dos estados vendendo isso em forma de um monte de exposições, concorda? Mas não teve nada disso e eu acho que foi até o contrário, a visão dele era “o que ele precisa pra ser melhor nisso aqui que ele faz”. Se eu precisasse ter aula e jogar então eu faria aquilo, já se a simultânea não me ajudasse a melhorar no xadrez então não havia o porquê eu fazer. É claro que depende, se vem um convite dizendo “o nosso clube vai comemorar 50 anos, você pode fazer uma simultânea?” então tudo bem, cobriam-se os custos e iríamos.

J: Havia outras atividades esportivas e/ou culturais que o senhor praticava durante a infância, além daquelas já comentadas?

GM 12: Bom, eu treinava natação e acho que sempre nadei desde os 7 anos de idade que foi quando eu comecei a treinar, eu nadava bem até – direitinho, vai! – e aí fui subindo. Tive um treinamento competitivo de natação até os 15 anos quando eu saí do Brasil, nessa fase eu treinava forte todo dia umas 3 horas por dia, no finalzinho eu lembro que entrava um pouco de condicionamento físico também que eu fazia na academia. Então eu tinha um treinamento competitivo de outros esportes também, era puxado porque todo dia das 14 às 17 horas eu tava fazendo algum esporte, então todo dia eu tinha pelo menos de 2 a 3 horas de treinamento e só depois ficava o resto da tarde no xadrez. Eu não era um gênio do futebol mas gostava de jogar bola no lazer também, sempre tinha outros 500 meninos pra jogar futebol nos lugares que eu ia, então estas eram as minhas principais atividades. Nos torneios de xadrez a gente brincava bastante de pingue-pongue – eu acho que a turma do xadrez gosta muito de pingue-pongue – e era mais essa a nossa diversão. O que eu treinava mesmo era a natação, já a minha diversão principal era o futebol e, às vezes, o pingue-pongue.

J: E quanto às práticas culturais?

GM 12: Zero, nada...

Esposa: Você fez piano!

GM 12: Ah, eu tive meia dúzia de aulas de piano com 7 ou 8 anos que era a época que eu tava começando a jogar xadrez mas odiei e acabei desistindo, eu falei “não me tragam mais aqui!” [risos].

Esposa: Você teve um piano na sua casa!

GM 12: Nós tínhamos um piano mas ninguém usava, era mais uma peça decorativa no fim das contas [risos].

J: Desde muito cedo e durante um longo período de tempo o senhor se manteve entre as primeiras posições – se não a primeira – do *ranking* nacional e mundial de xadrez. Afinal, como percebia isso?

GM 12: Ah, é óbvio que eu gostava! Não me preocupava tanto em ser o número 1 daqui porque a minha preocupação sempre foi tentar ser o número 1 do mundo, ser o número 1 daqui era apenas o primeiro passo. Os meus pais e professores achavam que eu era meio maluco pensando assim, né? Depois que eu consegui isso eu não tava nem um pouco preocupado em manter os próximos campeonatos que eu ganhava, claramente o meu objetivo era ser o número 1 do mundo mas, obviamente, eu também sabia que não iria chegar até lá. Eu achava que poderia chegar entre os 10 ou 20 melhores jogadores do mundo e não tenho dúvida que com apoio e orientação adequados eu poderia ter chego. Eu sei como esses caras pensam afinal, eu treinei um pouco com eles e sei que posso acompanhá-los se eu tiver em um ritmo forte de treinamento e conseguir só me concentrar nisso. Eu seria bem mais forte se eu não tivesse nenhuma preocupação financeira pra fazer a minha agenda de torneios e se eu conseguisse ter a chance de relaxar e reservar algumas horas pra focar no treinamento do meu esporte. Mas se não deu então não deu e não tem problema, né? Embora ser o número 1 daqui não fosse a minha preocupação é óbvio que eu achava bom e guardo isso com carinho, né? O pessoal fala muito do GM 6 e tudo, mas nós já nos enfrentamos muito e acho que ele também tem lá as suas falhas. Embora vivêssemos em épocas diferentes ele foi alguém que teve muito apoio, né? Mas enfim, acho que eu estou feliz com o que tive.

J: A escolha do seu curso superior na universidade teve alguma relação com o xadrez?

GM 12: Não, como nessa época o meu foco ainda estava nas competições de xadrez eu absolutamente não pensei em uma carreira quando optei pelo meu curso, na verdade eu não pensei em nada. A única coisa que eu fiz foi pensar no que eu poderia fazer se eu não estivesse jogando xadrez, então considerei que a carreira diplomática seria algo bacana e optei pelo Direito. Depois eu até tentei prestar um concurso em algum momento mas não passei, foi muito rápido também porque a prova já seria no próximo mês que eu soube e eu só tive tempo de ler um pouco, até cheguei perto mas óbvio que não passei porque você tem que se preparar pros concursos. Depois de um tempo na carreira eu percebi que não era aquilo que eu queria, não era um ambiente competitivo, sabe? Talvez eu esteja falando alguma bobagem, mas Direito é uma carreira... Talvez ser embaixador seja algo legal porque você vai estar representando o seu país, se bem que também não é você que decide nada, você é só um funcionário que fala em nome das coisas que o governo decide. Então a escolha da faculdade foi meio randômica, o que mais eu poderia escolher? Talvez muita coisa de Exatas porque eu sempre gostei muito de números, ia muito bem em Matemática e Física. Mas aí eu pensei “puxa, se eu fizer um curso de Engenharia eu vou ter que estudar muito, além de não poder faltar”, então eu escolhi Direito por uma questão mais prática mesmo.

J: Considerando os anos como jogador ativo, o senhor se considerava um profissional?

GM 12: Sim, eu vivia disso e fazia isso profissionalmente, era uma profissão pela qual eu me dedicava *full-time*, então eu me considerava um profissional. Eu tinha contratos, tinha um rendimento em função disso, tinha que planejar os torneios que eu competia, controlar a receita que entrava, buscar outros contratos pra outras atividades e isso mais ou menos desde os meus 16 anos. Além disso eu criei toda uma estrutura paralela relacionada ao xadrez como uma editora e uma empresa de organização de eventos, então era uma profissão. Obviamente a parte mais legal disso tudo era jogar, mas eu tinha todo um ambiente profissional em volta do xadrez...

Esposa: Fiz um lanchinho pra vocês!

J: Gentileza, obrigada!

GM 12: Obrigado, não precisava... Mas enfim, em torno de 1995 ou 1996 foi quando esse profissionalismo esteve mais aflorado pra mim logo após a saída do colégio. O ano

de 1995 ainda foi de transição e de liberdade considerando que eu ficava andando pela Europa, assim como 1996 também. Talvez então fosse a partir dos meus 18 anos quando eu fui morar sozinho.

J: Considerando as suas experiências fora do país, quais semelhanças ou diferenças o senhor pôde notar entre o contexto enxadrístico brasileiro e aquele vivenciado no exterior?

GM 12: Vamos lá, você usa aquilo que tem à sua disposição, certo? Então até o nível de Mestre Internacional que era quando eu tinha uns 15 anos o ambiente local brasileiro era, em tese, suficiente pra mim. Obviamente a experiência de ter jogado com outros jogadores de fora foi me elevando, mas o principal ponto que eu diria é que infelizmente não há estrutura e não há torneios fortes o suficiente pra ficar só aqui, certo? E também assim, dentro de todas as suas perguntas, o que você define como alto rendimento?

J: O nosso estudo entende o sucesso esportivo tanto pelo alcance do título de Grande Mestre que simboliza o alto rendimento dentro do nosso campo quanto pela permanência do envolvimento dos sujeitos com a prática do xadrez até a idade adulta.

GM 12: Porque assim, na minha visão o alto rendimento... Vamos lá, ser Grande Mestre ou ser um profissional disso e ter uma carreira já é algo que eu acho que define e responde a sua pergunta, mas a minha visão é um pouco diferente por ser um pouco mais competitivo. Pra mim o alto rendimento é formado pelos 30 melhores jogadores do mundo, são eles – ou mesmo os 100 melhores do mundo – que são alto rendimento pra mim. Abaixo disso tem gente que obviamente vai ter a chance de um dia chegar a ser alto nível, senão obviamente você abaixa muito a régua, entendeu? O que eu quero dizer com esse ponto é que era ali que eu sempre olhava e queria chegar nas minhas ambições e que aqui a gente não tem as condições pra isso, então essa é a resposta que eu te dou. Por que é que não tem essas condições? Porque assim, pra chegar ao nível de alto rendimento – que a gente fala que é ser um profissional e atingir a graduação máxima do xadrez que é o título de Grande Mestre – até tem uns torneios locais que te remuneram por isso ou outras coisas que você pode fazer pra ser remunerado como dar aulas, fazer exposições, entre outros. Se você trata isso como uma profissão então você até tem alguma condição aqui e tá tudo bem, só que ela é um pouco mais difícil, é pra um grupo mais seletivo e tem um mercado menor. Mas aqui não há nenhuma condição de colocar um jogador entre os 100 melhores do mundo: não há com quem jogar, não há



uma quantidade de torneio suficiente e não há uma estrutura. Olhando também para aquele nível que eu comentei lá atrás, é preciso considerar que aquele é um grupo que tem gente talentosa e que tem torneios o tempo todo à disposição desde o começo. Por exemplo, enquanto eu tava aqui jogando o Interclubes, o Leko – que era um jogador que competia os Mundiais comigo e com o GM 11 – tava jogando com o Korchnoi e com o Karpov, sabe? Quando eu joguei a primeira partida com o Karpov em 1998 eu lembro que o Leko jogava igual a mim e ao GM 11, depois é óbvio que ele ficou um pouco mais forte, mas à época eu não via nenhuma diferença entre o nosso nível. Nossa, só ali dava pra fazer um livro de 100 partidas que o Leko já havia jogado contra jogadores acima de 2600 pontos! Então assim, não há nenhuma condição de ambiente por aqui e esse é o ponto principal, se houvesse uma agenda de torneios e se estes trouxessem esses jogadores pra cá reiteradamente aí sim, então, haveria condições parecidas ou iguais de competição entre nós. E não é só isso, o treinamento também é necessário, certo? Então vamos lá, por que é que hoje os Estados Unidos estão bem? O Kasparov e vários treinadores russos foram pra lá, então você tem um cenário com muita gente tendo treinamento com pessoas que têm uma bagagem de alto nível técnico. Lá tem gente interessada em dar aula pro garoto ganhar o campeonato estadual e nacional mas também tem gente que tá vendo muito além disso e pensando “puxa, vamos fazer um treinamento pra esse garoto ser o campeão do mundo ou pra ele ser Grande Mestre”, né? E aí o treinamento também é diferente, os nossos jovens talentos daqui que são Campeões Paulistas, Cariocas ou Brasileiros infelizmente têm um treino só pra ser Campeão Brasileiro mesmo, não é um treino que visa que eles sejam Grandes Mestres. Se fosse treinar alguém pra ser Grande Mestre o nível de treinamento teria que ser outro, o conteúdo teria que ser outro, a frequência teria que ser outra, a cobrança teria que ser outra, os torneios que ele joga teriam que ser outros, mas nada disso é assim.

J: Qual é a influência que o talento teve ao longo da sua trajetória?

GM 12: O talento me ajudou muito principalmente no começo, mas era um talento combinado com o prazer e essa eu acho que é uma combinação bem explosiva, né? Afinal, o talento atrelado ao prazer desagua no interesse que, por sua vez, é necessário para o esforço e para a vontade de querer mais e mais em alguma coisa que você faça. Se você não tem essa vontade... Precisa ter vontade, né? Isso é uma coisa bem simples de se dizer mas que às vezes é mais difícil de ser colocada em prática. O talento me ajudou a ter certa facilidade no xadrez assim como era fácil pra mim entender a

matemática e os números, sempre me interessei pela resolução de problemas e, nesse sentido, estes eram meios férteis pra isso. Depois que se atinge um certo nível outras coisas também pesam, aí é a sua formação, a sua capacidade, um pouquinho da sua percepção das coisas, a sua forma de encarar desafios, a sua resiliência, saber cair e levantar, saber defender uma posição difícil, enfim. Você não pode desistir, né? No xadrez o meu estilo é um pouco mais generalista e universal, eu posso jogar qualquer posição, qualquer abertura ou qualquer coisa diferente que eu não vou me sentir desconfortável... Talvez um ou outro tipo de posição ainda me incomode e eu não saiba jogar bem, mas enfim. Mas o talento ajuda a entender bem as coisas, no xadrez eu acho que faço boas análises pautadas nesse talento – eu tenho certeza que tenho um bom talento pra isso – ao contrário do cálculo que é algo que você precisa de muito menos treinamento. Eu bato o olho em uma posição e sei avaliar o que tá acontecendo aqui e ali, né? Muita gente tem isso, mas talvez eu consiga enxergar melhor e aí é uma questão de estilo, cada um tem um ponto forte e fraco. Enfim, mesmo assim eu acho que o talento não é o principal fator que responde pelo meu bom resultado e sucesso no xadrez, mas sim o meu esforço.

J: O que ficou daquela criança que iniciou no xadrez em quem o senhor é hoje?

GM 12: O modo como eu comecei no xadrez me ajudou muito a formar o meu estilo e até em quem eu sou ou na forma como eu vejo as coisas hoje. Mas... Que difícil, eu não sei responder essa pergunta! Puxa, o meu início foi uma experiência tão boa que é algo do qual eu sempre me lembro, foi um período em que eu li muita coisa e tenho esses livros até hoje aqui. Por exemplo, só nessa estante eu já doeie ou já joguei fora umas 3 vezes o tamanho dela do que tá aí de livro, então eu estudei muito. No xadrez eu aprendi a estudar, aprendi a ter foco e uma série de coisas que me ajudaram no resto, mas também não sei se são só coisas boas. Deve ter alguma coisa ruim aí no meio, alguma falha, algum tipo de viés, sabe? Mas eu não sei dizer, essa é uma pergunta difícil [risos].

J: E atualmente, o que o xadrez representa pro senhor?

GM 12: Ah, hoje eu gosto da ideia de apoiar o xadrez e acho que essa é uma bandeira válida, acredito muito nisso. Tenho a minha associação que é uma entidade sem fins lucrativos pra isso e no que eu puder fazer e estiver ao meu alcance eu quero ajudar, quero o bem disso e gostaria muito que as coisas melhorassem. Mas o que ele significa pra mim? Puxa... Essa eu também não sei responder, pulo! [risos].

Esposa: O xadrez te ajuda até hoje em algumas coisas, são reflexos...

GM 12: Ah, sim! Mas aí seria aquela parte da pergunta anterior sobre o que ficou pra mim, então ficou muita coisa positiva. Eu acho que o xadrez trouxe à tona muito mais coisas positivas do que alguma coisa negativa sobre mim, né? Fica um pouco o lamento de achar que eu poderia ter chego bem mais longe do que eu cheguei, mas faz parte!

J: Além daquelas já comentadas, há outras conquistas na sua carreira sobre as quais o senhor queira comentar?

GM 12: Bom, em termos de resultados a 2ª colocação no Campeonato Mundial foi importante, as vitórias nos torneios de Bermudas também e, mais do que isso, a marca que eu deixei neles. Foram torneios bem jogados em que eu tive boas partidas contra adversários de primeiro nível como o Nakamura, o Gelfand ou o Svidler, são todos jogadores de alto gabarito. Como a gente não tem uma confederação que investe em trazer esses jogadores pra cá foram poucas as oportunidades que eu tive de jogar torneios fechados com eles. E é aquilo que eu falei, é preciso jogar com os melhores pra ficar como os melhores, e olha que nós aqui ainda íamos bem quando tínhamos a oportunidade de ir pro Mundial ou jogar um torneio fora aqui e ali. Os *matches* contra o Karpov e contra o GM 6 também foram importantes, pessoalmente também pesa muito pra mim a vinda do Kasparov ao Brasil no final de 2011 porque ele pediu pra jogar umas partidas de treinamento comigo. Eu ganhei 3 partidas dele e ele ganhou 3 partidas de mim, isso tem um valor pessoal muito grande porque ele é um ídolo, pra mim foi o cara que mais destoou do resto dos competidores em toda a história.

J: Já nos encaminhando pro final do roteiro, em certo momento o senhor comenta que o xadrez sofreu uma ascensão no nosso estado especialmente durante o governo Mário Covas. Como o senhor percebe essa via escolar de aprendizado desta prática?

GM 12: Eu acredito muito nela e acho que é importante porque eu uso... É aquilo que você me perguntou sobre o que ficou pra mim da experiência que eu tive com o xadrez, foi muito positivo ter ele desde cedo na minha formação. Talvez sem o xadrez eu pudesse igualmente ter sido um bom aluno, nunca se sabe, né? Eu fazia o xadrez junto com os outros esportes e acho que essa combinação entre esportes físicos e xadrez só contribui pra formar um indivíduo melhor. Na escola acabou sendo tudo muito fácil pra mim, era muito fácil identificar o foco do que se pedia, qual era o assunto que estava

sendo tratado, qual era o problema em questão, quais eram as alternativas, o que o professor estava querendo desenvolver...

Esposa: E sobre a ascensão do xadrez durante o governo Mário Covas?

GM 12: Não, eu acho que o governo dele foi um começo importante pra isso mas a pergunta que ela quer colocar é mais sobre como eu vejo o xadrez nas escolas e qual é a função disso. Então eu acho que ele é muito bom, tanto é que a gente apoia muito isso e tenta fazer um trabalho de inserir e promover o xadrez nas escolas na medida em que a gente consegue. Tanto é também que eu trouxe o Kasparov e o Karpov mais de uma vez aqui e a gente iniciou grandes eventos como o Festival de Xadrez da Prefeitura de São Paulo. Até porque não adianta nada ter 1 milhão de tabuleiros e de peças e só colocar eles ali, as crianças não vão aprender nada sem nenhuma metodologia. O xadrez não está na escola só pra ser ensinado também... Vamos lá, no meu caso eu me dediquei muito ao xadrez, mas porque essa era uma questão minha. O xadrez na escola deve ser utilizado para ajudar a desenvolver algumas coisas básicas como o interesse pelo estudo e pela pesquisa, o foco, a curiosidade e a conexão entre os vários saberes diferentes que compõem o conhecimento geral. O xadrez é presente em várias culturas e períodos da nossa sociedade, é possível aprender muitas coisas por meio dele. Eu mesmo aprendi a falar espanhol nos torneios, aprendi sobre Geografia quando pensava “puxa, tenho um torneio em Teplice, onde fica Teplice?” e aí você começa a ver que tem mais coisas além daquele mundo que você conhece. Pra mim era curioso que aparecesse algo diferente, eu logo me perguntava “o que é que é isso?”, né? Há várias formas de se abordar o xadrez nas escolas e ampliar os conteúdos para além dele sem a necessidade de se fazer uma prova de xadrez. Não é objetivo que haja uma prova de xadrez, o objetivo é que se desenvolva a curiosidade por estes e outros conhecimentos e que se trabalhe a concentração da criança como, por exemplo, dizendo “olha, se concentra!”, “qual é o problema aqui?”, “o que é que você quer?”, “para onde você tá indo?” ou “o que vai acontecer se for ali?”, tudo isso é muito mais do que ensinar a mexer as peças ou meia dúzia de aberturas. Eu acho que o foco que hoje se dá ao ensino do xadrez é errado, o modelo me parece errado... Mesmo assim ele acaba ajudando porque é bom.

Esposa: Mas é valido, né? O xadrez é válido...

GM 12: Ah, isso é! Ele acaba ajudando só pelo fato de estar ali, jogar é melhor do que não jogar e a criança que joga tem uma capacidade analítica melhor por treinar isso...

Esposa: E depende da intenção, né? Se você for com a intenção de formar campeões em toda a escola, de repente você vai descobrir que nem todos querem ser campeões de xadrez...

GM 12: É, nenhum...

Esposa: E aí você acaba colocando uma pressão muito forte em cima da criança desnecessariamente...

GM 12: Sim, é igual eu comentei sobre quando fui estudar com o Anand, o ritmo dele é outro e só de estar ali e acompanhar esse ritmo já me ajudava. Se a criança que hoje só fica no *videogame* e no *Whatsapp* para um pouco e vê algo concreto como o xadrez que a faz abstrair... Ela vê e fala “puxa, esse é um rei!”, então desenvolve todo um senso crítico e uma série de outras coisas. Enfim, não vou ficar gastando um pouco de tempo aqui falando tudo aquilo que aqueles que já estão envolvidos com o xadrez já sabem, mas em síntese a gente acredita que ele é importante e válido. Eu só acho que a forma como o xadrez tem sido abordado não é a melhor, apesar disso o resultado ainda é melhor do que nada porque a coisa é boa mesmo, né?

J: Já em guisa de conclusão, como tem sido a relação dos seus filhos com o xadrez?

GM 12: Há semelhanças com o modo como eu aprendi porque obviamente eles aprenderam em casa, mas aprenderam mais por meio da mãe do que de mim. No começo a gente até não falava muito que eu jogava e que eu era profissional porque eles eram bem pequenininhos e a criança não entende, né? Eles não sabiam que eu era muito bom nisso até porque quando eles começaram eu tava meio que jogando pouco e me afastando. A minha filha é de 1999, então em 2006 ou 2007 ela tinha 7 anos e era muito pequenininha pra saber. Mas eles aprenderam em casa com a mãe que sentava ali e jogava ou comigo que também sentava pra mostrar as pecinhas pra eles. Eles aprenderam com o ambiente também porque às vezes me acompanhavam nos torneios e me viam jogar, a gente viajava bastante. Nós fomos pros Estados Unidos, Bermudas, Moscou, Holanda e uma série de lugares onde eles viajavam e me viam jogando, então tinha todo um ambiente, né? Só que... Bom, a minha filha se dedicou um pouco mais porque no feminino é mais fácil, além do que ela é bem competitiva e por isso acabou tendo mais aulas. Já o meu filho enfrentou um ambiente que é mais competitivo no caso dos meninos, então a disputa dele também era mais difícil. Mas a nossa visão é que a

experiência que eles tiveram com o xadrez foi muito legal, até porque não é fácil ser o número 1 sempre. No Brasil eles chegaram a estar ali disputando isso em algum momento, a minha filha foi por alguns anos e era evidentemente a jogadora mais destacada e talentosa na idade dela. Ela teve um grande destaque ao conquistar títulos importantes com pouca idade como o Sul-Americano, o Brasileiro – ela ganhou também o Brasileiro Sub-18 – e enfim. Por conta disso ela também ia pro Mundial e chegou perto de ficar entre as 10 primeiras melhores jogadoras por 1 ou 2 vezes. O xadrez exige um nível de dedicação e investimento enormes, hoje em dia talvez muito mais do que antes. Então a gente investiu bastante coisa, muito do que a gente pôde...

Esposa: O xadrez nunca foi algo que a gente forçasse, sempre deixamos eles muito à vontade. O meu filho é uma criança que não é competitiva, já a minha filha compete até com cuspe à distância, né? E chegou um momento que a minha filha começou a estudar em período integral também, então ela não tinha mais tempo. Ela precisou escolher as atividades que iria continuar fazendo, então eles meio que deram uma afastada. O meu filho vira e mexe senta com o pai e estuda, ele gosta muito mais de estudar e de jogar com o pai do que de ir pra campeonato. Então a gente não força e deixa eles muito à vontade, mas o contato com o jogo eles têm, assim como memórias boas e legais.

GM 12: Exato, eles têm as experiências, as nossas vivências, né? Eles lembram que a gente pegava o carro, ia pro torneio, ia pro hotel pra eles jogarem...

Esposa: Era um evento, né? Desde a saída de casa até o retorno, tudo era um evento!

GM 12: E tinha os amigos...

Esposa: Era no carro brincando, cantando, fazendo conta de matemática de cabeça...

GM 12: A gente ficava sempre muito juntos...

Esposa: A gente sempre ficava estimulando eles também, né?

GM 12: É, eu acho que assim, bem ou mal também eles são crianças que... Eles têm o ambiente, né? E a gente estimula muito tudo isso, tanto é que eles vão bem na escola. Nosso objetivo é só tentar acertar na orientação deles e guiá-los, tanto é que gente sempre tem muito cuidado sobre essa questão do quanto dar de liberdade com *Whatsapp*, redes sociais, joguinhos e com essa tecnologia toda...

Esposa: Chega um momento que você não consegue mais controlar...

GM 12: Mas a gente tem que saber que eles têm que estar expostos a isso e aí ir conversando. Eu acho que a experiência que eles tiveram de ter estudado xadrez é aquilo que a gente espera do xadrez nas escolas. Então eles sabem ser analíticos, ser argumentativos...

Esposa: Sabem separar...

GM 12: Sabem separar o joio do trigo, por meio do xadrez a gente consegue ver algumas falhas deles também, né? Por exemplo, a minha filha é muito teimosa, quando ela tem um plano, uma ideia ou uma jogada que ela quer fazer então ela vai lá faz. Aí você fala “olha, não vai por aqui...” e ela “não, mas é isso, eu gosto e tem que dar certo, é um lance bonito, vai acontecer isso e aquilo!”, então eu digo “até vai, mas tem esses riscos aqui...”, sabe? Ela vai na ideia dela e leva isso pra outras coisas na vida também. Então a gente sempre fala “tá vendo, você tá repetindo a mesma coisa!”...

Esposa: Ou “olha, essa não é a primeira vez!”...

GM 12: Isso! A gente tem todos esses exemplos, mas o ponto principal é que pra nós o xadrez atendeu o...

Esposa: É benéfico!

GM 12: Atendeu o que a gente queria que atendesse em relação à formação deles.

J: Há algo que o senhor queira acrescentar neste roteiro e que não foi contemplado?

GM 12: Não, eu acho que a gente falou de muita coisa, falou de tudo. Eu não sei nem por quanto tempo a gente tá aqui, que horas são? Nossa! Durou umas 3 horas, né? Mas eu praticamente falei de toda a minha carreira e de toda a minha vida até aqui, acho que passei por tudo mesmo. Em síntese eu acho que poderia ter alcançado mais se tivesse apoio e orientação corretos, eu acho que é isso que falta pra vários jogadores brasileiros e aí não só eu, né? Eu acho que o próprio GM 3... O GM 6 foi o que mais se destacou nesse sentido porque ele teve muito apoio, já os outros não tiveram tanto e precisaram se virar sozinhos: o GM 7 foi sozinho pra Europa, o GM 3 foi sozinho, o GM 11 também foi sozinho... O GM 11 conseguiu o apoio dos patrocínios mas era só ele e o

patrocinador mesmo, não tinha um acordo institucional. Todos nós acabamos ficando um pouco limitados por conta disso, mas é isso! Acho que já passei por tudo.

J: Novamente eu agradeço muitíssimo a sua participação e toda a disponibilidade em relação a esta entrevista. No termo há todos os nossos contatos, então de repente se o senhor tiver alguma lembrança sobre a sua trajetória e queira acrescentar no estudo, por favor, sinta-se à vontade. Muito obrigada!

GM 12: Tá ótimo, imagina!